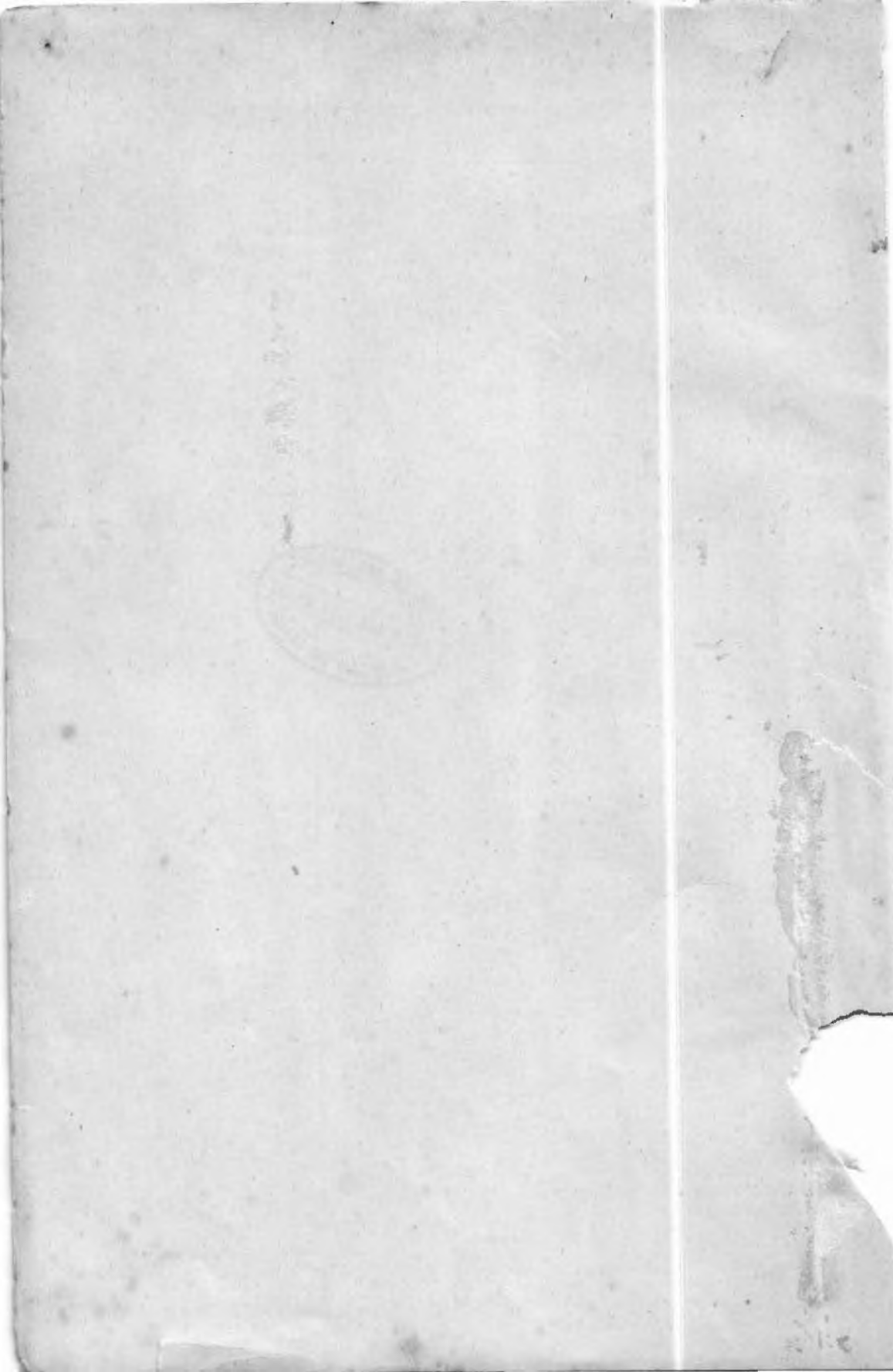


8

INSTITUTO CORAÇÃO DE MARIA
Porto Alegre

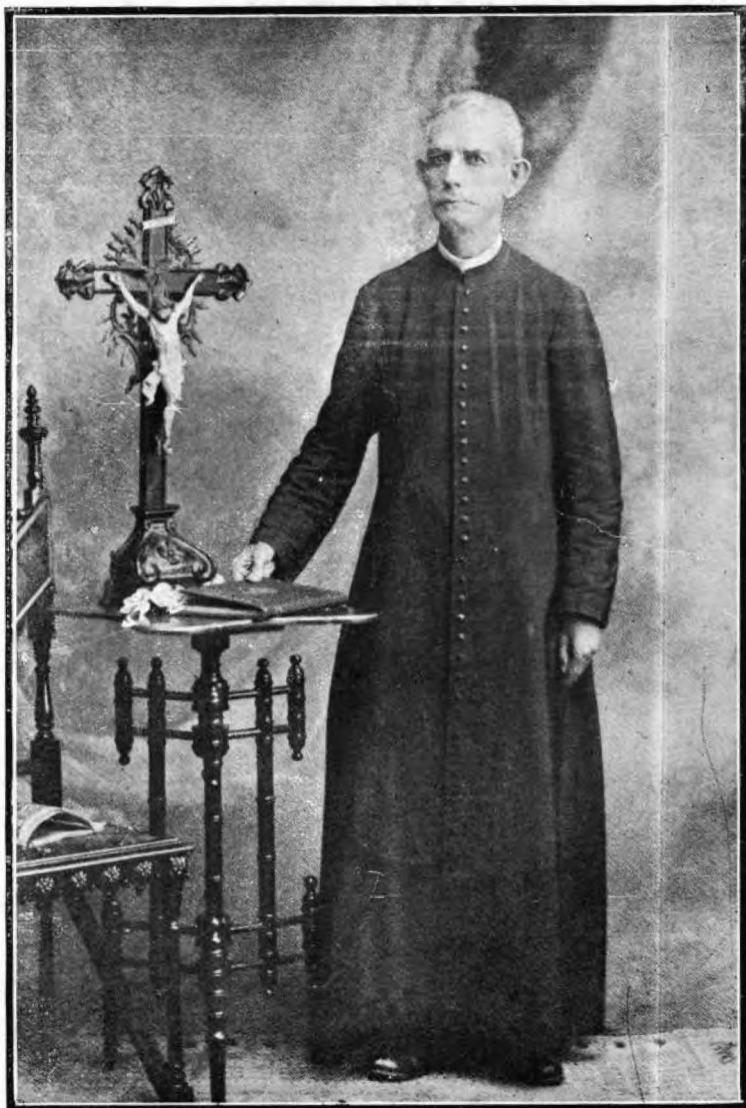
IRMAS IMACULADO
BIBLIOTECA CASA MÃTRIZ
CORAÇÃO DE MARIA











Mons. Miguel Martins

O MISSIONARIO BRAZILEIRO

**Instrucções religiosas, proveitosas a todos,
especialmente aos sacerdotes**

POR

Monsenhor Miguel Martins

Missionario e Protonotario Apostolico

Vide, Domine, humilitatem me-
am, et laborem meum et demitte
universa delicta mea. *Psal. - 24.*

SEGUNDA EDIÇÃO



S. PAULO

Escolas Profissionaes do Lyceu Salesiano do Sagrado
Coração de Jesus

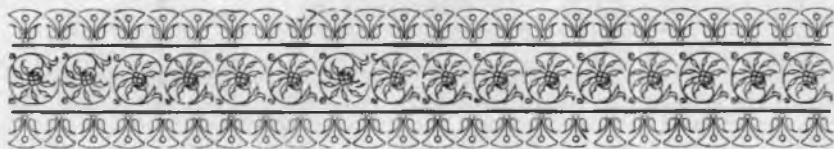
— 1917 —

IMPRIMA-SE:

S. Paulo, 18 de Julho de 1914

Mons. Dr. Benedicto de Souza.





PREFACIO

Embora seja-me muito penoso, devido aos grandes e continuos trabalhos de pregação, resolvi fazer uma segunda edição do meu primeiro livro *O Missionario Brasileiro*, por que a primeira está esgotada e a procura é grande. Graças a Deus, tenho motivos de sobra e ponderantissimos para intimamente me convencer de que esse meu livro foi muitissimo apreciado. Uma edição de tres mil exemplares exgotou-se em pouco mais de um anno. Tenho recebido cartas de sacerdotes importantissimos pelo seu saber e virtudes, que me felicitam por esse meu modesto trabalho. Entre os muitos citarei um, que vale por cem, o intelligentissimo e muito illustrado Jesuita, o Padre José Giomini, de saudosa e santa recordação. «Monsenhor, disse-me em sua longa carta, quér-me parecer que o seu livro bem merece o titulo de Thesouro do *Missionario Brasileiro*; pois ahi um sem numero de questões se acham tratadas com clareza e solidêz, com estylo correcto e popular ao alcance de todos, não só para completa instrucção do christão, senão tambem para confusão evidente do incredulo.» Recebi tambem cartas de muitos Bispos, illustrados e zelosos, elogiando calorosamente este meu livro. Entre outros citarei apenas o intelligentissimo, sabio e santo D. Silverio. «Monsenhor, diz-me elle em carta que me dirigiu, o seu livro é um thesouro de doutrina, uma riqueza de conselhos, de exemplos, dictames, de direcção e de erudição. Não conheço na actualidade uma Obra mais proveitosa, não só para o clero, como ainda tambem para todos os fieis. Etc.»

Não ha necessidade de mais prova para recommendar o meu humilde livro á estima e consideração de todos os catholicos e mesmo dos meus illustres irmãos sacerdotes; entretanto que ainda temos em favor desse meu modestissimo trabalho um juizo, uma apreciação, que vale por milhares de milhares, é o juizo, é a apreciação do actual Chefe Soberano da Igreja catholica. Em sua preciosissima carta, que me dirigiu a 6 de Dezembro de 1915, adiante publicada, entre outros muitas phrases elogiosas, lemos as seguintes: «Tenho muito prazer de apresentar á V. Rvma. as expressões do mais vivo contentamento do Santo Padre, pela importantissima Obra intitulada *O Missionario Brasileiro* que V. Rvma com piedoso acatamento dirigiu ao seu Augusto Chrono, como prova do seu respeitoso e filial devotamento.»

Sua Santidade com prazer tem notado a opulencia dos assumptos, expostos com toda a lucidêz e clareza na referida Obra. Etc., Carta do Cardeal Secretario.

O que mais poderei eu desejar para confirmar e recommendar toda a doutrina que se acha ensinada e defendida neste meu modestissimo livro? O juizo do Chefe da Igreja é a ultima palavra sobre a orthodoxia, acerto e proveito dum livro sobre religião.

Era meu ardente desejo nesta segunda edição dar mais ordem aos assumptos, e tambem reunir em cada uma das Instrucções tudo quanto á ella se refere, e que se acha esparso em todo o corpo do livro; porem as minhas constantes pregações nas cidades de differentes Estados não me dão o tempo necessario para esse trabalho. Para obviar ao inconveniente, e conseguir eu o fim que desejo, em cada uma das Instrucções, indicadas pelo indice, indicarei tambem as diversas paginas, em que se acham ensinamentos e factos, referentes ao assumpto dessa mesma Instrucção, facilitando assim o trabalho dos meus illustres leitores.

Tudo quanto nos meus dois livros, bem como em todas as minhas pregações e conversações particulares, eu tenho ensinado, defendido, aconselhado, relativamente á Religião, eu incondicionalmente submetto ao juizo infallivel da Santa Igreja Catholica, em cujo seio nasci, tenho permanecido e, com a graça divina, espero morrer. Todas as contrariedades, trabalhos, sacrificios, consolações e prazeres, que tenho tido no desempenho do santo ministerio sacerdotal, eu consagro á gloria de Deus e á santificação das almas, especialmente da minha. Só a Deus toda a honra, gloria e louvor.



Carta do Santo Padre

elogiando o meu livro - O Missionario Brasileiro e tambem
a minha vida de Missionario

SECRETARIA DO ESTADO DE SUA SANTIDADE

Vaticano, 6 de Dezembro de 1915.

Romo. Sr.

Tenho muito prazer de apresentar a V. Revma. as expressões do mais vivo contentamento do Santo Padre, pela importantissima Obra intitulada: «O Missionario Brasileiro», que V. Revma. com piedoso acatamento dirigiu ao seu Augusto Throno, como prova do seu respeito e filial devotamento.

Sua Santidade com prazer tem notado a opulencia dos assumptos expostos com toda lucidéz e clareza na referida Obra, que tão bem corresponde ao zelo apostolico do Missionario Brasileiro, a quem a sêde ardente de ganhar almas impelliu a fazer-se tudo a todos, para ganhar todos a Jesus Christo.

A V. Revma, portanto, o Augusto Pontifice consagra as suas soberanas congratulações; e ao mesmo tempo que lhe dirige a sua palavra de merecido louvor, faz votos para que, na grande conquista das almas, receba V. Revma. como preciosissima corôa, tambem a graça de educar um escolhido numero de novos apóstolos, que, inspirados na caridade divina de Jesus Christo, coooperem efficazmente para a redempção dos individuos e da sociedade. A este voto, Sua Santidade tem o prazer de accrescentar, como testemunho de sua pontificia benevolencia, a Bençam Apostolica, que de coração lhe concede, desejando-lhe copiosos favores celestiaes.

Por minha parte, agradecendo a V. Revma. o exemplar da mesma Obra, com que gentilmente me distinguiu, com muito prazer me subscrevo com os sentimentos de sincera e elevada estima.

De V. Revma. affectuosissimo servo.

P. CARDEAL GASPARRI

Illmo. Sr. Monsenhor Miguel Martins.

THE STATE OF TEXAS

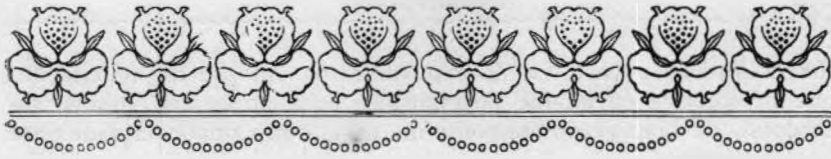
COUNTY OF _____

Know all men by these presents, that _____

of the County of _____ State of Texas

do hereby certify

that _____ is the true and correct copy of the _____



APPROVAÇÕES

Nunciatura Apostolica no Brazil

Approvação do Exmo. Snr. Nuncio Apostolico

Petropolis, 24 de Junho de 1914.

Illmo. e Revmo. Senhor.

Recebi a sua carta, datada de 21 do corrente, na qual V. S. Reverendissima dava-me a noticia do seu projecto de publicar um livro de grande formato — O *Missionario Brasileiro*, para expôr e defender os pontos mais importantes da doutrina catholica. Louvo muitissimo esse projecto, e estou certissimo que esse livro será de grande proveito, não só para os fieis, porem ainda muito mais para os sacerdotes, e particularmente para os que se dedicam ao ministerio da sagrada pregação. Gratissimo, pois, confesso-me para com V. S. pela prova de acatamento que quiz dar-me pedindo-me autorização para publicar esse livro, e para esse fim pedindo-me tambem para ler alguns pontos mais importantes. O passado de V. S. e tantas provas que tem dado de adhesão á Santa Sé Apostolica e da integra pureza na doutrina pregada e no ensinamento dado aos fieis e ao Clero, asseguram-me da bondade e orthodoxia plena dos argumentos que vai apresentar.

Esta é a minha autorização formal. Pelo que, porem, respeita ao *Imprimatur*, V. S. o conseguirá, conforme o Direito, do Ordinario da Diocese, em que o livro tiver de ser impresso. De minha parte só tenho de confessar os mais vivos e sensiveis agradecimentos pela

sua delicadeza e cortesia. E renovando os votos e as felicitações que me aprouve enviar-lhe pela faustosa occasião do seu jubileu sacerdotal, de bom grado aproveito-me desta outra oportunidade para confessar-me.

De V. S. Revma.

Devotadissimo servo em Jesus Christo

† José Arcebispo de Sardes, Nuncio Apostolico

Ao Illmo. e Revmo. Senhor

Monsenhor Miguel Martins, *Taubaté*.

Approvação de S. Emin. o Cardeal Arcoverde

Illmo. e Revmo. Sr.

Testemunha do agrado com que foram aqui acolhidas as conferencias de V. S. Revma., tendo conhecimento, por informações seguras e dignas de fé, do enthusiasmo e do fructo abundantissimo com que tem ellas sido ouvidas em S. Paulo e Minas Geraes; foi para Nós de summo agrado saber que V. S. tenciona mandal-as imprimir, sob o titulo — *O Missionario Brasileiro*.

Enviamos daqui nossos applausos e nossos parabens á V. S. que tem sido um distincto e zeloso Missionario Brasileiro, e enviamos esta carta, declarando desde já que tem plena approvação o seu trabalho: tal é a confiança, que nos inspira sua competencia, seu zelo e sua orthodoxia. Pelo que recommendamos esse seu livro a todo o Revmo. Clero, regular e secular, de nossa Archidiocese, como um precioso repositorio de conhecimentos seguros e variados sobre a vida e a moral christã, applicados a todas as classes da sociedade e de um modo particular ao Revmo. Clero.

E' um livro volumoso, de mais de quinhentas paginas, contendo setenta e uma instrucções, que annunciam, com provas claras e robustas, as mais importantes verdades catholicas, e as defendem contra os erros e prejuizos actuaes, repellindo aleives e injustas accusações, e destruindo objecções impertinentes.

Segundo fielmente a doutrina da Igreja, guiado pelos mais notaveis Padres e theologos, antigos e contemporaneos, V. S. vai, com a publicação do seu livro dotar o pulpito brasileiro com um arsenal precioso de conhecimentos e de doutrina segura, uteis a todas as classes sociaes, mas de modo particular e mais efficaçmente ao *Clero*.

A' V. S. Rvma., pois, Nossos affectuosos parabens e ao seu livro Nossa benção e Nossa approvação.

Paço Archiepiscopal da Conceição, 27—7—1914.

† JOAQUIM, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

Ao Illmo. e Revmo. Snr.

Monsenhor Miguel Martins da Silva,
Protonotario Apostolico ad instar
Participantium.

Approvação do Exmo. Snr. Bispo de Campinas

Exmo. Monsenhor

Sabendo que V. Excia. vai imprimir um livro sob o titulo: *O Missionario Brasileiro*, e antevendo o grande serviço que prestará aos sacerdotes zelosos, apresso-me em vir felicitá-lo por essa bella iniciativa que vai preencher uma lacuna, que, de ha muito, se fazia sentir em nossa literatura ecclesiastica. Producto de varios annos de experiencia, o *Missionario Brasileiro* estará destinado a ser o companheiro inseparavel de todo o sacerdote que se interesse pelo bem das almas, pois ahi poderá encontrar uma fonte segura e inexgotavel de planos e ideas praticamente conhecidas como de real vantagem e de fructo certissimo. Queira, pois, V. Excia. aceitar com minhas humildes felicitações os sinceros votos de quem deseja ver esse livro amplamente diffundido por todo o nosso querido Brazil. Desde já re-commendo a todo o Clero desta Diocese a aquisição desse novo subsidio aos seus trabalhos apostolicos.

Reiterando meus sentimentos de muita estima e consideração, me confesso.

De V. Excia.

Servo grato e irmão amigo

† JOÃO NERY, Bispo de Campinas.

Campinas, 16 de Julho de 1914.

Approvação do Exmo. Snr. Bispo de Uberaba

Exmo. amigo Mons. Miguel Martins

Recebi a sua presada carta de 14 de Julho, em que pede a minha aprovação ao seu livro intitulado *O Missionario Brasileiro*, para o qual já obteve a aprovação do Exmo. Snr. Nuncio e de outros Prelados, os quaes o recommendaram ao clero e aos fieis.

De bom grado dou tambem a minha aprovação ao dito livro, que muito bem ha de trazer a todos os que tiverem a felicidade de possuil-o, em razão da grande pratica e notavel maestria que do assumpto possui o seu autor, empenhado, ha tantos annos, em levar a milhares de fieis dispersos neste vasto Brazil as verdades evangelicas. Subscrevo, portanto, as approvações já dadas pelos meus illustres irmãos em Christo, fazendo votos para que o seu livro produza os fructos que se deverá esperar de assumptos tão relevantes. Cumprimentando-o, abençoa-o quem é

De V. Exa.

Amigo e Servo em Christo

† EDUARDO, Bispo de Uberaba.

Uberaba, 1.º de Agosto de 1914.

Approvação do Exmo. Snr. Bispo de Pouso Alegre

O Bispo de Pouso Alegre, Monsenhor Antonio Augusto d'Assis, une a sua humilde aprovação e benção ás approvações e benções das principaes autoridades ecclesiasticas do Brasil sobre *O Missionario Brasileiro*, do Exmo. Mons. Miguel Martins. Esse precioso livro, não somente será util aos sacerdotes da nossa amada Diocese, como tambem mitigará com a sua leitura as saudades das pregações que o eminente Missionario fez nas principaes parochias do Bispado de Pouso Alegre, com immenso proveito para o bem das almas e muito lustre para a gloria divina.

Guaxupé, 15 de Julho de 1914.

Approvação do Exmo. Snr. Arcebispo de Marianna

Brevemente apparecerá *O Missionario Brasileiro* de Monseñor Miguel Martins, no qual o seu autor, repartidos em setenta e uma instrucções, trata de assumptos de vital interesse e proprios de nossas actuaes necessidades. Pela indicação das materias que nos foi feita, e mais pela conhecida capacidade do autor, pela pureza de sua fé, segurança de sua doutrina; pelo zelo inflammado com que trabalha em dilatar o reino de N. S. Jesus Christo, e por sua longa experiencia no ministerio apostolico, nos julgamos autorizados a recommendar e inculcar esta obra aos fieis de nosso Arcebispado, e de modo particular ao Clero, que encontrará nella arsenal de doutrina e conselhos para instrucção dos fieis e proveito proprio. Os importantes retiros pregados por Monsenhor Miguel Martins ao Clero de Marianna e as missões tão fecundas em fructos admiraveis, dadas por elle a varias parochias deste Arcebispado, abonam esta obra, que vai perpetuar os beneficios dessa pregação apostolica, com que elle tem edificado e encantado nossos conterraneos. Em visita aos 22 de Julho de 1914.

† SILVERIO, Arcebispo de Marianna.

Approvação do Exmo. Snr. Arcebispo-Bispo de S. Carlos

Monsenhor Miguel Martins.

Paz em Nosso Senhor. Tenho presente a carta de V. Rma. de 19 de Julho do corrente anno, no qual me diz ter prompto para ser publicado *O Missionario Brasileiro*, livro onde enfeixou a pregação que tem feito nestes ultimos annos, no seu longo apostolado de missionario em diversas dioceses do Sul do Brazil, e pede a minha approvação. Monsenhor, tenho assistido muitas vezes á sua pregação, e posso dar testemunho de que ella é calcada na doutrina da Santa Egreja, nos dizeres dos Santos Padres, e no sentir de theologos approvados de maior nota. Assim não me custa dar a approvação, que me pede, pois tenho como certo que a sua penna e a sua palavra não sahirão daquellas linhas. Aproveito da occasião para felicitá-lo pela publicação quem tem em mãos, pois no meu sentir ella reprenta uma reacção salutar e efficaz contra o espirito de novidade que se vai manifestando na geração nova, no tocante á pregação da palavra de Deus.

Ha uma tendencia mui pronunciada para os assumptos chamados scientificos, com prejuizo das verdades eternas. *Nunquid omnes doctores?* (1 Cor. XII-29).

Dahi o erro de quererem taes pregadores converter as almas com a sciencia humana. *Vani sunt omnes homines, in quibus non subest scientia Dei.* (Sap. XIII-1) Tenho muitas vezes lido o enunciado de theses para pregações, e outras vezes tenho me confundido no meio do povo para ouvir pregações, e alguns prégadores. Admirei a memoria assombrosa de alguns e o engenho de outros; mas me entristeci contemplando tanto trabalho perdido vendo a cadeira da verdade convertida em exhibição de talento, e a multidão de crentes enganada na sua simplicidade. *Væ pastoribus Israel qui pascebant semetipsos.* (Ezech. XXXIV - 2).

E' desses pregadores que falla o Evangelista São Lucas dizendo: Arrogam-se a si a chave da sciencia; não entram e não deixam entrar os que vinham para entrar. *Væ vobis legisperitis, quia tulistis claven scientiæ, ipsi non introistis, et eos qui introibant prohibuistis.* (S. Luc. XI - 52). Pervertem a palavra de Deus. *Pervertisti verba Dei viventis.* (Jer. XXVIII—36). Esquecem-se de que a palavra de Deus é como um martello que quebra as pedras. *Quasi mallens conterens petram.* (Jer. XXIII—29). Que o seu livro, Monsenhor, vá ter ás mãos desses pregadores inexperientes; que elles se resolvam a pregar Nosso Senhor Jesus Christo, e não a si mesmos. *Nos nos metipsos predicamus, sed Jesum Christum Dominum nostrum.* (2 Cor. IV-5.)

Monsenhor, queira receber com os meus applausos as minhas bençãos.

Do Servo e amigo em Nosso Senhor

† J. MARCONDES, Arcebispo-Bispo de São Carlos.

São Carlos, 12 de Agosto de 1914.

Approvação do Exmo. Snr. Bispo do Espirito Santo

Meu caro amigo Mons. Martins

A publicação que V. Revma. vai fazer do *Missionario Brasileiro* é digna de sinceros applausos e merecidos elogios. Tenho grande satisfação em ver editada essa obra que certamente será de grande proveito e utilidade para os sacerdotes e fieis; e estou plenamente

convencido de que o trabalho de V. Rvma. terá um exito brilhante attendendo aos assumptos de que trata e á correccção e clareza de sua exposição. A Diocese do Espirito Santo já teve a felicidade de ouvir algumas de suas conferencias que aqui produziram abundantes fructos, e deixaram em todos os corações as mais gratas impressões; por isso creio que o trabalho de V. Rma. ha de ter pleno acolhimento, não sendo possivel desconhecer-lhe o alto valor e a immediata utilidade. Recommendo pois o precioso trabalho de V. Rvma. ao meu Clero e a todos os meus diocesanos, e faço votos para que *O Missionario Brasileiro* se diffunda por todos os recantos da Diocese do Espirito Santo.

Com os mais affectuosos cumprimentos me subscrevo

De V. Revma.

Servo muito grato e attencioso amigo

† FERNANDO, Bispo do Espirito Santo.

Victoria, 12 de Agosto de 1914.

Approvação do Exmo. Snr. Bispo de Botucatú

Exmo. Monsenhor Miguel Martins

Li com viva satisfacção a carta em que me communica V. Excia. a proxima impressão de seus preciosos sermões. E' mais um serviço de alto valor que vai V. Excia. prestar, em boa hora, á Religião e á Patria. Seria realmente pena que a palavra apostolica e fecunda de V. Excia. que nossas populações têm ouvido attentas, extasiadas, compungidas, sobrevivesse o eminente Missionario Apostolico, que é V. Excia. somente na tradicção popular, sem se perpetuar tambem pela imprensa e em mais vasto campo de acção.

E, pois, que já prevejo seus proveitosos sermões calar no espirito do povo por meio de tantos instrumentos, quantos forem os exemplares impressos d'*O Missionario Brasileiro*, levo alegremente a V. Excia. todos os meus melhores applausos. D'outra parte, conhecedor da correccção e pureza da doutrina de suas pregações, que muitas vezes pessoalmente ouvi, com edificacção minha e dos fieis, recommendo com o maior empenho a leitura de seu livro *O Missionario Brasileiro* ao meu revmo. Clero, ao Seminario Diocesano e a todas as familias desta minha querida Diocese. E com minhas bençãos ao *Missionario Brasileiro* e supplicas a Deus afim de que o

faça produzir copiosos fructos de salvação, envio a V. Excia. os protestos de toda a minha estima e consideração.

Botucatu, 18 de Agosto de 1914.

† Lucto, Bispo de Botucatu.

**Approvação e recommendação do Exmo. Snr.
Bispo do Ribeirão Preto**

Damos a nossa approvação á obra intitulada — *O Missionario Brasileiro*, que vai ser publicada pelo zeloso missionario apostolico Monsenhor Miguel Martins da Silva, e muito a recommendamos aos Reverendissimos Vigarios de nossa Diocese, os quaes encontrarão nella conselhos e ensinamentos uteis ao seu ministerio.

São Paulo, 20 de Agosto de 1914.

† ALBERTO, Bispo de Ribeirão Preto.

**Approvação do Exmo. Snr. Bispo Auxiliar do
Rio de Janeiro e Titular de Orthosia**

Meu venerando amigo Monsenhor Miguel Martins

Com alvoroço recebi a noticia de que o Snr. está publicando o inesperado livro de suas predicas apostolicas. Muito bem! Optimos e copiosos fructos colherá o seu livro; fructos espirituaes, de beneficio ás almas e de gloria a Deus. Nos merecimentos que o autor adquire diante de Nosso Senhor, tenha paciencia, mas uma parte me cabe. Lembra-se daquella palestra nossa, por occasião das Missões que aqui pregou na matriz de São João Baptista da Lagoa? Por signal que foram apreciadissimas, e, o que mais importa, produziram resultados magnificos e alem de toda a expectativa. Recordo-me do entusiasmo com que o Snr. Cardeal dizia: Que missionario! Oh! se elle tivesse imitadores e discipulos! Meia duzia delles converteriam o Brazil inteiro. Pois bem, foi nessa occasião (e voltô ao assumpto) que eu tambem lhe disse: Monsenhor, se eu fora o missionario que o Snr. é, não morreria tranquillo, sem publicar antes

um livro com as predicas, avisos, explicações, conselhos, que tanto bem fizeram. Fallo-lhe com sinceridade e, se me permite com a autoridade de meu caracter de Bispo: Se o Snr. fosse meu subdito, obrigar-o-ia sob consciencia a publicar esse livro.

O Snr. nada respondeu, mas é facto que ficou impressionado com as minhas palavras. Tanto assim que, ao partir do Rio, o Snr. teve a bondade de prometter que ia pensar no meu conselho. A sua carta ultima trouxe-me a grata noticia que o livro está prestes a sahir. Dou graças a Nosso Senhor e á sua bondade infinita rogo abençoe o seu livro com aquellas mesmas graças, que ás suas pregaçãoes tem dispensado. Reze pelo amigo de sempre.

† SEBASTIÃO, Bispo de Orthosia

Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1914.

**Approvação, recommendação e benção do Exmo. Snr.
Arcebispo de São Paulo**

Revmo. Monsenhor

Aproveito o primeiro ensejo que me deixam as occupações destes dias, para recommendar ao Rvmo. Clero desta Archidiocese o precioso trabalho de V. Revma. intitulado—*O Missionario Brasileiro*. Amparado por autoridades de tanto vulto e prestigio—*o Missionario Brasileiro* merece, por certo, a minha benção, seguro que estou dos beneficios e vantagens dessa piedosa iniciativa.

Queira V. Revma. accèitar os meus emboras e recommendar-me a Nosso Senhor em suas orações.

Secretaria do Arcebispado de *S. Paulo, 2 de Setembro de 1914.*

Servo em J. Christo

† DUARTE, Arcebispo de São Paulo.

Approvação do Exmo. Snr. Bispo de Florianopolis

Monsenhor

Recebi sua carta de 25 deste, e dou-lhe os meus sinceros parabens pela idea que teve de publicar o seu livro — *O Missionario Brasileiro*, echo substancioso de suas já innumeradas conferencias e pregações em quasi todo o Brasil durante muitos annos.

Voltando de Pelotas ha de dar-me o prazer de descançar em Florianopolis, onde, se Deus permittir, tudo estará prompto para algumas instrucções que ali nos dará.

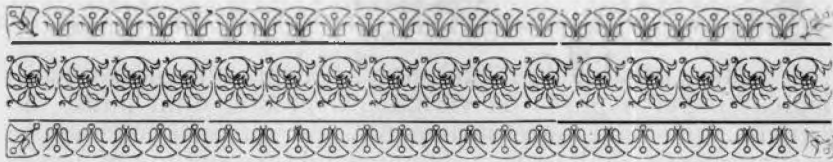
Deus, Nosso Senhor, continue a abençoar cada vez mais os seus trabalhos e as suas instrucções.

Um Memento pelo mais humilde dos admiradores de V. Exa.

† JOAQUIM, Bispo de Florianopolis.

São Paulo, 30 de Agosto de 1914.





NOÇÕES PRELIMINARES

A CERTEZA

Certeza é a convicção íntima e segura de que possuímos a verdade. Temos diferentes certezas. Temos a certeza *physica*. Quando apertamos a mão de alguém, disso ficamos convencidíssimos. Temos a certeza da consciência, que abrange os *phenomenos* íntimos do espirito, do coração e da vontade, *penso, amo, quero*. Temos a certeza moral: ha differença entre o bem e o mal; o roubo é um crime, a esmola é uma virtude. Temos a certeza do testemunho dos homens, que comprehende a verdade dos acontecimentos, que se deram em nossa ausencia, e que nos são relatados por pessoas que nos inspiram toda confiança: Tal homem é meu pai: em tal cidade está o meu berço. Temos a certeza historica, que abrange todos os factos realizados no passado, e que foram sempre, em toda a parte e por todos firmemente acreditados como verdadeiros: Existiram tres grandes conquistadores, Alexandre, Cesar, Napoleão; Jesus andou no mundo, pregou uma nova doutrina, estabeleceu uma sociedade a que deu o nome de Egreja.

Temos tres meios proprios para conseguirmos a verdade: a consciência, os sentidos, a razão. Quando a consciência conhece ou sente os factos íntimos da alma; quando os sentidos observam claramente as qualidades e as propriedades dos corpos; quando a razão, mediante deducções logicas, consegue conhecimentos certos sobre entes *immateriaes* que escapam á acção da consciência e dos sentidos: em todos esses tres casos temos um solido e infallivel motivo para acreditar firmemente que possuímos a verdade.

Mas, para que a razão possa, por meio duma deducção logica chegar a posse da verdade, necessita dum ponto de partida, que deve necessariamente ser ou uma verdade já perfeitamente conhecida e demonstrada, ou então um desses principios, que, por serem de si inteiramente evidentes, não precisam de demonstração, e são pelos philosophos qualificados de *noções primarias* ou *principios directores do conhecimento*.

O primeiro de todos os principios, a que estão subordinados, não só todos os outros conhecimentos e verdades, mas até mesmo todos os outros principios directores, é o principio de contradicção: *uma mesma coisa não pode ao mesmo tempo ser e não ser*. O infinito, porque é immutavel, nunca pode ser e não ser. O finito, porque pode mudar, pode ser e não ser em diferentes tempos: mas em caso algum pode *ao mesmo tempo* ser e não ser. Este principio é tão fundamental que não se pode contestar, sem affirmar-o. A razão é clarissima. Quem contesta uma coisa, é porque julga que ella não é verdadeira, mas é erronea; e assim affirma cathegoricamente que uma coisa não pode ao mesmo tempo ser verdade e erro. Todos os outros principios o suppõem, porque sem elle os outros poderiam ao mesmo tempo ser falsos e verdadeiros, e porisso deixariam de ser principios. Se se admittir que uma coisa pode simultaneamente ser e não ser, diz o sabio Balmes, é tambem forçoso admittir-se que affirmar e negar são a mesma coisa. Nesta hypothese, os contrarios alliam-se, os semelhantes repellem-se, a intelligencia é um cahos; toda luz intellectual é para sempre extincta.

O segundo principio director é o de razão sufficiente: *tudo quanto existe tem sua razão de ser*.

O terceiro principio é o de causalidade: *tudo quanto começa a existir, ou tudo quanto não existiu sempre, tem uma causa*. Estes dois principios são evidentissimos, e refundem-se no primeiro. Destes tres principios deduzem-se naturalmente e, como consequencias logicas, os seguintes principios, que são de summa importancia: *as causas segundas suppõem uma causa primeira; o contingente suppõe o necessario; o relativo o absoluto; o imperfeito o perfeito; o finito o infinito*.

Agora cumpre notar que tudo quanto se pode conhecer pela consciencia, pelos sentidos e pela razão, pode perfeitamente nos ser transmittido pelas palavras ou signaes convencionaes: é o que chamamos testemunho, que tambem constitue um principio ou fundamento de conhecimentos. Este meio transmissor da verdade é duma summa importancia; e sua falta traria um damno, que ninguem pode perfeitamente aquilatar. Sem esse meio desconheceriamos todo o passado, e mesmo todo o presente realizado fóra de nós,

ou em nossa ausencia. As sociedades, civil e domestica, ficariam prejudicadas; e até mesmo as sciencias espirituaes e moraes. Não ha physico, chimico, medico, jurisconsulto, que não se apoiem sobre observações, inducções, feitas por outros, e consideradas como incontestaveis. A vida social e familiar; o aperfeicoamento intellectual e moral do individuo, seriam impossiveis sem a autoridade do testemunho dos homens.

Primeira Instrucção.

Deus.

A existencia de Deus é uma verdade reclamada pela natureza de todos os seres. As provas para claramente demonstrar-se essa verdade são tantas, que toda difficuldade versa na escolha das que mais possam agradar. Vamos escolher as que com, mais facilidade podem ser bem comprehendias por todos.

Nós conhecemos verdades universaes, immutaveis e eternas, como são os principios directores do conhecimento de que acabamos de falar. Ora estas verdades devem ter um fundamento sufficiente, real, porque diversamente a sciencia repousar-se-ia sobre o nada: elia seria, puramente subjectiva e illusoria; e esse fundamento deve ter caracteres correspondentes de universalidade, immutabilidade, eternidade. Existe, portanto, nem podia deixar de existir, para ser o objecto dessas verdades, um ser universal, necessario, immutavel, eterno, que é justamente o que nós chamamos Deus.

Pelo principio de causalidade prova-se evidentemente a existencia de Deus. Não ha effeito sem causa. Effeito é o que não existia e começou a existir recebendo a existencia, que não tinha. Não a recebeu de si, porque para isso seria preciso operar antes de existir. Não recebeu do nada, porque quem não tem, não pode dar. Portanto a recebeu d'um outro ente, já existente, que chamamos causa. Ha no mundo, em toda especie de seres, uma serie immensa de causas, de que a inferior é produzida por uma superior, sendo assim o seu effeito. Essas causas, que produzem e que tambem foram produzidas, são chamadas causas *segundas*. Ellas são causa relativamente aos seus productos, e são effeitos, relativamente á sua causa productora. E' absolutamente necessario que haja uma causa *primeira*, que pro-

duza e não seja produzida, que seja unicamente causa e não seja effeito; porque diversamente ou teríamos um numero infinito de causas e effeitos, ou teríamos pelo menos um effeito, que não teria causa. Ora tanto a primeira, como a segunda hypothese é completamente absurda. Em caso algum pode haver um numero infinito, pois todo numero, sendo limitado, pode ser augmentado; e o infinito, não tendo limites, nunca pode ser augmentado. De modo que numero infinito é augmentavel, porque é numero; não é augmentavel, porque é infinito. E', pois, uma terminante contradicção. Tambem nunca pode haver effeito sem causa, porque seria produzido, porque é effeito, e não seria produzido, porque não teria causa para o produzir. E', pois, uma perfeita contradicção. Deve, portanto, haver necessariamente uma causa *primeira*, que exista por si mesma, tendo unicamente em si toda a razão de sua existencia. E' justamente essa causa primeira, que nós chamamos Deus.

Agora contemplemos um momento este vastissimo universo. Notamos que nelle reina tanta ordem, impera tanta regularidade, ostenta-se tanta belleza e magestade; nelle observamos uma infinidade de seres tão diversos, tendo todos tudo quanto é necessario para a continua manutenção de sua subsistencia. Este universo, que com toda razão admiramos, eloquentemente proclama que ha e não podia mesmo deixar de haver um ente infinitamente poderoso, sabio, bom, que, o tendo creado, o conserva e governa com tanta sabedoria, e provê a todas as suas necessidades com extrema e immensa bondade.

Tentando em vão obscurecer estas provas tão brilhantes da existencia de Deus, a incredulidade inventou o *acaso*, a *evolução*, e perfilhou o systema de Laplace para explicar a formação e a conservação do mundo; porem são inventos imaginarios, perfeitamente semelhantes ás illusões dum sonho.

Foi, dizem, o acaso que formou o universo. Mas se lhes perguntarmos: o que é o acaso? Porque elle, que creou tantas maravilhas, hoje não produz mais nem um insignificante insecto? Nada absolutamente sabem nos responder.

Dizem outros que o mundo formou-se pela *evolução*. Tudo foi evoluindo e produziu tudo quanto existe. Mas evoluir é desenvolver-se; que nos digam, se são capazes, o que foi que se desenvolveu. Não ha desenvolvimento algum, sem haver um elemento, pelo menos um germen, que se desenvolva. Esse germen, se é creado, teve um creador; se é increado, é o ente necessario, que existe por si mesmo e que nós chamamos Deus.

Outros enfim, para explicar a criação sem Deus, recorrem á invenção de Laplace: é uma nebulose que girou, avolumou-se, condensou-se, resfriou-se, até que formou todo este grande universo. Se estão convencidos, são facilimos de convencer-se, pois trata-se unicamente duma simples hypothese, que, quando mesmo fosse verdadeira, tinha apenas o effeito de remover a difficuldade. Quem fez a nebulose? quem estabeleceu as leis da rotação, da condensação, da transformação dos fluidos?

Fica ainda toda a questão a resolver-se.

Todos esses insensatos, que, para negarem a existencia de Deus, recorrem á sua imaginação, e engendram puras parvoices, com que pretendem explicar as maravilhas da criação, ouçam attentamente o que tão judiciosamente a este respeito pondera um grande sabio. Basta abrir os olhos, diz Fenelon, e ter um bom coração, para, sem raciocinio perceber o poder e a sabedoria do Creador, que brilham em sua primorosa obra. Se um homem intelligente contesta esta verdade, não disputarei com elle; somente o supplicarei de permittir que eu supponha que por um naufragio elle acha-se numa ilha deserta. Elle ahi contempla uma casa de excellente architectura, magnificamente mobiliada; ahi observa quadros maravilhosos; entra num gabinete, onde um grande numero de bons livros, de todos os generos, estão arrançados com ordem; e todavia não encontra nenhúm homem em toda essa ilha. Resta-me agora perguntar-lhe se pode crêr-se que é o caso, sem nenhuma industria, que tem feito tudo quanto elle ahi observa. Ouso desafial-o de jamais chegar por seus esforços a se fazer acreditar que o ajuntamento dessas pedras, feito com tanta ordem e symetria; que esses moveis que demonstram tanta arte, proporção e ordem; que esses quadros, que imitam tão bem a natureza; que esses livros, que tratam tão exactamente as mais altas sciencias, são combinações meramente fortuitas. Esse homem intelligente poderá achar subtilezas para, na especulação, sustentar um paradoxo tão absurdo: mas na pratica ser-lhe-á impossivel de nutrir nem sombra de duvida sobre a industria, que brilha nessa casa. Se quizesse ostentar duvida, não faria mais que desmentir a sua propria consciencia.

Esta comparação demonstra qual deve ser a nossa convicção sobre a existencia de Deus tendo diante dos nossos olhos este vastissimo e magestoso universo. Quem duvidará que esta grande obra mostra infinitamente mais arte, que a casa, que deixo ahi representada? Todo homem sensato, reflectido, sem orgulho e sem paixão, sem ter necessidade de raciocinar, diante das maravilhas encantadoras do universo, suppõe immediatamente a existencia dum Deus,

como diante dum relógio elle suppõe a existencia dum relojoeiro, como diante dum edificio elle suppõe a existencia dum architecto.

Para confundir a audacia e perversidade dos que em vão tentam empannar o brilho deslumbrante das provas inconcussas que fundamentam a existencia de Deus, levanta-se a voz unisona e vibrante de todos os povos do mundo. Ahi está a historia de todos os tempos e lugares para attestar que a crença firme e inabalavel que existe em ente soberano, que creou, sustenta e governa o universo, é continua, constante e generalissima. Todos os grandes sabios da antiguidade sustentaram essa verdade.

Cícero asseverava que não ha nenhum povo, por mais selvagem que seja, que não acredite em Deus, embora não possa conhecer a sua essencia. A existencia de Deus, disse elle ainda, é cousa tão manifesta, que eu teria difficuldade em crêr no bom senso de quem se atrevesse a negal-a.

Platão, intitulado o divino, por causa de sua intelligencia e illustração, dizia que todos quantos possuem uma centelha de razão invocam a divindade no começo de suas acções.

O grande historiador Plutarcho assim se expressava para provar a universalidade da crença em Deus:

Percorrei o mundo inteiro, e encontrareis cidades sem muralhas, sem esquadra, sem exercito, sem magistratura, sem leis, sem sciencias, sem arte, sem industrias, sem costumes; mas não encontrareis nem uma só villa, nem uma só aldêia, que não tenha seu templo, seus altares, seus sacerdotes, suas ceremonias religiosas e que não preste seu culto, e suas homenagens á uma divindade soberana.

Seneca chega até á avançar que todos os que dizem que não acreditam em Deus, são verdadeiros mentirosos.

Muitos factos provam essa asseveração desse antigo philosopho. O atheu Vanini, condemnado ao fogo, quando avistou a fogueira, exclamou: Ah! Meu Deus! Com certeza não teria invocado uma entidade que acreditasse não existir.

Conta-se tambem o seguinte facto, muito interessante. Em certa occasião faziam uma viagem de mar muitas familias religiosas, catholicas. O barco tinha capella e capellão, havendo missa todos os dias. Entre os passageiros vinha um que se dizia atheu e zombava constantemente da religião e de Deus diante dos catholicos. Um dia á noite formou-se uma medonha tempestade e tão violenta, que todos acreditaram que o barco faria infallivelmente naufragio. Os catholicos correram immediatamente e foram á capella fazer suas supplicas pedindo a Deus que os livrasse da morte. Qual, porem, não foi o seu espanto, quando, lá chegando, encontraram o

atheu de joelhos, rezando e batendo no peito! Momentos depois cessou a tempestade, e desapareceu completamente o perigo. Todos voltando para o refeitório, os catholicos perguntavam, gracejando, ao atheu: Então o senhor tambem foi rezar com tanta devoção? Elle immediatamente respondera: Quando o mar está calmo e não ha perigo de tempestade e de naufragio, pode-se muito bem ser atheu; mas quando tem-se a morte diante dos olhos, que remedio senão pedir a Deus o divino soccorro.

Aos que negam a existencia de Deus damos o conselho, que Rousseau dava a seu filho: Meu filho, dizia elle, conserva a vossa alma em estado que possa desejar que Deus exista, e nunca duvidareis da sua existencia.

Deus é um espirito perfeitissimo; não tem, como todos bem sabem, nem membros, nem orgãos, nem sentidos, nem paixões. Pelas mãos de Deus, entendemos que elle faz tudo; pelos braços, seu poder; pelos ouvidos, seu entendimento; pelos olhos, sua vista; pelo amor, sua bondade; pela colera, sua justiça. Elle não tem affectos, mas produz em nós os effectos dos affectos. Fallando a Deus, assim expressa-se Santo Anselmo: E's misericordioso, não porque sintas affectos, mas porque nos fazes sentir os effectos.

Tudo quanto fez, o quiz na eternidade; é o effecto que appareceu no tempo. Por suas acções não lhe advem uma nova entidade, mas uma nova denominação e relação para com as creaturas; pois nada quer no tempo, que não queira na eternidade, embora queira, não como eterno, mas como correspondente ao instante virtual da eternidade, em que crea. Por um mesmo acto eterno de sua vontade, elle ama ao mesmo homem no tempo, em que é justo, e o aborrece no tempo, em que é peccador. Portanto não é elle, mas é o homem, que muda, tornando-se de justo peccador. Elle não é limitado por cousa alguma, porque é ente a *se*; por nenhum tempo, porque é eterno; por nenhum lugar, porque é immenso; em nenhuma de suas perfeições, porque é infinito.

Deus predestina para a gloria, dando as graças efficazes e assim decreta a salvação em vista da previsão do acolhimento das graças. Não predestina ninguem para a perdição; e só decreta a condemnação em vista da repulsa das graças. Na salvação a misericordia precede ao bom merecimento; na condemnação o máu merecimento, ou antes o crime, precede ao justo juizo de Deus. A condemnação vem só da presciencia do peccado. Eis o axioma que perfeitamente resume e frisa toda a doutrina exposta: *Eorum qui salvantur,*

NOTA. Ha poucas opiniões contrarias, as quaes destoam dos textos sagrados.

salvantis est donum; eorum qui pereunt, pereuntium est meritum. Isto é, a salvação é effeito da graça de Deus; a perdição é effeito da má conducta do peccador.

Deus só é obrigado a cumprir o que prometeu; e só pode pedir e exigir conta do que cada um tem recebido. Não está obrigado, nem mesmo convem, dar igualmente a todos os seus dons naturaes e sobrenaturaes. Nada o obriga a executar as suas ameaças, porque pode perdoar quando lhe apraz. Porque é bom, pode salvar quem não merece; porque é justo, não pode condemnar ninguém sem o ter merecido. Quando pune, faz o que deve; quando faz misericordia, é porque quer. Se aqui recompensasse, tiraria aos bons o merito da perseverança, e privaria os máus dos bons exemplos; se aqui castigasse, tiraria aos peccadores o tempo e os meios de converter-se e fazer penitencia.

Para Deus odiar, é amar menos; abandonar, é retirar as suas graças; impellir ao peccado, é consentir que nelle caiam; fazer peccado, é expial-o; fazer, é muitas vezes consentir, não embaraçar.

E' certissimo que a ninguém Deus recusa as suas graças necessarias e que os que dellas sabem usar, serão salvos. E' certissimo que a graça é gratuita, e que, mesmo a mais efficaç, não rouba a liberdade. E' certissimo que Deus quer salvar a todos, dando-lhes os meios necessarios; e que todos os que verdadeiramente querem, serão salvos, e que todos os que se perderem, será exclusivamente por sua culpa. Nem pode ser diversamente, porque, segundo o sabio Tertuliano, Deus é o melhor de todos os pais: *Tam nemo pater.*

Deus conserva directa e positivamente todas as cousas creadas, porque, mesmo creadas, são contingentes e assim indifferentes a existencia; é, pois, necessario que o mesmo poder que as determinou á existencia, continue a determiná-las á continuação na existencia. Esta conservação é directa e positiva, porque depende do mesmo poder creador.

Deus concorre immediatamente em todos os actos das creaturas, porque o acto, sendo uma perfeição ou entidade, não pode deixar de derivar de Deus, que é a plenitude da perfeição. Quando o ente creado opera, passa da potencia para o acto; mas não pode haver movimento algum, que não venha do motor immovel, que é Deus.

E' preciso haver um motor immovel, porque diversamente ou haveria numero infinito de motores moveis, ou haveria um movido sem motor. O motor immovel deve ser infinitamente perfeito, porque diversamente mover-se-ia para adquirir a perfeição, que lhe faltasse.

Portanto ha um motor immovel, que é Deus, e que concorre immediatamente em todos os actos das creaturas

Deus e a creatura concorrem na produção do acto, mas de modo diverso. Deus concorre como causa primeira, movendo a creatura a operar; a creatura, sob o influxo da acção divina, produz o acto, e o acto não é divino, mas humano. O concurso divino não tira a liberdade, porque Deus move as creaturas segundo a natureza de cada uma, movendo *necessariamente* as destituídas de liberdade e *livremente* as que são livres. O concurso não torna Deus participante do peccado. O acto peccaminoso pode-se considerar em quanto é acto e em quanto é peccaminoso. Em quanto é acto, é sempre perfeição divina de Deus; em quanto peccaminoso, é privação de entidade, e não pode derivar de Deus, pois repugna que o termo duma acção divina seja a privação da entidade.

Até aqui tratamos de Deus, o soberano Senhor de todas as creaturas; agora vamos tratar do mesmo Deus, mas feito homem, para nos remir e salvar, Nosso Senhor Jesus Christo.

Segunda Instrucção.

Jesus Christo.

Depois de ter fallado sobre o nosso tão bom Deus, vou fazer algumas considerações sobre o nosso amantissimo Jesus, seu divino Filho, a quem tanto amo e por quem tão ardentemente desejo viver e morrer. Que Jesus é Deus, é uma verdade perfeitissimamente comprovada pelos factos de sua vida aqui no mundo, factos que são universalmente notorios, e que ninguem pode pôr em duvida. Ainda não houve, nem nunca haverá um homem, cuja vida seja conhecida antes do seu nascimento. Se nem sabemos se ha de nascer, muito menos poderemos saber como ha de viver. Não houve ainda homem algum, que se tornasse um grande sabio, sem ter livros, nem mestre e nem estudar. Os que seguem carreira scientifica sabem quanto custa para adquirir-se alguns conhecimentos. Ainda não appareceu um temerario que tivesse coragem de inculcar-se Deus. Se alguém o fizesse, seria considerado ou como um perverso que quer illudir para fins sinistros, ou como um louco que não tem consciencia do que é. Até agora ainda ninguem foi odiado ou amado com dedicação depois da morte. Com a morte cessam as odiosidades e as extremas affeições. Ninguem mais aborrece a Nero, nem ama a Napoleão. Não conhecemos homem algum, que em seu proprio nome tenha operado verdadeiros

milagres. Os nossos santos tem feito estupendos milagres, mas em nome de Deus, e só quando era necessario para justificar a divindade de sua missão.

Jesus foi conhecido muitos seculos antes de seu nascimento. Tres mil annos antes de elle nascer, já foi relatada toda a historia de sua vida; e os factos vieram mais tarde comprovar a verdade de tudo quanto a seu respeito tinha sido annunciado. Nunca estudou uma hora, nunca possuiu um livro, nem ouviu explicações dum mestre.

Passou todos os seus dias até a idade de trinta annos na pobre officina dum carpinteiro, auxiliando-o em seu trabalho. Entretanto é sabido que, quando tinha apenas doze annos, já no templo de Jerusalem, disputando com os doutores, apresentou uma sabedoria profunda, que encheu a todos de extrema admiração. Muitas vezes, em momentos solemnes e diante de numerosas turbas, elle se proclamou Filho de Deus, igual em tudo a seu Pai. E Jesus não era um louco, era um sabio; não era um perverso, era um santo. Ha quasi vinte seculos que Jesus deixou o mundo, e até agora elle tem inimigos rancorosos e amigos devotados. Quantos o não perseguem em sua doutrina, em seus sacramentos, em seus sacerdotes e até mesmo em sua imagem, que simplesmente por odio é expulsada dos estabelecimentos publicos?

Por outro lado quantos não o amam tão extremadamente, ao ponto de ardentemente desejarem por seu amor derramar o seu sangue e entregar até a sua propria vida? Durante a sua vida aqui no mundo Jesus operou em seu proprio nome innumeraveis e estupendos milagres, chegando mesmo a resuscitar a um morto, que já havia quatro dias que tinha sido sepultado. Portanto Jesus não é um simples sabio, nem apenas um grande philosopho, como o qualificam os seus gratuitos inimigos; elle é realmente verdadeiro Filho de Deus.

Sua perfeição é inegualavel; tudo se offusca em sua presença; é completa. Ella não começa, não tem causa; apparece já perfeita. Parece inacessivel e serve de modelo para todos, seja qual fôr a classe, condição, estado, idade. Ella não tem excessos. Vicente de Paulo é humilde demais. Carlos Borromeu é austero de mais. Francisco de Assis é pobre de mais. Em Jesus, pelo contrario, tudo é perfeitissimamente natural.

Para poder soffrer e assim nos remir do peccado, elle assumiu todas as miserias da humanidade, menos as que repugnam á perfeição de sua sciencia e santidade, como são: a ignorancia, a propensão ao mal, a difficuldade para o bem. Não teve tambem os defeitos, que se acham em alguns homens, resultantes de vicios proprios, ou de enfermidades de seus paes, embora em seus antepassados te-

nham existido peccadores. A sua carne foi formada pela graça do Espirito Santo, que é de infinita sabedoria e virtude, não podendo errar. Demais, Jesus nada fez de desordenado em sua vida. Elle teve todos os defeitos puramente naturaes, menos os que podem prejudicar á sua sciencia e santidade, e que por isso lhe são incompativeis.

As suas paixões divergem das nossas sobre tres pontos: 1.º Quanto ao objecto, porque em nós ellas muitas vezes propendem a cousas illicitas; o que nelle nunca aconteceu. 2.º Quanto ao principio, porque em nós ellas frequentemente antecipam o juizo da razão; e nelle todos os movimentos sensitivos nasciam de accordo com a razão. 3.º Quanto ao effeito, porque em nós algumas vezes esses movimentos ficam no appetite sensitivo, mas arrastam a razão; nelle esses movimentos nunca embaraçavam a razão de fazer o que mais convinha.

Emfim em Jesus tudo é puro, innocente, sabio e santo.

Jesus fêz-se homem para poder morrer por nós, porque só como Deus elle não podia soffrer, muitos menos morrer. Diz-se que um sabio soffreu e morreu, embora a alma é que é sabia, porque nelle não ha duas pessoas. Assim tambem dizemos que um Deus soffreu e morreu, embora só soffresse a natureza humana, porque em Jesus Christo ha uma só pessoa divina. O homem que peccou, era racional. As victimas irrationaes não podiam expiar as faltas da alma, podiam apenas purificar as maculas exteriores. Um homem peccador, precisando de expiação, não podia expiar as faltas dos outros homens peccadores. Era, pois, preciso, para victima um homem e um homem sem peccado. Eis porque o Verbo divino encarnou-se para, como Deus Homem, poder soffrer e remir os homens. Assim Jesus, que é Deus, morreu por nós homens peccadores, só para nos conseguir uma eterna felicidade. Jesus, antes da sua resurreição, como homem, estava sujeito aos soffrimentos, á fome, ao frio, ás fadigas, á morte; mas não ás enfermidades, nem á concupiscencia. A sua alma era susceptivel de alegria, de dor, de tristeza; mas não sujeita á ignorancia e ao peccado. Tudo quanto pertence a Jesus, mesmo em sua humanidade, como sua carne e seu sangue, é de uma dignidade infinita: é divino e adoravel. Elle era cumulado em sua humanidade de todos os dons de Deus, isto é, da plenitude da graça e da sciencia.

O corpo de Jesus passou por tres estados: 1.º antes de resuscitado era natural, visivel, passivel; 2.º depois de resuscitado e até ainda hoje no céu, é glorioso, visivel, mas impassivel; 3.º na Eucharistia, é glorioso, invisivel, impassivel, estando a verdadeira substancia, mas despojada de

extensão e quantidade extrinsecas. Veja a nota da pagina 294 sobre Eucharistia...

Terminemos esta instrucção repetindo as palavras dum sabio profano, Rousseaux: A morte de Socrates é a mais suave, que se possa desejar; a de Jesus é a mais horrenda, que se possa temer. Socrates, tomando a taça envenenada, bem diz aquelle que lha apresenta; Jesus, espirando num supplicio horroroso, ora pelos seus encarniçados algozes. Se a vida e a morte de Socrates são a de um sabio, a vida e a morte de Jesus são a de um Deus.

Alguns theologos affirmam que o corpo está com a extensão extrinseca, mas dum modo *inextenso*. Neste caso o milagre é mais que no da privação da extensão extrinseca; opinião esta seguida pela generalidade dos theologos e que prova evidentemente a ausencia completa de absurdo.

Terceira Instrucção.

Os differentes estados em que poderia achar-se a natureza humana.

Os cinco estados em que o homem poderia ser creado :

1.^o *Estado de natureza pura*. Neste estado o homem seria creado sem peccado, sem a graça santificante, sujeito á ignorancia, á concupiscencia, ás tristezas, dores, enfermidade e á morte. Se fosse fiel a Deus, o possuiria no céu por uma visão abstractiva e mediata, vendo-o nas creaturas como num espelho, isto é, teria uma felicidade puramente natural, correspondente ao seu estado.

2.^o *O estado de natureza integra*. Este estado abrange todos os bens do primeiro, e ainda mais os dons não essencialmente devidos, chamados preternaturaes: isenção da concupiscencia, ignorancia, enfermidades, morte.

3.^o *Estado de natureza innocente*. Este abrange todos os meios essencialmente devidos aos de natureza pura: os não essencialmente devidos, porque sem elles poderia o homem conseguir o fim natural; os meios do estado de natureza integra; e abrange ainda o fim sobrenatural e os meios sobrenaturaes que são: a graça santificante, as virtudes infusas da fé, esperanza, dons do Espirito Santo. Chama-se estado de *innocencia*, porque não podia subsistir simultaneamente com o peccado: estado de *santidade ou justiça original*, porque desde o seu principio o homem foi constituido justo.

4.^o *O estado de natureza lapsa, e reparada*. Este estado é o em que nos achamos, destinados a um fim sobrenatu-

ral, que só poderemos attingir com a graça de Jesus Christo; e sem termos na vida presente os dons preternaturaes.

5.º *O estado de natureza lapsa, não reparada.* Este estado é o mesmo, que o anterior, mas sem os beneficios da redempção. O primeiro estado não existiu, porque o homem foi, immediatamente depois de creado, elevado ao estado sobrenatural, conferindo-lhe Deus a graça santificante, que o tornou seu filho, participante da natureza divina, e assim digno de merecer a visão beatifica. O segundo estado, na opinião mais provavel e commun. tambem não existiu pela mesma razão dada relativamente ao primeiro estado. Não existiu tambem o quinto estado, porque logo depois da queda Deus prometteu a Adão e aos seus descendentes um Redemptor. Fomos portanto creados no terceiro estado, *o de natureza innocente.*

Aos nossos primeiros pais foram concedidos os dons dos tres generos: os naturaes, que consistem em ter corpo organico e alma racional; os preternaturaes, que consistem na isenção da ignorancia, da concupiscencia, das enfermidades e da morte; os sobrenaturaes, que consistem na posse da graça santificante, das virtudes infusas e de outros privilegios, que acompanham a graça santificante. Os dons preternaturaes e sobrenaturaes chamam-se gratuitos, porque não são reclamados pela natureza e sem elles o homem poderia alcançar o seu fim natural.

O peccado original trasmitte-se pela geração. Deus deu a graça santificante a Adão com a condição de transmittil-a aos seus descendentes, caso elle a não perdesse pelo peccado. Se só Eva peccasse, não damnificaria aos descendentes, porque só Adão e não Eva, era o cabeça moral do genero humano. Adão só porque peccou, é que deixou de ser cabeça: e por isso se gerasse filhos antes da sua queda, não participariam da culpa; bem como os peccados posteriores á primeira queda, não são transmittidos. Hoje Deus crea a alma no estado de natureza pura, e assim privada da graça santificante, porque Adão não cumpriu a condição, que lhe fora por Deus imposta para ella ser communicada, como bem gratuito, que é.

A causa efficiente, moral e unica do peccado original é a vontade peccaminosa de Adão, que obrou, quando peccou, como procurador e cabeça juridica de todo o genero humano. A causa instrumental ou condição, *sine qua non*, é a geração natural, pela qual nos tornamos verdadeiros filhos de Adão, participantes de sua perda, como tambem o seriamos de sua ventura, caso elle não tivesse transgredido o preceito, que lhe fora imposto por Deus. Bendigamos a

Deus que por sua immensa bondade reparou todos os damnos causados, mandando seu Filho morrer por nós.

Não ha duvida que Deus, usando de misericordia, podia contentar-se com uma reparação prestada pelo criminoso arrependido. São insensatos, diz Santo Agostinho, os que pensam que Deus não podia remir o homem, senão unindo-se á natureza humana para poder soffrer e morrer pelo homem. Mas Deus, em sua sabedoria, quiz, de facto, uma reparação completa, que só poderia dar-lhe o proprio Deus, seu Filho, que tudo expiou por sua morte.

Quarta Instrucção.

A Revelação.

Deus nos creou, nos conserva, nos enche de seus beneficios. E' portanto nosso creador, nosso senhor, nosso bem-feitor. Ainda mais; creando-nos no estado de santidade, nos tornou participantes de sua natureza divina, nos adoptou por seus filhos, e assim nos destinou a um fim sobrenatural, que consiste na posse e no gozo do mesmo Deus por meio de sua visão beatifica. Ha, pois, entre nós e Deus relações necessarias, absolutas; elle tem direitos universaes e soberanos sobre nós, e de nossa parte temos deveres inalienaveis, rigorosos e sagrados para com elle. Elle pode e deve nos determinar as homenagens que lhe devemos render, os serviços que lhe devemos prestar, os affectos que lhe devemos consagrar; e nós devemos em tudo cumprir as suas ordens, fazer a sua vontade e realizar os seus desejos. Elle nos ensinou tudo quanto devemos saber sobre a sua essencia divina, e tudo quanto devemos fazer para corresponder á sua bondade, satisfazer aos seus desejos, bem como os meios que devemos empregar para conseguir o fim sublime e santo, a que nos destinou por sua immensa bondade. Esse ensino divino é o que chamamos revelação sobrenatural. Desde que essa revelação já foi feita por Deus, não precisamos indagar se ella é possível, porque elle não faz absurdos; se ella é necessaria, porque não faz cousas inuteis; cumpre-nos apenas conhecer como ella se realisou.

Primeiramente Deus revelou a Adão e aos patriarchas os seus deveres religiosos. Esses deveres eram limitados, porque então a sociedade compunha-se apenas da reunião das differentes familias; ella estava em seu começo, em

estado de meia organização. O chefe da familia era tambem chefe da religião. Não era então necessario confirmar por milagres a legitimidade da missão do chefe da religião, porque por lei natural os filhos são obrigados a ouvir os conselhos e cumprir as ordens de seu pai.

Mais tarde, dois mil e quinhentos annos depois da criação, a sociedade era muito mais numerosa e extensa, pois já estavam se formando os povos, as nações, os reinos e os imperios; os deveres e os direitos individuaes, domesticos e sociaes eram muito mais numerosos e complicados. Então Deus por meio de Moysés e dos prophetas ampliou e desenvolveu tudo quanto antes tinha ensinado aos patriarchas, revelando, como o tempo e as circumstancias exigiam, novos deveres, mas de perfeito accordo com os que antes tinham sido revelados. Emfim, quatro mil annos depois da criação, quando já se achavam constituidos os povos, as nações e os imperios; e quando já a sociedade estava em seu estado completo e de perfeito desenvolvimento, as necessidades, as relações, os deveres, os direitos eram muito mais numerosos e importantes; havia necessidade duma revelação muito mais desenvolvida e definitivamente aperfeiçoada, e esta foi feita dum modo completo e perfeito, excluindo a conveniencia e necessidade duma outra manifestação divina relativamente á natureza e essencia da religião.

No tempo marcado pelas prophcias, quando o genero humano estava no seu estado de definitivo desenvolvimento, o que S. Paulo chamou a plenitude dos tempos, enviado por seu Pai, Jesus veio ao mundo revestir-se da natureza humana, para assim poder soffrer e morrer pelos homens, ensinando-nos antes os meios que deveriamos empregar para nos utilisarmos dos meritos infinitos de sua paixão e morte. Depois de provar por estupendos milagres a divindade de sua salvadora missão, ensinou todas as verdades que devemos crêr; o sacrificio que a Deus, seu Pai, deve sempre ser offerecido; estabeleceu os sacramentos, pelos quaes queria nos communicar as suas graças; instituiu uma jerarchia para ensinar, defender e fazer observar as suas determinações, e para administrar os seus sacramentos; impôz todos os preceitos que devemos cumprir para promover a nossa santificação. Declarou que a sua religião não soffreria a minima modificação e que duraria até o fim do mundo, dizendo: os céos e a terra passarão, mas não hão de passar as minhas palavras, isto é, nunca hão de cessar o ensino e a pratica de minha religião.

Pelo que fica exposto, pensarão alguns que ha tres religiões ensinadas por Deus: a dos patriarchas, a de Moysés e dos prophetas, e a de Jesus Christo. E' um puro en-

gano; temos uma só religião, ensinada por Deus mediante tres revelações, que acompanharam o desenvolvimento natural progressivo do genero humano.

Comparemos o genero humano a um homem. Elle da infancia passa para a adolescencia, e desta para a virilidade, e é sempre o mesmo homem. Na adolescencia elle deve ter mais deveres, que na infancia; e na virilidade mais do que na adolescencia. Os deveres da adolescencia não destroem, mas completam os da infancia; os da virilidade não destroem, mas completam os da adolescencia.

Comparemos ainda as tres revelações á formação dum quadro. O pintor lança primeiro as linhas e traços geraes; sobre as linhas e traços forma o esboço; e enchendo o esboço completa a sua pintura. O esboço não destruiu, mas fez apenas desaparecer as linhas e traços; o quadro acabado não destruiu, mas fez apenas desaparecer o esboço. Assim, a revelação feita por Moysés e pelos prophetas fez desaparecer a que Deus fizera aos patriarchas, desenvolvendo-a; a revelação feita por Jesus Christo fêz desaparecer as duas anteriores, desenvolvendo-as, completando-as e pondo em fim a religião em sua phase definitiva, porque definitivo era o estado da sociedade e do genero humano.

Quinta Instrucção.

A Religião.

Religião é o conhecimento de Deus e do culto, que se lhe deve prestar, unido á vontade de cumprir esse dever. Culto é a honra, que se deve consagrar a alguém, de accordo com os seus merecimentos. A razão prova que existe Deus, que deve ser honrado por nós, que é elle só que pode e deve determinar a honra, que se lhe deve tributar. A historia nos prova que elle tem sempre revelado aos homens como elle quer ser honrado por elles.

A religião consta de dogmas, culto e preceitos. Dogmas são as verdades que devem ser acreditadas. Culto é o modo de honrar a Deus. Preceitos mostram os serviços, que lhe devem ser prestados. Em synthese, a religião consiste em honrar, servir e agradar a Deus. Só a Deus pertence determinar o modo, pelo qual deseja ser honrado, e desde que elle o tenha determinado, todo o outro culto, seja qual for, ser-lhe-á desagradavel e por elle será severamente punido.

Tudo, pois, cifra-se em saber se Deus determinou e como determinou. Funda-se, portanto, em factos. A's relações de creatura a creador Deus augmentou outras constituindo-se o fim ultimo do homem e tornando-se nosso pai. Destas relações naturaes e sobrenaturaes resultou a união intima entre Deus e o homem. Rompidas pelo peccado de Adão, Jesus de novo pela redempção nos ligou a Deus. Dahi é que vem o nome de religião, vindo do verbo *religare*, ligar outra vez.

Não ha povo que não tenha religião, nem ha religião sem padres ou ministros. Padre ou sacerdote, em grego, significa pessoa dedicada ás cousas santas — E' por isso que os padres entre todos os povos e em todos os tempos foram considerados como homens distinctos, respeitaveis, sabios. Os padres não podiam inventar a religião, porque sem esta não haveria padres.

Sempre os inimigos de Deus foram contrarios aos padres. Taine, que de nenhum modo é suspeito de clericalismo, escreveu algures: Uma curiosa observação é a seguinte: Todos os tratantes, todos os communistas, todos os incendiarios, todos os bebarrões, todos os devassos, toda a gente de faca e calháu, são inimigos dos padres. Por outro lado, a gente boa, a gente honrada, as pessoas de bem, estimaveis, delicadas, quasi todas sympathisam-se com os padres e os respeitam.

O christianismo é o aperfeiçoamento e o complemento do judaismo. Como ente racional o homem deve procurar conhecer a verdadeira religião, e abraçar a que mais lhe parecer ser a verdadeira. Pascal diz que aquelle que descobre as provas da verdadeira religião, é o filho que descobre os titulos de sua grande herança. Se alguém os declara falsos, deixará elle de averiguar os seus direitos com todo cuidado?

La Luzerne diz: Quando vos sobrevem um negocio de alta importancia, não deixais de estudal-o; ao contrario empregais todo espirito, sagacidade, experiencia, para bem conhecel-o. Ha algum, cuja importancia se approxime do da religião?

O sabio Burk, que não é suspeito, diz que a religião é o fundamento da sociedade civil, e sem ella nada prospera entre os homens. O respeito á religião é a melhor garantia da estabilidade dos Estados e da segurança dos particulares.

Os factos provam a verdade e santidade do christianismo. Na Africa, na Arabia, na China, na India, na Turquia, onde não impera a religião christã, predominam os antigos erros e vícios.

Sabios religiosos: Bacon, Boileau, Copernico, Kepler, Lafontaine, Pico de Mirandola, Pascal, Sekel. Estatística religiosa recente. O doutor H. Zel Cern, director do officio estatístico de Stuttgart, no ultimo recenseamento religioso diz que o mundo tem um billião e quinhentos e cincoenta milhões de habitantes; que destes são christãos quinhentos e trinta e cinco milhões; são mahometanos cento e setenta e cinco milhões; são judeus doze milhões; pertencem a outras religiões oito centos e oitenta e quatro milhões; e destes ultimos são indios duzentos e quatorze mil; professam a religião de Confucio trezentos mil, professam a de Budha cento e vinte e um mil. Em outros termos, sobre mil habitantes da terra trezentos e quarenta e seis são christãos; cento e quatorze são mahometanos; setenta israelitas; quinhentos e trinta e tres de outras religiões ou pagãos. Esta estatística foi feita em Outubro de 1911.

A revelação faz conhecer mais claramente verdades naturaes, que não seriam bem comprehendidas pelos ignorantes — é o *sobrenatural modal*; e faz tambem conhecer verdades sublimes, praticas religiosas perfeitissimas, de que a razão por si só não poderia nem suspeitar a existencia — o *sobrenatural substancial*. No primeiro caso está a revelação do Decalogo, e no segundo a dos dogmas da Trindade e de outros mysterios revelados por Jesus Christo.

O dom de communicar seus pensamentos o homem recebeu de Deus. O que pode a causa segunda, o homem, muito melhor ainda o pode a causa primeira, Deus. Deus não tem bocca, nem lingua; mas sendo infinito, tem outros muitos meios de substituir esses órgãos. Pode por milagres authenticar a missão de homens, e por meio delles fazer suas communicações, como fez com Moysés, Isaias e outros prophetas.

Deus revelou a Adão os seguintes dogmas: a existencia de um só Deus e supremo Senhor; que o homem foi formado á sua imagem e semelhança; que ha distincção entre o bem e o mal; que a alma do homem é livre e immortal; a formação da mulher; a unidade do genero humano; a instituição e indissolubilidade do matrimonio; o direito de propriedade sobre as cousas creadas; o peccado original e sua transfusão; a promessa dum redemptor; a immaculada conceição de Maria. Impôz a Adão os seguintes preceitos: guarda do paraizo; trabalho; fructo prohibido; a lei do casamento; obrigações dos esposos; perpetua sociedade dos mesmos; deveres para com os filhos.

Sexta Instrucção.

Motivos de credibilidade.

Os nossos adversarios pensam ou fingem pensar que a nossa fé é cega, e que as nossas crenças são gratuitas, e não tem o minimo fundamento; mas é um puro engano. A nossa crença contem em si uma certeza firme e inabalavel, e esta firma-se em ponderantes motivos. Não havendo fundamento, não ha certeza, muito menos crença; apenas poderá então haver opinião, conjectura, mera supposição. Jesus Christo, fallando de sua religião, disse que aquelle que não crêr, será condemnado. Ora com toda certeza elle não se contentava com simples fingimento; nem tambem seria capaz de condemnar alguem por não ter feito o que não estava em seu poder, nem dependia de sua vontade. Portanto todos os que querem sinceramente, podem verdadeiramente crer, estando inteiramente ao seu alcance os motivos sufficientes para perfeitamente fundamentar as suas crenças.

Os ignorantes, que não podem estudar por si os motivos da credibilidade, louvam-se no ensino, nas explicações e asseverações de seus pais, e ainda mais nas dos sacerdotes, que lhes merecem toda confiança; e assim as suas crenças são racionais, porque têm o devido fundamento. Os intelligentes e illustrados, que não tem tempo ou disposição para estudar a religião, podiam e deviam proceder do mesmo modo, como sempre fazem relativamente aos conhecimentos profanos, em que constantemente aceitam e invocam as decisões, as asseverações daquelles que elles julgam ser competentes na materia de que se trata; mas se querem conhecer por si mesmos, procurem estudar as razões que fundamentam as nossas crenças; e essas razões são factos publicos, notorios, cuja realização pode ser perfeitissimamente verificada. A religião é a revelação da vontade de Deus. Portanto desde que por facto se prove que Deus fallou, nos ensinando o que devemos crêr e o que devemos fazer, é nosso dever acreditar e obedecer. Não fallemos na revelação feita por intermedio de Moysés e dos prophetas, porque Jesus Christo, declarando que não quiz destruir, mas aperfeiçoar e completar a lei antiga, confirmou a sua legitimidade; e assim é bastante que estabeleçamos a verdade e a divindade do seu ensino. E' o que vamos fazer.

Factos publicos e notorios, aceitos unanimemente por todos os que são insuspeitos ou procedem de boa fé nos

ensinam que Jesus Christo ensinou uma doutrina, que declarava abolidos as ceremonias e os sacrificios judaicos; que condemnava as superstições e abominações dos pagãos; que humilhava a soberba e orgulho dos potentados; que enfim fazia guerra de morte a todos os erros, prejuizos e vicios, que então predominavam.

Esses mesmos factos nos ensinam tambem que Jesus Christo escolheu para seus representantes, encarregados de pregar por toda a parte a sua doutrina, doze homens, pobres, ignorantes, timidos, mas que num momento trasformaram-se em intelligentes, sabios, corajosos, valentes e intrepidos. Os mesmos factos nos ensinam que essa doutrina, que tanto humilha a soberba da razão, e mortifica as exigencias criminosas da carne e dos sentidos, immediatamente se espalhou por todo o mundo, tanto que já no terceiro seculo Tertulliano dizia aos inimigos dos christãos: Nós somos de hontem e enchemos vossas ruas, vossas praças, vossas aldeias, vossas cidades.

Os mesmos factos nos contam a perseguição atroz que soffreram todos quantos pregavam, ensinavam, defendiam e professavam essa doutrina. Embora reconhecidamente honrados, virtuosos, eram accusados e castigados por tudo quanto acontecia, e que podia servir de pretextos para a perseguição. Se o Tibre transbordava-se, se a chuva cessava de banhar a terra, se os barbaros devastavam qualquer parte do imperio, os culpados eram os christãos, que por tudo quanto acontecia de desagradavel eram atrozmente castigados, pagando esses crimes ficticios até com perda de sua vida. São innumeraveis os supplicios empregados inutilmente para conseguir a apostasia dos intrepidos defensores da fé.

Eram entregues á ferocidade dos leões; eram lançados nas fogueiras e nas caldeiras de oleo fervente; eram arrastados, dilacerados, cortados, despedaçados. As victimas eram homens, mulheres, meninos, meninas, que soffriam com tanta paciencia e heroismo, que chegavam a confundir a ferocidade dos algozes, e até mesmo a converter alguns delles á fé christã, os quaes tambem por seu turno tornavam-se victimas das mesmas atrocidades. Agora quem será capaz de exactamente determinar o numero dos que com a effusão do seu sangue e o sacrificio de sua vida confirmaram a verdade e a santidade da doutrina de Jesus Christo? Eusebio, depois de dizer que ninguem pode com certeza precisar o numero dos sacrificados, assevera que só na Thebaida eram por dia martyrizados, ás vezes, até cem christãos. Ouçamos o que a respeito nos assegura o historiador Fleury: Os christãos levaram o testemunho da verdade até á morte e aos mais crueis tormentos; e não têm sido um pequeno numero de philoso-

phos, mas uma multidão innumeravel de toda idade, de todo sexo e de todas as condições.

Ainda os factos eloquentemente proclamam que essa mesma religião até hoje continua a ser accusada, calumniada, perseguida, atormentada por todos os erros e vicios, e, apesar de tudo, cadâ vez se ostenta mais numerosa, mais florescente, mais possante, mais poderosa. Qual o homem sensato e desapaixonado que de tudo quanto fica exposto logicamente não conclua que a religião christã tem solidissimos motivos para confirmar a sua verdade e divindade? Ha entretanto ainda mais motivos, muito mais terminantes e poderosos, que são as prophecias e os milagres, de que vamos tratar.

Setima Instrucção.

Prophecias.

Prophecia é a predicção do futuro, que depende da livre vontade do homem ou tambem da de Deus. A predicção deve ser feita dum modo affirmativo, claro e em termos expressivos e terminantes. Deve versar sobre o futuro, e não ser uma simples revelação de acontecimentos, ou cousas occultas, presentes ou mesmo passados. Deve depender da livre vontade do homem; e que por isso nunca possa ser conhecido nem pela arte, nem pela sciencia natural, mesmo angelica; e Deus só pode prophetisar. Para negar-se que a verdadeira prophecia seja a Deus possivel, é preciso sustentar que Deus não pode prever os acontecimentos futuros, ou que elle desses acontecimentos não pode dar conhecimento aos homens. Seriam duas asserções absurdas, porquanto a presciencia de Deus é immensa; para elle não ha futuro, preside a todos os acontecimentos; e tambem, como ente infinitamente sabio e poderoso, tem ao seu dispôr todos os meios necessarios para, quando e no que lhe aprouver, pôr-se em perfeita communicação com os homens.

Só Deus pode certa e seguramente prever o futuro, que depende do livre arbitrio do homem. Essa previsão exclue todos os conhecimentos naturaes. Ella, sendo duma ordem superior, não pode ser feita senão por Deus. E' um genero de milagre que só elle Deus pode operar, quer por si mesmo, quer por aquelles, a quem der esse poder. Demais, é evidente que está acima de todo o poder humano, não

somente de dirigir os acontecimentos longinquos, porem mesmo de prever as causas, tanto necessarias, como accidentaes que no correr dos seculos poderão influir em differentes sentidos sobre os futuros contingentes.

O demonio, embora possa muito mais do que o homem, não pode fazer verdadeira prophesia. Elle com certeza pode conhecer tudo quanto é passado, tudo quanto é presente, mesmo inteiramente occulto; conhece tambem o futuro necessario, isto é, o que depende das leis physicas; mas desconhece o futuro contingente, isto é, o que despende da livre determinação do homem. Conhecendo a indole, as propensões e paixões dos homens, elle pode apenas conjecturar os seus actos futuros, mas nunca determiná-los com certeza. Tudo quanto avança-se sobre as predições e oráculos do paganismo, nada tem de prophetico; são annuncios em termos vagos, dubios, envolvidos em equívocos, de modo a poderem ser applicados a differentes e diversos acontecimentos.

A prophesia sendo por sua propria natureza um acto sobrenatural, faz parte da ordem sobrenatural; só pode portanto referir-se á salvação do homem e á verdadeira religião, que é o seu meio. Ella é um facto todo divino, tanto como o milagre; não pode ter por autor, senão Deus. Portanto, desde que pela realização ella é attestada e reconhecida como verdadeira, torna-se uma prova fundamental da divindade da religião, em cujo favor ella foi realizada. Todos os que não quizerem ser qualificados de pirrhonicos não poderão recusar-se a acceitar esta sabia e logica conclusão.

A nossa religião tem em seu favor muitissimas e verdadeiras prophecias, que foram perfeitissimamente realizadas. Os prophetas muitos seculos antes predisseram o nascimento, a vida, os trabalhos, as perseguições, a paixão e morte de Jesus Christo; e tudo teve a sua plena realização. Jesus Christo tambem predisse a traição de Judas, a trina negação de S. Pedro, a sua gloriosa resurreição, a tremenda perseguição contra os seus apóstolos e discipulos, a completa ruina do templo de Jerusalem, a conversão dos gentios, a dispersão dos judeos, a pregação do evangelho por toda a parte, a permanencia da cadeira de Pedro; e os factos narrados pela historia confirmam a plena verificação de todas essas prophecias.

Alguns dos nossos adversarios têm a impudencia de asseverar que essas prophecias foram inventadas posteriormente aos acontecimentos de que tratam; porem não se lembram que algumas dellas realizaram-se depois do meado do segundo seculo, quando o canon dos quatro evangelhos já estava inteiramente fixo. Julgarão elles ainda insufficien-

tes os poderosos motivos, supra mencionados, para fundamentar a verdade de nossas crenças? Exigirão ainda mais alguma razão para serem convencidos? Temos ainda mais uma e poderosissima, que é a realização dos milagres.

Oitava Instrucção.

Milagre.

Milagre é um facto insolito e sensível, que excede ás forças de todos os agentes creados. Ha duas especies de milagres: propriamente ditos, que são os que excedem ás forças de todos os agentes creados; e milagres impropriamente ditos, que excedem ás forças humanas, mas que, não exigindo um poder infinito, podem ser operados pelos anjos, bons ou máus, que têm forças muito superiores ás dos homens.

Estes milagres de segunda especie chamam-se prodigios.

Pertencem á primeira especie os seguintes: resurreição permanente de verdadeiros mortos; curar sem remedios e num momento enfermidades incuraveis, como são os cegos, surdos, mudos, paralyticos de nascença; prever o futuro contingente; conhecer os segredos do coração; mudar a essencia ou a natureza dos seres. Pertencem á segunda especie os seguintes: curar no momento doenças curaveis; excitar tempestades; voar nos ares; andar sobre as ondas; conhecer o passado o occulto e o futuro necessario, isto é, que depende das leis physicas; dar forma aos entes já creados, convertendo um em outro differente. Os primeiros só podem ser operados por Deus, ou por homens, por elle commissionados; os segundos podem ser operados pelos bons anjos e pelos demonios.

A possibilidade do milagre é uma consequencia legitima e immediata da existencia de Deus. Se Deus existe o milagre é possivel; porque o milagre é um facto que exige uma força superior á força de todo o agente creado, e Deus possui uma força infinita. O milagre ou é *superior* ás leis physicas, em quanto realiza-se um facto que as forças da natureza, por si, nunca teriam podido produzir; ou é *contrario* ás leis physicas, em quanto impede-se um effeito que a natureza, seguindo o seu curso ordinario, podia e devia produzir; ou *fóra* das leis physicas, em quanto um effeito, que as causas segundas podiam produzir, realiza-se sem intervenção destas causas, ou por um modo diverso do que ellas operam.

Deus pode produzir um facto *superior* ás leis physicas, porque a sua força é infinita, e a das craturas é finita: Deus pode produzir um facto *contrario* ás leis physicas, porque elle pode negar o seu livre concurso a estas leis, e assim a lei fica suspensa no seu effeito. Deus pode produzir um facto *fóra* das leis physicas, porque possui uma força superior á dos agentes creados. Portanto em toda e qualquer hypothese Deus pode fazer o milagre.

O facto do milagre em nada offende a immutabilidade de Deus, porque, conhecendo todo o futuro, quando estabeleceu as leis, já podia tambem estabelecer todas as excepções, que quizesse.

Só Deus pode operar milagres por virtude propria, porque só d'elle dependem as leis naturaes: pode comtudo communicar á creatura essa virtude, ficando sempre elle a causa *principal* do milagre, e a creatura a causa *instrumental*. Assim Deus será o agente, e a creatura o instrumento, de que elle se serve para operar esses effeitos extraordinarios.

A realização do milagre pode ser perfeitamente verificada, pois trata-se dum facto sensivel, visivel, que poderá ser observado por pessoas competentes e fidedignas. Em vão bradam os nossos adversarios que não podemos verificar a realização do milagre, porque, não conhecendo todas as forças da natureza, não poderemos distinguir se um facto é natural ou miraculoso. E' verdade que não podemos conhecer o *que* podem fazer as forças da natureza em todas as hypotheses possiveis; mas podemos perfeitamente conhecer, e de facto conhecemos o *que* as forças da natureza não podem numa hypothese determinada, e isto é muito bastante para a perfeita verificação do milagre. Assim, embora não conheçamos todas as forças da natureza, todos, mesmo os mais ignorantes, sabem que *naturalmente* um morto não resuscita, uma enfermidade incuravel, como por exemplo a cegueira de nascença, não se cura num momento, sem medicamentos e por simples acto de vontade. Deus nunca operou, nem nunca ha de operar milagres, nem por si, nem pelo intermedio de quem quer seja, para confirmar ou favorecer o erro. Sendo elle a verdade, nunca consentirá no erro, ou nelle porá o sinete da sua autoridade: nem usará do ministerio de suas creaturas, para fazer acreditar a falsidade. Sendo bom, não pode querer enganar os homens, nem que elles sejam enganados. Portanto os verdadeiros milagres, operados em confirmação duma doutrina, constituem uma prova inconcussa, evidentissima da sua verdade e divindade; e devem convencer a todos os homens sensatos, de boa fé,

que essa doutrina revelada é a genuína expressão da sabedoria e da vontade de Deus.

É certo que os demonios podem por seus poderes finitos, mas extraordinarios, operar os milagres de segunda ordem, chamados prodigios, de que acina fallamos, para confirmar o erro; porem nada podem absolutamente fazer sem a devida permissão divina. Deus algumas vezes isso consente, ou para provar os bons, ou para punir os máus. É, porem, muito facil discernir quando os milagres são operados por Deus, e quando o são pelos demonios. Quando os factos miraculosos não superam as forças creadas, ou não exigem uma causa infinita, deve-se com todo o cuidado proceder ao seguinte exame:

1.º Procurar saber se o que opera o milagre é probo, honesto, virtuoso. exemplar em sua conducta, privada e publica; ou se pelo contrario é suspeito em seu ensino, em seus actos, ambicioso, orgulhoso. não submisso ás legitimas autoridades.

2.º Procurar saber se o facto miraculoso é favoravel aos bons costumes, á religião, á ordem social; ou se pelo contrario redunda em detrimento da moral, da união das familias, da paz e da tranquillidade publica. Reconhece-se a arvore pelos fructos; e os fructos da acção divina são bons, salutaes, e os da acção diabolica são máus e maleficos.

3.º Procurar saber se o thaumaturgo, virtuoso e exemplar, falla em nome de Deus; invoca expressamente a sua autoridade e poder divino, para legitimar a sua missão e o seu ensino. Se assim for, e os actos miraculosos excederem ás forças das causas creadas, serão verdadeiros milagres, operados por Deus.

O exame, de que aqui se trata, não é um exame particular, analytico sobre a bondade do facto: o que só poderia ser feito com acurado estudo e pelos intelligentes e illustrados; porem é um exame geral, que consiste em verificar se a doutrina não é evidentemente falsa, nem de si nada apresenta que seja manifestamente indigno de Deus e nocivo ao homem. E este exame certamente pode ser feito por qualquer homem, mesmo rude e ignorante.

A historia nos relata innumeraveis e estupendos milagres operados por Deus para attestar a verdade e santidade de nossa religião, tanto na antiga, como na nova lei. Moysés fez verdadeiros milagres para convencer a Pharaó da legitimidade de sua missão. Em vão os seus sabios, chamados os *magos*, procuraram imitar, mas não o conseguiram. Moysés num instante, sem o emprego de recurso algum, converteu a sua vara numa serpente; os magos por meio de drogas conseguiram encantar, fascinar uma serpente, tornan-

do-a mansa, e assim puderam com esperteza substituir a vara pela serpente, que encantada não mordida. Moysés num momento converteu todas as aguas do Nilo em sangue: elles com longos preparativos deram unicamente a um pouco d'agua a cor de sangue. Moysés fez num instante sahir das aguas uma infinidade de rans; elles com muito custo fizeram apenas apparecer algumas; e para fazer desaparecer o flagello, que tanto atormentava o povo, Pharaó foi obrigado a recorrer, não a elles, mas á benéfica intervenção de Moysés. Apesar de todas as tentativas e esforços, não puderam fazer desaparecer a nuvem de mosquitos, nem cessar os outros flagellos, miraculosamente suscitados por Moysés; e a final, dando-se por inteiramente vencidos, foram forçados a exclamar: *Em tudo o que nos tem flagellado, está o dedo de Deus: Digitus Dei est hic.*

E na lei evangelica quantos portentosos milagres não foram operados para comprovar a sua verdade e santidade? Jesus Christo dominou os elementos, os ventos, as tempestades e a furia dos mares; curou tantos enfermos inteiramente incuraveis; patenteou os mais intimos e reconditos segredos d'alma; resuscitou mortos, entre os quaes um que já se achava em estado de completa decomposição: e até resuscitou a si mesmo. Os apóstolos e os primeiros discipulos tambem fizeram estupendos milagres. Os lenços de São Paulo, e até a simples sombra de São Pedro, saravam momentaneamente grandes enfermidades. Os milagres proseguiram, e continuam até hoje a justificar as nossas crenças.

E' verdade que agora não se realizam tantos, como nos primeiros seculos do christianismo; mas a razão é porque agora elles não são tão necessarios, como naquelle tempo. Então tratava-se da propagação, e hoje trata-se unicamente da conservação e defeza da religião. Entretanto temos tido e continuamos a ter milagres, e, como prova, entre outros citaremos apenas o de São Januario, em Napoles.

Todos os annos, no dia desenove de Setembro, anniversario de seu martyrio, se reproduz o seguinte milagre: Como sabem os que conhecem o facto miraculoso, nessa cidade conservam-se, em sua cathedral e na capella chamada do Thesouro, a cabeça desse santo martyr e o seu sangue, contido em dois frasquinhos, sangue que durante todo o anno permanece coagulado e preto. Quando, porem, nesse dia collocam-se os referidos frasquinhos diante da cabeça, e ao mesmo tempo invoca-se a intercessão do Santo, o sangue torna-se immediatamente liquido, vermelho e ferve, conservando-se entretanto os frasquinhos inteiramente frios; logo, porem, que se retira a cabeça, o sangue volta instantaneamente ao seu antigo estado, isto é, deixa de ferver e fica

outra vez frio e preto. De balde a sciencia tem procurado descobrir uma causa natural, que justifique o facto portentoso; não o tem podido, não obstante ter empregado ingentes esforços.

Pelo que fica exposto, é evidentissimo que a nossa religião offerece inconcussos e ponderantissimos motivos de credibilidade, entre outros, que ficam mencionados, o milagre, facto que, superando todas as forças das causas creadas, só pode ser produzido por Deus, ou em seu nome, pelos seus legitimos representantes; e que isso constitue o selo divino, com que elle confirma a verdade de suas palavras, e intima solemnemente a authenticidade de sua vontade. Portanto, os que conhecem esses fundamentos da doutrina, ensinada por Jesus Christo, se ainda ousarem persistir criminosamente em sua incredulidade, com toda justiça soffrerão a pena por elle imposta, quando disse: Os que não acreditar, serão condemnados.

Toda a revelação feita por Deus aos homens relativamente á sua religião, acha-se contida na Escripura santa e na Tradição, pontos de que vamos tratar.

Nona Instrucção.

Escripura Santa.

Biblia é a collecção dos livros do antigo e do novo Testamento. Testamento significa lei, alliança. Segundo o Tridentino o antigo Testamento contem quarenta e cinco livros, e o novo vinte e sete. Nesses livros acha-se escripto quasi tudo quanto Deus revelou aos homens relativamente á religião. Os livros acceitos pela Egreja chamam-se canonicos, porque estão contidos em seu canon ou relação por ella approvada. Os autores dos livros do novo Testamento são todos perfeitamente conhecidos, nem sobre um só paira a minima duvida; quanto aos do antigo testamento, ha alguns poucos, de que não são conhecidos os autores, porem sabe-se com toda certeza que elles partiram das mãos de pessoas respeitabilissimas, pois grandes sabios antigos, mais aptos portanto para descobrir a sua origem, os tem *acceitado*, dando-lhes toda importancia e credito.

Ha um perfeito accordo entre os dois testamentos.

A lei antiga, diz São João Chrysostomo, não existe, senão por Jesus Christo e para Jesus Christo.

Elle foi o unico instituidor das duas allianças.

O Evangelho é a continuação e o complemento da lei mosaica. O antigo Testamento tinha por fim annunciar e preparar a vinda do novo, e este é que explica a razão de ser do antigo. A lei antiga era a sombra e o typo da nova; este é a pura realização e perfeição daquella. Moysés e os prophetas, á cada pagina do antigo Testamento, fallam de Jesus Christo; e por seu turno Jesus Christo, á cada pagina do seu Evangelho, refere-se ao antigo Testamento, e envia todos quantos põem em duvida a legitimidade de sua divina missão, para ver o que a seu respeito annunciaram e affirmaram Moysés e os prophetas.

O antigo Testamento foi escripto em hebreu e o novo em grego, excepto o Evangelho de São Matheus, que foi escripto em hebreu. No anno de 290 antes de Jesus Christo setenta e dois interpretes traduziram o antigo Testamento do hebreu para o grego; e essa traducção foi cognominada a *Versão dos Setenta*. Posteriormente fizeram-se de toda a Escriptura Santa varias traducções do grego para o latim, das quaes a mais considerada foi uma feita na Italia e que foi chamada a *versão Italica* e tambem *Vulgata*. Depois desta appareceu a traducção latina, feita por São Jeronymo, a mandado do Papa, São Damaso, a qual tomou o nome de *Nova Vulgata*, passando a *Italica* a ser conhecida pela denominação de *Antiga Vulgata*. Foi esta ultima traducção, que foi feita por São Jeronymo, que adoptou e recommendou o Santo Concilio Tridentino. E' desta traducção, que todos, mesmo os protestantes, têm tirado as suas traducções. Muitos protestantes, qualificados, como sejam Walton, João Brossio, Izaac Casabonns, asseveram que a *Vulgata* de São Jeronymo é estimada, justa, recta, e combina plenamente com os manuscritos antigos.

A Biblia foi dividida em capitulos no decimo terceiro seculo pelo Cardeal Hugo.

São Matheus escreveu o seu evangelho em hebreu, segundo as informações mais seguras, no anno quarenta; e o fêz a pedido dos judeus e com o fim de conservar a lembrança da pregação dos apóstolos, que iam então dispersar-se. São Marcos escreveu o seu em grego a pedido dos Romanos, que queriam ter um resumo da pregação de São Pedro, de quem era elle discipulo e companheiro. Escreveu, como elle mesmo assevera, fundado na tradição; e, segundo os calculos mais seguros, escreveu no anno quarenta e quatro. São Lucas escreveu o seu em grego no anno cincoenta, lembrando tudo o que São Paulo, que tinha sido seu mestre,

tinha pregado na Asia e na Grecia ; e para rectificar palavras e factos de Jesus Christo, que tinham sido adulterados por homens ignorantes. Escreveu tambem fundado na Tradição. São João, que fora instruido pelo proprio Jesus Christo, escreveu o seu em grego, a pedido dos bispos da Asia Menor ; e para refutar as heresias nascentes pregadas por Cerinto e Ebião ; e o escreveu no anno noventa e seis. Assim, com toda segurança, pode-se asseverar que o primeiro evangelho foi escripto cinco annos depois da Ascensão de Nosso Senhor ; o segundo dez annos depois ; o terceiro dezesete annos depois ; o quarto sessenta annos depois. Pelo exposto fica provado que quando foi escripto o primeiro evangelho muitas egrejas já tinham sido fundadas ; e que, quando foram escriptos os dois ultimos, a doutrina evangelica já tinha sido annunciada e professada em muitas cidades, paizes e nações.

O evangelho de São Matheus tem como symbolo um *homem*, porque elle começa discrevendo a genealogia de Jesus Christo como homem ; o de São Marcos tem como symbolo um *leão*, porque começa contando a pregação de São João Baptista, cuja voz como a de um leão, bradava no deserto ; o de São Lucas tem como symbolo um *boi*, por que começa discrevendo as funcções de Zacharias como sacerdote ; o de São João tem como symbolo uma *aguia*, por que elle começa elevando o seu pensamento até o Verbo Divino, por quem tudo fora creado.

Todos os livros da Escripura Santa, approvados pelo Concilio de Trento, são verdadeiros e authenticos. Quanto aos do velho Testamento, deve notar-se que a lei mosaica tornava os hebreus odiosos aos visinhos, impunha-lhes preceitos, que muito os deviam contrariar ; portanto não deixariam de denunciar a sua falsidade, se por ventura a respeito pudessem apresentar alguma prova. Se elles mesmos tivessem alterado, teriam riscado tudo quanto lhes era desairoso. Principalmente depois do schisma das dez tribus, uns accusariam aos outros da alteração.

Quanto aos livros do novo Testamento, convem muito ponderar que não havia interesse algum humano em renunciar ao judaismo ou ao paganismo, para abraçar uma nova religião detestada e perseguida, e que a seus crentes impunha tantos e tão penosos sacrificios. Nem mesmo havia possibilidade de alteração, porque as differentes sociedades, uma vêz imbuidas nas novas crenças, dispersavam-se para paizes tão diversos e distantes, e assim seria impossivel que todos combinassem para alterar, sem discrepancia, todos alterando do mesmo modo e sobre os mesmos pontos. Demais, é notorio que sempre que alguém tentava alterar, os que

tinham mantido a verdadeira doutrina bradavam, denunciando e condemnando a projectada alteração.

Os protestantes rejeitam como falsos e nós catholicos accetamos como verdadeiros os livros seguintes do antigo Testamento: Baruch, Ecclesiastico, Esther, Judith, os dois livros dos Machabeus, Sabedoria e Tobias. Elles não fundamentam a sua rejeição, e nós apresentamos fortissimas razões para plenamente justificar a nossa accettazione. Esses livros, gratuitamente rejeitados, são citados como verdadeiros por São Cypriano, Sto. Irineu, Origenes, Tertuliano, celebres e sabios escriptores do segundo e terceiro seculo; são ainda citados pelo Concilio de Cartago, reunido no anno de 397, que declarou tel-os recebido de seus antepassados; são tambem citados e accetos por Innocencio primeiro no anno de 405, que affirmava ser o cãnon, que os continha, comprovado pela tradição de todos os tempos. A verdade desses livros rejeitados é portanto inconcussa e incontestavel.

Todos os livros, contidos no cãnon catholico, foram por Jesus Christo e pelos Apostolos dados á Igreja, como divinos. Os Apostolos muitissimas vezes os citaram como a genuina expressão da palavra de Deus; e a Igreja tem sempre considerado esses livros como verdadeiramente inspirados por Deus, como perfeita manifestação de sua sabedoria e de sua santa vontade.

Antes de proseguirmos advertimos que os protestantes luteranos rejeitam a Epistola de São Paulo aos Hebreus, a de São Thiago e Judas, a segunda de São Pedro, a segunda e a terceira de São João e o Apocalypse. Não precisamos refutal-os, porque elles são refutados pelos seus irmãos calvinistas, que todos accetam esses livros rejeitados, como verdadeiros e divinos. Como acabamos de notar, é o proprio Deus quem inspira tudo quanto nos ensina a Escripura Santa; convem, pois, saber-se o que é e sobre que versa essa divina inspiração.

A inspiração é um soccorro sobrenatural que esclarece o espirito do escritor sagrado e o leva a dizer o que Deus quer. O livro assim composto tem verdadeiramente Deus por autor, sem excluir a cooperação do homem. A Igreja tem por sagrados e canonicos os livros do antigo e do novo Testamento, não neste sentido que, compostos unicamente pela industria humana, ella os tenha depois approvado por sua autoridade, nem simplesmente porque elles contêm a revelação sem mistura de erro; mas neste sentido que, escriptos sob a inspiração do Espirito Santo, elles têm Deus por autor e tem sido dados nesse estado á propria Igreja. (*Constituição Dei Filius* 2.) A inspiração é portanto

alguma coisa mais, que uma simples assistencia do Espirito Santo, assistencia negativa preservando o escriptor de erro. A inspiração differe tambem da revelação propriamente dita, isto é, da communicação de verdades ou de factos desconhecidos da pessoa, a que são manifestados. Quando São Matheus e São João escreveram o que elles tinham observado sobre os milagres e a pessoa de Nosso Senhor, não tiveram necessidade que Deus lhes revelasse o que elles por si mesmos conheciam; e entretanto escreveram sob a inspiração do Espirito Santo. Neste caso, Deus lhes fazia, pelo menos, escolher, entre as cousas de que tinham conhecimento, o que julgasse mais proveitoso que elles escrevessem.

1.º A inspiração estende-se, sem nenhuma duvida, a tudo que é concernente á fé e aos costumes, isto é, a todos os ensinamentos sobrenaturaes contidos nos livros sagrados. E' este um sentimento commum na Igreja.

2.º Conforme as definições do Concilio do Vaticano e do Concilio de Trento, a Escripura é inspirada em seu todo e em todas as suas partes; ella tem a Deus por autor, e foi escripta sob o dictado do Espirito Santo. Os factos e tudo quanto é referido pelos escriptores sagrados, são o objecto da inspiração; e toda a narrativa da Biblia, e dos evangelistas não contem erro algum. "Eu creio firmemente, diz Santo Agostinho, que nenhum autor se tem enganado em cousa alguma. Se alguma passagem me parecesse contraria á verdade, eu não hesitaria em dizer que o manuscrito é defeituoso, ou que o interprete não tem seguido exactamente o texto, ou que eu não consegui bem comprehender." Esta observação tão judiciosa de Santo Agostinho facilita a resolução de muitas objecções feitas contra a letra ou os textos da Escripura.

3.º A inspiração do Espirito Santo não tem por fim fazer conhecer as verdades scientificas sobre a constituição do mundo, sobre a luz, sobre a evolução dos elementos. Como bem dizia Baronio, o fim da Escripura é de nos ensinar como vai-se para o céu, e não como vai o céu. Os autores inspirados fallaram conforme ás crenças communs de seu tempo, segundo a apparencia dos movimentos dos astros e de outros phenomenos naturaes. Os dias e as noites produzindo-se como se o sól girasse em torno da terra, Moysés e outros escriptores sagrados fallaram segundo esta apparencia. Quando a Escripura diz que Josué conteve o sól, pode entender-se do mesmo modo, por um phenomeno analogo ao que seria produzido, se o movimento diurno tivesse sido retardado durante algumas horas. Se os sabios tivessem em conta estas observações, veriam que não ha erro

algun na Escriptura, porquanto os escriptores sagrados conformavam-se aos usos recebidos, ás locuções communs, e não têm tido a pretensão, nem de explicar scientificamente a constituição do universo, nem de resolver problemas de metaphysica e de sciencias naturaes.

4.^o A inspiração verbal, isto é, a das palavras empregadas pelo escriptor sagrado, não é communmente admittida. O fundo das cousas sendo inspirado, não parece necessario que as palavras sejam dictadas por Deus. Cumpre exceptuar as expressões essenciaes aos dogmas ou ás verdades reveladas, que o Espirito Santo tem podido e querido suggerir. A não inspiração verbal, com as restricções indicadas, parece demonstrada pela differença das narrativas e do estylo dos escriptores sagrados. Todos sabem que as palavras de Jesus Christo, consagrando o calix, na ultima ceia, são referidas de quatro maneiras differentes. Como explicar-se esta diversidade, se o Espirito Santo tivesse dictado aos evangelistas as palavras pronunciadas por Nosso Senhor?

Basta comparar-se o estylo e o genero de amplificação adoptada pelos escriptores sagrados, para se ver que o Espirito Santo, preservando-os em tudo do erro e inspirando-lhes para escrever o que elle quizesse quanto á substancia das cousas, tem de alguma sorte dado livre curso ás suas faculdades naturaes.

As regras, que devem ser observadas na interpretação da Escriptura Santa, são as seguintes:

1.^o Antes e sobre tudo deve-se seguir a interpretação authenticamente dada pela Egreja, a quem pertence fixar o sentido de tudo quanto foi revelado por Deus. Os Concilios de Trento e do Vaticano condemnam todos os temerarios *que a este respeito julgam de um modo contrario*.

2.^o Nunca deve-se apartar do sentimento unanime dos Padres, o qual constitue o écho da tradicção catholica. Os concilios de Trento e do Vaticano confirmam tambem esta regra. Trata-se do sentimento unanime dos Padres em relação á fé e á moral.

3.^o Quando a significação dos textos da Escriptura não está fixada nem pelas decisões da Egreja, nem pelo consentimento unanime dos Padres e Doutores, Santo Agostinho dá esta regra para se discernir o sentido litteral ou o sentido espiritual, que o Espirito Santo tem inspirado: «Tudo o que não pode accommodar-se nem á honestidade dos costumes, nem á verdade da fé, deve ser tomado ou entendido num sentido figurado. A honestidade dos costumes consiste em amar a Deus e ao proximo; a verdade da fé em conhecer a Deus e ao proximo.» E' portanto necessario entender-se no sentido allegorico ou figurado tudo quanto, tomado á letra,

seria contrario á fé, ao amor de Deus e do proximo, á honestidade e á moral.

Em 1900 fundou-se em Roma a *Pia Sociedade de São Jeronymo* com o fim de diffundir por toda parte a Escrip-tura Santa, approvada pela Egreja; e com muita razão, porque a Biblia é o livro por excellencia. Esse codigo divino, dictado pelo proprio Deus, contem em seu seio os archivos immortaes da humanidade. O céo e a terra hão de passar, mas nunca passará esse livro Santo, que tem por fim contar a todas as gerações os deveres e os direitos da alliança santissima que Deus fez com todos os homens. Alem do que deixamos dito, procuremos completar a demonstração da verdade e authenticidade dessa Escrip-tura, inspirada pela sabedoria divina.

Esses livros sagrados são da mais rigorosa authenticidade e veracidade, e nisto excedem á qualquer outra historia, geralmente acceita. Os seus autores são homens os mais virtuosos e dignos de fé. Elles relatam factos publicos, contemporaneos, e os attestam diante de toda uma nação interessada em desmentir o menor erro. Quanto ao antigo Testamento, os maiores Sabios profanos asseguram a sua completa veracidade. Cuvier assim se expressa; Moysés nos tem deixado uma cosmogonia, de que a exactidão se verifica cada dia de uma maneira admiravel.

Ampère, em sua Theoria da terra, diz: Ou Moysés tinha nas sciencias naturaes uma instrucção tão profunda, como a do nosso seculo, ou era inspirado. Dumont, morto em Liége em 1857, dizia no fim de sua vida: E' cousa espantosa que, depois de todos os progressos, terminados pela geologia, devamos reconhecer que Moysés, numa epocha tão remota, tenha em geologia *conhecimentos exactissimos* sobre tudo e principalmente sobre a successão dos seres creados, relatando tudo tão certo, como nos attestam as diversas camadas geologicas. A authenticidade e a verdade do antigo Testamento são ainda comprovadas por Jesus Christo e pelos apóstolos, que o citam e empregam as suas passagens e sentenças como prova justificativas de suas asseverações.

A authenticidade e a verdade do novo Testamento são evidentissimas. Os seus escriptores descrevem factos, personagens, lugares e costumes da epocha. As testemunhas eram honradas, e attestam o que viram e ouviram; fallam contra si, não miram nenhum interesse proprio; sacrificam-se para sustentar as suas asseverações. Toda e qualquer adulteração seria impossivel. Se ella fosse tentada pelos catholicos, os hereges os accusariam; se fosse tentada pelos hereges, os catholicos levantar-se-iam contra. Tanto é verdade que,

quando Marcião quiz adulterar, foi por todos accusado e confundido.

A verdade e a authenticidade do novo Testamento são sustentadas pelos hereges, pelos pagãos, entre os quaes contam-se Celso, Juliano Apostata, Porphirio, e até pelo proprio Renan. Devoisin é muito expressivo e terminante, chegando a pronunciar-se a respeito do seguinte modo: « Ou o novo Testamento é authenticico, ou não ha nenhum outro monumento, mesmo pouco antigo, de que se não possa negar a authenticidade. Se fossem empregadas relativamente aos livros antigos e mesmo modernos as mesmas exigencias feitas quanto ao do novo Testamento, a historia estaria ainda por fazer-se por falta de testemunhos devidamente constatados.»

Cumpre, como conclusão, notar-se que os que negam a authenticidade dos livros santos, não sabem dizer quem seja o autor do livro em questão. Ora parece incrível que a origem desse livro de tanta importancia ficasse por tantos seculos completamente desconhecida.

Decima Instrução.

A Tradição.

E' um facto incontestavel que a Escripura Santa não contem tudo quanto por Deus foi revelado aos homens, facto provado pela propria Escripura Santa. São Matheus no cap. 4, vers. 23 diz que Jesus percorreu toda a Galileia ensinando nas Synagogas, e não diz o que elle ensinava. São Lucas nos Actos cap. 1, vers. 3 diz que Jesus durante quarenta dias depois da sua resurreição occupou-se em instruir os seus apóstolos sobre o reino de Deus, e não diz quaes foram essas intrucções. Ainda a mesma Escripura ensina que existe a Tradição. O Deuteronomio no cap. 32, ver. 7 diz: Consultai os seculos passados; perguntai a vosso pai, e elle vos informará; interrogai os vossos maiores e elles vos dirão quando Deus dividiu as nações. São Paulo na sua primeira Epistola aos Corinthios no cap. 11, ver. 2 diz: Eu vos louvo porque em tudo vos lembrais de mim, e guardais *as minhas intrucções*, como eu vol-as tenho dado; e em sua primeira Epistola a Timotheo no cap. 6, vers. 20 diz: Guardai o *deposito*, *evitai as novidades profanas*; e na sua segunda Epistola ao mesmo Timotheo no cap. 1, vers. 13

diz: Tende uma *formula das verdades*, que ouvistes da minha bocca; guardai esse bom *deposito*; e na mesma Epistola no cap. 2, ver. 2 diz: O que de mim aprendestes diante de muitas testemunhas, confiai a homens fieis, que sejam capazes de transmittir a outros; na sua segunda Epistola aos Thessalonicenses no cap. 2, vers. 14 diz: Guardai *as tradições* que de mim aprendestes, quer pela *conversação*, quer por minha carta.

Toda doutrina escripta existiu antes de ser escripta. São Marcos escreveu o seu Evangelho só pelo que ouviu de São Pedro, e São Lucas escreveu o seu só pelo que ouviu de São Paulo; pois nenhum destes dois evangelistas assistiu ás instrucções dadas, nem aos actos praticados por Jesus Christo. Ambos portanto *escreveram depois de instruidos pela tradição*. Joel no cap. 1, ver. diz: Fazei sobre isto uma narração a vossos filhos e vossos filhos a seus filhos, e os filhos destes á outra geração.

Santo Ignacio, discipulo de São Pedro, exhortava os fieis das differentes cidades, por que passava, a premuniem-se contra os erros, que começavam a ser diffundidos, e a apegarem-se fortemente ás tradições dos Apostolos. Eusebio, His. Eccl. liv. 3, cap. 24.

São Clemente de Alexandria, morto no anno 217, em seu 4.º liv. contra os hereges, dizia: Todo o que se revolta contra a tradição da Igreja, não pode ser fiel a Deus.

Origenes que viveu no terceiro seculo, em seu trat. 29 in S. Mat. diz: Só devemos crer como verdadeiro o que em nada discorda da tradição ecclesiastica.

O protestante Lessing diz: E' sobre a tradição, e não sobre a Escriptura que se levantou a Igreja.

Quando Moysés diz: Nada accrescentareis a este ensino, deve entender-se: Nada acrescentareis de humano, ou contrario ao que vos mando, e não ao que escrevo. A palavra latina *preterquam*, significa *contra* e não *alem*, como querem os inimigos da tradição.

A mais forte objecção contra a tradição é a que é feita por Palmer, que assim argumenta: Deus faz tudo perfeito: e querendo nos ensinar pela Escriptura, nella deve ter tudo exarado. Relatando cousas até desnecessarias, não poderia omitir as necessarias. A resposta é facilima. A deficiencia é uma imperfeição, quando ella não entra nos planos do autor. O sol é perfeito, e só illumina de dia. Se omittiu cousas necessarias na Escriptura, quiz exercitar a nossa obediencia á Igreja, a quem nos manda ouvir. Demais, é um facto que Deus revelou cousas que não estão na Escriptura; e facto não demonstra-se, constata-se. E quando mesmo a Escriptura contivesse tudo, ainda era indispensavel a tradição para esclarecer o sentido

obsuro de certos pontos, que deveriam ser perfeitamente entendidos por todos. A tradição, que é o ensino oral, tem sido successivamente consignada nos symbolos da fé, nos canones e decretos dos concilios, nos escriptos dos Santos Padres e Doutores da Igreja, nos livros liturgicos, na historia da Igreja. Querer, pois, negar a sua existencia, é pretender negar aquillo que sempre, em toda parte e por todos tem sido firmemente acreditado.

Decima primeira Instrução

A Igreja.

Existindo Deus, deve existir uma religião, que consistirá em honrar e servir a Deus. Existindo religião, deve existir revelação, porque diversamente a vontade de Deus seria desconhecida. Existindo revelação deve existir uma sociedade, incumbida do poder e dever de conservar, defender e transmittir as verdades reveladas. A revelação a cada seculo e para cada individuo, se fosse externa, seria incompativel com a sabedoria de Deus, de que os meios de acção são simples, havendo neste caso luxo de acção inutil; se a revelação fosse interna, entregaria o homem sem reserva á illusão e ao fanatismo. A revelação num livro, de que cada um podesse ser o interprete, seria absurda, porque cada um entenderia a seu sabor. Demais, como conhecer com certeza a authenticidade, a inspiração e o genuino sentido dos livros, em que se contem a revelação? Acima de tudo, o homem por sua natureza viciada não indo ao encontro duma religião, que não viesse ao seu encontro, viveria sempre sem religião. Portanto havendo religião, deve necessariamente haver uma sociedade religiosa, a qual chamamos Igreja.

Em toda sociedade ha quem governe e quem obedeça, isto é, autoridades e subditos; ha lei fundamental; ha regimen proprio, que pode ser monarchico, aristocratico, democratico. A Igreja é uma sociedade perfeitissima; tem, pois, tudo quanto é necessario para poder funcionar com toda regularidade, ordem, harmonia e proveito. O governo consta do Papa, dos bispos e dos sacerdotes; e os seus subditos são todos os baptizados e crentes. A sua lei fundamental é a Escriptura Santa e a Tradição. O seu regimen é monarchico. Na monarchia ha um chefe soberano com o nome de rei ou imperador; ha tambem chefes subordinados ao soberano

com o nome de governadores ou presidentes de provincia. Na Igreja o soberano é o Papa, e os governadores são os bispos, tendo por seus auxiliares os sacerdotes. A Igreja é portanto uma monarchia, mas sabiamente auxiliada por uma aristocracia subordinada.

Os apóstolos foram instituídos como bispos e sacerdotes. Os bispos são seus successores no episcopado, e os padres são seus successores unicamente no sacerdotio. Jesus annunciou a Igreja quando disse a São Pedro: Sois Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; e a constituiu definitivamente quando, antes de subir ao céu, disse a todos: Ide pelo mundo inteiro; pregai o Evangelho a todas as nações baptizando-as e ensinando-lhes a observar tudo quanto vos tenho determinado.

No tempo de Jesus todos os apóstolos eram iguaes e elle era o unico chefe: mas, depois de sua ascensão ao céu, os apóstolos ficaram todos subordinados a Pedro, chefe visivel e soberano da Igreja. Jesus aperfeiçoando e completando as duas primeiras revelações, deu á religião um caracter definitivo, permanente e perpetuo.

Fallando de sua Igreja, disse: As portas do inferno não prevalecerão contra ella: nella o espirito de verdade permanecerá eternamente. E referindo-se aos apóstolos e seus successores, disse: Eu estarei comvosco, todos os dias, até a consummação dos seculos. Assim elle asseverou que a sua Igreja nunca deixaria de existir, e de ensinar a sua pura doutrina. A Igreja é uma arvore, da qual se podem desprender ramos: mas o tronco permanecerá firme, inabalavel, e sendo sempre o mesmo.

Ha uma só Igreja verdadeira, nem poderia e deveria haver mais do que uma. O facto de haver uma só Igreja é o que se chama *unicidade*. Jesus Christo estabeleceu uma só Igreja, pois disse: «Eu edificarei a *minha Igreja* e não *minhas Igrejas*. Nem mesmo era preciso mais que uma, por que ella tem por missão de ensinar e fazer observar a religião revelada; e, como já vimos, não ha, nem pode haver mais que uma religião verdadeira. Nem mesmo poderia haver mais que uma Igreja, porque então ou seriam todas iguaes, ou seriam diversas, contrarias. No primeiro caso, uma bastaria, e as outras seriam desnecessarias, e Deus não faz cousa alguma inutil; no segundo caso, uma só seria verdadeira, e as outras todas seriam falsas, porque cousas diversas e contrarias não podem todas ser ao mesmo tempo boas, e nunca podem ser igualmente verdadeiras. Ouçamos o que a este respeito diz o grande sabio, Santo Agostinho: «Ecclesia aut una aut nulla». Ou ha uma só Igreja, ou então não ha nenhuma.

A Igreja verdadeira deve ter tres propriedades: deve ser *uma, visivel e perpetua*.

A unidade, como propriedade, é interna e activa. Ella consiste em ensinar e mandar observar sempre a mesma doutrina; em mandar que se offereça a Deus sempre o mesmo sacrificio, e se administrem e recebam sempre os mesmos sacramentos; e em mandar que todos os seus membros estejam sempre subordinados aos seus legitimos superiores, principalmente ao Papa, que é o chefe soberano e supremo. Jesus Christo no Evangelho de São João, cap. 17 versos de 11 á 23, pede a seu Pai que em sua Igreja haja perfeita unidade. Guardai, diz elle, em vosso nome, ó Pai Santo, aquelles que me destes. Santificai-os na unidade. A vossa palavra é a verdade. Eu vos rogo, não somente por elles (apostolos) mas rogo-vos tambem por todos aquelles que, por meio de sua palavra, hão crer em mim, para que todos sejam *um*, assim como Vós, ó Pai, sois *um* em mim e eu em vós. Sejamos *um*, eu nelles e Vós em mim, para que sejam todos consummados na unidade.

A visibilidade é a aptidão para ser facilmente conhecida de todos, pois ella deve salvar a todos; nem mesmo poderia deixar de ser visivel, porque deve ensinar, governar, administrar sacramentos.

A perpetuidade é a garantia de nunca sua doutrina deixar de ser ensinada e observada. Essa garantia funda-se na terminante asseveração de Jesus Christo, que disse, falando de sua doutrina: o céu e a terra passarão, mas não hão de passar as minhas palavras.

As notas, pelas quaes se pode facil e perfeitamente distinguir a verdadeira Igreja das falsas, que arditosamente se apresentam como verdadeiras, são: unidade, santidade, catholicidade e apostolicidade.

A unidade, como nota, é differente da unidade, como propriedade: esta é activa, e aquella é passiva. A unidade, como nota, consiste na profissão da mesma doutrina, na recepção dos mesmos sacramentos, na união de obediencia de todos ao mesmo chefe soberano. Nem pode ser de outra sorte, porque a verdade é sempre uma, porque é indivisivel; é sempre a mesma, porque é immutavel. Jesus Christo estabeleceu uma religião que nunca poderá ser aperfeiçoada, quanto á substancia, como foi a antiga, porque já é completamente perfeita, e porque já veio na plenitude dos tempos, não havendo mais motivos para alteração alguma.

A catholicidade consiste em ensinar *todas* as verdades, em *todos* os tempos e lugares, e assim ser apta para conquistar *todos* os que queiram salvar-se. Ella não é questão arithmetica, estatistica, geographica; mas consiste na missão

e vontade efficaz, sustentada pela graça divina, de ensinar e santificar a *todos*. Ella é a aptidão para aperfeiçoar todos os homens de todos os tempos e lugares, desde que sigam fielmente a sua doutrina. Com essa virtude ha de necessariamente diffundir-se por toda parte, e tornar-se a mais numerosa. Se ella fosse numerica e geographica, não teria sido catholica nos seus primeiros annos.

Pelo que se vê que a Igreja tem de direito a catholicidade, que consiste em poder e dever estender-se a todos os lugares e a todos os tempos; tem a catholicidade de facto, mas só *successiva* e relativa, porque tem de Jesus Christo recebido a missão de ir continuamente pregando o Evangelho nas diversas regiões da terra. Jesus lhe prometeu a universalidade no espaço, quando lhe disse: Ide e ensinai todas as nações; lhe prometeu a universalidade no tempo, quando lhe disse: Eu estarei convosco até a consummação dos seculos; e lhe prometeu a universalidade na verdade, quando lhe disse: O Espirito de verdade, que vos hei de enviar, vos ensinará toda verdade. Essa promessa, feita por um Deus, deve forçosamente ter a sua plena realisação.

A apostolicidade é a propriedade de ter sido fundada pelos apóstolos e de remontar até elles por uma successão não interrompida de legitimos pastores. Ella comprehende, além da instituição apostolica e a successão dos pastores, a profissão continua e constante da doutrina ensinada pelos apóstolos. Jesus dizendo á sua Igreja: O céu e a terra passarão, mas não hão de passar as minhas palavras, garantiu a estabilidade e a pureza de sua doutrina. Expressando-se por esse modo, queria fazer a seguinte asseveração: Tudo o que é terreno está sujeito a mudar e soffrer alterações; porem o meu ensino é infallivel; não varia com os tempos e lugares; ha de ser portanto transmittido e conservado, como eu o tenho revelado. Tanto elle queria que a sua Igreja mantivesse uma continua e perfeita successão que, encarregando os apóstolos de seu governo, deu-lhes o poder de nomear successores, transmittindo-lhes os mesmos direitos e os mesmos deveres. Tanto é verdade que elle conferiu esse poder aos apóstolos, que, podendo, não nomeou successor para Judas, deixando-lhes essa incumbencia, que elles desempenharam pela escolha de Mathias.

A santidade está nos mysterios, na doutrina, e em alguns de seus membros; e deve ser comprovada pelos milagres. Tendo a Igreja por missão santificar todos os homens, Jesus Christo lhe ministrou todos os meios e recursos de santificação, que são, além da profissão duma doutrina santa, as graças abundantes e preciosissimas do santo sacrificio da missa e dos divinos sacramentos.

Todas estas quatro notas são indícios externos, nascidos das propriedades, que são internas; e todas essas notas são tão necessarias e essenciaes como as mesmas propriedades, de que procedem.

E' facilimo de conhecer-se o fim santissimo, que teve Jesus Christo, estabelecendo, pelo modo por que a estabeleceu, a sua Igreja. Elle devia salvar todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares; entretanto elle apenas revelou-se unicamente a um seculo e a um paiz. Era, pois, absolutamente necessario haver um governo, por elle estabelecido, para continuar e estender a sua missão salvadora, e este governo deveria imperar em toda as idades e em todas as nações do mundo. E' daqui que naturalmente dimanam, não só a necessidade da Igreja, mas ainda a sua unidade, catholicidade, apostolicidade e santidade.

Pelo que adiante direi sobre as seitas hereticas, que se separam do gremio da Igreja catholica, ficará plenamente demonstrado que nenhuma dessa seitas possui, nem uma só, das notas, que competem á verdadeira Igreja de Jesus Christo. Passemos agora a provar cabalmente que todas essas quatro notas, acima referidas, pertencem de pleno direito á Igreja catholica.

Na Igreja catholica, apostolica, romana ha perfeita unidade. Nella, em toda parte e em todo tempo, todos professam as mesmas verdades, recebem os mesmos sacramentos, tributam a Deus e aos santos o mesmo culto devido, obedecem ás mesmas autoridades, praticam as mesmas virtudes. Entre todos os catholicos do mundo inteiro não ha minima discrepância religiosa. Os pobres tem as mesmas crenças que os ricos; os ignorantes as mesmas que os sabios; os seculares as mesmas que os ecclesiasticos.

Um homem do povo, uma mulher, um menino que sabe o seu catechismo, acredita tudo quanto acreditam todos os sacerdotes, todos os bispos e o que acredita o proprio Papa, que é o chefe soberano da Igreja. E' unicamente na Igreja catholica que observamos este espectaculo tão bello e edificante: Todos os fieis duma circumscripção, que se chama parochia, são ensinados, dirigidos e governados por um sacerdote, que se chama parochio; todos os fieis e sacerdotes duma circumscripção que se chama diocese, são ensinados, dirigidos e governados por um sacerdote que se chama bispo; todo os fieis, sacerdotes, bispos do mundo são ensinados, dirigidos, governados por um sacerdote, que se chama Papa. Nella realisa-se a prophecia de Jesus Christo, que disse: Haverá um só rebanho sob a obediencia dum só pastor.

E' unicamente a nossa Igreja que tem o caracter de universalidade em tudo. Ella em toda parte ensina e crê todas as verdades reveladas por Deus; administra e recebe todos os sacramentos. Todos, sejam quaes forem os seus costumes, conhecimentos, raça, nacionalidade, posição, estado, profissão, nella do mesmo modo encontram tudo quanto é necessario para ser honesto, virtuoso, perfeito e mesmo santo. Nella ha um elemento de homogeneidade, que se assimila a todos os homens, qualquer que seja a sua propensão, temperamento, indole e gráu de instrução. As instituições humanas são como os metaes, que quanto mais ganham em extensão, tanto mais perdem em força e solidez. A nossa Igreja, porque é divina, diffunde-se por todo o mundo conhecido, e cada vez mais torna-se forte, robusta e florescente. Já no terceiro seculo dizia Tertulliano aos hereges: Nós somos de hontem, e já enchemos as vossas ruas, as vossas praças, as vossas aldeias, as vossas cidades. Já no segundo seculo Santo Ireneu confundia os hereges, dizendo: A Igreja já está espalhada no mundo inteiro, e professa a doutrina de salvação, como se habitasse uma só casa; crê as mesmas verdades, como se tivesse uma só alma; tem o mesmo ensino, como se tivesse uma só bocca. No quarto seculo Santo Agostinho dizia: E' só o nome de catholico que me conserva no seio da igreja. Não obstante o desejo que têm os hereges de chamar-se catholicos, se, chegando á uma cidade, lhes perguntardes onde está a igreja, o templo dos catholicos, elles não vos indicarão o lugar onde elles se reúnem. Elles immediatamente disignam o nosso templo, por quanto não seriam comprehendidos, se não lhes dessem os nomes, que todos lhes dão. Todo o catholico romano pode repetir esta sabia expressão de São Paciano. Christão é o meu nome, catholico é o meu sobrenome. O qualificativo de catholica foi dado á nossa Igreja logo no começo das primeiras heresias, para assim mostrar que os hereges apartavam-se da crença commum e universal.

Convem explicar aqui o verdadeiro sentido duma expressão de São Jeronymo, de que muito abusam os que combatem a catholicidade de nossa Igreja. Quando esse grande e sabio Santo disse que o mundo admirou-se de ser considerado ariano, a razão foi, porque o Imperador Constancio, illudidos e atemorizados, obrigou todos, sem saber e sem querer a assignar a ambigua formula ariana.

A apostolicidade da Igreja romana é um facto historico, que de boa fé por ninguem poderá ser contestado. Ella tem fielmente, sem a minima alteração, nem interrupção, conservado a doutrina, o ministerio e o governo apostolicos; mantem uma perfeita e completa successão em tudo, e desde

os apóstolos até nós. Não se consente, nem se tolera a menor inovação. Toda e qualquer mudança foi sempre promptamente denunciada, condemnada e severamente castigada. Nada innova-se em contrario ao que nos foi transmittido pela tradição, responde o Papa Santo Estevão aos que o consultavam sobre a validade do baptismo conferido pelos hereges. Os que são instruidos nas sagradas letras não toleram que se corte nem uma syllaba dos dogmas divinos; e não hesitam, se necessario for, entregar-se a todo genero de morte pela defesa de sua integridade. Não houve, nem mesmo tem podido haver alteração alguma, nem quanto ás verdades, nem quanto á jurisdicção. Ahi está a historia para nos certificar que todo o que tem tentado negar um ponto de doutrina, tem sido immediatamente condemnado como hereje; e todo o que se tem insubordinado contra a legitima autoridade, tem sido castigado como schismatico. Tanto um, como outro, é pela excommunhão eliminado do gremio da Igreja. Ario, Nestorio, Eutyches, Phocio, Lutero, Henrique VIII nos offerecem provas evidentes do que asseveramos.

No quinto seculo dizia Santo Agostinho: O que me conserva na Igreja catholica é a successão dos sacerdotes desde a propria séde de Pedro até o presente episcopado; e como prova dessa successão enumera a serie de Pontifices romanos até Innocencio primeiro, declarando os nomes de 42 Papas, que até então tinham occupado a Sé romana.

No segundo seculo dizia Santo Irineu: "A fé pregada aos homens nos tem sido transmittida pela successão continua dos bispos da Igreja, fundada em Roma pelos illustres apóstolos, São Pedro e São Paulo. Esta Igreja excede ás outras todas por sua autoridade, antiguidade, graduação e dignidade. Appellamos para este facto para confundir os que, por orgulho ou cegueira, espalham falsas doutrinas, porquanto os verdadeiros fieis adherem ao ensino das Igrejas, que têm conservado a tradição apostolica toda inteira.»

Agora mesmo poderiamos, por nós mesmos, verificar perfeitamente a apostolicidade de nossa Igreja. Se subirmos a corrente duma successão, nunca, nem de leve, nem por um momento interrompida, dos actuaes verdadeiros catholicos chegaremos aos primeiros fieis, instruidos pelos apóstolos; dos actuaes sacerdotes chegaremos aos setenta e dois discipulos, auxiliares dos apóstolos; dos actuaes bispos chegaremos aos proprios apóstolos; e, enfim, do actual Pontifice Romano, o grande e glorioso Benedicto XV, chegaremos a São Pedro, o chefe do apostolado, constituido por Jesus Christo. Eis tudo quanto a este respeito nos conta a historia e nos dá como certo.

Na formação de novas dioceses não se interrompe a successão, quanto á jurisdicção apostolica. Se o territorio da nova diocese é desmembrado do de alguma outra, o bispo nomeado succede na parte desmembrada ao bispo da diocese, de que foi desmembrada; se o territorio da nova diocese não é desmembrado do de alguma outra diocese, o primeiro bispo incorpora-se á successão do Papa, que o nomeou, e assim participa da sua apostolicidade. O bispo recebe de Deus a jurisdicção radical, e recebe do Papa a actual pela determinação do territorio, em que deve exercer a sua jurisdicção.

A definição dum dogma em nada offende a successão, quanto ao ensino. Nessa definição não ha, nem criação, nem mesmo invenção duma nova doutrina; porem apenas solemnemente se determina que tal verdade seja firmemente acreditada por todos, porque evidentemente se verificou que ella, não só foi revelada por Deus, mas é professada por toda a Igreja, ensinante e ensinada. A definição dogmatica equivale á promulgação da lei, que, embora decretada, ainda não está em execução; e só nella entra depois de ser isto solemnemente ordenado pela competente autoridade. Como acabamos de ver, a doutrina catholica é immutavel, mas dali não devemos concluir que ella seja immovel e portanto incapaz de progredir. A immutabilidade é uma perfeição; a immobilidade é um defeito. O sol é immutavel, mas não é immovel; o cadaver é immovel, porque é inerte, e é mutavel, porque se decompõe. A doutrina catholica não muda, porque é perfeita, e mesmo por ser perfeita pode progredir. Os dogmas, permanecendo sempre os mesmos, progridem recebendo novas provas, tornando-se mais conhecidos, tendo novas applicações, e assim mais e melhor poderão concorrer para nossa santificação.

A Igreja romana é santa, porque nos offerece verdadeiros e poderosos meios de santificação, e porque em seu seio tem verdadeiros santos. A sua doutrina condemna tudo quanto é vicioso, criminoso, peccaminoso; e ao mesmo tempo ordena tudo quanto é recto, justo e virtuoso, e até mesmo recommenda e aconselha tudo quanto é perfeito e santo. Todos os sacramentos que ella administra são canaes, pelos quaes Jesus Christo quer nos communicar os merecimentos infinitos de sua paixão e morte. Ella ordena que todos os fieis, ao menos uma vez por anno, recebam os sacramentos da cofissão e da communhão que são poderosissimos elementos de santificação; e ainda não contente, ella pede e insta para que todos os que puderem recebam esses dois santissimos sacramentos com toda frequencia. As suas ceremonias, as suas orações, todos os seus actos de reli-

gião, piedade e devoção, despertam em nossa alma pensamentos, desejos, affectos, que convidam, chamam, impellem para a santificação. Todos esses meios santissimos, bem empregados, devem produzir, como de facto têm produzido e continuam a produzir verdadeira santidade. Porque só ella tem e offerece esses meios, e tambem só em seu seio é que se formam verdadeiros santos.

As outras associações religiosas têm homens honrados, probos, mas só duma honradez e probidade natural ou social; porem santos na genuina expressão dessa palavra, não têm; não têm mesmo nenhum, nem nunca os tiveram. Ella só pode ufanar-se de possuir verdadeiros santos em todo genero ou especie de virtudes. Ella tem santos pela virtude da pureza, da humildade, da pobreza, da paciencia, da obediencia, da mortificação e penitencia; porém ella tem principalmente heroes de santidade relativamente á essa virtude, que todos unanimemente exaltam, engrandecem e decantam, que é a caridade. E' unicamente entre os seus filhos que admiramos um São Paulino de Noli, que se fez captivo para livrar do captiveiro o filho duma viuva; um São Vicente de Paulo, que se entregou á pena de galés para della eximir um importante pai de familia; um São Luiz, rei de França, que descia de seu throno, depunha sua coroa e seu sceptro, para ir tratar dos enfermos nos hospitaes; uma Santa Izabel, rainha de Hungria, que renunciou á realeza, fez-se irmã terceira de São Francisco, e foi ser enfermeira, e que, não só curava, mas ainda beijava as ulceras nojentas dos leprosos. Ella só é que tem o privilegio de formar as Irmãs de Caridade, jovens que muitas vezes abandonam as riquezas, os prazeres, as grandezas, para empregar todo o tempo de sua vida em alliviar as dôres, enchugar as lagrimas dos infelizes; e em dispor e preparar almas para comparecerem purificadas diante de Deus.

Esta santidade dos filhos da Igreja catholica não é ficticia, convencional ou improvisada; é real, porque é confirmada pelo testemunho de Deus, que opéra estupendos milagres para justificar a doutrina e a conducta dos que por ella são solemnemente proclamados santos. Os ignorantes julgam que a Igreja faz santos por empenho dos seus parentes e protectores, ou por mero capricho, ou com o intuito de ganhar adeptos; mas esse juizo, se não é calumnioso, é pelo menos inteiramente falso. Para que um catholico seja declarado santo, é indispensavel que seja perfeitamente verificado que Deus, por sua intercessão, ou em seu favor, operou, pelo menos, cinco milagres dos de primeira ordem; e essa verificação é muito minuciosa e rigorosissima.

No processo de canonização de São Francisco de Regis um milagre aceito por um protestante, foi recusado pela Sagrada Congregação; e no de São Vicente de Paulo os milagres, considerados por um protestante como verdadeiramente authenticados, foram pela Sagrada Congregação julgados como insufficientemente provados, devendo-se proceder a novas investigações e exames das provas. E' tão certo que os Santos da Igreja Catholica são verdadeiramente santos, que até os proprios protestantes reconhecem como verdadeiros santos São Boaventura, São Bernardo, São Francisco Xavier.

Pelo que fica exposto clara e logicamente se deduz que a Igreja romana possui as quatro notas que caracterizam a Igreja fundada por Jesus Christo, e que a distinguem perfeitissimamente de qualquer outra sociedade religiosa. Todos os Santos Padres, tão notaveis por suas virtudes, intelligencia e saber, attestam e decantam a sua verdade, utilidade, necessidade e divindade. De toda essa numerosa e brilhante pleiade de santos e genios citemos apenas tres, cuja competencia ninguem seriamente poderá pôr em duvida. Santo Hilario dizia que a Igreja era a bocca do proprio Jesus Christo. São Cypriano asseverava que todo aquelle que não quizesse ter a Igreja como sua mãe, não teria Jesus Christo como seu bom pai. Santo Agostinho assim exclamava: O templo santo de Deus é a Igreja uma, verdadeira, santa, catholica, que combate todos os erros, todos os vicios, e que tem sido e será sempre combatida, mas que nunca será vencida. Terminemos com esta sensata e criteriosa ponderação, que muito deve pezar sobre o animo prevenido dos insuspeitos: A Igreja Romana é verdadeira e divina, entre outras poderosissimas razões, porque a sua doutrina ensina e defende, como é notorio, uma moral universal, que convem a todos os climas, a todos os povos de todos os tempos; moral completa que abraça todas as virtudes e repelle todos os vicios; moral uniforme, pois todas as suas partes ligam-se e formam um todo, e prestam-se, uma á outra, uma força mutua e poderosa. Se depois de tudo quanto Deus tem feito em favor da Igreja romana fosse falsa e nos ensinasse o erro, poderíamos exclamar com Ricardo de São Victor: Senhor, se a nossa fé é falsa, fomos por Vós enganados, porque ella é comprovada por milagres, que só vós podeis operar.

Decima segunda Instrução.

O Papa.

Jesus Christo estabeleceu uma sociedade, a que deu o nome de Igreja. Não ha sociedade sem governo, e nem governo sem um chefe supremo. Jesus escolheu entre os seus discipulos doze, que chamou apóstolos, que quer dizer *enviados*, para formar o seu governo; e entre os doze escolheu Pedro para ser o chefe soberano de toda a sua Igreja. Primeiramente elle annunciou que lhe mudaria o nome de Simão para Pedro; e mais tarde cumpriu o que tinha antes annunciado. Quando fez essa mudança, declarou que era sobre a pessoa de Pedro que edificaria a sua Igreja. Disse Jesus a Simão: *Sois Pedro, e sobre esta pedra eu edificarei a minha Igreja*. Depois declarou a Pedro que lhe havia de dar as chaves do reino do céu, e que tudo quanto elle ligasse sobre a terra, seria ligado nos céos; e tudo quanto desligasse aqui na terra, seria desligado nos céos. Nas vespas de sua paixão encarregou a Pedro de confirmar na fé os seus irmãos no apostolado. Até aqui eram apenas promessas, que infallivelmente teriam a sua completa realização. Depois de sua gloriosa resurreição, perguntando por tres vezes a Pedro se o amava, e tendo sempre respostas affirmativas e terminantes, deu-lhe a investidura de chefe supremo de sua Igreja por estas tão memoraveis palavras: *Apascentai os meus cordeiros, apascentai as minhas ovelhas*. Notemos que sempre que no Evangelho se faz referencia aos Apóstolos, Pedro é sempre o primeiro designado, embora não seja o mais velho, nem o primeiro que foi chamado ao Apostolado; e que, em todas as circumstancias, é elle sempre o primeiro, que falla e age. Notemos ainda que foi unicamente a Pedro que Jesus mudou o nome; estabeleceu fundamento de sua Igreja: confiou singularmente o poder das chaves; deu particularmente a facultade de ligar e desligar; a incumbencia de confirmar na fé e de apascentar todo o seu rebanho. Os outros apóstolos receberam tambem de Jesus Christo prerogativas e poderes extraordinarios, porque tinham de concorrer para a fundação definitiva da Igreja.

Eram todos, como Pedro, confirmados na graça, infalliveis, tinham o dom dos milagres e autoridade suprema, porém a sua missão era extraordinaria quanto a esses poderes soberanos, necessarios só para essa occasião, e por isso não passariam aos seus successores; ao passo que as supre-

mas prerogativas de Pedro eram devidas ao seu cargo, e, portanto, ordinarias, e, como taes, deviam passar aos seus legitimos successores.

E' um facto historico que São Pedro fundou e regeu, como Bispo a Sé de Roma, e ahi morreu exercendo esse cargo. Para provar esse facto incontestavel poderiamos citar innumeros e notabilissimos historiadores, dignos de toda a fé; porem nos contentamos de invocar apenas tres auctoridades, que valem por mil, porque por ninguem poderão ser averbadas de paixão, interesse, suspeição. O protestante Herder (*Philosophia da historia do genero humano*) diz: — São Pedro morreu martyr em Roma. Outro lhe succedeu; e ha toda certeza que até hoje não tem sido interrompida a successão.

O sabio protestante Baratier, em sua *chronologia dos Bispos de Roma*, faz a seguinte e terminantissima asseveração: Seria loucura negar que São Pedro estivesse em Roma, onde estabeleceu essa egreja, que elle rehabilitou com o seu sangue. O sabio protestante Basnq Arnon, *Eccles.* 62, se expressa a esse respeito pelo seguinte modo: Quem ousasse negar esse facto, isto é, que São Pedro foi bispo de Roma, e ahi morreu no exercicio desse cargo, destruiria todos os fundamentos da credibilidade historica.

E' principio corrente de direito, principio indicado pelo bom senso e sancionado pela praxe universal de todos os tempos, que o que succede no emprego, succede tambem nos encargos, nos deveres, nos direitos, nas prerogativas e em todos os poderes. Como já notamos os apóstolos todos tiveram poderes soberanos, mas extraordinarios, só como fundadores da Egreja, e como taes com elles cessaram pela morte; tiveram tambem poderes ordinarios e estes unicamente são os que passam a todos os bispos, seus successores. Os poderes soberanos de São Pedro, porque eram annexos ao seu posto de chefe supremo de toda a Egreja, são todos ordinarios, e passam aos seus successores. A Egreja sempre considerou o bispo de Roma, legitimamente eleito, como legitimo successor de São Pedro, e como tal verdadeiro e soberano chefe da Egreja de Jesus Christo. Todos os Santos Padres são unanimes em sustentar esta doutrina. Indiquemos unicamente os que a respeito foram mais expressivos e terminantes.

Santo Ireneu, que viveu no 2.^o seculo, dizia: Em todas as duvidas deve-se recorrer á Egreja de Roma por causa do soberano principado.

São Cypriano, que viveu no 3.^o seculo, dizia: A primeira Cathedra por ninguem é julgada. Compara a Egreja ao sól, que tem muitos raios e um só fóco; á arvore, que tem muitos ramos, e um só tronco.

Santo Ambrosio, que viveu no 4.^o seculo, dizia : Onde está o Papa, ahí está tambem a Igreja.

São João Chrysostomo, que viveu no 4.^o seculo, liv. 2.^o de sacerdot., dizia : Quando Jesus confiou a Pedro o governo e o cuidado de todas as suas ovelhas, o confiou tambem a todos os seus legitimos successores.

Santo Agostinho, que viveu no 5.^o seculo, fallando sobre a decisão proferida pelo Papa na causa dos pelagianos, disse : Roma fallou ; a causa está terminada.

São Pedro Chrysologo, que viveu no 5.^o seculo, dizia, explicando o texto do Evangelho : *Pasce oves meas* : Pedro, que em sua propria séde vive e preside, ministra aos que procuram a verdade da fé.

São Francisco de Salles identificava o Papa com a Igreja, e assim dizia : O Papa e a Igreja é a mesma coisa. Fechemos estas citações com as palavras terminantes do grande Santo Thomaz : São Pedro foi nomeado vigario de Jesus Christo ; e o soberano Pontifice é o successor de São Pedro no mesmo poder, que lhe deu Jesus Christo. Ao Summo Pontifice pertence determinar o que é de fé. E' necessario para a salvação prestar obediencia ao Pontifice romano.

Não obstante essas asseverações tão claras e terminantes, os inimigos da Igreja fazem objecções contra a soberania do Papa ; porem todas são com a maior facilidade completamente dissipadas.

Objectam que Jesus não disse : Tu és pedra, e sobre esta pedra eu edificarei a minha Igreja ; mas disse : Tu és Pedro, e sobre esta pedra. Responde-se que no Syro-chaldaico, em que Jesus fallava, a palavra *cephas* quer ao mesmo tempo dizer Pedro, nome proprio, e pedra, nome commum. E' o que se dá tambem no francez, em que a palavra *pierre* significa Pedro e significa Pedra. Assim Jesus disse : Tu és *cephas* e sobre este *cephas* eu edificarei a minha Igreja. O Evangelho, do chaldaico foi traduzido para o grego, em que a palavra pedra é expressa tanto por *petros*, como por *petra* ; e São Jeronymo fazendo a traducção do grego para o latim, empregou em primeiro lugar o masculino *petros* e em segundo lugar o feminino *petra*. Se elle traduzisse para o francêz, teria imitado a phrase chaldaica e teria escripto : *Tu es Pierre et sur cette pierre je batirai mon église.*

Objectam que Santo Agostinho disse que a pedra era Jesus Christo. Responde-se que Santo Agostinho, dizendo figuradamente que a pedra era o Christo, não exclue a explicação natural, que entende que Pedro era a pedra, tanto que na interpretação do Psalmo 69 elle diz o seguinte : *Pe-*

dro foi chamado pedra, quando confessou que Jesus era Filho de Deus; foi chamado pedra sobre a qual seria edificada a Igreja. Objectam que São Paulo diz que Jesus é o *fundamento primario*. Responde-se que é o fundamento primario, sem exclusão do fundamento *secundario*, que é Pedro, que d'elle fundamento *primario* tira toda a sua força e virtude. São Leão (em seu terceiro sermão sobre o anniversario de sua exaltação), collocando-se no lugar de Jesus, quando dirigia-se a São Pedro, assim se expressa: Eu sou o fundamento, alem do qual ninguem póde pôr outro; comtudo vós tambem sois *Pedra*, porque pela minha virtude vos fortificais, de modo que, relativamente ao poder, todas as cousas que me são proprias, vos são communs por participação commigo. *Ego fundamentum propter quod nemo potest aliud ponere; tu tamen quoque Petra es, quia mea virtute solidaris, et quia mihi potestate sunt propria sint tibi mecum participatione communia.* Objectam que a Escrip-tura diz que todos os apóstolos são fundamentos da Igreja. Responde-se que são, mas não no mesmo sentido, que Pedro. Elles tiveram o poder geral e plenissimo de reger a Igreja, porem somente extraordinario e delegado; e só Pedro, como Pastor universal, teve poder ordinario, não só sobre os fieis, mas ainda sobre os mesmos apóstolos, de que era chefe. Assim Pedro é o fundamento ministerial em relação a Jesus Christo, a quem está subordinado; mas é fundamento principal relativamente aos outros apóstolos, que a elle Pedro estão subordinados. Objectam que São João Chrysostomo diz que a palavra *pedra* refere-se, não a Pedro, mas unicamente á sua fé e á sua confissão. Responde-se que refere-se á fé, não em abstracto, mas em concreto, isto é, a Pedro firme na fé. Assim, em vez de dizermos: Eu nelle confio, porque é leal; dizemos simplesmente: Eu confio na sua lealdade.

Objectam que Santo Agostinho diz que, quando Jesus deu as chaves a São Pedro elle representava a Igreja. Responde-se que representava a Igreja, não como procurador, mas como supremo pastor, assim como o chefe, dono da casa, representa toda a familia.

A tudo quanto já se tem objectado e ainda se possa objectar para enfraquecer, ou obscurecer essa verdade fundamental, o Primado Romano, respondemos que não ha argumentação tão forte e irresistivel como a dos factos. Elles fallam mais eloquentemente, que todos os outros argumentos, e confundem todas as objecções e sophismas, por mais ardilosos que sejam. A Igreja ensinada, os Padres, os Doutores, emfim todos os catholicos sempre reconheceram o Bispo de Roma como o soberano chefe da Igreja; e em

todas as duvidas e contendas procuraram conhecer o seu juizo; e as suas decisões foram sempre e por todos acatadas como a legitima e genuina expressão da verdade. ensinada aos homens por Deus.

No fim do primeiro seculo houve uma grande perturbação entre os christãos. em Corintho; e os que se julgavam prejudicados e offendidos, deixavam tão perto, em Epheso, o Apostolo São João Evangelista, e dirigiam suas reclamações para Roma, a São Clemente, terceiro successor de São Pedro. O Bispo de Roma, dando suas determinações para restabelecer a ordem que immediatamente foi restabelecida, fez conhecer a ordem hierarchica, estabelecida na Igreja, de que elle é o chefe: «*Cada um, pondera elle em suas instrucções, tem seu posto e suas funcções, o bispo, o sacerdote, o levita, o leigo; e cada um deve cuidar unicamente daquillo que lhe compete. Deste modo reina a ordem; e tal é o remedio a dar ao mal que se tem produzido em Corintho.*» Por seu mandado foram restabelecidos em seus cargos os sacerdotes, que delles tinham sido depostos, e que a elle, Bispo de Roma, tinham recorrido.

No meado do segundo seculo São Polycarpo, bispo de Smyrna, deixa todos os bispos da Asia Menor, e vem á Roma, conferenciar com o Papa, Sto. Aniceto, sobre o tempo em que devia celebrar a Paschoa, dando assim uma prova da supremacia do bispo de Roma sobre todos os outros bispos. Toda essa questão versava sobre a divergencia, que havia sobre o verdadeiro dia, em que deveria ser commemorada a paixão do divino Redemptor. Os judeus a celebravam no dia 14 de Março. A principio os christãos orientaes acompanhavam nisto os judeus, mas isto trazia os seguintes inconvenientes: Interrompia o jejum, comendo-se o Cordeiro paschal ainda em dia de quaresma: fazia celebrar a resurreição em dia de semana: e fazia com que, quando uns estavam tristes, outros já estavam na alegria. Então o Papa, para remover esses inconvenientes, e harmonizar todos sobre essa tão importante solennidade, determinou que todos celebrassem a Paschoa, como já faziam os occidentaes ou latinos, no primeiro domingo, depois da primeira lua cheia, que viesse depois do dia 21 de Março e antes do dia 26 de Abril. Eis o que até hoje é obersvado por todos os catholicos.

No meado do terceiro seculo suscitou-se uma grande duvida entre os varios bispos do Oriente sobre a validade do baptismo, conferido pelos hereges, mesmo celebrado com a forma e a materia devidas. Uns o julgavam nullo, outros valido. Foi então consultado a respeito o Papa, Sto. Estevam, que decretou a validade do baptismo em questão; e a

sua decisão continúia até hoje a ser acatada por todos os catholicos.

No fim do quarto seculo appareceu um schisma entre Vital, Paulino e Melecio, bispos da Africa. Cada um delles procurava attrahir São Jeronymo ao seu partido, porque a sua adhesão traria muita força, em vista do seu grande renome de sabio e de santo. Elle, porém, não se pronunciando em favor de nenhum, apenas declarava que estaria ao lado daquelle que estivesse em perfeita união com o bispo de Roma; e escreveu immediatamente ao Papa São Damaso expondo o caso e dizendo-lhe: *Eu não estou com nenhum delles, mas estou com Vossa Santidade; uno-me á essa cadeira que considero ser a pedra inabalavel, sobre a qual Jesus Christo edificou a sua Igreja.*

Sempre e em toda parte e sobre todas as contendadas religiosas o Papa foi sempre ouvido, consultado como arbitro supremo, e a sua ultima decisão foi sempre e por todos conscienciosamente acatada; e não pode mesmo ser de outra sorte. Segundo o Evangelho, Jesus Christo estabeleceu um soberano para reger toda a sua Igreja. O unico que se apresenta, e é considerado como tal, é o Pontifice Romano. Portanto, se elle realmente não o fosse, não haveria mais nenhum, que fosse tal; entretanto um o deve necessariamente ser.

Se Jesus deu um chefe á sua Igreja, quando elle era menos necessario, no tempo dos apostolos, que eram todos confirmados na graça, infalliveis e tinham o dom dos milagres; por nada deixará extinguir-se essa suprema autoridade, quando ella é um unico meio indispensavel para conter e extirpar as heresias e os schismas.

Quando mesmo se pudesse provar que São Pedro não teve Séde particular, em nada ficaria em duvida a soberania do Papa; porque, se elle não foi, como falsamente pretendem os nossos adversarios, bispo de Roma, pelo menos indicou essa cidade para séde do seu successor no governo de toda a Igreja. Em summa basta demonstrar-se o seguinte:

- 1.º Jesus estabeleceu um Primado.
- 2.º Quiz que esse primado fosse perpetuo.
- 3.º A Igreja toda tem sempre reconhecido o Primado na séde romana. Os dois primeiros pontos estão claramente exarados no Evangelho; o terceiro é um facto notorio, confirmado pela historia.

O Papa, alem de ser o soberano da Igreja, é o mestre que sempre ensina a verdade, porque é infallivel. Não ha nenhuma sociedade, cujo chefe não deva ter o direito de infallibilidade para assim poder conservar a ordem e o respeito, manter a paz e a harmonia. O chefe de familia é

considerado infallível, porque as suas decisões sobre o bom governo domestico devem ser acceitas por todos da casa. O director d'uma universidade ou academia é infallível, porque os por elle diplomados devem ser considerados aptos para exercerem a sua arte ou profissão. O ministro do supremo tribunal de justiça é infallível, porque a sua ultima decisão deve ser respeitada como a genuina expressão da lei. E o Papa, o chefe d'uma sociedade perfeitissima, deverá ser o unico que não gosa desse privilegio? Elle é infallível, não d'uma infallibilidade meramente convencional, como a dos chefes de todas as sociedades profanas; mas d'uma infallibilidade real, porque elle é sempre inspirado por Jesus Christo, que lhe prometeu esse dom quando disse: Eu estarei convosco todos os dias até a consummação dos seculos.

Origenes (in Havit in Math. 16) diz: Se Pedro pudes-se ensinar o erro, as portas do inferno prevaleceriam contra elle, e portanto sobre a Igreja universal, que é fundada sobre a sua pessoa.

Não insistimos em provar a infallibilidade do Romano Pontifice, porque hoje já é um dogma de fé, definido pelo Concilio do Vaticano; e assim os que lhe negarem esse privilegio, deixam de ser filhos da Igreja e tornam-se hereges. Convem unicamente saber-se em que consiste e sobre que versa a infallibilidade pontificia.

1.º O Papa é infallível unicamente quando falla na qualidade de chefe supremo da Igreja; mas fallando como particular, pode errar.

2.º E' infallível unicamente quando falla a toda a christandade; mas fallando a particulares, pode errar.

3.º E' infallível unicamente quando declara que uma doutrina foi revelada ou uma lei foi imposta por Deus; e tambem quando affirma que tal doutrina é contraria á doutrina revelada por Deus, e que tal lei ou actos são contrarios á lei de Deus.

4.º E' finalmente infallível unicamente quando a decisão tem o caracter d'um acto legislativo, que impõe a todos o dever de firmemente considerar uma doutrina como verdadeira, ou como contraria, inteiramente, á doutrina verdadeira; devendo ainda a decisão ser definitiva, irreformavel e lavrada para sempre. Uma só destas condições não se realizando, elle deixa de ser infallível e pode errar.

Convem tambem não confundir-se infallibilidade com impeccabilidade, que são cousas inteiramente diversas. Assim o Papa nas condições supra não pode errar, entretanto elle, como qualquer outro homem, pode sempre peccar. Com

as razões supra pulverizam-se todas as objecções feitas por nossos adversarios contra a infallibilidade do Papa.

Dizem elles que o Papa João XXII errou quando asseverou que os justos, só depois do juizo universal, entrariam no céo. Elle fallou como mero particular e particularmente, nada absolutamente definindo como autoridade: e antes de morrer com toda humildade retractou-se.

Apresentam tambem como uma prova contra a infallibilidade a desintelligencia que houve entre São Paulo e São Pedro, relativamente aos gentios. O facto é o seguinte, que minima relação tem com a infallibilidade. São Pedro, que antes comia com os gentios, deixou de o fazer depois da chegada dos judeus, vindo de Jerusalem; e desde então só comia com os judeus, e dava a entender que as observancias legaes, como a circumcisão, eram obrigatorias. São Paulo pensando haver nesse procedimento de São Pedro motivo de escandalo, o reprehendeu como seu collega e irmão, e ainda mais porque zelava da sua suprema autoridade. São Pedro temeu que os judeus fugissem d'elle; São Paulo temeu que os gentios ficassem descontentes com elle. Cada um procurou defender os seus afeiçoados. Modos contrarios de pensar, havendo boa fé e zelo de parte á parte.

Allegam tambem como contrario á infallibilidade o facto de Jesus ter reprehendido a Pedro, chamando-o de satanaz, quando este o procurava dissuadir de soffrer e morrer pelos homens. Jesus apenas reprovou o zelo indiscreto de Pedro, e o qualificou de satanaz, que significa na Escrip-tura *contrario*, porque elle tentava contrariar seus santos designos e desejos de soffrer e morrer pelos homens. Demais, então São Pedro ainda não era o chefe supremo da Igreja. Em quanto Jesus esteve no mundo, era elle o chefe visivel de sua Igreja; e só depois que subiu ao céo, é que deixou de ser chefe visivel, para ser sempre chefe invisivel por suas inspirações e auxilios divinos, sendo então que S. Pedro começou a ser chefe ministerial e visivel. Como estas são todas as outras objecções, que contra a infallibilidade fazem os nossos gratuitos e rancorosos adversarios.

A principio o Papa era eleito pelo clero e pelo povo; foi no anno de 1274 que Gregorio X estabeleceu a eleição pelo conclave, como até agora tem sido observado. O Papa, cuja eleição é duvidosa, não é verdadeiro Papa até que a duvida seja dissipada ou a eleição seja ratificada pela Igreja. Se São Pedro não tivesse tomado para si uma Sé, seria seu legitimo successor aquelle que fosse eleito pela Igreja herdando todos os seus poderes e privilegios. Quando a eleição for nulla, pode ser ratificada pela acceitação de toda a Igreja; e então o eleito de illegitimo torna-se legitimo.

Quando for nulla por causa do eleito ter sido invalidamente baptizado ou ordenado, ha então uma simples vacancia, e nesse caso, conforme o direito, durante todo o tempo da vacancia, a Egreja suppre a jurisdicção. E' doutrina corrente que o Primado não pode ser transferido para outra diocese; mas não é um dogma de fé. Na hypothese de desaparecer a cidade de Roma, assim mesmo ainda continúa a legitima successão dos Bispos de Roma. Porque um Papa deixe por algum tempo de residir em Roma, nem por isso deixa de ser chefe da Egreja. Um rei não perde a sua realza, só porque temporariamente foi residir em outra cidade, mas dentro dos limites do seu reino. Assim tambem o Papa, que governa o mundo inteiro, pode ir temporariamente residir onde muito bem julgar conveniente, sem por isso perder o seu soberano privilegio de chefe da Egreja. Quando houve varios Papas, um seria legitimo. No schisma do occidente toda a duvida versava unicamente sobre quem era o legitimo representante do poder, pois todos acreditavam que só um era o legitimo successor de São Pedro. Havia unicamente duvida sobre o facto, nenhuma sobre o direito. Na propria hypothese de todos os pretendentes serem nullos, havia apenas, como acima dissemos, uma vacancia, e não interrupção de successão do poder divino, porque a Egreja suppria a jurisdicção. Diante destas noções clarissimas do direito caem por terra todas as objecções contra a soberania do Pontifice Romano e sobre toda a Egreja.

No tempo de Moysés havia duas egrejas, a dos judeus, que, criam na vinda do Messias e que faziam profissão de viver segundo a lei mosaica, e formavam a egreja judaica, chamada Synagoga; e a dos gentios, que esperavam tambem um redemptor e se conduziam segundo os principios da lei natural. Quando estes abraçavam o judaismo, eram obrigados a observar toda a lei de Moysés, e assim tornavam-se membros da Egreja judaica. Mas os que não professavam a lei de Moysés, não deixavam por isso de ser verdadeiros fieis, e de pertencer á Egreja universal. E' por essa razão que no templo de Jerusalem havia um lugar destinado só para os gentios, que ahi vinham fazer suas orações; e esse lugar era separado por um muro de divisão do compartimento, em que se reuniam os judeus. Eram duas egrejas independentes; unidas, porem, quanto ao seu fundamento e essencia, e diversas unicamente quanto ás ceremonias exteriores do culto. Era como um reino, que é o mesmo, embora em suas diferentes provincias haja leis particulares, apropriadas aos lugares e aos tempos. Este era o estado da Egreja militante antes da vinda de Jesus Christo; e depois não houve mais differença, quanto a Deus, entre judeus e gentios. Assim a

união de governo é instituição de Jesus Christo, necessaria no tempo, em que o genero humano esteve completamente desenvolvido, para assim formar uma religião universal.

Para corroborar e completar tudo quanto fica dito e provado em favor do Primado romano, vamos ainda apresentar duas provas clarissimas e duma força extraordinaria e invencivel. Primeiramente é um facto historico que Deus tem permittido que algumas egrejas particulares, fundadas pelos apostolos, cahissem em algum erro ou pelo menos soffressem alguma duvida em sua successão; mas não consentiu nunca que o mesmo acontecesse á Sé de Pedro. E' clarissimo que Deus assim tem procedido para fazer constatar miraculosamente a supremacia e a apostolicidade da Igreja Romana, por elle especialmente protegida. E' ainda um facto historico que em todos os tempos, desde os apostolos até o presente, tem sempre apparecido innumeraveis catholicos illustres e distinctissimos por sua intelligencia, por seu saber e principalmente por suas sublimes e heroicas virtudes, que ensinaram, defenderam, acataram a soberania do Pontífice Romano. Eis a resumidissima lista de alguns, que pertencem á essa brilhantissima phalange.

Primeiro seculo. Santo Ignacio e São Dionysio, o sabio areopagita de Athenas, primeiro bispo de Pariz. Segundo seculo. Santo Ireneu e São Justino. Terceiro seculo. São Cypriano, martyr. Quarto seculo. Santo Ambrozio, São Basilio, São Cyrillo de Jerusalem, São Gregorio Nazianzeno, São João Chrysostomo. Quinto seculo. Santo Agostinho, São Jeronymo, S. Cyrillo de Alexandria. Sexto seculo. São Bento, São Fortunato, São João Climaco. Septimo seculo. Santo Ildelfonso, São João Esmoler. Oitavo seculo. O veneravel Beda, São Bonifacio. Nono seculo. São Macario, São Methodio, São Prudencio, São Theodoro. Decimo seculo. Santo Odilão e Santo Odon. Decimo primeiro seculo. Santo Anselmo, São Bruno. Decimo segundo seculo. São Bernardo, São Norberto. Decimo terceiro seculo. São Boaventura, Santo Thomaz. Decimo quarto seculo. São João Nepomuceno, São Nicoláu Tolentino, São Bernardino de Sena, São João Capistrano, São Lourenço Justiniano. Decimo quinto seculo. Santo Antonino, São Vicente Ferrer. Decimo sexto seculo. São Carlos Borromeu, Santo Estanisláu Costa, São Francisco de Borgia, Santo Ignacio de Loyola, São João da Cruz, São Luiz Gonzaga, São Pedro de Alcantara, São Thomaz de Villa Nova, São Francisco Xavier, o grande conquistador das Indias. Decimo setimo seculo. São Francico de Regis, São Francisco de Sales, São Pedro Claver, São Vicente de Paulo. Decimo oitavo seculo. Santo Affonso de Ligorio.

Nota. Muito de proposito indicamos maior numero de Santos no decimo sexto' seculo, porque então é que Lutero, para justificar a sua rebeldia, asseverou que a doutrina de Jesus Christo tinha sido corrompida pelos padres e principalmente pelos Papas. O desmentido é eloquentissimo.

Decima terceira Instrucção.

Accusação contra a Egreja. Os mysterios.

A Egreja, dizem, impõe a crença em mysterios absurdos, contrarios á razão. Ou é perversão, ou falta de comprehensão. Mysterio é uma verdade ou um factio que pôde ser perfectamente conhecido, e que não pode ser comprehendido. Elle está acima da razão, mas não é contrario á razão, tanto que é relativo ao lugar, á pessoa, ao tempo. Se um habitante da Russia disser a um do Guiné que pelo frio a agua torna-se tão dura e solida, como a pedra; este lhe responderá, que não acredita, que é um mysterio. Se um homem instruido, disser a um ignorante que o sol é immensamente maior que a terra, e que a terra está circulando constantemente e com grande velocidade; este lhe responderá que não acredita, que é um mysterio. Se a cem annos atraz se dissesse que podia-se conversar com uma pessoa a vinte legoas de distancia, e ouvir tudo perfectamente, distinguindo-se até o metal de vóz; diriam que não acreditavam e que era um mysterio. O que prova que podemos conhecer sem comprehender. Para comprehender uma verdade é preciso perceber todo o nexio entre o sujeito e o predicado e todas as suas relações com as outras verdades. Para se comprehender um ente, é necessario perceber todas as suas propriedades, e as relações das propriedades entre si e entre a natureza do mesmo ente. Para se comprehender um factio, alem de conhecer a sua realização, é ainda necessario saber como e porque elle se realizou. Tudo isso excede ás forças da nossa razão. Para conhecer-se uma verdade, se ella não é de si evidente, basta perceber-se a sua relação logica de identidade com uma verdade evidente ou já demonstrada. Isso conseguimos pelo raciocino. Para conhecer-se um ente, basta perceber-se uma das suas propriedades, pela qual elle possa se distinguir de outros entes. Para se conhecer um factio, basta observar-se a sua realização.

A verdade, o ente, o facto ainda podem ser perfeitamente conhecidos pela informação segura de pessoas competentes e fidedignas. Não acreditar, porque não conhece por si mesmo ou porque não viu, não observou, é insensatêz. Guiados pela natureza somos obrigados a viver de fé. Cremos em nossos pais, em nossos mestres; e que estes, e não aquelles, são nossos pais; cremos nos advogados e nos medicos. Se quizessemos que nos dessem as razões dos seus serviços, nos julgariam loucos. Não é menos insensatez não acreditar, só porque não conheça o *como* e o *porque* do facto, embora tenha observado a sua realização. Descartes perguntou a um philosopho o que pensava sobre os espelhos encandescentes de Archimedes: e elle respondera que quando Marcello, tribuno romano, com seus barcos bombardeava a cidade de Syracusa, um desses espelhos incendiou todos os barcos. Descartes disse immediatamente: Não comprehendo, nem a sciencia explica. Seria preciso que o espelho fosse, pelo menos, do mesmo tamanho que a cidade. Então o philosopho replicou: Como isso se deu, eu não sei; porem sei, que é um facto, e contra facto não se discute.

E' loucura recusar crer nos mysterios, quando é uma verdade que estamos cercados de mysterios. O espirito agir sobre a materia, o choque produzir o movimento, a geração dos seres vivos, são outros tantos mysterios. O aroma duma flôr que enche uma casa, sem a flôr nada perder nem de seu peso, nem em seu tamanho; as florestas de arvores com ramos, folhas e fructos, e a immensidade de animaes, 27 milhões de vezes menores que a traça, descobertos pelo microscopio num pedacinho de môfo, formado no pão: são grandes e incomprehensíveis mysterios. Todas as funcções dos nossos sentidos, todas as operações da nossa alma constituem profundissimos mysterios. Bem dizia Paschal que nós não conhecemos o todo de nada. Bossuet tambem asseverava que a nossa sciencia é muito curta sobre qualquer ponto, em que a consideremos.

A sciencia tem tambem os seus grandes mysterios. O ether é um dos elementos que presentemente maior e mais importante applicação tem nas sciencias naturaes; entretanto até agora ainda ninguem conseguiu isolal-o, nem mesmo determinar directamente as suas propriedades physicas.

Depois de tantos estudos, e de mesmo já ter-se conseguido tantas e tão proveitosas applicações, ainda discute-se e continua-se a discutir a natureza desse precioso elemento, que tão consideravel papel desempenha na sciencia moderna. Até a incredulidade tem seus profundissimos mysterios. Negando a existencia da alma humana, como explicar as funcções do pensamento? Negando a acção dum

Deus creador, é forçoso admittir effeitos sem causa, ou causas em numero infinito. Negando a criação da materia, serão forçados a asseverar que a materia é eterna. Os deistas negando a Providencia, tornam Deus inutil; admittindo-a, como explicar a distribuição dos bens e dos males?

Porque não admittir os mysterios da religião? Deus que pelos sentidos, pela razão e sentimento interior nos instrue sobre os mysterios naturaes, porque não poderá nos ensinar os mysterios religiosos pela revelação sobrenatural? e porque havemos de acreditar naquelles, e não nestes? Provada a divindade da Egreja pelos motivos de credibilidade, devemos firmemente acreditar nos mysterios, que ella nos ensina, e nossa fé será perfeitamente fundada e racional.

A incredulidade quer medir o infinito, quando ella se perde na contemplação dum grão de areia; quer comprehender Deus, quando não pode comprehender-se a si mesma! Para comprehendermos Deus, seria preciso ou que elle fosse finito ou que nossa intelligencia fosse infinita. Os mysterios são verdades supraracionaes, e por isso são incompreensíveis quanto ao nexó que une o sujeito ao predicado; mas podemos muito bem comprehender o seu sentido.

Pouco importa que não se possa conciliar um mysterio com outro, nem resolver as objecções, que contra elles são feitas pelos nossos adversarios. Não ha verdade nenhuma que não apresente difficuldade de conciliação com outra verdade; mas dessa difficuldade nada se pode concluir contra essas duas verdades. A solução da difficuldade só pode interessar á satisfação do espirito, mas não ás verdades, que serão sempre taes, tanto antes, como depois da solução.

E' caracter do infinito não poder ser comprehendido; e do finito não comprehender o que o excede infinitamente. A incomprehensibilidade do dogma, diz Bayle, e a insolubilidade das objecções, que o combatem, não é um motivo de rejeital-o, pois a nossa razão prova evidentemente a existencia de muitas cousas incompreensíveis. Querer penetrar os mysterios, diz o Marquez d'Argens, é um crime, que Deus pune pelo desvario do espirito.

Nos nossos mysterios não ha, nem pode haver contradicção, porque um Deus perfeitissimo não pode conter em si, nem revelar absurdos. Os incredulos acham nelles contradicção, porque querem comparar o divino com o humano, o infinito com o finito. O atheu compara a liberdade de Deus com a do homem, e assim não pode mesmo acreditar que Deus seja livre e immutavel; o materialista compara a maneira de agir do espirito com a do corpo, e assim não comprehende como a alma possa estar toda inteira no

corpo e em cada uma de suas partes; outros incredulos comparam a personalidade divina com a humana, e assim acham absurdo que em Deus subsistam tres pessoas numa só natureza divina, e que em Jesus Christo a natureza divina e a humana formem uma só pessoa divina. São todos como os cegos natos, que comparam a sensação da vista á do tacto, e assim acham contradicções nos phenomenos da visão.

Digam, avancem, objectem o que quizerem os nossos adversarios. a verdade, porem, evidentissima é que a certeza de nossa fé é absoluta, racional e scientifica. Ella se funda em factos importantes, publicos, notorios, testemunhados pelos apóstolos, por um povo inteiro; factos narrados, sustentados por testemunhas que se deixam matar, para assim garantirem as suas affirmações. Os feitos de Socrates e de Cezar, de que ninguem duvida, estão menos provados que os de Jesus Christo e dos apóstolos e dos martyres.

Alem da certeza historica, temos a moral e da consciencia, que nos fazem sentir a verdade, a santidade, a divindade da doutrina catholica. A sciencia guia-se pela luz da razão, que é fallivel; a Igreja, que nos ensina os mysterios, guia-se pela luz de Deus, que é infallivel. Se queremos marchar com segurança, sigamos este sabio conselho de Santo Athanazio: Não devemos curiosamente investigar a *razão, o porque* da verdadeira doutrina religiosa, principalmente quanto aos dogmas; mas é pelos ensinamentos da fé, que devemos conhecer e adorar a Deus. Quanto aos que dizem que querem, mas não podem crer, lembraremos que Jesus Christo asseverou que quem não crer, será condemnado; é uma prova evidente de que a fé está ao alcance de todos. Quem quer o fim, emprega os meios, que no caso são os seguintes: Pedir a fé por orações bem feitas; estudar a religião em bons livros e consultar catholicos illustrados; tomar resolução de viver de accordo com as maximas do Evangelho. A falta da fé não está na impossibilidade de crer, mas na negligencia criminosa do estudo da religião e principalmente nos depravados sentimentos do coração.

Decima quarta Instrucção.

A boa conducta dos representantes da Egreja.

Bradam os nossos inimigos, que não são catholicos, que ninguem o deve ser, porque, sendo os padres, os bispos, os papas, homens máus e viciosos, é uma prova de que a Egreja catholica é perversa e como tal deve ser detestada.

Começamos a responder, ponderando que nunca os crimes dos homens puderam, nem poderão infeccionar a uma instituição de sua natureza boa e proveitosa; e, se assim não fóra, todas as instituições deveriam ser condemnadas, porque, sendo o homem livre, onde ha homens pode haver, e quasi sempre ha abuso. Tem havido, ha e sempre haverá máus magistrados; entretanto a magistratura foi, é e será sempre uma instituição benefica e absolutamente necessaria. Assim tambem houve, ha, haverá máus representantes da Egreja: mas ella foi, é e será sempre uma instituição necessaria, santa, divina. Se tem havido máus padres, máus bispos, máus papas, ninguem poderá negar que entre esses representantes da Egreja tem, como prova a historia, havido muitissimos bons, benemeritos, virtuosos e até mesmo verdadeiros santos. Porque o alvo predilecto das sétas envenenadas das accusações e calumnias tem sido sempre os papas, sejam elles os particularmente defendidos. Declamam tanto contra os crimes, contra os escandalos dos papas, entretanto que, segundo os mais sabios e insuspeitos historiadores, dos 262 papas que occuparam o throno pontificio, apenas dez foram accusados; e, destes apenas tres não foram plenamente justificados. Notemos que todos os considerados máus, foram eleitos durante o tempo, em que os soberanos civis intervinham directa e fortemente na eleição; e que, durante toda a epocha desses pretendidos escandalos dos papas, o demonio do erro esteve sempre preso. Nenhum herege, nenhum impostor, nenhum lobo appareceu no divino rebanho. Sob os pontifices, reputados viciosos, diz Berault Bercastel, não se viram, nem perturbações, nem heresia; e a Egreja gosou duma tranquillidade que não teve sob os pontifices mais sabios e mais santos. E' que Deus não perde de vista o navio da Egreja; e se algumas vezes permite que pilotos indignos se lancem ao leme, elle mesmo então encarrega-se de dirigi-lo. E' uma grande consolação para nós catholicos sabermos que, entre 262 papas, unicamente

dez são accusados pelos nossos rancorosos inimigos; e que dos accusados apenas tres não puderam ser justificados; e que os outros todos foram bons, muitos benemeritos, que tão revelantes serviços têm prestado, não só á religião, mas ainda ás artes, ás sciencias e á caridade. Que honra, que gloria para a santa Igreja poder oppor aos déz accusados oitenta e quatro pontifices, que com toda justiça foram proclamados, acceltos e até hoje honrados e venerados como verdadeiros santos, cuja santidade fora authenticada por Deus com os mais estupendos milagres. Dentre esses oitenta e quatro santos, trinta e quatro cingiram a sua frente com a gloriosa e brilhante corôa do martyrio!

Para bem avaliar-se quanto os nossos inimigos são despeitados e rancorosos contra o clero catholico, devemos attender que elles sempre e em tudo procuram a todo transe desprestigial-o. Quando alguém relata os meritos de algum sacerdote ou bispo no passado, dizem elles immediatamente: Isso foi naquelle tempo; hoje elles mudaram, são perversos. Quando alguém censura o seu máu procedimento no presente, elles logo accrescentam: Não mudam, são sempre os mesmos; em todo tempo foram viciosos.

Ainda convem notar que todo o seu rancor é unicamente contra os ministros da Igreja catholica. Ninguém vê a impiedade desencadear-se contra o soberano, que governa a Igreja anglicana; o Czar que dirige os destinos da Igreja russa; o Patriarcha grego, que do Sultão recebe a investidura de seu cargo; toda a furia satanica é unicamente contra o Papa. A razão dessa parcialidade é clarissima: é porque naquelles nada ha que venha do céo, e que ameace seus erros e seus crimes. São instituições meramente humanas, politicas, que de religião têm unicamente a mascara: de Jesus Christo conservam apenas o nome. Que ellas vivam ou morram, sendo os destinos das cousas humanas, em nada absolutamente lhes interessa. Só os representantes da Igreja catholica os encommodam, porque são elles unicamente os que trabalham incessantemente para confundir os seus erros e condemnar os seus desmandos. Eis todo e o unico motivo de sua raiva, de seu odio, de seu rancor.

Felizmente que a sua guerra encarniçada em nada nos prejudica. Não obstante o seu empenho satanico em esforçar-se para extinguir o papado, os pontifices romanos vão succedendo um a outro; e cada um por sua vez vai ostentando-se pelo brilho de seu saber, pelo seu ardente zelo e por suas edificantes virtudes. Na revolução franceza, quando era Papa Pio VI, um revolucionario disse aos catholicos: Guardai bem vosso Papa, porque não tereis mais outro. Logo depois foi eleito Pio VII no meio

de estrepitosas aclamações. Algum tempo depois o general Bonaparte, depois imperador, referindo-se a Pio VI, disse ao seu irmão José: O velho idolo será brevemente aniquilado: assim o exigem a liberdade e a politica, dando a entender que não haveria mais Papa. *Portæ inferi non prevalebunt.* Esta promessa divina ha de ter sempre a sua plena realização.

Decima quinta Instrucção.

A Igreja não combate a sciencia.

Um dos factos com que mais têm especulado os inimigos da Santa Igreja, é o celebre processo de Galileu. Constantemente allegam esse facto com o intuito de convencer que a Igreja é impostora, caprichosa, não tem o dom da infallibilidade, e muito particularmente para provar que ella é adversaria, inimiga rancorosa da sciencia. Tratando-se dessa questão importantissima convem muitissimo ter todo o cuidado para defender a Igreja, mas sem ferir, nem de leve, a verdade dos factos incontestaveis, porque diversamente os efeitos da defesa ficariam completamente prejudicados. Depois de estudar bem a questão e com ardentissimo desejo de perfeitamente conhecel-a em sua plena realidade, cheguei ás seguintes conclusões. que inteiramente sujeito ao juizo infallivel da Igreja, de cujo ensino, com a graça de Deus, jamais me apartarei, nem uma só linha. E' verdade que Galileu primeiramente ensinou como simples hypothese que a terra movia-se ao redór do sól, quando então quasi todos firmemente acreditavam que era o sól que se movia ao redór da terra; e consideravam essa opinião conforme ao ensino da Escripura Santa, que dizia que por intercessão de Josué Deus fez parar o sól. Mais tarde elle começou a ensinar, não mais como mera hypothese, mas como verdade incontestavel, que o sól era immovel e que era a terra que movia-se em seu torno.

Como era de prever-se, essa terminante asseveração, contraria á crença inabalavel dos que formavam uma generalidade, provocou uma forte e incandescente discussão, que logo produziu uma grande agitação, não só scientifica, mas mesmo religiosa; porque cada um dos diversos partidarios procurava demonstrar que a sua opinião é que estava de perfeito accordo com a Escripura Santa. Então, como era de seu dever, o Papa para dissipar essa perturbação

inconveniente, e nullificar os seus perniciosos effeitos, por intermedio da Sagrada Congregação do Santo Officio, prohibiu a Galileu de continuar a fazer a propaganda de sua doutrina, que ainda não estava, nem de leve, comprovada. Não obstante a firme promessa que tinha feito de mais nada dizer, nem escrever a esse respeito, mais tarde Galileu recommçou e com muito mais ardor a propagar a sua doutrina, não mais como simples scientista, mas como um theologo, que dogmatizava; e até chegou a querer que o poder ecclesiastico autorizasse a defesa do systema.

E' verdade que a Sagrada Congregação processou Galileu, o condemnou á prisão e a cumprir uma santa penitencia; e que lavrou um decreto que declarava a doutrina sobre a immobildade do sól e o movimento da terra falsa e contraria á Sagrada Escripura; e que prohibiu todo livro que ensinasse a referida doutrina. Esse decreto foi lavrado a 5 de março de 1616 e publicado por ordem do Papa.

Não é verdade que Galileu foi maltratado na sua prisão. Dos relatorios officiaes do processo consta que elle esteve preso no palacio do Grão-Duque de Toscana; e dahi foi pelo Papa autorizado a ir residir em Sienna, no palacio do Arcebispo Piccolomini, seu dedicado amigo. Muito menos é verdade que elle soffresse a tortura com o fim de obrigar-o a retratar-se, pois consta do interrogatorio que elle mesmo voluntariamente declarou que nunca teve verdadeira certeza do movimento da terra, e que porisso não podia assegurar que a opinião contraria fosse com certeza falsa; e assim fica desmentida a famosa expressão a que os nossos adversarios ligam tanta importancia: *E pur si muove* (e a terra por si se move). O livre pensador Philarete Charles assegura que tal phrase nunca proferiu Galileu.

Não é tambem verdade que o Papa tenha sido caprichoso, injusto no seu procedimento nesta questão. Ninguem será capaz de pôr em duvida que todo o governo tem o direito e mesmo o dever de prohibir a simples publicação duma doutrina, mesmo verdadeira, desde que essa publicação traga a perturbação da ordem e prejudique á sociedade, e com muito mais razão quando essa doutrina não tem verdadeiras provas de exactidão. Portanto no caso vertente o Papa não fez, senão usar dum pleno direito e cumprir um rigoroso dever.

E' tambem verdade que o Papa, declarando falsa e contraria á Escripura Santa a doutrina que ensina a immobildade do sól e o movimento da terra, errou. Hoje não ha ninguém, nem mesmo nenhum dos legitimos representantes

da Igreja, que não tenha como certissimo que o sól é immovel, e que a terra é que gira em seu torno. A propria Igreja depois julgou essa doutrina demonstrada como verdadeira, tanto que supprimiu as decisões que contra ella tinha tomado, e procurou explicar num sentido figurado os textos que pareciam ser favoraveis á doutrina contraria.

Vamos agora abordar as duas questões capitaes, que mais nos interessam, e ás quaes os nossos adversarios ligam summa importancia, acreditando que ellas lhes dão ganho de causa. A primeira é saber ou verificar-se, condemnando uma doutrina verdadeira, o Papa sacrificou o seu divino privilegio da infallibilidade, fundamento da verdade do ensino catholico dogmatico? A resposta negativa é peremptoria e perfeitamente fundamentada. Os requisitos indispensaveis para a infallibilidade são, como já notamos, os seguintes: O Papa deve fallar, não como particular, mas como Pastor universal; deve fallar, não a particulares, mas á toda a christandade; não sobre sciencias e conhecimentos profanos, mas sobre a fé e costumes; deve, não impôr um preceito para fazer ou evitar alguma cousa, mas deve ordenar que todos acreditem firmemente que tal doutrina é catholica ou heretica, que tal acto é conforme ou contrario á lei divina; e que a sua decisão legislativa, doutrinaria, tenha o caracter definitivo, irrevogavel e seja dada para sempre vigorar. Eis a respeito o que determinou o Santo Concilio do Vaticano, ratificando o que já tinha sido sempre acceito e observado, e que está de perfeito accordo com o direito e com o bom senso: *Doctrinam tenendam definit. Ejusmodi definitiones romani Pontificis ex sese irreformabiles esse.*

Concedamos que a decisão questionada tem os tres primeiros requisitos para a infallibilidade; é porem evidentissimo que não tem o quarto, que é o mais importante, necessario e essencial para ella ter o cunho duma decisão dogmatica. Lendo toda a decisão verificamos que ella prohibe de ler os livros que ensinam a doutrina do movimento da terra, e prohibe de por palavras ou por escriptos sustentar-se essa doutrina; e nada mais absolutamente. E' portanto apenas um preceito disciplinar. A Igreja tambem prohibe de ler os livros obscenos, os suspeitos de heresia; e nem por isso declara, define que esses livros são falsos, hereticos. Ha muitissimos annos a Igreja prohibira de sustentar uma opinião opposta á crença da Immaculada Conceição; e foi só em 8 de Dezembro de 1854 que definiu essa crença como dogma. A sua anterior prohibição não passava dum preceito disciplinar.

A referida decisão não manda que acreditem todos que a doutrina do movimento da terra é falsa, heretica,

como tambem não manda que acreditem que a opinião contraria é verdadeira, catholica, dogmatica. Não tem portanto o character legislativo que a todos impõe uma crença religiosa. E' certo que os considerandos qualificam a referida doutrina de erro doutrinal, de doutrina heretica; mas os considerandos não formam o objecto da decisão, e assim elles até podem ser falsos, e a decisão ser verdadeira. Tanto é verdade que mais tarde Alexandre VII, mantendo a prohibição, supprimiu os seus considerandos. A decisão em questão não tem o character definitivo; não é dada como irrevogavel, e para sempre.

Para completar a nossa terminante asseveração lembraremos que nenhum theologo posterior, nem mesmo nenhum contemporaneo considerou essa decisão como dogmatica.

Quando o Cardeal Hohenzollern ponderou ao Papa Urbano VIII que era preciso muita circumspecção em publicar uma decisão sobre tal assumpto, elle respondera-lhe que a santa Igreja não condemnara a *doutrina como heretica, mas só como temeraria; e que não havia a receiar que algum dia alguma pessoa demonstrasse absolutamente a verdade dessa opinião.* Mais claro do que isto, só a luz meridiana. Portanto, não obstante um erro particular, doutrinario, permanece em pé e perfeitamente intacto o divino privilegio da infallibilidade pontificia, que tanto tortura os nossos gratuitos e odientos adversarios.

Entremos na ultima e mais importante questão: Em seu procedimento para com Galileu a Igreja teve em mira guerrear a sciencia? Não, não, absolutamente que não. Alguns outros antes d'elle aventaram a mesma doutrina, mas em nada, nem se quer, foram melindrados, porque portaram-se com toda conveniencia e correcção. O proprio Galileu quando apresentou a nova doutrina como simples hypothese e enquanto procedeu correctamente, longe de ser incommodado, foi acariciado. Se depois soffreu, foi unicamente porque quiz converter uma mera opinião destituida de provas, numa decisão dogmatica, numa verdade mathematica, e até arvorando-se em interprete soberano da Escriptura Santa. Pondo-se de parte essa questão, que por sua causa tornou-se tão irritante e nociva, elle foi sempre enthusiasmicamente engrandecido, elogiado pelos maiores e mais notaveis personagens da Igreja catholica em relação aos seus estudos e ás suas brilhantes conquistas scientificas.

O proprio Urbano VIII, que mais tarde mandou processar para punir a sua desobediencia e contumacia, antes escreveu ao Grão-Duque da Toscana o recommendando e fazendo-lhe os mais lisongeiros e pomposos elogios relativos ás suas grandes victorias scientificas.

O mesmo a Igreja tem feito para com todos os que cultivam e amam a verdadeira sciencia. Ella os anima, os encoraja, os accumula de todos os seus encomios, favores e beneficios.

E porque a Igreja havia de hostilizar a sciencia? Seria preciso que por seu turno fosse inimiga da fé, quando ao contrario são ellas duas amigas que se auxiliam mutuamente. A verdadeira sciencia auxilia a fé explicando, comprovando os seus fundamentos, deduzindo consequencias de seus principios, fazendo analogia para esclarecer as suas obscuridades, procurando fazer novas applicações dos seus ensinamentos, extendendo os horizontes para multiplicar as suas conquistas e ampliar os seus dominios.

A fé, por seu turno, favorece poderosamente á sciencia, livrando-a de se transviar e cahir nos maiores desatinos, offerecendo-lhe campo muito mais vasto para o seu continuo e perfeito desenvolvimento. A fé é para a sciencia um telescopio que, supprindo a fraqueza e imperfeição de seus ólhos, dá-lhe meios para prolongar os seus olhares muito mais longe e mais alto, do que ella por suas proprias forças o poderia conseguir.

Mostrando a intima e benefica alliança da sciencia com a fé, é claro que me retiro á verdadeira sciencia, porque infelizmente hoje abusa-se tanto da palavra sciencia, como sempre tem-se abusado da palavra liberdade. Assim como para muitos liberdade é o capricho da vontade, assim tambem para muitos sciencia é o desvario da razão. Madame Roland no momento de ser iniquamente guilhotinada exclamou: O' liberdade, quantos crimes não são commettidos em vosso nome!

Da mesma sorte, observando-se presentemente os enormes absurdos, avançados pelos positivistas, espiritas, livres-pensadores e atheus, como conclusão scientifica, com o fim de combater e matar a fé, esta com toda razão podia tambem bradar: O' sciencia, quanto não se ultraja o bom senso e se avilta a verdade em vosso nome!

A prova mais exuberante e brilhante que se pode dar do amor immenso e intenso que a Igreja sempre tem votado á verdadeira sciencia, é que as mais notaveis e proveitosas invenções scientificas são genuinos productos das lucubrações continuas e profundas de catholicos e especialmente de sacerdotes catholicos. Diante dos factos desmascaram-se todos os sophismas e todas as calumnias. Leiam com attenção esse luminoso e conveniente documento do sincero e immenso amor que a Igreja consagra á verdadeira sciencia.

As primeiras universidades foram criações ecclesiasticas.

Foi um frade que inventou a polvora.

Foi o bispo de Münster que inventou as bombas.

Foi o dominicano Humberto Grande que inventou a bussola.

Foi o frade Jacques Vitry que applicou a bussola á navegação.

Foi São Boaventura que pôz em principio e revelou a unidade das forças physicas.

Foram os religiosos Ortho e Ardoin que inventaram o alphabeto.

Foram os benedictinos da Hespanha que ensinaram os surdos-mudos a intenderem-se.

Foi o missionario Guido Arezzo que inventou as sete notas da musica.

Foi o frade Magnan que inventou o microscopio.

Foram os frades Laria e Beccasia que descobriram as leis da electricidade.

Foi o frade Barrant que descobriu o freio das locomotivas.

São os grandes e notaveis sabios jesuitas que dirigem quasi todos os observatorios astronomicos. Eis a verdade.

Decima sexta Instrucção.

A Igreja não é rancorosa.

Para criar indisposição contra a santa Igreja os nossos rancorosos inimigos procuram convencer a todos que ella deseja infelicitar os que não seguem a sua doutrina; e como prova de suas falsas imputações invocam a pena de excommunhão e a pretendida participação no morticínio dos protestantes na França, no dia de São Bartholomeu. Pulverisemos estas duas injustissimas accusações.

Porque são extremamente ignorantes em materia de religião, elles pensam que excommunhão é uma praga, uma impreciação que tem por fim infelicitar o excommungado; quando ella é unicamente a eliminação do gremio da sociedade, á que alguém pertence. A propria palavra excommunhão significa separar da communhão ou da associação. E' um direito sagrado, de que gosam todas as sociedades, e sem o qual nenhuma poderia subsistir. Quando um membro duma sociedade tenta perturba-la, desorganisa-la, minar a sua existencia, o chefe tem o direito e o dever de defendel-a,

eliminando o elemento anarchico, dissolvente: eis a pena de excommunhão, de que usam todas as associações. O dono duma casa que despede um máu empregado, lança-lhe pena de excommunhão. O commerciante que despacha da casa um caixeiro infiel, lança-lhe pena de excommunhão. O director dum collegio que expulsa um alumno insubordinado, lança-lhe pena de excommunhão. O soberano duma nação que expatria aquelle que conspira contra as instituições ou tentou contra a sua vida, lança-lhe pena de excommunhão. O veneravel duma loja maçonica, que cobre o irmão que não quiz cumprir com o disposto na constituição ou violou o segredo, lança-lhe pena de excommunhão.

E então só a Igreja catholica seria obrigada a ver impassivel e inerte um de seus membros corromper sua doutrina, ou adulterar os seus sacramentos, ou desacatar a sua autoridade, ou perverter os seus verdadeiros crentes, vendo-se forçada a conservar em seu gremio um elemento de discordia ou de desordem ou de perversão? Ella tem o direito sagrado de excommungar, não só porque é a mais perfeita de todas as sociedades, mas ainda porque directamente Jesus Christo lhe deu esse direito, quando disse que todo o que não ouvisse a Igreja, seria considerado como um pagão. E' pagão todo o que não pertence á familia de Jesus Christo.

O primeiro e principal effeito da excommunhão é desligar completamente o excommungado da sociedade, á que pertencia, ficando por isso mesmo inteiramente privado do direito ás regalias e favores, de que antes podia gosar. Seria portanto insensatez que um maçon coberto dissesse que continuava a ser bom maçon; assim como tambem seria insensatez que um catholico excommungado dissesse que continuava a ser um bom catholico. Pelo que fica expellido é clarissimo que, quando a Igreja lança pena de excommunhão, usa dum legitimo direito, de que tambem usam todas as associações; e nesse acto não pode ter outro fim que defender o sagrado deposito, que por Jesus lhe fôra confiado.

Expliquemos agora o facto que offereceu pretexto para o segundo ponto desta accusação: é a matança dos protestantes, chamados huguenotes, que quer dizer *confederados*, matança que deu-se em Pariz e em algumas outras cidades da França em 1572, a 24 de Agosto, dia de São Bartholomeu, e que por isso ficou conhecido na historia pelo *São Bartholomeu*. No reinado de Carlos IX formaram-se na França dois grandes partidos, mortalmente adversos, de que cada um por sua vez procurava continuamente aniquilar o seu contrario. Era a liga poderosa da casa dos Guizes, extremamente favoravel e dedicada ao rei e ao governo; e era o forte

partido, constituído pelos huguenotes, que era chefiado pelo almirante Coligny, e era immensamente infenso e odiento ao rei e ao governo. Entre esses dois partidos tão oppostos e inimigos havia tanta intriga, tanto despeito, tão intenso e ardente desejo de represalias e vinganças, que com muita razão geralmente receiava-se que a cada momento estalasse uma luta tremenda, um conflicto sanguinolento e de desastrosas consequencias. O sinistro receio teve logo a sua triste realidade. Informado por sua mãe, Catharina de Medicis e por todo o seu conselho de ministros, que os huguenotes já tinham formado uma conspiração que tinha por fim o assassinato de toda a nobreza e de toda a familia real, o rei ou porque realmente acreditasse na noticia da conspiração, ou porque quizesse aproveitar-se desse pretexto para de vez livrar-se das constantes ameaças de inimigos tão fortes e perigosos, ordenou que no dia seguinte matassem todos os membros mais preponderantes, residentes na cidade. As indisposições e as queixas contra os huguenotes eram tantas e tão profundas, que as ordens do rei foram ultrapassadas pelos seus executores, que não só mataram todos os partidarios adversos que encontraram, mas ainda fizeram com que o exterminio contra elles se estendesse a varias outras cidades alem de Pariz.

Pelo exposto com toda exactidão não resta a menor duvida que esse funestissimo acontecimento foi o mero effeito duma explosão produzida por violentos odios e rancores politicos. Não há uma só prova que possa convencer que algum ecclesiastico tenha tomado a minima parte, nem na combinação, nem na execussão desse drama sanguinolento; e entretanto os nossos adversarios ousam accusar a santa Igreja de nella ter criminosa cumplicidade.

Os motivos por elles unicamente apresentados para essa falsissima imputação, é ter o clero, tanto em Pariz, como em Roma, manifestado contentamento. Mas, se isso realmente aconteceu, foi unicamente por que elle foi inteiramente enganado. E' verdade que em Pariz, no dia seguinte, celebrou-se um acto festivo de agradecimento a Deus, mas foi porque o rei e todo o parlamento o exigiram e ordenaram dando como motivo ter sido salvos da morte o rei, a familia real e toda a nobreza. E' ainda verdade que em Roma o Papa Gregorio XIII cantou um solemne *Te-Deum* em acção de graças; mas foi unicamente porque o rei lhe communicara officialmente ter elle e a rainha sido salvos da morte, tentada por uma conspiração, que felizmente tinha sido desbaratada. Tanto foi illudido, que mais tarde sabendo da verdade, deplorou o tão lamentavel acontecimento.

Constatemos a má fé e perversidade dos nossos inimigos relativamente á essa imputação calumniosa. Affirmam que os Cardeaes Birague e Retz tomaram parte importantissima na sinistra combinação do morticínio, quando então elles eram simples sacerdotes, sem ter grande importancia; e só muito mais tarde é que foram elevados á dignidade cardinalicia. Affirmam ainda que o Cardeal de Lorena foi quem na vespera do tragico acontecimento benzeu os punhaes, quando é notorio que então elle estava em Roma para tomar parte na eleição pontificia pela morte de Pio V. O que é purissima verdade, mas elles occultam, é que tanto em Pariz, como em outras cidades, todos os sacerdotes catholicos prestaram valiosa protecção a todos os perseguidos. Os religiosos os abrigavam em seu convento; os parochos em sua residencia; os bispos em seu palacio. Entre outros especificaremos o grande bispo de Lesieux que foi para com elles duma extrema caridade. Mesmo na cidade, onde os huguenotes tinham por duas vezes massacrado de sangue frio os catholicos, elles foram extremamente protegidos pelos sacerdotes. E' o caso de a respeito repetir-se o proverbio francez: Eis como se escreve a historia.

Decima setima Instrução.

A Igreja não é sanguinaria.

Para convencer os ignorantes desta sua grave e torpissima calunnia, os nossos inimigos recorrem constantemente ao tribunal da Inquisição, que tão vergonhosamente deturpam. Para bem avaliar-se a moralidade dum acto, é absolutamente necessario attender-se com todo cuidado ás circumstancias de tempo, de lugar e particularmente aos costumes e leis, então vigentes. Na idade media o Evangelho era a base fundamental da constituição e leis civis. A sociedade estava baseada sobre a fé catholica, e por isso todo ataque violento contra as suas crenças punha em perigo os proprios fundamentos da organização social. A legislação ecclesiastica estava de perfeitissimo accôrdo com a civil, e assim os perturbadores da sociedade ecclesiastica perturbavam tambem a sociedade civil, e deviam ser punidos, como agora o são, os ladrões, os assassinos, os anarchistas, os conspiradores. Os costumes então ainda eram barbaros, selvagens, e por isso as leis deviam e de facto eram severas e algumas vezes

atrozes. Muito antes da Inquisição empregavam a pena de morte para punir crimes graves, tanto religiosos, como civis. Até o supplicio pelo fogo era constantemente usado. Na Hespanha muito antes de funcionar a Inquisição, durante quatro annos foram queimados trinta mil feiticeiros. Era tambem geralmente empregada, para obrigar o accusado a confessar o crime, a tortura. A simples propaganda heretica nunca deixava de produzir alteração na ordem publica e por isso devia ser severamente punida; mas os mouros, os judeus, os hereges não faziam simples propaganda, iam sempre muito alem. Muitissimas vezes, sob pretexto de ensinar a sua religião, elles provocavam perturbações sociaes, revoltavam-se contra as autoridades, tentavam contra os governos e até contra as instituições.

Em taes emergencias os soberanos, em cumprimento de seus rigorosos deveres, para manter ou restabelecer a ordem e a tranquillidade publica, para defender os seus inviolaveis direitos e principalmente para defender os sacrosantos direitos da nação, empregavam contra elles todo o rigor, indo ás vezes ao extremo; e porque o processo era summarissimo, não havendo interrogatorio ou antes inquirição de testemunhas, nem documentos de defesa, eram, ora castigados muito mais do que mereciam, ora até sendo inteiramente innocentes.

Dominados por um duplo sentimento de justiça e de humanidade, os soberanos resolveram estabelecer um tribunal, onde, mediante um processo regular, os accusados de crimes contra a religião fossem julgados com justiça, rectidão e verdade; e para terem maior segurança na applicação da pena devida a cada crime, pediram ao Papa para dar uma commissão de ecclesiasticos, aptos e competentes para com todo acerto definir a especie e gravidade dos crimes dos accusados. Os sacerdotes nomeados pelo Papa para o desempenho dessa missão nenhuma parte tomavam na confecção das leis, nem na sua applicação, nem na imposição das penas, nem na execução da sentença, porém apenas examinavam e decidiam conscienciosamente se havia ou não crime contra a religião; e, no caso affirmativo, indicavam a especie e a gravidade do crime, e nada mais absolutamente. Em summa, elles faziam justamente o que entre nós fazem os jurados, que não impõem pena, não castigam, mas unicamente attestam, definem, classificam o crime. As penas eram applicadas pela autoridade civil, de perfeito accordo com a justiça criminal do paiz. Tinha portanto muita razão Cantú, que não é suspeito, quando dizia que a Inquisição devia ser considerada como um progresso, porque veio substituir as matanças em massa, os tribunaes sem direito de graça, inexoravelmente ape-

gados á letra da lei, taes como os instituidos unicamente em virtude dos decretos imperiaes. (Cantú vol. 11, pag. 154.)

A Egreja nenhuma intervenção teve na Inquisição hespanhola, porque ella, alem de politica, era atroz; e até muito concorreu para que ella não fosse estabelecida, nem em Napoles, nem em Milão. Ella teve intervenção nas outras, mas unicamente para evitar as penas, quando injustas, ou modifical-as quando exageradas, ou então para conter as injustiças ou atrocidades dos soberanos. A sua intervenção foi sempre justa, benefica, caridosa. Ahí está a historia para nos demonstrar com factos quanto os primeiros representantes da Santa Egreja se interessavam pela sorte dos accusados perante o tribunal da Inquisição. Ella reprehendeu a São Luis e Carlos V na França; e pediu-lhes muito mais brandura e caridade na imposição das penas. O Papa Sixto IV chegou até a excommungar os inquisidores de Toledo por causa de suas crueldades para com os accusados. Por um Breve de 29 de Janeiro de 1482 esse mesmo Papa chamou á ordem dois inquisidores de Sevilha, accusando-os de condemnar innocentes. Em 2 de Agosto de 1483 esse mesmo Papa escreveu a Fernando, rei da Hespanha, protestando contra a sua extrema severidade nos julgamentos; e lhe recommendava *pelas entranhas misericordiosas de Jesus Christo* a doçura e moderação, e queria que se deixasse aos apostatas arrependidos a livre disposição de seus bens.

Para completar a nossa justissima defeza, convidamos aos nossos injustos accusadores a verificar o que foi a Inquisição em Roma, quando tudo dependia do Papa, que então, alem de soberano da Egreja, era ainda soberano dos Estados Pontificios. Bergier diz, quanto á Inquisição em Roma, que foi sempre a mais branda e que ninguem o poderá contestar. Essa cidade, diz de Maistre, chamava se proverbialmente o paraizo dos judeus. Roma, diz Balmes, é o lugar do mundo, onde a humanidade tem menos soffrido por motivo de religião. (Com certeza elle exceptuava os primeiros seculos de perseguição pagã.) Quando se falla da Inquisição, continúa elle, não se deve olhar só para a da Hespanha, mas para a de Roma.

Lá onde reside o soberano Pontifice, onde se sabe perfeitamente como deve entender-se o principio de tolerancia e qual seja o uso que della se deve fazer, a Inquisição tem sido extremamente branda e indulgente. A conducta de Roma sob esse respeito é a melhor apologia do Catholicismo contra aquelles que se esforçam em querer estygmatal-o como barbaro e sanguinario. Tom. II, pag. 234.

Cumpre notar-se que, attentas as circumstancias daquelle tempo, alguns abusos que realmente foram com-

mettidos, são perfeitissimamente compensados pelas grandes vantagens alcançadas. Durante setecentos annos a Hespanha foi forçada a sustentar a guerra contra os mouros. Lutero promoveu a guerra na Allemanha durante trinta annos. A França e a Inglaterra tiveram que lutar durante muito tempo contra as agitações e desordens promovidas pelos albigenses e huguenotes. Diz um sabio escriptor que sobre o sangue, que fizeram derramar os judeus, os mouros, os hereges e todos os novadores, unicamente por motivo de religião, podia perfeitamente fluctuar um grande navio. Se assim foi, o que seria sem a Inquisição? O proprio Voltaire reconhece que se a Hespanha não tivesse recorrido á Inquisição, não se teria livrado dos horrores, que tanto deshouraram as outras nações.

Cumpre ainda deixar bem claro, explicito e frisado, que nunca a força foi empregada para impôr a fé; mas somente para impedir os hereges, os schismaticos, os christãos refractarios ás leis, de damnificar ao bem commum, e comprometter a segurança publica. O auto de fé, a que ligam tanta importancia, e de que fazem tanto escarcéo, era simplesmente a profissão de fé, que faziam os innocentes ou arrependidos, quando eram postos em liberdade. Portanto pode-se condemnar os excessos e os abusos; mas que a Inquisição se fundava nas leis então necessarias e vigentes, e no que era então indispensavel e reclamada para manter a ordem e defender as instituições, é absolutamente inconstestavel.

E' unicamente por falta de reflexão que ainda ha quem tenha horror á Inquisição, porque ella existiu, existe e ha de sempre existir em todo governo, tanto religioso, como profano. Todo governo deve investigar, para conhecer a existencia de crimes, a fim de punil-os: eis uma inquisição. A Igreja teve e tem esse tribunal. Em todos os tempos os bispos, em cumprimento do dever de seu cargo pastoral, procuraram conhecer a propagação dos erros em sua diocese, ou para impedil-os, ou para castigal-os com as penas canonicas. Esse dever é tão sagrado que a Congregação, que existe em Roma para reprimir e castigar as heresias, tomou o nome de *Santo Officio*. Os bispos foram, pois, desde o começo da Igreja, e são ainda hoje, os *inquisidores-natos* em suas dioceses, quer por si proprios, quer pelos seus delegados.

Em todos os governos civis tambem ha Inquisição. Nos tempos normaes ella é branda e exercida unicamente pelos agentes secretos, cujo encargo é procurar descobrir os grandes criminosos accultos, especialmente os perturbadores da ordem. Nos tempos anormaes ella é rigorosissima. Quando apparece alguma conspiração, decreta-se immediatamente o

estado de sitio: suspendem-se as garantias; e sem processo, nem formalidades, prendem-se, castigam-se atrozmente os denunciados. Então todos sabem quantas injustiças, quantas vinganças, quantas ferocidades não são commettidas.

Em Dezembro de 1909, por occasião da revolta da nossa marinha, tivemos uma tremenda Inquisição. Em Setembro de 1894, quando a nossa esquadra, tendo á sua frente Custodio de Mello, revoltou-se contra o Floriano, tivemos tambem uma Inquisição, talvez mais feroz, que a hespanhola. Entretanto, felizmente, não temos hoje nem os costumes, nem as leis daquelle tempo. Não fazemos aqui uma censura, mas apenas um verdadeiro parallelo.

Tambem os protestantes, que para nos accusar, tanto especulam com a Inquisição, tiveram a sua e extremamente injusta e sanguinaria. Cantû (v. 15, pag. 80 e 82) affirma que o Consistorio de Calvino foi a mais feroz inquisição. Elle usava duma autoridade absoluta. Por sua ordem Miguel Servet foi morto na fogueira, insultando-se até a sua coragem. Seu unico crime foi ter combatido a doutrina de Calvino. Essa nefanda execução foi applaudida pelos protestantes Bullinger, Farel, Bucer, Melanchton. O mesmo Cantû (v. 15 pag. 276) assevera que foi muito mais injusto, cruel e sangrento o tribunal da celebre Izabel de Inglaterra, do que o da Inquisição civil. As prisões e os algozes eram os unicos argumentos da nova crença. Philippe Howard foi executado unicamente por não acreditar na nova doutrina. Os puritanos ou não conformistas eram atrozmente perseguidos. Cobbet, que é protestante, fallando de Izabel, diz: Essa rainha sanguinaria fez morrer mais gente em um só anno, do que a Inquisição em todo o longo tempo de sua existencia. Que accusadores temos contra nós! e de todos os nossos injustos accusadores os mais inconsequentes e contradictorios são os livre-pensadores e os incredulos, que votando horror á Inquisição, até hoje ainda consagram os seus vehementes applausos á nefasta Revolução franceza, que offerece á historia o conhecimento do mais odiento, ferrenho e sanguinario tribunal. A Junta de salvação publica da Revolução franceza, que foi organizada pela Convenção de 9 de Abril de 1793, e que funcionou até outubro de 1795, estabeleceu em França: 1.º Um codigo politico obrigando os francezes á delação, e que fazia prender os denunciados e guilhotinar os presos. 2.º Um codigo judiciario, que dispensava instrucção, testemunhas, e supprimia até a defesa dos accusados. 3.º Um codigo administrativo que dava acesso aos cargos do Estado a individuos menos recommendaveis. Durante a Revolução, em dezeseis annos, segundo affirma um historiador

livre-pensador, houve dois milhões e vinte e tres mil execuções, e foram obrigados a emigrar para fugir da perseguição cento e vinte e tres mil pessoas. E ainda ousam fallar de Inquisição!

A prova mais palpavel e frisante da supina ignorancia ou da requintada perversidade dos nossos accusadores, é haver entre elles doutores que affirmam que a Inquisição foi instituida pelos Jesuitas, quando ella começou em 1234 e a ordem dos Jesuitas foi estabelecida por Santo Ignacio em 1540, justamente 306 annos depois. E' o caso do personagem da Fabula, que se lhe imputando a autoria dum crime commettido muito antes d'elle existir, apenas respondeu: *Eu ainda não era nascido. Equidem natus nom eram.*

Decima oitava Instrucção.

As Heresias.

Heresia é um erro voluntario e opiniatico contra um dogma de fé. Quasi sempre o erro é voluntario e criminoso. A doutrina christã, tendo sido revelada por Deus, é já um crime só o querer conhecê-la por si mesmo, e não pelo órgão dos que Deus tem estabelecido para ensinal-a; e querer escolher uma opinião para ensinar como dogma, é já revoltar-se contra a autoridade de Deus. A Igreja tendo sido estabelecida por Deus para ensinar a todos a sua santa doutrina, desde que ella tem ensinado, seria um orgulho opiniatico resistir ao seu ensino, e preferir as nossas luzes ás suas. Um homem pode, em começo de sua crença, enganar-se de boa fé; mas logo que resistir á censura da Igreja, procurar fazer propaganda, formar partido, não procede mais com boa fé, e age unicamente por orgulho e ambição. O que teve a infelicidade de nascer e ser educado no seio da heresia e assim de sugar o veneno do erro desde sua infancia, é sem duvida menos culpado; mas não será inteiramente innocente, se estiver ao seu alcance conhecer a Igreja catholica e os brilhantes caracteres, que a distinguem claramente de todas as diferentes seitas hereticas.

Acreditamos que haja um bom numero de homens, nascidos na heresia, que por falta de conhecimento estejam numa ignorancia invencivel, e portanto desculpaveis diante de Deus. Esses, segundo a commum opinião dos mais sabios theologos, não devem ser considerados herejes.

Esta é a doutrina formal de Santo Agostinho, que (Epist. 43, ad Glorium) diz: São Paulo diz: Evitai um hereje, depois de o ter reprehendido uma ou duas vezes; sabendo que um tal homem é perverso, que pecca e é condemnado por seu proprio juizo. Quanto aos que defendem um sentimento falso e máu, sem nenhuma pertinacia, principalmente se elles o não têm inventado por uma audaciosa presumpção; mas se o têm recebido de seus pais, seduzidos e cahidos no erro, e se procuram a verdade com cuidado, e promptos a corrigirem-se quando a tiverem achado, não devem ser considerados como herejes.

O mesmo Santo (L 1. de Bapt. contra Donat. c. 4. n. 5) ainda diz: Os que caem na heresia sem o saber, e crendo até que ella é a Igreja de Jesus Christo, estão em caso muito differente dos que sabem que a Igreja catholica é a que é defendida por todo o mundo. Nicoláu no seu tratado da Unidade da Igreja, livro segundo, capitulo terceiro diz: Todos os que não têm participado, por sua vontade e com conhecimento de causa, ao schisma e á heresia, fazem parte da verdadeira Igreja.

Pelo que se vê claramente que os theologos distinguem a heresia material da heresia formal, que é a unica criminosa. A primeira consiste em sustentar uma proposição contraria á fé, sem saber que ella é contraria; e por tanto sem contumacia, e na disposição sincera de submetter-se ao juizo da Igreja. A segunda tem todos os caracteres oppostos, e é sempre um crime, que é bastante para excluir o homem da salvação. E' este o verdadeiro sentido da maxima, que tanto horror causa aos ignorantes, e de que tanto e tão criminosa-mente abusam os nossos inimigos para inspirar rancor contra a doutrina catholica.

Toda heresia é uma innovação da doutrina que por todos e sempre foi ensinada e professada. Os que professam uma heresia formam, não uma religião, mas uma seita, que é uma pequena parte da religião verdadeira, unida ás opiniões erroneas, que pelo chefe foram inventadas. Toda seita é uma pequena parte separada dum grande todo; é um pequeno ramo, que se desprende dum grande tronco. Ella começa sempre num determinado tempo, e tem por seu iniciador um rebelde, orgulhoso, contumaz, que começa ensinando uma nova doutrina, contraria e opposta á que antes ensinou e professou com intima e sincera convicção. Ella differe do schisma, que consiste no criminoso rompimento da devida obediencia ás legitimas autoridades ecclesiasticas, especialmente ao soberano Pontifice. As heresias principaes são o nestorianismo, eutychianismo, o denominado schisma grego, a seita dos russos, o protestantismo. Vamos explicar cada

uma dessas seitas hereticas e demonstrar que todas são inteiramente contrarias e oppostas á verdadeira Igreja, unica-que ensina e professa a religião de Jesus Christo.

Decima nona Instrucção.

O Nestorianismo.

Nestorio, que deu origem á seita do nestorianismo, nasceu na Syria; abraçou a vida monastica; e em 428 foi eleito patriarcha de Constantinopla. Elle era intelligente, eloquente, mas orgulhoso, sem caridade, e sem illustração. Negou que Maria era mãe de Deus, porque admittia em Jesus Christo duas pessoas, uma divina e outra humana, negando assim tambem a união hypostatica da humanidade com a divindade. Ensinava que o Verbo de Deus desceu em Jesus no momento do baptismo; e que essa união não era substancial, mas unicamente de vontade, operações, benevolencia, comunicação, poder. Essa sua heresia foi condemnada em 7 de Junho de 431 pelo Concilio de Epheso. Elle continuou obstinado em seus erros, e por isso foi em 434 desterrado pelo imperador, tornando-se um objecto de maldição geral. Marcado com o sello da reprovação elle viu o seu corpo apodrecer em vida, e sua lingua, que se atrevera a blasphemar contra Maria, foi roida pelos vermes, e neste triste estado morreu. Sua seita, porém, não morreu com elle: ainda hoje existe na Syria e na Chaldéa turca. Mais tarde os seus sectarios tomaram o nome de chaldeus, rejeitando o de nestorianos.

Além dos erros de seu chefe, acima referidos, os nestorianos mais antigos são accusados de ensinar, como os Gregos schismaticos, que o Espirito Santo procede unicamente do Pai; de crer que as almas são creadas antes dos corpos e de negar o peccado original; de pretender que as recompensas dos santos no céu, e a punição dos máus no inferno, são differidas até o dia do juizo final; de pensar, como os origenistas, que os tormentos dos condemnados um dia hão de findar. Segundo Assemani (Biblioth. orient. tom. 3, parte 2.^a) e o Padre Le Brun (Explicat des creme, de la mess, t. 6) elles têm tido sempre a mesma crença, que a Igreja romana, sobre os sete sacramentos, a presença real de Jesus na eucharistia, a transsubstanciação, o culto dos santos, a oração pelos mortos.

Elles celebram sempre, não em lingua vulgar, mas na syriaca; e tem sempre admittido o mesmo numero de livros da Escriptura, que os catholicos. Elles tem um patriarcha sob o nome de *catholico*, que primeiro residiu em Seleucia, e hoje reside em Mozul.

Os chamados christãos de São Thomé que habitam na costa de Malabar, são sectarios antigos do nestorianismo. O portugez Padre Govêa que por lá andou em missão e procurou observar bem tudo quanto era crido e observado por esses christãos de São Thomé, os accusa dos seguintes erros. Alem de todos os erros dos nestorianos chaldeus, elles admittem apenas tres sacramentos, baptismo, ordem, eucharistia; não praticam a confissão auricular, embora creiam na efficacia da absolvição sacramental; põem oleo e sal no pão que devem consagrar; põem tambem agua no vinho para o sacrificio; raramente celebram a missa, e não impõem o dever de ouvir-a nos domingos; ordenam até mocos de quinze annos, e mesmo os que casaram-se varias vezes e com viuvas; têm grande respeito para com seu patriarcha, que é o mesmo que reside em Mozul; consideram o signal da cruz como um sacramento.

Nesta, como em todas as ramificações da seita nestoriana, o patriarcha é eleito pelos bispos, clero e os principaes do povo; é escolhido entre os religiosos que tem voto de castidade perpetua. O patriarcha nomeia os bispos, escolhendo-os tambem entre os religiosos; e estes ordenam os que devem ser sacerdotes, podendo mesmo ordenar os que já são casados; mas não podendo nenhum sacerdote casar-se. De modo que os casados podem ser sacerdotes; porem estes não podem casar-se. Nenhum ecclesiastico, nem mesmo o patriarcha, pode entrar na posse e exercicio de seu cargo sem o consentimento do soberano civil da nação; e todos podem ser removidos, suspensos, demittidos pela autoridade civil. São portanto verdadeiros prepostos do Sultão.

Vigesima Instrução.

O Eutychianismo.

Esta seita foi formada pelos partidarios de Eutyches, abbade dum mosteiro de Constantinopla, que ensinou haver em Jesus Christo uma só natureza. Elle admittia que em Jesus Christo podia ter havido duas naturezas antes da encarnação, e que a sua alma poderia ter-se unido á Divin-

dade antes de encarnar-se; mas por nada admittia duas naturezas depois da encarnação. Elle julgava que a natureza humana tinha sido absorvida pela Divindade, como uma gotta de mél, cahida no mar, não pereceria, mas seria completamente dissolvida. E' por isso que os seus secretarios tomaram o nome de *monophysitas*, defensores duma só natureza. Esta doutrina erronea foi em 451 condemnada pelo Concilio de Calcedonia, o qual definiu que em Jesus Christo, não só havia duas naturezas, mas sem ser *mudadas, confundidas, nem divididas*.

Os protestantes têm-se esforçado para demonstrar que o nestorianismo e o eutychianismo, tão oppostos em apparencia, não eram heresias, senão de nome, e que as disputas a esse respeito eram só de palavras. Entretanto as duas heresias são inteiramente oppostas, e contêm completos erros dogmaticos. Admittindo-se em Jesus Christo duas pessoas, como ensinava Nestorio, não haveria mais união substancial entre a natureza divina e a humana: e assim não se poderia mais dizer, com São João, que o Verbo fez-se carne, que Jesus Christo é verdadeiro Deus, que o Filho de Deus soffreu por nós, morreu e nos remiu. Se, ao contrario, como sustentava Eutyches, ha uma só natureza, se a humana foi nelle absorvida pela Divindade e não mais subsiste; Jesus Christo não é verdadeiro homem; e a Divindade só nelle subsistente não poderia nem soffrer, nem morrer, nem por nós satisfazer á justiça divina. Portanto estas duas heresias aniquilam, cada uma a seu modo, os mysterios da encarnação e da redempção.

Ainda em vida de Eutyches os seus sectarios, deixando o nome de eutychianos, tomaram o de monophysitas; e logo depois da morte do seu chefe elles, conservando em fundo o mesmo erro, dividiram-se em diferentes seitas, tomando cada uma a sua denominação de accordo ou com o nome do seu novo chefe ou com o novo sentido, que davam á mesma heresia antiga. Assim todas as novas seitas, embora todas unanimemente acreditassem e ensinassem que em Jesus Christo ha uma só natureza, donominavam-se: theopascitas, acephalos, caianistas, incorrupticolas, aphtar-todocetas, phantasiatas, severianos, phartolattras, corrupticolas, tritheistas, philoponistas, canonistas. Vendo mais tarde que por causa das muitas divisões a seita primitiva tendia á sua completa extincção, convenceram-se da necessidade de fundirem-se em uma só, e elegeram para bispo de Edessa Jacob Zanzala, monge ignorante, mas astuto, insinuante e activo, e deram-lhe o titulo de metropolitano ecumenico, isto é, universal; e então tomaram todos o nome de *Jacobitas*. Mas logo depois, obedecendo á lei fatal

que rege todos os erros, dividiram-se em jacobitas syrios, coptas e armenios.

Os jacobitas syrios, alem do erro commum sobre uma só natureza em Jesus Christo, alguns seguem o erro dos Gregos sobre a processão do Espirito Santo; ensinam que os justos irão para o céu e os condemnados para o inferno só depois do juizo final; negam o purgatorio, mas admittem a oração pelos mortos; e todos mantêm o ensino e o uso dos sete sacramentos; acreditam na presença real de Jesus na eucharistia, mas com a impanação; e consagram com o pão fermentado, addicionando-lhe sal e oleo. Elles dão a confirmação juntamente com o baptismo; dão na enfermidade a extrema uncção; conservam o uso da confissão; consideram o matrimonio como sacramento, mas admittem em certos casos a sua dissolução. O patriarcha é eleito pelos bispos, clero e os principaes do povo; e é sempre escolhido dentre os monges de voto perpetuo de castidade. O patriarcha nomeia os bispos, mas sempre tirando-o duma ordem religiosa. Os padres não podem casar-se; mas os casados podem ser padres, e tem a faculdade de conservar a mulher depois de ordenado.

Celebram a missa e administram os sacramentos em lingua syriaca, embora fallem o arabe. Conservam as ordens religiosas de ambos os sexos; e invocam os Santos e Nossa Senhora; mantem a pratica do jejum, tendo durante o anno varias quaresmas. O seu patriarcha reside em Antiochia.

Os cophtas tiram o seu nome duma cidade do Egypto e devidem-se em cophtas egypcios e ethiopes ou abyssinios. Os cophtas egypcios conservam o erro sobre uma só natureza em Jesus Christo; mas mantêm todos os outros dogmas catholicos, bem como todos os sete sacramentos. Administram o baptismo aos meninos quarenta dias depois do nascimento, e ás meninas oitenta dias depois, e usam do baptismo por immersão. Quando administram a confirmação ás crianças, dam-lhe tambem a communhão, mas sob a especie de vinho. Aos homens elles dão a communhão sob ambas as especies; e ás mulheres só sob a especie de pão. A ordenação é por elles administrada com forma e materia validas. Conservam a invocação dos santos, a oração pelos mortos, a pratica dos jejuns e abstinencia, tendo durante o anno quatro quaresmas. Consideram o matrimonio como sacramento; mas admittem a sua dissolução em certos casos. Conservam como canonicos os mesmos livros sagrados, que nós conservamos. Ha entre elles as ordens religiosas dos dois sexos. O seu patriarcha reside em Alexandria. O patriarcha é escolhido dentre os monges de São Macario, e é eleito pelos bispos

clero e os principaes do povo. O patriarcha nomeia os bispos e os escolhe entre os seculares viuvos para não poderem mais cazar-se. Os padres podem cazar-se; mas muitos abstem-se, e são por isso muito mais respeitados pelo povo.

Os cophtas ethiopes ou abyssinios mantêm o erro commum sobre a unidade de natureza em Jesus Christo; mas, como nós, conservam todas as crenças e sacramentos catholicos. Renovam o baptismo no dia da Epiphania, não para revalidal-o, mas unicamente para commemorar o baptismo de Jesus. Dão a circuncisão, não porque acreditem ser ella obrigatoria, mas unicamente para conservar a sua tradição. Consideram o matrimonio como sacramento; porém ha entre elles alguns que consideram, como licitos, o divorcio e a polygamia. Conservam a invocação dos santos, o culto das imagens; têm os religiosos de ambos os sexos. O seu patriarcha é o mesmo que reside em Alexandria. Os bispos são tambem como o patriarcha, escolhidos entre os monges. Elles tratam o patriarcha e os bispos de *Abbuna*, e muitissimo os respeitam.

Os cophtas armenios dividem-se em franco-armenios e armenios schismaticos. Os primeiros são em tudo como nós, catholicos sujeitos ao Papa. Elles têm um patriarcha em Naksivam, cidade da Armenia, e outro em Kaminiek, na Polonia.

Aos armenios schismaticos, Miguel Lefèvre e o Padre Galano, attribuem alguns erros dogmaticos, e até mesmo asseveram que elles negam o purgatorio, o inferno, os sacramentos da confirmação e da extrema-uncção; porém outros historiadores asseguram que esses erros são professados por alguns particulares, mas não pela seita. O Padre Lebrun, que muito bem informado está sobre a questão, prova que, á excepção do erro sobre a unidade de natureza em Jesus Christo, os armenios schismaticos não têm absolutamente nenhuma crença contraria a dos catholicos; que elles concordam comnosco sobre o numero e a natureza dos sacramentos, sobre a presença real, sobre a transubstanciação, sobre o sacrificio da missa, culto dos santos, oração pelos mortos e sobre tudo o mais. Elles têm muitos jejuus, e conservam muitos mosteiros. Elles têm dois patriarchas, um no convento de Eckmiazim e outro em Cis, na Cilicia. Quanto á eleição dos patriarchas, nomeação dos bispos, a disciplina e o governo dos sacerdotes, seguem as mesmas prescripções e praxe dos cophtas abyssinios, havendo a respeito uma particularidade digna de nota. Alem de patriarcha e bispos, elles têm a dignidade de *werta bjets*, que significa doutor, que é superior aos bispos, e usa tambem de baculo e é nomeado e sagrado com as mesmas formalidades dos bispos

Todos os eutychianos estão, como os nestorianos, inteiramente subordinados ao soberano civil e aos seus magistrados, podendo por elles ser removidos, suspensos, demittidos.

Vigesima primeira Instrução.

Os gregos schismaticos.

A heresia, conhecida pela denominação de schisma grego, ainda se acha presentemente espalhada na Grecia propriamente dita, nas linhas do Archipelago, na Asia Menor, nos centros mais orientaes, onde ella tem livre exercicio de sua religião. Ella tem tambem varias egrejas na Polonia. Para descobrir-se a origem desta tão funesta divisão, é preciso remontar ao quarto seculo. Antes de Constantinopla ser a capital do imperio do Oriente, e sé episcopal dessa cidade, não tinha importancia; mas logo que a séde do imperio ahí foi estabelecida, os seus successivos bispos, favorecidos pela côrte, começaram a ostentar preeminencia e pretenderam attribuir a si sobre todo o Oriente a mesma supremacia, que os Papas exerciam sobre todo o Occidente. Chegaram mesmo, pouco a pouco, a dominar os patriarchas de Antiochia e Alexandria; e tomaram o titulo de bispo universal. Em 857 o imperador Miguel 3.^o, cognominado o *bebado*, principe muito vicioso, contrariado pelas justas reprehensões que lhe fazia o patriarcha Santo Ignacio, desterrou este tão virtuoso prelado; o forçou a demittir-se do seu patriarchado; e pôz em seu lugar Phocio, homem intelligente e illustrado, mas ambicioso e hypocrita. Elle era secular, mas, por empenho do imperador, em seis dias foi constituído sacerdote, bispo e patriarcha. Santo Ignacio, injustamente deposto, queixou-se ao Papa Nicoláu 1.^o; e este num concilio em Roma, reconheceu os seus direitos; excommungou a Phocio, que, não obedecendo ao chefe da Igreja, por seu turno o excommungou, e o declarou deposto num conciliabulo, reunido por elle em Constantinopla. Tomando o faustoso titulo de patriarcha ecumenico, accusou de heresia os bispos do Occidente em communhão com o Papa, accusando-os: de jejuar no sabbado; de impedir aos padres de casar-se; de reservar aos bispos a unccão do chrisma, que se faz no baptismo; de acrescentar ao symbolo de Constantinopla a palavra *filioque*, para fazer entender que o Espirito Santo procede tambem do Filho. Estas accusações foram todas

perfeitamente, umas explicadas, outras refutadas por varios bispos.

Mais tarde Phocio impedindo que entrasse na egreja de Santa Sophia Bazilio de Macedonia, este indignado e para contentar ao povo, restabeleceu Santo Ignacio em sua Sé patriarchal, e mandou encerrar num convento o criminoso intruso. Dez annos depois, morrendo Santo Ignacio, Phocio teve a habilidade de fazer-se restabelecer pelo mesmo Bazilio que o tinha deposto. O Papa João VIII, que então occupava a Sé de Roma, certo do quanto Bazilio e Phocio, então reconciliados e intimos, eram capazes, julgou prudentemente que era preciso ceder para evitar á Egreja maior mal e consentiu no restabelecimento de Phocio. Uma vez restabelecido, immediatamente recommçou as suas ambiciosas tentativas para ser patriarcha ecumenico e tornar-se independente de Roma: e por embustes, falsificações e calumnias conseguiu ser considerado e reconhecido como tal pelos seus numerosos adéptos, e assim rompeu inteiramente os laços sagrados de obediencia e dependencia para com a Sé de Roma. Felizmente o seu triumpho não teve longa duração, porque seis annos depois, morrendo Bazilio, Leão, seu filho e successor, o depôz e desterrou num convento da Armenia, onde em 891 morreu infeliz e desprezado.

Os patriarchas não desistiram do seu criminoso intento de tornar-se independentes de Roma e de governar todo o Oriente; porém os Papas, por extrema prudencia e tolerancia, foram contemporizando e não romperam suas relações com a Egreja Grega. Este estado de cousas durou cento e cincoenta annos. No anno de 1043 Miguel Cerulario, eleito patriarcha de Constantinopla, renovou as falsas accusações feitas á Egreja Romana, e rompeu inteiramente contra a suprema autoridade religiosa, estabelecida por Deus, e assim consummou o triste schisma grego, que infelizmente perdura até hoje.

Para prevenir os leitores contra os grosseiros sophismas e as aviltantes calumnias dos nossos inimigos, convem explicar e conciliar bem tudo quanto relativamente a Phocio deu-se nos dois concilios, celebrados em Constantinopla, um em 869, outro em 879. O ultimo concilio apenas tratou do reconhecimento de Phocio como patriarcha. Não é verdade que elle tenha cassado as actas do primeiro, nem que tenha absolvido a Phocio da condemnação contra elle lançada. O primeiro Concilio não o tinha condemnado como heretico, mas unicamente como intruso: e elle deixou de ser, porque Santo Ignacio já tinha morrido. Tambem o primeiro concilio não cogitou da processão do Espirito Santo, nem da addição feita ao symbolo, mas tratou unicamente do restabelecimento de Phocio e nada mais. E' verdade que João VIII

escreveu a Phocio, o reconhecendo como patriarcha e o considerando como acolhido na communhão catholica; mas é falsissimo que em sua carta tenha dito: Nós classificamos como judas os que tem accrescentado ao symbolo que o Espirito Santo procede tambem do *Filho*. E' uma falsificação que mais tarde foi feita na referida carta do Papa. E' tambem falsissimo que a Igreja tenha então pensado diversamente que hoje sobre a processão do Espirito Santo. Todas essas imposturas têm sido forjadas pelo autor dos *Ensaio sobre a Historia Geral*.

Assignalemos agora quaes são os dogmas, os ritos e a disciplina dos Gregos schismaticos. Admittem a divindade do Espirito Santo, porem persistem em negar que elle procede tambem do Filho. Recusam reconhecer o primado do Papa e sua jurisdicção sobre toda a Igreja; mas conservam a jerarchia ecclesiastica, e attribuem ao patriarcha de Constantinopla tanta autoridade como nós attribuimos ao Papa. Respeitam, como nós, os antigos canones dos concilios relativamente á disciplina, e temem excessivamente a pena de excommunhão lançada pelos bispos. Consagram com o pão fermentado, mas não negam que seja nulla a consagração do pão azymo. Acreditam na presença real e tambem na transubstanciação. Embora orem e calebrem missas pelos mortos, elles não têm, como nós, idéas exactas sobre o purgatorio. Alguns acreditam que a sorte dos mortos só será definitiva depois do juizo final; e outros até não acreditam na eternidade das penas. Sobre os outros artigos da doutrina christã não ha differença alguma entre as suas crenças e as nossas. Nas Igrejas gregas celebra-se unicamente uma missa por dia; e nos domingos e dias santos celebram-se duas. Os habitos sacerdotaes e pontificalaes não são semelhantes aos nossos. Não usam de sobrepellizes, de barretes, de cazulas, mas de alvas, estolas, capas.

O patriarcha veste uma dalmatica bordada, com mangas, e em vez de mitra, põe na cabeça uma coroa real. Os bispos trazem na cabeça um gorro, e em lugar do baculo uma muleta de ebano, ornada de madreperolas. Fazem o signal da cruz levando a mão da direita para a esquerda, e consideram, como hereges, os que fazem de outro modo, porque dizem, que Jesus quando foi crucificado, apresentou primeiro a mão direita. Elles não têm imagem de madeira, metal, nem mesmo em relevo, mas unicamente em pintura, gravura. Usam de orações muito longas; fazem jejuns rigorosos, tendo por anno quatro quaresmas. Consideram o jejum como um dos deveres mais essenciaes do christianismo. O patriarcha de Constantinopla é eleito pelos outros patriarchas, bispos, clero e os principaes do povo; e é elle quem nomeia os outros

patriarchas e os bispos. Os patriarchas e os bispos são todos escolhidos entre os monges da ordem de São Bazilio ou de São João Chrysostomo, e por isso obrigados por voto ao celibato. O povo os respeita muito por serem celibatarios; ao passo que não respeita os padres casados.

Embora os gregos tenham um patriarcha em Alexandria, não se deve confundil-o com o dos cophtas. O primeiro governa os gregos e está sujeito ao patriarcha de Constantinopla; o segundo governa os jacobitas, e estende a sua jurisdicção sobre os ethiopes. Os gregos têm tambem um patriarcha em Antiochia, mas é differente do patriarcha dos jacobitas syrios, e do patriarcha catholico dos maronitas, reunidos á Egreja romana.

Os gregos, os nestorianos e suas ramificações; os euty-chianos e suas ramificações formam os orientaes. Todos estão separados da Egreja catholica; mas, pondo-se de parte os seus erros particulares, que são sobre a unidade de pessoa e qualidade de natureza em Jesus Christo, sobre a possessão do Espirito Santo, tambem do Filho, e sobre a supremacia do Papa, estão de perfeito accordo comnosco sobre todos os dogmas e sacramentos, differenciando-se de nós apenas sobre pontos disciplinares. Elles provam que as accusações que contra nós fazem os protestantes, nos qualificando de innovadores, são, não só injustas, mas inteiramente falsas. Todas essas seitas dissidentes estão inteiramente subordinadas ao soberano e aos seus prepostos, podendo por elles serem removidos, suspensos, destituídos de seus cargos, e não podendo entrar em sua posse ou exercicio sem o beneplacito imperial.

Não devemos confundir os Maronitas catholicos com os gregos schismaticos Maronitas são os christãos do rito syrio, e que são submissos á Egreja romana, e de que a principal residencia é sobre o monte Libano. Os maronitas foram primeiramente monothelitas; depois adheriram ao schisma grego; e no decimo sexto seculo é que uniram-se aos catholicos. O seu patriarcha reside em Antiochia, e a sua eleição é feita pelo clero e pelo povo. Elle tem sob seu governo alguns bispos, que residem em Damasco, Tripoli, Alep na ilha de Chypre. O patriarcha e os bispos devem ser celibatarios. Os padres não podem casar-se. Os casados podem ser padres; porém, enviuvando, não podem mais casar-se sob pena de serem degradados, no sentido canonico. Os padres não dizem missa em particular, isto é, sem assistentes; mas diante de assistentes, que rodeam todos o altar, e recebem na missa a communhão. Embora a sua liturgia seja em syriaco, elles lêem a epistola e o evangelho em vóz alta e em lingua arabe. Os que têm visitado os maronitas asseveram

que elles são trabalhadores, ordeiros, honrados, religiosos; e comparando a sua conducta com a dos Turcos, notam a grande differença, que a religião produz nos costumes, na condição e no destino dos povos.

Vigesima segunda Instrucção.

O schisma russo.

A Russia permaneceu no paganismo até o fim do decimo seculo. Em 945 Olga, viuva de um dos soberanos, foi a Constantinopla, e ahi, instruida na religião christã, recebeu o baptismo. Voltando á Russia ella tentou ahi estabelecer a nossa religião; porém não conseguiu persuadir seu filho Suatoslas, que então reinava; e assim seu zelo não produziu grandes effeitos. Em 988 Woladomiro, filho e successor de Suatoslas, fez alliança com Bazilio II, imperador grego; e, casando-se com Anna, irmã de Bazilio, instruiu-se em nossa religião e foi baptizado. Então o patriarcha de Constantinopla, aproveitando-se dessa circumstancia, enviou á Russia um arcebispo e alguns sacerdotes; e o arcebispo baptizou doze filhos do imperador Woladomiro. Este acto impressionou tanto, que, segundo consta, num só dia logo depois foram baptizados vinte mil russos. Os que collocam a conversão dos russos no nono seculo, confundem o reino de Bazilio, o Macedonio, com o de Bazilio II. Então ou em 988 os gregos ainda estavam em communhão com a Sé de Roma, e os russos já eram catholicos, e continuaram a ser, mesmo depois de consummado o schisma grego por Miguel Cerulario. Em 1439 ainda havia na Russia igual numero de catholicos e de schismaticos, que já tinham sido pervertidos pela forte propaganda dos gregos e foi só no meado do seculo decimo quinto que o schisma grego estendeu-se em toda a Russia.

Em 1589, achando-se na Russia Jeremias, patriarcha de Constantinopla, reuniu todos os bispos e por unanime consentimento declarara o de Moscou patriarcha dos russos. Mais tarde, sendo patriarcha Nicon, este declarou ao patriarcha de Constantinopla que não mais reconhecia a sua jurisdicção. Tornando-se assim independente, elle augmentou o numero de arcebispos e bispos, e assumiu um poder despotico sobre todo clero. Procurando intrometter-se

tambem no governo civil e perturbando por isso a paz do estado, o czar reuniu em 1667 em Moscou um grande concilio, composto dos principaes prelados das egrejas grega e russa, no qual Nikon foi deposto.

Os russos continuaram a ter o seu patriarcha, independente do de Constantinopla; porém, continuando o criminoso abuso de querer ter intervenção na direcção dos negocios civis e politicos, quando em 1702 morreu o undecimo patriarcha russo, o imperador recusou-se a dar-lhe successor. Em 1722, justamente vinte annos depois, o clero insistiu perante o imperador, que então já era Pedro, o Grande, pela nomeação d'um novo patriarcha, e o imperador lhes respondera, batendo no peito: Eis aqui o vosso patriarcha. Immediatamente o imperador estabeleceu, sob o titulo de *Santo Synodo*, um conselho de administração ecclesiastica, presidida por um seu procurador leigo, militar, que elle escolhe entre mil e que demitte quando bem lhe apraz. Eis o chefe nominal da Igreja russa, sendo o seu chefe real o proprio imperante. O conselho que, além do presidente, compõe-se de arcebispos, bispos e abbades, nomeia arcebispos, bispos e abbades. Não só o Santo Synodo, mas mesmo toda a administração religiosa, estão sujeitos ao Regulamento, denominado *Estatuto Canonico de Pedro, o Grande*, o qual regula toda a disciplina e crenças.

Ha um historiador que diz que nessa seita os padres todos são obrigados a cazar-se; porém não dá uma razão justificativa da imposição estulta dessa obrigação. O Estatuto que rege toda a disciplina ecclesiastica não diz absolutamente uma só palavra sobre esse ponto. Deve-se portanto concluir que a esse respeito ha inteira liberdade. Elles mantêm, como nós, a jerarchia ecclesiastica, a missa, todos os sacramentos, invocação dos santos, culto das imagens e reliquas, oração pelos mortos, ordens religiosas; e recomendam muito aos bispos de zelar da pureza do culto e de banir da religião toda sorte de superstição. E' verdade que elles consideram a Escriptura como a unica regra de fé, mas mandam consultar as decisões dos concilios e os escriptos dos Padres para ter o verdadeiro sentido. Abstrahindo-se do que fica notado e de sua separação de Roma, elles conservam a doutrina catholica, e dentre os hereges, são os que mais se approximam de nós.

Vigesima terceira Instrucção.

O protestantismo. — Parte primeira:

Sua origem e doutrina.

De todas as seitas hereticas a que deve ser mais estudada e melhor conhecida dos catholicos e principalmente dos Padres, é o protestantismo, porque ella é a que mais nos pode prejudicar, tendo entre nós as outras seitas limitado numero de sectarios, e que não fazem propaganda. Ella appareceu em 1517 na Allemanha tendo por seu chefe fundador Martinho Lutero. Os seus primeiros adeptos tomaram o nome de *protestantes*, porque protestaram contra um decreto do rei da França, Carlos 5.^o que na diéta de Spire em 1529 determinou que a seita só seria tolerada nos lugares em que já estava estabelecida, e prohibia-lhe de estabelecer-se em outra qualquer parte. Elles tambem appellidaram-se *reformados*, porque pretendiam reformar a doutrina de Jesus Christo; e tambem *evangelicos*, porque ufanavam-se de seguir á risca os ensinamentos dos evangelhos.

Lutero nasceu em Eisleben, na Saxonia, em 10 de Novembro de 1483; professou na ordem dos Agostinianos em 1501; fez-se sacerdote a 2 de Maio de 1507. No dia da celebração de sua primeira missa o seu pai mostrando-se triste, contrariado exclamou: Ah! Deus queira que Martinho não tenha errado a sua vocação. Infelizmente o seu sinistro presentimento logo converteu-se numa funesta realidade. Extremamente ferido em seu orgulho, porque o Papa não escolheu os da sua ordem para pregar as indulgencias, que tinham por fim pedir esmolas para concluir as obras da Egreja de São Pedro em Roma, elle, em 1517, começou a pregar contra os abusos das idulgencias. O erro, como a verdade, tem sua logica inexoravel. Condemnando o abuso, passou a condemnar a autoridade que concedia as indulgencias. Condemnando a autoridade, passou a condemnar a Tradição, que sustentava os seus sagrados direitos. Condemnando a Tradição, era forçado a considerar a Escriptura Santa como sendo a unica regra de fé. Eis o que justamente aconteceu. Em 1525 casou-se com uma religiosa, que, como elle, tinha violado os seus sagrados votos, abandonando seu convento, e assim repudiado a sua santa alliança com Jesus Christo. Em 1546, depois de uma vida escandalosa, agitada e ingloria, foi dar suas contas a Nosso Senhor. Oxalá que o ultimo momento de sua vida

fosse o momento dum perfeito arrependimento, que o tenha salvo.

Elle viveu 63 annos; foi catholico 34 annos; foi religioso 16 annos; passou como bom sacerdote 10 annos; foi casado 21 annos. Os historiadores não combinam sobre os sentimentos de sua alma nos seus ultimos momentos. Uns dizem que elle morreu tranquillo, confirmando tudo quanto tinha ensinado durante a sua apostasia; outros muitos asseveram que elle agitado, desesperado, pôz por si mesmo termo á sua vida.

Vejamos agora como elle pensou e procedeu nas duas phases, tão contrarias e oppostas, de sua vida. Emquanto catholico elle foi puro, tolerante, obediente; sustentou com toda sinceridade a verdade e a santidade da doutrina catholica, e a suprema autoridade do Papa. Na historia de Cantú, que não é suspeito, no volume 15, pagina 28 lemos o seguinte. Numa carta que Lutero escreveu ao Papa, disse: «Attesto perante Deus que não tenho pretendido demolir o poder da Igreja, nem o vosso, que reconheço ser superior a todo outro poder, depois do de Jesus Christo. Eu sei que a Igreja romana foi santificada pelo sangue dum grande numero de martyres, e que os abusos não autorizam ninguem a separar-se de seu gremio.» No seu livro contra Silvestre Priori elle assim se expressa relativamente ao ensino da Igreja: «As crencas de todos devem conformar-se com as crencas da Igreja catholica, que em suas decisões nunca apartou-se da verdade, porque a sua autoridade dimana da propria Divindade.» Em uma sua carta dirigida a Leão X e transcripta por Cantú, elle diz: Santo Padre, mandai-me, reprehendei-me, e eu ouvirei a vossa voz, como se fosse a do proprio Jesus Christo, que, por vós legitimamente representado, nos ensina e nos governa.»

Pelo contrario depois de sua apostasia tornou-se impuro, desobediente, feróz, sanguinario. Cantú no mesmo volume 15, pagina 65 diz: «Lutero atacava as sciencias como inuteis, a philosophia como diabolica, as letras como corruptoras. Não reconheceu o homem como composto de razão e imaginação; e pela supressão da imaginação, cortou o homem pelo meio.» Na pagina 66 diz: «Lutero não amou o povo. Depois de, em nome da liberdade evangelica, ter pregado a cruzada contra os bispos, os padres e os monges, exhortou os principes a exterminar os paisanos.»

Vejamos quaes são os principios fundamentaes do fundador da seita e dos seus primeiros discipulos. Lutero não contente de negar quasi todos os dogmas, sacramentos, virtudes, praticas piedosas, que antes tanto acatava e com tanto zelo defendia e recomendava, teve o descaramento

de professar e pregar principios subversivos, immoraes e até mesmo satanicos. Cantú no volume 15, pagina 30, diz que Lutero no seu tratado, — *Liberdade christã*, proclama que a alma é impeccavel e cita as suas proprias palavras em latim: *Sufficit quod agnorimus per divitias glorie Dei agnum qui tollit peccatum mundi; ab hoc non nos avellet peccatum, etiam si millies uno die fornicemus aut occidamus.* Eis a traducção: Basta que pelas riquezas da gloria de Deus conheçamos o cordeiro, que apaga o peccado do mundo; delle não nos apartará o peccado, embora no mesmo dia mil vezes commettamos impurezas ou assassinatos. E no seu tratado — *De Piscatura Petri* Lutero affirma o seguinte: *Basta que tenhamos fé, e ponhamos de parte as obras. Quanto mais scelerado e infame for o homem, mais voluntariamente Deus lhe concede suas graças.*

O seu discipulo Calvino dizia: O baptismo perdoa o peccado original, os peccados actuaes, passados, presentes e futuros. Os seus efeitos não são *destruidos por novos peccados*. Assim o baptizado permanece sempre justificado. Os antemonianos, que são tambem seus discipulos, dizem que o adulterio e o assassinato tornam o homem *mais santo* na terra e *mais feliz* no céo. O seu discipulo Melancton dizia: «E' Deus que faz tudo em nós. Assim são obras de Deus, tanto a *vocação de São Paulo*, como o *adulterio de David* e a *traição de Judas*.» Parece incrivel, mas é verdade.

E' facil de prever a moralidade dos que professam semelhante doutrina, pois é clarissimo que esses nefandos principios são estímulo a todos os crimes e a plena justificativa de todos os vicios.

Vejam agora a razão por elles apresentada para justificar a sua apostasia. Elles asseveram que se incumbiram de reformar a religião de Jesus Christo, porque a Igreja romana alterou e mesmo perverteu a sua doutrina. Essa asseveração é falsisissima, porque a doutrina de Jesus nunca absolutamente poderá ser alterada, muito menos ainda pervertida. Jesus, vindo na plenitude dos tempos, deu á sua religião um character permanente, definitivo, perfeito, de modo a não precisar, nem mesmo poder ser alterada, modificada em sua natureza e essencia. Elle, a este respeito, empenhou a sua palavra, quando disse: O céo e a terra passarão, mas não hão de passar as minhas palavras. As portas do inferno não prevalecerão contra a minha Igreja. O espirito de verdade, que a meu pedido meu Pai ha de enviar, nella permanecerá *eternamente*. Eu estarei comvosco (referindo-se aos apóstolos e aos seus successores) *todos os dias até a consummação dos seculos*. Se portanto a doutrina de Jesus em qualquer tempo

pudesse ser alterada, as suas terminantes promessas seriam burladas, e elle deixaria de ser Deus.

Mas a sua doutrina não podia ser, como mesmo não foi, nem de leve alterada. Assemani e o Abbade Renaudot nos livros 4.^o 5.^o de sua obra sobre a *Perpetuidade de fé*, apresentam provas irrecusaveis que os orientaes, nestorianos, jacobitas ou eutyichianos ethiopes ou abyssinios, conservam, como nós catholicos, todos os sacramentos, dogmas, praticas, ceremonias, que como innovações da Igreja romana são rejeitados pelos protestantes. Na Confissão de Augsburg, que é a primeira e considerada por todos como o fundamento de todas as confissões protestantes, está escripto: Nós ensinamos que ha uma Igreja *Santa*, que deve subsistir *eternamente*. Do mesmo modo fallam as confissões protestantes de Saxonia, da Bohemia e de Strasburg. Ou essas confissões ensinam a falsidade, ou não houve alteração alguma na doutrina de Jesus Christo.

Foi a Igreja romana quem escreveu e mandou traduzir em latim toda Escriptura santa; e os protestantes receberam de suas mãos essa traducção, e a constituiram sua unica regra de fé. Se, pois, a doutrina catholica é uma doutrina alterada e pervertida, tambem alterada e pervertida é a *unica regra de fé dos protestantes*.

A prova evidentissima que a doutrina da Igreja romana é a mesma que ensinou Jesus Christo, é que ella e só ella produz verdadeiros santos. Pouco antes de Lutero, entre outros muitos, temos São Bernardo, São Boaventura, que os proprios protestantes reconhecem como verdadeiros santos. Logo depois de Lutero temos São Luiz Gonzaga, Santa Thereza, São João da Cruz, São Francisco de Salles, que converteu pela edificação de suas virtudes mais de setenta mil hereges. Contemporaneos de Lutero temos São Carlos Borromeu, que empregou toda a sua grande fortuna em estabelecimentos pios e foi um modelo de caridade. Elle foi arcebispo de Milão e era sobrinho do Papa Pio IV; e portanto observava e ensinava a doutrina da Igreja romana. Temos ainda São Francisco de Borgia, que nasceu em 1510 e morreu em 1572. Elle, por humildade, recusou ser bispo, ser cardeal, ser mesmo papa. Temos ainda, alem de outros muitos que poderíamos citar, São Francisco Xavier, que nasceu em 1506 e começou a pregar em 1541, quando Lutero ainda estava com todo ardor pregando a sua heresia. Todos sabem o que foi São Francisco Xavier. Os proprios protestantes são forçados a reconhecê-lo como um grande santo. Elle pregou em 52 reinos; baptisou por suas proprias mãos um milhão e cem mil idolatras; teve o dom das linguas e das prophcias; dominou os ventos e os mares; curou muitissimos enfermos incuraveis e resuscitou quarenta e sete

mortos. Dizer que uma doutrina, que produz innumeraveis santos desta ordem, está alterada e pervertida, é negar a luz meridiana; é asseverar que pedra é páu, e que o páu é pedra; é dar prova de ser ou louco ou satânico.

Não obstante ser evidente que a doutrina de Jesus Christo não foi, nem mesmo podia ser alterada, os protestantes continuam a intitular-se seus reformadores; porém é preciso que provem por quem foram para isso autorizados, ou antes de quem receberam a devida missão. Em religião chama-se missão o que na sociedade civil chama-se procuração, mandato, credencial. E' intuitivo que não podemos representar uma pessoa, defender sua causa, seus direitos, sem que por ella estejamos completamente autorizados. São Paulo dizia: Como hão de pregar, se para isso não foram mandados? Em religião ha duas missões, uma extraordinaria, outra ordinaria. A primeira é dada directamente por Deus, que por milagres confirma a sua legitimidade, como elle fez relativamente a Moysés e aos Prophetas, e como Jesus Christo fez relativamente aos Apostolos. A segunda vem por uma continua successão daquelle que recebeu missão extraordinaria, aos que legitimamente exercem o mesmo cargo, e assim são verdadeiros successores. Assim o Papa é legitimo successor de São Pedro, e os bispos o são dos apóstolos. Como os apóstolos, alem de bispos, eram tambem sacerdotes, os actuaes sacerdotes são tambem seus legitimos successores; mas só relativamente ao santo sacrificio da missa e a administração dos sacramentos, menos o da ordem, que pertence ao poder episcopal.

E' necessario que os protestantes nos digam e provem de quem receberam a sua missão de reformar a religião de Jesus Christo. Receberam immediatamente de Deus? Então é missão extraordinaria, e devem portanto nos apresentar as provas dos milagres, operados para justificar-a. Ha, houve em algum tempo um só milagre, operado entre os pretendidos reformadores? Receberam a sua missão da Igreja romana, a quem antes pertenciam? Se admittem que ella tem missão, devem acreditar que ella não lhes daria autoridade para combater a sua doutrina; e devem se considerar como verdadeiros hereges e schismaticos, porque negam os seus dogmas e desacatam a sua suprema autoridade. Em taes apertos uns recorrem á igreja invisivel, e dizem que, apesar da Igreja romana ter deturpado a doutrina de Jesus Christo, ella não se extinguiu e continuou pura, sendo occultamente professada por catholicos só apparentes, que só interiormente eram puros e verdadeiros crentes. Primeiro, a Igreja de Jesus Christo não podia nunca ser uma sociedade occulta, porque, devendo salvar a todos, por

todos deveria ser conhecida ; e ainda porque uma sociedade que deve ensinar, governar, administrar sacramentos a todos, nunca poderá permanecer invisível. Segundo, porque se isso fosse verdade, deveríamos logicamente concluir que a Igreja de Jesus Christo era constituída unicamente de homens fingidos e hypocritas, dos quaes os protestantes eram os legitimos descendentes e successores.

Outros não admittindo o absurdo da Igreja invisível, declararam-se continuadores das seitas hereticas anteriores. E' outro absurdo tão grande e humilhante como o primeiro. E' certo que os protestantes formaram o seu corpo de doutrina indo tirar de diversas seitas passadas alguns dos seus erros, rejeitando os outros, e assim formaram uma verdadeira manta de retalhos de pannos de diferentes cores e qualidades ; mas é tambem certissimo que a sua doutrina não concorda em tudo com a doutrina de nenhuma das outras seitas hereticas. De modo que elles conservam alguns dogmas que as outras seitas condemnam, e estas ensinam e professam principios que elles detestam. Elles tiraram do manicheismo o odio contra as imagens, e rejeitaram os seus dois principios fundamentaes, que são o bom que é causa de todos os bens, e o máu que é causa de todos os males. Por seu turno os manicheus que combinam com os protestantes sobre o culto das imagens, não aceitam o seu principio fundamental, que é estabelecer a Escriptura como unica regra de fé. E' sabido por todos que as actuaes heresias vem do manicheismo, que foi condemnado pela Igreja ; que este procede do gnosticismo, que foi condemnado pelos proprios Apostolos. A conclusão logica é que os protestantes consideram-se como successores de hereges, condemnados até pelos fundadores da Religião de Jesus Christo ; e para assim provar que são legitimos reformadores e mestres da doutrina pura e santa. Que irrisão !

Negando a autoridade da Igreja e a Tradição, estabeleceram como sua unica regra de fé a Escriptura : o que não é e nem mesmo pode ser. Sem fé não ha religião. Se, pois, a Escriptura fosse a unica regra de fé, sem ella não haveria religião ; entretanto os factos demonstram inteiramente o contrario. Os primeiros livros do antigo Testamento foram escriptos por Moysés, e desde do começo do mundo houve religião, que santificou os que fielmente observaram os seus preceitos. Os protestantes não terão coragem de negar que antes de Moysés houve grandes santos entre os antigos patriarchas. No novo Testamento houve religião muito antes de se ter escripto um só livro. O primeiro evangelho foi escripto de seis a oito annos depois da Ascensão de Nosso Senhor, quando antes já recitavam a oração domini-

cal, administravam o baptismo, a communhão, pregavam, já tinham fundado muitas egrejas, que funcionavam com toda regularidade. Portanto, antes de escrever-se uma linha, já havia religião. Jesus Christo, fundador da religião, não escreveu, mas unicamente pregou; não mandou aos Apostolos que escrevessem, mas unicamente que pregassem. Os Apostolos não começaram escrevendo, mas pregando, e nem todos escreveram; e os seis que escreveram, o fizeram mais tarde, e por motivos particulares, como já temos notado quando tratámos da Escripura Santa. A propria Escripura nos ensina que ha muitos factos praticados e muitas verdades ensinadas por Jesus, que não foram mencionadas em seus livros.

Os proprios protestantes, contradizendo-se, provam exuberantemente que a Escripura não é a unica regra de fé. A ser verdadeira a sua asseveração, todo o seu empenho e toda a sua propaganda deveria cingir-se unicamente em ensinar a ler, em mandar imprimir biblias, e espalhar-as pelas ruas, praças, caminhos e estradas; e nada mais absolutamente. Todos, porém, sabem que elles pregam, fazem reuniões de synodos; têm profissões de fé, catecismos; espalham folhetos. A ser verdadeira a sua asseveração, elles nada deveriam fazer, ensinar, que não estivesse na biblia. Todos, porém, sabem que elles administram o baptismo ás creanças, guardam os domingos; quando a biblia manda unicamente guardar os sabbados, e nada ensina sobre a validade do baptismo ás creanças. E' a Igreja romana que transferiu a guarda do sabbado para domingo: e é tambem quem ensina que o baptismo conferido ás creanças, antes do uso da razão, é valido.

Ha entre os protestantes a seita de arminianos e a dos gommaristas. Em 1619 estas duas seitas travaram entre si uma forte disputa sobre um ponto muito importante de religião. Os armenianos sustentavam que Deus queria salvar a todos, que Jesus tinha morrido por todos, e que Deus decretava a condemnação dos máus mediante a previsão de seus crimes. Os gommaristas, pelo contrario, sustentavam que Deus queria salvar só alguns, que Jesus tinha morrido unicamente pelos escolhidos, e que Deus, sem attender ao procedimento, condemnava quem elle queria condemnar. Reuniu-se então um grande synodo, em Dordrecht, cidade da Hollanda, para decidir a questão. Os armenianos para justificar a sua opinião apresentavam o texto de S. Paulo em sua segunda Epistola a Timotheo, capitulo 2, vers. 4, que diz: Deus qui omnes homines vult salvos fieri—*Deus que quer que todos os homens sejam salvos*; e mais o texto de São Paulo em sua segunda Epistola aos Corinthios, capitulo 5, verso 15, que diz:

Pro omnibus mortuus est Christus — *Christo morreu por todos*. Os gommaristas, não tendo nenhuma citação da Escriptura para fundamentar a sua opinião, apresentaram apenas algumas glosas, commentarios e explicações particulares. Entretanto o synodo confirmou a opinião dos gommaristas e condemnou a dos armenianos. Os que não quiseram acceitar a decisão, foram castigados, perdendo os seus empregos, sendo desterrados; e Barnevelt, um dos recalitrantes, foi executado por ordem do Principe de Orange.

Ainda mais um facto para demonstrar que os protestantes não respeitam a Escriptura como unica regra de fé. Lutero conta que, argumentando com um catholico, este o contestou citando-lhe textos da Escriptura, e conta que assim falou: O papista insiste algum tanto excessivamente, citando-me a Escriptura; mas eu desfaço bravatas, appellando sómente para o Christo, que é o legitimo Senhor, superior á Escriptura. Eu nada questiono sobre todas as palavras da Escriptura, ainda mesmo quando tu te serves dellas contra mim, pois eu tenho da minha parte o mestre e senhor da Escriptura; é a elle que eu quero apegar-me. “Isto deu-se, porque elle se tinha compromettido a retractar-se de sua doutrina, se alguém pela Escriptura provasse que elle estava em erro. “Walch Ausy vol. 8.º n.º 2140”. Fica portanto provado que a Escriptura não é a unica regra da fé; e vamos provar que ella nem mesmo o pode ser. A regra de fé deve em todo o tempo estar ao alcance de todos, porque ella em todo o tempo e para todos é necessaria para a salvação. Antes da invenção da imprensa, que se deu no meado do decimo quinto seculo, os livros eram todos escriptos á mão; e antes da invenção do papel eram escriptos em pergaminho, que custava muito caro. Então uma biblia custava duzentas libras esterlinas, que ao nosso cambio correspondem a tres contos de reis, e ao cambio ao par correspondem a dois contos. Nessas circumstancias o céo era unicamente para os ricos, porque os pobres não poderiam possuir a regra da fé. Ha 50 annos atraz aqui no Brazil, entre cem pessoas, pelo menos vinte eram analphabetos; e ainda hoje mesmo podemos ter, em cem, déz que não sabem ler. Demais, a maioria dos que sabem ler, por suas occupaões e trabalhos constantes durante o dia, não terão o tempo necessario para ler e decorar a sua regra de fé, que consta de um livro tão volumoso. De modo que só um muito resumido numero de felizes poderia conhecer o meio necessario para salvar-se.

Acima de tudo, a biblia é um livro antigo; foi escripto num indioama desconhecido; tem seus hebraismos; falla de accordo com os costumes de seu tempo; emprega ima-

gens, trópos, que não são facéis de entender-se; e tratam de profundos mysterios. De maneira que, para se poder conhecer os seus ensinamentos, era necessario estudar e ter preparos. Santo Agostinho, esse grande sabio, confessa que, depois de profundos e longos estudos, não conseguiu comprehender certos textos. O protestante Wieland diz que para se comprehender a biblia, é necessario saber physica, historia, hebraico. E', pois, certissimo que a biblia está ao alcance só de alguns ricos e sabios; e assim não pode ser a unica regra da fé.

A Escriptura é uma historia, e esta não pode por si julgar da sua authenticidade, verdade e integridade. E' certo que não existem mais os originaes da biblia, mas unicamente copias. Como, pois, verificar que estas copias concordam com os originaes e por isso são authenticas? Estas copias foram traduzidas em differentes linguas. Como ter certeza que as traducções são fieis e exactas? Ha discordancia sobre o numero certo de livros, que compõem a biblia; uns aceitam, como authenticos e verdadeiros, justamente os que outros rejeitam como apocriphos, e falsos. Como definir quem nesta discordancia tem a verdade? Será a biblia o juiz competente para com acerto decidir estas tres questões importantissimas? Seria um circulo vicioso. Fallando a respeito, Strauss, que não é suspeito, diz: Provar o sentido da biblia pela propria biblia, é uma necessidade. A Escriptura é uma lei, que tem absoluta necessidade dum juiz para dar-lhe o verdadeiro sentido e fazer della a devida applicação. Quando dois sobre um mesmo texto dão interpretações diversas e oppostas, como saber qual é que dá a verdadeira interpretação?

Uns protestantes inventaram a inspiração do Espirito Santo. E' sem duvida a Escriptura, que ensina que o Espirito Santo inspira aos seus leitores o seu verdadeiro sentido; e ahí temos um segundo circulo vicioso, que é este: E' verdade que o Espirito Santo inspira, porque o texto biblico isso nos ensina; e é verdade o que o texto ensina, porque o Espirito Santo pela sua inspiração isso nos ensina. E se o Espirito Santo inspira a cada um o sentido, devia por um processo mais simples e summario já inspirar a cada crente as verdades, que devem crer e os preceitos, que devem observar, dispensando assim o trabalho de ler e entender um livro tão volumoso e de tão difficil comprehensão. O que é ainda para mais espantar, é que o Espirito Santo inspira cousas differentes, diversas, oppostas e até contradictorias! Assim inspira aos catholicos que Jesus está realmente presente na eucharistia e sem ahí haver mais pão; inspira a Lutero que está realmente presente, mas junta-

mente com o pão; inspira a Zuingle que não está presente, mas unicamente figurado; inspira a Calvino que não está presente, nem figurado, mas unicamente pela fé. Esse mesmo Espirito Santo é quem tem inspirado a milhares de milhares de hereges que lêem a Escripura, inspirando porrem a cada um inteiramente o contrario do que iuspirou aos outros! E', não resta a menor duvida, um Espirito Santo mentiroso.

A generalidade dos protestantes, rejeitando essa ridicula invenção da inspiração particular, sustenta que a razão por si só pode perfeitamente conhecer o verdadeiro sentido dos textos da Escripura. Eis as consequencias que foram reduzidas da funestissima doutrina que affirma que a biblia é a unica regra de fé, e que é a razão quem determina o seu verdadeiro sentido: 1.^o Os socinianos dizem que não devemos crer como revelado, senão o que é conforme com a razão. 2.^o Os deistas, que a razão bastando para conhecer o que se deve crer, não precisamos da revelação. 3.^o Os atheus, que a razão não podendo conciliar os attributos de Deus, não podemos ter certeza de sua existencia. A pretendida inspiração produziu nos fracos e ignorantes, que nella acreditaram, o fanatismo, a loucura. Em Dover uma protestante degolou sua filha, porque sentia-se inspirada para imitar a obediencia de Abrahão. Em Jork uma protestante crucificou sua mãe, porque se sentia inspirada a fazer sua mãe imitar a Jesus Christo.

Os que abraçaram a opinião que sustenta que a razão pode por si só conhecer o verdadeiro sentido da Escripura, tomaram um criterio subjectivo, que ha de naturalmente adaptar-se aos interesses, ás propensões, aos caprichos e ás paixões de cada um em particular; e assim cada um achará na leitura dos textos sagrados as verdades que deseja crer, e os preceitos que deseja observar. Uma theologia muito aceita e acatada nos collegios protestantes, achou na biblia que Jesus é um simples philosopho; é unicamente um grande sabio. O sabio doutor Lebois achou que o culto tributado a Jesus, é uma idolatria, porque elle não é Deus. Na França houve uma calorosa discussão sobre a divindade de Jesus Christo; e vendo que não chegavam mesmo á uma combinação, puzeram a questão a votos; e numa reunião de dois mil e quinhentos protestantes a divindade de Jesus venceu apenas por dois votos, tendo contra mil e duzentos e quarenta e nove votos.

Sobre moralidade cada um achou como permittido e licito tudo quanto podia satisfazer aos sentidos e á volupia.

Lutero achou que lhe era permittido deixar o habito de religioso e casar se com uma freira; achou, só para agra-

dar aos potentados, que o sagrado vinculo do matrimonio podia ser dissolvido. O protestante João de Leid achou na biblia que a polygamia era licita, e por isso simultaneamente desposou quatorze mulheres. Com o nefando principio de que cada um pode entender a biblia e formar a sua norma de conducta, nos primeiros annos do protestantismo, a libertinagem chegou ao seu auge. Na Allemanha, quando alguns queriam passar uma noite no deboche, diziam: Nós hoje vamos viver á *luterana*.

Vejamos agora como os protestantes justificam a sua unica regra de fé. 1.^o Citam a passagem da primeira Epistola de São Pedro, cap. 3, ver. 15, que diz: Estai preparados para responder a qualquer que pedir a razão da esperança, que ha em vós. Respondemos que o texto não declara que a Escripura é a unica regra de fé, mas apenas recommenda que todos se instruissem para poder rebater os judeus e os gentios, ainda não convertidos, que sempre accusavam os que já tinham abraçado a fé christã. 2.^o Citam a passagem de São Paulo em sua segunda Epistola aos Thesalonicensens, cap. 5, ver. 21, que diz: Provai tudo, e tomai o que é bom. Respondemos que com esse texto o Apostolo não estabeleceu a Escripura como unica regra de fé; porem unicamente aconselhava todos que estivessem prevenidos relativamente aos que se apresentavam como prophetas; e que das suas prophecias e predicções accitassem só o que fosse bom, isto é, conforme á verdade evangelica e ao ensino da Igreja. 3.^o Citam a passagem do Evangelho de São João cap. 5, ver. 39, que diz: Examinai as Escripturas, porque vós julgais ter nella a vida eterna; e ellas são que dão de mim testemunho. Os protestantes dão a este texto uma importancia tão grande, que o escrevem em letras grandes nas portas das suas casas de culto; entretanto, mediante uma breve analyse, essas palavras citadas convertem-se em armas contra o seu nefasto principio. Jesus acabava de perdoar os peccados ao paralytico diante dos judeus que diziam que só Deus podia perdoar os peccados; e tinha ainda operado o grande milagre de fazer o aleijado de nascença levantar e andar, ficando perfeitamente são mediante unicamente a ordem, que lhe tinha dado. Nem mesmo diante desta brilhante prova de sua divindade os judeus queriam reconhecê-lo como Filho de Deus. Então Jesus, para confundil-os, usou do argumento, que chamamos argumento *ad hominem*, e disse-lhes: Se pelos meus milagres não acreditais na minha divindade, ao menos acreditai pelas Escripturas, ás quaes ligais tanta importancia. Examinai-as bem, e vereis que nellas Moysés me annuncia como Messias é verdadeiro Filho de Deus. Se não me acreditais,

acreditai naquelle, a quem considerais como vosso mestre. Jesus ali referia-se ao cap. 3, ver. 15 e ao cap. 18, ver. 18 do Genesis; ao cap. 24, ver. 17 dos Numeros; ao cap. 18 ver. 15 do Deuteronomio, que annunciavam a Jesus como Messias, Redemptor e como Filho de Deus.

A Santa Egreja Catholica podia servir-se do mesmo argumento para com os protestantes, e dizer-lhes: Se não acreditais na minha autoridade soberana, nem diante dos milagres que Deus tem operado em meu favor, examinai bem as Escripturas, que considerais como vossa regra de fé, e nellas encontrareis estas palavras, que por vós devem ser profundamente meditadas: *Quem vos ouve, me ouve; quem vos despreza, me despreza.* Se alguém não ouvir a Egreja, seja considerado como um publicano e como um verdadeiro pagão.

Antes de encerrar as nossas ponderações sobre a biblia, particularmente interpretada, offerecemos aos protestantes de boa fé as palavras dos illustres personagens, abaixo mencionados, para serem attentamente lidas e profundamente meditadas:

1.^o Richard Steel ao Papa Clemente XI: A unica differença entre nós e vós sobre doutrina é que vós sois infallivel, e nós temos sempre razão. Os nossos synodos têm autoridade tão incontestavel como a vossa. Nós sustentamos que o povo tem direito de examinar as Escripturas: mas aconselhamos que não pretendam ser mais sabios que seus superiores. Embora pelas nossas palavras conservemos á Escriptura toda a sua autoridade, temos a destreza de lhe substituir realmente as nossas proprias explicações e os dogmas, tirados das nossas explicações. Em outra occasião dizia o mesmo protestante Richard que as decisões do clero entre os anglicanos; os synodos nacionaes entre os calvinistas; os formularios entre os luteranos, têm a mesma autoridade, que o Tridentino entre os catholicos.

2.^o Santo Agostinho (ad Honorat. De utilitate cred. cap. 17 ver. 35.): Se uma qualquer disciplina, ainda trivial e facil, para ser comprehendida, pede um doutor ou mestre; que pretensão mais cheia de soberba temeridade, que a de querer conhecer os livros dos divinos mysterios sem ser por seus legitimos interpretes?

3.^o Santo Irineu (Hereses par. 21): O demonio procura encobrir suas mentiras pela biblia; e é o mesmo que tem feito todos os hereges.

4.^o São Pedro Chrysologo (Serm. Epiph.): Assim como na pharmacia, não havendo um medico que receite, em vez dum remedio que cura, tomam um veneno que mata; assim

na biblia, os que não têm o magisterio infallivel, em vez da verdade que salva, encontram o erro que perde.

5.º Tertulliano que viveu no terceiro seculo fazia de todos hereges e principalmente dos seus fundadores a seguinte pintura : Rejeitam os livros das Escripturas que os incommodam ; interpretam os outros a seu modo ; não fazem escrupulo de mudar o sentido em suas traducções. Para ganhar um proselyto, pregam a necessidade de tudo examinar, e de por si mesmo procurar a verdade ; quando o seguram, não soffrem mais que elle os contradiga. Os seus discursos são vãos, arrogantes, cheios de féll, marcados ao cunho de todas as paixões humanas.

6.º São Pedro, chefe dos Apostolos na sua segunda Epistola (cap. 1.º vers. 20) ; Entendo que nenhuma propheta da Escriptura se faz por *interpretação particular*. O mesmo no (cap. 3.º vers. 16, fallando das Epistolas de São Paulo, diz : Em todas as suas Cartas ha algumas cousas *difficeis de entender*, as quaes *alteram* os indoutos e inconstantes, como tambem as *outras Escripturas, para ruina de si mesmos*.

Parte segunda : Suas divisões.

E' uma verdade historica, que ninguem poderá seriamente contestar, a divisão do protestantismo em innumerabilissimas seitas. Segundo os historiadores ha na Inglaterra 243 seitas presbyterianas ; 1280 independentes ; 781 anabaptistas particulares ; 107 anabaptistas geraes ; 382 quakers ; 2792 methodistas de Wesley ; 120 methodistas calvinistas ; 642 de outros methodistas ; 240 missionarios. Ha portanto na Inglaterra, ao todo, 6817. Ha na Escocia e Irlanda 1183 seitas. Ao todo temos oito mil seitas, só nesses tres paizes. Rivaux (Hist. Eccl. tom. 2.º pag. 193). Durante a vida de Lutero já existiam 38 seitas. Ha seitas que têm nomes irrisorios, como as dos danzarinos, dos choradores, dos taciturnos ; e ha algumas que pelo nome indicam ferocidade, perversidade, como as dos impeccaveis, sanguinarios, demoniacos. Ha as seguintes seitas Baptistas ; Baptistas-Rogério Guilherme, Baptistas de boa vontade, Baptistas *communhão livre*, Baptistas-Setimo dia.

Os calvinistas da Inglaterra dividiram-se em presbyterianos e episcopaes, e destes sahiu a seita dos methodistas, que se dividiram em : Methodistas *episcopaes*, João Wesley ; methodistas *reformados* ; sociedade methodista-*dissidencia* ; methodistas-*protestantes dissidencia* ; verdadeiros methodistas

Como entre nós ha muitas egrejas methodistas, vamos a seu respeito dar uma breve noticia.

Elles se desligaram dos anglicanos em 1730, tendo como seu chefe fundador João Wesley. Um dos seus professores o reprehendeu por ter abandonado a seita antiga, para fundar uma nova; elle então lhe respondeu usando daquellas palavras que Milton attribue a satanaz: *E' melhor ser rei do inferno, do que ser subdito no céo*. Elles tomaram o nome de methodistas, porque, com o fim de conquistar adeptos, a principio levavam realmente uma vida muito methodica. O seu principio fundamental é que cada um tem o direito de pregar e administrar os sacramentos, comtanto que tenha a convicção interior de que *para isso foi chamado e autorizado por Deus*. Com esse principio abriu-se-lhes a porta para um grande fanatismo. Justificavam sempre todos os crimes com esta excusa: *foi o diabo que me tentou*. Para mostrar quanto eram observantes do domingo, as mulheres no sabbado arranjavam os seus cabellos, e para não desarranjal-os, passavam toda a noite sentadas.

Para disfarçar o seu grande vexame, e ao mesmo tempo attenuar os effeitos funestos da pessima impressão que a todos causavam essas continuas *divisões*, subdivisões de sua seita, os protestantes lançavam mão do subterfugio da divisão de artigos fundamentaes e não fundamentaes; porém toda a difficuldade versava sobre a sua perfeita discriminação. Para os catholicos são artigos fundamentaes todos os que se devem conhecer, crer e professar para ser salvo; e não fundamentaes, os que se podem ignorar sem percer a salvação, comtanto que a ignorancia não seja culpada ou affectada. Assim, uma vez conhecidos, todos são fundamentaes, e devem ser cridos e professados. Para elles protestantes unicamente são fundamentaes os que se deve crer para ser salvo; e não fundamentaes, os que podem ser rejeitados, mesmo depois de conhecidos. Querem dizer que *Jesus* só falla verdade sobre pontos importantes; e que sobre o mais, pode errar.

Foi um estratagemma inventado para conciliar opiniões diversas e contrarias, e assim apparentar unidade. Porém o astucioso recurso não produziu o desejado effeito, porque faltava inteiramente o meio de discernir os fundamentaes dos não fundamentaes. O protestante Jurieu estabeleceu a seguinte regra, que é irrisoria. 1.^o E' fundamental o que está claramente na biblia. 2.^o O que é importante e tem ligação com o fundamento do christianismo. 3.^o O gosto que se tem em crer. Outros protestantes resumem e dizem que Deus dá a cada um dos fieis a graça de discernir. Pelo que se vê que fica tudo no mesmo, isto é, sujeito ao juizo parti-

cular de cada um. Com a distincção feita, continuaram, como sempre, a sustentar crenças inteiramente oppostas, e todos asseverando que seguem á risca os ensinamentos da biblia.

Uns admittem bispos; outros só presbyteros; outros só pastores; outros só pregadores; e outros, como os quakeres, dizem que cada um é bispo e pastor de si mesmo, e que até as proprias mulheres têm o direito de pregar e administrar os sacramentos. Uns admittem quatro sacramentos; outros tres; outros dois; outros um; outros nenhum. Ha ponto mais fundamental, do que seja o baptismo? Os luteranos asseveram que é um sacramento; é necessario para a salvação, e deve ser administrado até aos meninos. Os anabaptistas dizem que é sacramento, é necessario; mas não deve ser administrado aos meninos, porque, não tendo uso de razão, não têm a fé, que é indispensavel para a validade. Os moravios dizem que não é necessario, nem é sacramento; mas uma simples cerimonia, que fica ao arbitrio de cada um fazer ou não fazer a celebração. Os valchivistas dizem que não é sacramento, não é necessario, nem é cerimonia porque Jesus nada fêz desnecessario. Os anabaptistas negam as penas eternas. Os unitarios negam o mysterio da Santissima Trindade. Os latitudinarios chegam a avançar que todas as religiões são boas, que todas levam para o céu.

Porque condemnamos essas suas constantes e innumeraveis divisões, elles por seu termo nos accusam de haver entre nós differentes seitas religiosas, e especificam: *Thomistas, boaventuristas, terceiros, vicentinos, zeladoras, jesuitas, franciscanos, dominicanos, redemptoristas, etc.* Elles sabem perfeitamente que a sua accusação é pueril; mas nella continuam sempre a insistir, com o fim de defender-se. Os thomistas, molinistas, boaventuristas formam differentes escolas theologicas que sustentam cada uma a sua opinião diversa; mas sobre pontos e casos controvertidos, sobre os quaes ainda não foi proferida uma decisão dogmatica. Os vicentinos, terceiros, zeladoras formam associações religiosas, que têm por fim a devoção e a piedade, de que cada uma tem o seu regulamento ou compromisso, approved pela competente autoridade. Os jesuitas, franciscanos, dominicanos, redemptoristas, etc., formam uma ordem de congregação religiosa, composta dos que aspiram á perfeição; e todos têm a sua regra, approved pelo Papa.

Entre nós não ha nenhuma aggremação ou communiidade religiosa, que, alem de sujeita ao bispo da respectiva diocese em que reside, não esteja tambem sujeita ao Papa, em tudo o que respeita ás crenças e costumes. Entre os protestantes cada um, ao seu arbitrio, sustenta ou nega tudo quanto quer; e todos são optimos *crentes, reformados, exan-*

gelicos. Entre nós, quem nega um só dogma ou sacramento, ou recusa obediência á soberana autoridade, é immediatamente condemnado e eliminado do gremio da Igreja. Ahi está a historia para contar o que aconteceu a Nestorio, que era o piedoso e sabio Patriarcha de Constantinopla; e o que tambem aconteceu a Henrique VIII, que era o poderoso monarcha da Inglaterra. Chamio, rei da China, pediu ao Papa para supprimir o sacramento da confissão, compromettendo-se, caso fosse attendido, a tornar-se catholico, e a propagar o catholicismo em todo o seu reino. A resposta foi a de sempre: Perca-se tudo, mas nunca, nem de leve, pode-se tocar no deposito sagrado da fé.

Não obstante, os protestantes insistem sempre em denunciar que entre nós ha tambem diversas seitas, e dão como catholicas, as seitas dos nicolaitas, nazarenos, ebionitas, essenios e outras dos primeiros seculos. São todas ellas seitas hereticas, que foram, cada uma por sua vez, condemnadas pela Igreja. Se, pois, essas seitas são catholicas, catholicos tambem são os protestantes, que, como ellas, foram condemnados e eliminados do seio da Igreja catholica. Quando se pergunta a um homem: Qual é a sua religião? Se elle responde: Sou catholico; está tudo dito, entendido e não ha mais nada a se lhe perguntar. Mas se elle responde: Sou protestante; então ainda precisamos fazer outras muitas perguntas. Protestante, mas de que seita? Dos calvinistas. Mas de que calvinistas? Dos anglicanos. Mas de que anglicanos? Dos episcopaes. Mas de que episcopaes? Dos methodistas. Mas de que methodistas? Pelo que, quando algum nos disser que é muito acertado e bom ser protestante, devemos immediatamente lhe perguntar: Mas de que seita? Pois ha milhares de milhares de seitas protestantes, diversas, contrarias, oppostas, contradictorias, e sobre os pontos mais importantes e fundamentaes da religião de Jesus Christo.

E todas as vezes que algum protestante, com o fim de ganhar proselytos, exaltar a sua religião, como sendo a unica verdadeira, deve-se fazer soar aos seus ouvidos o celebre e sabio enthymema, com que sempre o grande Bossuet confundia todos os protestantes: *Vós variatis; logo errais*.

E todas as vezes que nos accusarem de divisões em nossa religião, devemos repetir a exactissima e sabia asseveração de M. Laval, que, depois de ser ministro protestante, estudando seria e profundamente a doutrina catholica, tornou-se catholico fervoroso e ardente propagandista da Igreja catholica. «A unica religião, diz elle, que pode dizer: Não mudeis, é a que nunca mudou. O protestantismo, em toda a sua origem e existencia, é uma mudança continua, onde variam os dogmas, as confissões, as seitas. Entrar na Igreja catho-

lica, é pôr fim a todas as mudanças, para repousar-se na antiga fé. Sahir do protestantismo para entrar no catholicismo, é passar das variações ás creanças invariaveis, das divisões á unidade, do erro de hontem á verdade de todos os tempos; é sahir da duvida á fé, da morte á vida». Os protestantes de boa fé, bem como todos os catholicos que estão propensos a entrar nessa seita condemnada, meditem bem sobre essas sabias e sinceras asseverações, feitas por quem conhece a fundo o protestantismo.

Parte Terceira : A justificação.

Depois do grande erro protestante sobre a regra de fé, vem outro não menor, que é o da justificação, conseguida unicamente pela fé. Justificação no sentido theologico é deixar de ser máu para ser bom; deixar de ser criminoso para ser justo; é enfim deixar de ser inimigo para ser amigo de Deus. Relativamente aos infieis, ella consiste em abandonar a infidelidade para abraçar a religião de Jesus Christo com determinação sincera de acreditar em sua doutrina e observar sua lei; relativamente aos peccadores, ella consiste em detestar a vida peccaminosa, e com perfeito arrependimento entrar na observancia exacta dos mandamentos, com o firme proposito de fazer tudo quanto depende de si para nunca mais offender a Deus. Os protestantes sustentam que a justificação se opera unicamente pela fé, que no seu entender consiste em acreditar firmemente que os merecimentos de Jesus Christo nos são applicados. Na justificação, segundo a sua opinião, os peccados não são destruidos, mas unicamente escondidos, cobertos: e assim Deus, não olhando mais para os peccados, considera em Jesus Christo o peccador como innocente, e não devendo mais ser castigado. Asseveram que as boas obras, os actos de virtude em nada concorrem á justificação, que sempre deve ser inteiramente um dom gratuito de Deus, nunca uma recompensa devida aos merecimentos do homem. Segundo os luteranos, o homem, uma vez justificado, só pode perder a amizade de Deus pela perda da fé; e por isso o unico peccado que elle poderá commetter, é a apostasia. Segundo os calvinistas, o homem justificado nunca mais, em caso algum, pode perder a amizade de Deus; porque, dizem, a fé justificante é inteiramente inseparavel da graça santificante, que é a propria amizade de Deus. Basta uma centelha de bom senso para avaliar a

enormidade desse erro, e a extrema perversidade dessa theoria, que deve com toda a razão e justiça ser qualificada de satânica. Elles invocam em sua justificativa os textos de S. Paulo em sua Epistola aos Romanos, que ensina que o homem é justificado, não pelas obras, mas pela fé. E' verdade; porém é necessario verificar a quem e em que sentido assim expressava-se o grande Apostolo. Elle então fallava aos judeos e aos gentios: aos judeos que não queriam converter-se, porque julgavam que podiam ser salvos pelas boas obras, praticadas só em virtude da lei mosaica; e aos gentios, que não queriam abraçar o christianismo. Quando elle exclue os meritos das boas obras, refere-se aos bons actos praticados pelos gentios que estavam de accordo com a lei natural; e aos bons actos praticados pelos judeus, unicamente em observancia da lei mosaica. O Apostolo censurava ambos, porque attribuiam a sua vocação ao christianismo a actos puramente naturaes e praticados sem a graça divina e a fé em Jesus Christo. Tanto é verdade que elle não julgava desnecessario o cumprimento da lei divina, que na mesma Epistola aos Romanos cap. 3, vers. 37, elle terminante assevera que não quer *destruir a lei pela fé, mas antes quer fortifical-a*. E em sua Epistola aos Galatas cap. 5, vers. 6, elle terminantemente declara, que falla da fé, *mas da fé que opera pela caridade*.

Os que pensam que basta unicamente crer, que attendam hem para o que ensina o mesmo Apostolo em sua Epistola aos Romanos cap. 2 vers. 6: *Deus recompensará cada um de conformidade com as suas obras*; e leiam ainda o que na mesma Epistola e capitulo elle diz no versiculo 13: *Os que praticam a lei hão de ser justificados*. Pensar que São Paulo exigia unicamente a fé e dispensava a observancia dos preceitos divinos, é reputal-o um louco ou um impio, que tinha a temeridade de contradizer ao Mestre divino, que no Evangelho de São Matheus, cap. 19, vers. 17 lavra esta sentença: *Se quereis entrar na vida, observai os mandamentos*.

Se os protestantes estivessem sinceramente convictos que para ser salvo, basta unicamente crer, deveriam ser consequentes, e desprezar culto, cêia, orações, canticos, feitura de biblia, baptismo, e concentrar todo o seu trabalho em ensinar e convencer todos que só devem acreditar que são perdoados, justificados, santificados só pela fé nos merecimentos de Jesus Christo.

A doutrina catholica sobre a justificação, não só é diferente e diversa da protestante, mas é ainda á ella contraria e opposta. A justificação opera-se pela infusão na alma da graça santificante, que, não só faz o peccado desaparecer, mas o destroe completamente; e purifica e renova inteiramente a alma, tornando-a de odiosa e abominavel.

agradavel, grata, amavel aos olhos de Deus, que desde então, não somente olha, mas considera, tem o homem, que antes era peccador, como verdadeiramente justo e innocente. O infante unicamente pelo baptismo recebe a graça santificante, que o justifica; mas para que os adultos recebam a graça santificante, são indispensaveis a fé e outras disposições. A fé, como condição indispensavel, é a fé, dogmatica, que consiste em crer firmemente tudo quanto Deus revelou e a sua Igreja nos propõe, obrigando a crer; e não é a fé de promissão, que consiste em acreditar que são verdadeiras as promessas de Deus de gratuitamente perdoar os peccados pelos merecimentos de Jesus Christo.

Jesus disse aos seus apóstolos: Pregai o evangelho a todos; e os que acreditarem, serão salvos. E' claro que serão salvos os que acreditarem nas verdades pregadas pelos legitimos representantes de Jesus. Como já notamos, a justificação consiste em deixar a infidelidade, o estado de infiel, para tornar-se discipulo de Jesus, ou deixar o peccado para entrar na amizade de Deus. O infiel é pela graça chamado, tocado, illuminado; e se attende, dirige-se para Deus, crê em suas palavras, confia em suas promessas, e começa então a amal-o, como a fonte de toda a justiça; e depois, voltando-se contra si mesmo, detesta o peccado, arrepende-se, recebe o baptismo, resolvido a observar todos os madamentos. O peccador, já baptizado, é excitado pela graça a romper as cadeias do peccado, e Deus lhe offerece a segunda taboa de salvação, que é a confissão, feita nas devidas condições. Assim, o infiel, que implora a graça santificante, recebe-a pelo baptismo, sem mais nenhuma condição; mas ao peccador, porque é um filho ingrato, Deus impõe a confissão, ou pelo menos o sincero desejo de confessar-se. Eis como se opera a justificação. Deus illumina, toca, e o infiel ou o peccador então crê que Deus recompensa e castiga; e por isso sente tel-o offendido, deseja amal-o, e teme por elle ser castigado. Esse acto de fé, de amor, de pezar e de temor, é portanto o effeito da graça divina, á qual o infiel ou o peccador cooperou; e é só por essa cooperação que elle merece ser recompensado. A acceitação da graça divina é o seu unico merecimento. Assim na justificação a graça é o primeiro passo: a fé é o principio; o pezar, o amor e o temor são os actos meritorios, que são exigidos unicamente para remover o impedimento á concessão da graça santificante, e considerados como condições indispensaveis, que theologicamente se chamam *condição sine qua non*.

Não resta a menor duvida que a fé é uma graça, e é o começo da justificação; e antes della não ha, nem pode haver nenhuma obra meritoria. Porém, é unicamente neste

sentido, que se devem entender todos os textos biblicos, que nos fallam da justificação gratuita pela fé. Cumpre tambem não esquecer que a fé só interna é insufficiente; mas é absolutamente necessario que ella seja justificada por palavras e actos. São Paulo diz: Com o coração se crê para a justiça, e com a bocca se faz a confissão para a salvação. E São Pedro nos diz: Esforçai-vos para que por vossas boas obras opereis a vossa salvação.

Os que sempre invocam as palavras de São Paulo, que disse que nós nos justificamos pela fé, que não se esqueçam que elle tambem terminantemente asseverou que Deus dará a cada um *de conformidade com as suas obras*. Portanto não basta unicamente a fé. Origines, já antecipadamente condemnando a doutrina protestante sobre a fé justificativa, advertia que o Apostolo, asseverando que Deus daria a cada um de conformidade com suas obras, queria prevenir os fieis que não julgassem que era bastante crêr, mas que ficassem sabendo que o justo juizo de Deus retribue a cada um de accordo com as suas obras. São João Chrysostomo, commentando as mesmas palavras: *Deus dará a cada um conforme as suas obras*, diz que o Apostolo mostrava não ser licito confiar *unicamente na fé*, porque no tribunal divino tambem *as obras hão de ser examinadas*. Se algum protestante a isto quizer oppor que as boas obras dos homens não podem ter proporção com a gloria celeste, responderemos que isso é verdade, em quanto são obras puramente do homem: pórem não em quanto são juntamente e principalmente obras da graça, que, por sua propria natureza e segundo as promessas de Deus, é *um gremem* fecundo de vida eterna.

Parte quarta: O principio da autoridade.

O protestantismo, alem de conter principios erroneos, absurdos, anarchicos e muito nocivos, tem suas singularidades, que, ao mesmo tempo que lhe criam antipathias, demonstram a desordem e monstruosidade de sua propia constituição. Em toda sociedade, alem da lei escripta, ha a praxe, o costume, os accordams, os casos julgados, para esclarecer o sentido obscuro da lei escripta; e ha necessariamente o magistrado, que é, ou pelo menos, deve ser um homem intelligente, illustrado, cujo emprego é interpretar a lei, dar o seu verdadeiro sentido e fazer della a devida applicação. Sem esta autoridade, é clarissimo que cada um, em vez de pro-

curar e encontrar na lei o direito e a justiça, nella procuraria e com certeza encontraria defesa, justificativa para todos os caprichos mais revoltantes, e para todos os interesses mais criminosos e degradantes. Em nenhuma outra sociedade, mas é só no protestantismo, que ha unicamente a lei escripta, sem haver magistrado e juiz; lei, entregue á livre interpretação de todos os protestantes. Dessa desordem havia necessariamente de brotar essa alluvião immensa de milhares de seitas oppostas e contradictorias; dessa monstruosidade deviam fatalmente nascer essas theorias absurdas, anarchicas e extremamente perversas.

Fora do protestantismo, não ha absolutamente nenhuma sociedade que não tenha o seu chefe. A autoridade soberana é da natureza e essencia de toda a sociedade regularmente organizada. Sociedade é a união de pessoas que, pelos seus actos, cooperam para um fim commum. Não pode haver sociedade sem autoridade, porque cada um tendo seu modo particular de pensar, não haveria a harmonia indispensavel na escolha e applicação dos meios para conseguir o fim, se não houvesse um superior para coagir todos a trabalhar, como mais convem, para conseguir o fim commum. Demais, é ainda necessario distribuir as funcções de accordo com a capacidade, intelligencia, habilitação de cada um, pois nem todos são capazes de fazer tudo. A sociedade é analoga ao corpo que precisa necessariamente de cabeça para governar e dirigir todos os membros. A experiencia de todos os tempos e lugares mostra que não ha, nem mesmo nunca houve sociedade alguma regular sem ter á sua frente uma autoridade soberana.

Sociedade sem ter um chefe supremo é privilegio exclusivo, privativo do protestantismo. Os seus ministros e pastores são prepostos de si mesmos, porque não têm uma autoridade superior, de quem tenham recebido incumbencia de governar, dirigir e ensinar. Elles dizem que Jesus Christo confiou a autoridade á Igreja, isto é, á assembléa dos fieis, e que é delles que os pastores devem recebê-la. Mas, quando Jesus Christo deu poder aos apóstolos, a assembléa dos fieis ainda não estava constituída: e, segundo a narrativa evangelica, elle primeiro estabeleceu o corpo dos pastores, para depois estabelecer a Igreja. Leiam o evangelho de São Matheus, capitulo 28 e versos 18 e 19, ultimo capitulo e ultimos versos, e verão que Jesus estabeleceu a Igreja pouco antes de subir ao céo, quando todo o seu governo já estava completamente constituído. Admittindo ministros e pastores, são inteiramente incoherentes. Se para as diversas comunidades ou igrejas locaes julgam necessario ter seus gerentes e representantes terrenos, como não julgar indispensavel haver um

director soberano para o governo geral, unico que pode constituir um centro de ordem e harmonia? Elles neste ponto imitam os manicheus, que tinham na sala da assembléa uma grande cadeira sempre desoccupada, destinada ao *mestre invisivel*.

Quando são, com toda razão, accusados de ser uma sociedade sem chefe, elles se defendem dizendo que seu chefe é Jesus Christo. E' uma justificativa que em nada e de nenhum modo os justifica. Invisivelmente é Jesus que, sendo verdadeiro Deus, governa todos os seres, e particularmente governa todos os homens. Mas, alem de, como chefe invisivel, governar todas as sociedades humanas, elle as governa mediata e visivelmente por meio dos magistrados, dos soberanos civis, que são seus mandatarios e representantes. Assim, invisivelmente, é Jesus Christo que, como chefe supremo, governa sua Igreja; mas sendo ella, como o são todas as sociedades civis, uma sociedade visivel, deve necessariamente ter tambem um chefe visivel. Falle a respeito por nós uma autoridade, cuja competencia os protestantes, mesmo os mais ousados, não terão coragem de pôr em duvida.

Santo Ambrosio, em seu Commentario sobre o psalmo 3.^o, assim com toda clareza e precisão se expressa sobre essa questão. «Se alguém nos objecta que a Igreja só tem a Jesus Christo por seu chefe, a resposta é muito facil. Jesus Christo é o autor e ministro interior dos sacramentos. E' elle que baptiza e absolve; e comtudo quiz e não deixou de escolher homens para ser ministros exteriores dos seus sacramentos. Assim, governando elle mesmo a sua Igreja pela influencia secreta do seu divino Espirito, tem posto á sua frente um homem para ser seu vigario e depositario exterior de seu divino poder. A' uma Igreja visivel era preciso um chefe visivel. Eis porque estabeleceu São Pedro pastor do rebanho inteiro dos fieis, quando lhe confiou suas ovelhas a apascentar; e o fêz em termos tão genericos e extensos, que nelles se vê claramente a sua vontade de dar aos seus successores o mesmo poder de dirigir e governar toda a sua Igreja.»

Fica portanto provadissimo que o protestantismo, como sociedade visivel, que pretende ser, devia ter e não tem um chefe visivel. E', pois, um exercito sem commandante, um barco sem piloto, um rebanho sem pastor, um corpo sem cabeça: é um monstro.

Parte quinta: Accusações protestantes contra a doutrina e os sacerdotes catholicos.

Depois de ter combatido todos os principaes erros dos protestantes, é necessario pulverisar todas as suas injustas e calumniosas accusações, feitas contra a doutrina e os sacerdotes catholicos. A religião catholica, dizem elles, é a religião do dinheiro; nella tudo se vende.

Vejamos os serviços pelos quaes os sacerdotes catholicos recebem a justa remuneração, e aquelles pelos quaes elles nada recebem. Todos recebem os devidos emolumentos pela assistencia de funeraes solemnes, pela assistencia e sermão das festas solemnes, e enfim pela celebração da santa missa, quando encomendada pelos particulares. Os parochos recebem os devidos emolumentos pela administração dos sacramentos do baptismo e do matrimonio, pela encomendação dos cadaveres, e pelas certidões extrahidas dos livros parochiaes; e recebem esses emolumentos de accordo com a tabella, imposta pelo seu respectivo bispo, e unicamente dos que podem pagar, fazendo tudo gratis para os pobres. Nenhum sacerdote pode receber remuneração de especie alguma e sob nenhum pretexto pelo sacramento da confissão, que é sempre e em todos os casos e condições gratuitamente administrado. Os parochos nada recebem pela celebração das missas nos domingos e dias santos, nem pelas predicas parochiaes, nem pelo ensino do catecismo aos meninos, nem da sua preparação para a primeira communhão, nem pela administração da sagrada comunhão, nem pela extrema-unção, nem pelas viagens a pontos distantes da séde da parochia para confessar os enfermos, nem pela assistencia dos actos e mesmo das festas de devoção e piedade, gastando ás vezes bastante, do que particularmente lhes pertence, para com a devida decencia celebrar essas festas. Os missionarios pelos seus importantissimos e tão penosos serviços, prestados em beneficio da religião e tambem da sociedade, nada recebem; recebem só as despesas feitas com as suas viagens, e isso mesmo quando lhes querem pagar. Eis a verdade e toda a verdade sobre *as fabulosas fontes de rendas* dos sacerdotes catholicos, segundo as accusações calumniosas dos protestantes. Quereriam elles que os sacerdotes catholicos nada absolutamente recebessem pelos seus actos? Elles devem ter sua casa, devem alimentar-se, vestir-se decentemente; e entretanto os parochos não podem occupar-se de serviços, empregos profanos, não só, porque

lhes é prohibido, como porque mesmo não lhes resta tempo. E trabalhando elles em beneficio dos seus crentes, é justissimo que estes lhes ministrem os meios de honesta subsistencia : o que, longe de ser vedado, é autorizado, recommendado pela propria Escriptura santa, a unica regra de fé dos protestantes. São Paulo em sua primeira Epistola aos Corinthios cap. 9 ver. 13 diz: Os que servem ao altar, do altar devem viver. Jesus, referindo-se aos seus apóstolos, disse: O obreiro é digno de sua recompensa. (S. Luc. cap. 10, ver. 7).

E os senhores ministros protestantes nada recebem pelos trabalhos do seu tão suave ministerio? Elles poderiam fazer perfeitamente tudo gratis, porque todo o seu trabalho resume-se em fazer duas predicas por semana, e uma ainda no domingo, dia de descanso, e nada mais; e porisso poderiam ser commerciantes, industriaes, artistas etc, porque para tudo isso tem tempo de sobra. Entretanto são remunerados, e muito generosamente remunerados. Um ministro de classe inferior têm uma mensalidade de trezentos, quatrocentos mil reis. O cargo de ministro offerece tanta vantagem pecuniaria, que pequenos negociantes, artistas, quando não tem os recursos necessarios de vida, deixam suas occupações e encargos profanos, e vão estudar a biblia quatro ou cinco mezes, e procuram e conseguem ser nomeados *ministros do Santo Evangelho*. Todos sabem que é um facto notorio que ha varios ministros protestantes nestas condições. E' verdade que este facto vergonhoso dá-se unicamente com os apostatas; os ministros, que são protestantes de nascimento, em regra, são preparados. Mas donde vem tanto dinheiro para pagar os ministros? A sociedade biblica tem para a propaganda um fundo de sessenta milhões de francos, que com o cambio ao par corresponde a *trinta mil contos* da nossa moeda. Nos paizes protestantes ha o imposto, pago pelo povo, destinado ás despezas do culto. Entre nós os crentes protestantes pagam uma mensalidade, que, sendo quinhentos réis mensaes para cada um, dá seis mil reis por anno. Agora imagine-se que se entre nós catholicos se fizesse o mesmo; quaes não seriam os rendimentos de nossas parochias? O termo medio da população de nossas parochias é de dez mil almas. Dando-se para os menores e invalidos, que não podem contribuir, dois terços, teriamos uma contribuição de tres mil pessoas a seis mil reis por anno, que produziria a somma de *dezoito contos annuaes*; quando as nossas parochias medias, nas melhores condições, dão apenas cinco contos annuaes de rendimento, no maximo. E ainda os protestantes têm a ousadia de proclamar que na Igreja catholica tudo se vende, e de se inculcar modelos de desprendimento e de espirito de abnegação e pobreza!

A segnuda accusação versa sobre a pompa e magestade das cerimoniaes, dos ornamentos e dos vestuarios dos sacerdotes catholicos. Elles condemnam a magestade de nossos templos, o esplendor de nossas festas, os adornos das vestimentas dos sacerdotes, ainda mais dos bispos, e sobre tudo o apparatus da côrte do soberano Pontifice. Não se lembram que não ha virtude sem ordem; e esta ordena que tudo esteja em perfeita proporção com a importancia do acto e da pessoa que o pratica. Todos os lugares destinados a reuniões publicas são sempre mais adornados. Prepara-se sempre a casa por occasião duma festa, ou quando se espera a visita dum grande personagem. A residencia dum soberano não pode ter a singelesa da morada dum particular.

O mesmo deve ser observado em relação aos vestuarios. Cada um deve trajar-se de accordo com a sua posição, e ainda de accordo com a importancia do lugar, da reunião e do acto que vai presidir ou mesmo unicamente assistir. Ha costumes especiaes para os funeraes, para os casamentos, para todas as reuniões profanas. Seria tido como insensato o que numa festa publica, solemne, se apresentasse com o mesmo traje, de que usa no trabalho ou no seio da familia. Se é verdade que o habito não faz o monge, não é menos verdade que é pelo habito que se conhece o monge. Ha e houve sempre vestimentas, distinctivos proprios do emprego ou da graduação de cada um perante a sociedade. Os romanos tinham suas togas. Os nossos magistrados têm suas bécas. Os officiaes militares tem suas divisas de conformidade com o seu gráu de autoridade no exercito. Só então a religião é que ha de fugir desta regra, desta praxe, que combina perfeitamente com a justiça e a ordem?

A prova que a magnificencia é propria e necessaria ao culto religioso, é que Deus a tem ordenado. Pelo segundo livro dos Paraliponemos, que os protestantes chamam Chronicas, (no capitulo 3.º) vemos com que magestade e brilhantismo foi por ordem de Deus edificado o templo de Salomão. Nelle foi empregado tudo quanto ha de mais caro, rico e precioso: sêda, purpura, prata, ouro, pedras preciosissimas. O mesmo foi por Deus determinado em relação ás vestimentas e insignias pontificaes. No livro do Exodo (capitulo 28) lemos que Deus mandou fazer para Arão e seus filhos, que eram todos sacerdotes, *vestidos ricos, para gloria e ornamento*. Elles tinham uma tunica, um manto bordado, um cinto, sendo todos estes vestidos de linho e de sêda. Tinham ainda, como ornatos, uma estola, um peitoral, uma mitra, todo cravejados de pedras preciosas. Na mitra estavam presas duas laminas de ouro, em que estavam escriptas estas pa-

lavras; *Santidade ao Senhor*. E o autor sagrado termina a sua narrativa sobre as vestimentas e os ornatos dos sacerdotes asseverando que isso era por Deus determinado para *gloria e decoro*.

Ao que acabamos de relatar sobre as determinações de Deus quanto á magestade do culto no antigo Testamento, os protestantes oppõem as palavras de Jesus no Evangelho de São João (cap. 4.º, vers. 24): Espírito é Deus, e em espirito e verdade é que o devem adorar, os que o adoram. Mas esse texto evangelico não quer dizer que no culto judaico não tivesse havido espirito e verdade, e a religião christã não deva ter culto exterior; porém que a religião christã deve ter em vista, principalmente, e, de *um modo particular*, o espirito, a santidade das disposições internas, um claro e perfeito conhecimento da verdade. Jesus Christo, pois, não dizia que dahi em diante deixasse de haver um lugar especial de oração, dias de festa, sacerdotes e cerimoniaes santas; porém somente que seu culto havia de ter mais accentuadamente o caracter de culto interior, differenciando-se nisto do culto judaico, que consistia sobretudo em praticas exteriores.

Mas o culto exterior é tambem absolutamente necessario e sua necessidade é demonstrada pela estreita relação que une a alma e o corpo, o pensamento e sua expressão. Não resta a menor duvida que o elemento de vida do verdadeiro culto está no espirito portanto, Deus sendo espirito, quer ser adorado em espirito; mas tambem é certissimo que não ha um só pensamento, sentimento ou acto de nossa alma que, por pouca vivacidade que tenham, não aspirem a se manifestar e exprimir. Todo sentimento que permanece sepultado no fundo da consciencia e não toma uma forma sensivel, bem depressa se esvanece. Como, pois, o sentimento religioso, o mais profundo e ao mesmo tempo o mais vivo que a nossa alma possa experimentar, não se manifestaria exteriormente por palavras, actos, imagens e symbolos? O que o combustivel é para o fogo, o culto exterior é para o interior. Sem o combustivel, o fogo se extingue; sem o culto exterior, o interior não pode subsistir. E^t por objectos sensiveis que a nossa alma se eleva para Deus; e, sem as praticas exteriores, ella iria cahindo pouco a pouco, na indifferença até chegar a se esquecer completamente de Nosso Senhor. Quando cessam as relações amistosas, a amizade definha. Todos os que deixam as praticas, abandonam as solemnidades religiosas, hão de necessariamente perder os sentimentos religiosos.

Os nossos adversarios, para comprovar a sua accusação, lembram os primeiros annos do christianismo; e ad-

vertem que então o culto era simples, as cerimonias singelas e os ministros sagrados viviam com extrema modestia; e terminam asseverando que o fausto no tratamento e no vestuario dos sacerdotes, e particularmente dos bispos e do Papa, ha de lhes ministrar incentivos para o orgulho e vaidade. Naquelle tempo os christãos e especialmente os sacerdotes achavam-se numa extrema pobreza, e eram flagellados por uma continua e sanguinolenta perseguição. Eram portanto forçados os apóstolos e depois os sacerdotes e bispos a conservar o traje commum, e a fazer suas reuniões, e celebrar os santos mysterios secretamente em casas particulares, e mais frequentemente nos reconditos das catacumbas. Mas é verdade que, logo que dispuzeram de recursos, e recuperaram a liberdade e gosaram de paz e tranquillidade, começaram a edificar egrejas magnificas; e os ministros sagrados, de accordo com o que Deus tinha determinado na antiga lei, começaram a usar de ricas vestimentas, pomposos paramentos, e de insignias e distincções proprias de seus elevados e santos encargos. Para isto provar, poderíamos apresentar innumeraveis testemunhos historicos e de grande valor; mas nos contentamos de indicar apenas um, que narra o que elle proprio observou.

No anno de 270 o grande historiador Eusebio assevera que assistiu á inauguração da magestosa cathedral de Tyro, que se achava riquissimamente adornada; e que ali contemplou os muitos bispos assistentes, brilhantemente paramentados, cada um com os seus distinctivos, do mesmo modo, com que hoje se apresentam os nossos bispos.

Em sua historia ecclesiastica Fleury tambem garante que desde os primeiros tempos os bispos e o Papa tiveram suas ricas vestimentas e seus preciosos distinctivos.

Não compartilhemos o erroneo pensar dos que temem que esse apparato no vestuario e no tratamento possa os infatuar; porque isso só acontecerá aos que seriam infatuados, mesmo que permanecessem numa condição e posição obscura. A vaidade pouco se importa de habitar num palacio ou num tugurio; ella faz unicamente questão de estar collocada onde possa ser por todos vista, apreciada, louvada. Diogenes timbrava por querer ser notado e admirado como humilde e pobre. Dominado interiormente por enorme orgulho, elle se esforçava para ostentar uma profunda humildade. Alexandre, o Grande, vendo-o numa habitação tão pobre e tão mal trajado, lhe perguntou: Que beneficio quer que eu lhe faça? Elle arrogantemente respondeu: Quero que se retire de diante do só, para não me fazer mais sombra.

Para a humildade é indifferente envolver-se no algodão ou na purpura; o que ella exclusiva e ardentemente deseja,

é estar bem abrigada e escondida, de modo a não poder ser por ninguém louvada, nem mesmo conhecida. Havia num mosteiro um irmão leigo que tinha um gato tão estimado, do qual elle sentia, quando era obrigado a se desprender um momento. Indo assistir uma grande festa em Roma, o Padre Superior levou como seu secretario esse leigo. Era então Papa São Gregorio, o *Grande*. O irmão leigo ficou extraordinariamente admirado, quando contemplou o Papa sentado sobre o seu throno magestoso e deslumbrante, e cercado de toda a sua pomposa e brilhante côrte, composta de bispos, arcebispos, patriarchas, e de todos recebendo sollemnes aclamações. Na sua volta para o mosteiro o irmão leigo disse ao Padre Superior que temia muito pela sorte futura dos Papas, porque estavam expostos a tantas e tão grandes tentações de vaidade. O Padre Superior immediatamente lhe respondera: Ficai sabendo que Gregorio no meio de tantas grandezas e riquezas, é mais humilde e desprendido, do que aquelle religioso, que liga tanto apreço ao seu gato e do qual não pode, sem constrangimento, separar-se um instante.

Que os nossos inimigos encarniçados, os protestantes, continuem apegados ao seu culto tão frio e arido como o proprio erro, que elles pregam e professam; nós continuaremos a render a Deus o nosso culto, tão racional e tocante que illumina o espirito, e ao mesmo tempo toca e entenece o coração. Elle em sua magestade nos recorda as grandezas de Deus, e eleva os nossos pensamentos e os nossos affectos até o céu.

O grande Santo Agostinho confessa que as gratas e santas impressões que sentia quando assistia as grandes e pomposas solemnidades, celebradas na cathedral de Milão, muito contribuíram para a sua conversão.

Clovis, rei dos francos, era pagão, e Clotilde, sua esposa, era christã fervorosa: e muito trabalhava para conseguir a conversão de seu marido, e muito pedia constantemente a Deus para realizar o seu santo desejo. Num combate tremendo que no anno de 469 o exercito de Clovis travou contra o formidavel exercito allemão, na cidade de Tolbiac, temendo ser derrotado, elle levantou os seus olhos ao céu e exclamou: Deus de Clotilde, dai-me a victoria, e eu vos prometto de me fazer christão. As suas preces foram ouvidas: o seu exercito triumphou. Clovis tratou immediatamente de cumprir o seu voto, procurando São Remigio, bispo de Reims, para instruil-o na doutrina christã. Logo que esteve preparado, marcou o dia do seu baptismo, que, sendo o dum rei, deveria ser revestido de muita pompa e brilhantismo. O rei mandou enfeitar as ruas, de seu

palacio até a cathedral; o bispo fez tambem grandes preparativos, e convocou todo o seu clero para abrilhantar o acto. No dia marcado o rei com toda a sua brilhante côrte dirigiu-se á egreja; e São Remigio e seu clero, todos ricamente vestidos, foi recebê-lo á porta, e pela mão o conduziu até o centro. Clovis, contemplando pela primeira vez a magestade do culto catholico, ouvindo os cantos religiosos segundo os ritos catholicos, ficou tão encantado, tão extasiado que perguntou a São Remigio: Aqui é o céu, de que me tendes fallado em vossas instrucções? Este lhe respondera, apontando para o baptisterio: Aqui não é o céu; mas é aqui que se encontra aquella porta, que é a primeira para se entrar no céu. Eis as impressões que causam, os pensamentos que inspiram, os sentimentos que despertam a magestade, a pompa e o brilhantismo do culto catholico.

A *terceira accusação*, contra nós lançada pelos protestantes, é que somos idolatras, porque adoramos os santos e as imagens. Antes de tudo, convem bem claramente definir, distinguir, especificar o que seja culto, para bem desmascarar os sophismas dos nossos adversarios.

Culto é homenagem, honra, louvor, consagrados á uma pessoa para reconhecer as suas qualidades, ou seus poderes, ou os seus direitos, ou os seus merecimentos. Temos o culto superior e o inferior. O primeiro é o que tributamos a Deus, e a tudo o que com elle tem verdadeiras e santas relações; o segundo é o que tributamos aos santos, como amigos de Deus. Temos o culto absoluto ou directo, e o culto relativo ou indirecto. O primeiro é o que se refere ao proprio Deus ou aos proprios santos; o segundo é o que indirectamente tributamos a Deus e aos santos por meio dos objectos, que os representam. O culto soberano, devido só a Deus, é geralmente chamado adoração; e o culto inferior, tributado aos santos, chama-se honra, louvor, veneração.

Para qualificar a natureza do culto, não devemos nos regular nem pelas expressões, nem pelas acções externas; mas unicamente pelas intenções interiores. Muitas vezes emprega-se a palavra *adorar*, para exprimir um grande amor, que se vota á uma pessoa muito querida. Assim um filho diz: eu adoro meu pai; e um pai diz: este é o meu filho adorado. Tambem muitas vezes se emprega a genuflexão para indicar á uma pessoa um profundo respeito, que se lhe consagra. Assim um filho, arrendido, ajoelha-se aos pés de seu pai para lhe pedir perdão. A propria Escriptura Santa nos offerece innumerados exemplos a este respeito. No livro do Genesis lemos que Ephron adorou Abrahã; que José foi adorado por seus irmãos; que Moysés adorou a Jethro. No mesmo livro lemos que Lot de joelhos adorou os dois an-

jos; que Isaac mandou que seus filhos ajoelhassem aos pés de Jacob, seu irmão; que o mesmo Jacob adorou os filhos de Lia e Rachel. E a Escriptura, relatando esses factos, não accusa os seus autores do crime de idolatria.

O culto superior consiste em louvar, obedecer, invocar, reconhecer a Deus como o unico e soberano Senhor de todas as creaturas; é justamente o que nós catholicos fazemos. O culto inferior consiste em reconhecer, louvar, invocar Maria Santissima, os anjos, os santos como servos e amigos queridos de Deus; é justamente o que nós catholicos fazemos.

Dizem os nossos inimigos que nós, tanto reconhecemos os santos como deuses, que lhes pedimos graças e favores. Não é verdade. Nós perfeitamente sabemos que só Deus é a fonte de todos os bens; e que é unicamente elle que nos pode amparar, proteger, nos tornar felizes. Sabemos que os santos são creaturas, que nada podem de si mesmos e por isso nós apenas lhes pedimos que, como amigos de Deus, peçam, roguem, intercedam por nós, para assim de Deus conseguirmos o que desejamos. A prova evidente disto é que quando nos dirigimos directamente a Deus dizemos: *Ouvi-nos, concedei-nos, favorecei-nos*; ao passo que quando recorremos á Nossa Senhora e aos Santos, dizemos: *Rogai, pedi, intercedei por nós*.

Mas insistem, asseverando que isto mesmo é um crime, porque, segundo São Paulo, Jesus Christo é o unico mediador entre Deus e os homens. E' verdade que Jesus é o unico mediador, mas unico mediador primario, que pede invocando os seus direitos e tendo os devidos merecimentos pessoases para satisfazer á justiça divina pelos nossos peccados; mas isso em nada implica que os anjos e santos sejam mediadores secundarios, que pedem a Deus, allegando os direitos, os merecimentos de Jesus, seu Filho, e nosso divino Redemptor. Tanto é assim que, quando invocamos a mediação dos santos, terminamos as supplicas por estas palavras: Pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo, Vosso Filho, com o qual viveis e reinais por todos os seculos dos seculos.

Jesus Christo tambem disse que não devemos chamar a ninguem de pai, porque ha um só pai, que é Deus. Isto está escripto no Evangelho de São Matheus (capitulo 23, vers. 9). Se porque temos os santos como mediadores, somos idolatras, tambem o são todos os que reconhecem um homem por seu pai. Mas o mesmo Jesus, que manda chamar só Deus de pai, nos ordena de honrar e amar nossos pais. E' que Deus é o pai por excellencia, e os nossos pais aqui da terra são meros representantes de Deus: são pais secunda-

rios. Assim Jesus é o mediador por excellencia, e os santos são mediadores duma ordem muito inferior, que só conseguem favores de Deus pelos merecimentos de Jesus, seu Filho.

E' certo que a Escripura Santa não prohibe aqui, nesta vida, de supplicar a Deus um em favor de outro. São Paulo recommendava a oração reciproca; e Jesus até mandou que orassemos pelos que nos aborrecem, calumniam e perseguem. E' certo tambem que Deus acceita e ouve as supplicas de um em beneficio de outro. O terceiro livro dos Reis, no capitulo 18, nos conta que Deus resuscitou a filha da viuva de Sarephtha, attendendo ás supplicas do Propheta Elias. O livro dos Actos dos apostolos, no capitulo 12, nos conta que, quando São Pedro estava preso, Deus enviou do céo um anjo, que veio, quebrou as suas cadeias, e o retirou da prisão; e que fez tudo isto, para ouvir as orações de toda a Egreja. E se Deus ouve as orações dos santos, feitas em favor dos seus protegidos, em quanto elles aqui estão, porque as não ouvira lá no céo, o reino da verdadeira caridade?

A historia ecclesiastica nos refere que São Gregorio Nazianzeno invocou São Basilio; que São Jeronymo invocou Santa Paula; que São Francisco Xavier invocou São Jeronymo; que Santo Ignacio invocou São Pedro. Origens fazia sempre esta bonita e tocante invocação: Santos do céo, prostrai-vos diante do throno do Deus de misericordia, e intercedei por mim, miseravel peccador. Se elles invocavam os santos, que estão no céo, era porque estavam convencidos que elles oravam por nós e que Deus ouvia as suas preces feitas em nosso favor. O grande São Cypriano (em seu Tratado de mortalidade), dizia sobre esse respeito: Se rogavam em quanto estavam no mundo, quando a sua sorte era incerta, muito mais rogarão hoje, quando já estão seguros de sua felicidade. No Evangelho de São João, no capitulo 15, lemos que Jesus asseverou que os santos no céo alegram-se, quando aqui na terra um peccador se converte: é prova de que elles lá se interessam por nós. O protestante, doutor Thomaz Brow, fundado neste texto evangelico, sustenta a verdade da invocação dos santos. Querer que Deus nos prohiba de honrar os santos, é querer que um soberano se offenda com as honras prestadas aos seus ministros; que um amigo se offenda com as honras prestadas aos seus amigos; que um pai se offenda com as honras prestadas aos seus filhos; é querer disparates e absurdos por parte dum Deus tão sabio.

Passemos agora a responder á accusação na parte referente ao culto indirecto e relativo, que tributamos ás san-

tas imagens; mas, como os protestantes na mesma accusação asseveram que nós, para nos defendermos, adulteramos o Decalogo, responderemos antes á essa primeira e falsa imputação. Elles dizem que nós supprimimos o segundo mandamento que contem a prohibição sobre imagens, e, para couservar o numero de dez mandamentos, dividimos o decimo em dois; quando foram elles que, para justificar o seu erro, dividiram o primeiro mandamento em dois, e, para manter o numero de dez, fundiram o nono no decimo. Vamos demonstrar a nossa asserção, definindo, explicando clarissimamente a questão.

Os actos, quanto á sua natureza, dividem-se unicamente em externos e internos: os primeiros produzem os factos, e os segundos os desejos. A lei divina, porque attinge a consciencia, prohibe até os desejos criminosos. O preceito, que versa sobre actos externos, distingue-se dos que versam sobre actos internos, embora ambos tenham o mesmo objecto. Fóra deste caso unico, os preceitos se distinguem uns dos outros pela diversidade de seus respectivos objectos. Quando os objectos dos preceitos são distinctos, elles tambem o são. Os preceitos basicos, como o são os do Decalogo, têm partes dependentes que os completam, e que concorrem para a sua exacta observancia; de modo que, alem da determinação ou prohibição principal, dominante, pode haver outras determinações ou prohibições particulares que concorrem para auxiliar o seu cumprimento ou embaraçar a sua violação. Por exemplo o preceito, que determina a santificação dos domingos e festas, tem a prohibição do trabalho, que embaraça a sua observancia; e tem a determinação de actos de religião, que concorrem para a sua observancia. Os preceitos basicos podem ser convertidos, de negativos em positivos e de positivos em negativos. O preceito: *não furtarás*, pode ser convertido neste: *respeitarás os direitos* sobre a fortuna do proximo; e este: *honrarás* teus pais, pode ser convertido neste: *não negarás a devida honra a teus pais*.

Depois destes indispensaveis preliminares, entremos a questão. Os mandamentos do Decalogo estão no capitulo 20 do Exodo. O terceiro verso diz: Não terás deuses estrangeiros diante de mim. O verso quarto diz: Não farás escultura, nem imagem do que está no céo, na terra, nas aguas. O verso quinto diz: Não as adorarás, nem lhes darás culto. Os protestantes querem que o verso terceiro forme o primeiro mandamento; e que o quarto e o quinto formem o segundo. E' mais que claro que o objecto do mandamento é o reconhecimento da soberania de Deus, determinado no verso terceiro; e que os versos quarto e quinto prohibem

adorar a escultura e a imagem de creaturas, como se deve adorar a Deus, porque isto é o que se chama idolatria e offende a soberania de Deus. Assim as tres determinações prohibitivas têm um só objecto; e assim constituem um só mandamento. Tanto é verdade, que no novo Testamento Jesus, convertendo o preceito negativo em positivo, disse: *Adorarás o Senhor teu Deus, e a elle só servirás*. Em outro lugar expressou-se por outras palavras e disse: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de todo o teu espirito, de toda a tua alma e com todas as tuas forças. Eis o mesmo preceito, sem nada dizer sobre a adoração de imagens, porque elle genericamente contem a referida prohibição. Portanto, se nós suprimimos um mandamento, Jesus é tão criminoso como nós, porque falla dos dez mandamentos, especificando-os, e não diz palavra relativamente á adoração de imagens. Os protestantes por ventura entenderão a bibilia e a religião melhor que Jesus?

O verso 17 do mesmo livro e capitulo diz: Não desejarás a mulher do teu proximo, não o servo, não a serva, não o boi, não o jumento, nem todas as cousas que lhe pertencem. Não desejar a mulher, é um preceito que tem por objecto a virtude da castidade; e não desejar o boi, o jumento, tem por objecto o respeito ao direito de propriedade. Sendo determinação que tem objectos distinctos, são necessariamente dois mandamentos distinctos, diversos. Tratando dos factos e não dos simples desejos, o sexto mandamento prohibiu a impureza, a deshonestidade; e o setimo prohibiu o furto, que é a violação do direito da propriedade. De modo que o nono preceito relaciona-se com o sexto; e o decimo relaciona-se com o setimo. Portanto não fomos nós que dividimos um preceito em dois; mas foram os protestantes, que fundiram dois em um, para assim poder dividir em dois o primeiro preceito.

No novo Testamento não se trata em parte alguma da prohibição de adorar imagens como Deus, porque essa prohibição está contida no preceito de amar a Deus sobre todas as cousas. Se, pois, a prohibição de desejar a mulher do proximo e a de desejar os bens do proximo formam um só mandamento, embora tenham objectos distinctos; segue-se que o novo Testamento reduziu os preceitos do Decalogo a nove. Mas nesta hypothese Jesus faltou á verdade, quando disse que não vinha abolir, mas completar a lei, dada por Deus a Moysés.

Vamos agora abordar o ponto principal da questão, que é o uso das imagens por parte dos catholicos, que os protestantes qualificam de idolatria. Dizem que pelos versos 3, 4, 5 do capitulo 20 do Exodo, Deus prohibe o uso das

imagens. Já demonstramos que por esses textos Deus quiz impôr o reconhecimento de sua soberania, e condemnar a idolatria dos gentios. O povo hebreu estava cercado de povos pagãos, que admittiam muitos deuses; que adoravam como deuses até os mais degradantes vícios, como a embriaguez e a impureza. Para representar esses deuses faziam imagens, que chamavam idolos, acreditando que eram realmente deuses, que recompensavam e castigavam. Chegaram mesmo a levantar columnas, a collocar pedras lavradas no meio do campo, diante das quaes se ajoelhavam, e as reconheciam e adoravam como verdadeiros deuses. Essas nações idolatras eram pelos hebreus qualificadas de estrangeiras. Deus então pelo primeiro mandamento prohibiu aos hebreus de acompanhal-as em seus erros. No livro do Deuteronomio, (capitulo 6, versos 13 e 14) acha-se mais claramente explicita a verdade, do que deixamos explicado. Ah! lê-se: *Temerás o senhor teu Deus, só a elle servirás, e por seu nome jurarás. Não irás após dos deuses estrangeiros de todas as nações, que se acham ao redor de ti.*

Por esse mandamento quiz Deus prohibir o uso das imagens? Não, absolutamente que não. Não ha nenhuma razão para semelhante prohibição. A prevalecer a opinião dos protestantes, Deus teria prohibido a escultura, a pintura, o desenho, a photographia. Ha por acaso alguém de bom senso que nisso possa acreditar? Se Deus tivesse em mente com esse mandamento condemnar o uso das imagens, não teria mandado, como mandou, fazer as imagens de dois cherubins de ouro para serem collocadas sobre o propiciatorio, como se pode verificar no livro do Exodo, capitulo 37, verso 7. O que Deus prohibiu e ha de sempre prohibir é de fazer, de ter imagens para adorar, reconhecendo-as como deuses e prestando-se a ellas as homenagens, os serviços, devidos só ao verdadeiro Deus, como faziam os gentios. A prova disto é que Deus tambem prohibiu de levantar columnas, de collocar marcos de pedra no meio do campo; mas unicamente com o fim de adoral-os como Deuses. Leiam com toda attenção o capitulo 26, verso 1. do Levitico, que perfeitamente explica e prova essa terminante asseveração: «Eu sou o Senhor vosso Deus. Não fareis para vós idolos, nem imagens de escultura, *nem levantareis columnas, nem na vossa terra poreis pedra assignalada para adorardes*, porque eu sou o Senhor vosso Deus. Ut adoretis, diz o texto latino.

O que foi, o que é, o que será sempre condemnado por Deus, é adorar a creatura, reconhecendo-a como seu verdadeiro Deus. Mas nós, catholicos, incorremos nessa condemnação? Nós todos sabemos que a imagem é de ouro,

prata, metal, marmore, madeira, panno, papel; que ella não tem movimento, nem vida. Se lhe consagramos a nossa estima e respeito, é unicamente pelo que ella representa. Não adoramos a imagem, mas Jesus Christo, que ella recorda, representa. Não honramos a imagem, mas Maria Santissima ou os santos, que são os seus originaes. E' justamente o que nós já explicamos: um culto indirecto, relativo.

Este nosso proceder é perfeitamente imitado por todos na sociedade familiar e civil. O viuvo guarda e contempla com todo respeito a trança de cabellos de sua fallecida esposa. A viuva dá todo apreço a esse anel, que foi do seu caro esposo. A filha venera esse retrato, que recorda aquelle a quem outrora dava o doce nome de pai. Esse respeito, esse apreço, essa veneração são directamente consagrados a esses objectos materiaes? Não; mas unicamente a esses entes, que lhes eram tão caros, e dos quaes se lembram sempre com santas saudades. Colloca-se numa praça publica a estatua dum grande estadista. e todos prestam-lhe as suas homenagens. Mas essas demonstrações de publico respeito são tributadas ao bronze ou ao marmore? Mil vezes não; mas unicamente á memoria do benemerito da patria. Desacatar uma bandeira nacional é motivo para uma declaração de guerra. Mas o grande crime está no de desrespeito ao panno, á tinta? Seria loucura assim pensar. Toda a affronta foi irrogada á honra, ao brio da patria, que ella representa.

Os protestantes que nos qualificam de idolatras, tambem fazem uso de imagens. Elles, como nós, veneram os retratos de seus pais, as estatuas de seus patriotas, a bandeira de sua nação. E se assim não procedessem, com toda razão deveriam ser taxados de selvagens. Elles collocam a cruz na torre de seus templos. Esse symbolo é de madeira ou de metal; e seu unico merecimento é ser a imagem da cruz de Jesus Christo. Elles estimam, veneram a biblia, que consta de papel e de tinta. Porque então deve ella ser venerada? Só e unicamente porque recorda as palavras, ensina a doutrina de Deus. Elles celebram a *cêia* com todo respeito, a qual consiste em comer um pedacinho de pão e de beber um gole de vinho. Porque celebrar esse acto com reverencia, na casa de oração, se fosse simplesmente uma refeição como as outras? E' porque ella é uma recordação, uma imagem da *cêia* celebrada por Jesus Christo com seus apóstolos.

Constantino Copronymo, imperador de Constantinopla, seguindo a heresia dos iconoclastas, era censurado e mesmo tratado de herege por Santo Estevam, que então defendia com todo ardor o culto das sagradas imagens. Enfure-

cido por isso o imperador o mandou chamar para comparecer em sua presença para reprehendel-o. O Santo, tomando uma moéda de ouro, em que estava gravada a effigie do imperador, partiu e veio se apresentar ao Soberano. Quero saber, disse o imperador, que motivo dei eu para ser por vós censurado como herege. Magestade, respondeu o Santo, tendes commettido o grande crime de condemnar as sagradas imagens, de comparal-as aos idolos de Apollo e de Diana; e até mesmo tendes praticado o enorme horror de lançar aos pés as santas imagens de Jesus, nosso Senhor, e de Maria, sua Santa Mãi. Homem estúpido, replicou Constantino, lançando aos pés a imagem, lançamos por ventura tambem aos pés o proprio Jesus Christo? Então o Santo, tirando do bolso de seu habito a moéda de ouro, apresentou-a ao imperador e lhe perguntou: Senhor, de quem é esta effigie? Constantino responde: De quem será, senão do imperador? Então Santo Estevão, lançando um profundo suspiro, atirou a moéda no chão e pisou sobre ella. Os guardas do palacio, enfurecidos, quizeram precipitar o Santo do terraço sobre a rua; porém Constantino, confundido de vergonha por ter sido apanhado em contradicção, o enviou em paz.

Contradictorios, como esse imperador, são todos os protestantes que têm coragem de mandar quebrar as santas imagens de Jesus e de Maria, porque não se animando a deshonnar os retratos de seu pai e de sua mãi, têm a satanica ousadia de mandar deshonnar o retrato daquelle, que é nosso divino Pai, e daquelle que é nossa santa Mãi.

O sabio protestante Leibnitz, em seu systema theologico, formando uma honrosa excepção contra os seus collegas, diz: Quando se honra a imagem, honra-se o ente, que ella representa. O acto que se diz adoração da imagem, é realmente a adoração do proprio Christo pela imagem representado.

Dêu-se a respeito do uso das imagens nos primeiros annos do christianismo o mesmo que se deu relativamente ao uso dos paramentos sacerdotaes e dos ornamentos e insignias episcopaes: o uso não era patente, porque, por causa da tremenda perseguição, o culto era exercido em casas particulares e ás escondidas. São Bazilio que viveu no quarto seculo, tempo em que os protestantes confessam que a doutrina catholica estava pura, assevera que o uso das santas imagens é de tradição apostolica. O grande historiador Eusebio conta que no anno 270 viu na praça de Cezaréa a estatua de bronze que representa Jesus operando miraculosamente a cura da mulher, que, soffrendo fluxo de sangue, apenas tocou nos vestidos de Jesus, ficou completamente curada.

Quando Santo Irineu e outros Santos Padres prohibiram o uso das imagens de Jesus e dos Santos, fora porque uns davão-lhes culto absoluto, directo, como faziam os pagãos; e outros porque tratavam as sagradas imagens como as imagens profanas, collocando-as ao lado dos retratos de Homero e de Platão. O Concilio Francofurniense censurou o segundo Concilio de Nicéa relativamente ao culto das imagens, porque pensou que elle tinha mandado dar culto absoluto. Os gentios tambem eram censurados, porque davam culto absoluto; e tambem porque o culto se referia aos falsos deuses, como Saturno, Jupiter e outros.

O culto ás sagradas imagens obedece á uma nossa propensão natural, que fortemente nos impelle a estimar, honrar todo e qualquer ente ou objecto que nos representa ou lembra uma pessoa, que é ou foi agradável e grata ao nosso coração. Elle acha sua perfeita justificativa na propria Escriptura Santa. Quando os hebreus blasphemavam contra Moysés e contra Deus, foram castigados por Deus que enviou uma multidão de serpentes venenosas, que os mordiam, causando-lhes dores atrozes e até a morte. Moysés compadecido pediu a Deus que tivesse compaixão do seu povo; e então Deus mandou que elle fizesse uma serpente de metal, a collocasse na ponta dum poste, que seria posto em pé no meio do campo, como signal, para que todos os mordidos pelas serpentes olhassem para esse mysterioso signal e ficassem perfeitamente sãos. Mas um simples signal, feito de metal, poderia produzir um tão grande milagre pela sua propria natureza? A sua prodigiosa força vinha de ser elle uma imagem de Jesus crucificado para salvar os homens. Quem nos dá esta explicação sobre esse facto portentoso é o proprio Jesus Christo que no Evangelho de São João (cap. 3, ver. 14) nos diz: Assim como Moysés exaltou a serpente no deserto, assim tambem é necessario que o Filho do homem seja exaltado nos braços da cruz.

O culto das santas imagens foi sancionado pelo proprio Deus, que em sua defesa operou um estupendo milagre. Porque São João Damasceno defendia com toda eloquencia e sabedoria o culto das santas imagens, especialmente da imagem de Maria, em 760 Leão Isaurico, imperador de Constantinopla, mandou cortar a sua mão direita, e determinou que ella fosse posta em exposição. O santo soffreu com toda resignação essa dolorosa amputação. Depois de um dia, elle pediu e a sua mão lhe foi restituída. Então, tendo a seus pés a mão amputada, elle, de joelhos diante duma imagem de Maria, fêz-lhe esta supplica: O' Santa Mãe de Deus, vós bem sabeis que é por ter defendido as vossas imagens e as de vosso Filho Jesus, que eu soffri esta mu-

tilação; confundi os vossos inimigos, entregando-me esta mão de que elles me têm completamente privado. Ao terminar a sua oração, a mão vem por si mesma e une-se perfeitamente ao braço, não ficando outro traço da separação, senão uma finissima linha vermelha, deixada por Deus com o fim de authenticar o milagre.

O uso das imagens, alem de piedoso, é muito instructivo. São Gregorio diz que uma imagem é um livro que nos ensina as virtudes da pessoa, que ella representa. Contemplando-se a imagem dum São Francisco de Assis, aprendemos a pobreza; a de São Francisco Xavier, aprendemos o zelo pela salvação das almas; a de Maria, aprendemos a santa virtude da pureza; a de Jesus, aprendemos todas as virtudes, mas especialmente as da paciencia e caridade. Cada catholico deve ter em sua sala de visita a imagem do Sagrado Coração ou do Crucificado; trazer sempre consigo um pequeno crucifixo para, se for surpreendido por uma imprevisão e grave enfermidade, tel-o á mão, e poder então reverentemente oscular a imagem de seu divino Redemptor.

Devemos dar um culto supremo, absoluto, directo, unicamente a Deus, a Jesus Christo, ao Espirito Santo e ao Santissimo Sacramento; supremo, mas relativo, á cruz e a todos os instrumentos da sagrada Paixão. Devemos dar um culto absoluto, directo, mas inferior á Maria, aos anjos e aos santos; e inferior e relativo ás imagens e reliquias. Quando procuramos uma imagem de preferencia á outra, não é que em si uma seja superior á outra; mas unicamente porque apraz a Deus dar mais graças por meio de uma, que de outra. A prova é que Deus tem de preferencia procurado certos e determinados lugares para conceder os seus favores com mais liberalidade. Elle fallando do novo templo de Salomão, disse: Agora estarão abertos os meus olhos e attentos os meus ouvidos á oração deste lugar. (Paralip. 2.^o cap. 7, ver. 15.) No capitulo 5, verso 4 do Evangelho de S. João nós lemos que na piscina ou tanque miraculoso de Jerusalem eram curados os enfermos naquelle tempo certo e lugar determinado. Tanto Deus prefere que nos lugares escolhidos, para justificar a preferencia, faz milagres, que não faz em outra parte. E' uma justificação das constantes peregrinações á Lourdes, em França, e á Aparecida, aqui no Brasil.

Ultima nota ou observação sobre esta accusação, de que vamos terminar a resposta. Os protestantes honram os seus amigos e a sua mãe; porque não hão de honrar tambem os santos, que são nossos amigos e a Maria que é nossa Mãe? Elles respeitam os retratos de seus amigos, os de sua mãe e de seu pai; porque tambem não hão de res-

peitar e não de até desrespeitar os retratos dos santos, que são nossos amigos, e o de Maria, que é nossa Mãe, e principalmente o de Jesus, que é nosso divino Pai? Sejam herejes, sejam nossos rancorosos inimigos; mas, por nada, sejam incoherentes, inconsequentes, contradictorios.

A quarta accusação, que contra nós fazem os protestantes, é que nós desprezamos a biblia, que é a palavra de Deus, para darmos importancia só ás palavras dos homens. Nós damos importancia á biblia, mas não só á ella, porque, alem della, temos tambem a Tradição; e, acima de ambas, temos o magisterio infallivel da Igreja, indispensavel juiz para dar as explicações exactas e genuinas do seu verdadeiro sentido. Nós, muito mais que os protestantes, apreciamos e honramos a biblia. Temos nos Seminarios diocesanos curso de estudos sobre a biblia e exegetica. Todos os dias os sacerdotes na recitação do breviario e na celebração da missa são obrigados a ler varios capitulos da biblia. Nos discursos, nos sermões, nas demonstrações as primeiras provas empregadas pelos sacerdotes são os textos biblicos. A Igreja manda com todo cuidado traduzir a biblia, enriquecendo a tradução de notas e commentarios para que mais facil e seguramente todos possam entender o seu verdadeiro sentido. Nas missas solemnes os sacerdotes incensam e beijam o livro dos Evangelhos. Ao começar a leitura do Evangelho todos os assistentes, como signal de respeito, devem levantar-se e conservar-se em pé até o termo da leitura.

E' verdade que a Igreja prohibe aos seculares a leitura da biblia, que não tem notas e commentarios; mas o faz e com muita razão, só para evitar os perniciosissimos inconvenientes, que já por muitas vezes se tem dado, mesmo entre os protestantes. Em 1543 o rei e o parlamento da Inglaterra prohibiram ao povo a leitura da biblia, por causa das grandes perturbações causadas pelo máu entendimento de algumas passagens biblicas. O protestante Mosheim confessa que em 1600, dando-se iguaes perturbações entre os luteranos, os magistrados aboliram as lições biblicas, que se davam nos collegios da Allemanha.

Agora vejamos como os senhores protestantes respeitam a sua unica regra de fé. Todo o seu amor e zelo para com esse livro sagrado consiste em imprimil-o aos milhões, espalhar, até gratis, no meio do povo ignorante, entre o qual muitos nem sabem ler. O que então acontece? Alem dos milhares de exemplares distribuidos não serem lidos, são dados a destinos inconvenientissimos. E' sabido que no Oriente compram-se por vil preço ou mesmo recebem-se gratis dos propagandistas, milhares de biblias para com suas folhas empapelar casas, fazer cartuchos de pimenta do reino.

e de outras drogas; e ás vezes até para misteres, que não convem aqui declarar. A prova incontestavel do profundo e immenso desrespeito dos protestantes para com a sua unica regra de fé, é o modo, por que por elles ella é traduzida. As traducções protestantes, alem da subtracção de livros, são inteiramente adulteradas, falsificadas. Lutero diz que quem segue a traducção de Zuinglio é louco. Zuinglio diz que a traducção de Lutero está em tudo falsificada. Béda diz que a de Ecolampadio é impia. Os anglicanos dizem que a traducção feita em Genebra é a mais infiel, que tem apparecido. Os irmãos de Wallembourg asseveram que não ha uma só traducção protestante, que não tenha, pelo menos, trinta falsificações. O sabio protestante Sterne verificou nas biblias impressas em Londres trinta e seis mil erros.

Para verificar o que fica relatado, basta examinar as traducções protestantes com a traducção feita em latim por São Jeronymo, que por elles é reconhecida como verdadeira e é até mesmo unanimemente adoptada. Lutero, o chefe, estabeleceu o precedente das falsificações para servir de modelo á toda a sua posteridade. Ao texto de São Paulo: *Justus ex fide vivit*: *O justo vive da fé*; elle, no traduzir, acrescentou o adverbio *só*, e disse: *O justo vive só da fé*. E' verdade que o homem vive do alimento; mas é falso que elle vive *só* do alimento, porque, alem do alimento, elle precisa para viver do ar e da agua. Assim o justo vive da fé; mas é falso, que vive *só* da fé, porque vive tambem da esperanza, da caridade e dos merecimentos das boas obras. Mas porque accrescentou elle ao texto a particula negativa? Para tentar justificar sua falsa e pernicioso doutrina, que estabelece que as boas obras são desnecessarias, e que basta crer na applicação dos meritos de Jesus Christo.

Salomão diz no psalmo 67 verso 36: *Mirabilis Deus in sanctis suis*. Eis a verdadeira traducção: Deus é portentoso nos seus santos. Na biblia protestante está assim traduzido: Deus é *tremendo* em seus *sanctuarios*. Traduziram *mirabilis* por *tremendo* e *sanctis* por *sanctuarios*. Mas porque adulteraram o sentido dessas duas palavras? Porque elles reprovam a invocação dos santos, e o texto com o sentido verdadeiro dessas duas palavras prova que Deus opera milagres a pedido dos santos, e que portanto elles devem ser invocados.

São Paulo no capitulo 6, verso 20 de sua primeira Epistola a Timotheo diz: *O' Timotheo, depositum custodi. devitans profanas vocum novitates*. Eis a verdadeira traducção: *O' Timotheo, guarda o deposito, evitando as profanas novidades de palavras*. Na biblia protestante assim está traduzido: *O' Timotheo, guarda o deposito, tendo horror aos*

clamores vãos e profanos. Traduziram a palavra *novitates* por *clamores vãos*. Mas porque fizeram essa adulteração? Porque o texto com a palavra *novidades* accusa e condemna as suas constantes e innumeradas innovações.

São Paulo em sua primeira Epistola aos Corinthios no capitulo 9, verso 27 diz: *Castigo corpus meum*. Eis a verdadeira traducção: Eu castigo o meu corpo. Na biblia protestante está assim traduzido: Eu *subjugo* o meu corpo. Traduziram *castigo* por *subjugo*. Mas porque essa adulteração? Porque elles desapprovam a mortificação, e o texto com o verdadeiro sentido da palavra *castigo*, recommenda a pratica dessa virtude.

São Paulo no verso 32 do capitulo 5 de sua Epistola aos Ephesios, depois de, nos versos anteriores, ter dado sabios conselhos aos casados, fallando do matrimonio diz: *Sacramentum hoc magnum est*. Eis a verdadeira traducção: Este *sacramento* é grande. Na biblia protestante assim está traduzido: Este *mysterio* é grande. Traduziram *sacramentum* por *mysterio*. Mas porque adulteraram o verdadeiro sentido dessa palavra? Porque elles negam que o matrimonio christão seja um sacramento, e esse texto com essa palavra no seu genuino sentido condemna esse seu erro.

São Lucas no capitulo 14, verso 22 dos Actos diz: *Cum constituissent presbyteros per singulas civitates*. Eis a verdadeira traducção: Tendo constituído presbyteros para cada uma das cidades. Na biblia protestante assim está traduzido: Havendo lhes, por *commum consentimento*, *eleito* audições em cada igreja. Mudaram *constituir* por *elegèr*, e ainda accrescentaram as palavras *commum consentimento!* Que tremenda adulteração? Constituir, é o acto dum superior, que habilita um subdito a legitimamente exercer um cargo, communicando-lhe os necessarios poderes e direitos. Eleger, é o acto dos membros duma sociedade, que por maioria de votos indicam um ou alguns de entre os seus pares ou iguaes para exercer um cargo. Mas porque fazer essa enorme adulteração? Como elles negaram o sacramento da Ordem, e destruíram o sagrado principio da autoridade, revoltando-se contra a Igreja, adoptaram o principio erroneo, que estabelece que os seus ministros sejam eleitos pelos crentes da sua seita. Ora é evidente que o referido texto com a palavra *constituir* no seu legitimo sentido, condemna essa sua nova e erronea doutrina.

São Lucas no capitulo 1.^o, verso 28 de seu Evangelho, repetindo as palavras com que o anjo saudou a Maria, diz: *Ave, gratia plena*. Eis a traducção: Eu vos saúdo, ó *cheia de graça*. Na traducção protestante, feita em 1897 em Lisboa, está assim traduzido: *Salve, agraciada*. Na traducção

protestante, feita no Rio de Janeiro em 1897, está assim traduzido: Salve, *favorecida*. Na traducção protestante, feita em Nova York em 1883, está assim traduzido: Gosos haja *em graça acceita*. Para ser favorecida, basta receber um favor. Para ser agraciado, ou acceito em graça, basta receber uma graça. Mas para ser cheio, pleno de graça, é necessario ter recebido todas as graças, ter em si a plenitude de todas as graças, sem faltar nem uma só. Nossa Senhora tendo recebido todas as graças, como affirma o anjo, recebeu tambem com toda a certeza a graça de ser em sua conceição preservada da culpa original. Então para negar á Maria este seu divino privilegio, os protestantes empregaram todos os meios para adulterar esse texto evangelico, que claramente prova a Immaculada Conceição de nossa tão carinhosa e Santa Mãe.

Por tudo quanto temos expellido sobre Escriptura Santa, pode-se com toda certeza assegurar que os protestantes são perfeitamente semelhantes aos advogados chicanistas e de má fé, que vão procurar na lei, não o seu verdadeiro sentido, mas o meio de deturpar o seu sentido, para ageital-a aos inconfessaveis interesses de sua causa injusta. E' justamente esse o methodo protestante de entender os textos da Escriptura Santa. Agora perguntamos aos insuspeitos e sensatos: Somos nós, ou são os protestantes que são inimigos da biblia?

Depois de cabalmente respondidas todas as accusações feitas contra nós pelos protestantes, vamos esclarecer o assumpto com alguns factos e considerações geraes. Quando Napoleão era consul foi convidado pelos protestantes para ser chefe da seita; porem elle regeitou o convite, dando-lhes a seguinte resposta: O protestantismo é uma completa defecção; não convem portanto aos francezes.

No terceiro seculo Tertulliano, no livro sobre Prescripção no capitulo 17, pintando os herejes de seu tempo, fez anticipadamente a pintura exacta dos protestantes. «A heresia rejeita certos livros da Escriptura Santa; os que ella recebe como canonicos, não os recebe inteiros; os que ella recebe inteiros, os perverte por interpretações arbitrarías. O audacioso novador não procura reconhecer aquillo, que o confunde; mas cita com affectação tudo quanto tem falsificado, e as passagens obscuras, de que abusa. Por mais exercitados que sejais na discussão das cousas sagradas, que esperais ganhar com a disputa com elle? Tudo quanto avançardes, elle negará opiniaticamente; ao passo que elle sustentará tudo o que negardes. Duma semelhante contenda não lucrareis, senão muita fadiga, desgosto e indignação.

Para avaliar-se até que ponto chegou a deturpação da religião entre os protestantes, basta conhecer o seguinte

facto: Havendo entre os protestantes muitas disputas calorosas que produziam perturbações, no Parlamento de Berlim em 1859 o governo reconheceu todas as seitas dissidentes, como verdadeiras seitas religiosas protestantes, embora houvesse entre ellas algumas, que declaravam não acreditar em Deus. Fallava, pois, uma grande verdade o protestante Reinhar quando dizia que, se Lutero resuscitasse, desconheceria completamente os que se dizem seus successores. Pode-se com todo acerto dizer aos protestantes de hoje justamente o que no começo do quarto seculo Santo Hilario de Poitier dizia aos arianos: Sois semelhantes aos architectos ignorantes, que nunca ficam contentes com o trabalho feito; não fazeis mais do que edificar, para logo depois destruir.

Henrique 4.^o rei da França, era protestante. Notando muita diversidade de opiniões entre as differentes seitas protestantes, começou a experimentar duvidas sobre a verdade de sua religião; e, para dissipar suas duvidas, chamou á sua presença um ministro protestante e um catholico. Perguntou ao ministro protestante: Posso salvar-me no protestantismo? O ministro respondeu-lhe que com toda certeza e facilidade. Perguntou-lhe ainda: Posso tambem salvar-me no catholicismo? O ministro respondeu-lhe que podia, mas tendo mais e mais difficeis deveres a cumprir. Dirigindo-se ao ministro catholico, perguntou-lhe: Posso salvar-me no catholicismo? O ministro catholico respondeu-lhe que com toda certeza, e que nem havia sombra de duvida a respeito. Perguntou-lhe ainda: Posso tambem salvar-me no protestantismo? O ministro respondeu-lhe que era absolutamente impossivel, porque o protestantismo era uma deturpação criminosa da verdadeira religião. Então o rei, depois de ponderar alguns momementos, disse aos assistentes: Trata-se da solução dum negocio importantissimo, em que se deve tomar o partido mais seguro. Deixo portanto o protestantismo, e faço-me catholico.

Melanchthon era sacerdote catholico; e, apostatou e fêz-se protestante e pregava a sua heresia com todo o ardor. Um dia sua mãe, que tinha continuado a ser catholica, chamou e fêz-lhe esta interrogação: Meu filho, diga-me com toda sinceridade, qual religião é melhor: a vossa ou a minha? Minha mãe, digo com toda verdade: Para viver a nova é mais commoda; mas para morrer, a antiga é mais segura.

Parte sexta : O anglicanismo.

Vamos dar uma breve noticia sobre o anglicanismo, que é uma das mais importantes ramificações do protestantismo. Henrique 8.^o rei da Inglaterra, em 1509 succedeu a seu pai, Henrique 7.^o Casou-se primeira vez com Catharina de Aragão, viuva de seu irmão. Tendo concebido uma viva paixão por Anna Boleyn, dama de honor da rainha, quiz annullar o seu casamento, pretextando escrupulos fingidos. O Papa, recusando dissolver o vinculo, porque mesmo o não podia, elle, que até então tinha sempre se ostentado catholico, e que tinha fortemente combatido os erros de Lutero, recebendo por isso do Papa o glorioso titulo de *defensor da Igreja*; rompeu todos os laços de obediencia á Santa Sé, e pelo parlamento fêz-se proclamar *protector e chefe Supremo* da Igreja da Inglaterra, continuando a observar e a fazer observar tudo quanto prescreve a doutrina catholica. Era, pois, um schismatico, mas não um herege.

Então mandou annullar o seu primeiro casamento, que era perfeitamente valido, legitimo, e, em 1531 casou-se com a sua apaixonada; e quatro annos depois, aborrecendo-se daquella, que causou a sua apostasia, mandou decapital-a calumniando-a de adulterio. Casou-se successivamente com Joanna Seymour, que morreu de parto; com Anna Cleves, que repudiou por ser fêia; com Catharina Howar, que mandou matar por adúltera; finalmente com Catharina de Parr, que lhe sobreviveu. Para elle era tão grande crime ser fiel ao Papa, como seguir a Lutero. Enriqueceu-se, roubando á igreja e aos amosteiros. Foi tão perseguidor e sanguinario, que no prazo de quatorze annos mandou enforcar setenta mil pessoas. As suas mais illustres victimas foram Fisher e Thomaz Morus, que entregaram ao rei impudico e feroz a sua vida, mas não o sacrificio de suas sagradas crenças. Em 28 de Janeiro de 1547 foi elle prestar contas ao Rei dos reis da nefasta administração do seu reino. Deixou tres filhos, que reinaram depois d'elle: Eduardo 6.^o, Maria 1.^a, Tudor e Izabel. Eduardo logo no começo de seu reinado introduziu em seu reino o calvinismo; e então foi que a Inglaterra de schismatica começou a ser heretica. Morreu em 1553, succedendo-lhe Maria Tudor, que immediatamente restabeleceu o catholicismo em todo o reino. Morreu em 1558, e teve como successora Izabel, sua irmã paterna e filha de Anna Boleyn.

A nova rainha prestou juramento de catholica: mas logo depois violou o seu juramento, apostatou, e introdu-

ziu de novo no reino o calvinismo. Foi uma mundana. Nunca quiz cazar-se, porém scandalizava toda a sua côrte e todos os seus subditos, tendo sempre os seus *favoritos*. Foi deshumana, atróz e sanguinaria. A morte de Maria Stuart, rainha da Escocia, é um traço de sangue e tão ignominioso, que por si só bastaria para condemnar ao desprezo da pòsteridade todo o longo e calamitoso reinado de Izabel. Promoveu revoluções na Escocia, e chamou Maria Stuart para vir abrigar-se em seu reino; e ahí, depois de conserval-a prisioneira durante 18 annos, simulando uma tentativa de assassinato contra sua pessoa, mandou decapital-a. Procurou reformar o calvinismo, que ficou dividido em puritanos e mitigados. Os que acceitaram a sua reforma, tomaram o nome de conformistas; e os que a não acceitaram, tomaram o nome de puritanos, não conformistas. Os não conformistas eram condemnados á pena de prisão: e, quando persistiam em não conformar-se com a reforma, eram mesmo condemnados ao desterro. Mais tarde os não conformistas chamaram-se bresbyterianos; e os conformistas *episcopaes*, porque a nova reforma admittia a gerarchia ecclesiastica e assim tinham bispos. E' dos episcopaes que se formaram as differentes seitas methodistas, que são os legitimos descendentes da tristemente celebre Izabel, que de seu pai Henrique 8.^o herdou a sua deshonestidade e ferocidade.

Vigesima quarta Instrucção.

Nenhuma seita heretica tem as notas da verdadeira Igreja.

Nem os nestorianos, nem os eutychianos, nem os gregos schismaticos, nem os russos, nem os protestantes, têm uma só das notas, que caracterizam a verdadeira Igreja de Jesus Christo. Elles não têm a unidade de doutrina, porque por desharmonia em seus principios religiosos, cada uma de suas seitas, tem-se dividido e subdividido em outras innumeraveis seitas entre si oppostas e contradictorias; e não têm tambem unidade de obediencia, porque nenhuma dellas admite a soberania espirital, estabelecida por Jesus Christo. Rejeitando o governo amoroso dum pai, submetteram-se ao jugo ferrenho de senhores despoticos e crueis.

Elles não têm a catholicidade, porque são seitas regionaes, acceitas unicamente por certas e determinadas nacionalidades, e principalmente porque começaram negando verdades, que antes ensinavam e professavam.

Elles não possuem a apostolicidade, porque são ramos, desprendidos dum tronco. De todas as seitas se conhece a data, o motivo, o pretexto, o autor de seu desprendimento. Não ha uma só dessas seitas que possa mostrar a sua cadeia de successão, prendendo a aos Apostolos. Pelo contrario á todos nós catholicos podemos dizer justamente o que no terceiro seculo Tertulliano dizia aos que se tiuham apartado do gremio da verdadeira Igreja para formar uma seita: " Nós estamos em communhão com as igrejas apostolicas; cremos o mesmo, que ellas creem; estamos seguros de não nos enganar. Vós, novadores, mostrai nos a origem de vossas igrejas e a relação de vossos bispos; indicai-nos algum dentre vós, que teve como predecessor um apóstolo ou um dos homens apostolicos, que esteve em communhão perseverante com os primeiros discipulos de Jesus Christo. E' unicamente assim que as igrejas apostolicas provam a sua legitimidade." A todos os hereges de hoje podemos com toda razão dizer o que no terceiro seculo São Cypriano dizia aos novacianos: " Este novaciano não é membro da Igreja; muito menos será considerado bispo o que, desprezando a tradição evangelica e apostolica, não succede a ninguem, e nasceu de si mesmo." Podemos á todas as seitas hereticas oppôr este irrespondivel argumento: Antes do seu rompimento a Igreja, á que pertenciam, era ou não apostolica? Se era, ellas deixaram de o ser; se não era, então de quem receberam a successão para a apostolicidade? Todas as heresias começaram e hão de terminar por si mesmas. Todas são correntes sem fonte, que passam, e vão todas, cada uma por sua vêz, desapparecendo até cahir no mais completo esquecimento.

Ellas não têm a principal nota, que é a santidade. Pelos effeitos se conhece a natureza da causa, e pelos fructos se conhece a bondade da arvore. Entre as seitas hereticas, como já tivemos occasião de dizer, ha homens honrados, serios, probos, socialmente fallando; mas santos, nenhum absolutamente. Não ha entre os hereges um só, que seja capaz de sacrificar os interesses humanos, pessoaes, ou mesmo de sua familia, aos sagrados interesses da religião; não ha um só que se immole voluntariamente em favor ou em defesa dos sacrosantos principios religiosos. A santidade, que é o heroismo da virtude, é privilegio exclusivo dos filhos da Igreja catholica. Outr'ora se notavam entre os orientaes heroes de santidade, como Santo Agostinho, São Je-

ronymo, São João Chrysostomo e tantos outros de igual jaéz; e porque hoje não apparece mais, nem um só? A razão é que antes estavam unidos ao verdadeiro tronco de santidade, a Igreja catholica; e hoje infelizmente delle estão separados, e por isso não mais participam de sua santa vitalidade.

A prova cabal, de que elles não possuem a nota de santidade, é que não têm a confirmação divina, que é o milagre. O milagre é a derrogação das leis phisicas, naturaes. Sendo só Deus, como autor, que pode fazer essa derrogação, segue-se que só Deus é que pode operar o milagre. E' certo que ha uma só doutrina, revelada por Deus, e uma só Igreja, estabelecida por Jesus Christo para defender e ensinar essa doutrina divina. E' ainda certo que Deus, sendo infinitamente sabio e santo, não pode operar o milagre, senão para confirmar o verdadeiro e o santo. Ora, os hereses tiveram entre si milagres, quando eram catholicos; e deixaram de receber de Deus essa graça divina, logo que se apartaram do catholicismo. A consequencia logica e fatal é que elles professaram e hoje não mais professam a verdadeira doutrina; que já pertenceram, mas hoje muitos infelizmente não pertencem mais á verdadeira Igreja.

Nós catholicos tivemos e continuamos ainda até hoje a ter santos; tivemos e continuamos ainda até hoje a ter milagres. Logo professamos a verdadeira doutrina, e pertencemos á verdadeira Igreja. Eis as provas por factos:

Santos que ensinaram e professaram a doutrina catholica, apostolica romana:

No primeiro seculo São Clemente, Papa, São Dyonizio, bispo de Pariz, sem fallar nos apóstolos e martyres.

No segundo seculo São Justino e Santo Ignacio, martyres, Santo Irineu.

No terceiro seculo São Cypriano, bispo, São Gregorio Thaumaturgo, que operou em nome de Deus innumeraveis milagres.

No quarto seculo Santo Ambrosio, São Bazilio, São Gregorio de Nissa, São Gregorio Naziazeno, São João Chrysostomo.

No quinto seculo São Jeronymo, Santo Agostinho, São Paulino de Nola.

No sexto seculo São Bento, São Fortunato, São João Climaco.

No setimo seculo Santo Ildephonso, São João Es-moler.

No oitavo seculo São Bonifacio, São Sophronio, São Braulio.

No nono seculo São Macario, São Methodio, São Prudencio.

No decimo seculo Santo Odilão, e Santo Odão.

No decimo primeiro seculo Santo Anselmo e São Bruno.

No decimo segundo seculo São Bernardo e São Norberto.

No decimo terceiro seculo São Boaventura e Santo Thomaz.

No decimo quarto seculo São João Nepomuceno, São Nicoláu Tolentino, São Bernardino de Sêna, São João Capistrano, São Lourenço Justiniano.

No decimo quinto seculo Santo Antonino, São Vicente Ferrer.

No decimo sexto seculo Santa Thereza, São Carlos Borromen, Santo Estansláu Costa, São Francisco de Borgia. Santo Ignacio de Loyola, São João da Cruz, São Luiz Gonzaga, São Pedro de Alcantara, São Thomaz de Villa Nova, São Francisco Xavier. (*E' o seculo de Lutero*).

No decimo setimo seculo São Francisco de Regis, São Francisco de Sales, São Pedro Clavis, São Vicente de Paulo.

No decimo oitavo seculo Santo Affonso de Ligorio, o Beato Bento Labre. O Papa Leão 13.º beatificou varios filhos da Santa Igreja, e o actual glorioso Pontifice reinante trata de varios processos de beatificação e de canonização.

Quando tratamos dos milagres e do processo de canonização asseguramos que ninguem era pela Igreja declarado Santo, sem que em seu favor ou por seu intermedio Deus tivesse operado, pelo menos, cinco milagres de primeira ordem, e que o processo de averiguação era minucioso e rigorosissimo. Portanto cada canonização representa cinco milagres de primeira ordem, segurissimamente averiguados e provados. E', pois, uma prova evidentissima que a Igreja catholica tem a nota de santidade e tem milagres.

Deus em Lourdes opera diariamente milagres para confirmar a nossa devoção para com Maria, sua Santa Mãe; e disso temos provas exuberantes e até recentes. Em 26 de Novembro de 1910, no hotel Condé, em Lourdes, foram apresentados quarenta enfermos, curados miraculosamente, diante dos respectivos medicos, que os tinham tratado e declarado antes inteiramente incuraveis. O doutor Bonnet apresentou José Sirôt, tuberculoso em terceiro gráu, em estado desesperador. Durante a sua oração na gruta sentiu-se inteiramente são, indo então apresentar-se ao seu medico, que, fazendo a devida auscultação, o reconhe-

ceu perfeitamente curado, elle que ainda na vespera, depois de exame minucioso, o tinha declarado perdido. Em Dezembro de 1912 os jornaes do Brazil transcreveram um *Relatorio* scientifico, que assignala extraordinarias curas bem verificadas, e que narra o seguinte: «No gabinete de constatações medicas de Lourdes, em Paris, realizou-se agora uma reunião de miraculados, á que assistiram e em que tomaram a palavra alguns dos mais notaveis vultos da sciencia medica contemporanea. A cerimonia teve lugar na sala « Joanna d' Arc » sob a presidencia de M. Scopfer, bispo de Tarbes e de Lourdes, estando presentes numerosas autoridades ecclesiasticas. Aberta a sessão, foi dada a palavra ao doutor Boissarie, que fêz um relatorio circunstanciado do movimento medico em Lourdes. A seguir, o doutor David, cuja autoridade scientifica é incontestavel, apresentou o caso de mad.^{me} Alice Verte, radicalmente curada dum *peritonite chronica de origem tuberculosa*, e considerada incuravel antes da sua peregrinação á piscina de Massabielle. »

Se não são de má fé, pelo menos enganam-se redondamente os que attribuem essas curas verdadeiramente miraculosas a simples suggestões, porque nas curas dos tumores, dos cancrios e da tuberculose em terceiro gráu, não pode haver suggestão; pois é certissimo que nessas gravissimas e incuraveis enfermidades o systema nervoso não tem a minima influencia. Os que asseveram que as curas miraculosas de Lourdes são produzidas pela suggestão, deviam, imitando-as, procurar curar essas referidas enfermidades pela suggestão, e assim fariam um grande beneficio á humanidade soffredora, e, alem de tudo, conseguiriam o que mais desejam, que é ganhar muito dinheiro.

Temos ainda em nossa religião os milagres dos extasis. Muito Santos, entre elles São José Cupertino, ficavam suspensos no ar nos momentos de mais intenso fervor de suas orações contemplativas. Os nossos adversarios attribuem esses milagres tambem á suggestão, porem completamente enganam-se. Nos extasis dos meros suggestionados, dos hystericos, dos nevropathas não resta ás pessoas a lembrança do que viram, fallaram, fizeram; pelo contrario os Santos, depois de seus extasis, lembram-se de tudo, e alegram-se, animam-se, enchem-se de confiança pela lembrança do que viram e ouviram.

Além do milagre, a nossa religião tem mais uma prova evidentissima de sua verdade e santidade, e é que, apesar de ser sempre e fortemente perseguida, ella continúa sempre a crescer e prosperar. As seitas hereticas não se hostilizam, mas toleram-se mutuamente, embora professem doutrinas contrarias. Ellas, em vez de perseguidas, são pro-

tegidas pelos incredulos e pelos perversos. Entretanto, ao passo que ellas vão enfraquecendo-se e definhando, a Igreja catholica, que é perseguida por ellas todas, e ainda por todos os incredulos e perversos, ganha sempre terreno, e cada dia vai extendendo os horizontes de suas conquistas. Fallem a respeito os factos, que são os argumentos mais invenciveis. Eis o que diz o jornal Gaulois de Novembro de 1911:

Durante um seculo, de 1800 a 1900, o numero dos catholicos subiu em Inglaterra, não comprehendida a Irlanda, de cento e vinte mil individuos a dois milhões cento e oitenta mil (ultimo recenseamento de catholicos inglezes, feito em 1907). Na Allemanha de seis milhões subiu a vinte milhões trezentos e vinte dois mil. Nos Estados Unidos da America subiu de quarenta mil a vinte e dois milhões e seiscentos mil. No Canadá subiu de cento e sessenta mil a dois milhões duzentos e cincoenta mil. Na America latina contam-se actualmente mais de quarenta milhões de catholicos. A Australia que não tinha catholicos em 1800, conta hoje um milhão e seiscentos mil. O archipelago do Pacifico, que não tinha um unico catholico em 1800, conta hoje duzentos e oitenta mil. Na Hollanda de trezentos mil catholicos chegaram a um milhão oitocentos e vinte mil. Na Romania de dez mil passaram a quinze mil. Na Bosnia e Herzegovina de vinte e cinco mil passaram a quatro centos mil. Na Bulgaria de mil e trezentos passaram a vinte e tres mil. Na Servia de seis mil passaram a vinte mil. Na Grecia de quinze mil passaram a quarenta e quatro mil. Alem disto, ha hoje na Asia quatro milhões e seiscentos mil catholicos, quando apenas havia alguns milhares em 1800. Tambem a Africa conta hoje oitocentos e cincoenta mil catholicos. Este acrescimo colossal é em parte devido ao augmento da população em geral; mas as estatisticas provam que são as conversões o que augmenta regularmente todos os annos o numero dos catholicos »

Cumpra aqui advertir que é sempre honroso entrar na religião catholica, porque é deixar o erro para entrar na verdade; pois, como deixamos provado, o catholicismo é a unica religião verdadeira. Os que entram na Igreja catholica, seja qual for a sua procedencia, não mudam de religião. Se eram antes incredulos, ou pertenciam á alguma falsa religião, tornando-se catholicos, entram pela primeira vez na verdadeira religião. Se eram antes hereges, são filhos transviados, que arrependidos, voltam á casa paterna, da qual insensatamente se tinham apartado. Que, como chave de ouro, feche esta discussão sobre tão importante assumpto a desinteressada e sincera opinião duma autoridade inteiramente insuspeita e immensamente competente.

Uma revista americana *Outlook* publicou as seguintes palavras, proferidas por um dos primeiros estadistas dos Estados Unidos, Roosevelt, ex-presidente daquella importante nação, que muito exaltam o catholicismo: «Hoje a America tem necessidade especial daquella contribuição que só a Igreja catholica romana pode fornecer, porque o perigo principal para a America vem de forças desorganizadas e dum espirito desregrado; não duma excessiva organização, mas de desordem ou desorganização. Uma das primeiras lições, que os americanos devem aprender, é o respeito ás autoridades constituidas e a obediencia ás leis. Esta lição não se pode aprender, senão da Igreja catholica apostolica romana. Essa Igreja é uma grande força espiritual, e uma defeza da sociedade contra os apóstolos da desordem e da libertinagem. Porem ha mais. Onde quér que ella penetra, ensina submissão á lei, que é o primeiro passo para adquirir-se o habito de cada um vigiar a si proprio, que é a condição indispensavel ao governo da sociedade. (*Correio da Manhã de 29 de Janeiro de 1911*). Eis como um protestante, grande estadista dum paiz protestante, pronuncia-se sobre a Igreja catholica.

Vigesima quinta Instrucção.

As falsas religiões.

Falsa religião é uma doutrina, que se intitula religiosa, mas que na realidade é contraria á verdadeira religião. O caracterisco das falsas religiões é ter um homem por inventor, e não remontar e ligar-se aos Apóstolos, no novo testamento; e a Moysés e aos Patriarchas, no antigo.

O brahmanismo é a religião do Indostão, cuja origem perde-se na mais remota antiguidade. Para-Brahma é o supremo ser que esta religião reconhece, e que faz crer como eternamente immovel, exercendo a omnipotencia por intermedio de Brahma, Vischnou e Shiva, manifestação triplice do Ente-Supremo, especie de trindade. Barahma é o poder creador, a materia; representa o passado, e o seu emblema é o sól. Vischnou é a sabedoria, o conservador, o espaço: é o presente, e o seu emblema é a agua. Shiva ou o fogo, é o poder destruidor; representa o tempo ou o futuro, e é o deus da justiça. Ha ainda uma infinidade de deuses inferiores. Crêem na metempsychose e na immortalidade da alma.

O budhismo, procedente do brahmanismo, que parece ter sido estabelecido mil annos antes da nossa era, no primeiro seculo, foi introduzido na China, e é hoje a religião de quasi toda a Asia. Calculam que tem dois milhões de sectarios. E' tambem professado na India, na Coréa, no Japão, no Thibet. Elle suppõe que nossa existencia actual é imperfeita e sem moralidade; que o mundo da materia é uma illusão, e ensina a necessidade de desprendermos a nossa alma das cousas deste mundo, que tem de acabar, para lhe podermos dar entrada no mundo immaterial e real, onde reside Budha, suprema intelligencia e varão perfeito, situado alem do espaço luminoso, numa região eterna, morada tambem das almas chegadas ao estado de Budhas. Depois que morreu um Budha que se encarnou, a sua representação dura na terra até a vinda de outro Budha, sempre animada por encarnações successivas. O ultimo Budha virá á terra depois de cinco mil annos a contar do apparecimento do primeiro. Elles adoram o actual Budha como a representação do primeiro que se encarnou.

Confucio viveu 500 annos antes de Jesus Christo. Elle era mais philosopho dando regras de conducta, que fundador de religião. A sua religião, que é a do estado na China, reconhece um ente supremo; tem templos, mas não tem sacerdotes, porque o imperador é o unico que desempenha os deveres religiosos em nome de todo o povo. O seu culto recommenda especialmente a piedade filial, o respeito á velhice e o culto ou orações pelos mortos.

Zoroastro, philosopho, nasceu no anno de 550 antes de Jesus Christo, na Media. Na sua pretendida religião os sacerdotes chamam-se magos. Adoram o sol, como fonte do fogo; aconselham o cazamento entre parentes, mesmo de irmãos com irmãs.

O mahometismo ou islamismo foi fundado por Mahomet na Arabia em 611 da nossa era; mas só data do anno 622, epoca da *hegira*, ou fugida de Mahomet para Medina. Depois de estabelecida na Arabia, esta religião foi propagada á força de armas em toda a Asia, Africa e mesmo em Hespanha e Sicilia. Os mahometanos reconhecem como seu chefe o sultão, vigario de Mahomet. Admittem Deus, mas sujeito ao destino, sem ter liberdade; negam Jesus Christo; observam a circumcisão; esperam depois desta vida um paraizo, mas unicamente de gosos sensuaes.

O paganismo não é religião, nem mesmo uma falsa religião; é uma vergonhosa, absurda e criminosa deturpação da religião hebraica. Elle admite uma infinidade de deuses, representados pelos idolos, que julgam animados, e que adoram como verdadeiros deuses. Para elles pagãos

tudo é Deus, excepto o verdadeiro Deus. Elles adoram como deuses até os vícios mais abominaveis, como a embriaguez, o furto e a deshonestidade. Sacrificam aos seus deuses victimas humanas. As suas ceremonias são repugnantes, absurdas, degradantes.

O judaismo foi uma religião verdadeira, mas deixou de o ser com a vinda de Jesus Christo, porque a figura, a representação deve necessariamente desaparecer diante da realidade. Os judeus não convertidos continuam a esperar o Messias promettido e a observar a antiga lei, que pela nova foi abrogada, excepto em relação aos preceitos do Decalogo, que até foram aperfeiçoados. Os judeus conservaram sempre a crença dos dogmas da vinda dum Redemptor, do peccado original, da immortalidade da alma, das penas e recompensas eternas, do purgatorio, da resurreição da carne. Por circumstancias especialissimas, proprias unicamente daquelle tempo, lhes foram permittidos o divorcio e a polygamia. Tinham suas festas, entre as quaes as principaes eram: A da Paschoa, no mez dos novos fructos, em memoria da sahida do Egypto e do livramento dos primogenitos dos hebreus. A de Pentecostes, ou a festa das semanas, para servir de monumento da publicação da lei sobre o monte Sinai; ella era celebrada no tempo de começar a colheita. A dos Tabernaculos em memoria do tempo passado no deserto. Elles tinham os seus sacrificios, que eram todos figurativos de Jesus Christo na cruz e delle tiravam todos os seus merecimentos. Os sacrificios eram sanguinolentos e não sanguinolentos. Ha tres da primeira especie: O *holocausto*, em que a victima era queimada toda inteira, sem que ninguem pudesse reservar para si a minima parte, porque este sacrificio era instituido para reconhecer a soberana magestade de Deus, diante de quem tudo se aniquila; e para ensinar ao homem que elle deve consagrar-se todo inteiro e sem reserva aquelle de quem elle recebeu tudo quanto é. A *hostia pacifica* era offerecida para dar graças a Deus de algum beneficio; para delle obter novos, ou para cumprir um voto. Nelle não se queimavam senão a gordura e os rins da victima; e o peito e a espadua direita eram dados ao sacerdote e o restante entregue a quem tinha fornecido a victima. Não havia tempo marcado para este sacrificio, nem era determinada a escolha da victima, comtanto que não fosse defeituosa. O *sacrificio pelo peccado* era tambem chamado sacrificio *expiatorio* ou *propiciatorio*. Antes de derramar o sangue da victima ao pé do altar, o sacerdote nelle molhava o dedo e tocava os quatro angulos do altar. Aquelle, por quem o sacrificio era offerecido, delle nada podia aproveitar para si, para mostrar que se punia por essa privação. Queimava-se a gor-

dura da victima sobre o altar; e a carne toda era para os sacerdotes, devendo ella ser comida no lugar Santo, isto é, no adro do tabernaculo. Quando o sacerdote offerece o sacrificio pelos seus proprios peccados e pelos do povo, faz sete vezes aspersion do sangue da victima diante do véo do sanctuario, e derrama o restante ao pé do altar dos holocaustos. Havia ainda os *sacrificios* em que a victima não era morta, como o sacrificio do bóde enviado para o deserto no dia da expiação solemne; e o do pardal para purificação dum leproso. O *sacrificio perpetuo* era o em que se immolavam cada dia sobre o altar dos holocaustos dois cordeiros, um de manhã, quando o sol despontava; e outro á tarde depois do seu occaso.

Os judeus tinham os seus sacerdotes, todos pertencentes á tribu de Levi, sendo o sacerdocio hereditario. Cada um por sua vez ia exercer as funcções sagradas no templo, sendo o que tinha de servir designado pela sorte. Essas funcções consistiam em queimar o incenso, offerecer os sacrificios, derramar ao pé do altar o sangue das victimas, entreter o fogo sobre o altar dos holocaustos, atear as lampadas, fazer os pães da proposição, e os expôr cada semana sobre a mesa de ouro. Fóra do templo deviam instruir o povo sobre as ceremonias e praticas religiosas; julgar as contendas; examinar os leprosos, e conhecer as differentes impurezas legaes. Os leprosos e os que tocavam em cadaveres ou reptis, eram considerados immundos; e por isso não podiam comer das cousas santificadas. Na entrada do templo havia uma bacia, consagrada com o oleo da unção, para os sacerdotes purificarem-se antes de exercer as sagradas funcções. As vestimentas, paramentos e insignias sacerdotaes eram riquissimos e ornados de pedras preciosas. Todos os objectos pertencentes ao culto eram de grande valor: bacias de prata, castiças de ouro. Davam immensa importancia á cerimonia da circumcisão, que tinha por fim distinguir os que pertenciam ao povo de Deus, dos que pertenciam aos pagãos idolatras, e mesmo dos gentios que adoravam o verdadeiro Deus. Entre elles era observada a pratica da confissão, que era um preceito e não um sacramento. O peccador contava os peccados ao sacerdote, que, depois de lhe indicar o sacrificio que devia offerecer como expiação, pedia a Deus por elle o perdão; e elle era assim perdoado.

Os judeus, que não se converteram, nem mesmo ouvindo a pregação de Jesus, acompanhada de milagres, foram inteiramente incredulos e immensamente criminosos. Para bem accentuar a gravidade de seu crime, Jesus lhes exprobrava a sua incredulidade, dizendo-lhes: Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu proprio nome,

o receberéis. Nessa reprehensão Jesus fez uma prophécia, que se tem sempre realizado. Todos quantos quizeram usurpar o titulo de messias encontraram sectarios entre os judeus, que rejeitaram o verdadeiro Messias. O mesmo ainda até hoje continuamente se reproduz. Não querem ouvir os sacerdotes, os bispos e principalmente o soberano Pontifice, que Deus constituiu interpretes de seus divinos oraculos, pregadores de sua santa lei, e vão de boa mente ouvir homens sem titulos, sem missão, sem sciencia e até mesmo sem costumes.

Os manicheus são considerados como hereges, mas elles formam mais uma falsa religião, do que uma heresia. Se é certo que elles adoptaram algumas praticas do christianismo, não é menos certo que os seus principios fundamentaes são os das falsas religiões. Elles descendem dos gnosticos, cuja doutrina é toda pantheista. Os gnosticos admittiam uma divindade superior, que chamavam *plerona*, e diziam que descendiam dos *cons*, divindades, espiritos inferiores. Estas divindades inferiores eram emanações da divindade superior. E' uma theoria completamente absurda. Se a divindade superior é infinita, infinitas tambem devem ser as inferiores, que são suas emanações. E como um ente infinito pode produzir emanações, perdendo partes, porções de si mesmo, e continuar a ser infinito? Os gnosticos dizem que a divindade superior é que faz o bem, e as inferiores são que fazem o mal. Os manicheus tambem adoptaram como fundamentos de sua doutrina o principio do bem e o principio do mal. Mas é certissimo que nem aos manicheus, nem aos gnosticos, pertence a theoria absurda dos dois principios, pois o grande historiador Plutarcho attribue o *dualismo*, não somente aos persas, chaldeus, egypcios, e aos gregos, como ainda aos mais celebres philosophos pagãos da mais remota antiguidade, como Pythagoras, Empedocles, Heraclito, Anaxagoras, Platão, Aristoteles. Por outra parte, São Cyrillo de Jerusalem, que combateu a doutrina de Manes, fundador do manicheismo, sessenta annos depois da sua morte assevera que elle Manes nunca tinha sido christão, mas que fora sempre pagão.

Pelo que fica exposto, é clarissimo que o manicheismo, se tem pequena parte de christão e de heretico, em seu fundo é uma falsa religião. Vamos examinar e refutar toda a sua falsa e absurda theoria.

O manicheismo appareceu no começo do terceiro seculo, e teve por seu fundador Manes, nascido na Persia. Elle era escravo, e foi comprado e libertado por uma viuva rica. Como elle rejeitava o antigo Testamento, o principe Behram, muito zeloso do antigo culto, mandou-o esfolar vivo. Os manicheus admittem dois principios, um bom, au-

tor do bem, outro máu, autor do mal. Os espiritos são uma emanção do bom principio, que elles consideravam como uma luz increada; e todos os corpos foram formados pelo máu principio, que elles chamavam satan e poder das trevas. Os dois principios, segundo a sua theoria, são necessarios, eternos, ambos existindo de si mesmos. Isto envolve um tremendo absurdo. Um ente necessario não é limitado, porque não tem causa para limitar o seu poder; entretanto que cada um dos principios tinha a sua esphera de acção, e por isso nenhum podia ser ente necessario. E' ainda mais absurdo admittir um ente necessario essencialmente máu, pois é pretender que o mal é uma substancia ou um attributo positivo, quando elle é uma negação do bem. E' ainda maior absurdo admittir dois entes necessarios, e portanto infinitos. Se elles são iguaes, limitam-se mutuamente, e nenhum é necessario e infinito; se são desiguaes, pelo menos, o menor não é necessario e infinito. E' tambem enorme absurdo suppor a existencia do mal antes da creação, quando não havia ainda ente algum, a quem o máu principio pudesse damnificar.

Tanto os manicheus, como os gnosticos e tambem os antigos philosophos pagãos, admittiram a absurda theoria dos dois principios com o fim de conciliar a bondade de Deus com os males que soffrem as suas creaturas; mas, não só essa theoria não consegue o fim desejado, como basta para conseguil-o que se forme uma idéa exacta do que é bem e do que é mal nas creaturas. O mal não é uma substancia, nem um ser positivo, mas é a privação dum maior bem. Não ha no mundo nem bem nem mal absoluto; elles não são taes, senão por comparação. Todo bem creado, sendo essencialmente limitado, contem uma privação; elle é considerado mal em comparação dum bem maior, e considerado bem em comparação dum bem menor. Quando se affirma que ha mal no mundo, quer isto dizer que não ha tanto bem, comoahi poderia haver. Quando se diz que um Deus bom não pode fazer o mal, se se entende com isso que elle não pode fazer um bem menor que outro, é falso e absurdo. Quando se assegura que elle não pode fazer senão o bem, se com isso quer se dizer que elle não pode fazer senão o que é o melhor possivel, é um outro absurdo. Qualquer bem que Deus faça, elle pode sempre fazer melhor, porque seu poder é infinito. O *melhor possivel* seria o infinito na creatura: o que contem absurdo.

Este principio evidente é applicavel ás tres especies de males, que distinguem os philosophos. Primeiro, elles chamam *mal* a imperfeição das creaturas; mas não ha nem uma que não tenha em si algum grau de perfeição. Ellas

não são julgadas imperfeitas, senão quando são comparadas á uma outra mais perfeita. Assim o homem é imperfeito em comparação dos anjos; mas é muito mais perfeito que os brutos. Até na mesma especie os diversos individuos são mais ou menos perfeitos uns que os outros. Não ha nem uma creatura que não tenha alguma perfeição; bem como não ha nem uma que tenha ou mesmo possa ter toda perfeição. A imperfeição absoluta é o nada; e a perfeição absoluta é o infinito, que é só Deus.

O segundo mal das creaturas sensiveis é a dor; mas na propria dor ha um certo bem, que é a lembrança do que já gosou, e a esperança de ainda poder gosar. Na dor ainda ha um bem, que é o pensamento de que poderia ainda soffrer mais e por mais longo tempo. Entre soffrer mais e soffrer menos ha preferencia, e um mal puro não pode ser objecto de preferencia. Assim, aqui no mundo, a felicidade e a infelicidade não são, senão dois termos de comparação. Um homem que viveu oitenta annos, tendo em toda sua vida apenas alguns momentos de soffrimento, é muito feliz em comparação do que soffreu longos annos dores atrozes. Os que dizem que um Deus bom deve a si mesmo fazer aqui as suas creaturas felizes, deveriam determinar o gráu e a duração da felicidade, que elle tem o dever de dar; mas nenhum será capaz de fazer essa determinação.

O terceiro mal é o peccado, o qual não vem de Deus, mas do homem; pois é o livre e voluntario abuso duma faculdade boa e vantajosa. Os que dizem que a liberdade é um dom funesto, porque é o poder de tornar-se eternamente infeliz, esquecem-se de que ella é tambem o poder de tornar-se eternamente feliz pela virtude. Esta faculdade seria, sem duvida, melhor e mais vantajosa, se fosse só o poder de fazer o bem; mas o poder de escolher entre o bem e o mal, é certamente melhor que o instincto puramente animal dos brutos. Não é portanto uma faculdade absolutamente má. Querer que o homem não seja livre, é querer que elle não seja homem.

Em toda esta questão predomina um grande erro, que é comparar a bondade de Deus, que tem um poder infinito, com a bondade do homem, que tem um poder limitado. O homem é bom, quando faz todo bem que pode; mas relativamente a Deus essa regra é falsa, pois que Deus pode fazer bem ao infinito; não se acharia jamais o degráu de bem, ao qual a bondade divina deve couter-se. Eis como a razão perfeitamente concilia a bondade de Deus com os males, que existem em suas creaturas.

A theoria dos dois principios, em vez de conseguir o seu intento, torna a religião inutil, absurda, pois nada nos

deixa a esperar de nossa piedade e de nossas virtudes, nem também a temer pelos nossos crimes. Faça-se o que se fizer, o Deus bom nos será sempre propicio, e o máu principio nos será sempre contrario. Todos os dois agem necessariamente segundo a inclinação de sua natureza, e de toda a extensão de suas forças; tudo é portanto a consequencia duma necessidade fatal e inevitavel. Ora na hypothese da fatalidade não ha nem bem moral, nem mal moral; não ha mais senão felicidade e infelicidade; e isto vale tanto, como suppor que tudo é materia. Esta doutrina é destruidora de toda lei e de toda sociedade; não é, pois, sem motivo que os manicheus têm sido considerados como inimigos, de que é preciso expurgar o mundo. Se elles não commetteram todos os crimes, de que foram accusados, é unicamente porque não foram consequentes como os seus nefandos principios. Depois de admirar o absurdo dos dois principios, que fundamentam a religião ou seita dos manicheus, admiremos o absurdo de sua applicação pratica.

Elles dizem que a alma de Jesus é a luz mais perfeita, que emanou do principio do bem, e que sendo luz não podia nem encarnar-se, nem soffrer senão apparentemente; e que como luz perfeita habita no sol. Então elles adoram os astros, têm horror ao culto dos santos e das imagens. Dizem que em todo corpo ha uma porção de luz, que inteiramente o anima e dá-lhe o movimento; mas que esse espirito ou luz que vivifica o corpo, nunca poderá unir-se ao principio do bem, senão depois de fazer expiação passando de um a outro corpo; e assim admittem a doutrina da transmigração dos espiritos. Acreditando que as arvores têm também um espirito que as vivifica, julgam ser um crime cortal-as, e até apanhar os seus fructos; e só comem os fructos apanhados, quando o que os apanhou mostra-se arrependido de seu crime. Admittem certos sacramentos, porém ensinados, entendidos e administrados a seu modo. Mas com a doutrina da expiação pela transmigração, deveriam julgar os sacramentos inteiramente desnecessarios e inuteis. Procuram na Sagrada Escriptura, só do novo Testamento, pois rejeitam todo o antigo, textos para fundamentar e justificar toda a sua doutrina; e quando os textos parecem contrarios, declaram que foram adulterados e corrompidos. Para melhor recommendar a sua doutrina, chegaram a fazer um novo evangelho ao seu sabor. Não se pode com certeza precisar os ensinamentos e praticas do manicheismo, porque dividiram-se em setenta e tantas ramificações, admittindo todas os dois principios do bem e do mal, discordando completamente sobre a natureza dos dois prin-

cipios, sobre suas operações, sobre as consequencias especulativas e moraes, que delles se devem tirar. .

Muito propositalmente nos demoramos em explicar e refutar o manicheismo, porque é delle que brotaram as diversas e differentes seitas hereticas, que foram apparecendo desde o terceiro até o decimo sexto seculo; é principalmente delle que tiraram os seus erros os hereges Vigilancio, *Jeronymo de Praga, João Hus*, que todos os protestantes tanto louvam, admiram e consideram como seus illustres e gloriosos antecessores. Vejamos agora quaes são as differentes religiões professadas em todas as nações do mundo.

Na Inglaterra vigora o protestantismo dos episcopaes.

Na Escocia o dos presbyterianos.

Na Dinamarca o luteranismo.

Na Suecia e Noruega o luteranismo.

Na Russia Européa a dominante é a orthodoxa, de que o imperador é o chefe.

Ha tambem 8 milhões e quinhentos mil catholicos, quatro milhões e quinhentos mil protestantes, tres milhões de mahometanos e tres de judeus.

Na Belgica domina o catholicismo.

Na Hollanda o caheinismo; porém o catholicismo tem metade da população.

Na Allemanha domina o protestantismo; porém o catholicismo tem mais de um terço.

Na Austria-Hungria o catholicismo é professado por trinta milhões de habitantes.

Na Suissa ha um milhão e setecentos mil protestantes, e um milhão e duzentos mil catholicos.

Na Turquia Européa ha dois milhões de mahometanos, tres milhões de schismaticos e trezentos mil catholicos.

Na Grecia dominam os schismaticos, havendo porém já dois arcebispos e quatro bispados catholicos.

Na Romania dominam os schismaticos.

Na Servia dominam os schismaticos.

Na Bulgaria dominam os schismaticos.

Na Russia da Asia ha schismaticos, buddhistas, mahometanos, o chamanismo-culto dos espiritos, fetichismo.

Na Turquia Asiatica domina o mahometismo.

Na Persia domina o mahometismo, porém ha tambem judeus, schismaticos e os parsis, adoradores do fogo.

Na Arabia domina o mahometismo.

No Afghanistan domina o mahometismo da seita dos sunnitas.

No Beluchistan domina o mahometismo.

Na India ou Indostão domina o brahmanismo, mas ha tambem quarenta e dois milhões de mahometanos, buddhismo, parsis, christãos, judeus.

Na Indo-China domina o buddhismo.

No Imperio Chinez ha buddhismo, ha os de Confucio, mahometismo. Na China propria o catholicismo tem feito grandes progressos.

No Japão ha buddhismo ; ha o culto de *sintotendo*, *tendo ambos por chefe o Mikado*.

No Egipto domina o mahometismo, havendo tambem christãos Coptas.

Na Abyssinia ou Ethiopia ha superstição, idolatras, judeus e mahometanos.

Na Barbaria domina o mahometismo ; ha tambem judeus e cerca de duzentos e cincoenta mil catholicos.

Na Colonia do Cabo domina o protestantismo.

No Sudan domina o mahometismo.

Na Nova Bretanha ou Dominio do Canadá domina o catholicismo, no Canadá ; e o protestantismo nas outras provincias. Os indios são geralmente pagãos.

Nos Estados Unidos do Norte domina o protestantismo ; porem o catholicismo já tem vinte e dois milhões de crentes.

No Mexico domina o catholicismo.

Na America Central domina o catholicismo. Nas Guyanas ingleza e holandeza domina o protestantismo, e na franceza domina o catholicismo.

De todas essas religiões só o catholicismo tem um cunho de universalidade, que faz com que elle se adapte a todas as raças, á todos os climas, podendo aperfeiçoar e mesmo santificar todos os que fielmente puzerem em pratica os seus preceitos e os seus conselhos. Só elle tambem tem um cunho de immutabilidade, que faz com que permaneça sempre o mesmo em sua natureza e essencia, quando todas as outras instituições acompanham as mudanças e vicissitudes de tudo quanto é humano e terreno.

Vigesima sexta Instrucção.

O maçonismo.

Temos contra nós dois inimigos rancorosos. O primeiro destes dois inimigos é a maçonaria. Ella não só persegue, mas ainda presta auxilios aos outros inimigos para perseguirem a Igreja catholica.

A primeira loja maçónica que se estabeleceu em França, foi inaugurada em Paris em 1727. Ella foi quem mais trabalhou e esforçou-se para a realização da nefanda revolução franceza e para o torpe assassinato de Luiz 16. Em 1738 Clemente XII por sua bulla *Ineminente* condemnou a maçonaria; não uma loja, mas todas as sociedades secretas, seja qual for a sua denominação. Desde então até hoje todos os Papas, logo que sentam-se sobre o throno pontificio, renovam essa condemnação. A condemnação, não só prohibe de ser membro da seita, mas de nella de qualquer modo directa ou indirectamente, tomar parte; e de lhe prestar auxilio ou favor, seja qual elle for. De modo que os catholicos não podem assistir ás suas reuniões, nem mesmo por mera curiosidade, nem mesmo ás suas festas, aos seus divertimentos; não podem concorrer com dinheiro para os seus estabelecimentos de fingida caridade; não podem leccionar, muito menos pôr seus filhos, em seus collegios ou escolas; não podem prestar seus serviços á seita ou ás suas reuniões, como artistas ou mesmo como simples operarios; não podem receber esmolos da seita ou dum maçõ como tal, podendo receber quando for dada em seu nome e como particular.

Perguntar se a Igreja tem o direito de prohibir a maçonaria aos catholicos, vale o mesmo que perguntar se um pai tem o direito de prohibir a seu filho de entrar numa determinada casa, ou de tomar parte numa certa sociedade ou reunião. O bom filho, não só obedece, como nem mesmo procura inquirir a razão da prohibição, porque está certissimo que seu pai só procura *o seu proveito em tudo quanto lhe determina*. Assim, a maçonaria sendo como de facto é, condemnada pela Igreja, o catholico com ella não pode ter relação alguma de convivencia. Ninguem é obrigado a ser maçõ; sendo por sua propria vontade, seja bom maçõ, coherente, consequente. Tambem ninguem é obrigado a ser catholico; sendo por sua propria vontade, seja bom catholico, coherente, consequente. Querer ao mesmo tempo ser maçõ e catholico, além de não ser permittido, não é serio, não é decoroso. Annos atraz homens importantes, honestos eram maçons; e de muito boa fé permaneciam nessa seita condemnada, sendo catholicos. Eram ingenuos, porque desde que a Igreja condemnava, já era uma prova evidente que a seita era nociva, criminosa; porque uma Igreja Santa não pode em caso algum condemnar uma sociedade innocente, proveitosa. E' clarissimo que os que acham que a maçonaria é boa, devem considerar como criminosa a Igreja que a condemna, e não devem mais á ella pertencer.

Tambem pelo segredo já deviam perceber os pernicio-

sos designios dessa associação, porque, como diz o apóstolo São João, quem quer fazer o mal é que procura as trevas; e quem deseja fazer o bem, ama a luz, não teme a publicidade. Outra prova evidentíssima dos intentos sinistros da seita é o juramento, que ella faz a todos, em sua entrada, prestar, de *fazer tudo quanto lhe for determinado*. Por este juramento o homem extremamente avilta-se alienando a sua liberdade, sacrificando a sua autonomia, perdendo a sua dignidade de creatura racional e livre; e tambem, assim jurando, compromette-se a praticar injustiças, infâmias, atrocidades, desde que isso lhe seja determinado.

O engodo da caridade só pode illudir aos nescios pelos seguintes motivos. Essa caridade só visa o corpo, e consiste apenas em dar dinheiro, vestuario, comida, medicamentos; quando é certo que o homem, além do corpo, tem a alma, que é a sua parte mais nobre, e portanto acima de tudo precisa de paz, de boa reputação e principalmente precisa de conservar a graça e a amizade de Deus. Em segundo lugar, para praticar a caridade não é necessario, nem mesmo é permitido, desobedecer á uma Igreja que tanto recommenda, que tanto se empenha pela verdadeira pratica dessa virtude; e que instituiu e mantém tantos estabelecimentos, em que tanto se zela do corpo, e em que ainda muito mais se zela da alma, que não se dissolve num tumulo, mas que é destinada a viver com Deus na eternidade.

Hoje, porém, felizmente não pode mais para os catholicos haver enganos e illusões, porque os factos publicos e notorios denunciam o odio, o rancor da seita contra a nossa santa religião. E' a maçonaria que na França persegue atrozmente as ordens religiosas, todo o clero catholico; apodera-se de todos os seus bens, e converte todos os seus edificios sagrados em estabelecimentos profanos. Foi a maçonaria que na Italia, quando se tratou de abolir nas escolas o ensino religioso, mandou os deputados maçons votar á favor da abolição, e processou e condemnou os que votavam contra. Pertence exclusivamente á maçonaria, como está no domínio publico, tudo o que, para vergonha da humanidade, se está passando no infeliz Portugal. Mas mesmo entre nós, o que temos observado a esse respeito? Foi a maçonaria brasileira que em 1876 mandou processar e prender os grandes bispos Dom Macedo Costa e Dom Vital, de gloriosa e santa recordação. Foi ainda ha pouco a maçonaria que tentou embarçar o desembarque dos religiosos e sacerdotes portuguezes, que, fugindo á furia satânica dos carbonarios, vinham implorar abrigo ao nosso caro Brazil catholico, tão hospitaleiro e caridoso. Alem dos factos temos as declarações publicas de hostilidades.

Em 1908 o grande Oriente do Brazil consultou todas as lojas maçônicas brasileiras se já convinha declarar a guerra abertamente ao catholicismo; e todas responderam que deviam declarar a guerra abertamente, porém algumas ponderaram que era prudente esperar mais algum tempo para mais enfraquecer o inimigo, para a victoria ser certa.

Nesse mesmo tempo a loja de Santos escreveu um artigo aconselhando a *todas as lojas para expulsar de seu gremio todos os irmãos hypocritas*, que, não obstante serem maçons, ainda andavam pelas *sacristias, vestiam ópas, baptizavam filhos, confessavam-se e commungavam*.

No dia 16 de Agosto de 1910 o senhor Lauro Sodré, chefe supremo da maçonaria brasileira, expediu um telegramma de applausos ao fallecido José Canalejas pela sua *bem acertada politica de reacção contra o jesuitismo* na Hespanha. No mesmo dia o senhor Lauro recebeu a seguinte resposta *official*: O presidente do conselho de ministros muito agradece ao senhor Lauro Sodré e á maçonaria brasileira as felicitações recebidas. José Canalejas. Tratava-se então do rompimento com a Santa Sé e de insultos ao Papa.

Aqui, em Taubaté, um maçõn pobre e de numerosa familia, estando gravemente enfermo, quiz receber os sacramentos. Logo que o chefe maçõnico soube, lhe mandou comunicar que, se recebesse os sacramentos, a sua viuva e os seus filhos ficariam por sua morte privados de toda subvenção e protecção por parte da seita. Os sentimentos do coração afogando os sagrados reclamos da consciencia, o pobre enfermo, apesar das instancias de seus parentes e amigos, espirou privado dos soccorros divinos.

A um homem, que só tinha feito o contracto civil, eu convenci para fazer o casamento religioso; porem não pude conseguir convencel-o a antes confessar-se. Depois de muitas instancias minhas, que por elle não foram attendidas, disse-me: Quero fallar-lhe com toda franqueza. Eu estou disposto a confessar-me, mas agora não posso. Eu sou escripto e com os rendimentos deste emprego, é que eu sustento minha mulher e filhos. Eu sou maçõn, e tenho plena certeza de que se elles maçons souberem que eu *me confessei*, hão de *perseguir-me*, e hão de *tirar-me o emprego, reduzindo-me á miseria*. Sob minha honra garanto a veracidade dos dois factos, que venho de fielmente narrar.

Ainda haverá sombra de duvida sobre o rancor, que a maçonaria vota á Egreja catholica? Ella não só persegue, mas ainda presta todos os seus valiosos e poderosos auxilios a *todos quantos desejam persegui-la*. E' ella que fornece recursos ás taes escolas maternas do espiritismo; é ella que acolhe e remunera os estrangeiros, que para aqui vêm

interesseiramente insultar a religião da grande maioria dos brasileiros. Todo mundo sabe que foi a maçonaria que recebeu, hospedou, pagou a Ferri, a Clemenceau, a Murri, até á deshonesta Belem Saraga, para entre nós ludibriar a religião de nossos queridos pais e dos nossos gloriosos antepassados.

Ainda mais um facto, que deve ser imitado por todos os governos dos paizes, em que felizmente no coração do povo impera o sentimento catholico. Na Revista social de Agosto de 1912, numero 5, lê-se o seguinte: "A maçonaria argentina pediu ao governo para reconhecê-la como *instituição*: e este, depois de mandar estudar seriamente a questão, respondeu negativamente, assim fundamentando a sua decisão: 1.º A maçonaria não cuida do bem-estar dos cidadãos todos, mas pretende unicamente favorecer os interesses pessoais dos seus proprios membros, com prejuizos serios para com os demais cidadãos. Seus estatutos obrigam os maçons a opporem-se á liberdade do ensino com intenção de excluir da escola o clero catholico e as ordens religiosas, procedimento esse contrario ás leis da Republica.

2.º A maçonaria é anti-christã, e exige que os seus membros hostilizem a fé christã.

3.º A Republica é obrigada a proteger a religião christã, pelo que não poderá reconhecer a seita maçônica, que é contraria á essa religião.

4.º A maçonaria concede a seus membros a liberdade e independencia; mas obriga-os ao mesmo tempo a votar em candidato maçõn.

5.º A maçonaria é um Estado no Estado, embora seja uma caricatura do Estado.

Agora ainda mais uma prova cabal, e publica e solenne que a maçonaria trabalha para a extincção do catholicismo, mesmo a do Brazil. No Correio da Manhã de Novembro de 1908 vem um discurso de José Fernandes Machado, secretario da loja maçônica *Salomão*, proferido numa grande reunião maçônica, presidida por Lauro Sodré, Grão Mestre da maçonaria brasileira, no qual elle orador declara que a maçonaria brasileira está de perfeito accordo com o Occultismo, e que ambos têm as mesmas divisas: *liberdade, igualdade e fraternidade*; ambos dispõem dos mesmos recursos e têm o mesmo ideal de regeneração da humanidade; ambos acreditam em Deus, e professam o *christianismo puro*, que é *distincto* e muito *diferente* do catholicismo; e emfim que ambos se completam.

Felizmente, e mil graças a Deus, as nações mais adiantadas vão levantando-se contra a seita tão perigosa e damnosa não pelo amor á religião, mas movidas pelo instincto de conservação. Os jornaes do Rio em Maio de 1913

contam que na Allemanha o governo por um decreto prohibiu aos militares de pertencer á maçonaria, obrigando os que já pertenciam renuncial-a, sob pena de serem expulsos do exercito. O Paiz de 25 de Junho de 1913 dá noticia da nova campanha contra as seitas, e assim se exprime: Assiste-se actualmente na Italia a um grande movimento de reacção contra a maçonaria e a influencia occulta, que ella exerce ou pretende exercer no exercito e mesmo na administração publica. Contra ella movem guerra franca os militares, os magistrados, os nacionalistas, porque ella traz a indisciplina no exercito, na magistratura, em toda a sociedade, em vista de maçons, inferiores nos cargos sociaes, mas superiores na loja, obrigar os seus superiores a praticar actos injustos e reprovados. A guerra não vem dos clericaes, pois a maçonaria é fortemente combatida pelos jornaes liberaes, como são a tribuna de Roma, a Stampa de Turim, o Corriere della Sera de Milão. Essas grandes folhas liberaes, que movem a campanha, observam que, na atmospherá da liberdade que respira a moderna civilisação, o combate é inadiavel por constituir um lamentavel e perigoso anachronismo qualquer sociedade secreta, havendo motivo para suspeitas sobre o objectivo mysterioso, que ella tem em vista. O manifesto dos nacionalistas accusa a maçonaria de trabalhar para a ruina de toda disciplina social e militar, e até da propria Italia.

Encerrando este assumpto chamamos a attenção de todos para a cerimonia da iniciação no 2.º gráu dos *Escollidos nove*: O candidato apunhalá uma serpente de tres cabeças; a primeira cabeça traz uma coroa, a segunda uma tiara, a terceira um gladio. A coroa indica os soberanos; a tiara symboliza os Papas; a espada o exercito. Assim, destruição da realza e do Papado para chegar á republica socialista, e ao culto da razão, tal é o fim immediato da maçonaria.

Vigesima Setima Instrucção.

O espiritismo.

O segundo inimigo perigoso e rancoroso, que temos contra nós, é o espiritismo. Como simples comunicação com os espiritos dos fallecidos, o espiritismo data da mais remota antiguidade, pois já no antigo Testamento, no tempo de Moysés, essa comunicação era condemnada. No capitulo 18, verso 12, do Deuteronomio os que inquirem os mortos são qualificados de abominação aos olhos de Deus. Como reunião ou associação com o fim de evocar os espiritos dos mortos, o espiritismo começou em 1847 nos Estados-Unidos, em Nova-York, numa familia protestante methodista, que tinha como seu chefe um certo Fox. Como systema scientifico e com feição religiosa, o espiritismo tem como seu fundador Leão Hippolyto, que, depois duma revelação espirita, chamou-se Allan Kardec. Apenas organizado como systema e associação, o espiritismo, seguindo a regra commum e invariavel de todos os erros, dividiu-se e subdividiu-se em innumeraveis seitas, differentes e diversas, como são os occulistas, os cabalistas, os theosophistas e outras. Entre todos a aptidão dos mediums chama-se *mediumnidade* ou acção medianica; o tempo do trabalho chama-se *transe*; a vida no espaço chama-se *erraticidade*.

Antes do exame da theoria espirita, examinemos a theoria catholica sobre todos os espiritos. Segundo o catholicismo no principio da criação de todos os entes Deus creou uma multidão innumeravel de espiritos, e os creou no estado de justiça e santidade e dotados de forças, poderes, perfeições, superiores aos dons conferidos aos homens. O fim desses espiritos é de ser os enviados e representantes de Deus. Elles foram a principio pôstos em condições de provas, tendo plena liberdade de permanecer fieis ou infieis, obedientes ou desobedientes a Deus. Dotados de forças, poderes, intelligencia muito acima do que foi dado aos homens, elles podem fazer muitas cousas, que estes não podem. Como já notamos, quando tratamos dos milagres, elles podem operar os milagres de segunda ordem, que são o que se chama prodígio, que excedem ás forças naturaes do homem, mas não demandam um poder infinito. Muitos desses espiritos, possuindo-se de soberba e abusando da sua liberdade, revoltaram-se contra o seu Creador, e tentaram ser iguaes ao proprio Omnipotente; porém outros e em maior

numero permaneceram fieis a Deus, revoltando-se e combatendo contra os ingratos, orgulhosos e insubordinados. Os espiritos obedientes e submissos, como recompensa de sua fidelidade, foram confirmados na graça, não podendo mais peccar, nem separar-se de Deus. Os orgulhosos e revoltados, como castigo, foram condemnados a tormentos eternos: ficando uns nos abysmos, destinados á sua perpetua morada, e outros dispersos pelos ares com permissão de tentar os homens. Os primeiros tomaram o nome de santos anjos; e os segundos o nome de demonios.

Os máus anjos, perdendo por seu crime a graça santificante, não perderam as forças, os poderes extraordinarios que receberam de Deus, de modo que, como os bons anjos, ainda podem operar os prodígios, que são os milagres de segunda ordem. Elles conhecem todo o passado, todo o presente, mesmo occulto; conhecem as enfermidades e os remedios para cural-as; conhecem todo o futuro, que depende da realização das leis physicas. Elles podem fazer andar sobre as aguas; fazer um corpo parar suspenso no ar, ou por si atravessar no espaço dum ponto a outro; podem reunir, organizar elementos esparsos de corpos dissolvidos, e com elles formar um corpo, perfeitamente semelhante ao de uma determinada pessoa.

Alem desses espiritos creados por Deus, ao mesmo tempo e no começo da criação de todos os seres, ha os espiritos destinados a animar os corpos organizados, e formar a personalidade humana. Estes, segundo a theoria catholica, são por Deus creados um por um, no momento em que devem unir-se ao corpo, que têm de animar. Elles são dotados de liberdade, podendo portanto cumprir ou não as leis que lhes são impostas por Deus, durante toda a sua permanencia nesta vida, que constitue um tempo de prova; mas no momento da morte termina-se o tempo de prova, cessa o uso da liberdade, e elles, relativamente a Deus, permanecem eternamente na mesma posição sem poder mais, nem lhe agradar, nem desagradar. Os que nesse momento estiverem na amizade de Deus, não podendo mais peccar, continuarão sempre seus amigos; e os que então estiverem na inimidade de Deus, não podendo mais arrepende-se, continuarão sempre seus inimigos. Os que no momento da morte estiverem na amizade de Deus, se pelas penitencias e virtudes já estiverem inteiramente purificados de suas faltas, irão immediatamente viver e gosar com Deus no céu; e os que ainda não estiverem perfeitamente purificados, ficarão por algum tempo num estado, que se chama *purgatorio*, para depois de purificados irem viver e gosar com Deus. Os que no momento da morte se acharem separados de Deus

pelo peccado grave, não podendo mais ser perdoados por falta de arrependimento, irão ficar num estado que se chama inferno, em que serão eternamente atormentados.

Agora examinemos a theoria espirita. Segundo os espiritas, Deus d'uma só vez e no principio da criação creou unicamente todos os espiritos que tinham de animar os corpos, e os creou todos ignorantes e grosseiros para illustrarem-se e aperfeiçoarem-se mediante as expiações na sua passagem por differentes corpos. Todos estes espiritos estão vestidos, segundo uns, de um corpo fluido, que se chama *perispirito*; e segundo outros, dum corpo nervoso, que se chama *corpo astral*. O perispirito nunca deixa o espirito; e o corpo astral vai pouco a pouco dissolvendo-se pela purificação e aperfeiçoamento progressivo do espirito. Tanto um, como outro, serve de intermediario entre o espirito e o corpo; transmite ao espirito as impressões dos sentidos, e ao corpo as vontades do espirito. Todos estes espiritos fazem diversas existencias, passando por diversos corpos. Se numa existencia foi bom, morrendo, vai encarnar-se num corpo melhor para ser mais feliz; se pelo contrario foi máu, vai encarnar-se num corpo peor para soffrer. Assim o que foi orgulhoso, reencarnar-se-ha num corpo disforme; o libidinoso, num corpo doentio, enfermo. (Livro de Leão Diniz. *Depois da morte* pag. 313.) A pureza de vida depura o perispirito; as paixões baixas o tornam mais obscuro, denso e pesado. (O mesmo no mesmo livro pag. 217.) Em quanto estão desencarnados todos os espiritos vagam nos espaços; os bons gosando pela recordação de suas virtudes, os máus soffrendo pela recordação de seus vicios. Todos sentem uma propensão irresistivel para reencarnar-se, para assim purificarem-se. São os desencarnados que apparecem.

Leão Diniz (no livro citado pag. 222 a 225) diz: Todos nós somos mediuns. Erradamente se considera a faculdade medianica como um privilegio. Kardec (no seu livro *Céo e inferno* pag. 146 e 147) diz: Não ha hora, nem lugar, nem formula, determinados para a evocação. Todos os homens são médiuns. Os espiritos vêm, mesmo sem ser chamados. Depois de passar por diversas encarnações, segundo a opinião corrente de todos os espiritas, todos os espiritos hão de tornar-se perfeitos. Leão Diniz (no mesmo livro já citado na pag. 308 e 309) diz: Em caso algum o exercicio da liberdade pode obstar a execução dos planos divinos; o homem ha de observar a lei inevitavel do progresso. No sentimento unanime de todos os espiritas, todos os espiritos hão de ser purificados, aperfeiçoados; e a final todos, sem excepção de um só, irão viver felizes com Deus, com Deus eternamente governando o mundo.

Vamos entrar no exame do espiritismo. Ha nelle muitas seitas, que professam doutrinas contrarias, oppostas e mesmo contradictorias. Os que seguem Allan Kardec e Leão Diniz admittem o perispirito e dizem que elle nunca deixa o espirito; asseveram que em todas as encarnações o mesmo espirito constitue uma só pessoa; sustentam que os conhecimentos registram-se no cerebro do perispirito; e communicam-se com os espiritos unicamente durante o estado de vigilia. Os theosophistas ao contrario admittem o corpo astral, que com a pratica do bem vai desprendendo-se do espirito e a final desaparece; asseveram que em cada encarnação o espirito forma uma nova pessoa, distincta da antecedente; sustentam que os conhecimentos registram-se no cerebro do corpo physico; e communicam-se com os espiritos unicamente durante o somno, quando sonham. Qual destas seitas é a verdadeira? Qual é a que deve ser adoptada?

Ha contradicções mesmo na theoria de cada um dos mestres em particular. No seu livro *Depois da morte*, na pagina 216, Leão Diniz assevera que o perispirito é um organismo fluido, que *atravessa todos os corpos*, mesmo os *mais impenetraveis*. No mesmo livro, na pagina 221, elle mesmo diz que no periodo da encarnação o perispirito fica *prisioneiro no corpo*, como num involucro espesso, e os seus recursos *ficam latentes*. O mesmo Leão Diniz, bem como todos os mestres espiritas, assevera que ninguem se lembra numa existencia do que se passou na existencia passada; entretanto, em seu livro, o *Christianismo e o Espiritismo*, na pagina 195 diz: O perispirito é o agente de todas as manifestações da vida, tanto *na terra para o homem*, como no espaço para o espirito. Os conhecimentos e as recordações das *passadas existencias* registram-se no perispirito. Isento de todas as modificações soffridas pelo corpo, é elle *a séde imperecivel da memoria, e assegura a sua conservação*.

Kardec tambem, como todos os outros chefes espiritas, assevera que ninguem pode lembrar-se do que se deu nas existencias passadas; entretanto em seu livro, o *Céo e o Inferno*, na pagina 96 e 97, ensina que o arrependimento é o primeiro passo para o melhoramento; mas que ainda é tambem preciso a reparação, que consiste em fazer todo o contrario do que fez na existencia passada. Se na existencia passada foi orgulhoso, alem de arrepender-se, deve ser humilde. Mas como arrepender-se do que não se lembra? Como fazer todo o contrario, se de nada se recorda? Todos sustentam que os máus têm remorsos dos crimes praticados na existencia passada, e que os bons têm saudades dos prazeres que tiveram na existencia passada. Mas ter remor-

sos, ter saudades do que não ha lembrança, é tremendo absurdo. Kardec, como todos, nega o dogma das penas eternas, e assevera que finalmente todos serão felizes; entretanto assevera que os espiritos, que persistirem no crime, serão castigados; e que persistindo sempre, serão sempre castigados. Quer dizer que serão castigados e eternamente felizes!

Refutação.

Comecemos a dar a completa e cabal refutação de toda a theoria nos pontos por todos professados. Toda a doutrina espirita, de todas as seitas, consta unicamente das revelações feitas pelos espiritos desencarnados; para elles, sobre espiritismo, não ha outra fonte de conhecimentos. Primeiro que tudo, convem notar que tudo se funda na informação dum mero particular, que se pode enganar, e pode mesmo querer enganar. Depois, é preciso averiguar se realmente são os espiritos, isto é, as almas dos defunctos, que fazem essas revelações; e principalmente e acima de tudo é absolutamente necessario verificar quaes são os espiritos, que fazem as revelações. A esse respeito ouçamos o proprio mestre fundador, que deve ser por todos considerado como insuspeito, competente, autorizado, como mais ninguém poderá ser. Kardec (no livro dos mediuns pag. 4) diz: Comporíamos um volume com a historia de todas as *lograções* de que temos noticias. Um rochedo, sendo evocado, responde. O mesmo (no mesmo livro pag. 172 e 173) diz: Imitando falla, aspecto, traje, sciencia, conhecimentos, representam *falsamente altos personagens*. O espirito *vicioso* falla como *um santo*. O mesmo (no mesmo livro pag. 309) diz: Os espiritos sagazes tomam *mascara de virtude*; empregam palavras de *caridade, humildade, amor de Deus* para *illudir*. Nas evocações sobrevêm os espiritos *hypocritas*, que ensinam com *perfidia* asserções mentirosas para *illudir a boa fé*. O mesmo Kardec (no seu livro o *evangelho* pag. 329) diz: Ha a cathegoria immensa dos espiritos enganadores, hypocritas, orgulhosos, falsos sabios, que tomam *nomes venerandos* para impôr suas idéas extravagantes. O numero dos que em diversas epochas se apresentaram como sendo alguns dos *antigos prophetas, como Maria, como o Christo, é consideravel*. O mesmo (no mesmo livro pag. 377) diz: Um grande numero de espiritos orgulhosos, sob falsas apparencias de *caridade e amor*, semeiam a desunião. O mesmo (no mesmo livro

pag. 377) diz: Espíritos levianos, mentirosos e maliciosos, toda a phalange dos espiritos inferiores, *acodem sempre* e estão promptos a *responder a tudo* quanto se pergunta, sem *cogitar da verdade*.

A' vista do que fica textualmente citado, que constitue a clara, a terminante asseveração do primeiro chefe do espiritismo, qual será a pessoa sensata que ainda terá coragem de ir consultar os espiritos? Pode-se aceitar como verdadeira semelhante doutrina? Mas dirão que a doutrina espirita é revelação feita pelos bons espiritos; mas como verificar se são os bons ou os máus espiritos que falam, se os máus fingem e imitam perfeitamente e em tudo os bons, os sabios, os santos e até Jesus Christo? Se pelo nosso proprio juizo; então não é a revelação, mas a nossa razão que é o criterio da verdade, e a revelação espirita torna-se inteiramente inutil, e até mesmo nulla. Mas em tal caso essa theoria não é mais espiritismo, porem um purissimo racionalismo. Nesse caso todos, embora sustentando doutrinas oppostas e contradictorias, têm o direito de asseverar que receberam as revelações de espiritos bons, sabios e santos. Portanto a doutrina espirita não tem o minimo fundamento; é inteiramente gratuita, e, acima de tudo, muito perigosa.

Falsa é a theoria espirita desde o seu inicio, pois começa por asseverar que todos os espiritos ou almas foram crados ao mesmo tempo, para depois cada um ir animar um corpo, quando elle for formado. A alma não pode pre-existir ao corpo, que tem de animar; porque ella é sua forma, e esta não pode existir antes da materia, que tem de informar; porque é o corpo organico que individualisa a alma, e nenhum ente pode existir sem ser individuo distincto de outros da mesma especie, porque, sendo forma do corpo, deve-lhe ser adaptada, proporcionada. Antes de refutar a reencarnação, é de justiça declarar que a transmigração da alma do homem para o corpo do animal irracional é doutrina dos brahmanes, adoptada por Pythagoras sob o nome de metempsychose. Os espiritas só admittem a conversão na ordem ascendente, pois a sua lei fundamental é o progresso e o aperfeiçoamento fatal de todos os espiritos.

Tambem é falso que uma mesma alma possa, mesmo successivamente, animar mais do que um corpo, porque, sendo o corpo que a individualisa, a sua relação com esse determinado corpo, é essencial, e assim não desaparece, com a separação. Tudo quanto constitue essencia, só pode acabar com o proprio ente. Por isso a alma, depois da separação, conserva a mesma relação, e assim só poderá animar o mesmo corpo, por quem foi individualisada; se por um milagre elle for de novo reconstituído por Deus, como aconteceu com

Lazaro e todos os outros resuscitados. Santo Thomaz, Santo Agostinho, Aristoteles e outros profundos philosophos, dizem que Deus crea a alma infundindo-a no corpo e a infunde creando-a. Segundo a theoria espirita o que numa existencia foi bom, noutra encarna-se em corpo em que tem de gosar; e o que foi máu, em corpo, em que tem de soffrer. O que foi humilde encarna-se em corpo, em que tem de ser estimado, exaltado; e o que foi orgulhoso, em corpo em que tem de ser humilhado, desprezado. E nas primeiras encarnações, quando ainda os espiritos não tinham sido encarnados, e por isso não tinham nem merito, nem demerito, qual foi o criterio para a designação dos corpos, em que deviam encarnar-se? E ha alguma que já ao nascer esteja destinado a ser humilhado ou exaltado? Não é isso um verdadeiro fatalismo? Se essa doutrina fosse verdadeira, seria o corpo quem dirigia o espirito, e não o espirito que dirigia o corpo.

O perispirito é uma invenção gratuita e um enorme absurdo. Segundo elles affirmam, não é nem corpo e nem espirito. Mas entre corpo e espirito não ha meio termo: o que é espirito, não é corpo; e o que é corpo não é espirito. Portanto forçosamente elle será ou corpo ou espirito. Se é corpo, em nada pode auxiliar ao espirito para communicar-se com o corpo physico; se é espirito, está nas mesmas condições do espirito para communicar-se com o corpo. E' um auxilio inapto para auxiliar; é um soccorro que não pode soccorrer. Como já notamos, elles asseveram que com o vicio o perispirito fica mais denso, mais pesado; e com a virtude mais fluido e mais leve. Ora já houve alguma, que, tendo bom senso, acreditasse que um acto moral augmentasse e diminuísse o peso e o tamanho dum corpo? Dizem que os espiritos desencarnados tanto os bons, como os máus, ficam pairando no espaço até de novo encarnar-se. Os espiritos máus, que têm seus perispiritos pesados ficam pairando no ar! Só se elles têm azas, como os passaros, ou estão sentados num areoplano.

Dizem que Deus duma só vez já creou todos os espiritos; que os desencarnados tem uma propensão irresistivel para encarnar-se; que são só os desencarnados que apparecem; que os que já se tornaram perfeitos, vão com Deus governar o mundo. Mesmo os nascimentos sendo mais numerosos que os obitos, ainda ha espiritos desencarnados para, em multidão, acudir promptamente ás continuas e numerosas evocações, depois dum espaço de seis mil annos! Elles até agora evocam o espirito de São Pedro, e immediatamente apparece, não tendo depois de dois mil annos achado um corpo desoccupado; evocam o espirito de Salomão, e elle se appresenta, estando ancioso para encarnar-se; e,

depois do longo decurso de tres mil annos, não tendo ainda encontrado uma collocação vaga! E' um mysterio incomprehensivel.

Dizem, como já fizemos ver, que todos são mediuns; que não ha logar, nem tempo, nem formula para as evocações; que os espiritos podem vir, independente de chamados. Se assim fosse, e os espiritos realmente pudessem commu-nicar-se com os vivos, as communicações seriam continuas. Um marido viria consolar sua viuva; um pai viria aconselhar seus filhos; algum dos Apostolos viria esclarecer os sacerdotes, os bispos na acertada direcção das almas. Mas, excepção feita de alguns espiritas já suggestionados, ninguém ainda recebeu a visita dum amigo, dum parente morto. Os espiritos só apparecem de noite, lá no quarto ou sala das sessões, a chamado dum extranho. Quando na localidade morre uma pessoa importante, já vêm para os parentes os recados do espirito, transmitidos pelo medium, dizendo que tem desejo ou necessidade de fallar-lhes; mas porque esse ente, para o qual não ha mais tempo, nem lugar, não vem directamente á casa, onde residiu, fallar com os que lhe são tão caros? porque só apparecem naquelle determinado lugar, naquella hora certa, e ainda por intermedio dum extranho? Parece que não era mais preciso insistir nos tremendos absurdos do spiritismo; mas ainda queremos aos sabios espiritas propor algumas pequenas questões, para serem por elles resolvidas.

Primeira. Nas differentes existencias o espirito constitue uma só pessoa, ou tantas, quantas forem as existencias? Exemplifiquemos para maior clareza. Antonio, homem máu, perverso, morre e o seu espirito encarna-se, e vive com o nome de Benedicto, que se torna um santo. Benedicto morre, e o espirito encarna-se, e apparece com o nome de Candido, que se desmanda e torna-se um devasso e sanguinario. Este mesmo espirito constitue nessas tres existencias um só homem ou tres homens differentes, distinctos? uma só pessoa ou tres pessoas? Os sectarios de Kardec e de Leão Diniz asseveram que nas tres differentes existencias ha uma só pessoa. Mas tres individuos, com comportamento, responsabilidade, temperamento diversos, contrarios, constituir uma unica pessoa, é um disparate, um absurdo, que não tem nome. Os theosophistas sustentam que ha tres pessoas. Neste caso Benedicto, que é santo, é castigado pelos crimes de Antonio; e Candido que é um perverso, é premiado pelas virtudes de Benedicto. Que doutrina desastrosa! Se ella prevalecesse, a sociedade desapareceria.

Segunda questão. Um espirito que já esteve em varias existencias, procedendo bem em umas e mal em outras,

quando apparece, é na qualidade de bom e ao mesmo tempo máu, ou só na qualidade de bom, ou na qualidade máu? Se apparece como sendo bom, e ao mesmo tempo máu, é uma colossal contradicção; se apparece unicamente como sendo bom, ou uicamente como sendo máu, como saber-se em que qualidade nos falla? Aconteceria que, acreditando que se recebia o conselho dum sabio e virtuoso, se o recebia dum ignorante e vicioso. A donzella que julgava estar conversando com seu pai, homem de conducta edificante, conversava entretanto com um devasso, que só lhe podia dar conselhos para sua perdição.

Terceira questão. O espirito, desencarnando-se, conserva-se no mesmo gráu de saber e de virtude, ou fica, quando desencarnado, mais illustrado e virtuoso? Se fica mais illustrado e virtuoso, então a encarnação, em vez de ser um meio de melhoramento, é pelo contrario um motivo de deterioramento; se se conserva no mesmo estado, então nada adiantamos em consultar aos mortos, e é mais facil e seguro consultar aos vivos, á nossa escolha, e os que nos são perfeitamente conhecidos.

Quarta questão. O espirito, mesmo revestido do seu perispirito, não precisa ou precisa de corpo physico, organizado, para communicar-se com o mundo exterior? Se respondem que precisa, negam a possibilidade da communicação dos espiritos com os vivos; se respondem que não, vão de encontro aos factos, que provam que em certo estado grave de enfermidade, como no estado comatoso, o espirito não diz, não ouve, não percebe, não exprime cousa alguma. Se distinguem dizendo que precisa do corpo, em quanto encarnado, mas que delle não precisa, quando desencarnado; neste caso provam que a encarnação, em vez de aperfeiçoar, degenera o espirito, destruindo a base de sua theoria.

Quinta questão. Durante todas as encarnações o espirito conserva ou não o perfeito uso de sua liberdade? Se conserva, poderá insistir em ser sempre máu, e nunca chegará ao aperfeiçoamento; se não conserva, tambem não chegará, porque sem liberdade não ha progresso, e sem este não ha, nem mesmo pode haver, nenhum aperfeiçoamento. Em uma e em outra hypothese rue o fundamento do espiritismo, que é a lei fatal do aperfeiçoamento de todos os espiritos.

A religião christã corta tambem o espiritismo pela raiz. Todos os espiritas sustentam que o homem morre muitas vezes; que pela morte o espirito vai encarnar-se; que todos os espiritos a final serão felizes. São Paulo assevera que está determinado por Deus que o homem morra uma só vez. Jesus Christo, que tem uma sciencia infinita,

assevera que logo que o máu rico morreu, a sua alma foi sepultada no inferno; que os bons irão para a vida eterna e os máus para a morte eterna.

A Igreja ensina que a alma dum morto não pode vir ao mundo, sem consentimento de Deus. O proprio Kardec (no seu livro Céu e Inferno pag. 158) diz que a alma não pode vir fallar com os vivos, sem que para isso tenha permissão de Deus. Mas Deus dará permissão para os espiritos vir satisfazer á curiosidade, muitas vezes, de pessoas viciosas? para vir praticar acções ridiculas, indignas, e até criminosas? Deus permitirá que venha constantemente essa immensa turma de hypocritas, perversos, de que falla Kardec, para perturbar a ordem, dannificar e perturbar tantas pessoas de boa fé? Formemos outro juizo dum ente tão sabio, tão justo, tão bom, tão santo.

Os factos.

Vamos agora examinar os factos, realizados nas sessões espiritas. De boa, ou de má fé, ha muitas illusões, muitas falsidades, e mesmo muitas scenas ridiculas.

Logo depois de proclamada a Republica, em Taubaté, trataram de consultar o Duque de Caxias, para saber se continuava ou não o novo regimen. Para esse fim reuniram-se na sala de jantar de uma casa que tinha, pegado á essa sala, um quarto, onde dormia o cocheiro e criado. A certa hora da sessão o medium, em vóz alta, annunciou o apparecimento do Duque, com o que o cocheiro despertando veio, para verificar que reunião era aquella, de que elle não tinha noticia. Quando elle foi entrando na sala todos bradaram: Eis o Duque em trajas tão modestos! Elle vem satisfazer aos nossos desejos. Então o criado fallou em vóz alta, dizendo: Não senhor; eu não sou Duque, mas sou André, o cocheiro. Imaginem o desapontamento! O facto foi devidamente glosado em toda a população; porem os espiritas continuaram a ser muito bons crentes.

Em Janeiro de 1909 a sessão espirita de Sorocaba annunciou varias vezes que a 11 de Fevereiro proximo haveria um grande terremoto, como o da Calabria, e que então toda a cidade seria subvertida. Muitos credulos mudaram-se vendendo com prejuizo casa, negocio; e até agora estão esperando pelo funesto acontecimento annunciado pelos espiritos.

Tendo em Londres corrido a noticia de que num desencarilhamento de trem tinham na Argelia fallecido o Dr. Atley e sua senhora, o protestante Brook, chefe do espiritismo, fez uma sessão para ter noticia. Evocados, appareceram o Dr. e sua mulher, e narraram como se tinha dado o desastre, que lhes ocasionara a morte. Isto foi testemunhado. Logo depois veio um telegramma do correspondente do Times para o Diario da City desmentindo os referidos fallecimentos; e então Brook fez nova sessão, e os espiritos confirmaram a primeira noticia, isto é, que realmente eram fallecidos. Dias depois o mesmo Dr. telegraphou aos parentes neste termos: Fomos apenas feridos; estamos sãos; e logo regressaremos. Alguns dias depois chegaram; e lá estão perfeitamente vivos. Esta noticia foi dada em telegramma de Londres pelo "Estado de São Paulo" de 28 de Janeiro de 1904.

Em Londres o Coronel Mark por tres vezes apanhou em flagrante mystificação o medium Craddock, agarrando pelo meio do corpo um phantasma, que verificou ser o proprio medium; e este foi processado e multado, segundo as leis do paiz. Foi publicado em telegramma pelo "Estado de São Paulo" de 5 de Janeiro de 1910.

Mas então tudo é mentiroso e falso relativamente ao que se tem contado que foi observado nas sessões espiritas? No meio de fraudes, embustes, ha factos verdadeiros, e até prodigiosos; elles, porém, não são produzidos pelos espiritos, que, como já provamos, não podem apparecer; e ainda porque os factos prodigiosos estão muito acima de suas forças, pois que, desencarnando-se, nada lucraram nem em saber, nem em poder, permanecendo no seu perfeito estado natural. Os factos reaes são produzidos por aquelles, que, tendo forças superiores ás dos homens, podem, como fizemos ver, operar os milagres de segunda ordem: os anjos máus, que chamamos demonios. Que elles podem tomar certas formas ao seu arbitrio para illudir, seduzir os homens, provam os factos.

Na vida dos solitarios lemos que elles ora tomavam formas de animaes ferozes para os amendrontar e obrigar-os a deixar o ermo, e voltar para o meio do mundo; ora tomavam formas de mulheres, vestidas de modo a despertar pensamentos impuros. Santo Athanazio conta que o demonio apparecia lá no deserto a Santo Antão na figura duma mulher pondo em scena todas as imagens da volupia. Santo Agostinho (Cidade de Deus cap. 1.º) diz fallando a respeito das aparições dos espiritos: Esses espiritos são enganadores, não por natureza, mas por malicia. Fazem-se passar por deuses e almas de defunctos, mas guardam-se bem de chamar-se demonios, como na realidade o são. São João

Chrysostomo dizia : Desconfiai de todos que se dizem almas de defunctos, pois são realmente demonios.

Mas replicam os espiritas que os espiritos evocados só procuram dar bons conselhos ; o que por certo não fariam os demonios, que são reputados por todos como máus e perversos. Nem mesmo astutos, como são, devem proceder diversamente, para com mais facilidade seduzir os incautos. Inculcam-se como caridosos, virtuosos para captar a confiança, para depois, com mais segurança, ineutir os seus conselhos, as suas maximas de perdição. Elles chegam, mesmo, como prova a historia ecclesiastica, a fingir-se de santos e até apparentar de ser o proprio Jesus Christo, para por esse embuste perverter os maiores santos. São Vicente Ferrer, ainda moço, já fazia austeras penitencias. O demonio, contrariando-se muito com isso, tomou a imagem ou semelhança de um anachoréta e veio tentar demovel-o de sua vida penitente. Apresentando-se como um ancião respeitavel, de barbas longas e brancas, lhe disse : Vicente, ainda estais tão moço, podendo ainda gosar muitos annos ; deixai essa vida tão triste e penosa, e na velhice, entrareis outra vèz nas vossas mortificações. Eu tambem guardei a penitencia para os ultimos annos. Em moço entreguei-me aos prazeres proprios dessa idade ; e na velhice fiz-me anachoréta, e salvei-me ; estou santo.

O demonio para perverter a São Potito, que chorava sempre um peccado grave de sua mocidade, tomou a perfeita semelhança de Jesus Christo, e appareceu em seu quarto e disse-lhe : Para que tantas lagrimas ? Eu sou o Christo e já esqueci-me completamente daquella vossa pequenina falta. O Santo, ajeitando-se, respondeu-lhe : Se sois o Christo, oremos. Imediatamente o phantasma de Christo desapareceu.

O demonio tambem tomou a forma de Jesus Christo para seduzir São Martinho, que tanto o encommodava pelas suas heroicas virtudes. Quando o Santo, inesperadamente viu diante de si a imagem de Jesus, tremeu. Então o demonio, para acalmal-o, e lhe inspirar confiança, e assim convencel-o a acceitar os seus perfidos conselhos, exclamou dizendo-lhe : Martinho, reconhecei aquelle, que tendes diante de vós : eu sou o Christo, vosso Redemptor. O Santo lhe respondera : Eu só reconheço o meu divino Redemptor pelas sagradas insignias de sua paixão, principalmente pelo lenho sacrosanto da cruz. Ao ouvir pronunciar o nome da santa cruz o demonio retirou-se exhalando um horroroso fétido.

Eis tudo quanto pode, e tudo quanto faz o demonio para nos perder. E ainda haverá quem acredite no espiritismo, só porque nas sessões espiritas se ouvem piedosas palavras e santos conselhos ? O proprio Kardec confirma tudo quanto dissemos sobre as sacrilegas astucias do demonio, quando

(em seu livro o *Evangelho* na pagina 329) elle diz que os máus espiritos fingem ser os patriarchas, os prophetas, e até tomam a forma de Maria Santissima e a do proprio Jesus Christo, para mais facilmente enganar. Assim pronunciando-se, elle narra factos verdadeiros, mas faz uma falsa imputação, attribuindo ás almas dos defunctos os crimes commettidos pelos demonios. Os espiritos humanos ou almas dos defunctos, depois da morte, perderam o uso da sua liberdade e estão, seja qual for o seu destino, sob o dominio de Deus; e não podem communicar-se com os homens, senão com permissão e auxilio de Deus, que só isso permite a pedido de um verdadeiro santo, e para bem commum da sociedade e principalmente da religião. Os demonios pelo contrario conservam a sua liberdade, e por suas forças naturaes podem tomar, como já muitas vezes têm tomado, formas humanas ou divinas, com o unico intuito de perder os homens, e tornal-os participantes de sua desgraça. Deus assim permite, só para experimentar a nossa fé e provar a sinceridade de nosso amor; mas nunca consente que as tentações diabolicas superem as nossas forças de resistencia, nem roubem o exercicio de nossa plena liberdade. O grande São Gregorio diz que Deus faz com os demonios, o que os medicos fazem com as sanguisugas.

Alem de diabolico, o espiritismo é muito damnoso. Elle produz a nevrose, a lesão cardiaca, a tuberculose e outros encommodos. Elle ainda muito mais damnifica pela cura. Nas curas pelo espiritismo quem receita ou é o demonio, ou é o medium. O demonio, se curar uma enfermidade, será para produzir uma outra muito mais perniciosa; se curar o corpo, será com o fim de perder a alma, que mil vezes vale mais que o corpo. O medium é, em regra generalissima, um ignorante, principalmente em medicina. Ou indica um medicamento venenoso em dose excessiva, emata; ou ensina uma panacéa, que é indicada para todas as doenças e que nenhuma cura. Neste segundo caso o doente, que procura remedio no espiritismo, ou morre pela cura ou morre por falta de cura. Vamos a respeito narrar dois factos, cuja veracidade garantimos.

Nas sessões espiritas do centro de Taubaté davam-se receitas aos doentes nas sextas e nas quartas feiras. Nas sextas receitava o espirito de um tal Pai Jacob, preto vindo outrora das costas da Africa; e nas quartas receitava o espirito do saudoso Doutor Monteiro, filho desta cidade, que estudou e formou-se em medicina na Allemanha, e lá aprendeu fallar perfeitamente o allemão. Quando receitava o Pai Jacob, o medium, que era um empregado da Estação da estrada de ferro, arremedava tão bem a expressão e phrase-

ologia, o metal de vóz de negros africanos, vindo, em outros tempos para o Brazil, que os assistentes credulos diziam uns aos outros : Vejam a falla ; é elle mesmo. Um outro empregado da mesma estação, apresentando-se com uma ferida de máu character, mas curavel, na perna, foi á sessão espirita numa sexta feira pedir um remedio para o seu encommo ; e então o referido medium, arremedando a linguagem do Pai Jacob e fallando em seu nome, receitou caldo de canna rôxa. O doente tomava o remedio todos os dias ; mas a ferida ia sempre crescendo. Não obstanteo progresso visivel do encommo, o doente, porque estava suggestionado, asseverava a todos que já estava quasi são. A sua mulher vendo que o estado de seu marido era grave, chamou o medico, que, examinando a ferida, declarou que o caso era inteiramente perdido, e que nem mesmo a amputação poderia salvar o doente. O medico tinha dito a verdade, pois que dias depois o pobre homem, que antes poderia ser perfeitamente curado, falleceu unicamente por falta duma verdadeira cura. O Doutor Monteiro, como acima dissemos, receitava nas quartas feiras, e todas as semanas no dia determinado lá iam os pobres incautos pedir receitas ao illustre medico, que foi protector da pobreza enferma nesta cidade. Uma senhora allemã, que teve relações intimas de amizade com a senhora do Doutor Monteiro, que tambem era allemã, sabendo que elle apparecia nas sessões espiritas, lá se apresentou numa quarta feira. Logo que entrou, perguntou : O Doutor Monteiro apparece hoje ? O medium lhe respondera : Espere um pouco, e a senhora já falla com elle. Dahi a poucos momentos, o medium agitando-se, convulsionando-se disse a senhora allemã : O Doutor Monteiro está presente ; pode fallar-lhe. A senhora cumprimentou o doutor em allemão ; fez-lhe varias perguntas ; mas sem obter nem uma palavra de resposta. Disse então ao medium : Elle não está. O medium affirmou-lhe que realmente estava presente. A senhora allemã continuou a interrogar ao doutor, mas sempre fallando em allemão ; e nada absolutamente de resposta. Fatigada e já contrariada, disse ao medium : Elle não está ; porque, se estivesse, teria muito gosto em conversar commigo, elle que em vida tinha-me tanta estima e consideração. Então o medium, muito desapontado, responde : Assim como a senhora falla eu não posso responder ; porque não comprehendo nem uma só palavra dessa sua linguagem. A senhora respondeu-lhe : Eu não vim aqui fallar com o senhor que nem conheço ; vim fallar com o Doutor Monteiro, pessoa da minha amizade, com quem eu só conversava em allemão, que é a minha lingua, e que elle entendia e fallava perfeitamente. Pode enganar a quem quizer, mas não a mim. A senhora retirou-se ; e a assistencia, não podendo conter-se,

prorompeu nũa grande gargalhada. Infelizes enfermos que pensando receber receitas do sabio medico, as recebiam dum crasso e supino ignorante.

Para explicar o facto de modo a poder, pelo menos, diminuir o effeito da grande confusão, que elle causa aos espiritas, elles dizem que os mediuns transmittem os pensamentos, mas não as palavras dos espiritas. Primeiro. O mesmo medium todas as sextas feiras transmittia, não só os pensamentos, mas as palavras e o phraseado do Pai Job, arremedando-o e imitando no fallar. Segundo. Os pensamentos não se transmittem, nem se recebem, senão por intermedio de palavras ou signaes convencionaes, conhecidos dos que os transmittem e tambem dos que os recebem.

O espiritismo suggestiona e torna-os por elle suggestionados nescios, imbecis ao ponto de, sem vexame, praticar actos irrisorios e até mesmo vergonhosos. O Doutor Ramos Nogueira era um homem intelligente, illustrado, eloquente. Elle cortou inteiramente a carreira proveitosa e brilhante que podia ter, entregando-se completamente ao espiritismo. Numa occasião, diante de muitas pessoas, elle declarou que São Pedro lhe mandara apresentar-se como candidato a deputado pelo antigo terceiro districto, em concurrencia com o Doutor Moreira de Barros, que nesse districto era uma verdadeira potencia. Ponderando a São Pedro que elle não dispunha de votos e que o seu competidor dispunha de quasi todo o eleitorado, teve como resposta que a ninguem pedisse votos, e que os eleitores escreveriam em suas cedulas o nome de Doutor Moreira de Barros, mas que na apuração haviam de encontrar em todas unicamente o nome do Doutor Ramos Nogueira. Para certificar-se, disse elle, evocou o espirito de Luis Gama, o grande abolicionista de São Paulo, e que elle lhe respondera que fizesse tudo quanto Pedro tinha-lhe determinado, e que a victoria seria certissima. Um dos assistentes lhe disse que tornaria-se espirita, se elle vencesse; e que o trataria de louco, se elle fosse derrotado. Então, levantando-se, veio, apertou a mão de quem lhe tinha fallado, e disse: Realmente, se depois do que ouvi de Pedro e de Luis, eu não triumphar, devo convencer-me que estou sendo no espiritismo *o joguête do diabo*. Logo depois correu a eleição, e em todo um districto de muitos mil eleitores, elle teve apenas um voto! Continuou contudo até morrer espirita fanatico.

Nesta cidade um homem rico, honrado, chefe de numerosa, honesta e importante familia, perdeu-se inteiramente para si e para os seus, só porque se entregou de corpo e alma ao espiritismo. Ficou tão hallucinado, que em toda parte e á toda hora via, ouvia os espiritos, que vinham lhe

fazer suas revelações. Acreditou firmemente que Deus lhe tinha revelado que ia haver um dilúvio, como o do tempo de Noé, em que todos haviam de perecer; e que para isso não acontecer, era necessario que elle e toda a sua numerosa familia fizessem durante dez dias um jejum rigoroso, e que no ultimo dia elle, como victima expiatoria dos crimes de todos os homens, fosse degollado por um dos seus filhos. Convocou todos os filhos, homens e mulheres, e no dia por elle determinado trancaram-se todos numa casa, onde nada havia, nem para comer, nem para beber. No terceiro dia o delegado, sendo avisado, acompanhado dos officiaes de justiça e de testemunhas, para lá foi, e arrombou a porta; e, entrando, os encontrou deitados, desfallecidos; e de um lado viu a espada com a qual no ultimo dia o chefe devia ser decapitado por um de seus filhos. Embora recusassem sahir da casa, o delegado á força os conduziu para a sala livre do jury, e ahí os deteve por tres dias, dando-lhes a necessaria alimentação e o devido tratamento; e quando voltaram ao estado normal, *relativo, retiraram-se para as* suas casas. Porém, apezar dum tão grande vexame, continuaram até morrer como fervorosos espiritas.

Deu-se o seguinte com um espirita fanatico, homem de bem, de que a mulher, as filhas todas foram e são muito honradas. Uma das filhas, que ha tres annos havia emviuvado, victima duma forte seducção, commetteu uma falta. Tres mezes depois seu pai, homem muito honrado, percebendo o estado de sua filha, chorando, derramando copiosas lagrimas, queixou-se á ella do grande desgosto, que lhe dava, e do grande dezar que ia cahir sobre toda a familia. Dias depois este pai, indo assistir uma sessão espirita, diz elle, lhe appareceu o espirito de seu genro, ha tres annos fallecido, e lhe fizera esta tão amarga queixa: O senhor é um homem injusto; é um pai cruel. Tão fortemente reprehendeu sua filha, e lhe imputou um crime, que ella não commetteu. A sua filha é innocente, é honrada. Sou eu, seu marido, que continuo a viver maritalmente com ella. Este pai veio para casa; chamou a sua filha; pediu-lhe humildemente perdão por tel-a injustamente reprehendido e calumniado. Parece incrível, mas é a pura verdade.

E' hoje uma convicção generalissima que o espiritismo produz a loucura. Um dos grandes chefes dessa seita já tinha annuciado esse grande e funesto damno. Leão Diniz (em seu livro *Depois da morte* pag. 238) diz: Os máus espiritos impellem as suas victimas ao crime e á loucura. Factos numerosos e constantes estão demonstrando essa tristissima verdade. Em Campinas um espirita, suggestionado, chamado Benedicto Guedes, convencido de que o espirito expellido

de um porco veio delle apoderar-se, considerou-se como um verdadeiro porco, e sentia um ardente desejo de ir revolver-se na lama. E' um facto publico, relatado pelos que foram varias vezes retiral-o do meio da lama no campo da chacara do Barão de Itapura. Os jornaes da localidade deram disso publicidade.

Em 27 de Dezembro de 1909 no Rio de Janeiro deu-se o facto seguinte: Dona Etelvina de Vasconcellos, casada com Oscar de Vasconcellos, era uma senhora muito calma, prudente, ajuizada. Começou por curiosidade a assistir sessões espiritas no bairro do Matto Dentro. Depois de algum tempo apresentava-se pensativa, tristonha; e até que um dia entrou no quarto, e, tomando o revolver de seu marido, o desfechou no ouvido.

Mesmo no Rio de Janeiro, em meado de Julho de 1911, deu-se tambem um facto ainda mais desastroso, satanico effeito do espiritismo. Dona Maria Mendes de Oliveira viveu em perfectissima paz com seu marido durante 19 annos. Começou a frequentar as sessões espiritas; e algum tempo depois apresentava indicios de perturbações. Tinha-se convencido que seu marido embarçava as suas relações com os espiritos. Um dia seu marido, chegando muito fatigado do trabalho, deitou-se na cama, e entrou em profundo somno. Ella então, tomando uma machadinha, deu um golpe, que partiu a cabeça de seu marido, morrendo elle instantaneamente: e ella confessava que tinha praticado esse acto por inspiração dos espiritos. Estes dois factos foram relatados por todos os jornaes do Rio, e por todos attribuidos unicamente ao malvado espiritismo.

No mesmo Rio de Janeiro em 29 de Setembro do anno de 1913 realizou-se um outro facto desastroso, producto do espiritismo. O professor Francisco Castorino de Faria sempre foi ajuizado, criterioso, procurando desempenhar exactamente os deveres do seu magisterio. Começou com frequencia a assistir as sessões espiritas; e depois de passados alguns mezes principiou a apresentar indicios vehementes de forte perturbação mental. Um dia elle mesmo preparou uma forca, e nella enforcou-se. Antes de consummar o delicto, elle escreveu na parede do quarto estas palavras: *Isto é devido á familia Caravana*. O Estado de São Paulo de 30 de Setembro, por telegramma, dá noticia do facto, e o attribue ao espiritismo. E ainda haverá quem tenha a coragem de negar que o espiritismo produz a loucura!

Elle é inteiramente anti-religioso. Nega a Egreja catholica, os sacramentos, o sacerdocio, a existencia dos demonios, dos anjos, o dogma das penas eternas, a virgindade de Maria Santissima, a divindade de Jesus Christo, os mysterios da

Encarnação, da Redempção, da Santissima Trindade. Kardec, em seu livro dos espiritos pag. 297 condemna a indissolubilidade do matrimonio. Hippolyto Blanc (liv. 5 cap. 1.º pag. 361) aconselha o suicidio. Num Congresso espirita, reunido em Pariz em 1890 prohibiu-se de pronunciar o nome de Deus.

Com muita razão a Egreja catholica lança pena de ex-communicão contra todos os espiritistas, contra os que assistem ás suas sessões, mesmo por curiosidade, contra os que vão no espiritismo procurar remedios para curar as enfermidades.

Eis como seculares illustrados e insuspeitos pronunciam-se sobre a perversidade do espiritismo. Olavo Bilac diz: O espiritismo é um perigo publico, uma calamidade social, como a syphilis, a tuberculose, a variola. Contribuir, de qualquer modo, para propagar essa molestia, é commetter um crime; e a imprensa deveria ser a primeira a calar qualquer noticia dessas appareções forjadas pela superstição dos tolos ou pela experteza dos maliciosos.

O grande Doutor Lapponi, que foi o medico da confiança de Leão XIII, depois de um apurado e profundo estudo sobre o espiritismo, expressa-se por este modo a seu respeito. Não podem, diz elle, ser bons espiritos, os que apparecem, porque os phenomenos nol-os revelam como seres que mentem, escarnecem, impellem ao mal, têm como caracteristico o odio á religião, não á qualquer religião, mas unicamente á religião catholica. E' sempre perigoso, immoral, reprehensivel; deve ser condemnado, interdicto, severamente castigado, sem restricção, em todos os seus graus, sob todas as formas, e em todas as suas manifestações.

Aos infelizes que já estão presos nas garras de tão pernicioso inimigo eu aviso que, se não retrocederem, poderão ser victimas de uma diabolica obsessão, ou mesmo duma nefanda possessão. Na obsessão o demonio opera só no exterior da pessoa, molestando-a, ferindo-a, transportando o seu paciente violentamente de um para outro lugar. Na possessão o demonio põe sua morada permanente no interior daquelle, de que se apoderou, e a seu prazer e capricho actua physicamente sobre a imaginação, memoria, sentidos, palavras, e enfim sobre todo o seu organismo. O possesso torna-se um tristissimo juguete nas mãos de Satanaz. Aos felizes, que ainda não se deixaram enganar pelo espirito da mentira, entrando na seita perversa, eu lembro que, resistindo aos seus satanicos embustes, nada têm a perder, mas pelo contrario têm tudo a ganhar. Pela separação do corpo o espirito não adquire mais intelligencia, saber, força, poder; continua a ser inteiramente o mesmo que foi aqui no mundo.

Admittindo-se a reencarnação, teríamos, sem ter nem estudos, nem mestres, homens sabios e portentosos; porém isto ainda nunca aconteceu, nem ha de acontecer. Portanto nada lucrarmos com as consultas aos espiritos, pois tudo quanto elles podem nos ensinar ou fazer, podem tambem os vivos, que nos são perfeitamente conhecidos e de nossa inteira confiança; e quando nas reuniões espiritas se dão factos, que excedem ás forças e ao saber dos vivos, é certissimo que não são produzidos pelos espiritos, mas pelos demonios, que sabem e podem muito mais, que os homens, mesmo os mais sabios e poderosos. Assim como os bons anjos, como consta da Escriptura Santa, têm tomado apparencia de homem, tambem os máus anjos, que são os demonios, que têm os mesmos poderes preter-naturaes, podem com o ar ou outros elementos formar imagens para representar os defuntos, cujas almas são evocadas. Por isso os que vão consultar os espiritos, serão aconselhados pelos demonios. Emlim attendam todos para o que diz São Pedro Crysologo: Quem conversar com o demonio, não gosará com Jesus Christo.

Vigesima oitava Instrucção.

O Indifferentismo.

Temos contra nós dois inimigos, não rancorosos, mas ambos são muitissimo perniciosos. O indifferentismo é um dos maiores inimigos, que combatem, embora surdamente, a nossa santa religião. O indifferente é muito criminoso diante de Deus, porque desdenha uma religião que tem em defeza de sua verdade e divindade provas tão incisivas e evidentes. Primeiro que tudo, é certissimo que ha, nem mesmo podia deixar de haver, uma religião verdadeira, porque os homens, que são creaturas, devem necessariamente adorar, servir, amar a Deus, que é o seu creador.

E' um facto historico, de todos perfeitamete conhecido, que ha no mundo muitas religiões. Todas ellas não são verdadeiras, porque são diversas, differentes, contrarias, oppostas, contradictorias. O que uma affirma, outra nega; o que uma acceita, outra rejeita; o que uma aconselha, outra condemna. Os buddhistas e os brahmanistas dizem que tudo quanto existe é Deus. Os pagãos dizem que ha muitos deuses, mas que nem tudo é Deus. Os mahometanos dizem que ha um só Deus, mas sem liber-

dade, sujeito ao destino. Os judeus dizem que Deus é livre, mas que o seu filho, o Messias desejado, ainda não veio ao mundo. Os nestorianos dizem que Jesus já veio; é Deus; tem duas pessoas e duas naturezas. Os eutychianos dizem que Jesus é Deus, e tem uma só pessoa e uma só natureza. Os protestantes dizem que Jesus tem uma unica pessoa e duas naturezas; que fundou uma igreja e instituiu dois sacramentos. Os gregos e todos os orientaes dizem que Jesus instituiu sete sacramentos; mas que o Espirito Santo delle não procede, e que elle não deu á sua igreja uma soberania espiritual. Os catholicos dizem que existe um só Deus, que é livre; que Jesus é Deus, tem uma só pessoa e duas naturezas; instituiu sete sacramentos; que o Espirito Santo procede do Pai e do Filho; e que Jesus deu á sua igreja um chefe supremo, que é o Papa, bispo de Roma. Portanto, sendo, como são, tão contrarias e oppostas, estas religiões não podem ser todas verdadeiras; porém tambem não podem ser todas falsas, porque não ha falso sem haver o verdadeiro.

A lei dos contrarios no sentido, que lhe dava Plató, não é verdadeira, porque nem sempre um contrario segue-se a outro. Assim um homem pode ser máu, sem nunca ter sido bom. Mas a lei dos contrarios é absolutamente verdadeira no sentido de que um contrario suppõe a existencia de outro. Assim as trevas suppõem a luz, o frio o calor, o máu o bom, o vicio a virtude, o falso o verdadeiro. Havendo falso, deve necessariamente haver verdadeiro, porque aquelle é o fingimento, a deturpação deste. Em sciencias, letras, artes, em tudo, a verdade estará sempre ao lado da falsidade, porque o falso suppõe sempre o verdadeiro, do qual elle é a alteração. «O erro, diz Bossuet, é a verdade, de que se abusa.» O erro suppõe sempre a verdade, como a linha curva suppõe a linha recta, da qual é o desvio. Sem moéda verdadeira, não haveria moéda falsa. «Se não existisse uma religião verdadeira, disse o sabio Pascal, teria sido impossivel aos homens inventar religiões falsas, e mais impossivel ainda fazer acceitar as suas invenções. A verdade existe antes do erro, que é a sua falsificação. O facto da existencia de religiões falsas é prova de que o homem já tinha uma religião verdadeira.»

Mas como dentre as falsas discernir com segurança qual seja a religião verdadeira, que veio de Deus? O meio é racional, e facilimo. A verdade fatalmente existiu antes do erro; portanto a religião que for a mais antiga, a que sempre tem existido, essa será incontestavelmente a verdadeira. Pondo-se de parte a religião catholica, de todas as outras sociedades, seitas religiosas, a historia indica o autor e marca o tempo e lugar, em que tiveram o seu nascimento. A

catholica por uma successão, que nunca foi interrompida, nem um instante, vai de nós aos Apostolos, a Jesus Christo, aos Prophetas, a Moysés, aos Patriarchas, ao primeiro homem, e até ao proprio Deus. No paraizo terreal Deus revelou a Adão os principios e preceitos religiosos, que por Moysés, por ordem de Deus, foram aperfeiçoados, e por Jesus, Filho de Deus, foram completados; e que chegaram até nós pelo continuo e constante ensino da Tradição. Ella teve o seu berço no berço do primeiro homem, e só ha de desaparecer com a morte de todos os homens. Todos os erros podem-se harmonisar, porque todos são deturpações da verdade; mas nenhum erro pode-se harmonisar com a verdade, porque della é sua deturpação. E' por isso que todos os erros são inimigos da verdade; e a verdade por seu turno é inimiga de todos os erros. Ora, como relata a historia de todos os tempos e lugares, todas as associações religiosas e todas as seitas congregam-se para combater a religião catholica; e esta por sua vèz têm sempre dado combate a todas as outras collectividades religiosas, que não acceitam o seu governo e o seu ensino. Logo a religião catholica é a unica religião verdadeira e divina, que deve ser professada por todos os homens.

Ha, entretanto, homens que acreditam em Deus e o consideram seu creador e senhor, e que não têm religião alguma. Ou julgam que não têm o dever de ser religiosos, ou que Deus não exige que o sejam. Mas esse Deus, como nosso creador, é nosso soberano, e nosso senhor; como pensar que não têm para com elle deveres a cumprir, serviços a prestar? Subdito é o que deve obedecer; servo é o que deve servir. Subdito que tem o direito de desobedecer; servo que tem o direito de não servir, é um absurdo, é uma contradicção. Tambem Deus exige e não pode deixar de exigir que lhe prestemos as nossas homenagens de subditos e os nossos serviços de servos, de accordo com as suas sabias e santas determinações. E' verdade que as nossas homenagens e os nossos serviços não augmentam nem a sua grandeza, nem a sua riqueza, nem a sua gloria, nem a sua felicidade, pois em tudo elle é soberano e infinitamente perfeito; mas estando na ordem e sendo de justiça, elle quer e não pode deixar de querer que cumpramos para com elle com os nossos deveres de subditos e de servos. Nada tambem lhe aproveita que obedeçamos aos nossos superiores, amemos aos nossos pais, respeitemos para com os nossos semelhantes os seus direitos sobre a sua honra, a sua propriedade e a sua vida; porém, porque tudo isso está na ordem e é de justiça, Deus manda e ordena. Os que não têm religião são culpados diante do Deus, e por elle um dia serão rigorosamente castigados.

Numa occasião achavam-se á mesa almoçando num hotel, entre outras pessoas, um sacerdote e uma senhora, que dizia não ter religião. Entre outros muitos disparates, disse a senhora que tudo quanto ensinava e mandava a religião era uma tolice, e que cada um tinha o direito de pensar e proceder como muito bem entendesse. O sacerdote, por muita prudencia, ouviu tudo sem proferir uma só palavra. Passando a outro assumpto, a senhora contara que tinha uma filha, a quem muito estimava; e que muito se empenhava para dar á sua filha uma boa educação, para, tanto quanto lhe fosse possivel, fazel-a feliz. Disse que sua filha era muito sensata e tinha muito boa indole. Logo que ella terminou a sua exposição, o sacerdote perguntou-lhe: Mas essa sua filha obedece, respeita, estima a senhora? Ella contrariada disse: Senhor padre, a sua pergunta é tôla: pois já declarei que muito estimava minha filha, e que ella tinha juizo e boa indole. Se ella não me votasse todo respeito, estima, obediencia, além de ingrata, seria perversa. Immediatamente replicou o sacerdote: A senhora tem toda a razão; mas é justamente esse o qualificativo que merecem todos os que recusam render a Deus, nosso tão bom e carinhoso pai, o tributo de submissão, de honra e affeição, que por todos os titulos nós, seus queridos filhos, lhe devemos. A mulher empallideceu, e não pronunciou mais nem uma palavra.

Outros ha que acreditam em Deus e reconhecem que devem ser religiosos; porém pensam que cada um pode fazer para si uma religião, ou então escolher entre as differentes religiões uma que mais lhe agradar. Uns dizem que sua religião é a caridade; outros dizem que é ser bom pai ou bom cidadão, ou ser honrado; outros até mesmo affirmam que todas as religiões são boas. Primeiro. A religião é uma lei; e é o soberano e não o subdito, que estabelece a lei que deve ser por todos observada. Segundo. Se cada um tivesse o direito de formar a sua religião, teriamos tantas e tão contradictorias, quantos são os interesses e os caprichos de todos os homens. Se não houvesse nenhuma religião revelada por Deus, cada um poderia escolher entre as existentes a que lhe parecesse ser mais justa e santa; mas havendo já uma imposta por Deus, toda outra, seja qual for, será por elle reprovada e castigada, como falsa e criminosa.

Mas, dizem, a boa fé, a pureza de intenção justifica, porque Deus não pode castigar os que pensam que estão fazendo a sua vontade, e satisfazendo aos seus desejos. A boa fé e a pureza de intenção só podem aproveitar aos que estão em completa ignorancia. Esses, fazendo tudo quanto depende de si, e seguindo os dictames de sua consciencia, fazem

sem duvida a vontade de Deus; e, seja qual fôr a sua religião, aos olhos de Deus, será verdadeira, e lhe será agradável. Assim o indio, que nunca ouviu fallar em religião, fazendo o que a sua fraca razão lhe dicta como bom e honesto, está perfeitamente justificado. Aquelle, que nasceu no seio da heresia ou schisma, e que está perfeita e sinceramente convencido da verdade de sua religião, cumprindo exactamente os seus deveres religiosos, pertence á verdadeira religião; se, porém, lhe sobrevier alguma duvida, tem o dever de empregar os meios ao seu alcance para verificar onde está a verdade. Mas todo aquelle que foi educado na religião catholica, ou que por leitura ou ensino conheceu os seus fundamentos; nunca poderá estar na boa fé, nem ter pureza de intenção. As provas que estabelecem a verdade e a divindade da religião catholica são tantas, tão fortes e tão evidentes, que, uma vez conhecidas, impõem o sagrado dever de abraçal-a com toda a sinceridade.

Outros ha que acreditam que devem ter religião, e que a catholica é verdadeira e santa, mas acham que não são obrigados a cumprir os seus preceitos. Elogiam a religião como muito boa e proveitosa, porém por si mesmos se dispensam da observancia dos seus mandamentos. Mas a religião não é uma poesia ou uma musica, feita para ser unicamente apreciada, admirada; não é mesmo uma simples theoria, cujo fim unico seja illustrar. Ella é uma doutrina, que encerra verdades, que devem ser acreditadas; e tambem sacramentos, que devem ser recebidos; e determinações que devem ser observadas. A religião é uma lei; e, como todos sabem, é da natureza e essencia da lei impôr preceitos para serem exactamente cumpridos. O apostolo São Paulo ensina que não são os que unicamente ouvem, mas os que, alem de ouvir, observam a lei, que entrarão no céo. Jesus, a verdade eterna, assevera que não basta exclamar: Senhor, Senhor; mas que ainda é indispensavel fazer a vontade de seu Pai, para ter parte em seu reiuo eterno. A assistencia ás cerimonias religiosas, a recepção dos sacramentos, a observancia dos mandamentos, são absolutamente necessarios para conservação da fé; e uma tristissima experiencia demonstra que, quando esses actos são abandonados, as crenças se enfraquecem, e muitas vezes até completamente desaparecem.

Existem tambem muitos, que se proclamam bons catholicos, sem entretanto cumprirem com todos os seus deveres religiosos. Ufanando-se de ser bons catholicos, tanto para crer, como para observar, tomam da religião unicamente a parte que lhes apraz. De modo que o criterio da sua religiosidade é a sua vontade, o seu gosto, e talvez

mesmo o seu capricho. Elles acreditam no poder, mas não acreditam na infallibilidade do Papa; acreditam nas recompensas eternas no céu, mas não acreditam nos castigos eternos no inferno. Julgam necessarios o baptismo, a confirmação, o matrimonio; e acreditam ser perfeitamente dispensaveis a confissão e a communhão. Não matam, mas guardam o odio; não furtam, mas maldizem, calumniam; dão esmolas, mas não guardam a castidade; ouvem missas por parentes, amigos, mas não ouvem-na nos domingos e dias santos. Elles deviam lembrar-se que Jesus disse que os que não crerem, serão condemnados. Não distinguio esta ou aquella verdade; mas mandou crer tudo quanto elle tinha ensinado. Deviam ainda lembrar-se que Jesus, sem exceptuar este ou aquelle mandamento, disse: Se quereis entrar na vida eterna, observai os mandamentos. Quando elle enviou os seus apóstolos disse: Ide pelo mundo inteiro ensinar todos os povos, ensinando-os a *observar tudo quanto* vos tenho determinado. Não mesmo podia ser de outro modo. Na verdadeira religião, relativamente ás crencas, tudo funda-se na veracidade divina, e portanto ou tudo é verdadeiro, ou tudo é falso; relativamente aos preceitos e sacramentos, tudo funda-se na autoridade divina, e portanto, ou tudo é obrigatorio ou nada é obrigatorio.

Dizem que não assistem ás cerimonias religiosas, mas são muito religiosos; mas deveriam tambem dizer que são muito bons camaristas, mas não assistem ás sessões da camara. Dizem que são muito religiosos, mas não ouvem missa nos domingos e dias santos; mas deveriam tambem dizer que são muito bons pais, mas não educam seus filhos. Dizem que são muito religiosos, mas não se confessam, não communham; mas deveriam tambem dizer que são muito honrados em seus negocios, mas não cumprem com as clausulas de seus contractos, nem pagam as suas dividas. Religioso sem confessar-se, poderá ser religioso do protestantismo, que dispensou a confissão; mas nunca absolutamente será religioso do catholicismo, que impõe a confissão como o ponto mais importante, como o sacramento mais necessario, como o dever mais imperioso de sua doutrina.

O indifferentismo, que tanto prejudica á nossa santa religião, é o pernicioso vicio que muitissimo mais domina os homens, que as mulheres. E' tristissimo ver o pouco caso, o desprezo que os homens, salvo honrosas excepções, fazem dos deveres religiosos, e mui especialmente do sacratissimo dever da confissão e da communhão. Quando na Mesa da communhão contam-se cem mulheres, contam-se apenas dez ou quinze homens. E' uma lamentavel illusão pensarem os homens que a religião foi feita ou só é neces-

saria para as mulheres. Todos foram creados e são conservados, protegidos, beneficiados por Deus. A todos por Deus foram impostas as mesmas crenças, os mesmos sacramentos, os mesmos preceitos. Todos os homens e mulheres foram remidos com o precioso sangue de Nosso Senhor. Todos são destinados ao mesmo fim, que é ir um dia gosar eternamente com Deus no céu. Demais, os homens precisam mais da religião, que as mulheres. As mulheres estão menos expostas ás tentações e perigos; têm em seu favor a opinião publica, que nada lhes perdoa; não têm a seu cargo o governo. Os homens estão em condições inteiramente oppostas. Elles têm plena liberdade para andar a todas as horas, e ir a todos os lugares. O publico delles exige unicamente que não matem, que não furtem escancaradamente, que não deshonrem a esposa e a donzella; tudo mais lhes é permitido. São chefes de familia; têm mais preponderancia; podem governar o povo; e por isso mesmo têm mais meios e occasiões de fazer o bem e o mal. Tendo pelos seus empregos e encargos maiores e mais numerosas responsabilidades, darão mais rigorosas contas, e receberão mais rigorosos castigos, se não forem bons; e, pelo contrario, se forem bons e religiosos, receberão mais e mais preciosas recompensas. E' portanto evidente que os homens, que justamente são os mais indifferentes, muitissimo mais que as mulheres, devem ser religiosos.

Os que pelo seu tão criminoso indifferentismo abandonam as praticas religiosas, mesmo aqui no mundo, privam-se de muitas e de verdadeiras consolações. E' um grande erro pensar que a nossa religião só offerece aos crentes observantes contrariedades, penas, sacrificios. A vida christã é um dever, mas suave; é um peso, mas leve; é um combate, mas glorioso. Ella não é um systema especulativo; é um sentimento fortificante, doce, consolante. Os deveres difficeis tornam-se faceis; os sacrificios heroicos tornam-se agradaveis pelas esperanças das eternas recompensas. Os martyres, depois de horrorosamente maltratados pelos algozes, voltavam alegres, jubilosos, contentes. Santa Maria Magdalena de Pazzi não queria morrer, só para poder continuar a soffrer para agradar a Deus. São Francisco de Assis encontrava sua felicidade no desprezo; e São Benedicto Labre encontrava as suas delicias nos andrajos; e São João da Cruz encontrava os seus attractivos nas mortificações. A nossa santa religião põe sempre o socorro ao lado do preceito; a doçura ao lado da amargura; a recompensa ao lado do sacrificio. As almas piedosas, mesmo quanto á esta vida, não trocam por certo a sua sorte pela dos mundanos. A virtude tem perfumes, até nos seus espinhos; e o vicio, com exteriores de encantos, é algôz, que tortura; é traidor, que envenena.

Os indifferentes, que desertam das praticas religiosas, por querer viver alegres, são quasi sempre, pelas suas constantes decepções, abysmados em profundas tristezas. Desde que se abandonam os deveres religiosos, a dor não tem mais remedio; o soffrimento não tem mais merito; a afflicção não tem mais consolação. Os que não são religiosos praticos estão privados das emoções que se encontram em amar devotamente a Deus; das alegrias que se sentem na celebração das festas; das doçuras que se experimentam no confessionario; do contentamento divino que se saboreia na mesa sagrada da communhão. Estão, porque desprezaram a Deus, fonte de todos os bens e de todo o verdadeiro prazer, condemnados fatalmente a soffrer e a soffrer muito aqui no mundo; e depois duma vida tão curta, tão penosa, tão ingloria.

Vigesima nona Instrucção.

O respeito humano.

O segundo inimigo, não rancoroso, mas muito pernicioso, é o respeito humano. E' presentemente um dos crimes que mais prejudicam á nossa santa religião, e que é mais geralmente commettido pelos homens, e especialmente pelos que occupam, por qualquer motivo, posição mais elevada na sociedade.

Respeito humano é respeitar mais aos homens, do que a Deus; ou para não desagradar aos homens, desagradar a Deus. A nefanda malicia deste crime está em preferir ostensivamente os homens, e homens muitas vezes viciados, a Deus. Os que se tornam culpados deste crime, offendem a Deus com o unico intuito ou de evitar censuras, ou de gran-gear elogios dos inimigos de Deus. Commettem esse hediondo crime occultando as convicções ou sentimentos religiosos; fingindo-se approvar os principios ou actos contrarios á religião, não defendendo a doutrina religiosa ou a conducta dos ministros e dos mais fervorosos adéptos da religião, quando injustamente accusados, injuriados, zombados pelos hereges, incredulos, impios e libertinos; deixando de orar, de receber os sacramentos, de cumprir em publico com os deveres religiosos. Os casos, em que mais frequentemente pode dar-se o crime do respeito humano, são os que vamos aqui enumerar.

Ouvindo injuriar a religião, seus ministros, os religiosos, as pessoas devotas, nada dizer, nem mesmo retirar-se da reunião, como um protesto. Deixar de ouvir a missa nos

domingos e dias santos, tendo unicamente em mente não ser tachado de beato, ou para não desagradar a uma visita importuna, que chega na hora de ir cumprir esse preceito. Na igreja ter vexame de ir fazer adoração ao Santissimo Sacramento; de recitar orações no seu roزاریo ou livro; de ajoelhar-se no meio dos circunstantes irreligiosos, que permanecem em pé; de não recusar entrarem em conversação, quando ella é provocada por pessoa de certa importancia; de vestir uma ópa, ou de usar de outro qualquer distinctivo religioso. Em todas essas circumstancias commette-se o nefasto peccado do respeito humano. E' porém em relação á confissão e á communhão que esse peccado mais frequente e gravemente offende a Deus e prejudica á nossa santa religião. A maior parte dos homens catholicos, principalmente de alta cathogoria social, que não confessam, nem communham, é unicamente para evitar as censuras, as zombarias dos perversos, que não têm coragem de devidamente preparar-se para poder receber esses divinos sacramentos. Estão certos do dever, convencidos da sua immensa preciosidade; têm mesmo interiormente desejos; mas não se animam, só de receio de ser pelos impios qualificados de carólas, fanaticos, hypocritas.

Examinemos agora quanto de baixeza, quanto de insania, quanto de malevolencia se contem no respeito humano. Em presença dos irreligiosos, dos incredulos, para os não contrariar, a victima do respeito humano não manifesta suas crenças, suas convicções; e, ás vezes, chega a dar demonstração que concorda com as suas theorias, com as suas apreciações, com as suas criticas. Isto não é proprio de um homem nobre, que diz tudo quanto sente, que falla sempre de accordo com a sua consciencia. E' uma indignidade fallar o contrario das suas intimas convicções; é ser um fingido, que perde o direito de ser acreditado. Quem se finge religioso, é um hypocrita; e quem se finge antireligioso, é um hypocrita, ainda mais desprezível e mais criminoso. A primeira hypocrisia é a da virtude, a segunda é a do vicio; a primeira é propria do homem, que deseja ser considerado como bom; a segunda é propria do demonio, que timbra em ser máu. E o que torna ainda muito mais degradante esse acto praticado pelo respeito humano, é que o seu fim é agradar justamente aos adversarios da sua associação, do seu partido. A victima do respeito humano quer cumprir com os seus deveres religiosos, mas não os cumpre, só pelo medo de ser censurado pelos irreligiosos. Mas o homem, que tem dignidade, não se subordina, senão aos legitimos superiores, porque elles são representantes de Deus. Deixar de fazer o que se deseja, principalmente quando se

tem o direito e ainda o dever de o fazer, é renunciar á sua liberdade, é tornar-se escravo, e de quem? Daquelle que, alem de inferior em posição, em saber, em conducta, não tem coragem de cumprir com os seus deveres; e censura só para justificar o seu criminoso procedimento. Nos primeiros annos do christianismo os crentes eram ameaçados de torturas e até de morte, senão quizessem renunciar ás suas crenças; e assim mesmo os tímidos, que se submettiam, eram qualificados de traidores, eram destestados como apostatas. Que nome, que qualificativo deve dar-se aos que renunciam, com sua honra e liberdade, os seus principios religiosos, as suas praticas piedosas, que em sua infancia aprenderam dos seus carinhosos paes? Que nome, que qualificativo deve-se dar aos que praticam esse acto tão vil e reprovado, não por temer soffrimentos, ou mesmo a morte; mas unicamente por temer uma censura, uma critica, e de quem por inumeros motivos e sobre todos os actos de sua vida deve ser por todos criticado, censurado, reprovado e condemnado?

O respeito humano encerra em si uma requintada loucura. Querer o impossivel, é loucura. O que tentasse subir até a lua, seria um louco. A victima do respeito humano quer evitar censuras; é um impossivel. Os temperamentos, as propensões, os interesses, os gostos, os caprichos são tão diversos e desencontrados, que seja qual fôr o nosso procedimento, seremos inevitavelmente censurados. Se procedemos correctamente, seremos censurados pelos máus; se procedemos incorrectamente, seremos censurados pelos bons. Nem Deus pode contentar a todos. Pelo mesmo facto, quando uns bendizem, outros maldizem ao seu santo nome. Jesus Christo, que é um portento de sabedoria e um modelo de bondade, teve os seus contradictores: foi accusado, perseguido, e terminou a sua vida nos braços de uma cruz. Como poderá o homem, pobre e imperfeita creatura, pretender evitar censuras? O que não for censurado pelos irreligiosos, o será com toda certeza, e com muita razão, pelos religiosos.

E' loucura desprezar o sincero, o verdadeiro, para procurar o fingido, o falso. Quem deixasse um amigo sincero para ter um fingido, ou quem deixasse uma moêda verdadeira para correr atraz de uma falsa, seria um verdadeiro louco. A victima do respeito humano assim procede: ella despreza os elogios dos bons, que são sinceros, e procura os dos máus, que são fingidos. Deus incutiu no animo de todos os homens um principio indelevel de rectidão e de justiça, que todo homem, seja qual for o seu proceder, ha de sempre e necessariamente em si, no seu interior, reprovar o mal e approvar o bem. Os bons elogiam o bem com profunda e intima convicção e sinceridade; ao passo que

os máus elogiam o mal, mas só nos labios, e convictos do contrario. Assim, quando os impios, os libertinos censuram as pessoas devotas e piedosas, interiormente estão consigo dizendo: porque não procedo eu do mesmo modo? quando pelo contrario elogiam os que não cumprem com os seus deveres religiosos, os que vivem abysmados nos vicios, no interior os censuram e dizem: fracos, covardes, que não se animam a fazer o bem, a praticar a virtude. Não ha ninguém, seja qual fôr o seu modo de pensar, que não admire um acto praticado com toda sinceridade, e que não deteste a deslealdade, o fingimento, a traição.

No começo do quarto seculo Constancio Chloro, imperador Romano, sendo pagão, tinha entre os officiaes de sua corte muitos christãos. Para os experimentar, os chamou todos á sua presença e os intimou a mudar de religião, professando o paganismo, sob pena de perder cada um o seu emprego. Uns permaneceram firmes em suas crenças; outros apostataram. Findo o prazo, elle elogiou os firmes e os accumulou de favores, dizendo-lhes: Fostes fieis ao vosso Deus, sereis tambem fieis aos vosso rei. Chamando os laxos, os demittiu de seus cargos e os confundiu dizendo-lhes: Fostes infieis ao vosso Deus, sereis tambem ao vosso rei. Os proprios perversos, quando desprevenidos falam de accordo com o seu senso intimo, louvam, exaltam a sinceridade e a firmeza nas crenças e praticas religiosas,

Em Pariz ha uma escola polytechnica; e nella, como em todos os estabelecimentos publicos de ensino, entre os bons alumnos, ha tambem máus e até impios. Um alumno muito piedoso dessa escola, no recreio, ao tirar o lenço do bolso, tirou tambem, sem perceber, o seu rosario, que cahiu no chão. Alguns alumnos perversos tomaram immediatamente o rosario, o penduraram no ramo de uma das arvores, e começaram a bradar: Quem é o dono, venha buscal-o. Elles pensavam que o dono teria vexame, temendo suas zombarias, e não teria coragem de manifestar-se; porém o moço, calmo, calado passou pela frente dos perversos, foi, tomou o seu rosario e, vindo, o apresentou dizendo: Este rosario é meu; é um precioso presente, que me fez minha fallecida mãe. Eu o estimo, como um thesouro; é com elle que todas as noites eu louvo a Maria, minha querida Mãe do céu. Os perversos, encantados e sem reflectir, bradaram todos á uma voz: Bravo, bravo, muito bem! Portanto, quando zombavam, não eram sinceros, eram fingidos.

Os dominados pelo respeito humano envergonham-se justamente do que deviam gloriar-se; são por isso verdadeiros loucos. E' deshonra não ter emprego, ou tel-o e não cumprir com os deveres que lhe são inherentes. Ter porém um

profissão honesta e desempenhar as obrigações, que ella impõe, é muito honroso. Louco portanto seria o architecto que se envergonhasse de edificar predios; louco o advogado que se envergonhasse de advogar causas; louco o medico, que se envergonhasse de curar os doentes; louco o magistrado que se envergonhasse de lavrar sentenças; louco, emfim, seriam todos quantos tivessem vexame de cumprir com os deveres de seu cargo, emprego ou profissão, porque teriam vexame justamente do que constitue o seu brilhante padrão de honra e de gloria. Ora nós catholicos temos uma profissão, a mais nobre e santa, que se possa imaginar aqui no mundo. A nossa profissão consiste em evitar o crime e praticar a virtude; em purificar e santificar a nossa alma; em nos preparar para sermos dignos de receber uma herança eterna; em conhecer, servir e amar a Deus, nosso creador, senhor e pai. Será possível que haja um homem sensato, cujo coração não esteja ainda completamente pervertido, que tenha vergonha de ter uma tão santa profissão, e de observar esses tão justos e santos deveres? O motivo do vexame será porque acreditam que são só os pobres, os humildes, os ignorantes que são religiosos praticos, observantes? Mas se pensam assim, enganam-se redondamente, pois assim como ha pobres, humildes e ignorantes, que são devotados á religião, tambem ha muitos que são licenciosos, pervertidos, irreligiosos. Da mesma sorte, se ha ricos, nobres, sabios que são anti-religiosos, ha tambem muitos que são crentes, praticos, e até piedosos e devotos.

Já notamos que as principaes e mais importantes invenções scientificas são resultados dos estudos profundos, das continuas investigações de catholicos praticos, de sacerdotes, de frades e bispos catholicos. Alem disso, ahi está a historia contemporanea para nos indicar quantos homens notaveis por sua posição social, pelo genio e saber, que são devotados ás cerimoniaes e ás praticas religiosas. O grande e sabio medico italiano, Doutor Lapponi, era catholico pratico, perfeitamente observante. Pasteur, o notabilissimo medico francez, a honra e a gloria da medicina, que deixou o seu nome gravado na historia, ouvia missa quasi todos os dias; assistia devotamente ás cerimoniaes religiosas e frequentemente confessava-se e commungava; cumpria com os deveres da abstinencia de carne, mesmo nos jantares officiaes se diante de todas as summidades francezas. E aqui mesmo no nosso querido Brasil, até nas capitaes dos Estados e na capital da Republica, podemos contar muitos commerciantes, muitos diplomados, muitos politicos, muitos medicos, advogados, magistrados, deputados, senadores, que, não só com toda sinceridade professam a nossa santa religião, mas

ainda observam exactissimamente todos os seus deveres religiosos. E onde estão os titulos de nobreza, de saber, de grandeza dos que zombam dos que sabem cumprir com os seus deveres religiosos? Em regra são ignorantes, desoccupados, viciosos. Quando são sabios, são tambem desequilibrados; quando são importantes, socialmente fallando-se, são licenciosos, que tentam justificar a sua conducta escandalosa. Os verdadeiros nobres, honrados, judiciosos veneram, acatam as convicções, mesmo contrarias ás suas, desde que ellas sejam puras e sinceras.

Será porque o numero dos importantes e altamente collocados na sociedade que não cumprem com os seus deveres religiosos é maior? Mas foi sempre menor o numero dos correctos em todos os empregos e profissões. Se fosse vexame pertencer ao menor numero, quando isso é devido ás difficuldades ou á exigencia de mais longos trabalhos e de maiores sacrificios; então o rico, o sabio, o soberano, o heróe, deviam viver cobertos de confusão, porque em toda a parte e em todo o tempo foi sempre immensamente maior o numero dos pobres, dos ignorantes, dos governados, dos desmoralizados. Quando a minoria ou mesmo a singularidade provem da exigencia de maiores esforços, estudos, aptidões, em vez de ser motivo de vexame, constitue um titulo de benemerencia, forma um padrão de gloria.

Além de ser baixeza e loucura, o respeito humano é requinte de perversidade. E' para todos os homens um dever sacratissimo ser leal, dedicado, até ao sacrificio, a um bom amigo, de quem tem sempre e em todas as circumstancias recebido provas de sincera amizade. Quem abandona um verdadeiro amigo, sem delle ter nenhum motivo de desgosto, mas só porque isso exigem os seus gratuitos e rancorosos inimigos, mostra ser um perverso de quinta essencia. Os dominados pelo respeito humano apartam-se de Deus, deprezam a sua terna e santa amizade, unicamente para serem agradaveis aos seus tão injustos inimigos. Oh! que amigo ha no mundo que possa ser comparado a Deus, nosso tão terno e devotado amigo? Nos creou, nos conserva, nos enche de seus beneficios, procura nos fazer verdadeira e eternamente felizes! E ha catholicos, que, sendo tão sinceros e devotados aos seus duvidosos amigos aqui do mundo, têm entretanto a nefanda deslealdade de alliar-se aos inimigos de Deus, para assim mais grave e torpemente offendel-o! Ha ainda uma mais revoltante perversidade: é a do filho, que se envergonha de seu pai. Um bom filho honra, venera a seu pai, nem que elle seja o mais baixo, vil e desprezivel de todos os homens. Um filho que se envergonha de seu pai, é um monstro tão horrendo, que deve

ser o objecto do desprezo de todos os homens. Um filho, que se envergonha de seu pai, deveria por um decreto unanime de todos os homens ser deposto de seu character de ente humano, e ser condemnado a occupar o infimo logar na sociedade dos brutos. Pois bem. Jesus Christo é nosso pai, e que pai? Pai que tanto nos ama: que para nos remir dum captiveiro, offereceu como preço, não seus suores, nem suas lagrimas, mas o seu preciosissimo sangue! E será verdade que ha christãos que se envergonham de Jesus Christo? Que defeito, que crime, que vicio encontram em sua pessoa, em sua doutrina, em sua vida, para d'elle envergonharem-se? Mas elle é bom, é innocente, é justo, é sabio, é santo. Ter vexame de observar a sua lei, de viver na sua amizade, de hospedar-o em sua alma pela sagrada communhão, de o reconhecer como seu pai diante dos homens! Ter vexame de ser filho do Rei do céo, e não tel-o de ser escravo dos escravos dos mais degradantes vicios! Não se esqueçam da sentença contra sua negra ingratidão lavrada por Jesus Christo, que disse: O que se envergonha de mim diante dos homens, um dia eu tambem d'elle me hei de envergonhar diante de meu Pai, que está no céo. Como conclusão vamos relatar tres factos, que intima relação têm com o assumpto, que acabamos de expôr, para cada um tomar para si a moralidade, que lhe pertencer.

Por occasião da revolução franceza um homem honrado, que occupava importante posição, recusando-se terminantemente de adoptar os principios nefandos, impostos pela Convenção, foi denunciado, preso, processado e condemnado a ser decapitado. Os amigos, que antes o cercavam, o abandonaram completamente. Esse homem tinha um filho tão bom, como os que mais sabem honrar seus pais. Todos os dias elle ia á prisão conversar com seu pai, para animar-o a soffrer com paciencia e dignidade a execranda pena, que injustissimamente lhe fôra imposta. No dia da execução, quando o condemnado era conduzido com todo o apparatus, os seus amigos o acompanhavam por simples curiosidade, sem dar-lhe a minima prova de consideração; porém o seu bom filho marejava a seu lado, compartilhando os seus infortunios. Subiram ambos a escada do cadafalso. Antes do acto o filho deu a seu pai um terno e apertado abraço; em seguida ajoelhou-se e lhe beijou reverentemente as mãos. O carrasco fêz a execução; cahiu em terra a cabeça do executado; e o seu dedicado filho desceu a escada, e chorando seguiu para sua casa. As suas lagrimas eram de dôr, porque tinha perdido o seu querido pai; eram tambem de contentamento, porque a sua consciencia lhe dizia que tinha sabido ser filho.

Um pai pobre, unicamente com o producto de seu trabalho, mandou educar um seu filho, que mostrava ser muito intelligente. O moço formou-se, e apresentou-se logo como um grande advogado e como um insigne poeta. Tendo feito uma poesia, que reputava excellente, convocou uma grande e selecta reunião para ouvir pela primeira vez a sua publica recitação. Sem que elle soubesse, seu pai tambem concorreu á reunião para compartilhar as alegrias de seu querido filho. Quando terminou a exhibição, todos os assistentes encantados pela belleza, gosto e perfeição da poetica composição, romperam em ardentes e prolongados applausos, vindo cada um por sua vez abraçar o distincto poeta. Por ultimo tambem seu pai, velho, pobre, mal trajado, chorando de alegria, avançou para dar a seu filho um apertado abraço; porém este virou-lhe as costas, só por ter vexame de, em publico, reconhecê-lo como seu pai. Immediata e instantaneamente uma explosão de vehemente indignação partia do meio da multidão bradando todos á uma só voz: Ingrato, moço desnaturado, entranhas de féra, filho indigno e amaldiçoado! E retirando-se todos, sem despedirse do poeta, deixaram sósinho no meio do grande salão o filho perverso, e acompanharam o pobre, mas honradissimo velho em solemnes e vibrantes applausos, até a porta da sua humilde casinha.

Em uma mesa de jantar, em que todos antes de começar a comer fizeram o signal da cruz e rezaram, um moço catholico, só porque percebeu que era então observado por alguns libertinos, não fez, unicamente por vergonha, nem o signal da cruz. Ao levantar-se da mesa, seu pai o reprehendeu dizendo-lhe: Meu filho, não tendes coragem de fazer o signal da cruz! Jesus Christo não se tem envergonhado de morrer por nós sobre a cruz, só para nos resgatar: e vos envergonhais de fazer sobre vós o augusto signal da redempção? Se não vos corrigirdes, um dia Jesus, realizando a sua tremenda ameaça, ha de tambem vos desconhecer, e envergonhar-se de vós diante de seu Pai: e então, por Jesus condemnado e amaldiçoado, eternamente d'elle separado, não contemplareis a sua face divina.

Trigesima Instrucção.

O materialismo.

Temos grandes erros, profundamente contrarios á nossa religião. O primeiro é o materialismo, que consiste em negar a existencia dos espiritos e de todos os seres imma-

terias. O seu principio fundamental é o seguinte: Não ha força sem materia, nem materia sem força. Mas são ellas creadas, como affirmam os materialistas? Se são creadas, suppõem logicamente uma causa primaria, creadora e ordenadora; e se são increadas, existem pela propria necessidade de sua essencia. Ora o materialismo só admittre a observação, como meio de conhecimento; e á observação, como a essencia dos espiritos, tambem a essencia da materia e da força escapa-se, não podendo por ella ser attingida. Os materialistas affirmam, e nós negamos que a observação seja o unico meio de certeza; é portanto uma questão ainda a resolver-se. Negar a ordem immaterial, só porque ella é inacessivel á observação, é decidir uma questão problematica por uma outra, que não o é menos; é justamente fazer uma petição de principios. Esta proposição, que resume a base do materialismo: «Não existe outra realidade além dos corpos» por sua natureza de proposição abstracta e metaphysica, escapa inteiramente á observação dos sentidos, porque nenhum phenomeno physico ou chimico tem demonstrado, nem poderá jamais demonstrar uma tal proposição. Portanto o materialismo é indemonstravel pelos processos scientificos da observação, unicos que elle admittre. A supra proposição do materialismo ou é verdadeira ou é falsa. Se é verdadeira, existe uma verdade metaphysica, certa; e se existe uma porque não poder existir duas, tres e mais? Se é falsa, cæe por terra a base do materialismo. Com muita razão dizia Platão: Os que não admittem senão o que se pode ver e tocar, são ignorantes e estupidos.

Não é menos absurdo, que o materialismo, o atheismo scientifico, que nega a acção de Deus na criação, conservação e direcção de todos o seres. Eis o seu principal argumento: «O que não pode ser destruido, não pode ser creado; logo os seres corporeos não foram creados». A proposição maior é metaphysica, escapa á observação. A menor não tem nexo algum com a maior. Não repugna que Deus possa crear o que por sua essencia não possa ser destruido. Demais, é justamente isso que está em questão; e sendo questão de raciocinio e não de observação, não pôde ser feita pelos materialistas.

Não se podendo, sem o motor immovel, que é Deus, explicar o movimento, dizem que o movimento é essencial á materia: mas isso é um erro combatido pela experiencia, que prova na mecanica que a materia é inerte, e por isso o movimento lhe deve ser communicado por uma causa externa. Insistindo, dizem: Ou é a vontade de Deus que governa o mundo, ou são as leis mathematicas? No primeiro caso, as leis mathematicas são superfluas; no segundo toda a intervenção duma causa intelligente e livre, torna-se inu-

til. Primeiro. Não se devem confundir as leis physicas, que são méros productos da observação, com as leis mathematicas, que são productos de abstracção, que é puramente ideal. As leis que governam o mundo não são as mathematicas, que são necessarias, mas as physicas, que são contingentes, porque pôdem ser concebidas de um outro modo. Aquellas não admittem excepção, estas admittem. Assim, um corpo naturalmente tende ao centro, mas por um forte vento pode delle ser apartado. Estas, e não aquellas leis, estão sujeitas á observação.

Segundo. Só para argumentar, admittamos que são as leis mathematicas que governam o mundo; mas a sua applicação pratica ao universo é um facto contingente, que suppõe uma causa livre, como a applicação das leis mechanicas ás machinas a vapor suppõe um engenheiro. Portanto, quer sejam as leis physicas, quer sejam as metaphysicas, que produzem e mantêm a ordem do universo, não se pode praticamente isso conceber, sem que haja um legislador supremo, que é Deus. Querer separar as leis do legislador, é querer separar o effeito da causa. Quanto ao dizer-se que, se é a vontade divina que governa o mundo, as leis são superfluas, responde-se que a vontade divina não pode governar sem leis e a applicação das leis é o acto da vontade divina.

Trigesima primeira Instrucção.

O positivismo.

O positivismo tambem não é menos absurdo, que o atheismo scientifico. Para combatel-o em regra, é necessario antes dar explicações preliminares sobre juizo, argumentação, methodo.

O juizo é analytico quando a relação entre o sujeito e o predicado conhece-se só pela simples analyse ou definição desses dois elementos. O predicado neste juizo convem essencialmente ao sujeito. O juizo é synthetico, quando a relação entre o sujeito e o predicado conhece-se só pela experiencia ou testemunho. Neste juizo o predicado convem accidental e contingentemente ao sujeito. O primeiro é *á priori*, e chama-se juizo necessario, metaphysico, absoluto, racional; o segundo é *á posteriori*, e chama-se juizo contingente, physico, hypothetico, empirico. Os positivistas seguem este, e rejeitam aquelle juizo. *Inducção* é uma argumentação, em que se attribue a um sujeito universal um predicado, que pela experiencia conhecemos que convem aos seres par-

ticulares. *Experiencia* é o conhecimento adquirido pelos sentidos internos e externos ou por meio da consciencia. *Observação* é a percepção espontanea dum phenomeno, sem nossa cooperação. Sendo produzida por nossa industria chama-se *experimentação*, que pode ser ou intellectual ou sensivel.

Um dos pontos fundamentaes do positivismo é que nada é fixo, imutavel, independente do nosso pensamento: mas que tudo é relativo, dependente de nosso espirito, de modo que o que hoje é verdadeiro, amanhã pode ser falso, podendo ao mesmo tempo ser verdadeiro e falso, conforme parecer a um verdadeiro e a outro falso. Rejeitam as verdades necessarias e absolutas, dizendo que é a intelligencia que produz a verdade. Isso é falsissimo. O conhecimento, alem de ser subjectivo, deve ainda ter elemento objectivo. Não é o sujeito, que modifica o objecto, mas é este que modifica aquelle. A verdadeira sciencia, alem de observar os phenomenos, procura ainda as suas causas, e explica a razão *porque* uma cousa é o que é, e não pode ser de outro modo. A sciencia deve ser ensinada pelo mesmo methodo ou processo, por que foi descoberta. Assim a *Physica* ensina-se por experiencias; a *Mathematica* por deducção ou synthese; a *Philosophia* pela analyse ou synthese.

Elles entendem que a sciencia só deve preoccupar-se do positivo, isto é, do percebido pela experiencia sensivel, e não preoccupar-se das causas; porém isso é inteiramente falso. A sciencia deve descansar o espirito, e isto só conseguirá conhecendo tambem a razão dos phenomenos observados: e assim, sem o conhecimento das causas, não ha, nem pode haver sciencia. Tyndal, que é insuspeito, diz: A experiencia scientifica guia sempre para uma causa que está alem do phenomeno experimental. Pasteur e outros muitos grandes sabios ensinam que para ser sciencia, não basta observar os factos: mas é ainda necessario que os factos observados sejam explicados, coordenados, interpretados pela razão. Assim a sciencia do contingente não se realiza sem o reflexo do necessario e absoluto. Não se formam sciencias sem abstracção. Abstrahindo-se da materia *commum*, eis a *Physica*; prescindindo-se da materia *commum sensivel*, para se considerar a sua quantidade, eis a *Mathematica*; prescindindo-se da quantidade para se considerar o ente material em sua generalidade objectiva, como é em si, independente do pensamento, eis a *Metaphysica*; prescindindo-se da realidade objectiva para se considerar o ente como elle está em nosso entendimento, eis a *Logica*; considerando-se o ente em sua entidade moral, como está em nossa vontade, eis a *Moral*.

Compte, o chefe do positivismo, divide as sciencias em concretas e abstractas; e, dizendo que as concretas não

estão ainda constituidas, classifica as abstractas na ordem seguinte: Mathematica, Astronomia, Physica, Chimica, Biologia e Sociologia. Essa classificação é falsa. As sciencias desenvolvem-se simultaneamente, e não successivamente, pois uma precisa dos auxilios das outras. A Astronomia não podia constituir-se antes da Physica, porque precisava conhecer as condições, que podem modificar a visão. É impossivel que as sciencias abstractas precedessem ás concretas, porque aquellas formam-se pela generalisação destas. Na ordem racional vamos do simples para o composto, do abstracto para o concreto; mas na ordem experimental é justamente o inverso. Elles se contradizem quando reconhecem como certo só aquillo que foi verificado pela experiencia sensivel, porquanto constantemente investigam a natureza do effeito e da causa, do meio e do fim, da força e da materia; tentam estabelecer leis immutaveis; empregam o syllogismo e indução; analyzam, generalisam; applicam enfim todos os processós do methodo discursivo. Portanto, excluindo a Metaphysica do quadro das sciencias, aceitam muitas cousas, que formam o objecto dessa mesma sciencia. Com muita razão, pois, diz Paulo Janet que o positivismo só tem de positivo o nome. Fuillet, positivista, diz que a Metaphysica ha de durar emquanto existirem cerebros humanos.

As suas bases fundamentaes são a classificação das sciencias e a lei dos tres Estados. A sua classificação é falsa, como já ficou demonstrado; e não menos falsa é a sua lei dos tres estados. Eis a sua theoria, contraria aos factos: O primeiro é o estado theologico ou ficticio, que explica os phenomenos pelos agentes sobrenaturaes.

O segundo é o metaphysico ou abstracto, que explica os phenomenos por meio das forças ou entidades occultas e abstractas.

O terceiro é o positivo ou scientifico, que explica os phenomenos pelas leis, experimentalmente demonstradas. Segundo elles, todas as sciencias passaram pelos dois primeiros estados, e só constituiram-se chegando ao terceiro.

O positivismo só reconhece as sciencias experimentaes ou positivas, que tratam dos factos e suas leis, e as dispõe na seguinte ordem hierarchica: Mathematica, Astronomia, Physica, Chimica, Biologia, Sociologia. Como já ficou provado esta classificação é falsa. Todo o systema de Comte é falso, pois funda-se no sensualismo, que é falso. Ainda é falso:

Primeiro. Porque temos noções de cousas abstractas e immateriaes; somos dotados, não só de sentidos, mas ainda de intelligencia, que é espiritual; e porque as sciencias não podem deixar de basear-se em principios universaes, absolutos, immutaveis, dos quaes se deduzem conclusões necessarias, independentes das cousas contingentes e mutaveis.

Segundo. Porque, além de serem gratuitas as suas asseverações, elle emprega a inducção; admite a certeza dos factos e das leis; e entretanto nega o principio de causalidade e os principios abstractos. Elle nega o absoluto, e avança esta proposição absoluta: «E' certo unicamente o que é verificado pela experiencia sensivel.» Não quer questionar sobre origem e fim, e ao mesmo tempo quer explicar a origem do mundo, a do homem e a origem da vida. Affirma que não nega Deus, nem a alma; e diz que Deus e a alma são entidades imaginarias.

Como explica Compte, é falsa a lei dos tres estados, porque segue ordem inversa á da historia. Tanto na antiguidade, como nos tempos modernos, dominam o espirito metaphysico e positivo; e na Edade media dominou o theologico. Democrito, Heraclito, Thales, philosophos antiquissimos, eram positivistas, pois procuravam explicar os phenomenos do mundo no proprio mundo. Aristoteles e Platão foram metaphysicos, porque dos phenomenos passageiros remontavam ás essencias immutaveis. Os philosophos da Escola de Alexandria, os Gnosticos, e os Padres da Igreja foram theologos. Os tres estados no desenvolvimento dos individuos não são successivos, mas são simultaneos. A nossa intelligencia não se satisfaz com a simples descoberta das leis dos phenomenos; mas quer, e mesmo precisa saber a origem e o fim dos phenomenos. As leis pertencem á sciencia positiva; a origem e o fim pertencem á sciencia theologica e metaphysica. Justamente porque os tres estados são naturaes, não são successivos, mas simultaneos, pois o homem possui sempre a sua natureza e essencia.

Existem realmente os tres estados, mas não no sentido erroneo do Compte. Os sensatos dizem que o primeiro estado attribue os phenomenos á vontade de Deus, mas de um Deus real; que o segundo estado attribue os phenomenos a um principio espiritual, mas concreto, que é a alma humana; que o terceiro estado explica os phenomenos sensiveis pelas causas proximas. Nem se diga que o espirito humano passa, como erradamente assevera Compte, por vezes de um erro para outro. O erro é anormal ao espirito; e tudo quanto é anormal não constitue estado, muito menos lei.

Os positivistas admittem a inducção, que é o methodo analytic, e fundam-se neste principio: «O curso da natureza é uniforme.» Não podendo observar todos os casos, esse principio será sempre particular; e assim querem elles tirar dum principio particular uma conclusão geral, o que é um verdadeiro sophisma. Para aquelle principio tomar um caracter geral, é preciso fundar-se neste juizo analytic: «Uma propriedade, que deriva da essencia de um ente, de-

ve-se encontrar em todos os entes, dotados da mesma essência; mas esse juízo analyticó é universal e absoluto, e portanto não cáe sobre a experiência sensível. Pelo que os positivistas ou hão de renunciar ao seu principio: «Unicamente pode-se conhecer pela observação sensível» admitindo assim um juízo analyticó, que é universal e absoluto; ou hão de ficar sem meio de demonstração, ou então fundar-se num sophisma, que é concluir do particular para o geral.

Methodo analyticó é o que, baseado na experiência vai dos objectos que têm mais para os que têm menos comprehensão, por isso sobe dos effectos para as causas, dos factos para as leis, do todo para as partes, do composto para o simples, do concreto para o abstracto, do particular para o geral. O methodo synthetico é o que, fundado na legitimidade da razão, vai dos objectos que têm menos para os que têm mais comprehensão; por isso desce das causas para os effectos, das leis para os factos, das partes para o todo, do simples para o composto, do abstracto para o concreto, do geral para o particular. Segue ordem inteiramente inversa. No primeiro methodo acham-se a inducção e a abstracção; e no segundo acha-se o syllogismo, a definição, a divisão, a classificação. O primeiro methodo segue a ordem logica ou o conhecimento, porque o effecto se conhece antes da causa, os factos antes das leis; e o segundo segue a ordem real ou da natureza, em que a causa precede ao effecto, as leis são anteriores aos factos. O primeiro methodo chama-se tambem *invenção, resolução, empirico, inductivo*; e o segundo chama-se *doutrina, composição, racional, deductivo*.

Convem não confundir o methodo analyticó com o juízo analyticó, nem o methodo synthetico com o juízo synthetico. O methodo analyticó indica o processo da razão que, baseada na experiência, sobe do particular para o universal. O juízo analyticó exprime uma verdade necessaria, em que a conveniencia entre o sujeito e o predicado se conhece pela simples *analyse* ou *resolução* desses dois termos. O methodo synthetico é o caminho da intelligencia que do universal desce para o particular. O juízo synthetico é uma verdade contingente, em que a relação entre o sujeito e o predicado se conhece, não pela *analyse* dos dois termos, mas pela *experiencia interna ou externa*.

O todo logico tem mais comprehensão e menos extensão; e o todo real tem mais extensão e menos comprehensão. Na *analyse* parte-se do todo logico; na *synthese* parte-se do todo real. O positivismo segue o methodo analyticó, mas rejeita o juízo analyticó, que constitue uma verdade absoluta; e rejeita o methodo synthetico, mas segue o

juízo synthetico, que se funda na observação. Não ha contradicção em dizer-se que o methodo analytic vai do particular para o geral, e do todo para as partes, pois o particular tem mais comprehensão que o geral e nesse sentido o particular é todo, e o geral é parte. Tambem não se deve confundir comprehensão com extensão, que são cousas differentes. A comprehensão da idéa é o conjuncto dos elementos, que a constituem. Assim a comprehensão da idéa *homem* é formada pela animalidade e racionabilidade. Extensão é o numero dos individuos, que a idéa abrange. Assim a extensão da idéa *homem* comprehende todos os homens. Está em razão inversa: Quanto mais comprehensão, menos extensão. Esta pode augmentar; aquella não.

A verificação experimental é um meio de certeza na ordem da materia e de suas leis, mas não é o unico, mesmo na ordem propriamente scientifica dos positivistas; se não vejamos. A Geometria não verifica pelos factos *sensíveis* a exactidão de seus theoremas; o algebrista admite suas formas, sem as ter verificado pelas experiencias numericas; mesmo na Chimica e na Astronomia a experiencia suppõe *principios puramente racionaes* como base. Assim para experimentar é preciso distinguir o real do apparente, e isto suppõe a *idéa racional* de *realidade*; é preciso empregar meios de inducção, que se apoiam sobre a idéa *metaphysica de ordem*, de *natureza*, que repousa sobre a idéa de *causa*; é preciso *classificar* factos, pol-os em ordem natural, interpretal-os, e tudo isto não se faz sem certos *principios geraes*. Ainda mais. A lei implica noção de *ordem*, e esta é irreductivel á experiencia; implica noção de *tempo*, e a observação é impotente para revelar o futuro. *A lei e a observação*, como sciencias, não podem ser concebidas sem noções puramente *racionaes*. Portanto, queiram ou não queiram os positivistas, tudo no mundo nos traz idéa do infinito, isto é, duma causa primeira, que é Deus. Pasteur dizia: «Eu vejo no mundo, por toda a parte, a noção do infinito. A paixão de comprehender é a sêde do infinito, produzida em nossa intelligencia pela vista de todo o universo. As fontes verdadeiras da dignidade humana, da liberdade e da democracia moderna estão todas na noção do infinito diante do qual todos os homens são iguaes.» O positivismo não nega, nem affirma as verdades do mundo supra-sensível; dellas não cogita, porque, segundo elle, ellas são incomprehensíveis. O materialismo nega todas as verdades supra-sensíveis, e só admite o que cae sob os sentidos. Guizot assim define ambos: O positivismo é um materialismo inconsequente; e o materialismo é um positivismo logico e consequente comsigo mesmo.

Compte afirma que só ha deveres. Isso é um absurdo, porque o dever, sendo um correlativo do direito, não pode existir dever sem haver ao mesmo tempo direito, e vice-versa. Um necessariamente suppõe outro. Os philosophos allemães qualificam o seu systema de nihilismo philosophico. Compte substitue Deus pela humanidade, que, segundo a sua escola, é o conjuncto de todos os homens passados, presentes e futuros. Para elle, o homem é um simples animal, embora seja o primeiro de todos os animaes; e a alma é uma simples função do cerebro. Essa asseveração encerra um tremendo absurdo. Segundo Cuvier e outros muitos distinctos e notaveis naturalistas, o corpo do homem renova-se constantemente; nelle as moleculas entram e saem successivamente. Entretanto a sua alma é sempre a mesma, sem soffrer a minima alteração, nem mudança em sua natureza. A memoria suppõe um laço entre o *eu do passado* e o *eu do presente*. O mesmo deve-se ponderar sobre a responsabilidade: O *eu presente* não seria responsavel pelos actos do *eu passado*. O cerebro é uma condição do pensamento, mas não é nem sua origem, nem seu sujeito. O tamanho do cerebro em nada influe na intelligencia, pois o do bruto é maior e mais pesado que o do homem; tem tambem mais phosphoro. O melhor artista toca melhor o mesmo instrumento, mesmo damnificado. E' certo que o pensamento depende do cerebro; mas como isso acontece, não sabemos. E' tambem certo que dentro de nós ha uma substancia espiritual, que é a alma. Ella pensa e os pensamentos, sendo operações espirituaes, ella deve ser substancia espiritual. Os pensamentos são grandes, immensos, universaes. Se a alma fosse apenas um pequeno organismo collocado dentro da cabeça humana, tambem o continente poderia ser menor que o conteúdo, o quadro menor que a têla.

Compte tambem nega a observação interna. Mas quando isto faz, tem elle consciencia de sua negação? E poderá tel-a, sem a observação interna? Percebe elle a logica dos seus raciocinios pelos olhos? Que insensatez! Elle dá tanto apreço ao relativo, e despreza o absoluto, que é muito mais importante! Occupa-se tanto dos effeitos, e abandona o conhecimento das causas, que os produzem! Não adora a Deus, mas adora a Clotilde, sua concubina! Elle apresenta a sua theoria absurda como uma invenção moderna, quando em fundo elle apenas reproduz o que a respeito na mais remota antiguidade já ensinavam Democrito, Heraclito, Thales, e outros muitos philosophos. Elle deu apenas o nome de *positivismo* a um systema erroneo, desde tantos seculos sustentado por uns e refutado e condemnado por muitos outros sabios antigos.

Para concluir estes dois assumptos, devemos notar que os positivistas e materialistas, para negar Deus, ou pelo menos para d'elle prescindir, negam o principio de causalidade, que é certissimo. O effeito recebeu o ser que não tinha. Não o recebeu de si mesmo, porque seria operar antes de existir; não o recebeu do nada que, o não tendo, não lho podia dar. Logo recebeu o ser de outro ente já existente, que nós chamamos causa; e assim o effeito exige necessariamente uma causa. Existindo uma serie de causas, das quaes a inferior é effeito da superior; deve necessariamente haver uma causa primeira, que não seja effeito, porque, sem esta, não poderiam existir as causas segundas, que, como taes, são effeitos. Logo existe uma causa primeira, que existe pela força de sua propria natureza: é o que chamamos Deus. Por tudo quanto deixamos dito, podemos com toda segurança dizer que os positivistas e materialistas não são sabios, nem mesmo scientistas, como indevidamente se intitulam. Aristoteles dizia: Só pode aspirar o nome de sabio, aquelle que tem investigado a origem e a causa das cousas. Platão comparava a sciencia empirica, isto é, a limitada unicamente as idéas fornecidas pelos sentidos, ás meras sombras: e a sciencia pura de intelligencia elle a comparava aos objectos, vistos aos clarões do sol

Trigesima segunda Instrucção.

O livre pensamento.

Outro erro tão absurdo, como os dois precedentes, é o pretendido *livre-pensamento*. O homem é livre de pensar ou não pensar, mas não é livre de pensar o que e como quer. Entre os modernos a liberdade de pensar alimenta-se de puras negações, e agita-se num vacuo. Para elles a liberdade de pensar, não é senão o direito de não mais pensar. Em nossos dias o termo de livre-pensador tornou-se synonymo de sceptico. E' livre pensador quem em nada crê e quem menos crê é mais reputado capaz de pensar livremente. Assim o atheu é mais livre-pensador que o deista; e o sceptico ainda o é mais que o atheu. Os recentes francamente declaram: Nós pertencemos ao livre pensamento, e por isso somos materialistas e atheus. Para elle Deus é a natureza, a alma é o cerebro, o inferno é a servidão, o céu é a liberdade. Segundo essa theoria todos os máus e perversos são livres-pensadores. Porém, na expressão natural da palavra, não ha quem não seja livre pensador. Catholicos, deistas, materialistas, fatalistas e atheus, todos estão

convencidos que pensam e que são livres; são portanto todos livres-pensadores.

Os philosophos antigos chamavam idéa o conhecimento das cousas absolutas, supra-sensíveis e immateriaes; e justamente o que os antigos chamavam idéa, os modernos chamam pensamento. E' pelo pensamento que se tem sempre distinguido o homem dos brutos; eis o axioma por todos admittido: O homem pensa, o bruto sente. Quanto aos sentidos o bruto é até mais aperfeiçoado que o homem. E se gundo Cousin, Damiron, Descartes, Hegel, Jouffroy, Kant, Melebranche, Paulo Janet, Pascal, pensar é perceber o intelligivel, o immaterial, o absoluto, o supra-sensível. Demais, trata-se do pensamento capaz de liberdade, e só os conhecimentos de ordem moral podem ser livres. Nós cremos livremente as verdades religiosas, e é por isso que a fé é virtude; mas cremos fatalmente, todo o mundo disso está convencido, os factos materiaes, que se reproduzem diante de nossos olhos.

Todo conhecimento traduz-se, tanto na ordem intellectual, como na physica, pela affirmação. Portanto pensar é affirmar as realidades do mundo immaterial: Deus, alma, suas relações, as verdades dogmaticas, moraes, religiosas, que são seus corollarios; e sensivelmente experimentar e observar, é affirmar os factos do mundo physico. Negar porém, não é pensar, porque quem nega, nada percebe. Todos os nossos conhecimentos versam ou sobre o espirito ou sobre a materia, e nos vêm ou pela razão ou pelos sentidos. No segundo caso chama-se sciencia experimental ou observação; no primeiro chama-se sciencia metaphysica. Os instrumentos auxiliam aos sentidos; e o raciocinio auxilia á razão.

Liberdade é a faculdade que tem o ser intelligente de dirigir a sua vida, determinando-se por si mesmo. Os corpos são faltamente dirigidos pelas leis physicas que os regem; os brutos são dirigidos pelas leis do instincto; e só o homem é livre, porque se determina por si mesmo. Portanto a liberdade de pensar é a faculdade que tem o homem de por si mesmo dirigir a sua vida intellectual.

Pondo de parte as verdades primarias, cuja evidencia impõe-se, o homem só conhece a verdade procurando-a pelo estudo e exame do espirito. A intelligencia é passiva, e a vontade é quem a dirige, obrigando-a a attender ou não attender aos motivos que esclarecem a verdade. E' por isso que Paulo Janet dizia que a liberdade de pensar, não é nem catholica, nem protestante, nem philosophica, nem crente, nem incredula; é independente. E' o direito de examinar, e de não affirmar, senão depois de previo exame. E Santo Thomaz ensina que o assentimento é arrebatado de viva força pela efficacia da demonstração, mas a at-

tenção actual á cousa demonstrada depende do nosso livre arbitrio; e por isso está em nosso poder considerar ou não considerar as razões, os motivos, os argumentos empregados na demonstração. Na applicação da intelligencia pela vontade é necessario haver amor á verdade; porque diversamente ou a vontade não applica a intelligencia, ou a applica, mas de modo a evitar a percepção real. Na ordem scientifica a vontade, não tendo interesse no erro, dirige a intelligencia no sentido de sua inclinação innata para a verdade; dá-se porém o contrario quanto ás verdades religiosas e moraes. Porque ellas combatem as paixões, revelando-nos os nossos deveres, a vontade é-lhes instinctivamente opposta. E' preciso, portanto, esforço para não apartal-as; e maior esforço ainda para submettel-as ao estudo attento da razão; e ainda esforço supremo para acceital-as e dellas fazer a regra de seus actos. Todo direito deriva de um dever; assim o direito de pensar livremente, impõe o dever de procurar conhecer a verdade. Para conhecer, é preciso procural-a; e para procural-a, é preciso antes ter-lhe amor. Donde se segue que, na pratica, a liberdade de pensar, reduz-se ao amor sincero da verdade. Que a esse respeito fallem os que não podem ser qualificados de suspeitos.

Cousin diz que o homem não pensa livremente, senão quando está disposto a tudo sacrificar pela verdade. Tocqueville affirma que o livre-pensamento não é, como communmente se acredita, a audacia da negação, mas é pelo contrario o heroismo da affirmação. Guizot assevera que o livre-pensamento não é, como falsamente affirma uma certa escola critica, a doutrina abjecta do materialismo e atheismo, mas é a procura leal e a corajosa affirmação da verdade.

Em resumo: Pensar, é afirmar as realidades do mundo immaterial; exprimentar, é afirmar os factos do mundo physico. Pensar livremente, é afirmar as verdades supra-sensíveis, depois da procura da verdade pela cuidadosa attenção com desejos sinceros de achal-a. Na applicação devida da attenção pela vontade é que está a liberdade. A razão, diz Decossoles, é para a percepção, o que a vista é para a observação. Ora a vista é livre só nisto, que nenhuma autoridade, nem preceito, pode obrigar-a a ver o que não existe. Assim acontece com a razão, a quem nenhuma autoridade pode fazer acceitar o que não lhe parece como evidente. A vontade dispõe da razão na mesma medida, em que dispõe da vista. Ella pode apartar a vista e impedir-a de ver o que lhe desagrada; mas não pode obrigar-a a ver o que lhe agrada, desde que não exista. A vista pode não ver, a razão não perceber o que existe; mas nem aquella pode ver, nem esta perceber o que não existe. Di-

versamente o homem não poderia mais confiar, nem no seu proprio testemunho. A vista e a razão são portanto igualmente subditas da vontade, não se podendo accusar esta de erro, de incredulidade, como tambem não se pode accusar aquella de preguiça, porque não vê ou de impureza, porque vê objectos deshonestos.

A vontade tem o *poder* de preferir o erro á verdade, como tem o *poder* de preferir o mal ao bem; não tem porém o *direito* de preferir o erro á verdade, como tambem não tem o *direito* de preferir o mal ao bem, porque a verdade e o bem, constituindo o seu fim, ella sob pena de ser castigada, deve sempre preferir a verdade ao erro, o bem ao mal. Não se trata aqui da liberdade de facto, que ninguem contesta, mas da de direito, isto é, a faculdade de rejeitar a verdade, sem tornar-se culpado e digno de ser castigado. E' este pretendido e falso direito de preferir o falso ao verdadeiro, que o moderno livre-pensamento chama independencia da razão. E' esta intervenção da vontade na percepção da razão, que explica a unanimidade dos espiritos na ordem mathematica, e a sua divergencia na ordem moral e religiosa. Na primeira a vontade não tem interesse no erro: na segunda ella naturalmente procura o que lhe agrada e repelle o que lhe desagrada. Não é portanto á razão, mas á vontade que se deve attribuir a divisão dos espiritos na ordem moral e religiosa. Por isso diz Leibnitz e com muita razão, que se a Geometria se oppuzesse ás nossas paixões, como fazem a moral e a religião, ella não seria menos contestada, não obstante o conhecimento de todas as demonstrações de Euclides e Archimedes. Relativamente ás verdades por si evidentes, demonstradas, a intelligencia tem a passividade dum espelho. Quanto ás que devem ainda ser demonstradas, quem é livre, não é a intelligencia, mas a vontade, que pode ou não encaminhal-a, ou embaraçal-a na sua procura.

Pelo que fica exposto e com toda clareza, são os catholicos que são verdadeiros livres-pensadores, porque procuram a verdade com dedicação, e a manifestam e defendem com todo heroismo. Porém os impios e os incredulos nem pensam, porque a simples observação e ainda muito menos a mera negação, não constitue o pensamento, que é a percepção e a afirmação duma verdade immaterial e metaphysica. Tambem elles não são livres, porque estão dominados por caprichos, por paixões e por vícios. Não é, como mui falsamente alguns pensam, o desenvolvimento scientifico, que tem sido a causa da irreligião na actualidade, por quanto Chevreur, Dumas, Milne, Pasteur, Lapponi, e outros muitos vultos notaveis pela sua profunda e vasta erudição scientifica, foram sinceramente religiosos.

E' evidente que o simples pensamento só pode ser castigado por Deus, que é o unico que pode perscrutar os reconditos de nossa alma; mas quando o pensamento é manifestado por palavras, signaes, figuras, deixa de ser pensamento, para ser um acto, então pode ser cohibido e castigado pelas autoridades civis e religiosas, todas as vezes que constitue uma violação das leis. Pensar o contrario, seria justificar a desordem, a anarchia, a rebellião, o proprio nihilismo. A Egreja, porque tem jurisdicção interna, como legitima rrepresentante de Deus, prohibe o pensamento criminoso, e o castiga com penas meramente espirituaes.

Trigesima terceira Instrucção.

A liberdade de consciencia.

A falsa liberdade de consciencia é tambem tão absurda e crimiuosa, como a falsa liberdade de pensamento. A verdadeira liberdade de consciencia é justa e santa. Ella consiste no sagrado direito que tem o crente de não ser embaraçado em obedecer aos rectos dictames de sua consciencia, e de resistir a todos quantos tentem pôr-lhe esse criminoso embaraço.

Os grandes santos usaram sempre desse sacrosanto direito. Eleazar desobedece ao rei Antiocho e sacrifica a sua vida só para não offender a sua consciencia. São João Baptista, perde a sua vida para pagar a sua coragem de em publico reprehender ao rei Heródes o seu incestuoso escandalo de publicamente viver em companhia da mulher do seu irmão. Os Apostolos, quando prohibidos de continuar a pregar a doutrina de Jesus, responderam: Não podemos deixar de annunciar o que nós mesmos vimos e ouvimos. Convem mais obedecer a Deus, que aos homens. Os primeiros christãos intrepidamente declaravam aos seus algomezes que podiam atormental-os e mesmo matal-os, mas não seriam capazes de os fazer renunciar ás suas sagradas crenças. Santo Ambrosio contem o imperador Theodosio, e não consente que transponha os umbraes do templo, porque tinha ordenado o massacre de todos os habitantes de Tessalonica, sem distincção de innocentes e culpados. São Thomaz de Cantorbery resiste a Henrique 2. da Inglaterra, e morre defendendo os sagrados direitos da Egreja. Bossuet do pulpito treveja contra o adulterio tendo diante de seus olhos o rei Luiz XIV. que na pratica desse crime escandalisava a toda a sua côrte e a todos os seus subditos. O

Papa São Silverio recusa ás supplicas da imperatriz Theodora, mesmo sabendo que por sua recusa seria martyrisado. Desterrado na Ilha de Pontia, elle escreveu ao seu amigo, o Bispo Amador: Eu aqui sustento-me com o pão da tribulação e com a agua da afflicção; mas nem por isso sacrifiquei, nem sacrificio os deveres de meu cargo. O seu crime foi não querer restabelecer Anthimo, que pelo Papa Agapito tinha sido deposto de sua Sé por professar a heresia eutychniana.

Aqui, no nosso querido Brazil, D. Vital e D. Macedo Costa foram processados, encarcerados; mas continuaram impavidos a resistir ao governo maçonico, que lhes ordenara o levantamento dos interdictos, lançados contra as confrarias religiosas, que em Pernambuco e no Pará se tornaram rebeldes e maçonizadas. Estes actos heroicos para manter a santa liberdade de consciencia são privativos da Igreja catholica. As seitas hereticas submettem-se sempre e em tudo aos soberanos civis. Apartaram-se do governo amoroso e paternal do Chefe soberano da Igreja; e, tornando-se perigosas por sua anarchia, foram e são, não só dominadas, mas até mesmo escravizadas pelos chefes da sociedade civil.

A falsa liberdade de consciencia funda-se em pretender ter direito de não pertencer á religião alguma. E' um verdadeiro absurdo. Havendo, como é evidente, um Deus que nos creou, conserva e nos accumula de seus beneficios, e ainda nos adoptou por seus filhos, temos naturalmente o sagrado dever de honrar, respeitar, amar esse Ente infinitamente poderoso, sabio, bom e santo. O homem que não tem religião é o subdito que recusa obedecer ao seu soberano; é o servo que recusa servir ao seu senhor; é o beneficiado que recusa ser grato ao seu bemfeitor; é o filho que recusa amar ao seu carinhoso pai. O homem sem religião é portanto um verdadeiro monstro. Com muitissima razão dizia um grande sabio: E' falso que o homem possa ser bom e honesto sem ser religioso; porque quem falta aos seus deveres para com Deus, é injusto e ingrato.

E' tambem falsa a liberdade de consciencia dos que pretendem ter direito de adoptar a religião que bem quizerem. Esta liberdade não é menos absurda que a antecedente. E' evidentissimo que cousas contrarias, oppostas, contradictorias, não podem, ao mesmo tempo, sob o mesmo respeito, serem verdadeiras, boas, e agradaveis a Deus. Portanto ha unicamente uma religião verdadeira. Na mera hypothese de não haver ou de não se conhecer uma religião, que pelos seus motivos evidentes de credibilidade sobrepuje a todas as outras, destaque-se de todas as outras; mesmo neste caso o homem não teria o direito de inventar ou escolher a religião, que mais lhe agradasse; mas deveria bem estudar,

reflectir, e então escolher e adoptar a que, em sua consciencia, reputasse ser mais conforme com a verdade, a justiça, a virtude e a santidade. Porém, havendo, como temos já logicamente demonstrado, uma que sobrepuja a todas as outras, destaca-se de todas as outras pelos seus brilhantes caracteres de antiguidade, racionabilidade, universalidade, santidade, e que sobre todas é a unica que em seu favor tem o testemunho de Deus, que é o milagre; esta, uma vez conhecida, impõe-se a todos os homens sensatos e de boa fé, e deve ser por elles professada, observada sob pena de incorrerem no desagrado de Deus, e por elle serem castigados.

Tambem é falsa e absurda a liberdade dos que pretendem ter direito de escolher da religião, que professarem, as verdades que devem crer, e os preceitos que devem observar; ou mesmo de nada crer, nem observar. Para pensar desse modo, é necessario ou estar de má fé, ou não ter minima noção, nem de sociedade, nem de religião. Quem diz sociedade, diz união, pois ella consiste na reunião de existencias particulares para formar uma existencia colectiva. Ella deve necessariamente constar de dois elementos: o activo que se chama poder e representa a unidade de direito; e o passivo que se chama obediencia, e representa a unidade de facto. Em toda sociedade deve necessariamente haver quem manda e quem obedece. Os seus membros não podem ser independentes, mas devem estar subordinados ao seu chefe, a quem compete impor os deveres, que por todos devem ser cumpridos. Querer ter direitos e ser independentes, é absurdo. A independencia repugna essencialmente á noção de direito, pois este é dado para conseguir um fim e por isso para cumprir com um dever. O pai tem o direito de governar seus filhos, justamente pelo dever que têm de protegê-los.

O mesmo deve-se dizer do soberano relativamente a seus subditos. No mundo das intelligencias as leis da vida têm absoluta necessidade duma autoridade que as proteja e vele sobre sua conservação. Assim não se concebe vida de familia, abandonada aos caprichos dos filhos e empregados; não se concebe vida civil, abandonada aos caprichos dos cidadãos. Como, pois, conceber-se vida religiosa, abandonada aos caprichos da razão individual, e mesmo das paixões? Portanto, na religião, como em toda e qualquer associação, deve haver uma autoridade soberana que dirija, mande, governe; governados, subditos que sejam dirigidos, mandados. O grande estadista francez, Thier, dizia: A liberdade de consciencia suppõe, como condição necessaria, a existencia duma autoridade religiosa, independente do Estado organisando-se e governando-se soberanamente á si mesma, de

conformidade com os principios da fé e as tradições da sua historia.

A mais absurda e criminosa liberdade de consciencia é a dos que sustentam que a Nação não deve ter religião, deve a este respeito ser inteiramente estranha e neutra. E' um erro muito facil de ser completamente combatido e pulverizado. Todos os homens conservam sempre os deveres reclamados por sua natureza, mesmo quando se reúnem para formar um corpo collectivo ou associação; porque pela reunião não perdem, nem mesmo em nada alteram a sua natureza, que é e será sempre a mesma, sejam quaes forem as occupações, empregos e profissões, que tomem. Portanto, se por sua natureza de creatura racional os homens devem ser honrados, honrada tambem deve ser a familia, que consta da reunião de homens; honrada tambem deve ser a Nação, que consta da reunião das familias. Tambem se todos os homens, como já varias vezes demonstramos, devem ter religião, a familia, que é uma reunião de homens, deve ser religiosa; e a Nação que é formada pela reunião das familias, deve ser religiosa, isto é, deve ter a sua religião propria, deve ter a sua religião official.

Ainda mais. Não ha sociedade sem autoridade, e não ha verdadeira autoridade sem Deus, de quem unicamente é que deriva o poder, porque todos os homens em si são iguaes. E' pois justissimo que todos os membros duma sociedade civil por homenagens collectivas reconheçam e amem o autor e bemfeitor da ordem social. A Nação deve, portanto, ter sua religião, protegê-la, e fazer com que ella seja por todos respeitada e acatada. Não deve forçar ninguem a professar a sua religião, nem a ninguem perseguir por motivo de religião; mas não deve consentir que a sua religião seja publicamente combatida, muito menos velipendiada pelos sectarios adversos. Deve proceder relativamente á sua religião, pelo menos, como procede relativamente ao seu regimem politico.

O regimem de neutralidade do Estado para com a Igreja encerra dois grandes absurdos: O de igualar o erro á verdade sobre o ponto de vista dos direitos; e o scepticismo religioso como razão dessa igualdade. Os que sustentam que a Nação não deve ter religião, porque é uma entidade moral, deveriam ser consequentes e tambem sustentar que ella não deve ter justiça, honra, porque é entidade moral. Os que defendem esse systema erroneo e condemnado dizem que a concurrencia das differentes seitas religiosas é um incentivo que concorre para a verdadeira religião prosperar, enganam-se redondamente. Se assim fosse, em vez de ser condemnado, seria elle aconselhado, recommen-

dado pela Igreja. Ahi estão os factos para nos convencer que o regimen da neutralidade, longe de ser favoravel, é muito pernicioso á verdadeira religião. As seitas hereticas, tão propensas a embustes e violencias lucram, extraordinariamente em sua guerra satanica contra a religião verdadeira, porque ellas impunemente lançam mão de meios e recursos, de que nunca hão de lançar os verdadeiros crentes. Os incredulos e perversos, que toleram, que mesmo favorecem todas as religiões, menos a verdadeira que extremamente aborrecem e perseguem, tiram da neutralidade um enorme partido. Nos estabelecimentos de ensino publico é horrendo crime ensinar os principios catholicos, mas é muito permittido ensinar os principios deleterios e nefandos do positivismo; e quando não leccionam a doutrina das seitas e das falsas religiões, leccionam com a zombaria, com o motejo, com o ridiculo, a despresar, a ludibriar as ceremonias, as praticas, os sacramentos da verdadeira religião. Se não ensinam religião, ensinam a indifferença, a irreligião, a incredulidade, que é muito mais funesta, que todas as falsas religiões.

No systema da neutralidade, nullificando a obediencia á autoridade divina, nullificam tambem a obediencia ás autoridades humanas. Onde impera esse regimen, imperam tambem a indisciplina, os desrespeitos aos interesses publicos, a violação dos direitos particulares, a falta de escrupulos na administração da justiça e no emprego dos dinheiros do Estado. Se o regimen da união pode tornar-se pernicioso pelos abusos, esse o é pela sua propria natureza. Um homem insuspeito e sensato não pode querer a introdução, nem a conservação desse systema. Um catholico e ainda mais um sacerdote, que defender, que elogiar o regimen da neutralidade, sacrifica a doutrina catholica, e cai fulminado pelo anathema da Santa Igreja. O Syllabus condemna estas proposições:

“A Igreja deve estar separada do Estado, e o Estado da Igreja.

Nesta epocha não convem mais que a religião catholica seja tida como a Religião unica do Estado, com exclusão de quaesquer outros cultos.” (Proposições 55 e 77).

A todos os verdadeiros patriotas offerecemos as duas seguintes sentenças, das quaes cada uma encerra um fundo de sabedoria: «Quem combate a religião, diz Platão, combate o fundamento de toda a sociedade humana. As cidades e as nações, mais apegadas ao culto divino, diz Xenophon, têm sido sempre as mais duraveis e as mais sabias.

Ao concluir, offerecemos dois factos que constituem um verdadeiro modelo do devido respeito á liberdade de

consciencia; elles se deram nos Estados Unidos do Norte, onde a religião official é o protestantismo.

Em Holyhook um vigario catholico prohibiu aos seus parochianos de assistir ás predicas, que ahi estava fazendo um padre apostata. Um cocheiro desobedecendo foi assistir ás predicas, e então o vigario prohibiu aos seus parochianos de alugarem os seus carros, e deixava de fazer os baptizados e cazamentos dos que vinham em seus carros. O cocheiro, com isso tendo um grande prejuizo, quebrou-se e requereu ao juizo competente a formação dum processo exigindo uma indemnisação. O tribunal, depois de examinar bem o caso, deu razão ao vigario, e condemnou o cocheiro a pagar as custas.

Em New-York um catholico comprou um terreno no cemiterio para a sua sepultura. Depois entrou na maçonaria, e tornou-se adversario da Egreja catholica. Por sua morte o vigario não consentiu que elle fosse sepultado no referido cemiterio. Os seus herdeiros protestaram contra o acto do vigario; e a Côrte suprema do Estado reconheceu á autoridade ecclesiastica o direito de excluir o corpo do maçõ do cemiterio, muito embora elle tivesse comprado o terreno. Exemplos dignos para todos os magistrados serios e principalmente para os catholicos.

Trigesima quarta Instrucção.

Parte primeira: As tres vidas.

Vida é a propriedade, pela qual um ser produz ou é capaz de produzir operações immanentes, que têm o *principio* e o *termo* no mesmo sujeito. Ha tres gráus de vida: vegetal, sensitivo, intellectual. Os seres vegetaes executam as suas operações, movendo-se em virtude dum principio interior; mas não conhecem o *fim* das operações, nem podem modificar a influencia ou direcção da *forma*. Por isso não dependem do impulso exterior quanto á *execução*, mas dependem quanto ao *fim* e á *forma*, que receberam da natureza. Os animaes irracionaes não só executam as proprias operações, mas executam-n'as em virtude duma forma ou conhecimento adquirido pelos sentidos; comtudo não determinam a si mesmos o *fim* do seu movimento. Por isso são independentes do impulso exterior quanto á *execução* e á *forma*, mas dependem quanto ao *fim* que lhes foi determinado pela natureza. Os seres intelligentes não só executam as proprias operações, e executam-nas em virtude de uma *for-*

ma adquirida pela intelligencia, mas tambem determinam a si mesmos o *fim* escolhendo os meios mais efficazes para o alcançarem; assim são independentes do impulso exterior quanto á *execução*, á *forma* e ao *fim*.

O principio de vida é a força, de que emana a vida.

Todos os seres vivos têm o principio de vida, que é distincto da materia organizada, pois esta transforma-se incessantemente, e elle conserva a sua especie e figura. Isto demonstra que, no ser vivo, alem da materia organizada, que se transforma, existe um principio fixo e immutavel, de que o mesmo ser tira a especie e a figura. E' este principio que, organisando a materia, lhe communica a vida. Elle se chama alma, porque é o principio de todos os movimentos ou operações immanentes dos seres vivos. Havendo tres vidas, ha tambem tres almas: a vegetativa, a sensitiva, a intellectual.

A vida não começou pela evolução da materia inorganica, que, não tendo vida, não poderia dal-a; e a experiencia mostra que todo o ser vivo deriva sempre de um outro ser vivo, que lhe communica as feições hereditarias da especie e da raça, e, as vezes, as proprias notas individuais. O que prova que a geração espontanea é inadmissivel. A vida começou por intervenção de Deus, porque, a não admittir-se o absurdo de um numero infinito de entes vivos, é forçoso admittir a existencia dum ente que sempre viveu, tendo de si mesmo a vida, para este comunicar a vida, pelo menos, ao primeiro ente, que começou a viver.

A vida não se desenvolveu nos seus tres diversos grãos pela evolução do inferior no superior, porque se assim fosse, o ser vegetativo produziria o sensitivo, e este o intellectual, dando o grão inferior ao superior uma perfeição que não tinha. A vida não se desenvolveu nas diversas especies do mesmo grão pela evolução da inferior na superior. Convem antes saber o que é especie, variedade, raça. Especie é uma collecção dos individuos, que participam da mesma natureza, e geram outros individuos semelhantes. Variedade é uma collecção de individuos, que por causa de caracteres particulares accidentaes distinguem-se dos outros representantes da mesma especie. Raça é uma collecção de individuos, que pertencem á mesma especie e que transmitem, por meio da geração, os caracteres d'uma variedade primitiva. Pelo que se vê que a variedade e a raça não constituem novas especies, mas estão contidas na mesma especie. A especie distingue-se da variedade e da raça, porque especies differentes nunca se crusam espontaneamente; e quando se crusam pela intervenção dos homens,

os seus descendentes nunca se perpetuam por ultteriores relações; pelo contrario, quando as differentes variedades ou raças da mesma especie crusam-se, os seus descendentes são indefinidamente fecundos.

A vida não se desenvolveu nas diversas especies do mesmo gráu pela evolução da inferior na superior pelas seguintes razões: A primeira é, porque, tendendo para uma especie diversa, tenderia para a sua destruição, quando é certo que todo ente natural, irresistivelmente procura a sua conservação. A segunda é, porque, se se desenvolvesse, daria á si mesma a especie uma perfeição, que antes não tinha, e cada um só pode dar aquillo que tem. A terceira é, porque os entes actuaes, em vez de serem differentes dos antigos da mesma especie, lhes são inteiramente semelhantes. A quarta é, porque pela experiencia sabemos que todo ente deriva de outro da mesma especie, e assim o boi vem do boi, o cavallo do cavallo, o jumento do jumento. Quando por uma união hybrida são produzidos entes dessemelhantes, elles pela continuação ou extinguem-se, ou, aperfeiçoando-se, voltam á sua especie.

A variedade de especie só pode ser produzida pela intervenção de Deus, que, sendo o unico ente perfeito pela força de sua propria natureza e essencia, é o unico principio, de que podem dimanar todas as perfeições. Deus, a principio, creando os entes irracionaes, deu a cada um delles um germen de vida, apto para pelo desenvolvimento natural formar outros entes semelhantes e pertencentes á mesma especie. Os vegetaes, porque vivem, têm alma, que é o principio da vida. Todos os entes corporeos ou physicos têm sua forma substancial, que é a perfeição, que colloca cada um em determinada especie, e o distingue de todos os outros de diversa especie. A alma é a forma substancial do vegetal. Ella é substancia, porque toda a forma substancial é substancia; é simples, porque, sendo forma, não pode ser composta; é substancia incompleta, porque como forma substancial é destinada a unir-se a um corpo para com elle formar uma substancia completa, que se chama supposto; é material, porque, embora simples e incorporea, de tal modo depende da materia, que sem esta não pode operar; não é espiritual, porque para operar depende da materia.

A alma do vegetal, dependendo da materia para operar, forma-se com a sua organização e desaparece com a sua desorganização. Alguns autores querem que com a divisão da materia divida-se tambem a alma dos vegetaes; outros, ponderando que em um ser simples não se pode conceber divisão, querem que ella se multiplique. As ope-

rações dos vegetaes são a nutrição, o crescimento e a reproducção. A alma dos vegetaes é reproduzida pela força existente no germen, e impressa por Deus no principio das cousas em cada especie vegetal, de que deriva o proprio germen; de modo que aquella força deriva immediatamente da planta, e mediatamente de Deus.

Costumam perguntar: Para onde vai a alma do vegetal, quando elle morre? As almas dos vegetaes, bem como as dos irracionaes, não sendo espirituaes, mas materiaes, não são subsistentes, nem têm vida propria, e por isso só podem existir na materia. Pela morte do vegetal ou do animal irracional, a alma vegetativa ou sensitiva desaparece, e o corpo destituido de vida toma uma outra forma substancial, que lhe seja propria, porque nenhuma materia prima pode existir sem ter uma forma substancial, que a determine á uma especie. Convem notar que não ha nenhuma contradicção em dizer que a alma do vegetal e a do animal irracional é simples e ao mesmo tempo material, porque simples é opposto a corporêo, e material é opposto a espiritual.

Tudo quanto fica dito sobre a vida e a alma dos vegetaes é applicavel á vida e á alma dos animaes irracionaes, porque pertencendo estes a um gráu superior têm todas as propriedades contidas no gráu inferior. Assim os animaes irracionaes, tendo vida, têm alma, que é substancia, forma substancial, simples, material, incompleta, insubsistente, que se forma com a organização e desaparece com a desorganização da materia. Os animaes irracionaes, alem das faculdades proprias da vida vegetativa, têm tambem as proprias da vida sensitiva, que são as faculdades *perceptivas, appetitivas, locomotivas, vocal*. O animal irracional só conhece objectos *materiaes* na sua *singularidade*, isto é, cercados e determinados pelas condições individuaes, que os tornam singulares e concretos, porque só pertence á razão conhecer os objectos *immateriaes* e os *materiaes* em sua *universalidade*, isto é, abstrahidos de todas as condições *individuaes*. Os animaes têm sentidos externos e internos. Os externos são a vista, o ouvido, o olfacto, o gosto e o tacto. Os internos são o sentido commum, a imaginação, a força estimativa e a memoria sensitiva. O sentido commum é a faculdade, pela qual o animal conhece as sensações dos sentidos externos e as suas diferenças. Por este sentido elle percebe directa e immediatamente as sensações dos sentidos externos, que a elle convergem, como ao centro commum; e indirecta e mediatamente percebe o proprio organismo e o objecto das suas sensações. O animal mostra ter esta faculdade, pois experimenta ao mesmo tempo varias sensações, relativas a diversos sentidos externos.

A imaginação é a faculdade, pela qual o animal conserva e reproduz as imagens sensíveis dos objectos externos, reproduzindo-as mesmo na ausencia dos objectos externos. A prova de que elle tem essa faculdade, é que elle conserva as imagens do dono, da casa, do ninho, da comida e de outros muitos objectos; e é em virtude dessas imagens que elle tende para os objectos representados, ainda quando estes estão longe ou nem mais existem. Ainda mais, o animal sonha, e quando sonha grita, move-se, como se estivesse na presença dos objectos representados.

A força estimativa é a faculdade, pela qual o animal percebe nos objectos materiaes certas relações concretas de vantagem ou de damno, que escapam aos outros sentidos. Assim elle procura quem o alimenta, e foge de quem o castiga.

A memoria sensível é a faculdade pela qual o animal recorda as proprias imagens ou sensações passadas. Esta faculdade é distincta da imaginação, que não conserva, nem reproduz as imagens, nem as sensações em quanto passadas. A prova desta faculdade é que o animal insiste em portar e parar no lugar em que ha muito tempo parou e lhe deram o que comer. Todos esses quatro sentidos internos residem no cerebro, do qual partem e para o qual convergem os nervos de cada um dos sentidos externos. Se, pois, por qualquer motivo, se interromper a comunicação entre os nervos sensitivos de um sentido externo e o cerebro, em que reside o órgão do sentido commum e dos outros sentidos internos, o animal não advertirá mais na sensação, nem no objecto, que o determinou. A faculdade appetitiva é aquella pela qual o animal tende para o bem conveniente á sua natureza sensitiva, e percebido pelos sentidos. Este appetite não é livre, porque o animal não tendo idéa do universal, não pode escolher a forma ou o modelo das suas operações, mas só pode operar por um modo determinado e singular, visto que determinadas e singulares são todas as formas ou modelos da sua imaginação. Esta faculdade é commumente conhecida pelo nome de instincto.

Tem ainda o animal a faculdade locomotiva, pela qual elle espontaneamente trasporta-se de um lugar para outro, ou para procurar algum bem ou para fugir de algum mal. Tem enfim a faculdade vocal, pela qual elle exprime e comunica os seus conhecimentos e paixões por meio de som, proprio da sua especie.

Parte segunda.

A vida intellectual é a do gráu mais elevado : é a vida do homem que consta da união duma alma racional com um corpo organico. O primeiro corpo humano foi immediatamente creado por Deus ; e, como demonstra a experiencia, actualmente o corpo do homem deriva de um outro homem. Quando Deus formou o corpo do primeiro homem, deu-lhe a virtude ou poder de transmittir aos outros a sua semelhança e assim perpetuar a propria vida. O corpo humano em sua organização passa por tres phases. A materia não pode receber a forma, senão quando estiver disposta em relação á mesma forma ; e só está disposta, quando o corpo está sufficientemente organizado, pois que a alma é forma substancial do corpo organizado. Na primeira phase o embryão está apenas dotado da vida vegetativa, procedente da forma substancial vegetativa ; na segunda elle já tem a vida sensitiva, procedente da forma sensitiva ; e na terceira elle tem a vida intellectual, procedente da forma substancial intellectual, a alma espiritual, que, alem das funcções intellectuaes, exerce tambem as funcções vegetativas e sensitivas, proprias das duas vidas anteriores. Quando se produz a forma sensitiva, cessa a vegetativa ; e quando se produz a forma intellectual, cessa a sensitiva ; porque a forma superior contem virtualmente a inferior ; e porque a materia organizada não pode ao mesmo tempo conter mais que uma forma substancial. E' theoria muito differente da dos transformistas, pois o embryão é destinado desde o seu começo a formar um corpo humano, e continúa a ser sempre *embryão humano*, que passa pelas formas inferiores até chegar ao seu completo desenvolvimento, não admittindo-se uma especie superior *indeterminada*, que possa no desenvolvimento constituir especies superiores ou diversas, tantas, quantas são as phases do mesmo desenvolvimento.

A alma humana, como a vegetativa e a sensitiva, é forma substancial ; é substancia incompleta ; é simples ; é principio de todas as faculdades organicas, tendo, como ellas, o sujeito dessas faculdades no composto, formado pela união da forma com o corpo organico. Mas, alem de ser simples, ella é espiritual, e como tal é immensamente superior á todas as outras formas substanciaes. A espiritualidade da alma demonstra-se pelas operações de sua intelligencia, porque estas sendo effeitos provam a natureza da essencia, que é a causa. A intelligencia conhece objectos meramente immateriaes, ou espirituaes, como sejam Deus, a justiça, a virtude, a

ordem, as relações entre causa e effeito. Devendo entre a faculdade e o seu objecto existir uma proporção, se ella não fosse espirital, não poderia conhecer, senão objectos materiaes, extensos e concretos. A intelligencia, penetrando no intimo dos objectos materiaes, conhece a sua essencia, que é immaterial, universal e necessaria. Ora se ella não fosse espirital não poderia ter esse conhecimento, porque uma faculdade organica só attinge os objectos que nella fazem impressão, e que por isso são materiaes, singulares, contingentes. A intelligencia, reflectindo sobre si mesma, conhece os seus actos, affirma a sua identidade e permanencia; porém ella não poderia isto fazer, se não fosse espirital, e fosse composta de partes extensas, porque uma parte extensa pode reflectir sobre parte extensa; mas nunca sobre si mesma.

Sendo a alma, como ficou provado, espirital e por isso não dependendo intrinsecamente da materia para operar, della tambem não depende para existir, porque o modo de existir é correspondente e proporcionado ao modo de operar. Mas não dependendo da materia para existir, não pode tambem della depender na sua origem, porque o modo de existir é correspondente e proporcionado ao modo de começar. A origem é o começo da existencia, e todo ser possui no seu começo a mesma natureza que conserva em toda a sua duração. Se, pois, a alma, como espirital que é, não depende da materia em sua existencia, della não dependem em sua origem; e por isso não foi formada pela e com a organização da materia, mas foi tirada do nada, e creada por Deus.

Sendo a alma forma substancial do corpo organizado, não podia existir antes delle, porque a forma deve sempre ser proporcionada á materia, que vai informar. Não podia existir antes do corpo organizado, porque é a materia que individualisa a forma, e nenhum ente pode existir sem ser individuo. Não podia existir antes do corpo organizado, porque é substancia incompleta, e nenhum ente individuo pode existir sem ser completo. Completando-se mutuamente na formação do composto, a alma e o corpo formam entre si uma intima e amistosa união, e auxiliam-se reciprocamente. A alma e o corpo pela sua união, constituindo o homem, constituem uma substancia completa, racional, subsistente em si mesma; constituem enfim uma pessoa. Não sendo nem só a alma, nem só o corpo, que vegeta, que sente, mas o composto de alma e de corpo; pela sua união a alma e o corpo formam um só principio adequado de operações, e constituem, alem duma só pessoa, tambem uma só natureza.

Ha entre a alma e o corpo um mutuo influxo. A alma recebe as impressões do corpo, e o corpo participa dos sentimentos da alma. A alma está no corpo, não quanto á sua *extensão*, pois ella, porque é simples e espirital, não é dotada de partes; mas quanto á sua *essencia e energia*. Sendo a alma que ao corpo communica a vida, e sendo todo o corpo dotado de vida, segue-se que a alma está em todo o corpo. Mas, não só todo o corpo, como tambem cada uma de suas partes é dotada de vida, segue-se que a alma, está em cada uma das partes do corpo. A essencia da alma, por ser simplicissima, não pode dividir-se; portanto, quanto á essencia, a alma está ao mesmo tempo toda inteira em todo corpo, e toda inteira em cada uma de suas partes. Como a energia, que constitue a vida vegetativa e sensitiva para o seu exercicio precisa do auxilio dos órgãos, que não existem em todo o corpo, nem em cada uma de suas partes, a alma, quanto á sua energia, está unicamente nas regiões, em que se acham esses órgãos. As regiões do corpo humano, a que a alma communica maior energia, são o cerebro e o coração.

Parte terceira.

A alma tem faculdades organicas e inorganicas. Ella é o principio de todas as faculdades, mas é sujeito unicamente das inorganicas. As faculdades organicas residem no composto, como em seu sujeito, porque uma qualidade material, como é toda a faculdade organica, só pode residir num sujeito material, como é o composto de alma e corpo. As inorganicas só podem residir na alma, como em seu sujeito, porque uma qualidade espirital, como é uma faculdade inorganica, só pode residir num sujeito espirital, como é a alma. As faculdades distinguem-se das operações, pois estas são effectos e aquellas são causas. As faculdades organicas ou sensitivas da alma humana são, mais ou menos, semelhantes ás dos animaes irrationaes, das quaes já tratamos; porisso aqui apenas trataremos das faculdades inorganicas ou intellectuaes, que são intelligencia e vontade.

A intelligencia é a faculdade, pela qual o homem percebe o immaterial, que pode ser abstracto, como é o homem, ou concreto, como é Deus. Tanto a intelligencia, como a vontade, são faculdades espirituaes. A alma humana, occupando o gráu supremo entre as substancias sensitivas, e o infimo entre as intellectuaes, deve possuir as faculdades pro-

prias das substancias sensitivas e tambem as proprias das substancias intellectuaes, que são intelligencia e vontade. Ora as faculdades das substancias intellectuaes são espirituaes, pois que, não tendo ellas corpo, exercem essas duas faculdades sem auxilio de órgãos corporeos. Logo a intelligencia e a vontade da alma humana são faculdades espirituaes. O objecto da intelligencia é o immaterial, que é a essencia das cousas immateriaes, ou materiaes, quando abstractida de suas qualidades materiaes.

A intelligencia tem os nomes de razão, consciencia, memoria intellectual. Chama-se razão, quando, por meio do raciocinio, de verdades já conhecidas ella deduz outras verdades ainda não conhecidas. Intelligencia e razão não são duas faculdades, mas dois nomes da mesma faculdade. A intelligencia chama-se consciencia, quando pela reflexão ella percebe a existencia actual das suas operações espirituaes; percebe as operações, não só como presentes, mais ainda como proprias. A intelligencia chama-se memoria intellectual, em quanto conserva as proprias percepções passadas, e as reconhece como proprias e como passadas. A memoria intellectual é especificamente distincta da memoria sensitiva, porque o objecto desta é material, sensivel, e o daquella é immaterial, espiritual. Alem disso, a memoria intellectual, não só conserva as proprias percepções passadas, o que tambem faz a sensitiva; mas ainda, por ser dotada de reflexão e de poder abstractivo, *reconhece* essas percepções *como proprias* e como *passadas*; o que não faz a sensitiva, que não tem a capacidade de reflectir sobre si mesma e de conhecer o abstracto, como é o passado em *quanto tal*.

A vontade é a faculdade pela qual tende para o bem immaterial, conveniente á sua natureza racional, e *percebido por meio da intelligencia*. A vontade distingue-se do *appetite natural*, porque este nasce da propria *natureza* do ente, sem percepção precedente; ao passo que a vontade suppõe uma previa percepção do bem. Ella se distingue tambem do *appetite sensitivo*; porque este tende para um bem *sensivel*, e aquella para um bem immaterial. Ella se distingue ainda da intelligencia, porque o objecto desta faculdade, embora seja materialmente identico ao da vontade, todavia é formalmente diverso d'elle; visto que a intelligencia apprehende o ente, em quanto é *verdadeiro*, e a vontade tende para o ente, em quanto é *bom*. A vontade é uma faculdade espiritual, porque, entre outras muitas razões, ella pode reflectir sobre si mesma e sobre os seus proprios actos, como constantemente o faz; e, como já notamos, uma faculdade organica, material, nunca isso poderá fazer.

Liberdade é uma propriedade, pela qual a vontade é senhora dos seus actos; de modo que, proposto um objecto, ella pode ou querer ou deixar de querer, ou querer um bem diverso e até opposto. A vontade, emquanto dotada de liberdade, chama-se livre arbitrio. A vontade não é livre, quanto ao bem universal, porque este, constituindo a verdadeira felicidade, não pode deixar de ser desejado por um ente intelligente; ella é livre quanto aos bens particulares, por que, elles não constituindo a verdadeira felicidade, ella não é para elles naturalmente arrastada; determina-se á si mesma na escolha do que, por qualquer motivo, mais na occasião lhe agrada. A consciencia antes, no momento e depois do acto, attesta que a nossa vontade é livre. Antes, porque sentimos que podemos fazer ou deixar de fazer; no momento, porque conhecemos que podemos deixar e muitas vezes deixamos o acto incompleto; depois, porque reprovamos o acto, que reputamos máu, e approvamos o acto, que reputamos bom: reprovação e approvação, que não teriam razão de ser, senão estivessemos convencidos de que eramos livres de praticar ou não praticar o acto.

A intelligencia e a vontade auxiliam-se mutuamente. A intelligencia apresenta á vontade o objecto ou como bom para ser abraçado, ou como máu para ser repellido. A vontade determina a intelligencia a considerar ou não considerar o objecto, para verificar se elle é verdadeiro ou falso. A intelligencia é mais nobre que a vontade, porque é ella que mostra á vontade o bem, a que ella deve tender.

Parte quarta.

Agora vejamos como a alma humana opera para conseguir os seus conhecimentos. Para com mais facilidade se comprehender as explicações, vamos antes dar a definição dos termos scientificos que nellas serão empregados, e que são os seguintes: Intelligencia possível é a intelligencia em quanto tem aptidão para operar; e intelligencia agente é a mesma intelligencia que está operando. Especie sensível, ou phantasma, é a imagem da essencia, cercada de suas condições materiaes; e especie intelligível é a imagem da essencia, abstrahida de suas condições ou propriedades materiaes. Verbo mental é a imagem espirital do objecto já conhecido, que por meio da especie intelligível a intelligencia possível reproduziu e exprimiu em si mesma. O verbo mental é o espelho em que se reproduz a imagem do objec-

to, que é a especie intelligivel. Assim a especie intelligivel representa o objecto como cognoscivel, e o verbo mental o representa como já conhecido. O objecto do conhecimento intellectual ou é um ente material, ou é um ente immaterial. Se é ente material, é apresentado pelos sentidos externos, porque o material só pode ser percebido por faculdades materiaes; se o ente é immaterial, tambem deve ser apresentado pelos sentidos externos, porque não podemos nos elevar ao immaterial, senão por meio do material, e este é objecto dos sentidos. O objecto, não podendo unir-se aos sentidos em sua realidade physica, é necessario que a elles se una por meio de sua imagem, que passando pelo sentido commum vá unir-se com a imaginação. Essa faculdade, unindo-se com a imagem, a reproduz e exprime em si mesma; e é essa reproducção que se chama *especie sensivel* do objecto.

A especie sensivel, formada pela imaginação, deve operar na intelligencia possivel para determinar esta faculdade á percepção do objecto; mas ella, sendo material e concreta, não pode, só por si, operar na intelligencia, que é immaterial. Torna-se, pois, necessaria a intervenção duma força que, operando na especie sensivel, abstraia da essencia as propriedades materiaes, e assim a torne capaz de operar na intelligencia e de produzir uma *especie intelligivel*, necessaria para a percepção intellectual. Essa força abstractiva é a *intelligencia agente*. A intelligencia possivel, porque não pode unir-se ao objecto para perceber-o sem ser por meio de uma imagem immaterial, une-se ao objecto por meio da especie intelligivel, e reproduz em si mesma a imagem espiritual, que é a especie intelligivel. Esta reproducção é que se chama *verbo mental*; e é por elle que a intelligencia falla consigo mesma, indicando ou exprimindo o objecto percebido.

Em resumo, assim se produz o conhecimento intellectual: O objecto com a propria acção imprime a sua imagem nos sentidos *externos*, e, por meio destes, no *sentido commum* e na *imaginação*. Esta faculdade recebendo a imagem, forma a *especie sensivel*, que representa a *essencia* do objecto cercada das condições materiaes. A *especie sensivel*, em virtude da *intelligencia agente*, produz e imprime na *intelligencia possivel* a *especie intelligivel*, que é a essencia do objecto, *abstrahida* das condições materiaes. A *intelligencia possivel*, recebendo a *especie intelligivel*, produz o verbo, que é uma semelhança do objecto representando pela mesma *especie intelligivel* e em que se percebe o proprio objecto.

Digamos alguma cousa, embora muito resumidamente, do modo pelo qual se desenvolve o conhecimento intellectual, que pode ser considerado subjectiva, ou objectiva-

mente. O conhecimento subjectivo refere-se ás diversas operações, que a intelligencia produz, e são a *simples apprehensão*, o *juizo*, o *raciocinio*. A simples apprehensão, que tambem chama-se *idéa* ou *conceito*, é a operação, pela qual a intelligencia percebe uma cousa, sem comtudo lhe attribuir ou negar alguma propriedade ou attributo. As suas principaes manifestações são a *atenção*, a *abstracção*, a *generalisação*, a *comparação* e a *reflexão*. A atenção é a concentração da intelligencia sobre um objecto, para melhor o conhecer. Dá-se a *abstracção*, quando se considera isoladamente uma propriedade ou elemento, separando-o *mentalmente* ou do sujeito a que pertence, ou das outras propriedades, de que na *realidade* é inseparavel. A abstracção é a propria atenção concentrada, não sobre um objecto, mas sobre um dos modos do objecto, com a exclusão dos outros; ou sobre a substancia, com a exclusão dos modos. Ella admite diferentes gráus. Porquanto ou podemos prescindir da materia *individual*, e só considerar a materia *commun*, como faz a Physica; ou prescindimos tambem da materia *commun* e só consideramos a *quantidade*, como faz a Mathematica; ou prescindimos da materia *commun* e da *quantidade*, e consideramos a *essencia* das cousas, como faz a Metaphysica.

A generalisação consiste em formar uma noção ou idéa, que, embora seja *una*, contudo representa muitas cousas. Ella é um effeito da abstracção, e admite os mesmos gráus.

A comparação é uma operação da intelligencia, pela qual approximamos dois objectos ou duas idéas para conhecermos as suas relações. Suppõe varios actos de atenção, pelos quaes nos representamos dois objectos ou duas idéas. A reflexão é a operação, pela qual tornamos a pensar num objecto ou num acto já conhecido; por isso ella pode ser *ontologica*, *psycologica*, conforme o seu termo é o objecto do conhecimento directo ou é acto do sujeito pensante.

Juizo é uma operação, pela qual affirmamos que dois objectos, anteriormente percebidos, convêm ou não convêm entre si. E' uma apprehensão complexa.

Raciocinio é um acto da intelligencia, pelo qual, depois de termos comparado dois termos com um terceiro, concluimos que elles convêm, ou não, entre si. O conhecimento objectivo diz respeito ás substancias materiaes ou immateriaes. A intelligencia conhece as substancias materiaes em sua generalidade, isto é, em sua essencia, directamente, porque ellas são as que primeiramente, por suas qualidades concretas, impressionam os sentidos, e, pela sua essencia, abstrahida das propriedades individuaes, actuam na propria

intelligencia. A intelligencia conhece as substancias materiaes em sua singularidade; mas indirectamente por meio da *essencia universal*, abstracta, que está contida no objecto singular e material, representado pela *imagem sensivel*, de que ellas foram abstrahidas pela *intelligencia agente*. A intelligencia conhece a alma, que é uma substancia immaterial; mas conhece indirectamente, pois a conhece pela existencia e natureza das suas operações intellectuaes, como pela natureza do effeito se conhece a da causa. A intelligencia conhece Deus, que é uma substancia immaterial; mas o conhece indirectamente, porque o conhece por meio das creaturas, elevando-se do conhecimento dos entes contingentes relativos, finitos, ao conhecimento do Ente necessário absoluto, infinito.

Examinemos em que e como a alma que é espiritual, depende do corpo, que é materia. Ella é *intrinsecamente* independente da materia, em quanto com esta não constitue o principio adequado das operações intellectuaes; porque é só a alma que pensa, e não uma faculdade organica, isto é, composta de alma e de corpo. Comtudo a alma humana depende da materia *extrinsecamente*, porque as faculdades sensitivas apresentam os objectos, que depois a alma por si só percebe.

Só porque do perfeito estado do cerebro depende o regular funcionamento da intelligencia, já os materialistas ousam affirmar que o pensamento não é mais do que uma secreção do cerebro. O pensamento não é, nem mesmo não pode ser producto do cerebro, porque aquelle é abstracto, incorporeo, não tem figura, nem peso, prescinde das circumstancias ou condições de tempo e de lugar; este pelo contrario é concreto, sensivel, tem figura e peso, e está determinado pelas circumstancias de tempo e de lugar. Ora o simples bom senso nos assegura que é um tremendo absurdo um effeito ser dotado de attributos oppostos ou superiores aos attributos, de que é dotada a sua causa, porque esse effeito, não tendo uma causa proporcionada, equivaleria a um effeito sem causa. Demais, tudo quanto um órgão segrega, é material, divisivel, ponderavel. Entretanto o pensamento é immaterial, porque apprehende o universal, o espiritual; é indivisivel, pois repugna que um conceito abstracto, como o de *virtude*, de *justiça*, possa ser dividido em partes; é imponderavel, porque é absurdo dizer-se que uma idéa pesa. O cerebro é, ninguem nega, uma condição do pensamento. O que a luz é para os olhos, o cerebro é para a intelligencia. Os olhos têm a aptidão, têm a propriedade para ver, mas, não podem ver sem a luz. Assim a intelligencia é quem percebe e entende; mas, em quanto a alma estiver unida ao

corpo, não pode perceber, nem entender sem o auxilio dos sentidos e especialmente do cerebro, para onde convergem todos os sentidos.

Em conclusão, o pensamento deriva *exclusivamente* da intelligencia, porem exige, como *condição indispensavel*, o concurso do cerebro. E' por esse motivo que no infante a intelligencia não se desenvolve, sem que o cerebro tenha se desenvolvido, pelo menos, na parte em que se localizam os sentidos internos. E' por isso que uma lesão pequena nessa parte do cerebro perturba o funcionamento da intelligencia ; ao passo que uma maior offensa em outro lugar do mesmo cerebro, pode não produzir nem minima perturbação nas funcções intellectuaes. O espirito, tanto na mocidade, como na velhice, tanto na robustez, como na enfermidade, é sempre o mesmo ; toda e qualquer alteração que soffre no exercicio de suas faculdades, provem das alterações soffridas pelo cerebro, que, não sendo principio, é comtudo uma condição indispensavel á regularidade das percepções intellectuaes.

Parte quinta.

A alma humana, sendo espiritual, não depende da materia para existir ; por isso nem começou a existir pela organização do corpo, nem deixará de existir pela sua desorganização. Tendo ella sido immediatamente creada por Deus, é subsistente, e só poderá desaparecer pela destruição, feita pelo mesmo Deus : o que não acontecerá, como logo adiante demonstraremos. Sendo forma substancial, cada alma humana refere-se a um determinado corpo ; e esta relação transcendental, que faz com que a alma seja individua e diffira numericamente das outras almas, constitue a propria essencia da alma humana. Ora, sendo immutavel a essencia de todo ente, a alma deve necessariamente conservar essa relação com o corpo, pelo qual foi individualisada ; e portanto nunca poderá informar um outro corpo, podendo unicamente segunda vez informar o corpo, de que foi separada, caso por um milagre elle fosse de novo reconstituído por Deus. Pelo que é evidente que a theoria das reencarnações que constitue a base do spiritismo, é completamente absurda.

Se todas as almas humanas são creadas por Deus immediatamente ; se todas são espirituaes e formas substanciaes e subsistentes, são todas perfeitamente iguaes ? *Especificamente* são todas iguaes, porque pertencem á mesma es-

pecie; mas *entitativamente* são desiguaes, porque umas são creadas para informar corpos mais fortes ou perfectos. A forma deve ser proporcionada ao organismo, o qual pode ser menos ou mais perfeito. Assim todas as almas humanas têm as mesmas perfeições especificas; mas umas possuem as mesmas perfeições, porém num gráu mais intenso. Deus crea a alma humana no proprio organismo, e por isso a elle proporcionado.

A alma é a parte mais nobre do homem; por isso conhecendo-se o fim para o qual Deus creou a alma, ficamos tambem conhecendo o fim para o qual foi creado o homem. Todo agente racional não opera sem ter um fim, pois é o fim que o determina ou dispõe á operação. Em todas as operações dos agentes racionaes é necessario distinguir-se um duplo fim: o fim do agente e o fim da obra. O fim do agente é o motivo que o leva a produzir a obra. O fim da obra é o destino que o agente dá á propria obra. Estes dois fins podem ser distinctos um do outro, e podem tambem identificar-se. Na criação da alma encontramos estes dois fins. O fim do agente é o motivo que levou Deus a crear a alma. Este fim é e não podia deixar de ser a gloria de Deus; pois Deus não pode deixar de ser o centro de todos os louvores e homenagens das creaturas. O fim da obra é o destino, que Deus deu á alma, e portanto ao proprio homem. E' deste destino que nos vamos occupar. Todo ente deve naturalmente tender para o seu fim; portanto pelas suas tendencias naturaes conhece-se perfeitamente qual é o seu fim. Para a alma humana o desejo de felicidade é uma lei natural; é um impulso constante, forte e irresistivel. Não ha, nem pode haver ninguem que não deseje ser feliz. Procura-se a felicidade sempre e em toda a parte. Todos os nossos actos, mesmo os que nos causam remorsos e inquietações, derivam do ardentissimo desejo de felicidade. Porquanto, todo fim *inferior* ou *proximo* dos actos humanos está mediata ou immediatamente subordinado ao fim *supremo* ou *ultimo*, que é a felicidade. O nosso fim é portanto a felicidade, pois que todos ardentissimamente desejamos ser felizes; mas em que consiste a felicidade? Ella consiste, só pode consistir no bem universal, que, contendo todos os bens e excluindo todos os males, nada deixa a desejar e assim socega, satisfaz á alma. Os bens terrenos nem socegam, nem satisfazem, porque, contendo tambem males, não contêm todos os bens. Quando a alma tende aos bens particulares, é só porque elles participam do bem universal. Essa tendencia, sendo natural, não é em si criminosa: o mal consiste em fazer dos bens *finitos* o fim *ultimo*, quando elles apenas são meios para se conseguir o bem

universal, que é Deus, principio, origem, causa de todos os verdadeiros bens. Mas Deus, sendo um ser espiritual, a nossa alma só o pode possuir pela intelligencia, conhecendo-o, e pela vontade, amando-o. Aqui no mundo o conhecimento e amor de Deus não podem completamente saciar todas as aspirações da alma, porque andam mesclados de males e perigos, incertezas e afflicções; portanto, nesta vida, só pode haver felicidade imperfeita.

No céo será perfeita, porque conheceremos e amaremos a Deus perfeitamente; e, possuindo-o perfeitamente, possuiremos perfeitamente a essencia de todos os bens, e sere-mos assim, ao mesmo tempo, isentos de todos os males. Mas esse conhecimento perfeito, sendo superior á nossa natureza, constitue felicidade sobrenatural; e é só o conhecimento imperfeito, que aqui podemos ter de Deus, tirado do conhecimento de suas creaturas, que está ao nosso alcance, mas esse constitue felicidade natural. Só nos era devida essa felicidade natural; porém, Deus, em sua immensissima bondade, nos destinou á felicidade sobrenatural, que consiste em conhecer, amar perfeitissimamente a verdade e o bem soberano, infinito e eterno, contemplando-o como elle realmente é em sua divina essencia. Eis o fim sublime e santissimo para o qual Deus creou a nossa alma.

Para que a alma humana possa ser verdadeira e perfeitamente feliz, é necessario que possa sempre gozar, e portanto que tambem possa sempre viver, isto é, que seja immortal. A immortalidade é a propriedade, pela qual uma substancia viva não está sujeita á morte, mas é destinada a viver eternamente. A immortalidade pode ser intrinseca ou extrinseca. É intrinseca quando em si não tem nenhum principio de decomposição, de modo que, em virtude de sua propria natureza, é destinada para viver eternamente. É extrinseca, quando não pode ser destruida por nenhum agente exterior. A alma humana é intrinseca e extrinsecamente immortal, porque, sendo simples, não pode acabar pela decomposição de partes; e porque, sendo espiritual, é independente da materia, e assim não pode acabar pela decomposição do organismo, em que existe e opéra. Ella é ainda extrinsecamente immortal, porque sendo espiritual, só poderia acabar pela aniquilação, o que nunca poderá acontecer. Só pode destruir quem pode crear, pois a destruição demanda de tanta força, como a criação. Portanto só Deus, que é creador, é que poderia aniquilar a alma humana; porém elle nunca fará, porque não aniquila nem uma das suas mais insignificantes creaturas. É principio corrente entre todos os grandes naturalistas e chimicos que em toda natureza nada perde-se, porque nada se aniquila.

O dogma da immortalidade da alma é provado pelo consenso unanime de todos os povos. Cicero diz: O consenso de todas as nações, assim como nos leva a reconhecer a existencia de todos os deuses, tambem nos obriga a admittir a sobrevivencia das nossas almas.

Bossuet escreve: As historias antigas e modernas attestam que a idea duma vida immortal se encontra confusa nos povos selvagens, porem clara e distincta nos povos, que têm um exacto conhecimento de Deus; pois estes veem que a creatura racional pode viver eternamente feliz, admirando as grandezas de Deus, os planos da sua sabedoria e belleza de suas obras.

Lamennais diz: A immortalidade da alma, dogma capital, de que ninguem, como diz Celso, pode afastar-se, foi sempre uma crença universal do genero humano, como confessam os mais fogosos adversarios do Cristianismo. Essa crença funda-se na bondade e sabedoria de Deus, que, não aniquilando nem um pequenino atomo da materia, nunca, em caso algum, ha de aniquilar a alma, em que elle se dignou gravar a sua propria imagem e semelhança.

Vejamos, enfim, quaes são as operações que poderá produzir a alma humana, depois de separada do corpo. Algumas operações ella deve produzir, porque tudo quanto existe, opera, e tudo quanto opera existe. Com toda certeza ella não pode produzir operações organicas, porque, embora ella seja o principio e a raiz de todas as operações *vegetativas e sensitivas*, não é o seu sujeito, pois não é a alma só, que vegeta e sente, mas é o composto de alma e corpo. Se o sujeito das facultades organicas é o composto humano, é claro que a alma, separada do corpo, não mais produz as operações organicas. Depois da separação a alma conserva, *não actualmente*, mas só *virtual* ou *radicalmente* as facultades organicas, á semelhança duma arvore, cuja raiz, embora não possua *actualmente* o tronco e os ramos, comtudo ainda conserva a virtude de produzil-os. Se, como já dissemos, por um milagre, o corpo, antes por ella animado, fosse por Deus reconstituído, ella poderia de novo animal-o.

Das facultades intellectuaes, que são intelligencia e vontade, a alma é, não só principio, mas tambem sujeito, porque propriedades espirituaes só podem residir em sujeito espiritual: e, sendo dellas sujeito, pode, mesmo separada do corpo, continuar a produzir as operações intellectuaes. Ella produz essas operações por meio das *especies* intelligiveis, de que já fallamos; especies intelligiveis que ella formou durante a união com o corpo, e as que Deus lhe infundir na intelligencia, depois da separação. E' claro que nos referimos ao conhecimento *natural* da alma sepa-

rada do corpo, conhecimento que lhe compete, segundo a *exigencia de sua natureza*; porquanto, o meio ideal do conhecimento *sobrenatural* dos *bemaventurados* não é a especie intelligivel do objecto conhecido, mas é a propria Essencia de Deus, contemplada *intuitivamente*.

A alma separada do corpo conhece as causas *imateriaes* do mundo corporeo; os objectos materiaes na sua *singularidade* por meio das especies intelligiveis, infusas por Deus; e principalmente as substancias espirituaes. Portanto a alma, separada do corpo, conhece a essencia de todos os seres, as almas, os anjos, Deus. Cumpre notar que esse conhecimento de Deus, sendo o conhecimento natural, será unicamente *inadequado* e *abstracto*, não se tratando aqui do conhecimento *sobrenatural* dos *bemaventurados*.

Pela theoria exposta sobre as tres vidas ficaram completamente refutados os absurdos da *geração espontanea* e *transformismo*; entretanto, como complemento dessa refutação, vamos referir os factos examinados e averiguados por grandes sabios, que tão brilhantemente combateram esses dois erros, contrarios á doutrina catholica e aos principios da verdadeira sciencia.

Numa discussão que teve lugar diante da Academia das Sciencias de Paris, Pouchet de Rouen sustentou que o liquido, por si e sem germen, basta para produzir os pequenissimos seres vivos, que se agitam nas aguas expostas á acção do ar. Sobre os outros seres vivos, maiores, não havia mais duvida de que provinham de germens. Pasteur affirmou que não havia vida sem germen, e que, se nas aguas expostas á acção do ar existem seres vivos, estes nascem dos germens, que enchem a atmospherá até a uma certa altura, e que, transportados pelos ventos num meio humido e quente, se desenvolvem e produzem vegetaes e animaes de pequenissimas dimensões. Em prova disso Pasteur fez algumas experiencias, e, tomando todas as precauções, poude impedir todo o contacto do liquido com o ar, e por isso a introducção dos germens; e a vida não appareceu. Depois destas experiencias, o sabio Balard em nome da Commissão que tinha sido nomeada pela Academia e que era composta dos eminentes naturalistas Flourens, Dumas, Brongniard e Milne Edwards, deu o seguinte juizo: A's experiencias de M. Pasteur os defensores da heterogenese respondiam com as experiencias contrarias; mas Pasteur apontava sempre algum defeito, alguma lacuna nas experiencias dos adversarios. Os factos observados por Pasteur e contestados por Pouchet, Joly e Musset, são da mais perfeita exactidão. (Relatorio lido na Academia das Sciencias em 25 de Fevereiro de 1865.)

Os grandes sabios naturalistas por suas experiencias e descobertas scientificas tambem pulverisam a falsa e absurda theoria dos transformistas. Pelas descobertas da Paleontologia chegaram a conhecer muitas especies de plantas e animaes, não só da epocha *quaternaria* e da *terciaria*, mas tambem da *secundaria* e até da *primaria*, e averiguaram que muitas chegaram até nós sem ter soffrido a mais leve metamorphose; e outras apenas soffreram variações accidentaes e temporarias; e muitas, em vez de se transformarem, pereceram. Entre tantos exemplos, Quatrefages cita as descobertas feitas nos tumulos do Egypto. Naquelles tumulos, que pelo menos remontam á uma antiguidade de cinco ou seis mil annos, encontraram-se esqueletos de cães, de gatos, de bois, de macacos e de outros animaes. Profundos naturalistas, entre os quaes Cuvier e o propria Larnarek, examinaram attentamente aquelles animaes, e, comparando-os com os que vivem em nossos dias, os acharam semelhantes e identicos no typo, na forma, no organismo. E com tudo, sendo, como dizem os darwinistas, a transformação muito lenta, mas continua, em cinco ou seis mil annos, devia introduzir-se nas especies ao menos uma leve modificação.

Quatrefages, depois de ter comparado os mais antigos ossos humanos com o esqueleto do homem moderno, assevera que cada um, grande ou pequeno, traz consigo, na forma e proporção, o attestado de sua origem.

Na Revista Scientifica de 18 de Janeiro de 1879 lê-se a seguinte e terminante declaração de Joly, livre-pensador e patrono da geração espontanea e do transformismo: "Até agora o estudo dos craneos e dos restos humanos prehistoricos não nos autoriza a pensar, e muito menos a sustentar que o homem primitivo, e por conseguinte o homem actual, tenha uma origem simiana." Pelo contrario tudo nos convence que o homem nunca poderia ter descendido do macaco. A posição do homem é naturalmente vertical; a do macaco é naturalmente horisontal; aquelle tem duas mãos, e firma-se nos pés; este tem quatro pés e firma-se nos dois pés anteriores, firmando-se nos dois pés posteriores só muito forçadamente e por muito pouco tempo.

NOTA — Tudo quanto fica expellido nesta Instrucção, acha-se extensa e sapientissimamente tratado na *Philosophia de Sinibaldí*.

Trigesima quinta Instrucção.

O Peccado.

O peccado é a culpada violação da lei de Deus. Para haver peccado, é necessário que haja violação duma lei dada directamente por Deus, ou indirectamente dada por Deus por intermedio dos seus legitimos representantes; e ainda que haja conhecimento da lei e vontade de violal-a. Eis como se forma o peccado. O objecto prohibido pela lei apresenta-se com attractivos aos sentidos ou á imaginação. A intelligencia, conhecendo a malicia do objecto, esclarece a vontade; e esta, esclarecida sobre o character máu desse objecto, e tendo plena liberdade para repellil-o, consente nelle e o aceita. Esta acceitação esclarecida e livre da vontade, que se chama acto voluntario, livre, é que propriamente constitue o peccado, que por sua natureza é um desregramento da vontade, um máu e criminoso querer. Santo Thomaz diz que a vontade é o principio do peccado. Dahi vem este proverbio: A vontade peccou; a vontade deve arrepende-se.

O peccado divide-se em original e pessoal. O primeiro vem dos nossos primeiros pais; o segundo é o que é por nós mesmos commettido. É um dogma de fé que todo homem nasce manchado da culpa original, que o priva da bemaventurança eterna, e que é lavada pela graça recebida no baptismo. O peccado divide-se em actual e habitual, sendo aquelle o mesmo acto peccaminoso, e este a continuação na disposição de peccar. O peccado divide-se ainda em interno e externo. Os internos são os que são commettidos por pensamentos, desejos e affeições; e os externos são os que são commettidos por todos os actos exteriores. O peccado divide-se principalmente em mortal e venial. Aquelle é uma grave offensa de Deus, que priva da amizade divina e da graça santificante, e torna o peccador digno duma pena eterna; este é uma leve offensa de Deus, que não priva da amizade divina, nem da graça santificante, nem exclue da bemaventurança eterna. São Francisco de Sales assim distingue o peccado mortal do venial. Aquelle tira a amizade de Deus, este a enfraquece; aquelle expulsa da alma o Espirito Santo, este o contrista; aquelle exclue do céu, este retira um pouco do caminho recto, que para elle conduz; aquelle rompe inteiramente a união da alma com Deus, este lhe desagrada, sem renunciar á sua amizade. Para ser mortal, é preciso

haver materia grave, perfeito conhecimento e pleno consentimento.

O proprio peccado venial contem uma grande malicia, pois desagrada, contrista a um Deus infinitamente bom. E' tão grande mal um peccado venial, que o sapientissimo Santo Thomaz assegura que não é licito commettel-o, nem mesmo que isso fosse o ultimo recurso para evitar a morte. O que, pois, dever-se-á dizer da malicia do peccado mortal, pelo qual o homem, não só desagrada, mas ainda offende, é ingrato, despreza, tenta mesmo tirar a existencia a Deus? Deus nos creou, nos conserva; é nosso soberano, e por isso deve governar o nosso corpo com todos os seus sentidos, membros e órgãos; deve governar a nossa alma com todas as suas propriedades, potencias e faculdades. Ora não ha governo sem leis; e a fiel observancia das leis traz a ordem indispensavel para a sociedade, e a sua violação traz fatalmente a desordem, que lhe é tão nociva. A mentira, que é um peccado leve, produz tanta desordem, e prejudica ao individuo, á familia e á propria sociedade. Imaginemos que fosse a todos permittido mentir. O homem não seria acreditado, não mereceria mais confiança; e então não seria mais protegido em suas necessidades. Na familia reinaria o receio, o temor de ingratidão, deslealdade e traição. Na sociedade não haveria a segurança necessaria para as combinações, para os ajustes e contractos. A justiça publica não teria mais recursos para discernir o verdadeiro do falso, a innocencia do crime. As artes, as industrias, as sciencias ficariam privadas das informacões necessarias para o seu desenvolvimento e progresso. O que pensar, se, não só fosse permittido mentir, mas ainda permittido calumniar, furtar, deshonnar, matar? A sociedade não poderia subsistir; havia de necessariamente desaparecer.

Por ahi vemos quanto a violação das leis de Deus lhe desagrada, o injuria, o offende; pois que elle é a justiça, é a ordem, e quer manter a sociedade por elle estabelecida. E quem é o que ousa tão gravemente offender a Deus? E' o homem, que é tão cioso de seus pretendidos direitos e que nem de leve por ninguem quer ser melindrado. E' o homem, tão submisso ás leis humanas, tão attencioso e reverente aos potentados do mundo, dos quaes cuidadosamente procura conhecer até os simples desejos para promptamente realizal-os.

Para mais aggravar a offensa, o peccador á ella une a ingratidão. Violando as leis divinas, o homem offende a quem nunca lhe fêz mal, offende a quem sempre e em tudo lhe tem feito tanto bem. O corpo do homem com todos os seus órgãos, a alma com todas as suas faculdades, representam os favores e beneficios de Deus. O homem em todo o

seu ser é mero depositario dos preciosos dons de Deus. Como então tem elle coragem de offendel-o? Mas o que ainda é mais revoltante é que, para offender a Deus, o homem serve-se, como instrumentos, dos mesmos beneficios, que d'elle recebera. Para offender a Deus, o homem emprega o tempo, a força, a actividade, os membros, os sentidos, a memoria, a intelligencia, a vontade, o coração, que constituem outros tantos e tão preciosos dons, recebidos por elle da munificencia divina. E' o beneficiado que condensa os beneficios, e os converte em pedras, para arremessal-as sobre a face do seu bemfeitor!

Mas pelo peccado, não só o homem contrista a Deus pela sua ingratidão, mas ainda o velipendia pelo seu desprezo. Em todo peccado ha sempre uma comparação. No momento de peccar o homem tem diante de si Deus que manda cumprir a sua lei, e o objecto peccaminoso que lhe offerece o seu prazer, o seu deleite momentaneo e illusorio. Então o homem, antes de firmar a sua resolução, compara o prazer de agradar a Deus com o prazer que espera encontrar no peccado. De modo que Deus é posto em confronto, não com um anjo ou com uma outra creatura racional; mas com um metal, com o alimento, com a bebida, com uma paixão, e até com os vicios mais degradantes, como sejam a vingança, o furto, a embriaguez, a impureza. E para cumulo de desprezo, o homem, peccando, prefere a Deus as creaturas, as paixões, os vicios, que tanto degradam o proprio homem. Ainda ha um desprezo mais vil e horripilante, e é que, sendo elle filho de Deus, o expulsa da morada de sua alma, para dar entrada ao peccado, que não pôde cohabitar com Deus, que é seu figadal inimigo.

O peccado ainda em si contem uma perversidade, que ultrapassa todas as que temos mencionado: elle tenta destruir o proprio Deus. O peccador quer peccar, mas não quer ser devidamente punido pelo seu peccado. Elle portanto quer ou que Deus não conheça a perversidade do peccado, ou que pelo menos não conheça a perpetração do peccado; ou quer que Deus, conhecendo, não saiba punir o peccado; ou que, sabendo, não possa punir; ou então que, sabendo e podendo, não queira punir o peccado. Mas, se Deus não conhece a malicia ou existencia do peccado, ou não sabe punil-o, elle não é infinitamente sabio; se não pode punil-o, não é omnipotente; se não quer punil-o, não é infinitamente bom e santo. Em qualquer das tres hypotheses elle não é Deus. E' porisso que São Bernardo dizia que o peccador, embora não possa, faz tudo quanto depende de si, para destruir a Deus. E' pela mesma razão que Santo Agostinho definia o peccado, dizendo que o peccado é o ani-

quilamento de Deus. Eis em resumo a incompreensivel e tremenda malicia do peccado, principalmente do peccado grave, do peccado mortal.

Um grande theologo qualificava o peccado de mal de Deus e mal do homem, para significar que o peccado, offendendo a Deus, offende tambem ao proprio homem, que pecca. E, na verdade, são incalculaveis, medonhos, nefandos os damnos, que o peccado faz ao peccador. Sendo elle uma desordem, introduz na pobre alma peccadora a agitação, o desassocego, a perturbação. Enquanto o peccador não chega ao fundo do abysmo da insensibilidade, a lembrança de que é inimigo de Deus, á semelhança dum abutre, dilacera a sua alma. E' por isso que a Escripura santa compara a alma peccadora ao mar agitado e procelloso, que não tem um instante de repouso. O peccado rouba ao peccador todos os merecimentos adquiridos durante todo o tempo, em que esteve na amizade de Nosso Senhor. Enquanto o christão permanece na graça divina, tudo para elle tem merito diante de Deus, mesmo o trabalho empregado para ganhar a sua honesta subsistencia. De modo que depois de algum tempo elle forma um thesouro para o céu. Mas no momento em que cae no peccado grave, todos os seus meritos são completamente dissipados. E' o proprio Deus que assevera que, se o justo deixar a sua justiça e commetter a iniquidade, todas as suas boas acções serão inteiramente esquecidas.

O peccado rouba a amizade de Deus, porque Deus e o peccdo são inimigos implacaveis. Se o que perde a amizade dum amigo sincero, deve ter um profundo sentimento; se um filho, que perde a amizade dum bom pai, deve chorar lagrimas de sangue; o que pensar da triste sorte daquelle, que perde a amizade de Deus, o melhor de todos os amigos, o mais terno e amoroso de todos os pais? Em quanto o christão está no peccado não é mais amigo, não é mais filho de Deus! E o peor de tudo é que, deixando de ser amigo e filho de Deus, torna-se servo e escravo do demonio! Com a amizade e a filiação divina, elle tambem perde fatalmente os sagrados direitos, que antes tinha de depois desta tão curta vida, receber no céu uma herança eterna. Se morrer nesse triste estado, elle numca contemplará com os bemaventurados a face de Deus no céu.

O maior damno produzido pelo peccado é a morte espiritual da alma. Santo Agostinho diz que assim como a alma é a vida do corpo, Deus é a vida da alma. Assim como quando a alma se separa do corpo, elle morre; assim tambem quando por causa do peccado mortal Deus separa-se da alma, ella morre. Unido a Deus pela graça santifican-

te, tudo quanto o christão faz com recta intenção tem merecimento para o céu; separado de Deus pela falta grave, as maiores virtudes não têm para o christão o minimo merecimento para a outra vida. Fallando da amizade de Deus, que se perde pelo peccado mortal, Santo Agostinho diz que essa virtude é tão grande que, possuindo-a, possuem-se os meritos de todas as virtudes; perdendo-a, debalde praticam-se todas as outras virtudes. No mesmo sentido a esse respeito falla o apostolo São Paulo. Se eu tiver, diz elle, uma fé tão robusta ao ponto de poder transportar as montanhas, e não tiver a caridade, nada sou. Se eu entregar o meu corpo ás chammas para queimar-se, e não tiver a caridade, nada sou. Se eu distribuir todos os meus bens de esmola para alimentar os pobres, e não tiver a caridade, de nada me aproveita. Fica clarissimo que elle se refere não á caridade para com o proximo, mas á caridade para com Deus, que é a graça santificante, pois assevera que, sem ella, de nada aproveita a esmola feita aos pobres. E Jesus Christo faz sobre esse respeito uma imagem tão bonita, uma comparação tão clara, tão producente. Eu, diz elle em seu Evangelho, sou a videira, vós sois as varas. Se as varas ou ramos estiverem unidos ao tronco, participarão de sua seiva, produzirão folhas, e fructos; mas se as varas se separarem do tronco, não participando mais de sua seiva, murcham, seccam, e só servirão para serem lançadas no fogo.

Pelo que se vê que o peccado mortal separa a alma de Deus, que é a sua vida. As maiores virtudes praticadas nesse estado não têm nenhum merecimento para o céu, porque num estado de morte não se produzem actos de vida; pois é impossivel que acções mortas possam conduzir á vida e á vida eterna. As acções mais santas não são meritorias, se não forem consagradas e divinizadas por nossa união com Jesus Christo, que é a fonte de vida, o principio de todos os verdadeiros merecimentos. Mas desde que o peccado rompe essa união, não somos mais que sarmentos, arrancados da cêpa, que mais nenhum fructo pode produzir. Os bons actos praticados no peccado grave têm apenas o poder de merecer as graças necessarias para poder deixar esse triste e desgraçado estado. São, pois, enormes e nefandos os damnos que á nossa alma causa o peccado. Esses damnos são muito merecidos, porque ninguem pode devidamente avaliar toda a malicia e perversidade do peccado.

O peccador, depois de offender a Deus e com ingratidão e desprezo, tenta contra a propria existencia daquelle, que é seu amigo, seu bemfeitor, seu pai, seu creador. Quér, tanto quanto depende de si, destruir o Omnipotente, elle que não

tem o poder de mudar a cor dos seus cabellos ou de augmentar uma pollegada á sua estatura. Tenta aniquilar o seu creador e bemfeitor, no mesmo instante em que elle o accumula de seus beneficios; no mesmo instante em que lhe pode tirar a vida, para isso bastando negar-lhe o ar para respirar. Elle contra Deus pratica todos esses satanicos attentados, justamente quando todas as outras creaturas, mesmo as irrationaes, que são muito menos beneficiadas, attestam a sua grandeza, proclamam a sua gloria e unanimes cantam os seus louvores. Tinha, pois, muita razão Blanca quando dizia a seu filho. hoje São Luiz: Vós sabeis quanto vos amo; entretanto eu me affligiria menos de vos ver morto, do que vos ver manchado de peccado mortal. Teve muita razão São João Chrysostomo quando mandou dizer á imperatriz Eudoxia que não temia a confiscação de todos os seus bens, nem o desterro, nem os mais atrozes tormentos; nem mesmo a propria morte, mas que temia unicamente o peccado. Tinha muita razão o grande São Bernardo quando asseverava que no mundo havia uma unica cousa, um unico mal, que devia temer-se, o peccado. Convem portanto muitissimo conhecer-se como se podem nullificar os perniciosissimos danos produzidos pelo peccado.

O peccado contem em si duas perversidades, uma directa, outra indirecta. A violação da lei offende a bondade e a justiça de Deus; eis a perversidade directa, que se chama *culpa*. Pela violação da lei o homem nega a obediencia devida á soberania divina, e recusa prestar-lhe as homenagens, que lhe são devidas, prejudicando assim á sua gloria externa; eis a perversidade indirecta, que se chama *damno*. A culpa sendo grave merece uma pena eterna, porque gravemente offende um ente infinito; sendo leve, merece uma pena temporaria. O damno, tanto pela culpa leve, como pela grave, merece uma pena temporaria, porque as homenagens dos homens são limitadas. Perdoadas a culpa, fica perdoadas a pena, que lhe corresponde: porem ainda fica a obrigação de satisfazer ou expiar as penas temporarias devidas aos danos. A culpa grave perdoa-se pela confissão, acompanhada de contrição imperfecta, que se chama *attrição*; e tambem pela contrição perfeita, acompanhada do desejo de confissão. A attrição é o arrependimento pelo temor dos castigos ou dos males e danos, provenientes do peccado. Contrição perfeita é o arrependimento causado pela lembrança de que o peccado offende a um Deus tão bom. O movel da attrição é o damno causado pelo proprio peccado; o da contrição perfeita é unicamente o pesar de ter offendido a Deus. Se, perdoados os peccados pela contrição perfeita, o peccador logo que puder não se confessar

ao sacerdote, revivem os peccados, augmentando-se o peccado do desprezo do poder, conferido por Deus aos seus ministros.

A contrição perfeita, seja qual for a sua intensidade, mesmo sem ser em perigo de vida, perdoa a culpa grave. O Concilio Tridentino diz que a contrição perfeita com o desejo sincero de confessar-se, justifica o peccador antes da confissão; e nada define, nem sobre o caso de occasião de necessidade, nem sobre o gráu de sua intensidade. São Ligorio e outros muitos moralistas de primeira nota, fundados na opinião dos grandes Padres da Igreja e na condemnação das proposições de Baio, asseveram que a contrição é perfeita, não pela intensidade, mas pelo motivo, que deve ser o amor de Deus acima de tudo, e por si mesmo; e que ella justifica sempre, e fóra do caso de necessidade. A intensidade é necessaria, não para o perdão da culpa, mas para a expiação da pena temporal; e, conforme for o seu gráu, poderá expiar toda a pena, como muitas vezes acontece. Dimas, chefe de uma quadrilha de ladrões e assassinos, do seu patibulo foi para o céo, sem ter passado pelo purgatorio. São Vicente Ferrer conta que uma mulher mundana, vaidosamente preparada, entrou na igreja por zombaria, por occasião duma predica; e, tocada pela graça, teve um tão intenso arrependimento de seus graves e numerosissimos peccados, que teve uma tão forte commoção, que tirou-lhe immediatamente a vida. Um piedoso servo de Deus delle teve uma revelação que lhe assegurava que aquella mulher, sem tocar no purgatorio, foi directamente para o céo. O grande theologo Mansi em seu importantissimo Dictionario Theologico diz que todos os actos de penitencia e de caridade para com o proximo, de religião e de piedade, Deus olhará como se tudo isso nada fosse, diante de um só acto de contrição perfeita. Assim como o minimo gráu de graça santificante abundantemente basta para pagar, mesmo uma grande infinidade de peccados; assim um só e unico gráu de perfeita contrição bastará para se conseguir esse mesmo effeito, pois ella produz a graça santificante.

A culpa leve é perdoada pelos sacramentos da confissão, da communhão e extrema unção; tambem por um acto de contrição, mesmo imperfeita, e por um acto de caridade para com Deus. Eis o que a respeito, entre outros muitos theologos, nos ensina o grande Santo Thomaz: Para tirar-se a culpa do peccado venial requer-se um acto procedente da graça, pelo qual remova-se a desordenada adhesão á cousa temporal. Taes actos porém não podem ser, senão actos explicitos, ou mesmo implicitos, de contrição ou de caridade divina. A culpa leve é ainda indirectamente per-

doadas pelos Sacramentos, como adiante explicaremos. Chama-se peccado *venial* pela facilidade, com que se pode obter o seu perdão.

As penas devidas ao damno, a Deus causado, tanto pela culpa grave, como pela leve, podem aqui mesmo no mundo ser satisfeitas pelos nossos actos meritorios, como são os actos de devoção, de piedade, de caridade para com o proximo, de paciência e resignação em todos os trabalhos e soffrimentos da vida. Mas, para que todos esses actos sejam satisfatorios, é indispensavel que quem os pratica, alem de pureza de intenção, esteja isento de peccado mortal, condição exigida, até para o perdão da falta leve, porque, como já explicamos, os que não estão na amizade de Deus, nenhum merecimento podem ter em seus actos, nem mesmo nos das mais sublimes virtudes. Tambem um pode satisfazer pelas penas temporaes, que outro deve soffrer, porque, se as faltas são solidarias, os meritos são reversiveis. E' um effeito da communhão de bens, que, segundo o ensino catholico, ha entre todos os membros da Egreja catholica. Mas, para que um possa satisfazer por outro, é necessario que ambos estejam em estado de graça, isto é, isentos de falta grave, e que aquelle, que pratica o acto, tenha intenção de ceder os seus meritos, e que pratique voluntariamente o acto meritorio. Os merecimentos podem tambem ser applicados ás almas do purgatorio. Convem muito lembrar que nunca, em caso algum, as penas temporaes poderão ser satisfeitas, se a culpa correspondente, grave ou leve, ainda não tiver sido perdoada, porque é evidente que não se pode nullificar o effeito, sem ter nullificado a sua causa.

Trigesima sexta Instrucção.

O escandalo.

Depois de mostrar as nefastas consequencias do peccado, é muito conveniente e proveitoso prevenir contra o seu natural e forte transmissor, que é o escandalo. Toda a poderosissima força do escandalo vem da propensão natural, que temos, para imitar aquelles, com os quaes convivemos. O meio é tudo: elle pode santificar; elle ainda muito mais facilmente pode corromper. Um impio, que por bem tempo viver na companhia de homens piedosos, afinal ha de se converter; um piedoso, que permanecer por

muito tempo na companhia e convivencia de perversos, ha de infallivelmente corromper-se. Ha o proverbio popular que diz: Dize-me com quem andas, que te direi quem és. E' mais ou menos a traducção da sapientissima sentença biblica: *Com os santos sereis santos; e com os perversos vos pervertereis.*

Escandalo é toda palavra, signal, gesto, acção ou omisão, que pode ao proximo offerecer motivo, occasião, pretexto para peccar. Quando na pratica do acto escandaloso não ha intenção de perverter, chama-se escandalo indirecto; quando ha intenção de perversão, chama-se escandalo directo, diabolico. Mas, mesmo não havendo vontade de perverter, ha escandalo, e muito criminoso e nocivo, desde que se prevê razoavelmente o damno espiritual que o acto vai causar ao proximo. O crime do escandalo é tanto maior, quanto maior for o numero das testemunhas do acto.

O escandalo rouba aos escandalisados a paz de sua consciencia, porque cahindo no peccado serão torturados pelos remorsos; rouba os seus merecimentos, porque, com a perda da amizade de Deus, perdem tambem os meritos das virtudes que antes tinham praticado; rouba a amizade de Deus, que vale mais que todos os thesouros do mundo; rouba os sagrados direitos á uma bemaventurança eterna, porque de filhos de Deus tornam-se escravos do demonio. Entretanto os pais, que procurariam vingar-se dos que roubam a seus filhos o dinheiro, e principalmente a honra e a vida, consentem tão facilmente que elles sejam escandalisados, e chegam mesmo muitas vezes a escandalisal-os, sem importarem-se com a perda dos meritos, nem mesmo com a perda de sua alma, nem mesmo com a perda de sua herança eterna.

O escandaloso é um dedicado ministro do demonio, de que o emprego é nos tentar, seduzir para nos perder. Porque elle é infeliz e desgraçado, quer a todo o custo nos tornar participantes de sua infelicidade e de sua desgraça. Se o demonio se apresentasse em pessoa para nos tentar, encher-nos-ia de espanto e horror; é por isso que elle se faz representar por pessoas, que, em vez de nos espantar, podem e sabem conquistar a nossa sympathia e captar a nossa benevolencia e confiança. De modo que o escandaloso é um verdadeiro representante, perfeito mandatario, delegado do demonio, que o comissiona para nos perverter. Elle é um mestre da violação da lei de Deus. Elle ensina a pratica do peccado por suas palavras, por seus géstos, por suas zombarias, por suas criticas, por suas censuras, por seus livros, romances, gravuras, olhares, sorrisos. Não só ensina, mas ainda autoriza a pratica do crime pe-

los seus exemplos. Nós acreditamos mais em nossos olhos, que em nossos ouvidos. Santo Ambrozio diz que as palavras soam e que os exemplos atroam. Vendo outros praticarem, animam-se tambem a praticar o que antes não tinham coragem de praticar. Mas os escandalosos não só autorizam, mas até mesmo animam, encorajam para commetter o peccado. Quando pessoas de certa importancia, de alta cathegoria praticam actos criminosos, os que até então tinham vexame, repugnancia, horror de pratical-os, são animados, encorajados á sua pratica.

O demonio inspirou aos pagãos que fizessem idolos, imagens representando os vicios mais degradantes, para dispor os homens á sua pratica. Obedecendo á essa inspiração, elles fizeram e collocaram sobre os altares, para serem por todos adorados, os vergonhosos symbolos de Mercurio, ladrão; Juno, fraticida; Jupiter, incestuoso; e até a imagem de Verus, uma deusa manchada de todas as impudicias. Então quando queriam entregar-se á pratica de crimes degradantes e nefandos, animavam-se mutuamente dizendo: Se os deuses, que são deuses, fazem, porque nós, que somos simples mortaes, havemos de ter vergonha de fazer? *Deus id fecit, et ego homuncius non facerem?* E' o resultado dos escandalos dados pelos grandes, pelos ricos, pelos sabios, pelas autoridades, pelos mestres, pelos paes, pelos sacerdotes. O pequeno diz: Se elle que é grande faz, porque não farei eu? O pobre diz: Se elle que é rico faz, porque não farei eu? O ignorante diz: Se elle que é sabio faz porque não farei eu? O subdito diz: Se elle que governa faz, porque não farei eu? O alumno diz: Se meu mestre faz, porque não farei eu? Os filhos dizem: Se nossos pais fazem, porque não faremos nós? Os seculares dizem: Se os sacerdotes fazem, porque não faremos nós?

O escandaloso estende, diffunde por toda parte o peccado. Os escandalizados vão por seu turno escandalizando, uns aos outros. De modo que um peccado commettido num determinado lugar, depois de algum tempo, esse mesmo peccado é commettido numa infinidade de lugares. O escandalo é como a herva damninha, que vai sempre ganhando terreno e estendendo continuamente os seus dominios. O escandaloso não só estende, mas ainda perpetua o peccado, levando-o até as mais remotas gerações. Os escandalizados, hoje, escandalisarão amanhã. Os velhos escandalizam os moços, e estes quando velhos, escandalisarão os moços desse tempo. Os pais escandalizam seus filhos; e estes, quando pais, escandalisarão por sua vez os seus filhos. Todos os escandalosos formarão uma grande e numerosissima descendencia; todos terão numerosissimos herdeiros de sua malicia

e perversidade. Quantos annos ha que morreram Lutero, Calvino, Henrique 8.^o, Izabel de Inglaterra. Voltaire, e até hoje os seus escandalos continuam a corromper milhares de pessoas. Tinha muita razão Santo Agostinho quando qualificava o escandalo de torrente impetuosa que arrasta; furiosa tempestade que devasta; medonho incendio que reduz a cinzas tudo quanto encontra diante de si.

O escandaloso é um perverso assassino, que mata, não o corpo, que pouco vale, mas a alma, que tem um valor incalculavel. Induzindo o proximo ao peccado, aparta Deus de sua alma. Privada da graça santificante, que é a sua vida, a alma morre, nada mais podendo fazer, que tenha valor para o céo. Até agora temos tanta indignação, tão grande horror para com Herodes e Néro, que derramaram tanto sangue, que exterminaram tantas e tão preciosas vidas; que indignação, que horror não devem inspirar os escandalosos que tiram a vida das almas, destinadas á uma feliz eternidade? O escandaloso é o inimigo, o rival de Jesus Christo, pois procura nullificar todos os seus santos designios. Jesus quer a todo transe destruir completamente o imperio do demonio: elle emprega todos os esforços para restabelecel-o. Jesus tanto se empenhou para salvar as almas, chegando por amor dellas a derramar o seu preciosissimo sangue: elle trabalha para pertel-as, induzindo-as ao peccado. Jesus ama os christãos como seus queridos filhos: elle persegue esses seus irmãos, não procurando a ruina do corpo, mas procurando a ruina da alma. Jesus deseja ardentemente povoar o céo de bemaventurados; elle faz tudo quanto depende de si para povoar o inferno de condemnados. Que se lembre todo aquelle, que tem a desgraça de escandalizar, que um dia ha de dar rigorosas contas, não só dos seus numerosos peccados, mas ainda responderá diante de Deus por todos os peccados occasionados pelos seus escandalos; que não se esqueça das ameaçadoras palavras de Nosso Senhor: Ai daquelle que escandalisar! Esse *ai*, proferido pelos labios de um Deus, é o annuncio duma tremenda e eterna desgraça. Os que tiveram a infelicidade de perder as almas pelos seus escandalos, procurem esforçar se para reparar esses danos nefastos, fazendo tudo quanto estiver ao seu alcance para edificar a todos pelos continuos exemplos de virtudes. Se foram loucos, escandalisando, sejam sabios procurando reparar as perniciosas consequencias de seus escandalos. O heresiarcha Beranger causou innumeraveis escandalos: mas, reconhecendo o seu erro, converteu-se, e procurou chamar todos á pratica das virtudes. No seu profundo arrependimento pelo damno, que a tantos tinha causado, elle constantemente exclamava: Almas, preco do sangue de Jesus

Christo, porque não posso eu derramar o meu sangue, para extinguir as chammas, que vos devoram? Elle reunia todos os dias no castello de Angers meninos para lhe ensinar o catechismo. Um dos seus antigos amigos, vindo de Paris visital-o, e o encontrando no meio dos meninos ensinando-os a rezar, exclamou: Beranger, estais louco! Não respondeu elle; já deixei de o ser. Me esforço hoje para reparar os grandes escandalos, que tenho dado. Restituo a Jesus Christo as almas que lhe tinha roubado pelos meus máus exemplos: O' vós todos que tendes pelos vossos escandalos perdido tantas almas, remidas com o preciosissimo sangue dum Deus, imitai o edificante exemplo desse grande peccador, sinceramente convertido!

Trigesima setima Instrucção.

A impureza.

Entre todos os peccados o que mais facilmente produz escandalos e escandalos mais funestos, é a malvada impureza. É tão grave e tão nocivo o peccado da impureza, que a prohibição feita por Deus de sua pratica é completa: ella abrange actos, palavras, signaes, desejos, pensamentos. Alem de completa, a prohibição desse peccado é absoluta: não ha nenhuma excepção: em caso algum elle é permittido. Em quanto houver razão, haverá pudor, e por isso esse peccado foi, é e será sempre detestado pelos homens honestos, por todos os corações nobres. A impureza foi, é e será sempre considerada como uma baixesa, como uma infamia. O impudico traz em sua face gravado o sinêta da vergonha. Dos homens sensatos probos nunca elle merecerá a confiança; pelo contrario será por elles evitado, como licencioso, como indigno, como pernicioso. Não pode haver prova mais evidente da torpêza desse peccado, do que a reprovação, que Deus mostra contra elle pelo rigor de suas vinganças. Foi esse peccado a unica causa do diluvio, que afogou em suas ondas o genero humano e ainda todos os seres viventes, que então existiam. Foi ainda esse mesmo peccado que fez cahir do céo uma chuva de fogo, que com suas chammas abrazadoras reduziu a cinzas as cinco cidades criminosas com todos os seus habitantes.

São muito justificadas a detestação dos homens e a indignação de Deus contra o peccado, pois é causa de tantos

e tão graves males, que atormentam a humanidade. Elle produz gravissimas e cruciantes enfermidades. Se nos hospitaes, aos infelizes, que perderam a razão, e aos que em vida já contemplan a sua carne ou mirrar ou seccar, ou apodrecer e cahir aos pedaços, perguntarmos qual foi a causa dessas suas dores, desses seus infortunios, quasi todos responderão que foi a malvada impureza. Quantas familias não ficaram reduzidas á miseria por causa da vida impura de seu chefe? Quantas perturbações não desolam o lar domesticco, provenientes do crime deshonesto? Quantos assassinatos, quantos suicidios não estão sendo constantemente deplorados, tendo todos como causa occasional o peccado da deshonestidade?

Alem de muito nocivo, é muito degradante o vicio impuro. Jeremias, o grande Propheta, diz que a impureza transforma o homem racional num animal bruto. O espirito deve reger todos os sentidos; e de facto os reger, menos o sentido deshonesto, depravado, que, pela pratica da impureza, vencendo o espirito, materialisa, o bestialisa, o embrutece, tornando o homem semelhante ao irracional. Na verdade que differença ha entre um bruto e um impudico? A unica é que aquelle é innocente, e este é criminoso. E até em certos casos o impudico desce muito abaixo dos brutos, pois que se presta a procurar, e, ás vezes, acham e saboreiam o que os brutos rejeitam. O impudico perverte completamente os sagrados dictames da sua razão. Elle, muitas vezes, perde o conhecimento de si mesmo, e não sabe respeitar, nem a sua idade, nem a sua posição. Foram homens velhos e ainda juizes, que, dominados pela sua volupia, arremessaram-se contra a casta Suzana, para lhe arrebatat violentamente a honra. O impudico perde tambem a noção do bem e do mal, e pensa que, para satisfazer aos seus instinctos brutaes, tudo lhe é licito e permittido. Sem ter o minimo motivo, mas unicamente porque estavam dominados pela impudicia, David, o propheta, manda matar Urias; e Herodes, rei, manda degolar São João Baptista. Com muito motivo asseverava São Remigio que a luxuria é origem de todos os crimes.

O impudico perde a noção verdadeira, até de Deus. Logo que o homem entrega-se ao vicio degradante, deixa os seus actos de devoção; não comparece mais ás solemnidades religiosas; foge das pessoas devotas, e particularmente dos sacerdotes; e, sempre e acima de tudo, abandona os santissimos sacramentos da confissão e da communhão. Então, não podendo conceber que um Deus infinitamente puro, possa deixar de severamente castigar a impureza, começa a ter duvida até sobre a existencia de Deus. Dizia sempre São Remigio que desde o momento, em que o christão começa a infamar a sua alma pelo vicio impuro, começa tambem a

apartar-se da verdadeira fé. Salomão só principiou a offerer incenso aos idolos, depois que se entregou aos prazeres libidinosos. O grande sabio, Pico de Mirandola, assegurava que não era o atheismo a causa da impureza dos atheus; mas era a impureza, que os tinha conduzido ao atheismo.

O vicio deshonesto apaga no homem a imagem de Deus; deshonra a alma, que é filha de Deus Padre, irmã de Jesus Christo, esposa do Espirito Santo; degrada o corpo humano, nobilitado pela Encarnação do Verbo Divino, e tantas vezes santificado pela digna recepção dos divinos sacramentos. E, para cumulo de desgraça, o vicio impuro apodera-se da natureza do impudico e o acompanha até o tumulto, não abandonando-o, nem mesmo na mais extrema velhice. O ardor impuro devora o coração impuro até nos ultimos momentos de uma longa existencia. O homem velho deshonesto compraz-se com palavras, imagens, recordações, impuras, para supprir os prazeres aviltantes, que não mais lhe pode dar um corpo alquebrado pelos annos, e completamente enfraquecido pelos continuos e passados deboches. O coração do velho, que viveu sempre na volupia, pode perfeitamente ser comparado a um vulcão, coberto de neve. Todos os impudicos, no momento da morte, poderão usar da cynica expressão de Nero, seu chefe: *Vivi torpemente, e ainda mais torpemente desejo morrer. Turpiter vixi et turpius moriar.*

Um zeloso sacerdote, que morreu com justa reputação de santo, combatia sempre e com todas as suas forças o peccado da impureza, asseverando que era o vicio que mais damno causava ás almas, remidas com o sangue de Jesus Christo; e quasi sempre elle terminava as suas predicas por estas memoraveis palavras: A impureza é o peccado que maior numero de bemaventurados rouba ao céo, e que maior numero de condemnados precipita no inferno.

Vinos os desastrosos damnos que produz o vicio impuro, entretanto ainda ha quem, para justificar a deshonestidade de sua vida, ouse asseverar que a santa virtude da pureza prejudica á saude, e é causa de enfermidades. Os factos notorios ahí estão por toda a parte e aos milhares para demonstrar inteiramente o contrario. Quantos homens, como um Leão XIII, guardando perfeita castidade, não chegam até á avançada idade de oitenta, noventa annos, apresentando uma lucidez e penetração de espirito, como muitas vezes não possuem os moços? Para confundir os criminosos defensores da impureza, vamos sobre esse respeito apresentar o juizo dos competentes.

O illustre medico, doutor Surbled, em seu notavel tratado *sur la vie sexuelle* diz: A continencia não se oppõe á

natureza, como alguns pensam erradamente. A vida sexual de nossa existencia não é *necessaria* como o *alimento*.

Mantegazza, physiologista italiano, em sua obra monumental, *Hygiene del l'amore*, assegura que jamais cabiu-lhe em observação clinica uma *só enfermidade proveniente* da continencia.

O doutor Good, insigne hygienista, fez na Faculdade medica da Universidade de Christiania, esta importante declaração: *A pratica da continencia nunca foi prejudicial á saude*, conforme as experiencias unanimemente reconhecidas: não conhecemos mal algum proveniente da vida *absolutamente continente*.

Para patentear quanto o vicio impuro torna cruel e feroz o coração, que por elle se deixa dominar, vamos, entre muitos, citar apenas dois factos historicos. Susana, esposa de Joaquim, um dia, quando ella foi ao jardim para banhar-se, foi assaltada por dois velhos, que eram juizes. Ella, recusando-se a satisfazer aos torpes desejos dos dois assaltantes, foi por elles accusada de ter sido encontrada em acto de peccado com um moço. Na antiga lei a pena contra o adulterio era morrer apedrejado. Havia tambem a pena de talião que consistia em o calumniador soffrer a pena correspondente á do crime falsamente imputado. A casta esposa, persistindo em sua repulsa, foi pelos dois velhos impudicos accusada de adulterio e condemnada a ser apedrejada. Quando ella já caminhava para o lugar do supplicio, o joven Daniel, que apenas contava 13 annos, clamou em alta voz: Ella é innocente; deve ser de novo julgada. Voltou a condemnada para ser segunda vez julgada. Os juizes accusadores constituiram a Daniel juiz. Elle começou interrogando os dois accusadores, mas separadamente, para que um não conhecesse o depoimento de outro. Ambos tinham dito que o adulterio tinha-se dado em baixo de uma arvore. Perguntou ao primeiro: Debaixo de que arvore realisou-se o crime? O interrogado respondeu que foi em baixo de uma aroeira. Mandou vir o segundo, e fez-lhe a mesma pergunta, e elle respondeu que o crime tinha sido commettido em baixo de um carvalho. Verificada assim a calumnia, o povo exultou de alegria; e os dois velhos, juizes, torpes impudicos e calumniadores, foram, segundo a lei, condemnados a serem apedrejados.

O segundo facto é o seguinte: São João Chrysostomo pregava sempre e com toda vehemencia contra o luxo das mulheres nos vestidos. A imperatriz Eudoxia, que a esse respeito era muita culpada, sabendo, enfureceu-se contra o santo. Para desmoralisal-o, ella veio um dia á egreja, em traje indecente; porém o Santo com uma coragem heroica

lhe recusou terminantemente a entrada, e ella teve que retroceder envergonhada e confundida. Então para vingar-se, ella condemnou São João Chrysostomo ao desterro, onde morreu, como victima do santo desempenho de seu cargo.

Trigesima oitava Instrucção.

A educação religiosa dos filhos — Parte primeira.

Como vimos, o escandalo além de ser um grande peccado, é motivo para que outros commettam muitos peccados. O mesmo acontece aos pais, que não dão educação religiosa a seus filhos; commettem um grande peccado, e ainda são causas de seus filhos, e dos por elles escandalisados, commetterem muitos peccados. Para que os pais se convençam da summa importancia do cumprimento desse dever, de sua tremenda responsabilidade diante de Deus, e dos enormes damnos que farão a si e a seus filhos, se não procurarem cumpril-o, vamos minuciosamente examinar esse sacrosanto dever, imposto por Deus a todos os pais.

Comecemos advertindo que os filhos não pertencem aos pais, mas a Deus, que, por intermedio dos pais, lhes dá a existencia. De modo que os pais são meros depositarios dos filhos, por cuja conducta um dia darão rigorosas contas a Deus. Quando Deus dá um filho a um pai, diz São João Chrysostomo, confia-lhe um precioso thesouro para guardar. Os pais têm o dever de zelar de seus filhos relativamente ao corpo e á esta vida. As mãis devem empregar todo o cuidado, desde o momento da concepção, para que nada aconteça que possa, nem de leve, prejudicar á vida, e mesmo á saúde de seu filho. Toda e qualquer offensa, feita a seu filho, mesmo no inicio de sua existencia, constitue um crime gravissimo. Os pais, ainda mais, devem fazer tudo ao seu alcance para que seus filhos cresçam fortes e robustos. Devem tambem, desde a infancia, acostumar-os ao trabalho; fazer com que tenham sempre uma occupação, porque diversamente mais tarde serão ociosos, e a ociosidade, no dizer da Escriptura Santa, é mãi productora de muitos vicios.

Mas, se devem zelar do corpo, quanto mais não deverão zelar da alma? A alma está tão acima do corpo, como o céo está acima da terra. O zelo pela alma é a educação religiosa, de que o primeiro dever é ensinar aos filhos, em casa, os primeiros rudimentos da doutrina christã: *O Padre*

Nosso, Ave-Maria, o Credo, o Eu peccador, o acto de Contrição. E' tambem para os pais um dever mandar os filhos e as filhas á *aula de Catechismo*, e entregal-os ao vigario para os preparar para fazer a primeira communhão; e os que isto não fizerem, commetterão uma falta gravissima. Mas não basta o ensino da doutrina, é ainda absolutamente necessario formar o coração, nelle incutindo as sacrosantas maximas de nossa santa religião. Devem constantemente dizer aos filhos: "Não se deve mentir. E' nosso dever respeitar aos mais velhos, obedecer aos superiores, ter compaixão dos pobres e de todos quantos soffrem. Ha um Deus que creou, conserva, governa tudo, e a quem nós devemos adorar, servir, e amar. Em caso algum devemos tocar no que não nos pertence. O peccado é o maior de todos os males, porque offende a Deus e perde nossa alma. Depois desta vida passageira, virá para todos nós uma outra, que será eterna». Estes santissimos e salutaes axiomas, recebidos na infancia, ficarão eternamente gravados na lembrança. E' preciso não esquecer que o coração do menino é como uma cera mole, que toma a forma, que se lhe quer dar; que é semelhante ao campo, ainda virgem, que produz conforme a primeira semente, que nelle for lançada. Se os pais lançarem no coração de seus filhos a semente da virtude, elles serão virtuosos; se o não fizerem, virão os mundanos e lançarão a semente do vicio, e elles serão viciosos.

O segundo dever da educação religiosa é a vigilancia que consiste em tomar todas as cautelas para que a alma do menino e da menina não seja contaminada pelo vicio. Nunca, em caso algum, deverão confiar os filhos a escolas, collegios, dirigidos ou leccionados por pessoas viciosas ou adversas á nossa santa religião. O ensino ser melhor, ou mais barato, ou mesmo gratis, não é uma justificativa, porque, com toda certeza, não confiariam seus filhos a um tuberculoso ou morphético, muito embora elle ensinasse optimamente, e pelo ensino nada absolutamente percebesse. Se zelam da vida do corpo, muitissimo mais devem zelar da vida da alma. E' mil vezes melhor que os filhos cresçam ignorantes nas sciencias, do que crescerem illustrados na indiferença, na heresia, na incredulidade, na impiedade. Nem tenham a ingenuidade de acreditar que os professores não incutirão no animo dos meninos as theorias erroneas, os seus principios perniciosos. Se o não fizerem claramente, o farão ardilosamente; se não fizerem propositalmente, o farão innocentemente pelas suas conversas e principalmente pelos seus exemplos.

Nunca tambem deverão consentir que seus filhos assistam representações, exhibições publicas ou particulares,

em que se offenda a moral, mesmo o pudor; ou em que se menosprezem os sacramentos, as solemnidades, as praticas, os ministros de nossa santa religião. Não deverão tambem permittir que seus filhos tomem parte nas reuniões, nos divertimentos promovidos pelas seitas condemnadas pela Igreja, como são o protestantismo, a maçonaria, o espiritismo; nem que frequentem, nem mesmo como externos, as escolas, collegios instituidos, mantidos por essas mesmas seitas. Nunca deverão deixar que seus filhos frequentem a casa ou companhia dos que vivem publicamente no peccado, como são os amasiados e os que só fizeram o contracto civil; nem que pessoas em taes condições venham juntos fazer visita á sua familia.

Principalmente as mãis devem tomar todo cuidado com as filhas moças, que nos divertimentos, nos passeios devem ser sempre acompanhadas por pessoa de toda confiança. As moças, que gosam a esse respeito de toda a liberdade, se não perdem a honra, perdem pelo menos o pudor, e algumas vezes a propria reputação. Essa rigorosissima vigilancia que as mãis devem exercer sempre sobre suas filhas fã moças, pode moderar algum tanto, mas nunca cessa, com o trato de casamento. Os nubentes poderão ter mais um pouquinho de liberdade; mas nunca, antes do enlace, poderão ter essa intimidade, que os autorise a praticar entre si actos, que apenas e unicamente aos casados são permittidos. Que os pais não se esqueçam, nem um instante, que noivo não é ainda marido. Além dos muitos e grandes inconvenientes que essa liberdade e intimidade podem produzir, como não é difficil de conjecturar-se, se por acaso o casamento por qualquer motivo não se realise, como pode muito bem acontecer, e como já muitas vezes tem acontecido, qual será o moço ou homem serio, de character, pundunoroso que ha de querer casar-se com uma moça, que já teve ampla liberdade, completa intimidade com um outro homem, com o qual não era cazada?

O terceiro dever da educação religiosa é o governo que os pais devem sempre exercer sobre os seus filhos. Os pais criteriosos dirigem seus filhos fitando sobre elles os olhos. Pelo seu olhar elles sabem se estão procedendo bem ou mal. Os pais devem fazer-se respeitar pelos filhos. Suas ordens devem ser por elles promptamente observadas. Quando for preciso, reprehendel-os. Se a reprehensão não for bastante, castigal-os moralmente. Quando os castigos moraes não surtirem effeito, castigal-os, mesmo physicamente. A Escriptura diz que o pai que poupa a vara a seu filho, o aborrece. Mas os devem reprehender e castigar com toda moderação, amor, discrição. Eis um conselho de summa im-

portancia, que deve ficar eternamente gravado na lembrança de todos os pais: Nunca fazer a vontade caprichosa de seus filhos. Sempre contrariar-os nas cousas inconvenientes; e ás vezes até mesmo nas cousas convenientes, quando estas são por elles reclamadas com exigencia, empenho, insistencia. O pai tem um objecto para dar ao filho; mas se elle o exige, o reclama com impertinencia, deixe para dar-lho em outro dia ou occasião. A filha quer fazer um passeio que não tem inconveniencia; mas se quer já e já, com toda insistencia, que fique o passeio para outra opportunidade ou para o dia seguinte. A razão desse modo de proceder é muito clara e peremptoria. Se não se acostumarem na infancia a serem contrariados, mais tarde, na vida pratica, quando apparecerem desgostos, contrariedades, infortunios, não sabendo soffrel-os com paciencia e resignação, commetterão desatinos, desacatos, attentados, que os tornarão infelizes, e que cobrirão de eterna vergonha toda a sua familia. Quantos assassínatos, suicídios não têm tido como causa a falta de paciencia, de tolerancia nas adversidades?

O quarto e ultimo dever da educação religiosa é o bom exemplo, sem o qual toda instrucção, toda vigilancia, todo governo ficam inteiramente frustrados. O exemplo para a pratica do bem tem uma força extraordinaria. Um exercito não se anima a avançar contra o inimigo, que é muito mais poderoso: mas, desde que o commandante põe-se á frente e avança, todo o exercito se encoraja e precipita-se contra o exercito contrario. Mas, se para o bem, o exemplo é tão poderoso, que dizer-se para o mal, quando á propensão de imitar vem se unir o interesse das paixões? O exemplo para o crime, para o vicio, arrasta tudo que encontra diante de si. E o poder do exemplo está em razão directa com a importancia daquelle, a quem se procura imitar. E' muito mais poderoso o exemplo dado por um sabio, do que o dado por um ignorante; o exemplo dado por uma autoridade é muito mais poderoso, que o dado por um particular; o exemplo dado por um sacerdote é muito mais poderoso, que o dado por um secular. Ora quem ha tão importante para um filho, como seja seu pai ou sua mãe?

E' rigorosissimo dever dos pais evitar sempre e a todo custo tudo quanto, mesmo de leve, possa scandalisar seus filhos. Os pais devem sempre observar á risca este conselho dado por São Jeronymo á uma senhora romana. Senhora, dizia elle, que vossos filhos e vossas filhas nada observem em vós, nada ouçam de vós, que, imitando possa desagradar a Deus. Porém, não é bastante que os pais não scandalisem os filhos; é ainda necessario que os edifiquem pelos seus bons exemplos. Devem portanto observar tam-

bem este conselho, dado por São Gregorio a um chefe de familia: Vós deveis instruir os vossos filhos no cumprimento de seus deveres religiosos, não sómente por vossas palavras, mas muito principalmente pelas vossas acções. Os pais devem guardar a castidade propria de seu estado; ouvir a missa nos domingos e dias santos; devem ser caridosos para com os pobres; devem confessar-se e commungar, ao menos, uma vez por anno, para que, com todo direito e força, possam mandar seus filhos tambem cumprir com todos estes sagrados deveres. Eis em que consiste a educação religiosa dos filhos, hoje tão negligenciada pela maior parte dos pais.

Muito infelizmente na actualidade, em sua maioria, os filhos não são religiosamente educados. Mandam os pais ensinar a seus filhos tudo quanto lhes pode aproveitar para esta vida, e descaram completamente do ensino religioso; e o peor de tudo é que nem ensinam, nem os enviam á aula de catechismo. Nem cogitam de mandar preparal-os para o importantissimo acto da primeira communhão, o qual mais tarde poderia servir, por sua santa recordação, para chamar o joven transviado ao caminho do cumprimento de seus santos deveres de christão. Em vez de incutir no animo dos filhos os sacrosantos principios de nossa santa religião, incutem pelo contrario os nefastos principios mundanos. “E, dizem diante dos filhos, o dinheiro que vale tudo. A vida é para gosar-se; aqui o que se lucra, é o que se gosa. Uma injuria, uma offensa o homem, que se preza, paga com outra”. Agora imaginem como crescem esses meninos, esses moços, que dos proprios labios dum pai ouvem essa doutrina nefanda, direi mesmo diabolica! Mandam os seus filhos e as suas filhas estudar com professores hereges, materialistas, espiritas, impios, atheus. Não fazem questão que no centro da familia entrem revistas, folhêtos, jornaes, livros, romances, uns immoraes, outros antireligiosos. Consentem que todos da casa assistam reuniões, discursos, divertimentos os mais perigosos. Não prohibem os filhos e as filhas de viver na intimidade dos que se acham em uniões illicitas e escandalosas. As mãis toleram que suas filhas já moças usem de modas indecentes, que passeem sósinhas pelas ruas, pelos arrabaldes da povoação, ás vezes até mesmo de noite. Logo depois de tratar o casamento, entregam sua filha ao noivo para com ella passear, para onde lhes aprouver; para, algumas vezes, fazer o que não se animam a fazer, nem mesmo os proprios casados. Hoje, em regra, os pais, em vez de governar, são governados por seus filhos. Não ha mais aquelle respeito que dourava, que sublimava o amor, que reinava entre pais e filhos. Os desejos dos filhos, mesmo os mais caprichosos e inconvenientes, são completa e promptamente realisados por

seus pais. Alguns pais, longe de edificar, escandalisam a seus filhos. Ha pais que jogam, que se embriagam, que fallam deshonestidades em presença de seus filhos! Ha pais de numerosos filhos, que occupam elevada posição na sociedade, que têm a falta de pudor de sahir de casa á noite e só voltar no dia seguinte. Que tristissimo, que satânico ensinamento, dado aquelles entes queridos, que deviam santificar pelos santos exemplos de suas sublimes virtudes! Felizmente. graças a Deus, esta regra tem suas honrosissimas excepções; e em alguns felizes lugares essas excepções são muito mais numerosas, do que se pensa.

Parte Segunda.

Agora vejamos as consequencias maleficas, provenientes dessa criminosa negligencia, relativamente á educação religiosa dos filhos. Vemos pelas ruas meninas vagando, inteiramente desoccupadas e desacompanhadas. Ouvimos muitas vezes meninas, que ainda nem sabem fazer o signal da cruz, já fallando umas com outras em amores e namorados. Contemplamos, cheios de compaixão, meninos correr atraz do pobrezinho, insultal-o, e, ás vezes, até mesmo apedrejal-o. Muitissimas vezes coramos de pejo ouvindo meninos de seis, sete annos, proferir palavras obscenas, como se já fossem um consummado libertino. Observamos com magoa moças de familias collocadas não guardar a devida circumspecção em seus olhares, em suas palavras, em sua postura. Algumas, unicamente por suas leviandades, são virgens na alma, mas deixaram de o ser na opinião publica. Com profundissima tristeza vemos mocinhos ainda imberbes, que já excedem-se no beber; que já são frequentadores assiduos das jogatinas desenfreiadas; que se ostentam como incredulos, que fazem garbo de impiedade; que vão ás solemnidades religiosas, só para com seus publicos desrepeitos vilipendiar a magestade do culto divino; que no verdor dos annos nas suas faces macilentas apresentam os indicios vehementes duma natureza infante que já está se apodrecendo pelos excessos vergonhosos da volupia. O quadro é tristissimo, mas infelizmente é verdadeiro, e é a genuina producção da falta de educação religiosa por parte dos pais para com os seus filhos.

Agora, quem é que lucra com o cumprimento desse sagrado dever, e quem é que perde com a sua violação? Lucra primeiramente e muito a sociedade. Quem teme a

Deus, obedece ás leis; respeita as legítimas autoridades; é amigo da ordem, da paz, do bem publico. Lucra tambem a familia. Quando no lar domestico impera o santo temor de Deus, impera tambem o respeito, a união, a harmonia, a verdadeira affeição. O dono da casa é o rei, a dona é a rainha, a quem todos prestam suas homenagens de submissão, de affecto, de veneração. Mas quem mais lucra com a educação religiosa são os proprios pais. Os filhos, quando sinceramente religiosos, amam, adoram a seus pais; são capazes de por elles se sacrificarem. Os pais têm o prazer de ver seus filhos representar em todas as circumstancias e emergencias uma figura nobre, um papel brilhantissimo. Elles se consideram generosamente compensados de todos os trabalhos e sacrificios, empregados para a educação religiosa de seus filhos, só pelo contentamento puro e divino, que experimentam, vendo esses entes, tão caros ao seu coração, amados, estimados, considerados extremamente por todos os homens serios, honrados e nobres. Graças a Deus, não obstante a immensa corrupção do seculo, ainda ha muitos filhos, que não só honram, glorificam seus pais; mas ainda, dominados pelos seus sinceros e profundos sentimentos religiosos, sacrificam-se, todas as vezes que esse sacrificio é necessario, para salvar a vida dos seus queridos progenitores. Entre os varios factos, que poderíamos relatar, vamos somente relatar dois, que brilhantemente provam essa tão consoladora verdade.

Uma mulher, muito religiosa, tinha educado cuidadosamente todos os seus filhos em sua religião. Victima de uma falsa imputação dum grande crime, ella foi condemnada á pena capital. O algôz, encarregado de estrangulal-a, por ferocidade, resolveu matal-a pela fome, não dando-lhe comida, nem consentindo que ninguem lha desse. Tomando todo cuidado para que ninguem lhe levasse, nem comida, nem bebida alguma, deixava que só sua filha entrasse na prisão, somente para lhe dar alguma consolação. A filha que estava amamentando, alimentava-se bem, e mandava uma outra mulher amamentar o seu filho, para assim poder ella, ás escondidas, ir com seu proprio leite alimentando sua mãe. Durante muito tempo ninguem podia atinar como aquella mulher passava por muitos dias sem receber o minimo alimento. Quando souberam ou descobriram o segredo, ficaram todos encantados pelo nobre procedimento desse modelo de devotamento. O Senado Romano, commovido por essa tão grande piedade filial, não só perdoou a condemnada, pondo-a em liberdade, mas ainda assignalou uma pensão vitalicia para a honesta subsistencia dessa mulher e de sua filha; e no lugar da prisão mandou erigir um ma-

gestoso templo, dedicado á *Piedade filial*. (Valerio Maximo livro 5.^o cap. 4.^o).

Uma mãe muito religiosa tinha tres filhos, que por ella foram educados muito religiosamente. Ficaram pauperimos, e os filhos lamentavam não ter recursos para tratar de sua mãe e irmãs, que soffriam tantas privações. Havia no reino uma quadrilha de bandidos, que continuamente percorria os lugares mais retirados, roubando e matando. O rei prometeu uma quantia de dinheiro, como premio, á quem prendesse o chefe da quadrilha. Os tres irmãos, sabendo dessa promessa, lembraram-se que um delles poderia ser apresentado pelos outros dois como o chefe da quadrilha de bandidos, e que assim receberiam o premio prometido, para com elle tratar de sua mãe e irmãs. Combinados, tiraram a sorte entre si, para indicar qual dos tres representaria o papel de bandido, e ficaria entregue á acção da justiça; e a sorte cahiu sobre o mais moço, que promptamente se preparou para ser apresentado ao rei. Os dois irmãos mais velhos o conduziram á presença do rei, que lhes deu o premio, e mandou encerrar o pretenoso chefe da quadrilha na prisão, para ser processado e punido de accordo com a lei. Antes de voltar para casa, os dois irmãos foram muito penalizados despedir-se de seu irmão na prisão; e então o guarda, observando que elles se abraçaram commovidos e chorando, foi communicar isso ao rei, que o mandou acompanhal-os até a casa. Lá chegando, os dois irmãos entregaram á sua mãe a grande somma de dinheiro e contaram-lhe todo o occorrido. Pobre mãe! Ouvindo a narrativa, disparou em prantos; e reprehendeu os dois filhos, e exclamou dizendo que preferia mil vezes morrer de fome, e não consentiria jamais que seu querido filho fosse considerado, preso e castigado, como bandido; e mandou-os que fossem entregar o dinheiro, e reclamar a liberdade de seu filho. Então o rei, sciente pelo guarda de tudo o que a respeito tinha havido, mandou chamar os tres irmãos, e deu ao mais moço mil e quinhentos escudos; e a cada um dos outros dois deu quinhentos escudos; e, louvando muito o seu devotamento para com sua mãe, os enviou em paz.

Parte segunda.

Agora vejamos quaes são os que mais perdem com a falta de educação religiosa dos filhos. Perde a sociedade. Quem não obedece ás leis divinas, muito menos obedecerá ás humanas. Quem não respeita os direitos de Deus

muito menos ainda respeitará os dos homens. Quem não acata a autoridade de seu Creador, muito menos acatará a de uma de suas criaturas. E' da falta de temor de Deus, e portanto da falta de educação religiosa, que vem esse espirito de indisciplina, de insubordinação. Todos querem mandar; ninguém quer obedecer. E' dahi tambem que vem a falta de consideração para com os sagrados direitos da nação. Procuram as altas posições, não para bem servir á patria, mas para se locupletarem com a criminosa apprehensão dos dinheiros publicos. E' ainda dahi que vem essa falta de escrúpulos no emprego dos meios para a realização dos projectos, planos, não só illicitos, mas mesmo indecentes, indecorosos. E' da falta de temor de Deus, e portanto da falta de educação religiosa, que provem os constantes e avultados desfalques nos correios, nas collectorias, no thesouro publico; que provem essa immensidade de falsificações de titulos particulares e principalmente publicos; que provem emfim essa alluvião de estampilhas e notas falsas, que innundam todo o paiz. Aiuda mais que a sociedade, perde a familia. Quando no lar domestico não reina a ordem, reina a desordem; quando não reina a harmonia, reina a desharmonia; quando não reina o respeito, reina o desacato. Ora a ordem, harmonia, respeito só reinam, onde reina tambem o santo temor de Deus, fructo precioso da educação religiosa. Quando por desgraça sua, uma familia não é religiosa, o pai não se impõe aos filhos; os filhos não obedecem ao pai; os dois esposos, e os irmãos não se amam mutuamente. Muitas vezes é um membro da mesma familia que em seu seio implanta a deshonra. Mais ainda do que a familia, perdem os proprios pais com a falta de educação religiosa de seus filhos. Quem não ama a Deus, não amará a mais ninguém com verdade, com pureza, com sinceridade. Os filhos sem religião não têm verdadeiro amor a seus pais. Elles têm dinheiro para tudo: para bebidas, para jogo, para devassidão; mas não têm, nem vintem, para dar a seus pais velhos, pobres. Os pais passam pelo desgosto, pela vergonha de ver seus filhos desconsiderados, desacreditados, repellidos pela melhor sociedade; passam pelo desgosto e pela vergonha de ver um filho ser processado, condemnado como ladrão ou como assassino; passam pelo profundo desgosto e pela vergonha eterna de ver um filho ou uma filha attentar contra a sua propria vida, commettendo o horroroso delicto do suicidio, que é a infamia da propria sociedade. Quantos pais não pagam o seu crime de não dar educação religiosa a seus filhos, vendo uma filha entregue publicamente á prostituição, ou perecendo elles mesmos como victimas immoladas pelo rancor e ferocidade dos seus proprios filhos?

Uma revista, publicada em Paris, conta o seguinte factó acontecido naquella cidade. Havia ahí um casal, que não tendo religião, não deu a seus filhos a educação religiosa. Algumas de suas filhas casaram-se; outras não. A mais velha, que, apesar de seus ardentes desejos, não tinha achado casamento, ficou com isso muito contrariada e aborrecida. Um dia, tendo um pensamento sinistro, teve a infelicidade de nelle plenamente consentir: resolveu-se a entregar-se á vida publica. Sahiu e foi alugar uma casa nos arrabaldes da cidade. Quando deram pela ausencia da filha, os pais ficaram extremamente perturbados. Momentos depois a moça chegou e foi immediatamente ao seu aposento, e começou a arranjar roupas, calçados e todos os objectos de seu uso particular, em sua mala, em seu bahú. Os pais apprehensivos, nervosos lhe perguntaram: Minha filha, parece que ides fazer uma mudança? Sim, respondeu-lhes a filha. Nasci e cresci nesta casa, e nunca, nem uma só vez, aqui ninguem fallou-me de virtude, de vicio, de alma, de Deus; aqui só me fallaram de grandezas, de divertimentos, de prazeres. Como não tenho mais esperanza de gosar aqui de prazeres, de divertimentos, vou procurar os prazeres e os divertimentos do mundo. Os pais chorando lhe perguntaram: Onde então minha filha vai morar? Ella respondeu: Meu pai e minha mãe, vou infelizmente morar onde moram as desgraçadas, que não tiveram pais para dar-lhes a devida educação religiosa. Adeus, meu pai, adeus, minha mãe! e lá se foi a moça para a prostituição.

M. Mairan, lente da Academia de sciencias em Pariz, conta o seguinte factó, que se deu na cidade de Béziers. Havia ahí um livre-pensador, que tinha dois filhos e uma filha. Elle chamava de prejuizos os ensinamentos divinos e zombava de tudo quanto dizia respeito á religião. Ostres filhos perderam todo o respeito para com seus pais, e entregaram-se á libertinagem. Morrendo a mulher de desgosto, os filhos exigiram de seu pai toda a herança, e reduziram assim o velho imprestavel á mais completa miseria. O filho mais velho, commettendo um hediondo crime, espirou no cadafalso. A moça ficando sem recursos, devido aos seus desmandos, morreu num hospicio de mendicidade. O filho mais moço, abandonado por uma esposa infiel, entregou-se á malandrice e á bebedeira, e morreu na miseria. O velho, acabrunhado pelos desgostos profundos, enlouqueceu. Então continuamente bradava batendo com as mãos no peito e no rosto: Onde estão minha mulher e meus filhos? Oh! estão no abysmo! Fui eu, que cavei esse abysmo! Infeliz, que eu sou. Tudo para mim está para sempre irremissivelmente perdido. E nesse extremo e constante desespero, logo depois morreu.

Relativamente á esta vida, são incalculaveis os bens produzidos pela educação religiosa, e incalculaveis tambem são os males, produzidos pela falta de educação religiosa; mas que a este respeito se deve pensar relativamente á outra vida? Depois de algum tempo os bons pais, que souberam bem educar os seus filhos na religião, irão comparecer diante de Jesus, para serem julgados; e sendo então abençoados por Jesus pelo bem que fizeram e pelo bem que fizeram os seus filhos, irão ao céo, para receber as recompensas de suas virtudes e das virtudes de seus filhos. Algum tempo depois esses bons filhos irão tambem comparecer diante de Jesus, e quando por elle forem abençoados, dirão: Jesus, nós vos agradecemos tantos favores; e, depois de vós, agradecemos a nossos bons pais, aos quaes devemos tambem ser hoje abençoados por vós; nós conjunctamente com elles iremos ser felizes no céo. E os filhos em companhia de seus pais reinarão eternamente com Deus no céo. Os maus pais, que não deram aos seus filhos a devida educação religiosa, tambem irão comparecer diante de Jesus, e serão por elle condemnados pelos males, que fizeram, e tambem pelos males que fizeram seus filhos pela falta de educação religiosa; e irão soffrer eternamente pelos seus crimes e pelos crimes de seus filhos. Algum tempo depois virão por seu turno os máus filhos se apresentar diante de Jesus para serem julgados; e ouvindo a tremenda sentença de eterna maldição, tristes e confundidos, exclamarão: Senhor, sois justo, merecemos a vossa condemnação, porque realmente somos culpados: porém ainda mais culpados que nós, são aquelles pais deshumanos, crueis, que não nos deram a educação necessaria para conhecermos os nossos sagrados deveres para convosco. Iremos, separados de vós, ser eternamente infelizes: mas seremos infelizes conjunctamente com aquelles, que foram com o demonio os causadores de nossa desgraça. E pais e filhos, amaldiçoados por Jesus, o Deus de bondade e de misericordia, ficarão eternamente na companhia dos demonios e de todos os condemnados, soffrendo horrorosos tormentos.

Que todos os pais se compenetrem seriamente de sua tremenda responsabilidade diante de Deus, relativamente á educação religiosa de seus filhos; e que não se esqueçam do quanto têm a lucrar com o cumprimento desse sagrado dever, e do quanto tem a perder com a sua culposa negligencia, tanto nesta vida, como na outra, que é eterna.

Trigesima nona Instrução.

O Sacramento da Confissão. Parte primeira.

Os sacramentos são signaes sensiveis, instituidos por Jesus Christo, para por elles nos communicar os divinos e infinitos merecimentos de sua paixão e morte. Dos sete sacramentos a recepção de dois, que são a Ordem e o Matrimonio, depende da vontade do christão, porque constituem estados, que contêm deveres particulares a cumprir; os outros cinco devem ser recebidos por todos no tempo e pelo modo, determinados pela Igreja. Ha tres sacramentos, que não podem ser recebidos, senão uma vez durante toda a vida, porque imprimem character, e são: O Baptismo, o do Chrisma e o da Ordem. O Baptismo e a Confissão chamam-se sacramentos de *mortos*, porque têm como principal effeito destruir o peccado, que é a morte da alma; os outros cinco chamam-se sacramentos de *vivos*, porque devem ser recebidos no estado de graça santificante, que é a vida da alma. É absolutamente necessaria para a salvação a recepção do Baptismo, da Confissão e da Communhão: a recepção dos outros é vantajosa e obrigatoria, salvos os do Matrimonio e da Ordem. Os tres sacramentos necesarios foram, não só instituidos, mas ainda publicados pelo proprio Jesus Christo; os outros quatro foram tambem instituidos por Jesus Christo, e foram publicados pelos Apostolos. Em relação aos sete sacramentos ha muita semelhança entre a vida natural e a sobrenatural. Na vida natural o homem nasce, cresce, precisa curar as enfermidades, alimentar-se, ser governado, reproduzir-se e ser consolado em seus transes. Na vida sobrenatural o homem nasce pelo Baptismo; cresce pelo Chrisma; cura suas enfermidades, que são os peccados, pela Confissão; fortifica-se pela Communhão, que é o alimento divino da alma; é governado pelos sacerdotes, que pela Ordem recebem poder e jurisdicção espiritual; se reproduz pela união santificada pelo Matrimonio; nas enfermidades graves é confortado pela Extrema-Unção. Aqui trataremos unicamente da Confissão e da Communhão, porque o Baptismo é conhecido de todos, e porque os outros quatro sacramentos não são absolutamente necesarios, embora sejam muitissimo proveitosos.

Confissão é a exacta e sincera narração feita dos peccados ao sacerdote, legitimamente approvado, para delle receber o perdão. Esta confissão dos peccados aos sacerdotes

é muitissimo natural, e está de perfeito accordo com as luzes do bom senso e os nobres sentimentos do coração. O bom senso nos diz que quem não se arrepende do crime, d'elle não merece perdão. A experiencia nos affirma que quem sinceramente arrepende-se, natural e forçosamente confessa o crime. A confissão está para o arrependimento, como a expressão está para o pensamento. O pensamento completa-se pela sua externa expressão; sem ella, o pensamento é incompleto. Da mesma sorte a confissão externa é que completa o arrependimento, sendo este sem aquella inteiramente incompleto. A experiencia nos conta tambem que não ha nenhum coração bem formado, que seja capaz de negar o perdão a quem com sinceridade e humildade implora o perdão, confessando-se verdadeiramente culpado e arrependido. E' por isso que a confissão dos peccados esteve e está sempre em uso em todas as religiões, salvo uma ou outra inteiramente disparatada e absurda. Ella esteve sempre em uso entre os pagãos. O grande historiador Plutharco affirma que a celebração dos mysterios pagãos começa sempre pela confissão feita em particular aos sacerdotes. Entre os Parsis o peccador faz primeiro uma confissão geral, dirigida directamente a Deus; e em seguida faz a confissão circumstanciada ao doutor da lei. Julgam esta confissão tão necessaria que, quando algum morre sem ter tempo de confessar-se, um seu parente ou amigo faz pelo morto a confissão. Na antiga lei, a lei mosaica, havia o preceito de confissão. O peccador era obrigado a contar os peccados ao sacerdote, e este impunha ao peccador o sacrificio de expiação, que devia a Deus offerecer, como penitencia; e em favor do peccador pedia a Deus o perdão, e elle era perdoado. Deve ler-se a respeito os livros dos Numeros (cap. 5. ver. 6 e 7), Ecclesiastico (cap. 4 ver. 31), Proverbios (cap. 28 ver. 13) Levitico (cap. 5 ver. 10). O grande rabbino, Moysés de Cordova, assevera que essa confissão era feita circumstanciadamente, como se faz entre os catholicos. Bellarmino diz que essa confissão entre os hebreus era a verdadeira figura da que mais tarde Jesus tinha de instituir.

Aquillo que na antiga lei era um preceito, Jesus na nova lei, que é mais perfeita, elevou á cathegoria de Sacramento, dando aos seus ministros o direito e o poder de, em seu nome e pela sua autoridade divina, perdoar os peccados. Logo depois de sua gloriosa resurreição, elle foi ao cenaculo visitar os seus apostolos, que lá estavam encerrados. Entrando, os saudou dizendo: A paz esteja comvosco. Assim como meu Pai me enviou, eu tambem vos envio. Recebei o Espirito Santo. Aos que perdoardes os peccados, lhes serão perdoados; aos que não perdoardes, não lhes

serão perdoados. Jesus declara que a mesma missão que recebera de seu Pai, dava aos seus apóstolos, e portanto também aos sacerdotes, que são os seus legítimos sucessores. Ora a sua principal missão, vindo ao mundo, era perdoar os peccados. Portanto a principal missão que elle dava aos seus representantes, é de perdoar os peccados. Por essas palavras tão claras nós perfeitamente entendemos que Jesus queria dizer: Eu, lá no céo, considerarei como perdoados, os peccados que, aqui na terra, por vós forem perdoados; eu, lá no céo, não considerarei como perdoados, os peccados que, aqui na terra, por vós não forem perdoados.

Mas poderá talvez alguém querer objectar que Jesus não fallou em confissão de peccados; e por isso, se deu aos sacerdotes o direito e o poder de perdoar, a ninguem impoz o dever de confessar aos sacerdotes os seus peccados. E' verdade que Jesus não fallou em confissão, mas é porque isso era desnecessario. Era desnecessario, primeiramente, porque já era um preceito imposto na antiga lei, e elle declara que não viera destruir, mas completar a lei. Elle unicamente a esse respeito aperfeiçou o que já estava determinado, elevando o preceito á cathegoria de sacramento, e dando aos sacerdotes o direito e o poder de, em seu nome, perdoar os peccados; pois na lei antiga elles não perdoavam, mas pediam o perdão a Deus em favor do peccador, que lhes confessava os peccados. Em segundo lugar não era preciso fallar em confissão, porque esse dever estava contido no direito e poder, por elle conferidos aos seus ministros. Com effeito, não ha direito sem dever, pois que este é um correlativo d'aquelle. Assim o direito que o pai tem de governar os filhos, impõe aos filhos o dever de obedecer a seus pais; e o direito que os filhos têm de ser protegidos por seus pais, impõe aos pais o dever de educar os filhos, de dar-lhes emprego, collocação. Da mesma sorte, o direito que tem o sacerdote de perdoar os peccados, impõe aos fieis o dever de ao sacerdote contar os seus peccados: porque, se assim não fosse, o direito seria nullificado, por não ter occasião de ser exercido. Demais, esse direito precisa ser exercido com sabedoria, prudencia e justica; devendo portanto o sacerdote conhecer antes a culpabilidade, as disposições intimas do peccador, até seus pensamentos e desejos. Jesus Christo lia até os reconditos da alma, e não precisava da confissão para perdoar; o sacerdote, não tendo esse privilegio, precisa sobre os actos occultos, sobre os pensamentos e desejos ouvir testemunhas habilitadas, que não podem ser outras, que os proprios peccadores.

Jesus Christo, alem de um direito, deu aos sacerdotes um poder de perdoar os peccados. Ora, todo poder de-

ve ter uma garantia de sua execução, porque, se não a tiver, ficará nullificado. De que serviria nomear um homem tabellião, dando-lhe o poder de validamente passar as escripturas publicas, se tambem as escripturas passadas pelas partes, ou por pessoas particulares de sua escolha, fossem validas? Ninguem procuraria o tabellião, e o seu poder seria nullo. Por isso a lei estabelece a garantia a esse poder, determinando que as escripturas só serão validas, quando passadas pelos tabelliães. Assim tambem, se o peccador podesse por um outro modo ser perdoado, ninguem quereria ter o vexame de ir contar as suas fraquezas ao sacerdote; e o seu poder nunca poderia ser exercido, e seria um poder inteiramente irrisorio. Mas Jesus, a sabedoria infinita, teria dado um semelhante poder? Quando elle disse: Aos que perdoardes os peccados, lhes serão perdoados, deu o poder; e quando disse: Aos que não perdoardes, não lhes serão perdoados, estabeleceu a garantia da perfeita execução do poder. Assim, conforme a terminante declaração de Jesus Christo, só serão perdoados os peccados que forem confessados ao sacerdote, e que por elle forem perdoados. E' assim que pensam todos os grandes sabios Padres da Egreja.

Santo Irineu, que viveu no segundo seculo, fallando dos que tinham vexame de confessar-se, dizia: Elles têm mais zelo da honra, que da salvação. Mas, qual é melhor? contar os peccados, e salvar-se; ou não contar-os, e ser condemnado? Tertulliano, que viveu no terceiro seculo, dizia: Se fordes tentado a fugir da confissão, reflecti no inferno, cujo fogo ella extingue; e sentir-vos-eis dispostos a soffrer a amargura desse remedio, em vista da grandeza da pena, de que elle vos livra. Santo Agostinho, que viveu no quarto seculo, dizia: Abandonar a confissão, é sacrificar a sua eternidade, e correr á sua propria perda. São Jeronymo, que viveu no quinto seculo, dizia que a confissão era a segunda taboa de salvação, sendo o baptismo a primeira. Santo Anselmo, que viveu no decimo primeiro seculo, dizia que assim como pelo baptismo se perdoa o peccado original, assim é pela confissão que se perdoam os peccados actuaes. Ora sem o baptismo não se perdoa o peccado original; segue-se que sem a confissão não são perdoados os peccados commettidos depois do baptismo. São Pedro Damião, que viveu tambem no seculo decimo primeiro, dizia que a confissão é o unico caminho, pelo qual vai-se a Deus Padre. São João Climaco, que viveu no sexto seculo, dizia: Sem a confissão ninguem consegue o perdão dos peccados. *Sine confessione nullus remissionem peccatorum consequitur.*

Ouçamos emfim a respeito o Santo Concílio de Trento na sessão sexta, capitulo quatorze: Se alguem disser que

a confissão, feita ao sacerdote, não é um sacramento, instituído por Nosso Senhor Jesus Christo, seja excommungado. Se alguém disser que a confissão, feita ao sacerdote, na *realidade* ou em *desejo*, não é necessaria para se conseguir o perdão dos peccados, commettidos depois do baptismo, seja excommungado. A confissão na *realidade*, de que aqui falla o Santo Concilio, é a que se faz contando os peccados ao sacerdote; e a confissão em *desejo*, é a contrição perfeita com o desejo sincero de confessar-se, logo que possa, ao sacerdote. A contrição perfeita, que é o grande pezar de ter offendido a Deus, não porque elle castiga, mas unicamente porque elle é bom, inclue o desejo sincero de fazer a confissão; pois a caridade, de que procede, não pode existir sem a vontade sincera de fazer o que Deus mandou sob pena de perdição eterna. A confissão neste caso deve ser feita, logo que haja occasião, sob pena de reincidencia na malicia dos peccados perdoados.

A confissão não só é divina e obrigatoria, mas ainda é util e muito proveitosa. Jesus Christo não faz nada inutil e desnecessario. O proprio modo, pelo qual elle constituiu esse sacramento, demonstra o seu immenso proveito. O peccador, sendo obrigado a contar os peccados, é por isso mesmo obrigado a fazer um diligente exame para poder delles recordar-se. O conhecimento ou lembrança dos peccados faz conhecer o seu numero, a sua malicia, a offensa feita a um Deus tão bom; o que naturalmente produz na alma um sincero arrependimento. O sincero arrependimento inspira a santa resolução de empregar todos os meios e recursos para nunca mais offender a Deus: o que naturalmente traz a santa deliberação de fugir de tudo quanto possa servir de motivo, de occasião de peccar. O dever de contar os peccados produz vexame, e este serve para robustecer a resolução de procurar não mais peccar, e a deliberação da fuga das occasiões perigosas de peccar. Esse vexame ainda serve de penitencia e expiação para satisfazer á pena temporal, imposta ao peccado, mesmo depois de perdoada a culpa. O sacerdote no confissionario, alem das funcções de juiz, exerce tambem as de medico. Elle cura a alma, nullificando os peccados; e ainda por seus conselhos elle estabelece o regimem dietético, indicando todas as cautelas e precauções que o peccador deve empregar para não reincidir nas mesmas faltas. Eis como tão natural e poderosamente a confissão, alem de perdoar os peccados, concorre para a completa regeneração do peccador.

Para demonstrar a incomparavel utilidade da confissão, basta dizer que ella destroe o peccado, que é a origem

de todos os males, mesmo em relação á esta vida. Os proprios homens máus provam as vantagens da confissão. Em quanto se confessavam, eram correctos, morigerados logo que abandonaram a pratica da confissão, perverteram-se. Os máus, logo que tomam a resolução sincera de fazer uma completa reforma, de realizar uma regeneração, vão procurar a confissão. Até os maiores adversarios de nossa santa religião reconhecem os santos proveitos da confissão.

Na Alsacia, em 1670, os ministros protestantes de Strasburg dirigiram uma extensa petição ao governo local para que mandasse restabelecer o uso da confissão. Os luteranos da cidade de Nuremberg enviaram uma mensagem ao rei Carlos 5.º pedindo-lhe que mandasse, por um decreto, restabelecer a pratica da confissão; e justificavam o seu pedido allegando que com a suppressão da confissão a onda dos crimes tinha tanto se avolumado, que ameaçava a ruina, não somente da familia, do estado, da nação, mas até mesmo da sociedade. O rei lhes respondera que o seu poder não chegava a tanto; e que, quando mesmo elle pudesse isso fazer, o seu acto não teria effeito algum, porque, os que não souberam respeitar a confissão, instituida por um Deus, muito menos respeitariam a que fosse restabelecida por um homem. Em 1856 os protestantes da Baviera e da Saxonia tentaram em vão restabelecer entre si a pratica da confissão. Elles diziam que o grande mal da actualidade era peccar de sangue frio, peccar sem ter remorsos do peccado; e que a verdadeira causa disso tinha sido a suppressão da confissão. Uma liturgia protestante da Suecia diz que, depois que entre elles fora abolida a pratica da confissão, as solemnidades religiosas eram acompanhadas de libertinagem. Fitz William, em sua Carta a Attico, diz: A virtude, a justiça, a moral devem servir de bases a todos os governos; mas é impossivel estabelecê-las sobre bases solidas, sem o tribunal da confissão; e esse tribunal pertence aos catholicos romanos. Em seu Systema Theologico diz o grande sabio protestante Leibnitz: A confissão é uma instituição digna da sabedoria divina, a mais digna de elogios e a mais bella da religião christã; é uma instituição admirada dos povos da China, do Japão, e propria para adoçar e curar os males da alma. O grande sabio da antiguidade, Seneca, que era pagão, tratando da confissão feita entre os pagãos, dizia (em sua Epistola 63): Porque não confessamos os nossos peccados, é que nelles ainda estamos abysmados; pois confessar os seus vicios, é um signal de cura. O proprio impio Voltaire dizia que a confissão era uma instituição excellente, e era o mais poderoso freio das paixões; e que sendo uma lei tão penosa e tão facil de

violar-se, não podia ser imposta por nenhum poder humano. Se, pois, ella persiste, e é praticada por todos os povos, é evidente que é uma instituição divina. Os proprios impios e libertinos dão uma prova evidentissima da divindade, da necessidade, da bondade e da santidade da confissão, pois que ella é o objecto do seu mais encarniçado rancor. Elles toleram tudo aos catholicos, com tanto que elles não se confessem. Os que se confessam frequentemente são os alvos predilectos de suas zombarias, dos seus vilipendios e de suas torpes calumnias.

Parte segunda.

Não obstante tudo quanto ahi fica dito relativamente á confissão, os seus gratuitos adversarios têm o descaramento de asseverar que ella foi inventada pelos padres catholicos. O ente racional nada faz sem ter um motivo. Mas porque os padres inventariam a confissão? E' o trabalho mais penoso do seu santo ministerio. Elles são obrigados a attender promptamente aos pedidos para confissão, de dia, de noite, com chuva, mesmo para os lugares mais remotos. Elles são obrigados a ir confessar todos os enfermos, mesmo os atacados de molestias gravissimas e contagiosas, expondo assim a sua vida. E em qualquer caso, circumstancia, tempo, lugar, elles nunca, sob pretexto algum, podem receber um vintem, ou qualquer objecto de valor como remuneração pelo ministerio da confissão. Tambem nunca, em caso algum, nem mesmo que seja absolutamente necessario, podem elles contar o segredo, nem mesmo usar do conhecimento, adquirido na confissão. Qual a razão então porque os padres inventariam a confissão? Se inventassem, teriam com certeza a sagacidade de deixar uma excepção em seu favor: "todos devem confessar-se, excepto os padres, que são os confessores." Entretanto todos os padres, todos os bispos, patriarchas, cardeaes estão sujeitos á confissão. O proprio Papa, que é o chefe supremo da Igreja, se não se confessar, não será perdoado, não viverá bem com Deus, não salvará a sua alma. A confissão é um acto, que abate o orgulho, fere mortalmente o amor proprio; portanto, se alguém tentasse invental-a, ella não seria acceita. Se ella não tivesse sido instituida por Deus, a primeira tentativa para a sua introdução teria com toda a certeza provocado uma grande resistencia, um estrondoso alarma, que não podia deixar de

ficar gravado na historia, de ser transmittido pela tradição até as ultimas gerações. Entretanto de nada absolutamente consta. Os seus adversarios dizem que foi inventada, mas são inteiramente incapazes de asseverar quando, onde e por quem. Alguns mais descarados atrevem-se a avançar que a confissão foi inventada pelos padres do Concilio de Latrão, celebrado no anno de 1215; mas essa asseveração é contraproducente. Esse Concilio determinou que todos os fieis deveriam confessar-se, ao menos, uma vez por anno, pela Paschoa da Ressurreição. Ha portanto apenas a determinação do tempo fixo, em que se deve cumprir um dever. Ora quem marca o tempo, em que se deve cumprir um dever, prova evidentemente que esse dever já existe, e que o seu cumprimento tem sido descuido. E' justa e exclusivamente o que fez o referido Concilio Invoquemos autoridades competentes e insuspeitas.

Os nestorianos e eutyebianos, hereges, que se apartaram da Igreja catholica no quinto seculo, conservam o dogma e a pratica da confissão. Elles não poderiam tel-a inventado depois de sua separação, porque disso teriam sido gravemente accusados; prova que antes já a confissão estava em pratica. O sabio protestante Gibbon, na sua Historia da decadencia do Imperio Romano, diz: O homem instruido não pode resistir ao peso da *evidencia* historica, que estabeleceu que a confissão tem sido em dos principaes pontos da doutrina papista em todo o decurso dos quatro primeiros seculos. (Doutrina papista, quer dizer doutrina catholica.) Henrique 8.^o dizia: Quando mesmo não se soubesse que Deus tinha instituido a confissão, bastaria saber-se que ella foi acreditada e professada em todos os tempos e em todos os lugares. para já ficarmos firmemente convencidos de sua origem divina. Voltaire dizia: A confissão é uma instituição divina, que não teve começo, senão na misericordia infinita de seu autor. A obrigação de se arrepender remonta ao dia, em que o homem tornou-se culpado. Só o arrependimento das faltas pode supprir a innocencia. Para se arrepender, é preciso começar por confessar as faltas. A confissão, ainda diz elle, esteve sempre em uso entre os judeus e até mesmo entre os pagões.

Os adversarios da confissão allegam que nos primeiros seculos do christianismo nem os proprios Santos, nem mesmo os solitarios confessavam se. Se então, como agora, a confissão fosse reconhecida como divina, necessaria e vantajosa, haviam necessariamente de confessar-se. Os apóstolos não se confessaram, porque foram confirmados na graça. Maitissimos ou quasi todos recebiam em idade adulta, madura, o baptismo, que apaga, não só a culpa, mas mes-

mo a pena temporal, devida ao peccado. Muitissimos soffriam o martyrio, que, como o baptismo, apaga a culpa e a pena. Naquelle tempo não havia ainda o preceito ecclesiastico de confessar, ao menos uma vêz por anno; e, havendo muito fervor, teriam os primeiros christãos, em regra geral, apenas peccados leves, que, como já explicamos, são perdoados pelos actos, mesmo implicitos, de caridade e de contrição imperfeita. Os solitarios e anachorêtas não se confessavam, porque, por particular inspiração de Deus, estavam onde não havia sacerdotes; e porque tinham unicamente pequeninas imperfeições; e, quando mesmo por acaso tivessem alguma falta grave, tinham o recurso da contrição perfeita com o desejo sincero de confissão, que não podiam realisar por motivos independentes de sua vontade. Naquelle tempo tambem os biographos deixavam de mencionar o facto da confissão na vida dos Santos, como tambem deixavam de mencionar a communhão, porque esses sacramentos não eram combatidos; e mesmo porque todos já suppunham que os santos não tinham deixado de cumprir com esses dois sacratissimos deveres, desde que isso lhes fosse possivel. Entretanto a historia ecclesiastica relata a confissão de muitos Santos. Assim sabemos que se confessaram Santo Eligio, Santo Eloy, Santo Aredio, São Tillão, São Fructuoso, que viveram nos primeiros seculos. Na vida de Santo Ambrosio, escripta por São Paulino, lemos que, quando elle confessava algum grande peccador, chorava de contentamento. Na vida de São Diniz, o sabio Areopagita, convertido por São Paulo, primeiro bispo de Paris, que viveu no fim do primeiro seculo, lemos o seguinte facto, que claramente prova que já naquelle tempo a confissão, feita ao sacerdote, estava em pratica: "Um padre tinha recebido e tratado com muito amor e ternura no confessionario um grande peccador, que se mostrava muito arrependido. O sacristão Demophilo, homem ignorante e grosseiro, maltratou o penitente, e censurou o confessor por tel-o tratado com tantos carinhos; e, julgando ter praticado um acto, digno de louvor, escreveu a São Diniz relatando todo o que tinha occorrido, esperando ser por elle louvado. Então o santo bispo escreveu uma carta ao sacristão, na qual reprehendia, condemnava o seu procedimento, e louvava a conducta do confessor, dizendo que elle tinha perfeitamente imitado a Jesus Christo, que tanto amava os grandes peccadores arrependidos." (Ribadeneira vol. pag. 136.)

Na idade media já havia na abbadia de Mürbach uma velha escultura, que representava um penitente, de joelhos aos pés de um padre, tendo sobre a cabeça uma

cêsta, cheia de peccados, em quanto o demonio mantem-se ao seu ouvido, tentando persuadil-o para occultar a parte mais vergonhosa de sua vida. Diante desse monumento, que eloquentemente prova a antiguidade da pratica da confissão, um protestante bateu no peito e exclamou: Lutero mentiu, quando assegurou que a confissão data do Concilio de Latrão.

Os adversarios da confissão ainda insistem dizendo que ella foi, no quarto seculo, abolida por Nectario, patriarcha de Constantinopla. Expliquemos o facto, que offereceu motivo para essa invencionice. Havia então a confissão publica, em que eram contados os peccados publicos para humilhar o peccador, e dar-lhe uma penitencia publica com o unico fim de reparar os effeitos maleficos do escandalo. Nessa confissão não se contavam os peccados occultos, não se recebia absolvição dos peccados, mas só a penitencia publica, imposta pelo sacerdote para isso especialmente commissionedo, e que tinha o titulo de penitenciario. Depois dessa declaração publica, o peccador ia fazer a verdadeira confissão, a secreta, na qual se contavam com todos os peccados occultos, todos os peccados já declarados na confissão publica. Aconteceu que uma mulher, por ignorancia ou inadvertencia, contou na confissão publica um peccado occulto, cuja manifestação feria a reputação de um Diacono, produzindo esse facto grande alarma, perturbação e mesmo escandalo. Então o Patriarcha Nectario prohibiu que na confissão publica contassem peccados particulares, occultos; e ao mesmo tempo o aboliu o cargo de penitenciario. Eis tudo quanto a esse respeito deu-se, e nada mais absolutamente. Elle nem se quer pensou em abolir a confissão, que, sendo uma instituição divina, por ninguem pode ser abolida. O proprio Papa, que tem um poder soberano, não pode nem alterar substancialmente a materia e a forma dos sacramentos, muito menos abolil-os.

Os adversarios da confissão sustentam que não são só os sacerdotes que podem perdoar os peccados, porque, quando Jesus Christo deu esse poder, no cenaculo não estavam só os apóstolos, mas estavam tambem os discipulos, como refere o evangelista, que diz que lá estavam *juntos os discipulos*, com portas fechadas, pelo medo que tinham dos judeus. Mui-tissimas vezes, no Evangelho, os apóstolos são geralmente tratados pelo nome de discipulos. No mesmo capitulo do mesmo Evangelho, quatro versos adiante, Santo Thomé, que era apóstolo, é tratado por discipulo. São João Evangelista é muitas vezes no Evangelho tratado por discipulo; e até mesmo sempre conhecido por *discipulo amado*. São Matheus diz que, estando os doze discipulos sentados á mesa, celebraram a

Paschoa; quando ahi estavam na mesa unicamente os doze apóstolos. O proprio Jesus Christo diz que havia de celebrar a Paschoa com os seus discipulos; quando elle a celebrou unicamente com os seus apóstolos. Mas supponhamos, só para argumentar, que lá no cenaculo estivessem, alem dos apóstolos, outras muitas pessoas, homens e mulheres, como affirmam os protestantes, segue-se disso que Jesus a todos conferira o poder de perdoar os peccados? Perdoar os peccados, quando e como elles devem ser perdoados; não perdoar os peccados, quando elles não devem ser perdoados, é realmente proferir juizos, dar sentenças: que é privativo dos magistrados, que da autoridade competente recebem uma delegação, uma investidura. Por ventura já existiu, ou mesmo alguém possa sensatamente conceber que possa existir, uma sociedade, em que todos, homens e mulheres, podem julgar, sentenciar, emfim ser juizes e magistrados? Quando mesmo no cenaculo estivessem presentes milhares de pessoas, a delegação de Jesus referia-se unicamente aos seus enviados, era feita unicamente aos seus ministros e representantes e aos seus legitimos successores; porque quem succede no cargo, succede tambem, não só nos deveres e encargos, mas ainda nos direitos, poderes e privilegios.

Mas ainda os adversarios da confissão allegam que a confissão deve ser feita a Deus, como ensina São João Chrysostomo. Quando esse tão sabio e grande Santo disse que deviam fazer a confissão a Deus, referia-se aos baptizandos, catechumenos e ao exame que elles deviam fazer para excitar-se á contrição; tanto que em outro lugar elle ensina que a confissão deve ser feita, não em publico, nem aos seculares, mas unicamente em segredo e aos sacerdotes, que são os medicos da alma.

Todos os Padres da Igreja unanimes ensinam que a confissão faz-se unicamente aos sacerdotes. São Basilio, que viveu no quarto seculo, dizia: As doenças do corpo não se manifestam a todos, mas só aos medicos, que podem cural-as; assim a confissão dos peccados não se faz a todos, mas unicamente aos sacerdotes, que podem perdoal-os. Santo Ambrozio, que viveu no quarto seculo, dizia: Quereis sepultar num eterno esquecimento as vossas prevaricações? Ide dellas fazer a humilde confissão aos sacerdotes. São Clemente, terceiro successor de São Pedro sobre a Sé de Roma, que viveu no fim do primeiro seculo, dizia: Quem tem cuidado da alma, não se envergonha de confessar os peccados ao sacerdote, que preside; e acrescentava: São Pedro mandava contar aos sacerdotes, até os máus pensamentos.

Até os protestantes, que são sinceros, concordam que Jesus Christo deu aos sacerdotes o poder de perdoar os pec-

cados. O protestante doutor Andréws (em seu sermão sobre o capitulo 20 de São João) tratando das palavras de Jesus aos Apostolos: *Aos que perdoardes os peccados, lhes serão perdoados*, diz: « Assim estão mencionadas tres pessoas: a do peccador, a *quem* se perdoa; a do sacerdote, por intermedio de *quem* se perdoa; e a de Jesus Christo, *que* perdoa. Se tres são designadas, é porque duas não bastam. Querer supprimir a pessoa do sacerdote, é querer mutilar a ordem divina, e nullificar o poder, conferido por Jesus aos seus ministros.» O grande sabio protestante, Leibnitz (em seu Systema Theologico pag. 262) diz commentando as mesmas palavras de Jesus acima citadas: « Por essas palavras vê-se claramente que Jesus quiz constituir os sacerdotes medicos das almas; quiz por isso obrigar os enfermos, que são os peccadores, a manifestar-lhes as suas enfermidades, que são os peccados.»

Mas ainda insistem os adversarios da confissão, asseverando que ella só deve ser feita a Deus, que segundo o Apostolo S. Paulo é quem justifica o peccador. Elles tambem deveriam ler com attenção as palavras do mesmo apostolo, que, referindo-se a si e aos outros apostolos, diz: Jesus Christo nos tem constituido ministros da *reconciliação*, dispenseiros das riquezas de Deus. Não deveriam deixar de meditar sobre as palavras do mesmo apostolo em sua primeira Epistola aos Corinthios, capitulo 12, versos 6 e 7, onde elle diz: « Ha diversidade de ministerios, mas um mesmo é o Senhor. E ha diversidade de operações, mas um mesmo é o Deus, que opera todas as cousas em todos ». Muitos e varios effeitos observamos neste mundo, que, embora diversas sejam as causas secundarias que directamente os produzem, ha uma causa primaria, que é Deus, que tudo faz; pois que, sem o seu concurso divino, que ás causas secundarias dá a capacidade de produzir esses effeitos, ellas nunca poderiam produzi-los. Sem esse concurso divino as causas secundarias não poderiam nem subsistir, e portanto ainda muito menos poderiam produzir. E' por conseguinte Deus, que por suas proprias creaturas faz tudo na ordem physica, na ordem social e tambem na ordem espirital. O soberano governa todos os seus subditos por meio dos seus ministros; porque o soberano de todos os soberanos não poderá governar todos os homens por meio dos seus legitimos representantes, que são os sacerdotes? E' portanto, como assevera São Paulo, Deus quem justifica o peccador, mas o justifica pelo ministerio sagrado d'aquelles, que por elle estão encarregados de repartir os thesouros infinitos de seus dons e de suas graças.

Ainda, continuando em sua insistencia, dizem os adversarios da confissão que ella não deve ser feita aos sacerdotes, que são homens, porquanto o proprio Jesus Christo asseverou que é só Deus, que tem o direito e poder de perdoar os peccados. A objecção já está resolvida pelo que ficou dito em resposta ás palavras de São Paulo; mas o assumpto é de tão grande importancia, que muito aproveita dar uma outra solução. E' o mesmo Jesus, que dizendo que só Deus pode perdoar o peccado, para dar aos judeus incredulos uma prova de sua divindade, não só curou miraculosamente o paralytico, mas ainda lhe perdoou os peccados, quem diz que envia os seus apostolos, como seu Pai o tem enviado, e lhes assevera que os peccados serão perdoados a todos os que por elles apostolos forem perdoados. Deus tem o direito de perdoar os peccados? O rei perdoa os crimes: o credor as dividas: o offendido as offensas. Ora Deus não é inferior. Deus pode delegar os seus direitos aos homens? O rei delega aos seus ministros; os particulares aos seus advogados. E' um facto que Deus tem delegado aos homens, á sua escolha, o seu direito privativo de derogar as leis physicas e operar milagres, até o de resuscitar os mortos. Porque então duvidar que elle possa encarregar os seus ministros de, em seu nome, pela sua autoridade perdoar os peccados? E' Deus que faz tudo na ordem physica e mesmo na ordem social, por meio dos seus representantes. Elle, se quizesse, podia directamente dar-nos as hervas, as sementes, os fructos necessarios para a nossa alimentação; mas não quer nos fazer esse beneficio, senão indirectamente por intermedio da terra. Elle poderia ter mandado cahir o alimento lá no deserto para Elias; mas quiz envial-o por meio dum corvo, animal irracional, ave voraz, carnivora, que entretanto todos os dias de manhã e á tarde levava para o propheta um pão e um pedaço de carne. Se Deus quizesse, poderia fazer cahir o dinheiro, ou a comida e vestuario na casa dos pobres; mas elle quer que os ricos sejam seus intermediarios, dando a devida esmola aos necessitados. Se Deus quizesse, poderia dar-nos a existencia directamente; mas elle quer que nossos pais, que de si mesmos não têm a existencia, fossem os seus ministros para represental-o como creador. Se Deus quizesse, poderia por si mesmo governar todas as nações: mas elle quiz que as autoridades publicas, os magistrados, que, por natureza não são superiores aos outros homens, em seu nome e por sua delegação, governassem todos os homens. Do mesmo modo, se Jesus quizesse, poderia por si mesmo nos communicar os merecimentos infinitos de sua paixão e morte; mas elle quiz que esses thesouros nos fos-

sem dispensados por meio dos sacramentos e pelo intermedio de seus sacerdotes. Santo Ambrosio diz que Jesus, sendo o autor e o ministro interior dos sacramentos, quiz contudo ter ministros exteriores, que a esse respeito fariam tudo em seu nome. E' o sacerdote quem administra os sacramentos, mas é Jesus que communica aos homens os seus preciosissimos dons. No baptismo é o sacerdote, que derrama a agua na cabeça do baptisando, e pronuncia a invocação da Santissima Trindade; porem é Jesus, que apaga o seu peccado original, e o torna filho de Deus. No matrimonio é o sacerdote que preside ao acto, que abençoa os nubentes; porem é Jesus que santifica a sua união. Na santa missa é o sacerdote que sobre o pão e o vinho pronuncia as palavras da consagração; porém é Jesus que, pela sua omnipotencia divina, converte o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue. Do mesmo modo na confissão é o sacerdote que ouve a accusação, dá os conselhos, profere a absolvição; porem é Jesus, que perdoa os peccados e justifica o peccador. Já terão muitas vezes ouvido dizer: Eu me confesso a Deus, mas não me confesso ao padre, que é um homem como eu. Para serem logicos, consequentes, deveriam tambem dizer: Eu não deixo me julgar pelo juiz de Direito, nem pelos ministros do Tribunal de justiça ou do supremo Tribunal, porque são homens como eu. Eu não me sujeito a ser governado pelo delegado de Policia, pelo presidente do Estado, pelo da Republica, nem mesmo por meu pai, porque são todos homens como eu. Elles sabem que todas essas pessoas são seus legitimos superiores, como representantes da justiça publica, da autoridade civil, da autoridade paterna. Assim os sacerdotes, se lhes são iguaes por natureza, são seus legitimos superiores, como representantes da justiça e da autoridade divina; são superiores pelo seu character sagrado, até mesmo aos mais elevados monarchas e soberanos do mundo. Entretanto nem mesmo os sacerdotes podem dizer, referindo-se ao sacerdote como confessor, que não se confessam a sacerdotes, como elles, porque no confessorario ha verdadeira distincção: o sacerdote, que se confessa é um réo, e o confessor é um juiz. O proprio Papa, que é o soberano Chefe da Igreja, quando de joelhos aos pés dum simples sacerdote para confessar-se, elle representa um culpado e criminoso, e o simples sacerdote ahí representa o seu soberano juiz.

Na confissão feita directamente a Deus pode-se achar um soccorro, uma consolação, como tambem acha-se na oração; mas falta-lhe um elemento essencial, que é o acto de jurisdicção divina, ao qual Deus uniu a graça do perdão. A sentença da remissão dos peccados não é pronunciada ao

culpado, que por isso não pode ter confiança de estar realmente perdoado. Além disso, nessa confissão, não havendo, nem exame de consciencia, nem pezar de ter offendido a Deus, nem resolução de não mais offendel-o, nem vexame de contar os peccados, nem admoestações, nem conselhos, nem reprehensões, nem imposição de penitencia; não ha tambem cousa alguma, que concorra para a extirpação dos vicios e a regeneração dos viciosos. Confessar-se assim a Deus, é não confessar-se de modo algum. Se fizessem essa confissão com pureza de intenção, com profundo arrependimento, com sincero proposito, com ardente desejo de corrigir-se, iriam com toda certeza e immediatamente ajoelhar-se diante do sacerdote para fazer a confissão instituida e ordenada por Jesus Christo, que é Deus.

Para quem tem bom senso e boa intenção confessar-se a Deus, é confessar como Deus quer e manda. Ora, como claramente já demonstrámos, Jesus Christo, que é verdadeiro Deus, quer e manda que nos confessemos aos seus sacerdotes. Relativamente ao confessor, no confessorario desaparece a pessoa do simples homem, para ostentar-se a pessoa sagrada do legitimo representante de Deus. Quando nos confessamos, não dizemos: Eu peccador, me confesso a vós, sacerdote; mas dizemos: Eu peccador me confesso a Deus. Sim, a Deus, legitimamente representado pelo seu enviado, pelo seu plenipotenciario. Tambem, quando no fim da confissão o sacerdote levanta a sua mão sagrada para proferir a absolvição, não diz: Em meu nome vos absolvo dos vossos peccados; mas diz: Eu vos absolvo dos vossos peccados em *nome do Padre, e do Filho e do Espirito Santo*. E', portanto, não em seu proprio nome, mas em nome da Trindade Santissima, que o sacerdote perdoa os peccados. Por conseguinte confessar-se ao sacerdote, é confessar-se ao proprio Deus. Para bem corroborar esta terminante asseveração, vamos citar tres autoridades de uma summa importancia.

No sexto seculo, João, Patriarcha de Constantinopla, compoz um ritual para o uso de todo o Oriente, em que o sacerdote, antes de dar a absolvição, assim admoesta o seu penitente: «Não sou eu, meu filho, que vos concede o perdão dos vossos peccados; mas é o proprio Deus, que, pelo meu intermedio e ministerio, vos perdoa. Se ainda lembrais alguma falta, confessai, sem occultar nem uma, nem mesmo as mais secretas. Eis o meio de obterdes dellas o vosso perdão». São Sidonio, morto no anno de 489, respondendo ao magistrado, dizia: No vosso tribunal quem confessa o seu crime, é condemnado; mas o que a nós, sacerdotes, confessa os seus peccados, os confessa ao proprio Deus, e é per-

doado. Já no quarto seculo havia pessoas, que diziam que não se confessavam aos sacerdotes, que são homens, mas que se confessavam directamente a Deus. Aos que assim se expressavam respondia o grande e sabio Santo Agostinho : *«Ninguém se engane a si mesmo dizendo que arrepende-se em seu coração, e faz a sua confissão a Deus. Porquanto, se quereis que o céo se vos abra, abri tambem a vossa bocca ao sacerdote, porque esta é a unica porta, que dá entrada no paraíso. Si vis ut tibi cœlum aperiatur, aperi os tuum sacerdoti, ista est unica janua paradisi.*

Parte terceira.

Vamos agora refutar todas as futeis excusas, apresentadas por aquelles que não querem confessar-se. A primeira, é: Eu tenho vexame. O que a meu respeito não ficaria pensando o padre? E' verdade que para confessar-se, é preciso humilhar-se, abater a soberba, ferir o amor-proprio. Isto realmente custa; mas não trata-se de saber se custa, mas se é necessario. Tambem custa beber um remedio amargo; mas desde que isso é necessario para cessarem as dores, bebe-se. Acontece com a confissão a mesmo que acontece ao que com repugnancia traga um medicamento intragavel. Quando depois cessam os soffrimentos, sentem um bem-estar, uma grande alegria. Quando tambem o christão faz o sacrificio de confessar-se, é compensado pela paz intima, por um contentamento todo divino. Só mesmo os que tem a felicidade de confessar-se, é que podem avaliar a suavidade, a doçura. o prazer, o contentamento, produzidos pela confissão.

Na historia da vida do Padre Brydaine lemos o seguinte facto: «Um militar, que nunca se tinha confessado, confessando-se com elle pela primeira vez, ficou tão contente, que, derramando lagrimas, exclamava: Nunca em minha vida experimentei prazeres tão puros e tão doces, como os que ora experimento, depois que entrei na graça de Deus. Não creio que o rei, Luiz 15, a quem tenho servido durante 35 annos, possa ser tão feliz como eu. No meio de tantas grandezas não está tão contente como eu, depois que depuz o enorme peso de meus peccados.»

O que o padre não pensará, não dirá a meu respeito? dizem os que não se confessam. Pensará e dirá que cumpristes com um sagrado dever; que deixastes o peccado, e entrastes na amizade de vosso Deus, que perdoou e apagou completamente as vossas faltas. Lemos na vida de São Francisco

de Sales o seguinte facto, que muito deve animar e encorajar os catholicos timidos, que desejam, mas não se animam a confessar-se. Esse grande Santo confessou uma grande peccadora; e, esta, perguntando-lhe: Com que olhos me olhais agora, depois de eu vos ter descoberto todas as minhas desordens? respondeu-lhe: Olho-vos como uma santa. Ah! a vossa consciencia, confidente dos meus horrorosos peccados, ha de vos dizer o contrario. De nenhum modo, fallo-vos segundo a minha consciencia: não sois mais o que antes ereis. Que pensais enfim de todo o meu passado? Nada penso daquillo que nada mais é diante de Deus. Não penso, senão em louvar a Deus, e celebrar a festa de vossa conversão. Ah! eu quero celebrar esta festa com os anjos do céo, que se regosijam da santa transformação do vosso coração.

A segunda excusa dos que não se animam a confessar, é esta: Eu não me confesso, porque depois eu torno a cahir no peccado. E' verdade que, para validamente confessar-se, é necessario estar disposto a empregar todos os meios ao seu alcance para evitar o peccado; mas não ha ninguem que possa ter segurança de nunca mais peccar. Pode a nossa resolução ser profundamente sincera, mas, porque somos voluveis, inconstantes, podemos violal-a. Acontece ao que depois da confissão recai no mesmo peccado, justamente o que acontece ao que, depois de curar um encommodo produzido por um certo alimento, depois d'elle torna a usar. Curando-se, promette nunca mais tocar naquella comida; mas, depois de algum tempo, tentado pelo desejo, torna a comer e a ficar doente, e torna tambem a procurar pelo remedio. Assim a pessoa, quando confessa deve ter o proposito sincero de não mais peccar; mas, se por fraqueza tornar a peccar, deve tornar a confessar-se. Porque eu pecco todos os dias, dizia o grande Santo Ambrosio, todos os dias irei procurar pela confissão, que é o remedio para curar a enfermidade da alma, que é o peccado. O baptismo recebe-se uma unica vez, porque só uma vez se contrahe o peccado original; ao passo que nos devemos confessar frequentemente, porque com frequencia commettimos os peccados actuaes.

A terceira excusa é a dos que dizem que não se confessam, porque os que se confessam são peores. Em regra os que não se confessam julgam máus todos os que se confessam, e bons todos os que não se confessam. Cada um defende os do seu partido. Se é verdade que alguns que não se confessam são bons, se se confessassem, seriam melhores, seriam santos; se é verdade que alguns que se confessam são máus, se não se confessassem, seriam piores,

seriam scelerados. A confissão, instituída por um Deus infinitamente sabio, deve attingir o seu fim, que é a santificação, desde que se lhe não anteponha algum obstaculo. Se, pois, alguns que se confessam são máus, é sem duvida, porque não se confessam com a devida preparação e com as necessarias condições; porquanto é um facto que a maior parte dos que se confessam, são bons, e alguns até tornam-se piedosos, edificantes e mesmo santos. Confessem-se, como devem confessar-se, e verão em si os prodigiosos e santos effeitos da confissão.

A quarta escusa é dos que allegam não ter peccado para contar. Dizem: Eu não roubo, não mato, não deshonor; de que hei de accusar-me? Os mandamentos da lei de Deus não são unicamente tres, mas são dez. Alem destes, ainda temos os cinco preceitos da Igreja; as obrigações particulares a cada estado, emprego, profissão; e ainda o dever de consagrar todos os dias a Deus os affectos de seu coração. Não basta, portanto, não roubar, não matar, não deshonorar, para considerar-se isento de toda culpabilidade. E será mesmo verdade que não roubam, não matam, não deshonoram? Podem não roubar o dinheiro; mas podem pela maledicencia, intriga, calumnia, roubar o conceito, a fama, a reputação, que valem muito mais que o dinheiro. Podem não tirar a vida do corpo; mas podem, pelos máus exemplos, escandalos, seducções, tirar a vida da alma, que vale infinitamente mais que a do corpo. Podem não deshonorar a esposa, a donzella; mas podem por acções, palavras, gestos, vistas, affeições, desejos, pensamentos impuros, torpes, deshonorar seu corpo, seus membros, seus órgãos, sua intelligencia, seu coração. Uma esposa honradissima, uma donzella purissima, uma religiosa encerrada num convento, confessam-se mensalmente, quinzenalmente, e até algumas semanalmente, e todas acham motivo de accusação; e um homem mundano, que não pensa senão em dinheiro, em divertimentos, em prazeres; que não ouve missa, não reza, não pensa em seu destino eterno, em sua alma, nem mesmo em seu Deus, tem a impudencia de publicamente asseverar que não tem nenhum peccado! A's vezes essa asseveração denota um estado de embrutecimento, em que a consciencia torna-se incapaz de sentir os remorsos. Santo Agostinho diz que é difficil que nesta vida o homem chegue a um tal gráu de perfeição, ao ponto de nelle não se perceber nada de reprehensivel. Os que tiveram a grande e immensa felicidade de poder com toda sinceridade acreditar que não têm peccado; nem por isso ficam dispensados de procurar a confissão. Devem ir expor ao confessor o verdadeiro estado de sua consciencia, e elle fará o que manda a lei para dispol-o a cum-

prir o preceito de receber a sagrada communhão. Eis o que, a esse respeito ensina o sabio Santo Thomaz : Os que não têm nem peccado venial, cumprem com o dever da confissão annual, apresentando-se ao sacerdote, e isso declarando-lhe. Os que têm unicamente peccados veniaes, cumprem com o preceito apresentando-se ao sacerdote, contando-lhe os veniaes, embora delles não recebam o perdão, que podem por outros meios conseguir.

A quinta escusa é a dos que dizem que não consentem que a mulher e as filhas se confessem, porque os padres abusam do confessorio. Isto é, em quasi sua totalidade, uma torpissima calumnia, arremessada contra os sacerdotes por um odio satanico contra a nossa santa religião. Os perversos, os impios comprehendem bem quanto a confissão concorre para a santificação das almas; e é unicamente por essa razão que todo o seu grande empenho é desmoralisar esse divino sacramento. Em regra generalissima tudo quanto se propala sobre abuso no confessorio, é logo depois desmascarado e reconhecido como verdadeira e degradante calumnia. Os padres não abusam do confessorio, porque os bons sabem respeitar a santidade desse divino tribunal; e os máus têm o bom senso necessario para convencer-se que ahi a menor imprudencia causa alarmas, e a minima inconveniencia é bastante para produzir *escandalos*; sabem perfeitamente que ahi as suas criminosas tentativas, alem de serem infructiferas, provocariam contra a sua pessoa uma tempestade de odiosidades e de rancores, e ainda a severa punição por parte de seu superior ecclesiastico. Mas supponhamos que haja um padre tão insensato e perverso, um padre doido e satanizado, que queira abusar do confessorio; será isso razão sufficiente para desprezar-se uma instituição tão proveitosa e tão santa, como é a confissão? Porque ha advogados que abusam da advocacia; medicos que abusam da medicina; magistrados que abusam da magistratura, havemos de condemnar essas tres profissões tão uteis, necessarias, honrosas, e até mesmo indispensaveis? Se ha advogados, que abusam, ha tambem e muitos que defendem com mais ardor e interesse os direitos de seus constituintes, do que os seus proprios direitos. Se ha medicos que abusam, ha tambem e muitos que zelam mais da saude e da vida dos seus clientes, do que da sua propria saude e vida. Se ha magistrados que abusam, ha tambem muitissimos que preferem mil vezes viver e morrer na pobreza, que manchar, nem de leve, a pureza e honestidade de sua toga. Desprezemos os máus advogados, os máus medicos, os máus magistrados; e para os nossos misteres, procuremos pelos bons, que são tantos e que tão

bem sabem desempenhar os importantísimos deveres de sua tão elevada e honrosa profissão. Da mesma sorte, se ha máus padres, ha tambem e, graças a Deus, muitíssimos, dignos desse nome, que quer dizer pai do povo. Desprezem os máus, e procurem para confessar sua mulher e suas filhas aquelles que saberão edifical-as pela sua devoção e piedade. Os chefes de familia têm o direito de escolher o padre de sua confiança; mas não têm, nem sombra de direito, de prohibir de confessarem-se os que estão sob o seu governo. Os seus direitos são conferidos por Deus, e não podem, em caso algum, usar desses direitos para satanicamente embaraçar os seus subordinados de servir e amar a Deus; e se o fizerem, commetterão um tão enorme attentado contra o seu Creador, que será severísimamente punido, mesmo neste mundo. Se por acaso aquelles que têm a iniquidade de prohibir a sua mulher e as suas filhas de confessar-se pudessem ouvir os avisos, os conselhos, que no confessorario um bom padre dá a todas as esposas, a todas as donzellas, a todos os meninos e meninas, seriam os mais empenhados em mandar todos os de sua casa á confissão, não só por amor á moralidade e á virtude, mas ainda pelo interesse da paz, da harmonia e respeito, que devem reinar no lar domestico.

Convem aqui corrigir alguns enganos, dissipar algumas duvidas relativamente aos que podem e aos que não podem confessar-se. Podem confessar-se os adultos que se esqueceram da doutrina; porque aquillo que é absolutamente necessario o confessor ensina em poucos minutos, mesmo na occasião da confissão. Podem confessar-se os que prejudicaram ao proximo, e actualmente não podem indemnizal-o, comtanto que estejam dispostos a cumprir com esse sagrado dever, logo que lhes seja possivel. A indemnização deve ser feita sem prejuizo da honesta subsistencia da familia, podendo ser feita por partes, e ás occultas. Podem confessar-se os que por justos resentimentos não desejam manter relações de amizade com os seus offensores; comtanto que contra elles não nutram sentimentos de vinganças e odiosidades. Podem confessar-se os maiores e mais hediondos peccadores, desde que estejam arrependidos e dispostos a mudar de vida. Louge de serem repellidos, envergonhados, serão, pelo contrario, acolhidos, acariciados como queridos filhos pelo confessor, que tem o sagrado dever de imitar a Jesus Christo, que tratava os grandes peccadores com extrema bondade e ternura.

Não podem confessar-se os que não acreditam em alguma verdade de nossa santa religião. Devem antes ser devidamente esclarecidos por um competente, para, depois

de crentes, poderem receber o sacramento da confissão. Não podem confessar-se os que têm dado prejuizos ao proximo, e, podendo, recusam fazer a devida indemnisação, porque a detenção injusta do bem alheio constitue um grande peccado. Não podem confessar-se os que não correspondem ás saudações, nutrem desejos de vingança, sentimentos de odio contra o proximo; ou mesmo estão dispostos a não soccorrel-os em suas justas necessidades. Jesus Christo disse que quem não perdoa, não será perdoado. Não podem confessar-se os que não querem deixar o peccado, ou mesmo as occasiões de peccado, porque sem arrependimento e proposito de emenda não pode haver perdão. Assim não podem confessar-se os ebrios e jogadores, que querem continuar no vicio, ou que mesmo não querem abandonar os lugares e companhias, que offerecem occasião para reincidir nesses vicios. Não podem confessar-se os que pertencem ás associações condemnadas pela Egreja, como são a maçonaria, o protestantismo, o espiritismo; os que assistem ás suas reuniões, festas, concorrem de qualquer modo para a sua conservação e manutenção de seus estabelecimentos de ensino ou caridade; os que mandam ou mesino consentem que os que estão debaixo de seu governo frequentem as escolas, collegios, reuniões, divertimentos das referidas associações. Não podem confessar-se os que vivem como casados, não tendo recebido o sacramento do matrimonio, pois vivem em peccado mortal, e num estado que produz tantos escandalos. Os que só fizeram o contracto civil, só poderão confessar-se quando, resolvidos a entrar na amizade de Deus, fizerem o casamento religioso, unico que santifica a união do homem com a mulher; e os simples amasiados, para poderem confessar-se, deverão casar-se religiosamente: e, se isso não for possivel, deverão fazer uma completa separação. E' verdade que essa separação, alem do sacrificio da amizade, traz muitas vezes outros penosos sacrificios: porem os que forem obrigados a fazer esses sacrificios passageiros, lembrem-se da sentença de Jesus, quando disse que é melhor entrar no céu com um só braço, com uma unica perna e um unico olho, do que com dois braços, duas pernas, com dois ólhos entrar no inferno. Custe o que custar, todos os que sinceramente desejam ir para o céu, devem remover todos os embaraços, vencer todas as difficuldades, e procurar fazer uma boa confissão.

Parte quarta.

A confissão ao sacerdote é tão util, necessaria e mesmo indispensavel que, para que della ninguem se aparte, Deus em seu favor opera continuamente um grande e estu-pendo milagre, que é a guarda do absoluto segredo. Os confessores não podem, em caso algum, contar o que ouviram em confissão; não podem tambem, em caso algum, usar do segredo da confissão, nem mesmo que isso seja necessario para livrar-se da morte. Esse preceito, imposto aos confes-sores, durante o longo espaço de dois mil annos, ainda não foi, nem uma só vez, violado, nem mesmo inconscientemente. Tudo quanto, em contrario á essa cathorica affirmação, se tem dito, ou ainda possa alguém dizer, se não é um en-gano, é uma torpe calumnia, engendrada pelos rancorosos inimigos dessa santissima instituição. Os factos fallam a esse respeito com tanta evidencia, que não deixam nem sombra de duvida. Todos os homens honrados guardam fielmente os segredos, que lhes são confiados, porem em certas occasiões, quando ouvem uma asseveração falsa, têm desejos de reve-lar o segredo; o confessor nunca nutre ou experimenta es-se desejo. Os que guardam o segredo, algumas vezes, desa-percebidamente, o revelam; o confessor nunca é victima dessa irreflexão. Quando alguém lhe faz uma pergunta in-discreta sobre o que elle ouviu em confissão, a resposta evasiva lhe vem á mente muito natural e promptamente. Quando o homem se embriaga, conta tudo quanto sabe, revela tudo quanto lhe foi confiado. O sacerdote, que tem a infelicidade de embriagar-se, não guarda a minima reserva sobre tudo quanto sabe, sobre tudo quanto sente; entre-tanto não profere, nem uma palavra, sobre o que soube em confissão. Os loucos tambem expandem-se, e fazem revela-ções de tudo quanto ouviram, souberam, sentiram; porem os sacerdotes, que enlouquecem, nas suas expansões não sai nem uma só referencia ao segredo da confissão, nem mesmo consentem que a esse respeito se lhes faça a menor pergunta!

Em França, o Padre Houlbert, vigario de Sablé, ficou louco, e foi internado no hospicio. Ahi um indiscreto lhe fez uma pergunta sobre o segredo da confissão; e então elle, mostrando-se muito contrariado e raivoso, immediata-mente respondeu: Sois um impio, sois um infame, interro-gando-me sobre confissão. Nunca disso pode-se fallar; re-tirai vos. Os sacerdotes, que, por um extremo de perversidade e cumulo de desgraça, caem na apostasia, combatem a reli-gião, combatem a confissão, e procuram desmoralisal-a, o

quanto podem ; porem ainda nunca revelaram o segredo da confissão. Lutero, o fundador do protestantismo, o que não fêz contra a religião, contra a confissão? Entretanto elle que, como sacerdote catholico tinha ouvido tantas confissões, nunca pronunciou uma unica palavra relativa ao segredo da confissão! Para guardar esse segredo os sacerdotes submettem-se a todos os sacrificios, mesmo ao da propria vida. Os factos demonstram com toda eloquencia esta verdade.

O Bem Publico de Julho de 1873, jornal publicado em Paris narra o seguinte facto: Chamaram á noite um padre para confessar um enfermo. Dois homens mascarados o introduziram num carro, e vendaram-lhe os olhos. Conduzindo-o a um lugar remoto, fizeram elle confessar o enfermo; e na volta, num quarto, desvendando os olhos do padre, puzeram a seu peito um trabuco e exigiram que contasse o que tinha ouvido do enfermo. O padre então pediu aos dois mascarados que lhe dessem alguns momentos para recomendar-se a Deus, para bem morrer, asseverando que morreria, mas nada absolutamente contaria. Então os dois mascarados declararam ao padre, que só queriam experimental-o, pois não acreditavam que os padres se sacrificassem para guardar o segredo da confissão.

Na vida de São João Nepomuceno, conego de Praga, lemos o seguinte facto: Vencesláu, rei da Bohemia, suspeitando da fidelidade de sua mulher, a rainha Anna, que confessava-se com São João, chamou este á sua presença e lhe ordenou que sob pena de morte lhe declarasse se suas suspeitas eram ou não verdadeiras. O santo respondera ao rei: Vossa Magestade pode me fazer morrer; mas não poderá me fazer pronunciar sobre esse assumpto uma só palavra. Vencesláu enfurecido ordenou que o santo fosse afogado no rio Moldava durante a noite, para esse facto permanecer occulto: porem tochas accêsas appareceram sobre o rio, e mostraram onde estava o cadaver, que pelos devotos foi retirado e sepultado com toda devoção e piedade. Tempos depois se verificou que a lingua do Santo conservou-se sempre vermelha no meio dos óssos em cinzas.

Por tudo quanto fica expellido sobre o segredo da confissão fica-se profundamente convencido que Deus opera um grande milagre para que esse segredo nunca seja revelado. Mas qual será a razão, porque Deus assim tanto vela pela guarda desse segredo? Essa razão nos é dada pelo sabio São João Climaco, que diz: E' o proprio Deus quem providencia para que o sacerdote nunca revele o segredo da confissão: e elle assim procede só para evitar que os peccadores não *se apartem desse divino sacramento, que é a unica esperança de salvação*. Têm, pois, sobejas razões os

Padres da Igreja para tanto engrandecerem e exaltarem a confissão. Lactancio considera a confissão o distinctivo da verdadeira Igreja. A verdadeira Igreja, diz elle, é aquella que mantem a pratica da confissão, que nos cura dos peccados, a que nos sujeita a fraqueza da carne. O grande e sabio São Bernardo, que os proprios protestantes consideram como um grande santo, diz: A confissão é o ornamento de nossa alma; é a vida dos peccadores; é a gloria dos justos.

E' só a confissão que pode regenerar o homem criminoso, e tornal-o perfeito. Ella penetra no interior da alma; perscruta os seus pensamentos; vela sobre as intenções; examina o motivo dos actos para depural-os, enobrecel-os, e exaltal-os; desperta remorsos para applacal-os pelo arrependimento; procura dirigir todos os moveis de nossas acções para fazer observar as leis de Deus e tambem as do Estado. No confessorio dois homens, collocam-se um em frente a outro: um para accusar-se, outro para perdoar; um que se denuncia com generosa humildade; outro que sepulta em seu coração, como sob um tumulto eternamente mudo, os grandes segredos que tem recebido. No confessorio os grandes peccadores levando o arrependimento no coração e nos labios uma sincera confissão, conquistam de um Deus, até então irritado, um inteiro e completo perdão. No confessorio estão escondidos mysterios de misericordia e milagres de amor. Ahi a justiça e a misericordia unem-se por um osculo de paz. Ahi o céu abaixa-se até ao peccador, porque elle humilhou-se diante de Deus offendido. Ahi nas chammas dum perfeito arrependimento extinguem-se completamente os raios da justiça divina. Ahi com um só acto de obediencia e de humildade o peccador orgulhoso esconde, cobre toda uma longa vida de rebelliões. Ahi as lagrimas de um instante apagam as grandes, graves e numerosas faltas de uma vida inteira.

O Evangelho nos conta que havia em Jerusalem uma piscina ou fonte miraculosa. Todos os annos, num só dia determinado, um anjo descia do céu e agitava a agua dessa fonte; e todo aquelle que nella entrava a banhar-se, sendo o primeiro depois da agitação da agua, ficava perfeitamente curado de todas as suas enfermidades. Por isso no dia da descida do anjo a fonte achava-se rodeada de doentes, cada um preparando-se, dispondo-se a poder ser o primeiro, para poder ser o feliz de gosar dos effeitos produzidos pelo milagre. Na Igreja catholica ha uma fonte muito mais proveitosa e portentosa, que a de Jerusalem, que é a confissão. Aquella estava situada só num ponto determinado; esta acha-se em todos os lugares do mundo, em que reside um sacerdote; aquella curava só num dia do anno, esta es-

tá prompta para curar em todos os dias e em todos os instantes do dia; aquella curava apenas um enfermo, e esta está á completa disposição de todos os homens; aquella curava as enfermidades do corpo, esta cura as enfermidades da alma, que são os peccados; aquella, curando, dava a prolongação duma vida passageira, esta, curando, assegura a posse duma vida eterna. Se entre nós houvesse, mesmo num lugar muito longinquo, uma fonte, que curasse todas as enfermidades, louco seria o enfermo que, mesmo com grande sacrificio, não fosse procural-a. Comtanto empenho procuram-se as aguas mineraes, sulfurosas, que só curam algumas doencas, e que muitas vezes nada curam. A confissão é uma fonte prodigiosa, que cura as enfermidades da alma, e que gratuitamente está em toda parte e a todo momento á disposição de todos. Loucos portanto são todos os que rejeitam os seus miraculosos beneficios.

Um rei, fazendo um longo passeio pelos seus minios, encontrou um menino pobre, orfão, abandonado; e movido de compaixão, o conduziu para o seu palacio. Pela convivencia adquirindo muita amisade, depois de lhe ter dado uma aprimorada educação, adoptou esse menino por filho e o constituiu herdeiro de seu reino. Ficando moço, o filho adoptivo do rei, perverteu-se ao ponto de tentar contra a vida do seu insigne e generoso bemfeitor. Com muitissima justiça foi o grande ingrato preso, processado e condemnado á morte. No dia da execução o rei, que era immensamente compassivo, resolveu ao criminoso conceder o perdão. Mandou um dos seus ministros dizer ao condemnado que elle seria perdoado, desde que a um dos ministros fizesse a humilde confissão do seu crime. O criminoso alegre manda perguntar ao rei a qual dos ministros havia de fazer a sua confissão; e o rei lhe mandou dizer que deixava á sua vontade para escolher aquelle, que fosse de sua confiança. O criminoso ainda muito mais alegre mandou perguntar ao rei em que lugar e praça devia fazer a sua confissão; e o rei lhe mandou dizer que, não querendo que elle fosse tão vexado, permittia que fizesse a sua confissão em inteira e profunda reserva ao ministro por elle escolhido. O criminoso, derramando lagrimas dum santo contentamento, fez a sua confissão, recuperou a sua liberdade, e ainda reconquistou os seus direitos á posse duma coroa e dum throno. Somos nós esse orfão, e Jesus Christo é esse rei. Pelo baptismo nos adoptou por seus filhos e nos constituiu herdeiros de seu reino. Ingratos pelo peccado mortal tentamos tirar-lhe a vida. Condemnados, não só á perda dos nossos sagrados direitos, mas ainda á uma prisão e morte eterna, elle infinitamente misericordioso, para nos perdoar e nos restabelecer em nossos

sacratissimos direitos, contenta-se com uma confissão, feita em profunda reserva e deixando á nossa liberdade escolher entre milhares de ministros o que nos inspirar mais confiança. E ainda ha catholicos que não se confessam!

A confissão está para a religião, como a respiração está para a vida. A respiração não é a vida, mais é um signal evidentissimo de vida, pois quem respira vive, e quem vive respira. Assim a confissão não é a religião, mas é um signal evidentissimo de religião, pois todo homem sinceramente religioso, confessa-se; e todo o que sinceramente se confessa, é verdadeiramente religioso. A confissão pode ser comparada á uma pedra de toque. E' pela pedra de toque que se distingue o ouro verdadeiro do ouro falso; é tambem pela confissão feita com as devidas condições que se distinguem os catholicos verdadeiros dos catholicos apparentes, ficticios, falsos, cuja religiosidade cifra-se em assistir alguns actos religiosos por diversão, e dar o vintem ao pobre por natural compaixão, e algumas vezes por mera ostentação. Quem não se confessa não está na graça, nem na amizade de Deus; e portanto não é catholico, não é religioso. Só com o fim de encorajar alguns dos nossos leitores, que realmente desejam, mas não se animam ainda a procurar o preciosissimo beneficio da confissão, vamos aqui mencioner algumas das innumeraveis confissões de personagens importantissimos, entre as quaes algumas foram realisadas no tremendo momento da morte.

O illustre general Bideau, em sua expedição para a Africa, ao ver passar um sacerdote, desceu do cavallo, ajoelhou-se, e fez a sua confissão. Logo depois que levantou-se disse a todos os seus soldados: Vamos entrar em combate e podemos morrer; quem quizer, que faça o mesmo que eu acabo de fazer. Boussant, distinctissimo sobre a scena franceza, sendo atacado por uma grave enfermidade, confessou-se com o religioso Teatino, que era seu filho. Eis alguns sabios impios e incredulos, que no momento da morte, arrependidos de seus crimes e retractando-se de seus erros, pediram e receberam o santissimo sacramento da confissão. D'Argens, Boulanger, Fontenelle, La' Harpe, de Lange, Lametri, Montesquieu. Buffon, celebre naturalista, quando viu que ia morrer, chamou um padre capuchinho, e por humildade fez a sua confissão em vóz alta, e cumpriu com todos os seus deveres religiosos diante dos seus numerosos amigos e admiradores. M. Toussaint na occasião da morte chamou á sua presença todos os seus filhos e empregados, e lhes recommendou que detestassem todos os seus erros, e seguissem sempre os seus sentimentos presentes. Confessou-se e recebeu o viatico com toda a devoção.

A confissão é a scena mais tocante, terna e commovente da vida dos verdadeiros catholicos. No momento em que sobre a cabeça do peccador, humilhado e contricto, o sacerdote levanta a sua mão, que foi unvida pelo oleo sagrado, e profere as sacrosantas palavras da absolvição, declarando em nome de Deus que os peccados estão perdoados, as cadeias, que o prendiam, rompem-se; o demouio raiuoso sai de sua alma; o inferno, que estava aberto, fecha-se debaixo de seus pés; o céu, que estava fechado, abre-se sobre a sua cabeça; o seu nome é de novo inscripto no livro da vida; a tunica da innocencia lhe é restituída, acompanhada de todos os seus meritos, perdidos pelo peccado. Logo que, pela absolvição sacramental, o peccador é restituído ao venturoso estado de graça santificante, na terra alegra-se toda a santa Igreja catholica; e no céu a santissima Trindade exulta de jubilo e contentamento.

A tudo quanto fica explicado, para inteiramente vencer a todos da absoluta necessidade e da immensa preciosidade da confissão, como chave de ouro, acrescentaremos a eloquente e tocante exclamação feita á confissão pelo grande, distincto e sapientissimo Padre Berseaux. O' confissão, vós sois o tumulto de todos os vicios, a mãi nutridora de todas as virtudes, o remedio poderosissimo para curar todos os males da humanidade! O' excellente amiga do homem, vós só tendes feito muito mais para a verdadeira felicidade do genero humano, do que todos os sabios, todas as escolas, todas as academias, todas as universidades do mundo inteiro.

Quadragesima Instrução.

O Sacramento da Eucharistia. — Parte primeira.

O dogma eucharistico, ensinado pela santa Igreja e acreditado por todos os catholicos, consiste em Jesus estar verdadeira, real e substancialmente presente, em corpo, sangue, alma e divindade, em todas as hostias, em todas as porções de vinho, consagrados pelo sacerdote; e em todas as diminutas partes da hostia consagrada, em todas as pequenas gottas do vinho consagrado, sob as especies da hostia e do vinho, tendo-se pelo effeito da consagração a substancia do pão e a do vinho se convertido em seu corpo e em seu sangue; e conservando-se as especies, assim separadas de suas substancias, pelo poder divino. Nesse sacramento o corpo e o sangue de Jesus estão realmente presen-

tes, mas só substancialmente, e em estado glorioso, impassível, intangível, invisível.

Um anno antes da instituição Jesus annunciou, prometteu aos homens esse divino sacramento, dizendo que era o pão, que tinha descido do céu, e que aquelles que comessem desse pão, não morreriam, mas viveriam eternamente; e que esse pão, que elle promettia dar, era a sua propria carne para a vida do mundo. Tendo ouvido que Jesus daria a sua propria carne como comida, os judeus disseram entre si: Mas como pode elle dar-nos a sua carne a comer? Então Jesus lhes respondeu: Em verdade vos assevero que se não comederdes a minha carne e beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós. Aquelle que come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna. A minha carne é verdadeiramente uma comida, e o meu sangue é verdadeiramente uma bebida. Muitos dos seus discipulos, ouvindo uma tão terminante asseveração, disseram: E' dura esta linguagem: quem pode ouvir-a? Jesus percebendo que elles entendiam que a sua carne seria dada sem a sua divindade, sem vida, morta como a que se dá nas refeições, procurou corrigir esse erro grosseiro, e explicar-lhes o verdadeiro sentido de suas palavras, e disse-lhes: Se agora que eu aqui estou presente, isso vos escandalisa, o que será então quando eu já estiver no céu? A carne, por si, de nada vale, pois é o espirito, que a vivifica. Eis a promessa, que justamente um anno depois foi por Jesus fielmente cumprida. Na vespera de sua dolorosa paixão Jesus no cenaculo, que era uma grande sala adornada, em companhia dos seus doze apóstolos, instituiu o adoravel sacramento da Eucharistia. Primeiro elle celebrou a paschoa, segundo o costume dos judeus e em observancia da lei mosaica. Depois fêz com os seus apóstolos a cêia do costume; e, sendo esta terminada, elle assim instituiu o divino sacramento. Tomou o pão em suas sagradas mãos, benzeu; elevando os olhos ao céu, deu graças ao seu eterno Pai; e partindo o pão, o distribuiu a cada um dos apóstolos, dizendo: *Tomai, e comei: isto é meu corpo*. E da mesma forma, tomando um calix de vinho, levantou os seus olhos ao céu, deu graças a seu eterno Pai; e benzendo o calix, o entregou a cada um dos apóstolos, dizendo: *Tomai e bebei este é o calix do meu sangue, que será derramado por vós e por muitos para a remissão dos peccados*; e ainda acrescentou: *Fazei isto em minha memoria*.

Citemos verbalmente a narrativa de cada um dos tres evangelistas, e a de S. Paulo, para notarmos a insignificante variante, que ha entre ellas. São Matheus, (cap. 26, verso 26) diz: *Recebei e comei: isto é meu corpo*; e (nos versos 27 e 28) diz: *Bebei deste calix, todos; porque este é o meu*

sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos para a remissão dos peccados. São Marcos (cap. 14, verso 22) diz: *Tomai: isto é meu corpo*; e (no verso 24) diz: *Este é o meu sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos.* São Lucas (cap. 22, verso 18) diz: *Tomando o calix, deu graças e disse: Tomai, e o distribui entre vós, porque vos digo que não bebereis mais do fructo da vide, até que venha o reino de Deus.* (Era esta a ceia do costume). No mesmo capitulo e no verso 19 diz: *E havendo tomado o pão, deu graças, e partiu-o, e deu-lhes dizendo: Isto é o meu corpo que é dado por vós; fazei isto em memoria de mim.* No verso 20 diz: *Tomou tambem da mesma sorte o calix, dizendo: Este calix é o Novo Testamento em meu sangue, que será derramado por vós.* São Paulo, em sua primeira Epistola aos Corinthics (cap. 12, ver. 23 a 29) diz: *Pois eu recebi do Senhor o que tambem a vós ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, e, dando graças, partiu e disse: Tomai e comei: isto é o meu corpo que será entregue por amor de vós; fazei isto em minha commemoração.* De igual modo, depois de haver ceado, tomou tambem o calix, dizendo: *Este calix é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em minha commemoração.* Porque todas as vezes que comerdes deste pão, e beberdes deste calix, annunciareis a morte do Senhor até que elle venha. Pelo que todo aquelle que comer este pão, ou beber o calix do Senhor indignamente, será réo do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, a si mesmo o homem, e assim coma daquelle pão e beba do calix; porque o que come e bebe indignamente, come e bebe a sua própria condemnção, não fazendo discernimento do corpo do Senhor.

Eis tudo quanto e tão clara e precisamente ensina São Paulo sobre a instituição e a recepção do divino sacramento, tendo elle, ao começar a sua importantissima narrativa, asseverando que tudo quanto nos ensinava a esse respeito, lhe tinha sido inspirado por Nosso Senhor. Agora expliquemos e provemos tudo quanto se contem nesse sacramento, instituido por Jesus Christo.

Jesus tendo em suas sagradas mãos o pão disse: *Isto é o meu corpo*; e tendo tambem em suas sagradas mãos o calix, disse: *Este é o calix do meu sangue, que será derramado para a remissão dos peccados; e dirigindo-se aos doze apóstolos, disse-lhes: Fazei isto em minha memoria, em minha commemoração.* Dizendo: *Isto é meu corpo, queria com certeza dizer: Isto que tenho nas mãos, não é mais pão, porém é o meu verdadeiro corpo.* Da mesma sorte, dizendo: *Este é o calix do meu sangue, queria com certeza dizer: Este calix não contem mais o vinho, porem contem o meu ver-*

dadeiro sangue. E enfim dizendo aos seus apóstolos: Fazei isto em minha commemoração, em minha lembrança, queria com toda a certeza dizer: Eu vos dou o poder de fazer isto que eu agora faço, isto é, o poder de, por um estupendo milagre, converter o pão em meu corpo e o vinho em meu sangue. Ora Jesus é Deus, e as palavras de um Deus realizam sempre tudo quanto annunciam. Se depois de Jesus dizer sobre o pão: Isto é meu corpo; e depois de dizer sobre o calix: Este é o calix do meu sangue, em suas mãos não estivesse o seu verdadeiro corpo, e no calix o seu verdadeiro sangue, elle ter-se-ia enganado, ou nos teria enganado; e tanto em uma, como em outra hypothese, elle deixaria de ser Deus. Do mesmo modo, se depois de ter dito aos apóstolos, e, em sua pessoa, a todos os sacerdotes, seus successores: Fazei isto que eu ora faço, os sacerdotes não tivessem o poder de converter o pão em seu divino corpo, e o vinho em seu sagrado sangue; elle teria faltado com a verdade, e deixado de ser um Ente infinitamente sabio, poderoso e santo. Portanto pela consagração, feita pelos sacerdotes, o pão converte-se no corpo, e o vinho converte-se no sangue de Nosso Senhor.

Todos os grandes Padres da Igreja unanimemente attestam esta verdade. Santo Ignacio martyr diz que na communhão recebe-se a carne, que soffreu para pagar os nossos peccados. São Justino, que, como Santo Ignacio, viveu no primeiro seculo, diz: Recebemos dos apóstolos que o alimento divino, que chamamos Eucharistia, é o proprio corpo d'Aquelle que se fez homem para nos salvar. São Cyrilliano, que viveu no terceiro seculo, diz: Jesus tendo dito: Isto é meu corpo; este é o calix de meu sangue, quem mais será capaz de discutir dizendo que não é o seu corpo e o seu sangue? Na verdade sob a apparencia de pão, elle nos dá o seu proprio corpo; e sob a apparencia de vinho elle nos dá o seu proprio e divino sangue.

Santo Hilario, que viveu no quarto seculo, dizia: Tendo Jesus asseverado que quem come a sua carne e bebe o seu sangue, nelle permanece, não deixou nem pretexto para duvidar-se da realidade de sua carne e de seu sangue no divino sacramento. Santo Thomaz diz que Jesus, sob a apparencia do pão e do vinho, deixou aos fieis o seu corpo como comida e o seu sangue como bebida. São Paulo, como acima citamos, fallando dos que commungam indignamente, assevera que se tornam réos do corpo e do sangue de Nosso Senhor. O Santo Concilio de Trento ensina que na Sagrada hostia Jesus se acha verdadeira, real e substancialmente presente. Vamos agora apresentar uma autoridade insuspeita para todos e esmagadora para todos os protestantes,

que é Lutero. Aos que negavam a presença real de Jesus na Eucharistia, Lutero os enviou para a doutrina unanime da Igreja infallivel, por estas palavras: «Este artigo de fé foi tido e crido unanimemente desde o principio da Igreja christã até a hora presente, como o demonstram os livros e escriptos dos Santos Padres, gregos e latinos, justamente com o uso quotidiano e o facto da experiencia até aos nossos dias. Sendo assim, aquelle que duvida deste artigo de fé, procede como se não cresse em nenhuma Igreja christã, e condemna a Santa Igreja como um herege, e com ella condemna o mesmo Christo com todos os apóstolos e prophetas, que estabeleceram este artigo, que nós confessamos: Creio uma Santa Igreja christã. (vol. 5.º fol. 490). A Confissão de Augsbourg, que serviu de base para as outras confissões protestantes, tambem, seguindo a doutrina do seu chefe, admite a presença real.

Este santissimo sacramento contem tres grandes mysterios, que são tambem tres estupendos milagres. O primeiro é a prodigiosa conversão do pão no corpo de Nosso Senhor, não havendo depois da consagração, senão as apparencias e propriedades do pão. O mesmo dá-se relativamente ao vinho, que se converte no sangue de Jesus. Naturalmente não se pode realizar a completa conversão de uma substancia em uma outra muito diversa, e unicamente mediante a pronunciação de algumas palavras; mas pode-se perfeitamente realizar pelo poder divino, que converte até o *nada* em milhares de seres. A historia conta-nos muitas e admirabilissimas conversões, produzidas instantaneamente pelo poder divino. Assim sabemos que pelo poder divino a vara de Arão converteu-se em uma serpente: as aguas do Nilo converteram-se em sangue; a agua converteu-se em vinho nas bôdas de Caná; cinco pães lá no deserto converteram-se em uma tão grande immensidade de pães, que deu de sobra para alimentar mais de cinco mil pessoas, mortas de fome. A propria natureza offerece-nos muitissimos factos de prodigiosas conversões. Um pequenino e feio insécto, da noite para o dia, converte-se numa linda borboleta. A abelha suga o succo das flores, que ora é azêdo, ora é amargo, e o converte em um delicioso mél. O nosso estomago recebe o alimento, que pode ser liquido ou solido e pode ter differentes cores, e sempre converte-o em um liquido branco, semelhante ao leite, que se chama chylo; o qual, por sua vez, converte-se em nosso sangue, em nossa carne, em nossos nervos e ossos, emfim em nossa propria natureza.

Porque então havemos de duvidar que, pelo poder divino, o pão possa se converter no corpo, e o vinho no sangue de Nosso Senhor? Se a palavra do Verbo divino do nada

fez sahir este vasto universo, que com toda razão tanto admiramos, porque não poderá também fazer que o pão se converta em seu corpo, e o vinho em seu sangue, corpo e sangue, que, por um estupendo milagre, elle recebera no seio de uma virgem? Santo Ambrosio assim argumenta, para provar o milagre das duas conversões eucharisticas. O Senhor mandou, e foram produzidas todas as creaturas. Veja-se portanto quão operadora seja a sua palavra. Se, pois, essa palavra tem tanta força, que fez que começassem a existir esses entes, que antes não existiam: quanto mais poder não terá para fazer com que aquillo, que já existe, converta-se em outro ente?

O segundo mysterio consiste em o corpo de Jesus achar-se ao mesmo tempo no céo, em todas as hostias consagradas e em todas as pequeninas partes da hostia consagrada. Antes de tudo notemos que as propriedades de um ente dimanam de sua essencia, mas não a constituem; pois as propriedades mudam-se, substituem-se e o ente permanece sempre o mesmo. Assim um ente de grande torna-se pequeno; de solido torna-se liquido; de liquido torna-se até volatil, sendo sempre o mesmo ente. Assim a gotta de agua é tão agua como o oceano; a bolinha de ar é tão ar como o tufo; a chispa de fogo é tão fogo como o sol. E' uma verdade de verificação scientifica que em nosso corpo, de sete em sete annos, todas as moleculas são substituidas por outras, e o corpo é sempre o mesmo. O grande Leibnitz diz que, se a substancia de um ser não se divide, nem se altera com a divisão e alteração de suas dimensões; nem se muda com a mudança de suas qualidades, segue-se que a substancia é realmente distincta de todas as suas propriedades. Portanto é natural, mas não é essencial, que as propriedades estejam unidas á sua substancia; e por isso Deus pode supprimir, até todas as propriedades, permanecendo sempre a mesma substancia em sua essencia; e tanto pode, que isso já tem feito muitas vezes. Queimar é uma propriedade natural do fogo. Todo fogo naturalmente sempre queima. Entretanto pelo poder divino o fogo não queimou os tres meninos, que em Babylonia foram lançados numa fornalha ardente; não queimou São João Evangelista, que foi posto dentro de uma caldeira de óleo fervente. Ora qual é a propriedade, que embarça o corpo de estar ao mesmo tempo em differentes lugares? E' a sua extensão extrinseca que limita o espaço, occupado pelo corpo, que é o que se chama lugar. Limitando com certeza impede que o mesmo corpo, no mesmo tempo, esteja em mais de um lugar.

No divino sacramento, Jesus, que é Deus, por seu poder divino tira da substancia de seu corpo a extensão extrinseca e o corpo, permanecendo o mesmo, quanto á sua essen-

cia, vive á maneira dos espiritos e pode assim estar ao mesmo tempo em milhares de milhares de lugares. A nossa alma, porque não tem extensão, está simultaneamente toda inteira em todo o corpo, e toda inteira em cada uma de suas partes. O pensamento, porque não tem extensão, levado pelas palavras, sem dividir-se, nem multiplicar-se, acha-se ao mesmo tempo na mente do que falla e na de todos os seus ouvintes.

O terceiro mysterio é este: Depois da consagração, não havendo mais a substancia do pão e a do vinho, subsistem comtudo todas as propriedades do pão e do vinho, como sejam a côr, o tamanho, o gosto, a força alimenticia do pão e a força embriagante do vinho. Pelo que já ficou explicado relativamente ao segundo mysterio, clarissimamente deprehende-se que toda substancia deve ter aptidão para receber e conservar, unidos a si, todos os seus respectivos accidentes e propriedades; mas não é essencial que de facto os tenha, unidos a si. Da mesma sorte todos os accidentes e propriedades devem ter aptidão para estar unidos á sua respectiva substancia; mas não é de sua essencia que de facto estejam unidos, podendo portanto pelo poder divino subsistir separadamente e conservar a força para produzir todos os seus phenomenos e effeitos naturaes. Deus a principio creou tudo directa e immediatamente por si: hoje cria indirecta e mediatamente por meio de suas creaturas, que por isso chamam-se causas segundas. Podendo sempre crear por si directa e immediatamente, elle pode crear trigo, sem haver o respectivo vegetal, e crear uva, sem haver videira; pode tambem crear pão sem haver trigo, e crear vinho, sem haver uva; pode, pois, tambem crear todas as propriedades de pão e de vinho, sem haver nem a substancia do pão e nem a substancia do vinho. Quem pode o mais, pode o menos; e crear sendo mais que conservar, Deus que pode crear as propriedades do pão e do vinho, independente do concurso de suas respectivas substancias, com maioria de razão pode conserval-as depois que, pela consagração, deixam de existir as suas substancias.

Todas as cousas creadas não podem, porque são contingentes, continuar a existir sem o influxo divino; e, se preventura num instante lhes faltasse esse influxo, todas immediatamente voltariam para o nada. E' portanto Deus

NOTA — Alguns theologos affirmam que o corpo está com a extensão extrinseca, mas dum modo *inextenso*. Neste caso o milagre é maior que no da privação da extensão extrinseca; opinião seguida pela generalidade dos theologos e que prova evidentemente a ausencia completa de absurdo.

que conserva as arvores com seus ramos, suas folhas, suas flores, seus fructos. E' tambem Deus que conserva o pão com todas as suas propriedades, o vinho com todas as suas propriedades. Ora quem pode o mais, pode o menos; e conservar o ente e as suas propriedades, sendo mais do que conservar unicamente as propriedades, Deus que conserva o pão e propriedades, o vinho e propriedades, com maioria de razão pode conservar as propriedades do pão e do vinho, mesmo depois que, pela consagração, as suas respectivas substancias deixaram de existir.

E' necessario advertir que depois da consagração os accidentes de pão e de vinho não estão na substancia do corpo de Jesus Christo, como em seu proprio sujeito, porque a substancia do corpo humano de nenhum modo pode ser affectada por esses accidentes; nem mesmo é possivel que o corpo glorioso e impassivel de Jesus altere-se, para poder receber taes qualidades.

Lutero, o fundador do protestantismo, como já temos asseverado, acreditou sempre na presença real de Jesus na Eucharistia: não acreditando na conversão do pão no corpo de Jesus, dizia que elleahi ficava juntamente com o pão, e chamava impanação. Os catholicos, não só acreditam na presença real, mas ainda na conversão do pão no corpo e na conversão do vinho no sangue de Nosso Senhor, e chamam isto transubstanciação. Os protestantes, que são todos discipulos de Lutero, appartando-se da doutrina de seu mestre sobre um ponto capital, negam a presença real, e só admittem que Jesus se acha na Eucharistia unicamente em figura, em representação, e que ahi é recebido unicamente pela fé. Procuram provar a sua erronea opinião dizendo que Jesus disse que não beberia mais do fructo da videira, e que assim declarava ser, não seu sangue, mas simplesmente vinho; que o mesmo Jesus mandou que consagrassem o pão em sua lembrança, com isso declarando não estar presente, porque só os ausentes são que podem ser lembrados; que o mesmo Jesus declarou que a carne nada vale, mas sim o espirito, que vivifica, querendo com isso ensinar que desejava ser recebido espiritualmente; que o mesmo Jesus no Evangelho de São João, capitulo seis, declara ser o pão, que produz a vida eterna para os que nelle acreditam; e que Santo Agostinho e outros Padres da Igreja recommendam a recepção e a manducação espiritual; e que o verbo E' tem a significação, não de ser, mas de representar, devendo o texto evangelico ser entendido assim: Isto representa, lembra, recorda o meu corpo. As respostas a estas forçadas e falsas interpetrações são facilimas e pe-reptorias.

Jesus disse que não beberia mais do fructo da videira, na cêia do costume, que precedeu á cêia eucharistica, na qual circulava o calix de vinho, de que todos bebiam; e quiz, em intimas expansões de amizade com os seus apóstolos, lhes declarar que era a ultima vez que ceavam juntos. A ceia da instituição do sacramento só começou depois que aquella se tinha terminado.

Dizendo que consagrassem em sua memoria, quiz ensinar que esse sacramento, sendo a maior prova do seu amor, serviria para recordar tudo quanto tinha feito em favor dos homens, e principalmente para recordar e continuar o sacrificio, que na cruz elle ia offerecer a seu Pai para salvar os homens. Tanto isto é verdade que São Paulo em sua primeira Epistola aos Corinthios, (Cap. 11, ver. 26) diz: Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes deste calix, annunciareis a morte do Senhor até que elle venha. Se não nos recordamos de uma pessoa presente, nos recordamos em sua presença de datas memoraveis, de feitos gloriosos de sua vida no passado. Diante de um conquistador recordam-se as suas brilhantes victorias. Diante de um benemerito recordam-se os seus prestantes serviços á patria. Diante de um genio recordam-se os seus importantissimos e proveitosos inventos scientificos. Diante dum parente, dum amigo recorda-se o anniversario de seu nascimento ou de seu casamento.

Jesus dizendo que a carne nada vale, quiz desfazer o engano dos seus discipulos, que acreditaram que a sua carne no divino sacramento seria dada sem vida, morta. Jesus não disse: A minha carne nada vale, mas disse: A carne nada vale; referiu-se pois á carne em geral, e á carne, que não é vivificada pelo espirito. Santo Agostinho, São Cyrillo, São João Chrysostomo assim explanam o referido texto: A carne nada aproveita, como elles discipulos entenderam nos sentidos dos cafarnaitas; pois entenderam como dividida em pedaços, inanimada, como se vende no açougue, e não como animada pelo espirito e ainda pelo espirito divino. Se nada vale, como é que o mesmo Jesus assevera que aquella que comer essa carne, terá a vida eterna, e que aquelle que não a comer, não terá a vida eterna?

Quando, no Evangelho de São João, Jesus diz que é o pão da vida, e que aquelles que crerem terão a vida eterna, elle fallava a respeito do pão da palavra. E' necessario que fiquem todos scientes que nesse capitulo sexto do Evangelho de São João ha tres partes differentes. Do verso 1.^o até o 25 Jesus tratou do alimento material, fazendo allusão á multiplicação dos pães; do verso 25 até o 52 elle tratou do alimento espiritual, isto é, da fé em sua doutrina,

em seus mysterios, em seus dogmas; do verso 52 até o fim do capitulo é que elle tratou da manducação real de sua carne sagrada no divino sacramento. Os hereges, só com o intuito de perverter a doutrina, fazem sobre esse capitulo uma grande confusão.

Quando os Padres da Igreja recommendam a recepção espiritual, recommendam a sua recepção com a alma pura, com a consciencia isenta de peccado, estando na graça de Deus. Entre outros muitos vejamos como a este respeito se expressa o grande Santo Agostinho. Fallando sobre Judas, que em peccado tinha commungado, diz: O corpo de Jesus foi para elle um veneno, não porque recebesse *um mal*, mas porque *mal* recebeu *um bem*. Portanto comei espiritualmente o pão celeste, *levando em vós a innocencia junto ao altar*.

Dizerem que o verbo *E'* significa representar, e que o pão é uma figura do corpo de Jesus, é um absurdo do tamanho do mundo. A imagem deve ter traços de semelhança com o seu original. Ora em que um pedaço de pão pode ser semelhante a um corpo humano? Demais, nas phrases figuradas a figura acha-se ou no sujeito ou no seu predicado: nunca no verbo, que conserva a sua propria e legitima significação. Vamos agora dar uma resposta generica, cathorica, que sobre este ponto convencerá a todos que de boa fé permanecem no erro.

Se Jesus tivesse fallado num sentido figurado, percebendo que os discipulos e os judeus tinham entendido no sentido real, como demonstraram pela sua estranheza e admiração, teria-lhes ensinado em que sentido deveriam tomar as suas palavras, como em outras occasiões fizera sobre outros assumptos, como então mesmo fez relativamente ao engano sobre o estado, em que lhes seria dada a sua carne. Nem mesmo Jesus poderia dizer, figuradamente, que daria a sua carne a comer, porque no chaldaico, em que elle fallava e tambem no arabe, comer a carne de uma pessoa, no sentido figurado, significa calumniar-a, perseguil-a. No Psalmo 26, verso 2 lê-se o seguinte: Em quanto chegam-se a mim os damninhos para comer as minhas carnes, estes meus inimigos angustiam-me e com odio injusto têm-me aborrecimento. No livro de Job, capitulo 19, verso 22 lemos o seguinte: *Porque me perseguis como Deus, e vos fartais das minhas carnes?* De modo que se Jesus tivesse fallado num sentido figurado, teria proferido este grande absurdo: O que me calumniar e perseguir, terá como recompensa a vida eterna.

Se os apostolos tivessem entendido num sentido figurado, teriam prevenido os fieis para elles não commet-

terem a idolatria, adorando como verdadeiro Deus uma simples figura. Elles que preveniram os fieis contra os falsos prophetas e contra outros muitos perigos, com certeza não deixariam de prevenil-os sobre esse ponto de summa importancia. Se os apóstolos tivessem entendido num sentido figurado, os primeiros Padres da Egreja, como Santo Ignacio, São Justino e outros, que por elles foram instruidos, não teriam professado, nem ensinado a doutrina da presença real. Se Jesus tivesse fallado num sentido figurado, São Paulo que por elle proprio fora inspirado, não teria asseverado que aquelle que comer indignamente esse pão divino, comerá a sua propria condemnação, não sabendo discernir de outros corpos o corpo sagrado de Nosso Senhor.

Jesus instituiu esse divino sacramento como a ultima prova de seu amor, querendo assim deixar aos homens um preciosissimo legado; e em vez de deixar-lhes um grande thesouro, apenas lhes teria deixado uma figura? Que se diria dum amigo que promettendo deixar a seu amigo um grande e rico palacio, em seu testamento tivesse legado ao seu amigo unicamente a photographia do palacio? E' o que justamente teria feito Jesus se, em vez de seu corpo santissimo, no divino sacramento nos tivesse legado unicamente a imagem, a figura desse corpo.

O proprio fundador do protestantismo cathegoricamente responde ás objecções feitas pelo seus descendentes, os actuaes protestantes. Em sua carta ao seu amigo Argentino (De Euch. dissert 1 e art. 3) fallando sobre o texto evangelico: *Isto é meu corpo*, diz Lutero: Eu queria que alguém fosse assás habil para persuadir-me que na Eucharistia não se contem, senão pão e vinho; esse me prestaria um grande serviço. Eu tenho trabalhado nesta questão a suar; porém confesso que estou encadeado, e não vejo nenhum meio de sahir dali. O texto do Evangelho é muito claro. *Textus evangelicus est mimis apertus*. O mesmo (Lutero In apol de com. Dom. tom. 17 pag. 100) diz: Que me apresentem a sua biblia, e mostrem-me onde se acham estas palavras: *Isto é o signal de meu corpo*. Uns torturam o pronome—*isto*; outros apegam-se ao verbo—*é*; um terceiro dilacera a palavra—*corpo*. Outros emfim tratam como algoz o texto todo inteiro: *alii totum textum excarnificant*.

Na Allemanha pintaram um quadro para exprimir, sobre a Eucharistia, a opinião de Calvino, de Lutero e a de Jesus Christo, no qual Jesus Christo achava-se entre esses dois hereges. Em baixo da imagem de Calvino está escripto: *Isto não é meu corpo, mas é sómente uma figura*; em baixo da imagem de Lutero está escripto: *Isto é meu corpo juntamente com o pão*; e em baixo da imagem de Jesus Christo

está escripto: *Isto é meu corpo*; e em baixo das tres imagens no centro está escripto: *Qual dos tres falla a verdade?*

Os scientistas incredulos fazem contra o mysterio da presença real do corpo de Jesus no sacramento da Eucharistia as seguintes objecções: «É absurdo que um corpo possa estar ao mesmo tempo em diversos lugares, e ainda mais que propriedades possam subsistir sem a sua respectiva substancia. Se Deus convertesse o pão no corpo de Jesus teria feito cousas contradictorias, pois que teria feito que um mesmo corpo fosse ao mesmo tempo natural e sobrenatural, passivel e impassivel, visivel e invisivel. A prova de que na consagração não se opera uma conversão, é que a analyse chimica no pão e no vinho consagrados, descobre pão e vinho.»

Todo erro destas objecções está em suppor que tudo nessa conversão opera-se naturalmente; quando é operado unicamente pelo poder divino, que pode derogar, e de facto derroga as leis naturaes. Pelo que acima já affirmamos, e pelo que affirmam Cuvier e Florens, dois distinctos naturalistas, a quantidade e extensão extrinseca não são da essencia dos corpos, mas unicamente de sua natureza. Os corpos devem essencialmente ter aptidão para ter extensão, mas não é de sua essencia, que de facto tenham extensão. O atomo é substancia, mas é só a reunião de muitos atomos que forma extensão. Não sendo a extensão da essencia dos corpos, Jesus por seu poder divino tira a seu corpo essa propriedade; e Lessis, grande naturalista, afirma que todas as substancias de todos os corpos existentes, uma vez despojadas de sua extensão, podem ser contidas num ponto imperceptivel; e Florens assevera que o corpo, sendo despido de sua extensão, existe á maneira dos espiritos, e pode ao mesmo tempo estar em muitos lugares.

Contra factos não ha argumentos. É um facto historico que varios Santos estiveram ao mesmo tempo em diversos lugares. São Philippe Nery esteve ao mesmo tempo em Prato, cidade da Toscana, e em Roma. Santo Ambrosio esteve no mesmo dia e instante na cathedral de Milão e em Tours fazendo as exequias de São Martinho. Santo Antonio de Padua foi visto na mesma hora pregando em Montepel-lier, e cantando o gradual no convento de Padua. Pelo que, no sacramento da Eucharistia, por um milagre, que derroga as leis naturaes, o corpo de Jesus Christo, liberta-se da lei da localisação e está ao mesmo tempo em muitos lugares; liberta-se de lei da extensão, de modo que, partindo-se as especies, elle está todo inteiro em cada um dos seus fragmentos; liberta-se da lei da phenomenidade, e permanecem os seus accidentes sem a sua substancia,

sustentados unicamente pelo poder divino; e então Jesus, como Deus, dá a esses accidentes, separados de sua substancia, toda força e vitalidade, que antes dava-lhes a sua substancia. Ninguém poderá affirmar que Deus, operando esses prodigios, faz cousas absurdas e contradictorias, por que não conhecemos a essencia dos corpos: não conhecemos todos os estados differentes, em que um mesmo corpo pode achar-se, para, com certeza, poder julgar que dois desses estados são entre si incompatíveis. Nós acreditamos que o corpo de Jesus está realmente presente na hostia consagrada, mas em um estado e em um modo de presença, que não podemos comprehender. O corpo de Jesus ali acha-se em dois estados e modificado de duas maneiras, das quaes apenas uma conhecemos imperfeitamente, que é a do estado natural. Ora tudo quanto affirmar-se ou negar-se a dois estados differentes, embora simultaneos, não tem nem sombra de absurdo e de contradicção. Como um mesmo corpo, ao mesmo tempo, recebe duas modificações differentes, que collocam os corpos que o cercam em relações differentes a cada uma das modificações? A diversidade das relações nasce da differença de modificações; e a simultaneidade das modificações differentes não pode ser explicada pela razão, que não pode demonstrar, nem a possibilidade, nem a impossibilidade, porque desconhece a essencia dos corpos, não podendo affirmar que ha contradicção.

O que é verdade é que Jesus Christo entrou no cenaculo estando as portas fechadas e ali comeu com os seus apóstolos; que ali entrou segunda vez as portas estando fechadas, e então fez Santo Thomé tocar physicamente em suas chagas e em seu corpo. Portanto, ou negar factos, ou reconhecer que o mesmo corpo pode, ao mesmo tempo, receber modificações, que estabeleçam simultaneamente, entre elle e outros corpos, relações que pareceriam contradictorias, se resultassem de uma só e mesma modificação. Haveria realmente contradicção, se dissessemos que o corpo de Jesus Christo só no estado natural, ou só no estado sobrenatural, é visível e invisível, passível e impassível; mas nós dizemos que o seu corpo é passível no estado natural, e impassível no estado sobrenatural.

De mais, nós não sabemos perfeitamente o que é lugar. Uns dizem que lugar interior ou o espaço que o corpo occupa, é o limite dos corpos que o tocam immediatamente; e lugar exterior é a superficie dos corpos que o rodeiam. Mas onde está o mundo? em que lugar? Não pode haver mais corpos que rodeiam. Eis, pois, o centro de todos os lugares sem ter lugar. Não ha portanto relação necessaria entre os lugares e os corpos; e é entretanto este o principio,

donde partem os incredulos nas suas objecções contra o dogma da Eucharistia. Nós não dizemos que o corpo de Jesus está e não está no céu; e está e não está em cada uma das hostias consagradas. E' clarissimo que unicamente neste caso é que haveria contradicção.

Os que sustentam que a analyse chimica na hostia consagrada descobre o pão, não têm noções exactas sobre substancia e propriedades. O grande sabio Leibnitz assim define a substancia: E' uma força original, que exige certas faculdades secundarias, de que a natureza pode privar-a, substituindo umas por outras, e de que Deus pode ao mesmo tempo supprimir todas. Essa força é que faz com que o ente seja sempre o mesmo, embora passe pelas mais variadas vicissitudes e transformações. A analyse chimica não pode tocar a substancia, que, sendo uma força, uma energia, é intangivel; ella toca as propriedades, e por estas naturalmente conhece-se a substancia. Assim a analyse chimica no pão e no vinho consagrados verifica a existencia das propriedades do pão e do vinho, e de nada mais: o que ninguem nega.

O principio potente que pulverisa todas as objecções, feitas pelos herejes e pelos incredulos, contra o dogma da presença real, é a divindade de Jesus Christo. Elle sendo, como é realmente Deus, tem uma sabedoria e um poder infinito; portanto, dentro da esphera do possivel, elle relativamente ao seu corpo, como em tudo, faz tudo quanto quer, quando, onde e como quer. Pela historia authentica de sua vida nós sabemos que elle foi concebido no seio de Maria Santissima, contra as leis da concepção; e della nasceu sem nem de leve ferir sua virgindade. Elle, tendo um corpo visivel, quando quiz, desappareceu completamente ás vistas dos seus inimigos. O seu mesmo corpo, que sobre a cruz foi retalhado pelos golpes de seus algozes, sahiu dum tumulto, perfeitamente fechado e lacrado, sem deixar nelle, nem minimo vestigio de fenda. Esse mesmo corpo que entrou no cenaculo, estando todas as suas portas perfeitamente fechadas, foi apalpado pelo apostolo incredulo. O mesmo corpo, que era observado por todos os seus discipulos, por sua propria virtude elevou-se até o céu. Em summa, Jesus é verdadeiro Deus: pode dar e tirar ao seu corpo todas as propriedades que quizer e como muito bem quizer. Elle tem operado muitos e portentosos milagres para authenticar a sua presença real no sacramento da Eucharistia.

Em Paris numa occasião a hostia sagrada tomou a forma de um manso cordeiro. Todo a cidade correu pressurosa para observar a hostia. São Luiz, sendo convidado para ir ver, respondeu que não ia ver com os ólhos o que

elle perfeitamente via pela fé. Em Paris e nesse mesmo tempo um judeu comprou uma hostia consagrada, e atirou por desprezo no chão; e ella por si mesma levanta-se e paira suspensa no espaço. Tomando nas mãos a hostia, o sacrilego mergulha a sagrada forma num vaso de oleo fervente; e ella surge á superficie intacta. Então o perverso, extremamente enfurecido, colloca a hostia sobre a mesa; toma uma faca, e com ella a fere, dando-lhe muitos golpes; e o sangue jorra em ondas pela ponta do ferro deicida.

Em 1608, no domingo de Pentecostes, na igreja de Favernay, ducado de Borgonha, no meio de uma grande multidão de pessoas, que concorreram para ganhar indulgencias, o altar provisorio de madeira, collocado na porta do templo, onde estava solemnemente exposto o Santissimo Sacramento, foi casual e inesperadamente incendiado; porém, reduzido o altar a cinzas, a custodia, que continha a sagrada hostia, permaneceu suspensa no ar, sem nenhum ponto de apoio. O acto miraculoso prolongou-se até terça feira cedo; e quando então um sacerdote, muito piedoso, celebrava a santa missa, soando campainhas no céu, a custodia por si mesma caminhou nos ares, e foi repousar entre as mãos do celebrante, que, tirando a sagrada forma, a encerrou no sacrario. Este milagre foi presenciado e admirado por mais de dez mil pessoas, e foi syndicado e publicado por monsenhor Fernando Longevi, arcebispo de Besançon.

Para terminar a parte dogmatica vamos dar as regras principaes da interpretação relativamente a este divino sacramento. 1.^a Quando os autores sagrados chamam de pão o Sacramento, querem indicar a materia nelle empregada. Assim São Paulo diz que quem comer indignamente esse pão, será réo do corpo de Nosso Senhor. 2.^a Quando elles chamam o sacramento de signal, de figura, querem referir-se ás especies sacramentaes, e distinguir do corpo como está no céu. Dizem figura do que está presente, figurado pelas especies. Chamam de signal, entretanto exigem a fé e a pureza da alma para a digna recepção; e mandam dar culto de latria á sagrada hostia. Ora isto não exigem os signaes e figuras. 3.^a Nos primeiros seculos os autores sagrados não se occuparam muito da substancia, porém do modo de estar e dos affectos de Jesus no divino Sacramento. 4.^a Quando os autores sagrados recommendam a recepção espiritual, ou repellem a cruenta dos capharnaitas, ou querem dizer que o sacramento deve ser recebido com fé e pureza de consciencia para produzir bons effectos. 5.^a Nos primeiros seculos, como o dogma era conhecido, acreditado, e não era ainda combatido, os autores sagrados de prefe-

rencia occupavam-se das suas mysticas significações e sobre estas mais explanavam-se. 6.^o Quando elles dizem que nosso corpo nutre-se do alimento divino, referem-se ao germen de immortalidade, produzido pela communhão. 7.^o Deve-se muito attender ao fim que elles tinham em suas exposições.

Parte segunda.

Mas qual foi o motivo, pelo qual Jesus quiz estabelecer o santissimo sacramento do altar? O Evangelista nos diz que Jesus amando os seus que estavam no mundo, os quiz amar até ao excesso de seu amor; e quando assim se expressava, referia-se ao sacramento eucharistico. Portanto o motivo dessa divina instituição foi a manifestação do excesso do seu divino amor. Por esse divino sacramento Jesus ficou morando conosco. Porque o povo hebreu possuia a arca da alliança, Moysés julgava a sua nação favorecida e exaltada, e cheio de contentamento exclamava: Não ha um povo tão grande, não ha uma nação tão feliz, como nós, pois temos o nosso Deus morando no meio de nós. Entretanto elle tinha consigo unicamente uma representação de Deus, que era a arca santa. Que diremos então nós que não temos uma simples imagem, mas o verdadeiro Deus? E' verdade! Jesus que é verdadeiro Deus, mora no meio de nós! E porque quiz elle ficar habitando conosco? Para receber as nossas visitas, e assim poder conversar, se entreter conosco; ouvir as nossas queixas para nos consolar; attender as nossas supplicas, para alliviar as nossas dores, adoçar as nossas magoas, suavisar as nossas penas, remediar todos os nossos males.

E' uma immensa honra poder visitar um grande do mundo, poder conversar na intimidade com um monarcha da terra; que honra portanto não é a nossa, pois podemos á toda hora visitar o Monarcha do Céu, e com elle conversar tão intimamente, como um amigo conversa com o seu amigo, como um filho conversa com o seu pai! Para ser admittido a entrar no palacio do rei, do soberano da terra, ha dias e horas determinadas, e ainda é necessario ter um introductor, um apresentante, e são só os mais graduados que podem ter essa gloria; nós todos, até os mais humildes, pobres, ignorantes, podem todos os dias e á toda hora, sem sermos acompanhados, nem apresentados, entrar no palacio do rei, do soberano do céu e da terra, e com elle conversar na maior e mais affectuosa intimidade durante todo o tempo, que muito bem nos aprouver.

Mas não pára ahí a nossa grande honra; no divino sacramento Jesus ainda vem nos visitar na morada de nossa alma. Quando recebemos a sagrada communhão Jesus vem hospedar-se dentro de nós. Se ha honra em receber a visita dum potentado, que honra não temos nós recebendo a visita do Deus omnipotente? Se ha prazer em ser visitado por um bom amigo, por um terno pai; que prazer não teremos nós em sermos visitados por Jesus, o melhor e mais dedicado de todos os amigos, o mais carinhoso e devotado de todos os pais? Magdalena foi feliz, porque por duas vezes recebeu a Jesus em sua casa; e nós podemos todos os dias recebê-lo na morada de nossa alma. São João, o discipulo amado, ainda foi mais feliz, porque na noite da cêia pode recostar-se, por momentos, sobre o peito de Jesus; e nós, todos os dias, podemos ter a Jesus dentro de nosso peito! Maria Santissima ainda foi mais feliz, porque durante nove mezes conservou a Jesus em seu castissimo seio; e nós todos os dias, durante toda a nossa vida, podemos guardar Jesus no intimo de nossa alma! Todas as vezes que temos a felicidade de commungar, Jesus, que é o soberano Senhor de todas as creaturas, faz sua morada dentro de nós e sobre o nosso pobre coração estabelece o seu magestoso e brilhante throno! Jesus, porque é Deus, está sempre rodeado de anjos, que o adoram. No momento de nossa communhão os anjos nos rodeiam, e prostrados com a sua face na terra, adoram a Jesus que está encerrado em nosso peito. São João Chrysostomo assevera que viu, muitas vezes uma innumeravel multidão de anjos rodear o altar durante a celebração da santa missa, e rodear os fieis no momento da sagrada communhão.

Salomão, depois da edificação do magestoso templo, exclamava: E' possivel que Deus habite sobre a terra com os homens? Se os céos não vos podem conter, Senhor, em seus espaços immensos, quanto menos ainda esta pequena morada, que vos tenho edificado? Que diria elle se visse esse Deus habitar, não no vasto e brilhantissimo templo de Jerusalem, mas no peito de um pobre e miseravel peccador.

Mas na sagrada communhão Jesus, não só vem visitar-nos, mas ainda vem unir-se estreita e intimamente a nós. Quando commungamos, a nossa carne se une á sua carne, o nosso sangue a seu sangue, a nossa natureza humana á sua natureza divina, a nossa alma peccadora á sua alma santissima. O grande São Cyrillo, para dar-nos uma fraca idéa da intimidade e sublimidade dessa união, nos diz que pela sagrada communhão nos tornamos concorporeos, consanguinios com Jesus Christo. Mas não só Jesus

une-se intimamente a nós na santa communhão, mas também em si transforma a nossa alma. Parece incrível, e mesmo impossível, mas é pura verdade. Na alimentação natural, porque o alimento é mais fraco do que a natureza, que o recebe, aquelle é transformado por esta. Mas na sagrada communhão o pão divino, sendo infinitamente mais perfeito, que a alma que o recebe, esta é que se transforma naquelle. Assim na alimentação natural o alimento converte-se em nossa natureza; na alimentação divina, que é a sagrada communhão, a nossa alma converte-se no proprio Deus. É verdade que essa conversão não é real, porque a alma, sendo espirito, não pode realmente ser convertida; mas é uma conversão moral, espiritual, porque Jesus então infunde na alma as suas aspirações, os seus desejos, as suas affeições. De modo que a alma, que tem a felicidade de commungar, tem toda razão para exclamar: Não sou mais eu que vivo, mas é o proprio Jesus Christo que vive em mim. Viver a vida de Deus, eis a honra, eis a gloria, eis a felicidade de quem recebe a sagrada communhão!

E ainda para cumulo de ventura dos que commungam, na santa communhão Jesus, que é a fonte de todo bem, dá-se todo inteiro á nossa alma. Elle então desce do céu, e lá não deixa, mas traz consigo todos os seus infinitos thesouros para entregal-os á alma commungante. Falando da felicidade dos christãos que commungam, exclama o grande e sapientissimo Santo Agostinho: Jesus é infinitamente poderoso, mas não pode nos dar mais; é infinitamente sabio, mas não sabe nos dar mais; é infinitamente rico, mas não tem mais nada para nos dar, porquanto elle dá-se todo inteiro a nós na sagrada communhão. Essa união, essa intimidade, essa amizade, essa vida da nossa alma com Jesus na sagrada communhão augmenta em nós a graça santificante; nos traz maiores e mais numerosos auxilios para vencermos as tentações; enfraquece os nossos máus habitos e nos facilita a emenda de nossos defeitos; perdoa os peccados veniaes. e expia as penas temporaes devidas aos peccados já perdoados; nos encoraja a evitar no futuro todos os peccados; e, emfim, nos dá uma garantia, um penhor de um dia ter no céu com Jesus uma vida eterna.

Porem que deveriamos dar a Jesus como uma devida recompensa por tantos, tão grandes e tão preciosos favores e beneficios, que elle nos faz pela santa communhão? Se lhe dessemos os nossos haveres todos, os nossos trabalhos, o nosso sangue e mesmo a nossa propria vida, na apreciação dos homens lhe teriamos dado muito; porem tudo isso é nada em comparação do presente infinito que elle nos faz. Mas elle, em troca dos beneficios immensos e pre-

ciosísimos que nos faz na sagrada communhão, não exige de nós esses sacrificios, que nos seriam penosos; porem apenas deseja que não lhe sejamos tão ingratos. ao ponto de rejeitar o mimo, que elle tão espontaneamente nos offerece, e que é de um valor infinito. No pensar unanime de todos os homens não ha ingratição tão dolorosa, desprezo tão aviltante como a rejeição de um valioso presente, offerecido com tanta sinceridade, com tanto gosto e com tanto prazer. Pois é justamente o que fazem todos os que não recebem a sagrada communhão, na qual Jesus dá-se todo inteiro a nós, elle que é o verdadeiro Deus. Entretanto quantos, entre os proprios que se dizem catholicos, não passam annos e annos sem receber a Jesus Sacramentado? Quantos mesmo, que, já estando em avançada idade, ainda, nem uma só vêz, em toda a sua vida, receberam em sua alma o hospede divino? Ser ingrato para com os bemfeitores, para com os sinceros amigos, julgam ser um grande crime, e até mesmo uma grande indignidade; entretanto passam toda a sua vida na mais revoltante ingratição, desprezando o mimo de valor infinito, que Jesus lhes offerece na santa communhão. Mas, oh! quanto esse nefando desprezo fere o amantissimo coração de Jesus! Elle, que é todo bondade, mansidão, clemencia, perdão, promete severissimamente castigar esses tão criminosos ingratos. E' Jesus, quem falla; é quem os ameaça: Se não comerdes a minha carne, isto é, se não me receberdes na sagrada communhão, não tereis a vida eterna. Mas quem não tem o calor, tem o frio; quem não a tem luz, tem as trevas. Assim tambem quem não tem vida, tem a morte; e quem não tem a vida eterna, terá a morte eterna. A morte eterna! E' morrer sempre, sem nunca definitivamente morrer; ou antes é sempre viver sem nunca morrer, só para sempre poder soffrer. Eis o tremendo castigo, reservado aos ingratos, que desprezam os beneficios incomparaveis da divina communhão.

• Agora quanto não agradam a Jesus os que de bom grado acceitam o seu divino e santo presente? Ouçamos ao proprio Jesus, verdade infinita e eterna. Os que comerem a minha carne, isto é, os que receberem a sagrada communhão, diz Jesus, viverão eternamente. Viver, já é um grande beneficio; e viver com Jesus? e viver com Jesus e eternamente? Eis a immensa, preciosissima e santa recompensa, que Jesus promete aos que acceitarem o santissimo mimo, que elle nos faz na meza sagrada da communhão. Oh! todos os que têm fé e um pouco de amor a Jesus, devem com toda a frequencia, que lhes fôr possivel, procurar receber a santa communhão. Os que abraçam essa louvavel e santissima pratica, não só progridem rapidamente na virtu-

de e perfeição, mas ainda respiram constantemente o santissimo aroma das virtudes e perfeições do proprio Jesus Christo.

No momento da communhão Jesus está realmente presente em nossa alma; porém depois de, mais ou menos, cinco minutos, dissolvendo-se as sagradas especies, elle deixa de estar realmente presente, para estar espiritualmente presente. Uma comparação explicará perfeitissimamente esta tão doce e consoladora verdade sobre a presença espiritual de Jesus na feliz alma, que o recebe na santa communhão. Collocando se uma flor cheirosa num aposento, ella enche todo o espaço, contido pelos muros, do seu suave aroma. Depois de alguns minutos retira-se a flor, mas ahí fica todo o seu agradável perfume até que o ar penetrando venha dissipal-o. E' o que acontece a quem communga. Desapparecendo a sagrada forma, Jesus tambem desaparece; porem deixa na alma feliz as santas exalações, os preciosissimos effluvios de suas virtudes e perfeições, communicando-lhe antes de sua retirada seus pensamentos, suas inclinações, seus gostos, seus amores; e essa alma permanece nesse venturoso estado, em que respira os aromas santissimos das virtudes de Jesus, enquanto não fôr dissipado o perfume divino por alguma falta grave, ou pelas crimosas preocupações mundanas. De modo que a alma piedosa, que frequentemente communga, vive respirando toda a sua vida os odores divinos.

O grande Pio X, que gloriosamente com tanta sabedoria e zelo regou a santa Egreja Catholica, muito recommendou a pratica immensamente proveitosa e santissima da communhão frequente; e determinou que uma pessoa piedosa pode com a mesma confissão commungar durante muitos dias, desde que tenha certeza de que durante esse espaço de tempo não incorreu em alguma falta grave. Quando a pessoa não possa commungar todos os dias, consecutivamente, poderá commungar todos os dias, em que puder ou quizer. As falhas não embarçam o proseguimento. Só impedem a continuação as faltas graves; os peccados venias, além de não servirem de embarço, são perdoados pela propria communhão. Santa Thereza, que commungava todos os dias, e que tanto recommendava a pratica da communhão frequente, dizia que as faltas leves são as palhas, que devem ser consumidas pelo fogo divino, que é Jesus Sacramentado.

Convem aqui dissipar algumas duvidas e receios infundados, que apartam tantas pessoas piedosas da communhão frequente. Essas duvidas e receios versam sobre a lembrança de peccados esquecidos na confissão, sobre raivas, maledicencias, máus pensamentos. Os peccados, involuntariamente

esquecidos na confissão, ficaram perdoados, restando apenas o dever de contal-os na primeira confissão, que se fizer, para unicamente sujeital-os ao poder das chaves ou á jurisdicção; e portanto elles não embarçam a communhão. As raivas, quando não encerram odio, desejo de vingança, não passam de peccado venial; e, se forem irreflectidas, não serão peccado de especie alguma. A maledicencia é peccado grave quando se descobrem faltas occultas; quando inventam-se faltas; quando augmentam-se as faltas verdadeiras; quando envenenam-se as intenções. Uma censura, uma critica, um motejo sobre ponto de pequena ou nenhuma importancia, não passará de falta leve.

Não é peccado reprovar, condemnar o criminoso procedimento publico; e até mesmo muitas vezes haverá dever de condemnal-o, para evitar o escandalo. Defender o peccador publico, notorio, escandaloso, é defender o proprio peccado. Quando o máu proceder damnifica ás almas, é até um dever denunciar o criminoso ao seu respectivo superior. São Francisco de Sales, modelo de mansidão e de caridade, tratando desse caso, diz que gritar que vem o lobo, é ter caridade para com o rebanho. Os que por meras considerações humanas, ou mesmo por simples sentimentalismo, recommendam funcionarios criminosos, defendem os seus crimes, imploram da autoridade competente a sua conservação no cargo ou emprego, tornam-se participantes da malicia e perversidade de seus actos, e responsaveis diante de Deus pelos damnos por elles causados.

Os pensamentos máus, bem como os desejos criminosos, desde que não sejam procurados, e sejam repellidos antes de um pleno consentimento, não são peccados, nem leves; pelo contrario constituem actos meritorios. Em caso algum pode haver peccado sem conhecimento pleno e perfeito consentimento. Só offende a Deus, quem verdadeiramente quer offendel-o. Que todos esses infundados e vãos receios, muitas vezes inspirados pelo proprio demonio, não sirvam de motivo para as almas piedosas, amigas dedicadas de Jesus, deixarem de recebel-o frequentemente na santa communhão, privando-se de tão preciosos beneficios.

Ha um acto muito proveitoso que é a visita ao Santissimo Sacramento. Todo o catholico sincero e esclarecido, entrando em uma igreja em que se conserva o sacramento, o seu primeiro acto, antes absolutamente de tudo, deve ser ir de joelhos adorar durante uns dez minutos Jesus sacramentado. As pessoas piedosas devem furtar aos seus affazeres domesticos uma meia hora por dia para fazer uma visita ao nosso verdadeiro amigo, Jesus sacramentado, desde que isso não traga damno ou perturbação nos serviços ao

seu cargo. Em algumas povoações os devotos combinam entre si e com o seu vigário, e numa hora determinada vão em commum fazer a sua visita. Isto, alem de ser muito proveitoso, piedoso, é muito edificante e poderosamente concorre para a santificação de toda a parochia. O modo de fazer-se essa visita, é facilimo, e pode-se fazer do seguinte modo.

Reza-se o acto de contrição e tres Padre Nosso e Ave Maria em honra de Jesus Sacramentado. Faz-se um acto de adoração dizendo: Eu vos reconheço por meu Creador e meu Soberano Senhor. Tudo quanto tenho, tudo quanto sou, vos pertence. Eu vos dou graças por tantos e tão grandes beneficios que de vós tenho recebido. Isto feito, conversa-se com Jesus Sacramentado, pedindo-lhe tudo quanto se deseja. Esta visita é muito agradavel a Jesus, e nos dá tão doces consolações, e nos consegue immensos e preciosissimos beneficios. Os santos ligavam á esta pratica piedosa summa importancia. São Francisco Xavier, depois de ter passado todo o dia nos afanosos trabalhos de seu apostolico ministerio, á noite, embora tão fatigado, ia fazer a sua longa visita a Jesus Sacramentado. São Luiz Gonzaga passava todo o seu tempo de descanso diante do Santissimo Sacramento. São Francisco de Assis nada interprehendia sem antes ir consultar Jesus na Eucharistia. Na Lei antiga todos, mesmo os velhos e os que distavam de sessenta leguas, eram obrigados a ir visitar a arca da alliança, que é a figura da Eucharistia. Quanto, pois, não devemos ser assiduos em visitar a Jesus, o verdadeiro Deus, que unicamente por nosso amor acha-se dia e noite clausurado no divino tabernaculo?

Outra devoção, tambem muito importante, é a communhão espiritual, que pode ser feita na igreja por occasião da visita, ou durante a missa, ou mesmo em casa e á qualquer hora. Ella consiste no ardente desejo de receber a communhão; e pode ser feita do modo seguinte:

1.^o Faz-se um acto de fé dizendo: Eu creio firmemente que estais realmente presente no divino Sacramento.

2.^o Faz-se um acto de amor dizendo: Meu divino Jesus, eu vos amo acima e mais que todas as cousas.

3.^o Faz-se um acto de desejo dizendo: Eu, divino Jesus, desejava receber-vos realmente na sagrada communhão; mas como isso agora não posso fazer, vinde espiritualmente ao meu coração. Eu vos abraço e uno-me a vós, como se viesseis realmente.» Isto feito, reza-se e faz-se tudo quanto se costuma fazer na sagrada communhão.

A devoção ao Santissimo Sacramento é a primeira e a mais importante e proveitosa de todas as devoções, pois por ella adoramos, honramos, louvamos, invocamos, supplicamos

a Deus presente e em realidade. E' de Jesus Sacramentado que vêm todos os favores e beneficios. Os egypcios louvam, abençoam as inundações do Nilo, e não procuram saber qual seja a fonte, de que ellas provêm. Assim em uossa religião admiramos, engrandecemos, exaltamos tantos actos sublimes de desprendimento, de penitencia, de devotamento; tantos rasgos de heroísmo de amor para com Deus, e de verdadeira caridade para com o proximo; mas sem procurar saber donde vêm, para os que esses actos praticam, tanta sabedoria, tanta força, tanta coragem, tanta abnegação e tanta fé. A fonte abençoada e divina é a sincera e fervente devoção ao Santissimo Sacramento. O humilde sacerdote, que ora traça estas linhas, diante de Deus, agradecido, confessa que algumas boas inspirações que tem tido, algum pouco de bem que tem feito, deve tudo ser exclusivamente attribuido ás luzes e forças que tem recebido de Jesus sacramentado.

Mas para que essa devoção seja bem agradável a Jesus, e produza os desejados e salutaes fructos, precisa ser animada por uma fé viva e ardente. E' a fé que nos faz descobrir os thesouros inapreciaveis e preciosissimos, que estão encerrados em todos os sacramentos, e de um modo particularissimo no sacramento da Eucharistia, com muita razão denominado *o sacramento do amor*. Os nossos divinos sacramentos são como as notas do thesouro. Os olhos nellas vêem unicamente papél e tinta; mas a intelligencia, reflectindo, nellas descobre grandes valores, que representam muitos esforços e fadigas; e que, bem applicados, podem produzir excellentes e santos resultados em pról da humanidade, e mesmo da religião. O mesmo acontece com os divinos sacramentos e mui especialmente com o da Santa Eucharistia. Sem meditação, esclarecida e aquecida pela fé, nos sacramentos contemplamos ceremonias, ritos, que nos agradam, que nos encantam; mas quando aos raios luminosos da fé meditamos seriamente sobre a sua importancia, nellas encontramos as graças divinas, que nos esclarecem, que nos consolam, que nos animam, que nos encorajam, que nos fortificam; graças que representam os trabalhos, os soffrimentos, os suores, as angustias, as lagrimas, o sangue, a vida de um Homem Deus, que, impellido unicamente por seu immenso amor para comosco, se immolou nos braços de uma cruz.

Muito e muito pedimos aos nossos queridos leitores que honrem todos os sacramentos; mas com devoção especialissima o terno, o augusto, o dulcissimo, o Santissimo Sacramento da Eucharistia; e este pedido é feito mui particularmente a todos aquelles felizes, que têm todos os dias a insigne honra de subir a montanha santa, e immolar ao Deus omnipotente o Cordeiro Divino, que apaga os peccados do mundo.

Antes de encerrarmos este importantissimo tratado, julgamos conveniente dar uma breve noção sobre os *Sacramentaes*. Elles são muitissimo differentes dos Sacramentos; pois estes, por sua propria natureza, produzem a graça, e aquelles apenas dão disposição para se conseguir a graça. Os Sacramentaes foram instituidos pela Igreja, e os Sacramentos foram todos instituidos por Jesus Christo; aquelles produzem os seus effeitos *ex opere operantis*, estes *ex opere operato*. Quer dizer que os Sacramentaes produzem os seus effeitos pela fé e devoção dos que delles fazem uso; ao passo que os Sacramentos produzem os seus effeitos por sua propria natureza, pelas suas proprias virtudes. Os effeitos dos Sacramentaes são o perdão dos peccados veniaes e augmento da graça santificante. Os sacramentaes são:

1.º A oração do Padre Nosso e as preces publicas da Igreja. 2.º A agua benta e as unções sagradas em diversas consagrações. 3.º A comida dos pães e outros alimentos, ben-zidos pelos sacerdotes. 4.º A confissão, recitada ou cantada, na missa, ou nos officios, pelos sacerdotes. 5.º Todo acto de verdadeira caridade para com o proximo. 6.º A benção dada pelos bispos, ou na missa por todos os sacerdotes, e o uso das velas, palmas, cinzas bentas pelos sacerdotes.

Quadragesima primeira Instrucção.

O Santo Sacrificio —Parte primeira.

Sacrificio, em geral, é uma oblação, feita a Deus, duma cousa que se destroe em sua honra, para reconhecer o seu soberano dominio sobre todas as creaturas. Pelo que se vê que o sacrificio é um acto essencial da religião, a expressão do culto supremo, a adoração propriamente dita; e que não pode haver religião sem ter sacrificio. Elle só pode ser offerecido a Deus; offerecel-o á uma creatura, seria render-lhe as honras divinas, e commetter uma idolatria. O sacrificio agrada a Deus, não porque elle precise dessa offerenda, pois é elle o creador e conservador de tudo; mas porque representa a gratidão dos que lho offerecem. Um pobre faz um pequeno e insignificante presente a um grande rico, que lhe tem feito muitas esmolas; e o rico, embora não precise do que lhe é dado pelo pobre, agrada-se e fica contente, só pelo testemunho de reconhecimento, que pelo seu beneficiado lhe é prestado.

O sacrificio tem sua origem nos sentimentos de gratidão. Todos os homens, em todos os tempos e lugares, têm, como sacrificio, offerecido á Divindade os alimentos, de que cada um costuma fazer uso. Os povos agricultores têm em sacrificio offerecido a Deus os fructos da terra; os povos nomades o leite de seus rebanhos; os pescadores e caçadores a carne dos animaes; os habitantes da Arabia o fumo de seu incenso. Como já notamos, na antiga lei, na lei hebraica, havia sacrificios. Immolava-se a Deus os animaes; e a prova de que esses sacrificios lhe eram agradaveis, é que do céo baixava um fogo miraculoso, que consumia a carne e o sangue das victimas immoladas. Esses sacrificios eram todos figurativos do grande sacrificio da cruz, do qual antecipadamente tiravam todo o seu merecimento. Como diante da realidade necessariamente desaparecem as figuras, todos os sacrificios antigos desapareceram com a realisação do sacrificio de Jesus Christo. Mas se havia sacrificios, para annunciar o divino sacrificio da cruz, devia necessariamente haver um para sempre recordal-o; e este foi o sacrificio eucharistico, que Jesus instituiu na vespera de sua dolorosa paixão. Vejamos como foi elle por Jesus instituido.

No cenaculo, depois da cêia, Jesus, antes de converter o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue, recommendou a seu Pai todos os seus; orou, levantando os olhos ao céo; deu graças a seu Pai: eis um verdadeiro offerecimento dum sacrificio. Segundo o texto grego Jesus disse: Isto é meu corpo *que é entregue por vós: Quod pro vobis traditur*. Fallando no tempo presente distingue este sacrificio do da cruz; em vez de dizer: *Que vos é entregue*, dizendo: *Que é entregue por vós*, denota uma verdadeira oblação. Jesus disse: Este é o calix do meu sangue, que é derramado por vós. Dizendo: *Que é derramado por vós*, e não dizendo: *Que vos é derramado*, ainda denota uma verdadeira oblação. Dizendo como disse: *Que é derramado ptra a remissão dos peccados*, indica o fim do sacrificio. Cumpre notar-se que Jesus não falla do que tem de fazer no dia seguinte, mas do que então faz. Dando portanto, como de facto deu, o seu corpo e o seu sangue em oblação, estabeleceu um verdadeiro e perfeito sacrificio; e ordenando aos seus apóstolos, e, em sua pessoa, aos seus legitimos successores, que fizessem o mesmo, para assim até o fim dos seculos recordar a sua morte, deulhes um verdadeiro sacerdocio. De modo que a Eucharistia é um sacramento, em quanto ella tende a produzir a santificação dos homens; é ao mesmo tempo um sacrificio, em quanto ella tende primariamente a reconhecer o supremo dominio de Deus sobre todas as creaturas, e, secundariamen-

te a implorar os meritos infinitos da paixão e morte de Nosso Senhor.

O grande propheta Malachias (cap. 1 vers. 10 e 11) annunciou a instituição desse divino sacrificio quando disse, fallando em nome de Deus e por sua santa inspiração: Não receberei mais offerendas de vossas mãos. (Referia-se aos antigos sacrificios judaicos.) Mas, eis que do oriente até ao occidente, o meu nome será grande entre as nações; e em todo lugar se sacrificava e offerece ao meu nome uma oblação pura. O propheta David (Psal. 7, vers. 17) tambem annuncia o sacrificio eucharistico, quando chama o futuro Messias de sacerdote eterno segundo a ordem de Melchisedech. A realisação destas prophcias tem sido terminantemente attestada pelos grandes e sabios Padres da Igreja.

São Justino, que viveu no meado do segundo seculo, interpretando a prophcia de Malachias, diz: o sacrificio que Deus não queria mais, que rejeitava, era o dos judeus; e a oblação pura, que lhe era em todo o mundo offerecida, era o sacrificio eucharistico. São Cypriano, que viveu no meado do terceiro seculo, explicando a prophcia de David, diz: Jesus Christo offereceu a Deus Padre o que Melchisedech tinha offerecido, isto é, pão e vinho, mas convertidos em seu corpo e em seu sangue; e ordenou que o mesmo se fizesse em sua commemoração. O proprio apostolo São Paulo, que assevera que sobre a Eucharistia fora immediatamente inspirado por Deus, attesta a realisação da prophcia de David. Em sua Epistola aos Hebreus, capitulo quinto, referindo-se ao sacerdocio de Jesus, diz: «Como tambem diz Deus em outro lugar: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melchisedech. Elle foi chamado por Deus Pontifice segundo a ordem de Melchisedech.

Todos os Padres da Igreja são unanimes em asseverar que a Eucharistia é verdadeiro sacrificio, estabelecido por Jesus Christo. Santo Irineu, que viveu no segundo seculo, dizia: Jesus Christo ensinou aos seus apóstolos a nova oblação de seu corpo e de seu sangue, a qual a Igreja tendo recebido dos proprios apóstolos, offerece a Deus em todo o mundo. Santo Ambrosio, que viveu no quarto seculo, diz: Quando sacrificamos (celebramos a missa) Christo está presente, e é immolado. Santo Agostinho, que tambem viveu no mesmo seculo, diz: O sacrificio do corpo e do sangue de Jesus Christo substituiu a todos os sacrificios do antigo Testamento, que se immolavam na sombra do futuro. Os gregos, os nestorianos, os eutychianos, os armenios e todos os orientaes professam, ensinam e offerecem o sacrificio eucharistico. O Concilio de Nicéa, reunido no anno 325; o de Epheso, reunido no anno 431; o de Trento, reunido no an-

no 1563: todos mandam, sob pena de excommunhão, acreditar, como um dogma de fé, que a Eucharistia contem um verdadeiro sacrificio, instituido por Jesus Christo.

O sacrificio eucharistico esteve sempre em uso na Igreja catholica desde os apóstolos até hoje. A Escriptura, em muitos lugares, os Padres da Igreja em todas circumstancias, referem-se á celebração da missa, chamando-a: *Fracção do pão, synaxe, officio divino, celebração dos santos mysterios, liturgia, ministerio publico*. São Paulo comparava a celebração da missa com o antigo sacrificio dos judeus, e dizia: Temos um altar, do qual não podem participar os que servem ao tabernaculo. Comparava tambem a celebração da missa com os criminosos sacrificios dos pagãos, e dizia aos christãos: Os pagãos immolam aos demonios. Não quero que tenhais sociedade com os demonios; não podeis beber o calix do Senhor e o dos demonios; não podeis participar da meza do Senhor e da meza dos demonios. (1.^a Epíst. ad. Covent. cap. 10 verso 16.) Os apóstolos celebravam a missa em meza de madeira; e é por isso que São Paulo chamava o altar de meza. Até hoje ainda existe em Roma o altar de madeira, em que São Pedro celebrava a missa em casa de São Pudencio. Foi o Papa São Silvestre que no anno de 315 mandou que o altar para o sacrificio fosse de marmore. Temos um factó, constatado pela historia, que attesta que os apóstolos celebravam a santa missa. O apóstolo Santo André celebrava todos os dias. Quando Egeu, proconsul da Achaia, lhe ordenou que offerecesse sacrificios aos seus idolos, elle prompta e corajosamente respondera: *Eu immolo todos os dias a Deus o Cordeiro sem mancha, que sempre é immolato, e está sempre vivo*.

Mas qual a razão sufficiente, qual o motivo determinante da instituição do sacrificio eucharistico? Eis o que a respeito ensina o Santo Concilio de Trento em sua sessão 22, capitulo 1.^o: «Porque o sacerdocio de Jesus Christo não se devia extinguir por sua morte, querendo deixar um sacrificio sensível, como exige a natureza dos homens, para representar o sacrificio da cruz, perpetuar a sua memoria até o fim dos seculos, applicar-nos a sua virtude pelos peccados, que commettemos todos os dias; depois de celebrar a antiga paschoa em memoria da sahida do Egypto, estabeleceu a nova paschoa em memoria de sua passagem deste mundo a seu eterno Pai, depois de nos ter resgatado por seu sangue do poder do demonio. «O sacrificio eucharistico não foi, pois, instituido para dar á justiça divina um novo pagamento, porque tudo já ficaria pago pelo sacrificio da cruz, que tem um valor infinito; mas para recordar esse sacrificio sangui-nolento, promover a sua continuação, applicar os seus me-

recimentos, renovar nas almas os seus salutaes effeitos, e lhes fazer conseguir a remissão dos peccados, que todos os dias poderiam commetter. Entretanto esse sacrificio não é uma simples lembrança ou representação, mas é um verdadeiro e perfeito sacrificio. Jesus ahi está realmente presente, e é verdadeiramente immolado a seu eterno Pai, como o foi sobre a cruz. Os nossos sentidos nada podem perceber, mas percebe a nossa alma. A victima ahi está presente e em estado de immolação; e é percebida pela fé. A espada que a immola, é a palavra omnipotente pronunciada pelo sacerdote, que mysticamente separa o corpo do sangue. O sangue é derramado mysteriosamente; e a morte intervem só pela representação. Tendo-se pelo sacrificio da cruz abolido todos os sacrificios antigos, tornou-se absolutamente necessaria a instituição do sacrificio eucharistico, porque diversamente a nossa religião não teria o acto liturgico, que deve constituir toda religião, e que se observa em todas as religiões.

O sacrificio da cruz não pertence unicamente aos christãos; elle é commum a todos quantos, desde a origem do mundo salvaram-se pela antecipada applicação dos seus infinitos merecimentos. Seria portanto para lamentar-se que milhares de sacrificios o precedessem, e reclamassem a sua realisação, e que porventura não houvesse um só, para recordal-o, e applicar os seus immensos e preciosissimos merecimentos. O incruento sacrificio da missa é a renovação, é a continuação do cruento sacrificio da cruz, formando com este um só e mesmo sacrificio, porque a victima immolada é a mesma; o sacrificador é tambem o mesmo; e ainda porque tem a mesma razão formal de sacrificio, que é a solemne protestação do supremo dominio, que Deus tem sobre a vida e sobre a morte. Elle só accidentalmente difere do sacrificio da cruz, isto é, unicamente quanto ao modo do offercimento. No sacrificio da cruz houve uma morte real, no eucharistico a morte é unicamente mystica, pois ella consiste na separação entre o corpo e o sangue. No sacrificio da cruz Jesus se offercece por si mesmo; no eucharistico elle se offercece por intermedio do sacerdote, que então é um seu verdadeiro instrumento. Se o sacerdote fallasse em seu nome, deveria dizer: *Isto é o corpo de Jesus*; mas porque elle então só falla como legitimo representante de Jesus, diz: *Isto é meu corpo. Isto é meu sangue, que será derramado para remissão dos peccados*. O grande São Gregorio diz que, quando na santa missa vê o padre levantar a sagrada hostia, contempla as mãos do proprio Jesus Christo; e que então as suas palavras e os seus actos são as palavras e os actos do proprio Jesus Christo. No sacrificio da

cruz Jesus adquiriu os meritos infinitos, necessarios para a redempção de todo o genero humano; no sacrificio eucharistico esses mesmos meritos são parcialmente applicados a cada um dos homens. A cruz é a fonte das graças; o altar é o canal divino, pelo qual ellas chegam a cada um de nós. Na cruz adquirimos a propriedade aos meritos; no altar obtemos a sua posse. A paixão accumulou o infinito thesouro; a missa o distribue a todos os homens. Sobre a cruz Jesus morre por todos os homens; sobre o altar elle se immola particularmente para cada um de nós

O sacrificio da missa, da mesma sorte que os antigos sacrificios, é *latreutico, propiciatorio e satisfactorio, impetratorio, eucharistico*. Elle tem por fim: Adorar a Deus, reconhecendo o seu soberano dominio sobre todas as creaturas; obter de Deus o perdão dos peccados, pelos meios por elle determinados, e a remissão da pena devida aos peccados, já perdoados; implorar de Deus suas graças e beneficios pelos merecimentos de Jesus, seu divino Filho; agradecer a Deus os favores, por elle concedidos.

Parte segunda.

Agora vamos apresentar e cathegoricamente responder a todas as objecções, que pelos protestantes são feitas contra o divino sacrificio. Segundo os protestantes, depois de realiado o sacrificio da cruz, só pode haver sacrificios impropriamente ditos, que são: Sentimentos do coração, orações, louvores, votos, acções de graças; e é só nesse sentido, affirmam elles, que se deve entender tudo quanto o Novo Testamento e os Padres da Igreja têm dito sobre sacrificio, altar, victimas, sacerdocio.

Na antiga lei havia os sacrificios impropriamente ditos, supramencionados, entretanto havia tambem os sacrificios propriamente ditos, que consistiam na immolação de victimas que tinham vida; e esses sacrificios eram ordenados por Deus, e lhe eram agradaveis, pois que do céu vinha o fogo miraculoso consumil-os. Se esses sacrificios reaes, que eram apenas annuncios do sacrificio da cruz, agradavam a Deus; porque não lhe agradecerá o sacrificio eucharistico, que, não só recorda, mais ainda continúa o sacrificio da cruz, e applica os merecimentos? Se na lei nova só houvesse os sacrificios impropriamente ditos, ella seria inferior á antiga que, alem dos sacrificios impropriamente ditos, tinha tambem os sacrificios propriamente ditos. Quererão por acaso os protestantes que a religião de Jesus Christo seja

menos perfeita, que a de Moysés? Admittirão por ventura que a simples imagem sobrepuje ao seu original, a promessa ao seu cumprimento, o annuncio á realidade?

E' verdade que na lei nova os actos de virtudes são impropriamente chamados sacrificios; porém quando os Santos Padres fallam do sacrificio eucharistico, referem-se ao sacrificio propriamente dito, pois o chamam de *immolação*, *hostia*, *victima*: e o comparam aos sacrificios propriamente ditos, offerecidos pelos patriarchas, e ao sacrificio da cruz. A Escripura tambem distingue o sacrificio dos actos de virtudes, que só impropriamente chamam-se sacrificios. Nella se lê: «*Eu quero misericordia e não sacrificio. A obediencia é preferivel ás victimas.*»

Os protestantes, para apartar a attenção dos fieis do ponto principal da questão, mudaram os antigos nomes de *eucharistia*, *oblação*, *sacrificio*, *hostia*, no de *ceia*; querendo fazer entender que esta cerimonia não é a commemoração, nem a renovação da morte do Salvador, mas a representação da ceia ou refeição, que elle fez com os seus apóstolos na vespera de sua morte. Elles, porém, se esquecem da importante recommendação de São Paulo: «*Todas as vezes que comerdes este pão, e beberdes deste calix, annunciareis a morte do Senhor até que elle venha*»; e não diz: Vós annunciareis a ultima ceia do Senhor. E na verdade a ultima ceia já se tinha terminado, o cordeiro paschal já tinha sido comido, quando Jesus converteu o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue. Portanto a ceia dos protestantes é uma pura invenção, que não é recommendada, nem mesmo fora instituida nem por Jesus Christo, nem mesmo pelos apóstolos.

Dizem os protestantes que unicamente pela fé podemos nos apropriar dos meritos do sacrificio da cruz. Se assim fosse, o povo judaico seria mais feliz que o povo christão, porque, alem da fé, tinha ainda os sacrificios que representam o sacrificio da cruz, e que fallam muito mais eloquentemente, que a imaginação pela fé.

Dizem os protestantes que o apóstolo São Paulo assevera que para a nossa santificação é bastante o sacrificio da cruz. Se com o sacrificio da cruz tudo estivesse terminado, então para que Jesus interceder por nós junto a seu Pai? para que victimas espirituaes? para que, segundo a recommendação de São Paulo, procurar completar a nossa santificação pelos actos de mortificação e de penitencia? para que o proprio baptismo? O sacrificio da cruz conseguiu o preço: o eucharistico nos confere a applicação desse mesmo preço. Os sacrificios antigos repetiam-se, porque não tinham a força necessaria para expiar a culpa theologica, mas

unicamente expiavam a culpa legal; e o eucharistico repete-se, porque, quotidianamente commettendo novos peccados, precisamos de nova expiação por um sacrificio, pelo qual se nos applique o merito e a satisfação do sacrificio da cruz.

Dizendo o Apostolo que basta o sacrificio da cruz elle não exclue uma repetição não sanguinolenta da immolação que nos mereceu todas as graças de salvação; repetição, pela qual essas mesmas graças nos sejam applicadas no lugar e tempo, determinados pela bondade divina. A unidade da oblação, que o grande Apostolo proclama, em: nada contradiz á multiplicidade dos actos sagrados, pelos quaes todos os dias em nossos altares Jesus Christo é mysticamente immolado. Todas as missas já celebradas, desde o cenaculo até hoje, e as que ainda serão celebradas até o fim do mundo, foram comprehendidas, com o mesmo sacrificio da cruz, em um só e mesmo querer de Jesus Christo, e por elle consideradas como sendo um só e mesmo sacrificio. Sobre a cruz, como sobre o altar o Christo, immolado pela nossa salvação, constitue toda a nossa religião.

Emfim, allegam os protestantes, para ao mesmo tempo combater o sacrificio eucharistico e o sacerdocio catholico, que São Paulo diz que ha um só sacerdote, que é Jesus Christo. Assim fallando, o grande Apostolo exclue outros sacerdotes, que tenham a mesma autoridade e dignidade de Jesus Christo; mas não exclue sacerdotes inferiores, que sejam seus ministros no sacerdocio. Jesus será eternamente sacerdote, mas exercerá as suas funcções sacerdotaes por intermedio dos seus legitimos representantes. E' deste modo que elle continua a ser sacerdote; e será eternamente sacerdote segundo a ordem de Melchisedech, representado pelos sacerdotes catholicos, que em seu nome e pela sua autoridade o immolam todos os dias sobre o altar e sob as especies ou apparencias de pão e de vinho. Subindo ao céu, elle não resignou as suas funcções de sacerdote. Assim como, em absoluto, ha um só mediador; ha tambem, em absoluto, um só sacerdote, que é Jesus Christo. Mas se, não obstante haver um só mediador primario, pode haver e de facto ha mediadores secundarios; tambem, não obstante haver um só sacerdote primario, pode haver e de facto ha sacerdotes secundarios, que unicamente são ministros do mediador primario. Os sacerdotes catholicos não substituem a Jesus Christo, nem são seus successores; são apenas mandatarios entre elle e o povo christão. Elle é que tudo faz, porém por intermedio dos sacerdotes, que exercem as suas sagradas funcções em seu nome; e é por isso que sempre e em tudo repetem: «Por Nosso Senhor Jesus Christo que comvosco vive e reina, e na unidade do Espirito Santo, por todos os seculos dos

seculos.» O delegante faz tudo pelos seus delegados, como os soberanos fazem tudo pelos seus secretarios e ministros. Seria, alem de blasphemia e impiedade, uma requintada loucura, se os sacerdotes catholicos pensassem que era, por si e em seu proprio nome, que podiam absolver e consagrar. Os proprios impios e incredulos estão intimamente convencidos que Jesus Christo faz tudo por intermedio dos sacerdotes catholicos; e é justamente dahi que vem todo o seu odio e rancor contra elles, ministros d'Aquelle a quem movem guerra de exterminio. Se não fora estes motivos os ministros catholicos ser-lhes-ão tão indifferentes, como o são os representantes das falsas religiões: Sama, sacerdote dos Tartaros, Derviches, frades musulmanos, os *reverendos* presbyteros, ministros protestantes.

Parte terceira.

O Santo sacrificio da missa tem tres especies de fructos: geral, especial, especialissimo. O fructo geral pertence a todos, mesmo aos que não assistem á missa; porém este fructo é dado só como supplica, e não como satisfação, isto é, sem effeito para a remissão das penas devidas aos peccados já perdoados. Deste fructo participam muito mais abundantemente os assistentes, e ainda muito mais os que cooperam servindo ao sacerdote na celebração da missa. O fructo especial é o que percebem aquelles, aos quaes o sacerdote especialmente applica o sacrificio; e percebem este fructo como *impetratorio*, isto é, como supplica; como *propiciatorio*, isto é, com o effeito de em seu favor applicar a colera divina; e ainda como *satisfactorio*, isto é, servindo para satisfazer as penas, devidas aos peccados já perdoados. O fructo especialissimo é o que percebe o sacerdote que offerece o sacrificio; o sacerdote considerado como pessoa privada, e como quem tem parte maior e mais directa no offerecimento do sacrificio.

Neste sacrificio Jesus Christo é ao mesmo tempo victima e principal offerente ou sacrificador; e, considerado neste sentido, o sacrificio tem um valor infinito. Mas considerado quanto aos effeitos e fructos, applicados aos homens, o seu valor é maior ou menor, segundo a maior ou menor disposição daquelle, a quem é applicado. Nunca neste sentido poderá ter um valor infinito, porque as creaturas, sendo finitas, são incapazes de perceber um fructo infinito. Este sacrificio é immensamente proveitoso ás almas do purgatorio, sendo o meio mais poderoso, acceto por Deus, para alliviar

as suas dores e penas, e para abreviar o tempo de seu desterro.

Todos os catholicos, que residem na povoação ou lugar em que ha missa, ou em distancia de menos de uma legua, salvo o caso de ter motivos justos, peccam gravemente deixando de ouvir missas nos domingos e dias santos. As missas ouvidas durante os dias de semana, nem o facto de em casa recitar orações na hora da missa, não escusam do peccado mortal; porque ouvir em outros dias e recitar orações em casa, são meros actos de devoção, e a assistencia da missa nos domingos e dias santos, é uma grave e rigorosa obrigação. Ficam dispensados do preceito unicamente os que têm causas ponderantes. Estão dispensados: Os que moram distantes, ou não podem vir á missa sem grandes difficuldades; os que estão doentes ou têm de tratar de doentes; os que têm serviços, que não podem ser adiados sem grande damno na saude ou mesmo na fortuna; os empregados, que, por vir á missa perderiam o seu emprego; as mãis que não têm com quem deixar os filhos pequenos, e os não podem levar consigo. Cumpre advertir que todos os que têm uma verdadeira excusante, devem fazer tudo quanto de si depende para remover o embaraço, desde e logo que o possam fazer sem grande damno.

Para cumprir com o preceito, é necessario ouvir toda a missa, e não unicamente uma parte. Segundo a opinião commum dos theologos, os que chegam immediatamente depois do evangelho e antes do offertorio, cumprem com o preceito; porque a parte que precede ao offertorio não pertence propriamente ao sacrificio, é apenas uma preparação. Não basta ouvir a missa; é ainda necessario ouvi-la com a devida attenção. Em regra, durante a celebração da missa, por parte dos assistentes, se reproduz a mesma scena, outr'ora representada sobre a montanha do Calvario. Em quanto Jesus sobre a cruz se offerencia em sacrificio pelo seu infinito amor a todos os homens, era escarnecido, injuriado, insultado pelos soldados e pelos algozes; mas ao mesmo tempo elle era louvado, adorado por Maria Santissima, sua querida mãe, por São João, o discipulo amado, por Magdalena e por outras piedosas mulheres, que, em attitude respeitosa e reverente, assistiam ao divino sacrificio. O mesmo, quasi sempre, hoje acontece quando, na celebração da santa missa, Jesus immola-se a seu eterno Pai por amor dos homens. Muitos ahí acham-se com intenções mundanas e criminosas; para esse acto religioso vieram unicamente com os sinistros desiguos de ver e de ser vistos. Em vez de louvar e adorar a Jesus, o injuriam, o insultam por suas maneiras inconvenientes e derespitosas, por seus olhares impuros, por seus sorrisos impudicos. Durante a santa missa representam perfeitissima-

mente o mesmo papel, que representaram os soldados e os algozes durante o sacrificio do Calvario.

Felizmente e para compensar esses sacrilegos e impios desacatos, durante a santa missa os verdadeiros catholicos, principalmente as pessoas piedosas e devotas, louvam, adoram a Jesus com tanto respeito, affecto e reverencia, que edificam a todos os assistentes: estes representam perfeitamente o papel, que sobre a montanha santa representavam Maria Santissima, São João e todas as piedosas mulheres, que tiveram a ventura de assistir ao divino sacrificio, que Jesus em pessoa offereceu ao seu divino Pai pela salvação do mundo. Com toda piedade e acatamento devemos assistir ao santo sacrificio, porque é o acto mais augusto e sublime de nossa Santa religião. Durante a Santa missa o povo assistente une-se ao sacerdote para em commum adorar, supplicar, louvar a Deus; e Jesus é quem então se incumba de apresentar as nossas adorações, as nossas supplicas, os nossos louvores, os nossos agradecimentos a Deus, seu divino Pai. Oh! que valor não devem ter essas homenagens assim feitas e offerecidas a Deus pelo seu querido e divino Filho?

Todos os grandes Padres da Igreja num choro unisono engrandecem, exaltam o santo sacrificio da missa. Santo Ambrosio diz: No altar completa-se a perfeição do sacrificio da cruz, pois nelle Jesus Christo realmente todos os dias nos alimenta do sacrificio de sua paixão. São Ligorio diz: Na cruz Jesus pagou o nosso resgate, no altar nos applica o fructo desse pagamento. Santo Odão diz que a missa é o acto, ao qual Deus ligou a salvação do mundo. São Boaventura diz que Jesus fazendo-se homem não fez maior bem ao genero humano, do que faz immolando-se sobre o altar. Santo Thomaz diz que a missa, sendo a verdadeira renovação do sacrificio da cruz, é tão efficaç para a salvação dos homens, como o mesmo Sacrificio da cruz. São João Chrysostomo diz que a missa vale tanto, quanto vale o sacrificio da cruz. São Francisco de Sales diz que a missa é o sol divino, que illumina e fecunda tudo quanto pertence á nossa santa religião. Assim todos os meritos e louvores, que no mundo possam existir, são absolutamente nada em comparação dos meritos, que se obtém, e dos louvores, que a Deus são dados por meio do santo sacrificio da missa.

Lê-se o seguinte facto na historia da vida de São João Esmoler. Um homem pobre, e carregado de filhos, deixava sempre todos os seus affazeres, por mais importantes que elles fossem, para ir invariavelmente todos os domingos e dias santos ouvir a santa missa; e nunca lhe faltou o necessario para a honesta subsistencia de toda a sua numerosissima familia. Um outro, para não perder tempo,

e para mais poder ganhar, faltava sempre ao sagrado dever de ouvir missa nos domingos e dias santos; e entretanto, nada com isso adiantava, porque vivia sempre em apuros para ter com que tratar decentemente de sua familia. Este, sendo advertido por aquelle, começou a cumprir o preceito da missa com toda a regularidade, e desde então teve sempre e em abundancia o necessario para tratar de sua familia. *Sirva a todos de exemplo.*

Quadragesima segunda Instrução.

Respeito ao Templo.

As nossas egrejas são lugares sagrados e exclusivamente reservados aos actos do culto divino, devendo por isso nellas reinar silencio, respeito e acatamento. Nos templos não se pode conversar em voz alta; pode-se apenas perguntar e responder o necessario, e isso mesmo em tom muito moderado. Ahi tambem não são admittidos os apertos de mãos, os abraços. Esses lugares santos são só destinados aos louvores, ás adorações, ás supplicas, que a Deus devem ser dirigidos. Nelles só devemos cumprimentar a Deus, conversar com Deus. E' um desrespeito estar com o braço trançado á outra pessoa ou posto sobre os hombros de outra pessoa. São posições ridiculas, mesmo nas reuniões profanas, e ainda muito mais o são nas solemnidades religiosas. Deve-se guardar respeito nos actos religiosos por dever de religião, e ainda por dever de boa educação. Ninguem é obrigado a ir á uma reunião, mas indo, é obrigado a observar o respectivo cerimonial. Quem, num acto publico, se destaca da posição requerida e guardada pela maioria, offende os preceitos da delicadeza e urbanidade. Portanto todos os que são sinceramente religiosos, bem como todos os que são verdadeiramente delicados, bem educados, não permanecem em pé quando todos estão de joelhos, e não ficam sentados, quando todos estão em pé. Mesmo na rua e em acto meramente profano aquelle que conserva o chapéo na cabeça, quando todos descobriram-se, como signal de attenção e respeito ao acto, é por todos tachado de incivil, de desattencioso, de grosseiro.

Jesus, referindo-se ao templo de Jerusalem, o denominou de *casa de Deus, de casa de oração*. O templo catholico é o palacio do rei do céo, pois ahi é que elle ostenta toda a sua grandeza, toda a sua pompa e magestade. Todos ahi depondo os seus distinctivos, os seus titulos de grandeza, in-

clinam-se, humilham-se diante de Deus; e no meio de todos humildemente abatidos, só Deus apparece como verdadeiramente grande. Ahi todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, sabios e ignorantes, nobres e plebeus, soberanos e subditos, constituem um só povo; e de todas as adorações particulares formam uma só adoração publica e solemne, para reconhecer Deus como o unico soberano, a quem todos devem adorar.

O templo religioso, alem de ser o palacio do rei do céo, é a casa de oração. Deus, porque é immenso, está em toda parte. A terra toda pode ser considerada como um vastissimo templo, em que Deus presente pode receber a todos, e a todos ouvir e attender; mas, qualificando o templo de casa de oração, nos ensinou e advertiu que é ahi que de preferencia devemos invocal-o, e pedir-lhe suas graças e favores. Pelo que vê-se que em outra qualquer parte podemos ser ouvidos por Deus; é porem na igreja que elle nos ouve mais promptamente, e com mais facilidade e generosidade concede-nos os seus incomparaveis beneficios. Vejamos como, a respeito, Deus expressa-se, referindo-se ao templo de Jerusalem: Os meus olhos se abrirão, e os meus ouvidos attenderão á oração daquelle, que orar neste lugar; porque eu escolhi e santifiquei este lugar para nelle estar o meu nome para sempre, e para nelle estarem fixos os meus olhos e o meu coração em todo tempo. (Paral 2.º cap. 7, ver. 15 e 26).

Nos palacios dos soberanos terrenos ha dias e horas marcados para as audiencias; no palacio do rei do céo somos recebidos todos os dias e a todas as horas e momentos. Naquelles são acolhidos e attendidos unicamente os grandes, os potentados, e nem todos; neste todos, sem exceptuar os mais humildes e mesmo os considerados despresiveis pela sociedade, são recebidos e tratados com toda attenção e carinho, e generosamente beneficiados. Se nas reuniões profanas, e principalmente nas mundanas, respira-se um ar infeccionado pelo vicio; nas reuniões no templo respira-se um ar perfumado pelos aromas da virtude; e todos que ahi portam-se com o devido respeito, sentem-se bem, experimentam consolações e alegrias intimas, puras, deliciosas e santas. Se das reuniões profanas volta-se para casa sempre menos fervoroso, menos virtuoso, menos catholico, menos christão, e até mesmo, menos homem; das solemnidades e actos religiosos, celebrados na igreja, volta-se mais homem, mais christão, mais catholico, mais virtuoso, mais fervoroso.

Alguns judeus, tendo ido ao templo de Jerusalem, não para orar, mas para alli vender rôlas, pombos, cordeiros, foram fortemente reprehendidos por Jesus, que lhes disse: A minha casa é uma casa de oração, e vós a convertestes em

casa de negociação. *Domus mea domus orationis est; vos autem fecistis eam domum negotiationis.* Ha infelizmente muitos catholicos, ou que se dizem taes, que merecem receber de Jesus igual reprehensão, porque vêm ao templo, não para orar, mas para distrahir-se, divertir-se, conversar, e mesmo alguns vêm tambem para negociar. Na igreja, alem dos cumprimentos das reuniões profanas ou familiares, tratam sobre transacções, emprego de capitaes, finanças, politica, lavoura, divertimentos. A hora de estar na igreja, é a hora da palestra, da diversão, do passa tempo. Alem de todas essas irreverencias, ainda transformam a casa de oração em casa de negocio, e de que negocio? No lugar santo permutam olhares maliciosos, permutam sorrisos impudicos, permutam affectos criminosos. Que profanações feitas á casa de Deus!

Os judeus, que iam commerciar no templo de Jerusalem, ahí faziam negocios fraudulentos, em que prejudicavam, furtavam; e então Jesus lhes fez a respeito uma segunda reprehensão, muito mais severa, que a primeira. A minha casa, lhes exclamou Jesus, é uma casa de oração, e vós a convertestes em uma caverna de ladrões. *Domus mea domus orationis; vos autem fecistis eam speluncam latronum.* Parece incrível, mas é verdade: ha muitos, que se dizem catholicos, e que entretanto são verdadeiros réos desse tremendo e nefando desacato ao templo de Deus! Elles ahí, não roubam, nem o dinheiro, nem a vida, mas roubam riquezas ainda muito mais preciosas. Por sua posição inconveniente e indecente roubam ao culto divino a sua magestade; por suas conversações tumultuosas roubam aos verdadeiros catholicos, ás pessoas piedosas, os prazeres divinos, as consolações santas, que poderiam e desejavam experimentar em seus piedosos colloquios com os Santos, com Maria Santissima e com o proprio Jesus Christo; por seus olhares e sorrisos impuros, criminosos, roubam a innocencia, a graça santificante, a amizade de Deus a todos os pervertidos por esses actos criminosos, sacrilegos, escandalosos.

Parte segunda.

Quanto esses audaciosos e gravissimos attentados contra a magestade e a santidade do templo não contristam aos verdadeiros catholicos, não prejudicam á nossa santa religião e não enfurecem a Deus! Deus não occulta, mas ostensivamente manifesta a sua indignação contra os sacrilegos profanadores de sua casa. Elle que manda que mutuamente oremos uns pelos outros, e que prometteu de sempre ouvir as

orações feitas no templo, proíbe ao propheta Jeremias de orar pelos profanadores de sua casa, e promete que não ouvirá as suas orações, nem as que em seu favor por outros lhes forem feitas. Deus que é todo bondade e misericórdia, tem sempre immediata e severissimamente castigado os desrespeitos a tudo quanto pertence á sua santa religião. Balthasar no mesmo instante, em que, banquetecendo com as suas concubinas, profanou os vasos sagrados, que seu pai Nabuchodonosor furtara ao templo de Jerusalem, viu uma mão occulta traçar na parede da sala do festim a sua horrenda sentença de morte. Se Deus assim vingá um desacato aos vasos sagrados da lei antiga, como não vingará elle os desacatos feitos ás cerimonias religiosas, aos sagrados altares, aos sacramentos, ao santo sacrificio da missa, ao seu corpo sacratissimo, que na Eucharistia por nosso amor se esconde sob as humildes apparencias de pão!

Ha um factó singular na vida, que Jesus Christo passou aqui no mundo, que por si só prova com a mais extrema evidencia como elle reprova e detesta as irreverencias, as profanações commettidas no templo. Durante trinta annos elle soffreu tantas injustiças, tantas injurias, tantas calumnias, tantos motejos e tantos opprobrios, tantas affrontas, e nunca, nem uma só vez, praticou um acto, proferiu uma palavra, mostrou um signal, um indicio de indignação, de impaciencia, de contrariedade, de desagrado; só quando elle observou os desrespeitos praticados no templo de Jerusalem, é que se encheu de indignação, e procurou punir os culpados physicamente e pelas suas proprias mãos. Elle, o mansissimo cordeiro, que nunca moveu a sua lingua para queixar-se, nem das mais hediondas e falsas imputações, nem mesmo dos mais atrozes tormentos, quando presenciou os desacatos feitos ao templo, contrariado, irritado, tomou umas cordas, fez um azorrague, e com elle açoutando os profanadores, os enxotou até á rua; e então exclamou: A minha casa é chamada casa de oração, e vós a convertestes numa casa de negocio, e até mesmo num covil de ladrões!

Os profanadores do lugar santo foram, são e serão sempre severamente castigados. Muitos que soffrem grandes desgraças e infortunios, estão, sem saber a causa, pagando a pena devida ás suas irreverencias e profanações, praticadas na casa de Deus. Um homem, descendente de familia rica, importante, que todos suppunham que representaria papel saliente na sociedade, torna-se infeliz ao ponto de vagar publicamente pelas ruas, ou como mendigo, ou como demente, ou como idiota, ou como ebrio: castigo dos seus desacatos ao templo santo de Nosso Senhor. *Ultio Domini est, ultio templi sui*, (Jerem. cap 51 v. 11). Uma moça pren-

dada, rica, de familia graduada na sociedade, casa-se com um moço activo, honesto, preparado. Todos repetem unanimemente: Que moça feliz! que excellente marido encontrou! Depois de dois, tres annos, essa mulher é envergonhada, é ludibriada, e, ás vezes, até mesmo abandonada e condemnada a ver occupar o seu lugar um ente desprezível. Ella ignora donde lhe vem essa desgraça: castigo dos seus namoros escandalosos na igreja. Em vez de vir ás solemnidades religiosas para honrar e adorar a Deus, vinha ageitar, encaminhar casamento; então para sua justa punição, em lugar de marido, couquistou um algôz, um carrasco para martyrisal-a. *Ultio Domini est, ultio templi sui.*

E' preciso que todos os catholicos fiquem sabendo que perdem o seu tempo em vir á igreja, desde que não se portem com o devido respeito. Todos quantos conversam na igreja, alem das suas orações não serem attendidas por Deus, commettem peccados que por elle serão rigorosamente castigados. São Cypriano dizia que muitos vinham á igreja sem ter peccados, e vovavam para a casa com a consciencia carregada de peccados; porque, em vez de orar, passavam o seu tempo em conversar. Um dos maiores desacatos feitos ao templo de Deus, é nelle entrarem senhoras indecentemente vestidas. Ellas se collocam diante do altar do Deus Omnipotente, ostentando-se como divindades, que querem conquistar adoradores. Constituem-se, pelo seu vestuario indecente, no extremo das modas inconvenientes, como outras tantas pedras de escandalo, que pervertem justamente no tempo, lugar e occasião, em que todos devem procurar santificar-se. Esse trajar seria criminoso, mesmo num salão dum baile, ou dum espectáculo, quanto mais no palacio do Deus tres vezes santo! Em uma occasião, quando uma senhora entrava na igreja, ostentando os seus vestidos vaidosos e algum tanto indecentes, Santo Ambrosio sahiu-lhe ao encontro, e perguntou: Senhora, para onde ides? Ella respondeu-lhe: Venho á igreja. Não, lhe replicou o santo, não parece quem vem ao tempo santo do Senhor; pelo contrario parece quem vai ao baile ou ao espectáculo profano. Mulher peccadora, ide antes chorar em segredo os vossos peccados, e não venhaes insultar publicamente a Deus, até em sua casa, por vosso fausto e vaidade. Quantas hoje, por motivo identico, não deveriam ser interdictas de entrar na igreja?

Todos os catholicos, que temem offender a Deus, e que querem conseguir as suas graças devem na igreja portar-se com profundo respeito. Este dever incumbe de um modo mais particular aos catholicos praticos, ás pessoas devotas, aos membros das associações religiosas, e muitissimo mais

particularmente incumbe aos sacerdotes ; porque todos estes mencionados devem servir de exemplo, e o seu proceder inconveniente produz na igreja escandalo. Mas, alem de dar a todos o bom exemplo, devem fazer tudo quanto depende de si para que Deus não seja offendido em sua santa morada. Assim, com toda prudencia e caridade devem aconselhar, advertir, reprehender todos os que estiverem conversando ou portando-se inconvenientemente na igreja, para não se tornarem participantes dos seus peccados. Todos a este respeito devem seguir o bello exemplo de S. João Chrysostomo, que tinha tomado uma resolução firme e inabalavel de sempre chamar á ordem aquelles que na igreja estivessem conversando ou praticando um acto qualquer de irreverencia. E dizia elle que assim procedia, porque tinha muito medo que Deus o castigasse, mandando um raio vir partir a sua cabeça, por elle ter observado algum desrespeitar a igreja, sem elle o ter por isso reprehendido.

Não nos esqueçamos que, segundo a Escriptura Santa, cada igreja tem o seu anjo tutelar, encarregado de velar pela magestade e decóro desse lugar santo, e do culto divino que ahi deve ser tributado a Deus. São Basilio diz que esse anjo, não só encarrega-se de receber as orações e adorações de todos os fieis, que ahi se acharem ; mas tambem de tomar nota de todas as conversações estranhas ao culto divino, de todas as irreverencias, para referil-as a Deus, e pedir-lhe os devidos castigos. Cautela e muita cautela ; cuidado e muito cuidado, para nunca offendermos a Deus na sua santa morada, e mesmo para nunca consentirmos que elle ahi seja offendido, sem lançarmos nosso protesto.

Quadragesima terceira Instrucção.

A verdadeira caridade — Parte primeira.

Não ha na Escriptura Santa nenhuma virtude que seja tão exaltada como é a caridade. Deus, alem de ser caridoso, é tambem eterno, sabio, immenso, justo ; entretanto o evangelista não diz que Deus é a eternidade, é a sabedoria, é a immensidade. é a justiça, mas só diz que Deus é a caridade. *Deus charitas est.* Quer com isso dizer que a caridade é a virtude que Deus mais ama, e que mais se coaduna com a sua natureza divina. Jesus Christo é o autor da lei do Evangelho ; e por isso todos os preceitos evan-

gelicos são seus; e, entretanto, elle unicamente chama *seu preceito* o dever de amar ao proximo. Quér assim nos ensinar que o amor do proximo é aquelle, dentre todos os seus preceitos, a que elle liga maior importancia; e é o que elle exige que seja mais cuidadosa e fielmente observado. São Paulo em suas epistolas recommenda a pratica de todas as virtudes. Elle elogia e engrandece particularmente as tres virtudes cardeaes, *fe, esperança e caridade*; e dentre estas tres elle destaca a ultima, e termina todo o seu elogio dizendo: Porém a maior de todas é a caridade. *Major autem earum est charitas*. Todos os Padres da Igreja, todos os escriptores ecclesiasticos e sagrados decantam a caridade, os seus effeitos, os seus merecimentos, e muitissimo recommendam e aconselham a sua pratica. Todos os seculares, até mesmo os infensos á religião, elogiam a caridade: todos julgam ser grande crime, e até mesmo indignidade, não ter caridade; todos ufanam-se de ser caridosos. Parece que o escriptor, o prêgador nada tem a dizer sobre essa virtude, pois que ella é bella, preciosa, necessaria, proveitosa, já está no animo de todos, e todos de tudo isso já estão plenamente convencidos. E' puro engano. Ha muito que dizer, que explicar sobre essa virtude sublime e importantissima, pois é ella a virtude mais ignorada, mais sophismada, mais deprimida e violada. Hoje abusa-se tanto da palavra caridade, como sempre tem-se abusado da palavra razão e da palavra liberdade. Assim como ha uma moéda verdadeira e uma moéda falsa; assim tambem ha uma caridade verdadeira e uma caridade falsa. A moéda verdadeira vale muito, tem muito prestar; e a moéda falsa nada vale, para nada serve: é mentirosa e criminosa, e deve ser severamente castigada. Da mesma sorte a caridade verdadeira tem muito merecimento, é abençoada e generosamente recompensada por Deus; pelo contrario a caridade falsa não tem merecimento, é condemnada e será severamente castigada por Deus. Convem, pois, muito bem conhecer ambas, para condemnar e detestar a falsa, e recommendar e praticar a verdadeira.

Quando sobre a caridade lemos a Escripura Santa, encontramos confusão, até mesmo notamos certa contradicção nos textos referentes á essa virtude. Assim no livro do Deuteronomio, capitulo 10, verso 12, lemos: Agora, pois, ó Israel, que é o que o senhor teu Deus exige de ti, *senão* que o ames, e lhe sirvas, de todo o teu coração e de toda a tua alma? São Paulo, em sua Epistola aos Romanos, capitulo 13, verso 8, diz que quem ama ao proximo, *já cumpriu toda a lei*. E' que o amor de Deus contém em si o amor do proximo. Não podemos amar a causa, sem tambem amar o seu effeito; nem amar o effeito, sem amar a sua causa. Não

podemos amar um pai, sem amar o seu filho; nem amar um filho, sem amar o seu pai. Ora Deus é nosso creador e nosso pai. Portanto não podemos amar a Deus, sem amar o nosso proximo, effeito e filho de Deus; nem podemos amar o nosso proximo sem amar a Deus, seu creador e seu pai. O grande São Gregorio diz: A caridade contem o dever de amar a Deus e amar ao proximo. O amor de Deus produz o do proximo; e o amor do proximo alimenta e entretem o amor de Deus. Estes dois amores são anneis de uma mesma cadeia; e por isso um não pode existir sem outro. São Dorotheo faz esta bellissima comparação. Assim como, no circulo, quanto mais os raios approximam-se do centro, mais se unem, e quanto mais se unem, mais approximam-se do centro; assim tambem quanto mais nos approximamos de Deus, mais nos unimos a nosso proximo; e quanto mais nos unimos a nosso proximo, mais nos approximamos de Deus. O que vale o mesmo que dizer-se: Quanto mais amamos ao proximo, mais amamos a Deus. Um dia em sua fervorosa oração Santa Catharina de Genova disse consigo que não queria amar ao proximo, para só amar a Deus; e Deus immediatamente lhe respondera: Minha filha, quem me ama, ama tambem tudo o que eu amo; e, por meu amor amando ao proximo, dá-me tambem prova do seu amor.

Agora admiremos o fundamento da verdadeira caridade, estabelecido pelo Mestre divino da caridade. Um dia um dos escribas, approximando-se de Jesus, lhe perguntou qual era o primeiro de todos os mandamentos; e Jesus lhe dera a seguinte resposta: Amareis ao Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de toda a vossa alma, de todo o vosso entendimento e de todas as vossas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo é a este semelhante: Amareis ao vosso proximo como a vós mesmos. Quanta sabedoria, quanta justiça não contem esta sentença! A verdadeira ordem exige que amemos os bens em proporção á sua dignidade e á estima, que elles por si merecem; pois todo verdadeiro bem é por si amavel. Ora, Deus é o bem infinito, fonte e fim ultimo de todos os bens creados; e por isso é por si mesmo infinitamente amavel. Portanto é a verdadeira ordem, que exige que amemos a Deus sobre todas as creaturas, só por amor de Deus.

Disto segue-se logicamente que devemos amar a Deus antes, mais e de preferencia a todo outro ente; e que devemos amar ao nosso proximo sem, nem de leve, offender a Deus, e só com o fim de agradar a Deus. A caridade verdadeira deve estar de perfeito accordo com a vontade de Deus que nos é revelada pelos seus divinos mandamentos, e pelas sabias decisões da sua Igreja, que é a sua legitima repre-

sentante sobre a terra, pois Jesus Christo disse, referindo-se á Egreja: Quem vos ouve, me ouve; quem vos despreza, me despreza. A verdadeira caridade ama todos os homens, não pelos seus proprios merecimentos, mas porque Deus quer que todos sejam amados, porque todos são suas creaturas, todos são seus filhos. Os grandes, os pequenos, os ricos, os pobres, os sabios, os ignorantes, os bons, os máus, os nossos amigos e os nossos mais rancorosos inimigos, são todos igualmente creaturas e filhos de Deus; e portanto todos, mesmo os pobres e ignorantes pretinhos, que percorrem as ruas esmolando, são nossos irmãos, porque como nós são filhos de Deus, devem ser amados, porque essa é a vontade de Deus, nosso Creador e nosso divino Pai. Mas não confundamos caridade com amizade, que são actos, não sómente distinctos, porém ainda diversos e differentes. A amizade depende da sympathy e affeição; temos portanto liberdade de escolhermos quem for do nosso agrado para ser nosso amigo. Na amizade ha convivencia e intimidade; e nós devemos conviver e privar com aquelles que por suas virtudes possam nos edificar. Não podemos, nem devemos conviver e privar com os máus, porque seria justificar o seu *procedimento criminoso*; *encorajal-os na pratica do crime*; e tambem nos expormos ao perigo de perversão, pois está escripto nos livros santos: Com os bons, sereis bons; com os perversos haveis de vos perverter. Ter convivencia e intimidade com os perversos, com os que vivem publica e escandalosamente no peccado, é querer perder o seu bom conceito, sacrificar a sua honesta reputação, pois, de perfeito accordo com a sentença divina, supra referida, temos o antigo e sabio proverbio popular: *Diz-me com quem tu andas, que eu te direi quem és*. Não somos obrigados a ter amizade com pessoa alguma determinada, pois a amizade depende de nossa exclusiva escolha e espontanea vontade: muito menos ainda seremos obrigados a ter amizade com os que nos são antipathicos, com os que não nos inspiram confiança, com os que já nos offenderam. Com estes ultimos devemos mesmo não ter amizade, desde que haja perigo ou suspeita de novas provocações, intrigas, offensas. A caridade, sim, deve estender-se a todos, até aos mais perversos, até aos maiores inimigos, até mesmo aos mais degradantes diffamadores e calumniadores; e ella consiste: Em não guardar, nem mesmo só interiormente, sentimentos de odio, de vingança; em não desejar mal, nem alegrar-se dos seus infortunios; em não lhes negar a correspondencia á sua saudação; em estar disposto, quando fôr necessario, a soccorrel-os em todas as suas verdadeiras e razoaveis precisões.

Somos obrigados a exercer esta caridade mesmo para com os nossos maiores e encarniçados offensores; é um rigoroso preceito de Jesus, que nos ordena: Fazei bem aos que vos fazem mal; orai pelos que vos caluniam e perseguem. E a prova mais cabal, que podemos dar a Deus de que amamos aos nossos inimigos, é perdoar inteiramente todas as offensas recebidas. Sobre esse respeito os Santos e o proprio Jesus Christo nos offerecem os mais edificantes, sublimes e tocantes exemplos. São João Gualberto, que quiz e que podia perfeitamente vingar-se do assassino de seu irmão, *só para agradecer a Deus, lhe concedeu o perdão*. Logo depois de perdoar, elle entrou no templo, e assim fallou com Jesus Crucificado: Fiz o que me determinastes; perdoai-me tambem todas as offensas, que vos tenho feito. Viu elle então Jesus inclinar docemente a cabeça, como signal de que lhe tinha perdoado. Santo Estevão, o proto-martyr, quando os seus ferozes algozes contra elle arremessavam pedras para lhe tirar a vida, poz-se de joelhos, e a Deus em seu favor fez esta supplica: Senhor, não lhes imputeis este peccado! O nosso divino Jesus no mesmo momento em que pregado nos braços de uma cruz, era tão vil e atrozmente insultado, vilipendiado, atormentado, levantou os seus olhos ao céo, e ao seu Eterno Pai supplicou perdão para os seus encarniçados e satanicos verdugos: Meu Pai, perdoai-lhes, porque elles não sabem o que fazem! Se perdoar aos offensores fosse deshonra, os santos que eram mais que honrados, pois eram immensamente virtuosos, não teriam perdoado. Se conceder o perdão aos perseguidores fosse indignidade, Jesus cuja dignidade é infinita, não o teria concedido. Pelo contrario nunca o homem mais se engrandece, mesmo aos olhos dos homens, do que quando, dominando os seus fortes e arrebatadores desejos de vingança, dá voluntariamente o perdão aos que injustamente o offenderam. Assim procedendo o homem voluntariamente abate-se para ser unicamente agradável a Deus; e o abatimento voluntario é o distinctivo das vontades energicas e das almas grandes e nobres. Quanto mais um acto suppõe imperio sobre si mesmo, mais nobreza e dignidade ha em pratical-o. Dizia com muito acerto e sabedoria o Marquez de Maricá, grande estadista brasileiro: Os que por virtude se abatem diante dos homens, muito elevam-se aos olhos de Deus.

Devemos amar ao nosso proximo, mas em todas as suas verdadeiras precisões e necessidades, e, principalmente e de preferencia, nas mais importantes. Além de alimento, vestuario, medicamento, necessarios para conservar a vida, o nosso proximo precisa e ainda muito mais, de paz, tranquillidade de espirito, de boa reputação; e, sobre tudo, precisa

indispensavelmente de viver na graça de Deus, conservando a sua alma isenta de peccado grave. Os mundanos, porque deturparam a verdadeira noção de felicidade, deturparam a verdadeira noção de caridade. Para elles felicidade é o dinheiro, e unicamente o dinheiro. Dar sorte, é ganhar dinheiro; estar bem, é ter dinheiro; ser feliz, é dispor de dinheiro. — Para provar evidentemente a insensatez desse modo de pensar, façamos um confronto do rico com o pobre em diversás e contrarias circumstancias e estados da vida. Ponhamos de um lado um pobrezinho, mas forte, sadio, robusto; e de outro lado um ricaço, mas tuberculoso ou morphetico. Qual destes dois homens é o mais feliz? Ponhamos de um lado um pobrezinho, mas que tem socego, paz, tranquillidade, que vive conformado com a sua sorte; e de outro um ricaço, mas sempre agitado, contrariado, perturbado, sempre devorado pelo desejo insaciavel e ardente de riquezas. Qual destes dois homens é o mais feliz? Ponhamos de um lado um pobrezinho, mas querido, considerado, acreditado, merecendo sempre a plena confiança de todos; e de outro um ricaço, mas tratante, fraudulento, que não respeita os direitos de propriedade, nem mesmo os de honra, e de quem todos sempre desconfiam. Qual destes dois homens é o mais feliz? Ponhamos de um lado um pobrezinho, mas que não tem peccado grave em sua consciencia, que está na graça e amizade de Nosso Senhor, tendo em sua alma justa a verdadeira paz e a verdadeira esperança de um dia reinar com Deus no céo; e de outro lado um ricaço, mas que está com a consciencia manchada de culpa grave, e com sua alma separada de Deus, morta perante Deus; e portanto sem direito de um dia gosar com elle no céo. Qual destes dois homens é o mais feliz?

Deturpando a verdadeira noção de felicidade. os mundanos pensam que o unico infortunio é não ter dinheiro, e que a unica caridade é dar o vintem ao pobre, e nada mais absolutamente. Dando o dinheiro para o pobre comer, vestir-se e comprar remedio: tudo está feito, e mais nada ha para fazer ao proximo! E' justamente equiparar o homem, creatura racional, ao bruto. Os que podem, devem dar o dinheiro necessario ao pobre: é um dever sagrado, imposto por Jesus Christo. Os que dão esmola de dinheiro ao pobre, não são benemeritos, pois apenas cumprem um rigorosissimo dever. Mas embora seja um puro e simples cumprimento de dever, esse acto muito agrada a Jesus, que aceita como se a elle proprio fosse feita a esmola. Uma noite de muito frio appareceu a São Martinho um pobre, mal vestido, pedindo-lhe uma esmola; e elle não tendo o que dar, cortou a sua capa pelo meio e deu a metade ao pobre. Na noite do dia

seguinte appareceu-lhe Jesus trazendo sobre os seus hombros a metade da capa e disse-lhe: Martinho, eis a esmola que hontem me tendes dado. Quiz assim Jesus mostrar que tinha acceito a esmola, feita ao pobre.

Convem saber que a esmola só tem merecimento, quando por amor de Deus é feita ao verdadeiro pobre. Fazer esmola por ostentação, é uma vangloria criminosa, que, longe de ser recompensada, será rigorosamente castigada por Deus. Com pureza de intenção, pode-se e, algumas vezes, mesmo deve-se fazer a esmola publicamente. São João Chrysostomo diz que os ricos devem dar esmola em publico, com intenção de agradar a Deus, para que todos saibam que elles cumprem com esse sagrado dever; e para assim não escandalizar e dar o bom exemplo. A esmola deve ser feita do bem proprio: porque dar do que não lhe pertence, é um furto. Ella só deve ser feita aos que não têm, nem podem trabalhar para ter o necessario. O mesmo São João Chrysostomo diz que as esmolas, jogadas ao acaso, podem servir para entreter a ociosidade e alimentar os vícios.

A esmola, feita nessas condições, em vez de meritoria, é reprehensivel e criminosa. Maior e mais meritoria, que dar dinheiro ao pobre, é a caridade de visitar os enfermos, os que estão tristes, amargurados para os animar, consolar, confortar; é extinguir as odiosidades, promover a união, a harmonia, a cordialidade no seio das familias e da propria sociedade. E' caridade ainda maior e mais meritoria, defender a honra, a honestidade, o bom conceito dos nossos semelhantes. Para uma esposa, para uma donzella, para um sacerdote, a sua boa reputação vale muitissimo mais, do que todas as riquezas do mundo. Ha muitos que mil vezes preferem perder tudo, mesmo a propria vida, antes que perder o seu bom conceito, a sua boa reputação.

E' ainda muitissimo maior e muitissimo mais meritoria a caridade para com a alma de nosso proximo. Como a alma é a vida do corpo, Deus é a vida da alma. Assim como quando a alma se separa do corpo, elle morre; assim tambem quando, pelo peccado mortal, Deus separa-se da alma, ella morre. Fazer com que o proximo ou permaneça na amizade de Deus, se nella já se acha; ou que volte á amizade de Deus, se della se separou pela falta grave, é fazer-lhe o bem mais valioso e precioso, que se possa imaginar. Todos os actos das mais sublimes virtudes, praticados no tristissimo estado de separação de Deus, não tem o minimo merecimento para a vida eterna; pelo contrario os actos honestos, mesmo os que nos parecem inteiramente insignificantes e indifferentes, praticados pelos que estão unidos a Deus, têm um immenso e preciosissimo valor. Santo Agostinho, fallando do estado

de graça diz: Esta caridade é a perola preciosa, sem a qual nada nos aproveita. *Hæc est margarita pretiosa, sine qua nihil tibi prodest.* São Bernardino de Sena, fallando tambem sobre o estado de união da alma com Deus, diz: Oh! quam precioso é este amor, que aos olhos de Deus faz todas as cousas serem preciosas! *O quam pretiosus est amor, qui in conspectu Dei omnia pretiosa facit!*

Procurar fazer com que o nosso proximo conserve a sua alma isenta de peccado grave e assim permaneça na amizade de Deus, é a primeira, a mais importante, a mais necessaria e mais pretiosa caridade, que lhe podemos e devemos fazer. Nada mais facil que demonstrar-se esta tão terminante asseveração. Jesus, nosso Senhor, nos ordena de amar ao nosso proximo como a nós mesmos, isto é, procurar-lhe tudo quanto para nós mesmos devemos desejar. O mesmo Jesus tambem nos ordena de antes e acima de tudo, procurar a nossa salvação, a qual só poderemos conseguir vivendo na sua santa amizade. E' portanto Jesus que nos manda que antes e acima de tudo procuremos fazer com que o nosso proximo trabalhe para viver sempre na amizade de Deus, e assim poder alcançar a sua eterna salvação. Este dever é mais imperioso relativamente aos amigos e ainda mais aos parentes, porque pelos laços da amizade e do parentesco nos são mais proximos. Pelo que um amigo, que sabe que seu amigo está no peccado grave, deve fazer tudo quanto depende de si, para chamal-o, o mais depressa possível, para entrar na amizade de Deus. Muito mais ainda deve fazer um parente relativamente a todos os seus parentes. Uma esposa, que vê seu esposo no estado de separação de Deus, deve, por suas continuas orações e por suas supplicas prudentes e carinhosas ao seu caro consorte, empenhar-se para que, esse ente tão caro ao seu coração, entre na graça e amizade de Nosso Senhor. Do mesmissimo modo deve proceder a filha para com seu pai, uma mãe para com todos os seus filhos, uma irmã para com todos os seus irmãos.

Este dever é, além de imperioso, urgentissimo por occasião de uma grave enfermidade. Então o amigo perante o seu amigo enfermo, o parente perante o seu parente enfermo, deve empregar explicações, conselhos, supplicas, agradidos, carinhos para que esse ente, tão querido, tão caro ao seu coração, receba as graças purificadoras dos sacramentos, para que assim a sua alma, isenta de toda culpa, vá comparecer diante de seu Deus, e d'elle receber a coroa da immortalidade. Aquelle que por sua culpa, mesmo de mera omissão, deixa um amigo, um parente, morrer sem reconciliar-se com Deus pelo sacramento da confissão, não tem

caridade, não tem fé, não tem temor de Deus; e dará rigorosíssimas contas pelo sangue, que Jesus derramou para salvar essa alma. Devemos advertir que o pedido que uma esposa deve dirigir ao seu esposo, e o que uma filha ou um filho devem dirigir a seu pai ou á sua mãe, relativamente á confissão, deve ser feito de um modo muito humilde, delicado, attencioso, respeitoso, para não melindrar essa pessoa, que é seu superior e para mais facilmente conseguir o fim santamente desejado.

Parte segunda.

Depois de conhecer em que consiste a verdadeira caridade, examinemos a falsa caridade. Todos os mundanos ostentam-se como verdadeiros modelos de caridade; entretanto, no seu procedimento, não apresentam nem vestigio, nem mesmo sombra dessa divina virtude. Querem impôr-se como mestres da caridade; entretanto não amam a Deus, e até contra elle movem guerra de exterminio, vivendo constantemente no peccado.

Nós todos devemos amar a Deus por um principio de justiça, porque elle é infinitamente bom, infinitamente bello e infinitamente perfeito: elle, portanto, não sómente merece, mas tem todo direito de ser amado por nós. Nós ainda devemos amar a Deus por um principio de gratidão, pois elle, sendo a origem, a fonte unica, de que dimanam todos os bens, d'elle temos recebido tudo quanto temos, tudo quanto possuímos, tudo quanto somos. De modo que quem não ama a Deus, com sinceridade, com verdade, não poderá amar a mais ninguém. Demais, sendo o amor de Deus o fundamento, a base de todos os outros mandamentos, quem não ama a Deus, não cumpre mais nem um dos seus preceitos. O amor de Deus em si contem todos os outros preceitos, como a arvore toda com braços, ramos e folhas contem-se em sua raiz. O amor de Deus é para a vida espiritual, o que a seiva é para a vida vegetal, o que o sangue é para a vida animal. Portanto, em caso algum, poderemos com merito observar, nem um só dos mandamentos, sem antes observar o justissimo e santo mandamento de amar a Deus de preferencia a todas as creaturas.

Os mundanos dizem que são caridosos, mas não amam a Deus; são, pelo contrario, seus rancorosos inimigos. Amam ao próximo com um amor impuro, criminoso; porque o amam violando os preceitos de Deus. Sob o vão e falso pretexto de caridade calcam aos pés as sabias e santas determinações da Igreja, que aqui do mundo é a legitima

representante de Deus. Que elles não se esqueçam desta importante e tremenda sentença, que lhes intima o grande São Cypriano: Todos aquelles que não tiverem a Egreja como sua mãe, não terão a Jesus Christo como seu pai. Amam aquelles de que dependem, de que recebem ou esperam receber favores; amam aos que pertencem á sua grege, ao seu partido; e fazem guerra aos seus desaffeitados, perseguem os seus adversarios. Caridade interesseira, caprichosa, injusta, criminosa! Dão o vintem ao pobre, muitas vezes por mera ostentação; mas tramam intrigas, tecem enredos, que levam a desharmonia, a perturbação, as inimizades ao seio da familia. Dão o vintem ao pobre; mas roubam ao proximo o seu bom conceito, a sua boa fama, a sua reputação pelas suas maledicencias, pelas suas falsas imputações, pelas suas torpes calumnias. Zelam do corpo do proximo; porém não se importam que a sua alma viva no peccado mortal, separada de Deus, e sem poder ter merecimento algum para o céu. Põem o vintem nas mãos do pobre, o vestuario em seu corpo, a comida em seu estomago; mas por suas seducções, por seus máus conselhos, por seus perniciosos exemplos impellem a sua alma para o peccado. Procuram ao pobre a vida do corpo; ao passo que por seus nefandos escandalos tiram a vida de sua alma. Por occasião de uma grave enfermidade os amigos, os parentes fazem tudo quanto está ao seu alcance para minorar as dores, suavisar as penas, prolongar a vida do enfermo; porém, não só não procuram, como até mesmo embaraçam que elle receba as graças dos divinos sacramentos, absolutamente necessarias para purificar a sua alma e tornar a digna de, depois da sua morte, tão proxima, entrar numa eterna bemaventurança. Almas irracionaes! Corações de tigres!

Amemos ao nosso proximo: E' um preceito divino; é um natural e imperioso reclamo de nosso coração. No corpo quando um membro soffre, todos os outros membros concorrem espontaneamente para remover a causa do soffrimento; e nunca um membro procura damnificar a um outro. Se vissemos um homem, em que os dentes mordessem as mãos, diriamos: Eis um louco. Ora o Apostolo São Paulo ensina que os christãos devem estar sempre unidos entre si, como o são os membros de um corpo humano. Porém de preferencia a todos os seres, amemos ao nosso bom Deus, nosso verdadeiro protector, nosso verdadeiro amigo, nosso verdadeiro pai, que só deseja, que só procura em tudo a nossa verdadeira felicidade nesta e principalmente na outra vida. Amemos ao nosso proximo, mas de perfeito accordo com a vontade de Deus. Amemos todos, mesmo os nossos rancorosos inimigos, porque todos, sendo filhos de Deus, são nossos irmãos.

Amemos ao nosso proximo, mas não unicamente quanto ao seu corpo; porém amemo-lo procurando tambem a sua paz, a sua boa reputação, e, sobre tudo procurando a vida de sua alma, que consiste em sua perfeita união com Deus. E' unicamente esta caridade, que realmente beneficia ao proximo, agrada a Deus, e delle nesta e na outra vida receberá grandes e incomparaveis recompensas.

Mas que quer dizer *proximo*? E' o que está mais conchegado a nós pela natureza e pelos deveres reciprocos. Assim o nacional nos é mais proximo, que o estrangeiro; o amigo, que o indifferente; o parente, que o estranho. Porisso, em igualdade de circumstancias, devemos de preferencia amar ou soccorrer os que nos estão mais proximos. Mas ninguem está mais proximo de nós, de que nós mesmos.

Disto segue-se que devemos nos amar; devemos procurar o nosso verdadeiro bem, e promover a nossa verdadeira felicidade. Até devemos nos amar mais do que ao nosso proximo, seja elle quem fôr, pois entre nós e nosso proximo ha uma relação de natureza e de semelhança; e entre nós mesmos ha relação de identidade. Todos amam-se, e até com amor extremo e excessivo, mas em relação ao corpo, á paz, á boa reputação: pois não ha ninguem que não quera ter saude, viver tranquillo, e ser por todos considerado e estimado. Porém quantos são os que se amam relativamente á sua alma? Em regra geral tratam com immenso cuidado de tudo quanto diz respeito ao corpo e á esta vida; mas, quanto aos sagrados interesses da alma, votam um soberano desprezo. Entretanto, que comparação pode haver entre o corpo e a alma? O corpo é um instrumento; a alma é o seu agente. O corpo é um cofre; a alma é joia preciosa, que nesse cofre está guardada. Como considerar tanto o instrumento, e desprezar o seu agente? Como guardar com tanto zelo o cofre, e jogar na lama a joia de grande valor, que elle encerra?

Parece que ainda não conhecem bem o que é uma alma. Uma alma é a imagem e a semelhança de Deus; é uma faísca da sabedoria divina! Uma alma é uma filha de Deus Padre; é irmã querida de Jesus Christo; é a carissima esposa do Espirito Santo! Uma alma é a feliz princeza, herdeira de um reino eterno! Os que menosprezam a vida da sua alma, não sabem avaliar o preço de uma alma. Uma alma vale mais que todos os palacios, que todos os negocios, que todas as propriedades dos ricos. Vale mais que as moédas, as notas, os titulos que estão nos cofres de todas as casas bancarias. Vale mais, que todos os diamantes, que enfeitam as coroas de todos os soberanos do mundo. Vale mais, que os thesouros, que estão escondidos nas entranhas da terra. Vale mais, que as pedrarias preciosas,

abysmadas no fundo dos mares. Vale mais, que a lua, o gracioso astro da noite. Vale mais que o sol, o magestoso astro do dia. Vale mais, que as estrellas scintillantes, que adornam a azulada immensidade do espaço. Quanto então, pois, vale uma alma? Ella tem um valor infinito, pois vale o sangue precioso de um Deus, preço pelo qual ella foi redimida. Eis o valor dessa alma, desprezada por aquelles, que tanto ufanam-se de ser caridosos. Ah! sómente são realmente caridosos os que se confessam e commungam, porque, zelando de sua alma, zelam tambem da alma e mesmo do corpo de todos os seus irmãos, tendo unicamente em vista agradar a Deus, que é o pai de todos. Guardemos este conselho tão sabio, dado por São Vicente de Paulo, modelo da verdadeira caridade. Minhas filhas, dizia elle constantemente ás irmãs de caridade, para ser caridoso é preciso comer a caridade. Queria dizer que, os que não recebem a Jesus na sagrada communhão, nunca poderão nutrir sentimentos de verdadeira caridade.

O passaro tem duas azas. Quando ambas estão sãs, perfeitas, elle se eleva e vai garboso pairar nas altas regiões; mas, se uma dessas azas estiver quebrada, elle não poderá mais voar, e ha de unicamente arrastar-se e debiter-se sobre a terra. A nossa alma é um passaro divino. Ella tem duas azas, a direita, que é o amor de Deus; e a esquerda, que é o amor do proximo. Se lhe faltar uma dessas duas azas, ella ha de arrastar se e debater-se sobre a terra e na lama dos vicios; mas, conservando perfeitas as suas duas azas, o amor de Deus e o amor do proximo, passaro divino, ella se ergue, se levanta da terra, vai pairar ufana nas supremas regiões da virtude e da santidade. Guardemos bem as duas azas de nossa alma, para que ella, no momento da morte, possa voar e ir reinar eternamente com Deus, lá no céo.

Quadragesima quarta Instrucção.

O Filho Prodigio. — Primeira parte.

A vida inteira de Jesus aqui sobre a terra, foi um acto continuo de caridade. Elle procurava beneficiar a todos. Fazia ouvir os surdos; encherçar os cegos; fallar os mudos; andar os aleijados; curava todos os enfermos, e até mesmo resuscitava os mortos. São Lucas, o evangelista, querendo mostrar quanto Jesus era compassivo e caridoso, conten-

tou-se em dizer: Elle passou toda a sua vida fazendo o bem. *Pertransiit benefaciendo*. Mas, se elle amava a todos, amava dum modo todo particular aos peccadores, com o fim de os converter e chamal-os á sua santa amizade. Elle os visitava, lhes agradava, mostrava-lhes toda bondade e ternura. Os phariseus, seus encarniçados inimigos, o accusavam, como de um grande crime, por causa do seu extremoso amor para com todos os peccadores. Este homem, diziam elles ao povo para excitar a sua odiosidade, é amigo dos peccadores. Um dia até os seus proprios apóstolos extranharam os seus agrados e carinhos para com os peccadores. Então Jesus promptamente lhes respondera, dizendo: Não são os que têm saude, mas os enfermos que têm necessidade de medico. Eu desejo que todos fiquem bem sabendo que eu vim do céu á terra, não para procurar os bons, os justos; porém eu vim para procurar, para chamar a mim os grandes peccadores. E para que esse seu entranhado amor para com os peccadores fosse bem conhecido de todos, e ficasse gravado na lembrança de todos, elle propôz certas parabolás, em que esse amor mostra-se dum modo, o mais evidente e frisante.

Jesus disse aos seus discipulos que havia uma mulher que tinha dez moédas de prata, e que, perdendo uma, ficou muito contristada. Depois de muito procurar, sem poder achar a sua moéda, lança mão de um ultimo recurso, que é varrer toda a casa. Achando-a, a mulher exulta de contente, e chama todas as suas vizinhas para compartilhar a sua alegria e seu jubilo por *ter achado a moéda que tinha perdido*. Essa moéda representa a alma, que se perde cahindo no peccado, que é uma verdadeira perdição. Essa mulher representa Jesus, que se contrista quando a alma perde-se pelo peccado; e que, empregando todas as industrias amorosas de suas graças, para chamar a si a alma peccadora, enche-se de alegria quando ella volta á sua santa amizade. Jesus sobre o mesmo assumpto propôz aos seus discipulos uma outra parabola. Havia, disse elle, um pastor, que tinha um rebanho de cem ovelhas, e aconteceu que uma dellas, desgarrando-se, perdeu-se no meio de uma grande mata. O pastor dando pela falta de sua ovelha, triste e muito contrariado, sahiu á sua procura. Depois de muito caminhar atravessando rios e valles, subindo e descendo montanhas, ferindo-se nas pedras e nos espinhos, já estando extremamente fatigado, achou afinal a sua querida ovelha, cahida, ferida e já quasi desfallecida pela fome e pela sêde; e então, contentissimo, a collocou sobre seus hombros, e a conduziu ao seu aprisco. Mandou immediatamente chamar todos os seus amigos para vir compartilhar o seu grande e

profundo contentamento por ter encontrado a sua ovelha, que do rebanho tinha-se transviado.

Essa ovelha é a alma que se perde cahindo no peccado. Esse pastor é Jesus, que tanto sente quando uma alma deixa a sua amizade; que tão ardentemente suspira pela sua volta; e que tanto se rejubila quando ella arrependida vem lançar-se em seus braços. Admiremos toda a compaixão de Jesus pela alma do peccador. Em vez de comparar o peccador a um cisco, a um lixo, pois elle como tal nenhum valor tem; elle o compara com uma moéda, que tem tanto valor. Em vez de comparar o peccador com um leão feróz, pois elle até tenta destruir o proprio Deus; o compara a uma ovelha, um animal tão mansinho, que se deixa matar, sem proferir, como queixa, nem um só balido.

Porém Jesus ainda imaginou uma outra parabola muito mais terna e tocante, e que muito mais fiel e vivamente representa todo o seu grande e immenso amor para com os peccadores; é a do filho prodigo. Na primeira parte da parabola Jesus pinta todo o vexame porque passa, todas as privações e danos, que soffre o christão que tem a loucura de deixar o seu Deus, para loucamente entregar-se aos falsos e illusorios prazeres do mundo; e na segunda parte elle apresenta toda a grandeza e immensidade de sua divina misericordia para com o peccador, que sinceramente arrependido volta á sua santa amizade.

Havia um homem, diz Jesus Christo, que tinha dois filhos, que igual e extremamente elle amava. Chegando á certa idade, o mais moço foi se aborrecendo dos conselhos e das advertencias de seu pai. Em regra a mocidade deseja plena liberdade, e aborrece o governo, por mais amoroso que seja, como sempre o é o governo paternal. A insubordinação do moço chegou ao ponto de resolver a deixar a casa paterna, só para poder viver sem tutéla e em sua ampla liberdade. Quando teve de realisar a sua insensata resolução, teve a audacia de apresentar-se ao seu tão bom pai, e exigir delle a parte que por sua morte, lhe tocaria em herança. O pai muitissimo contrariado e pezaroso, fez tudo quanto lhe era possivel para dissuadir seu filho do temerario designio, empregando ponderações, conselhos, agradamentos, carinhos; porém, vendo que tudo era inutil, para não tirar a liberdade a seu filho, entregou-lhe a sua futura legitima.

Depois de alguns dias, tomando tudo quanto lhe pertencia, esse filho ingrato deixa o seu tão amoroso pai angustiado e em prantos, e segue á procura de uma nova habitação; e, chegando á uma cidade desconhecida e longinqua,ahi resolve fixar a sua residencia. Nessa povoação havia, como

em todas ha, moços ociosos, viciosos, que procuravam perverter os bons. Elles sabendo que o moço que ahi tinha chegado trazia comsigo certa somma de dinheiro, procuraram com elle travar amizade, fazer camaradagem. No primeiro passeio, que fizeram juntos, o levaram á casa dessas infelizes, que com seu corpo vendem o seu pudor, a sua honra, a sua consciencia, e até a sua propria alma. Só porque tinha dinheiro, elle era muito festejado por esses falsos amigos, e muito agradado e acariciado pelas mulheres de vida escandalosa. O moço ia sempre gastando, e gastando muito com os especuladores de sua pequena fortuna ; e, ao mesmo tempo, porque vivia desoccupado, não tinha nenhuma fonte de rendas. Como era muito natural, depois de bem pequeno espaço de tempo, acabou-se inteiramente o dinheiro, que lhe tinha dado o seu bom pai. Acabado o dinheiro, acabou-se tambem toda a amizade. Os falsos amigos o abandonaram. Voltando elle á casa das infelizes, que até então lhe faziam tanta festa, tantos afagos e carinhos, foi por ellas enxotado, como se enxota um cão leproso. Tanto os moços viciosos, como essas messalinas, eram amigos, não de sua pessoa, mas unicamente do seu dinheiro.

Num lugar estranho, sem parentes, sem verdadeiros amigos, sem protecção, sem emprego algum, e sem ter mais nem um vintem, o pobre moço começou a soffrer privação, e lhe faltava mesmo o absolutamente necessario para o vestuario e para a comida. Coagido pela necessidade, pela miseria, elle foi forçado a empregar-se como criado ; e, por sua infelicidade e tambem para seu castigo, elle contratou-se com um homem severo, cruel e despotico. Elle que se revoltara contra o governo amoroso de um bom pai, agora vai ser governado por um senhor feróz, que o tratará como um desprezível escravo. Logo depois de contratado, o seu amo o enviou para um pequeno retiro para tomar conta de uma manada de pórcos. Que triste occupação para um moço que tinha sido até então tratado com tanta attenção e delicadeza ! O senhor não dava ao seu criado nem roupa, nem mesmo alimento. Mandava comida para os pórcos, mas não mandava para o seu empregado. O pobre moço, desesperado de fome, deseja comer os restos de comida, rejeitados pelos pórcos ; porém nem isso lhe era concedido. Elle algumas vezes chegava a tristemente exclamar : Morro de fome ! Que tristissima, penosa e aviltante situação ! Um moço, que foi criado, tratado na abundancia ; que sempre trajou-se com toda decencia ; a quem nunca nada faltou : agora vive na companhia de animaes immundos ; rôto, esfarrapado, morrendo de fome !

Nesta narrativa está traçada a historia da vida que passam todos os christãos, que tem a imprudencia, a loucu-

ra, a desgraça de deixar a amizade de Deus, para entregar-se aos prazeres criminosos do mundo. O moço ingrato, deixando a casa de seu pai, deixou uma vida tão tranquilla, prazeres tão deliciosos, uma mesa tão abundante, para ir ter uma vida de perturbações, de desgostos, de pezares e de miserias. E' justamente o que acontece ao christão insensato, que deixa a amizade de Deus, para viver no peccado. Em quanto está na amizade de Deus, elle tem verdadeira paz, a paz da consciencia; cahindo no peccado, é torturado pelos remorsos, e não tem, nem mais pode ter, calma e tranquillidade. A Escriptura Santa compara o coração do peccador a um mar revoltoso, que está constantemente agitado e enfurecido. Emquanto estava na amizade de Deus, elle experimentava alegrias, prazeres puros e divinos na assistencia das solemnidades religiosas, no exercicio de suas praticas de devoção e de piedade, e muito principalmente quando na Mesa sagrada tinha a ventura de receber o Pão divino; e depois que se entregou á uma vida peccaminosa, tem passado por tantas decepções, desgostos, enfados, e tem tragado tantas e tão cruéis amarguras. Deixando a casa de seu pai, o pobre moço dissipou toda a sua fortuna, e ficou reduzido á miseria. Em quanto o christão está na graça divina, todos os seus actos, mesmo os mais insignificantes, desde que sejam praticados com pureza de intenção, tem immensos merecimentos para o céu. O trabalho para ganhar a honesta subsistencia, até os passeios e divertimentos innocentes, são meritorios, e terão recompensas na outra vida. De modo que, depois de permanecer algum tempo nesse feliz estado, o christão forma um grande e riquissimo thesouro para delle gosar no céu. Porém logo que tem a enorme desgraça de cahir no peccado mortal, perde tudo, e fica espiritualmente reduzido á mais extrema miseria. E' o proprio Deus quem isto nos assevera na Escriptura Santa, quando diz: Se o justo apartar-se de sua justiça, e commetter a iniquidade, não serão mais recordadas as justizas, isto é, os bons actos, que tiver praticado. Imaginaí um campo verdejante, que promette uma abundante colheita de saborosos fructos. Se sobre elle cai uma tremenda chuva de pedras, fica completamente devastado. Imagem do quanto perde a alma cahindo no peccado grave. Representai-vos um grande barco, carregado de linho, de sêda, de purpura, de diamantes, brilhantes e pedrarias preciosas. Quantas riquezas não traz consigo esse barco? Se elle porém tiver a infelicidade de fazer naufragio, tudo ficará inteiramente perdido e inutilisado. Perfeita representação dos enormes danos, que soffre o christão quando tem a desgraça de naufragar no peccado mortal.

O pobre moço deixando a casa de seu pai, perdeu a sua amizade. Oh! Quanto não vale a amizade de um pai! Um filho de nobres sentimentos, se perder a amizade de seu pai, deve chorar essa funestissima perda com lagrimas de sangue. O christão, quando pecca mortalmente, perde a amizade do melhor, mais terno, mais carinhoso de todos os pais. O pobre moço deixando a casa de seu pai, recebeu tudo o que tinha de receber, e não terá mais nada de herança. O christão que deixa a amizade de Deus, perde completamente os seus sagrados direitos á uma herança eterna, porque, em troca dessa divina herança, elle recebe os delectes do peccado. E' um filho desherdado. Se elle tiver a desgraça de morrer nesse tristissimo estado, não gosará eternamente com Deus no céu.

O pobre moço, porque não quiz ser governado por seu tão amoroso pai, por seu justo castigo foi ser escravizado por um senhor cruel e tyranno. Assim o christão, que recusa o amoroso governo de Deus, é justamente castigado, entrando na escravidão horrorosa dum vicio ou duma paixão criminosa. Todo vicio é um senhor ferrenho, que opprime e escravisa todo aquelle que a elle se entrega. Vejamos o que acontece ao infeliz que se entrega á avareza. E' verdadeiro escravo. Em vêz de possuir, é possuido; em vêz de dominar, é dominado pelo dinheiro. Não dorme, quando quer, não descansa quando quer; não faz aquillo que quer. Sujeta-se a preocupações, a fadigas, a vexames pelo desejo desordenado de sempre augmentar a sua fortuna. Vejamos o que acontece ao infeliz que se entrega ao jogo. Deixa sua familia, seu negocio, seu emprego, seu repouso á noite, e impellido pelo vicio vai jogar. Quando perde muito, ou quando é desacatado por um dos companheiros, ou quando enferma, por causa das noites que passou sem dormir: promete, jura de nunca mais jogar; porém no dia seguinte é o primeiro a sentar-se em redor da maldita mesa. Escravizado pelo vicio joga o que é necessario para a honesta substancia de sua familia; joga o que não lhe pertence; joga até a sua propria honra. Vejamos o que acontece ao infeliz que se entrega á embriaguez. Fica completamente dominado por seu tão pernicioso e degradante vicio. Sabe que está damnificando á sua familia, ao seu negocio, ao seu emprego, á sua reputação e até á sua propria saude; entretanto, porque está escravizado, bebe e continua a beber sempre. Quando passa por um grande vexame, ou quando fica doente, ou tem um grande prejuizo por causa do seu estado de embriaguez, protesta de nunca mais levar o cópo á bocca; mas no dia seguinte, e ás vezes até no mesmo dia, está bebendo e cahindo de bebado. E' um verdadeiro escravo; não pode

manter as suas santas resoluções. Vejamos emfim o que acontece ao mil vezes infeliz que se entrega ao vicio porco da impureza. Este é um senhor muito mais oppressor e feróz, que todos os outros vicios. O impudico não respeita nem os sagrados laços de amizade, nem os sagrados laços de parentesco ; elle, quando se torna descarado, o que logo acontece, despreza a opinião publica, arrosta o decóro das familias e a honra da sociedade. Arrastado pelo vicio degradante, elle julga que tudo lhe é permittido ; e assim zomba de todas as criticas, despreza todas as censuras, feitas contra seus desbragamentos. Para satisfazer aos seus vergonhosos designios, elle se humilha aos pés dos desbriados intermediarios ; escravisa-se até aos aviltantes caprichos de uma vil meretriz. E' o mais servil e o mais degradado de todos os escravos.

Como vimos, o filho ingrato tinha fome, mas não achava para saciar-a nem as mesmas sobras, rejeitadas pelos pórcos. E' justamente o que se dá com todos os desgraçados, que se deixam dominar por um vicio. O avaro tem fome de dinheiro, mas nunca consegue a quantia sufficiente para satisfazer aos seus insaciaveis desejos ; pois quanto mais tem, mais deseja ter. Quando consegue vinte, quer cem : quando consegue cem, quer mil. Para adquirir maior quantia, humilha-se, roja-se supplicante aos pés de um pobre, para ver se consegue o seu ultimo vintem. E' o mais pobre de todos os pobres, porque passa a sua vida desejando, procurando, pedindo dinheiro. O jogador tambem nunca pode saciar o seu desejo de jogar. Se está perdendo, quer desforrar-se ; se está ganhando, quer aproveitar para ganhar mais. Elle encarrega-se de fazer convite, de reunir os parceiros. Depois de passar dia e noite jogando, está cambaleando de somno, e está ainda querendo continuar a jogar : e mesmo quando todos os companheiros já se dispersaram, elle viciado ainda fica junto á mesa mechendo com os baralhos. O ebrio tambem nunca consegue contentar aos seus ardentes desejos de beber. Quanto mais bébe, mais deseja beber. Bébe de uma qualidade de bebida, bébe de outra ; porém nunca fica saciado. Alguns para aplacar o furor do desejo de beber, chegam a tragar até essencia de alcool : mas sem nenhum resultado, pois o ardor do desejo continua com a mesma intensidade. O libidinoso é ainda muito mais insaciavel em seus desejos impuros e deshonestos. Elle põe em constante actividade toda a sua intelligencia e toda a sua imaginação para ver se pode descobrir um meio, um recurso de conseguir esse prazer, esse deleite, que venha tornal-o satisfeito, contente ; porem todas as suas vergonhosas e deprimentes tentativas são completamente baldadas. Alguns ha que cons-

purcando o seu character sagrado de christão, abdicando a sua dignidade de racional, excogitam prazeres, que nunca foram procurados, nem appetecidos pelos brutos! E' o ultimo degráu da tristissima degradação do ente humano.

E os damnos que esses vicios fazem ás suas pobres victimas? São incalculaveis e funestissimos. Todos trazem perturbações, descredito deshonra; produzem gravissimas enfermidades. Uma grande parte dos que estão internados, nos hospicios de alienados, nos hospitaes de tuberculosos e morphéticos, estão soffrendo o castigo, devido ao seu vicio. E de entre todos o que mais prejudica, é o maldito vicio da impureza. Elle lança trevas sobre o espirito; endurece o coração; e leva o homem a commetter os mais horrorosos attentados. O mais sanguinario dos homens, segundo narra a historia, foi Néro; e foi elle tambem o mais torpe de todos os impuros e libidinosos. Todos os vicios, especialmente o impuro, prendem com cadêias de ferro a vontade do viciado; e assim depois de passar uma vida ingloria, tormentosa e soffredora, o viciado morre separado de Deus e lá vai ser eternamente infeliz e desgraçado. Eis pois quanto perde e quanto soffre o christão ingrato e louco, que despreza a amizade de Deus para entregar-se a uma vida peccaminosa.

Parte segunda.

Vamos agora explicar e commentar a segunda parte da tocante parabola, proposta por Nosso Senhor Jesus Christo. O pobre moço vivia como que cego e mesmo adormecido. Elle desconhecia o seu aviltamento; e não sentia as dores e os tormentos que o martyrisavam. Achava-se numa especie de lethargia. Porém de repente e inesperadamente uma luz brilhou na sua intelligencia, e elle immediatamente conheceu e sentiu o seu verdadeiro estado. Então é que elle percebeu que estava com as suas vestimentas esfrangalhadas; que se achava na companhia de animaes immundos: que sentiu todo o rigor da fome, que o devorava; e que comprehendeu a sua tristissima situação de um verdadeiro escravo. Espantou-se, e disse consigo mesmo: Não devo, não posso permanecer neste tão penoso e degradante estado; é forçoso que delle saia e procure um abrigo. Veio-lhe immediatamente á lembrança o doce nome de pai; elle sem pensar, nem reflectir, mas instinctivamente, exclamou: Levantar-me-ei, e irei a meu pai: *Surgam, et ibo ad patrem.*

Elle compara a sua triste vida no presente com a vida deliciosa que outr'ora passou sob o abençoado tecto pa-

terno. Elle compara a sua vida tão humilhante, tão penosa com a vida tão commoda, tão suave, tão abundante, que lá na casa de seu bom pai levam os seus criados. Esta dupla comparação feriu profundamente o seu coração, e delle arrancou esta dolorida exclamação: Oh! Quantos jornaleiros e empregados, lá na casa do meu bom pai, vivem alegres, contentes, tão bem vestidos, tendo todos os dias á sua disposição uma mesa tão farta e abundante: e eu, seu filho, aqui estou neste triste estado, quasi morto pela fome?! *Quanti mercenarii in domo patris mei abundant panibus, et ego hic fame pereo.* Mas como voltar a meu pai, eu que lhe tenho sido tão ingrato, eu que o tenho feito derramar tantas lagrimas? Elle se lembrou de que, se tinha sido máu filho, seu pai não teria deixado de ser um bom pai; e animado por esta feliz lembrança, elle tomou esta acertada resolução: Eu irei e com toda a humildade e sinceridade, e de joelhos aos seus pés, eu lhe confessarei toda a minha culpa; e elle tão bom, como é, ha de perdoar-me e me acolher em sua amorosa companhia.

Confortado pela confiança na bondade de seu pai e pela santa resolução de humildemente confessar o seu crime, elle abandona o seu rebanho de porcos; e sem dar a minima satisfação ao seu deshumano senhor, parte com destino á casa paterna, por elle tão ingratamente abandonada. Este moço passou tanto tempo, sem uma só vez lembrar-se do seu querido pai; porém o seu pai nunca o tirou de sua lembrança. Um máu filho esquece-se de seu pai; mas um amoroso pai, nem um só instante, pode esquecer-se de um filho, por mais ingrato que elle seja. Esse tão terno pai todos os dias sahia, á tarde, e ia á frente da casa, donde avistava-se a estrada, para ver se por acaso o seu caro filho voltava. Varias vezes elle foi tristissimamente enganado. Elle avistava uma pessoa, que lhe parecia ser o seu filho. Ficava contentissimo; mas, quando se approximava, elle reconhecia que era um estranho, e sentia-se extremamente abatido. Um dia chegou para esse bom pai o momento da sua maior ventura. Elle veio á frente da casa, e quando olhou para a estrada, avistou um homem, que caminhava muito lentamente. O seu coração disse-lhe que aquelle era o seu querido filho; porém a sua razão, o dissuadiu dizendo-lhe: O vosso filho é uní moço forte, robusto; aquelle vem tão abatido. O vosso filho foi tão bem trajado; aquelle vem rôto e esfarrapado. Depois de alguns minutos o moço, embora muito vagarosamente, tendo mais se approximado, o pai poude verificar que com toda a certeza era o seu filho. Então alegre correu ao seu encontro; e o abraçou e beijou com toda a ternura. Ambos choravam. O pai derramava lagrimas de um

santo contentamento; e o filho, por seu turno, derramava lagrimas dum profundo arrependimento. Depois de alguns instantes o filho desprendeuse dos braços de seu pai; e pondo se humildemente de joelhos, exclamou, estando ainda em prantos: Meu pai, eu pequei contra o céu e diante de vós! Eu não sou, pois, mais digno de ser chamado vosso filho, nem mereço como filho ser acolhido em vossa casa; porém eu não tenho mesmo essa pretensão, e contento-me e fico muito satisfeito de por vós ser tratado como um dos vossos ultimos criados. O bom pai, levantando pelas mãos o seu querido filho, declarou-lhe que tudo já estava perdoado e completamente esquecido. Para dar-lhe uma prova da verdade de sua declaração, chamando um criado, disse-lhe: Ide buscar aquelles vestidos bonitos, aquelles sapatos e aquelle rico annél, de que outrora meu filho usava. Eu quero vel-o trajado e enfeitado como elle o era antes. Chamando a um outro criado, disse: Matai um vitéllo bem gôrdo, e preparai um esplendido banquete para meu filho. Chamando um outro criado disse: Ide convidar todos os meus parentes e amigos para virem congratular-se commigo, festejando a volta do meu, tão querido filho.

Estando tudo prompto e todos os convidados reunidos, sentaram-se á mesa, sentando-se o filho á direita de seu pai; e começaram a banquetear no meio de symphonia e de canticos. Dahi ha pouco veio o filho mais velho do trabalho; e chegando-se á porta e ouvindo tanta musica e cantoria, perguntou a um dos empregados o que tinha acontecido. O criado narrando-lhe tudo, elle contristado lhe respondera: Não entro mais nesta casa. O criado communicando esta resposta ao dono da casa, elle veio immediatamente á porta, e disse ao moço: Meu filho, entrai. O moço lhe respondeu: Não, meu pai, não devo entrar. Eu que nunca lhe dei o menor desgosto; eu que tenho tanto trabalhado para ajudar a augmentar a sua fortuna; eu que tenho sempre sido um filho obediente, dedicado, e que tenho sempre procurado em tudo fazer a sua vontade, nunca mereci que meu pai, para me agradar, para me festejar, mandasse matar nem um cabrito! E para este meu irmão, que o abandonou, que o fez derramar tantas lagrimas, que na devassidão dissipou toda a sua legitima, é que meu pai prepara este grande banquete, e faz esta tão grande festa! Não, não posso mesmo entrar. Meu filho, lhe respondera o pai, não tendes razão. Vós sempre estivestes commigo, e nunca vos faltou cousa alguma; e o vosso pobre irmão! passou por tantas privações e vexames; foi tão maltratado; soffreu tanto! Eu até já o suppunha perdido, morto; e felizmente elle está vivo, e acha se em nossa companhia e em nossa casa. Oh!

Entraí, e vinde com os nossos parentes e amigos compartilhar da nossa tão grande e tão justa alegria. E o moço, attendendo a estas tão justas ponderações, entrou e também tomou parte no jubiloso festim.

Eis uma perfeita imagem do que acontece quando um grande peccador, illuminado e movido pela graça divina, volta sinceramente arrependido para a santa amizade de Deus. O peccador, em quanto está resolvido a permanecer no peccado, acha-se completamente adormecido. Elle pensa que tudo lhe é permittido, mesmo os maiores e mais horrendos peccados. Não percebe a criminalidade de sua conducta; não pesa a enorme responsabilidade de seus escandalos; não avalia os immensos e gravissimos damnos, que está causando a si, aos seus e á propria sociedade. E' surdo a todos os conselhos; zomba de todas as censuras. Torna-se completamente indifferente a tudo quanto diz respeito á salvação de sua alma; e unicamente preoccupa-se com os meios de satisfazer a todos os seus criminosos desejos. Porém Deus o não abandona, senão depois de inutilmente ter em pregado todos os meios necessarios e sufficientes para salvá-lo. Continuamente o adverte, o reprehende, o aconselha, o chama, o convida, o illumina, o toca por suas inspirações interiores, pelos conselhos dos bons amigos, pelos edificantes exemplos das pessoas piedosas, e principalmente pela voz dos seus ministros na santa pregação. Logo que o peccador, mesmo o mais endurecido, benignamente acolhe a graça divina, um raio benefico de luz illumina a sua alma. Elle se desperta; entra em si; pensa e reflecte seriamente sobre a sua triste e perigosissima situação. Então elle reconhece quanto tem sido ingrato para com o seu bom Deus; e quanto damnificado tem sua alma; e a necessidade urgente, que tem de deixar immediatamente a sua vida peccaminosa. Elle compara a sua vida no peccado com a sua vida de outr'ora, passada na graça de Deus.

Em quanto vivia bem com Deus, tinha tanta paz, e gosava de alegrias e prazeres tão puros e tão santos; e depois que apartou-se de Deus, tem passado por tantas perturbações, por tantos desgostos. Elle compara a sua vida agitada, penosa, com a vida tão calma e deliciosa, que levam as pessoas piedosas, que encontram prazeres, mesmo nas suas privações e soffrimentos. Elle quer voltar a Deus; mas esmorece diante da lembrança de tantos e tão graves peccados. Mas elle também se lembra de que Deus é um pai, e um pai duma infinita bondade; e então toma a firme e santa resolução de romper as cadeias, que o predem, deixar o seu degradante captivo, e ir ao ministro de Deus fazer a humilde e sincera confissão de todos os seus peccados. Enco-

rajado com essa sua santa resolução, elle vai humildemente ajoelhar-se aos pés do sacerdote, que ahí representa Deus, o mais terno de todos os pais; e relata com sinceridade todas as suas faltas, mesmo as mais occultas e vergonhosas. Elle chora de pezar de ter offendido a um Deus tão bom; o sacerdote tambem chora, mas pelo immenso e santo contentamento de ver uma ovelha transviada, que volta ao aprisco; por ver um filho prodigo, que arrependido vem lançar-se nos amorosos braços de um pai, a quem tem tão ingrata e indignamente offendido. Depois de perdoar tudo, de animar e confortar essa alma que de novo pertence a Deus, elle convida ao peccador reconciliado a sentar-se á mesa sagrada para alimentar-se com a carne e com o sangue do Cordeiro divino.

Nesse venturoso momento ha uma immensa alegria na terra e no céo. Aqui todos os bons catholicos, todas as pessoas devotas exultam de alegria, e festejam essa conquista da graça divina: lá no céo exultam de alegria os anjos, os santos, Maria Santissima e todas as tres divinas pessoas da Trindade Santissima, por mais um triumpho obtido contra o poder das trevas. E' o proprio Jesus Christo que nos assevera que ha mais jubilo no céo pela conversão de um só peccador, do que pela perseverança de noventa e nove justos. Pelo que todos os peccadores devem encorajar-se, e procurar voltar immediatamente para a amizade de Deus, nosso tão bom pai. Todos os que têm a infelicidade de achar-se no tristissimo estado de peccado mortal, são verdadeiros filhos prodigos, que abandonaram a casa paterna, e ficaram reduzidos á uma extrema miseria, que é a privação das graças devinas. Devem, arrependidos, voltar para a amizade de Deus, sem esmorecer diante da recordação da enormidade de seus crimes; porque, se grande é a sua iniquidade, infinitamente maior é a misericordia divina para com todos os peccadores, sinceramente arrependidos. Todos os grandes peccadores devem-se animar a voltar a Deus, lembrando-se de que o céo esta povoado, não de innocentes, mas de penitentes. Olhemos para o céo, e, para nosso consolo e para augmento da nossa confiança, lá contemplaremos David, o rei adúltero; Magdalena, a peccadora publica e escandalosa; Santo Agostinho, o herege e impudico; São Paulo, o phariseu sanguinario; São Cypriano, o feiticeiro, seductor de uma donzella; São Dimas, o chefe duma quadrilha de ladrões e assassinos. Foram peccadores como nós, e talvez fossem mesmo mais peccadores; mas sinceramente arrependeram-se, e consagraram-se ao serviço de Deus, e lá estão e estarão eternamente vivendo e reinando com elle. Nós que temos imitado a sua rebellião e ingratidão contra Deus

procuremos tambem imitar a sua contrição e a sua dedicação ao serviço de Deus ; e um dia tambem, como elles, reinaremos eternamente com Deus no céo.

Quadragesima quinta Instrukção.

Parabola das dez virgens. — Parte primeira.

Entre outras muitas e interessantes parabolâs, Jesus aos seus discipulos propoz a seguinte, que em si contem sabias e importantissimas lições, relativas á nossa salvação. O reino do céo, disse elle, é semelhante a dez virgens que, tomando as suas lampadas, sahiram a receber o esposo e a esposa. Cinco de entre ellas eram loucas, e cinco prudentes. As cinco que eram loucas, tomando as suas lampadas, não tomaram o cuidado de levar tambem o oleo necessario para conserval-as sempre accesas ; mas as prudentes tiveram a cautela de levar com as lampadas um vaso com o oleo necessario para provel-as. Como, os esposos tardassem a chegar, deitaram-se todas, e dormiram. A meia noite se ouvia gritar : Eis que vem o esposo ; vamos recebê-lo. Levantaram-se então todas as virgens, e trataram de preparar as suas lampadas. As loucas disseram ás prudentes : Dai-nos uma porção do vosso oleo, porque as nossas lampadas estão quasi a apagar-se. Responderam-lhes as prudentes dizendo : Para que não aconteça que o oleo falte tambem para nós, o mais acertado é irdes comprar lá onde o vendem, o que vos fôr necessario. E enquanto ellas foram fazer a compra, veio o esposo : e as que estavam preparadas, entraram com elle para celebrar as nupcias ; e fechou-se immediatamente a porta. Algum tempo depois vieram as outras cinco virgens, e bradaram : Senhor, senhor, abre-nos a porta. Mas o dono da casa respondeu-lhes dizendo : Em verdade vos assevero que não vos conheço.

Antes expliquemos o costume oriental sobre a celebração do casamento. Elle era celebrado á noite e na casa do noivo. Este ia buscar a noiva em sua casa, e em sua volta vinham esperal-os á porta trazendo nas mãos lampadas accesas ; e logo que entrava todo o respectivo acompanhamento, fechavam a porta, para não entrarem pessoas estranhas. Expliquemos agora a parabola, para depois della fazer o devido commentario.

O reino do céu, de que falla-se aqui, é a igreja catholica, e não a patria, a mansão celeste, onde não pode haver loucos. O numero *dez*, porque contém todos os algarismos, denota universalidade. As virgens são todos os crentes, pois aqui trata-se de virgindade de espirito. As dez virgens representam todos os catholicos crentes. As cinco virgens loucas são os catholicos que têm fé, que acreditam em toda a doutrina catholica; mas não cumprem com os divinos mandamentos. As cinco virgens prudentes são os catholicos, que, além de perfeitamente crentes, observam fielmente todos os preceitos e recebem com toda regularidade os devidos sacramentos. A lampada, significa a fé, e o oleo significa as boas obras. Não é o oleo que allumia, mas é elle que entretém a luz; e quando elle falta, a luz fatalmente extingue-se. Assim não são as boas obras, que produzem a fé; mas sem o alimento das boas obras a fé necessariamente vai se enfraquecendo, e afinal ha de apagar-se. A expressão: *não vos conheço*, quer dizer: não vos considero, não vos concedo mais as minhas graças. A noite é o fim da vida de cada um. O casamento, de que aqui se trata, é o divino consorcio da alma do justo com Deus lá no céu.

Tiremos agora os ensinamentos divinos, contidos nessa bella e interessante parabola. Ella qualifica de loucos os que só acreditam, e não praticam; e com todo fundamento e razão. Temos a intelligencia que nos faz distinguir o bem do mal; e todo ente racional deve procurar o bem, e evitar o mal. E assim geralmente todos fazem. Se conhecemos que um alimento nos pode fortificar, d'elle procuramos usar; e se, pelo contrario, sabemos que esse alimento pode prejudicar á nossa saude, d'elle nos abtemos. Quem se convence de que um amigo é sincero, conserva e presa a sua amizade; quem sabe que o amigo é fingido, o despreza. Quem tem certeza que um negocio é prejudicial, procura rejeital-o. Aquelle que procede de um modo contrario, vai de encontro ao bom senso, contraria á sua tendencia natural; é portanto um verdadeiro louco. E' justamente assim que procedem todos quantos acreditam e não praticam. Estão convencidos que são obrigados a observar os mandamentos, e não os observam. Sabem que é absolutamente necessario receber os sacramentos da confissão e da communhão, e não os recebem. Estão certissimos que, desobedecendo ás leis de Deus e da Igreja, serão severamente castigados, e teimosamente continuam a violar essas leis santissimas, cuja observancia felicita o homem aqui no mundo, para depois felicital-o no céu.

Neste gráu de loucura acham-se todos os protestantes, que ensinam que basta acreditar, e que as boas obras são inteiramente desnecessarias para nossa salvação. No mes-

missimo estado estão todos os catholicos indifferentes, que se contentam em elogiar e recommendar os preceitos impostos pela santa Egreja, mas que não ouvem com regularidade a santa missa nos domingos e dias santos; que, pelo menos uma vez ao anno, não procuram os santissimos Sacramentos da confissão e da communhão; que não guardam a castidade propria do seu estado. Tanto estes, como aquelles, na sabia e santa expressão de Jesus Christo, são verdadeiramente loucos, e dignos de compaixão. Os que não cumprem com os preceitos divinos são loucos, porque procuram justamente o contrario daquillo que desejam: o que constitue uma verdadeira loucura. Desejam ser grandes, e procuram as grandezas mundanas, que são verdadeiras illusões. Em regra os grandes, que o são unicamente perante o mundo, são os menores, não só perante Deus, mas ainda perante a consciencia, o bom senso, e a insuspeita apreciação dos homens honrados. Raras vezes as altas posições sociaes são conquistadas pelo verdadeiro merito. A verdadeira grandeza não está em ser, mas em merecer de ser altamente collocado: e nunca ha, nem pode haver verdadeira grandeza, sem a verdadeira virtude. Grande e nobre é unicamente o homem, que docil, sob a mão de Deus, não conhece outra regra que o dever, outro guia que a fé, outro prazer que o bem. Os que, dominando as suas paixões, com os auxilios divinos procedem sempre correctamente, são verdadeiros reis. Quem sabe bem dominar todas as criminosas tendencias de seu corpo, é verdadeiro soberano. O grande Santo Agostinho diz: Tem um regio poder o que sabe imperar sobre seu corpo. *Non caret regia potestate, qui corpori suo noverit imperare.* Querem ser grandes, entretanto, para conseguir uma falsa grandeza passam por verdadeiras e profundas humilhações. Para apparear independencia, tornam-se os mais dependentes: para falsamente ostentar soberania, tornam-se os mais escravizados. Querem ser governadores, e são governados por um cego capricho, por um vil interesse, e até por um degradante vicio. São portanto verdadeiros loucos.

São tambem loucos em relação ao dinheiro. Procurar com empenho um objecto inutil, é loucura. Seria louco o que tendo vista perfeita, trabalhasse para possuir um oculo. Loucos são os que trabalham para ganhar dinheiro só para guardar, ou porque delle não querem usar, ou porque, já possuindo mais que o necessario, delle nunca terão occasião de usar. Seria dar grande apreço a um objecto inteiramente inutil. E' ainda maior loucura sacrificar mais, para conseguir menos. Quem gastasse dez, para conseguir um, seria louco. Loucos são os que, para ganhar dinheiro, sacrificam a paz do espirito, a honra, a reputação; e até mesmo se arrisecam

a perder a propria vida. Como qualificar-se o procedimento dos que, para conseguir os bens do corpo, sacrificam os bens da alma? Que nome deve dar-se á conducta dos que para possuir os bens materiaes, perdem a posse dos bens espirituaes que são as graças divinas, de que uma só vale mil vezes mais que todas as riquezas do mundo?

São ainda loucos os que abandonam o verdadeiro para procurar o falso. Seria verdadeira loucura desprezar uma moéda verdadeira para correr atraz de uma falsa. Loucos são, pois, os que procuram os prazeres mundanos, e fazem pouco caso dos prazeres espirituaes e divinos. Os prazeres mundanos são inteiramente illusorios, pois nelles, em vez de alegria e contentamento, encontram-se unicamente desgostos, enfados, tristezas, e até mesmo tormentos e ás vezes a propria perda da saude e da vida. Verdadeiros, puros e santos prazeres experimentam-se no cumprimento do dever, na pratica da virtude. Loucos ainda são os que consideram como verdadeiramente certo aquillo, que é verdadeiramente incerto. Seria loucura contar com certeza viver muitos annos, quando uma observação de todos os dias nos attesta que podemos a qualquer momento morrer. E' justamente a loucura dos que acreditam que se devem bem preparar para morrer bem, em paz com Deus; porém deixam essa preparação para os ultimos momentos da vida, quando é certissimo que a todo instante, sem nem mesmo perceber, podem ser arrebataados pela morte. São perfeitamente semelhantes ás virgens loucas, que quizeram deixar o preparo de suas lampadas para o momento, em que devia chegar o esposo. O resultado dessa louca negligencia foi encontrarem a porta do festim fechada, e ouvir o dono da casa lhes dirigir estas tristissimas e desoladoras palavras: Não vos conheço. *Nescio vos.* Quantos não são surprehendidos pela morte, até mesmo no momento em que estão completamente distrahidos com as illusões dos divertimentos mundanos!

Casimiro, rei da Polonia, estava num banquete, e quando levava o cópo aos labios para beber, correspondendo a um lisongeiro brinde, que lhe tinha sido feito, teve uma syncope cardiaca, e cahiu instantaneamente morto. Henrique segundo, rei de França, achava-se alegre, bailando num salão, cercado dos seus amigos e innumerados aduladores. Indo dansar uma quadrilha de lanceiro, tropeçou, e cahiu morto, varado pela ponta de uma lança. Os jornaes do Rio de Janeiro, publicados no dia 20 de Maio de 1912, deram, em seus telegrammas, noticias do seguinte factó, acontecido em França, no dia 19 do mesmo mez e anno.

Um casal de noivos, acompanhados de seus numerosos parentes e amigos, iam alegres, rindo, cantando, em um trem de ferro, para na proxima povoação celebrar o casamento; porém antes de chegar ao termo de sua viagem, deu-se um medonho desencarrilhamento, em que, entre os numerosos mortos, foram encontrados os cadaveres de alguns da comitiva do casamento, e os da noiva e do noivo.

São ainda loucos, porque, arriscando-se a morrer no peccado, arriscam-se tambem, a soffrer tormentos eternos. Seria louco o que se recusasse a soffrer um instante para ter certeza de que nunca mais soffreria durante toda a sua vida: bem como o que, recusasse a privar-se de um instante de prazer, para ter certeza de gosar prazeres durante toda a sua vida. Ora esta vida, por mais longa que ella seja, é ainda menos que um instante em comparação de uma eternidade, que é infinitamente maior duração que muitos milhões de milhões de seculos. São portanto verdadeiramente loucos todos os que, por não querer contrariar-se ou soffrer, durante esta vida tão curta, arriscam-se a soffrer durante toda a eternidade; bem como são verdadeiramente loucos os que, por não querer privar-se de irrisorios prazeres durante esta vida, que tão de pressa passa, arriscam-se a perder o goso pleno de verdadeiros prazeres durante uma eternidade, que é uma duração, que nunca terá fim.

Parte segunda.

Pelo contrario são verdadeiramente prudentes os que, não só acreditam na religião, mas ainda cumprem exactamente com todos os seus deveres religiosos. São prudentes, porque procedem de perfeito accordo com as suas intimas convicções. São prudentes, porque, desdenhando as falsas grandezas, procuram as verdadeiras, que consistem em governar as suas paixões, em dominar as suas tendencias criminosas, para sujeitar todos os seus actos, desejos e affectos á vontade justa e santa de Deus. Os que servem, os que amam a Deus, são verdadeiramente grandes, porque participam da sua soberana e eterna grandeza. Quem cumpre exactamente com todos os seus deveres, principalmente os religiosos, impera sobre si mesmo, e impera sobre tudo quanto poderia escravisal-o; é portanto rei. Esta verdadeira grandeza, que procede do exacto cumprimento do dever, por si mesma, impõe-se ao respeito e ao acatamento de todos. Os grandes do mundo são respeitados, acatados unicamente por temor ou interesse, com verdadeiro fingimento; e os grandes

pelos seus proprios merecimentos, são respeitadas e acatadas espontaneamente com profunda convicção.

São ainda prudentes os que observam as leis divinas, porque muito acima do dinheiro collocam a sua honra, a sua consciencia, a sua alma, que valem immensamente mais que todos os bens mundanos; são prudentes, porque, de preferencia a tudo, procuram as graças divinas que valem infinitamente mais que todos os thesouros do mundo. Os observantes dos preceitos divinos são prudentes, porque, desprezando os falsos prazeres mundanos, que enchem a alma de tedio, e que são tantas vezes causas productoras de tantos pezares e damnos desastrosos, procuram unicamente os verdadeiros e puros prazeres, que se encontram no testemunho duma boa consciencia, na pratica da virtude, e na união e amizade intima com Deus. Os dedicados servos de Deus experimentam um prazer, um jubilo todo divino, quando com elle conversam na oração, quando com elle se reconciliam na confissão, e principalmente quando o recebem na sagrada communhão. Elles se julgam felizes até no meio dos maiores desprezos e dos mais cruciantes tormentos, porque tudo quanto soffrem, entregam a Deus, a quem tanto desejam agradar. Um grande Santo, de cujo nome presentemente não podemos nos recordar, exclamava, constantemente: O meu querido Jesus, vós me enganastes quando me dissestes que para vos acompanhar era preciso carregar uma cruz e muito soffrer; pois acompanhando-vos, só tenho encontrado verdadeiras delicias e puros prazeres! O grande apostolo São Paulo no meio de tantos trabalhos, soffrimentos e perseguições, disse aos fieis de Corintho: Estou repleto de consolação, transbordo de prazer em toda a nossa tribulação.

São ainda prudentes os que vivem na graça de Deus, porque, sabendo que podem a cada momento morrer, estão sempre preparados para lhe prestar as suas contas. Elles seguem á risca o sabio conselho de São Bernardo, que nos aconselha de vivermos como se a todo instante devessemos morrer. São prudentes, porque não se arriscam a soffrer tormentos eternos, por não querer aqui soffrer pequenas e transitorias contrariedades; nem a perder prazeres eternos, por não querer aqui privar-se de prazeres passageiros e illusorios. No momento da morte nada nos importa que aqui no mundo tenhamos soffrido ou tenhamos gosado; porém então o que soberanamente nos importa, é que tenhamos vivido e morrido na graça de Nosso Senhor.

No mesmo dia em que morre em Capréa o imperador Tiberio, morre Santo Estevão em Jerusalem. No mesmo dia em que morre o rei Henrique 8.^o na Inglaterra, morre na Italia São Felix Capuchinho. No mesmo dia em que morre

em seu palacio. Fellipe, rei da Hespanha, morre São João da Cruz em seu convento. De que agora servem aos primeiros as grandezas, as riquezas e os prazeres mundanos? Que mal fazem aos segundos os seus trabalhos, as suas penitencias, as suas humilhações e soffrimentos? De que hoje aproveita aos primeiros terem sido no mundo tão acariciados e adulados? Que perdem os segundos por terem sido durante a vida injuriados, calumniados, perseguidos? Com toda a certeza hoje os primeiros hão de querer trocar a sua sorte pela dos segundos; porém este por nada quererão accèptar a troca.

Convem muito não esquecermos que o tempo passa com immensa rapidez; que nós podemos á toda hora e instante ser chamados para a Deus prestarmos rigorosas contas de todos os actos da nossa vida; e que no momento da morte mais nada absolutamente poderemos fazer para conseguir a nossa salvação. Oh! Se por nossa tremenda desgraça nesse fatal momento não estivermos com a nossa alma pura; senão estivermos na santa amizade de nosso tão bom Deus, ficaremos d'elle eternamente separados. Portanto, em quanto ainda é tempo propicio, façamos tudo e como nesse momento decisivo desejaríamos ter feito.

Um homem rico mandou a um dos seus servos que fosse lá numa determinada cidade, e construísse uma casa. Deu-lhe para esse fim uma planta e o dinheiro necessario; e disse-lhe que, quando elle julgasse que o edificio estaria prompto, o chamaria para lhe prestar as contas, não fixando o praso de tempo para a entrega do trabalho. O servo foi para o lugar determinado e lá, em vez de começar immediatamente o trabalho, incumbiu-se de fazer outros serviços, em si importantissimos, mas que nenhuma relação tinham com a incumbencia, que lhe havia feito o seu senhor. Decorrido o tempo que o senhor julgou ser mais que sufficiente para concluir o serviço, mandou chamar o servo para lhe fazer entrega do edificio, e lhe prestar as suas contas, quando elle ainda, nem sequer, tinha dado o começo. Vindo muito vexado á presença do seu amo, começou as suas escusas allegando que não tinha dado principio ao trabalho, porque estivera muito occupado com outros serviços muito importantes; porém o senhor lhe respondera dizendo: Esses serviços são importantes, mas não foi para delles cuidar que eu para lá vos enviei. O servo ainda quiz desculpar-se allegando que foi chamado antes do tempo, em que esperava ser chamado; porém o senhor promptamente lhe respondera: Se tivésseis tomado ao serio as minhas ordens, o trabalho já estaria feito. Demais eu vos preveni que não determinava o tempo da prestação do serviço. Chamando um dos seus empregados, lhe ordenou que prendesse o servo negligente, o

carregasse de cadêias, e o lançasse num obscuro e medonho calabouço.

Esse homem rico e senhor poderoso é Deus. O edificio, que nos manda edificar, é a salvação da nossa alma. A planta dada para essa edificação, é o Evangelho. O dinheiro, que para esse trabalho deve ser empregado, são as graças divinas. Os serviços estranhos e perdidos, relativamente a esse importantissimo trabalho, são todas as mundanidades, que tanto preocupam a maior parte dos homens. A chamada para a entrega do trabalho é a morte. A prestação das contas, quanto ao serviço ordenado, é o juízo, que tem logar no momento da morte. O obscuro e medonho calabouço em que é lançado o culpado, é o inferno. O máu servo, que se occupou unicamente de trabalhos estranhos ao que lhe fora por seu senhor encarregado, são todos os catholicos, semelhantes ás cinco virgens loucas, que vão sempre deixando para mais tarde o grande e importantissimo trabalho da salvação, que prefere a todos os outros trabalhos, pois que depende unicamente delle uma felicidade ou uma desgraça eterna.

Quadragesima sexta Instrucção.

A importancia e necessidade de trabalhar para a salvação — Parte primeira.

Ouve-se muitas vezes dizer: Eu não quero perder, mas quero salvar a minha alma. Que quer dizer *perder a alma*, e que quer dizer *salvar a alma*? Aqui no mundo quando se trata de evitar um grande mal e de conseguir um grande bem, ás vezes chega-se a um ponto, em que se tem toda a certeza de conseguir o que se deseja e procura, e então alegres annunciamos: Está salvo; e outras vezes pelo contrario chegamos a um ponto, em que temos toda certeza de não conseguir o que desejamos e procuramos, e então tristes exclamamos: Está perdido. Um medico está curando com muito empenho uma grande enfermidade, e ora chega convencer-se que o doente com certeza sara, e contente diz aos parentes: Está salvo; e ora chega a convencer-se que o doente com certeza morre, e tristemente declara aos parentes dizendo: Está perdido. Durante toda a vida, porque estamos no tempo e temos o uso da liberdade, podemos nos arrepender e ser perdoados; mas no momento da mor-

te acaba-se o tempo e o uso da liberdade. De modo que o que estiver na amizade de Deus, não tendo mais liberdade, não poderá mais peccar, e ficará sempre unido a Deus, livrando-se assim da perdição eterna e conseguindo a felicidade eterna; pelo contrario o que no momento da morte estiver separado de Deus pelo peccado mortal, não tendo mais liberdade, não poderá arrepender-se, e ficará eternamente separado de Deus, perdendo assim uma felicidade eterna, e incorrendo numa desgraça eterna. Eis o que é salvar, e o que é perder a alma. Ora a repetição de actos forma o habito; e este pela continuação torna-se inveterado, e constitue uma segunda natureza. Assim, em regra generalissima, todos os que vivem no peccado, morrem no peccado, e todos os que vivem na graça de Deus, morrem na graça de Deus. Alem disso, uma experiencia quotidiana nos convence que podemos morrer inesperadamente, de um instante para outro. Portanto, os que sinceramente querem salvar a sua alma, devem empregar todos os esforços para sempre viver na amizade de Deus, com a alma isenta de falta grave; e é justamente isto que se chama trabalhar para a salvação. Para animar e encorajar a todos para viverem sempre unidos a Deus e assim salvar a sua alma, vamos demonstrar que esse trabalho é o mais importante, e o unico necessario, de que aqui no mundo devemos nos occupar.

O que Deus tem feito para nos salvar; o empenho que tem o demonio de nos perder; os esforços feitos pelos santos para sempre viverem na amizade de Deus: demonstram evidentemente a summa importancia do trabalho, que devemos empregar para salvar a nossa alma. Aqui no mundo chama-se negocio importante, aquelle em que se trata de evitar um grande mal, e conseguir um grande bem; de evitar uma grande desgraça e conseguir uma grande felicidade. E' negocio importantissimo ganhar uma demanda, vencer um pleito, que versa sobre uma grande fortuna ou uma grande herança. E' negocio importantissimo livrar da morte um excellente pai de numerosa familia. E' negocio importantissimo extinguir em seu começo um incendio que ameaça devorar um predio, que contem generos e artigos de immenso valor. E' negocio importantissimo preservar de um naufragio imminente um barco, que conduz muitos passageiros e mercadorias de grande preço. E' negocio importantissimo preservar uma povoação duma epidemia, ou duma invasão, que tenta devastal-a. São realmente negocios estes todos de summa importancia. Mas toda a importancia desses negocios reduz-se a zero, quando a comparamos com a importancia do santo negocio da nossa salvação. De que trata-

mos quando tratamos de salvar a nossa alma ? Não tratamos de remover um grande mal ; mas um mal immenso, um mal soberano. Não tratamos de conseguir um grande bem ; mas um bem immenso, um bem soberano. Não tratamos de evitar uma desgraça, que tem de durar alguns annos, alguns seculos ; mas uma desgraça, que tem de durar eternamente. Não tratamos de conseguir uma felicidade de milhões de seculos ; mas uma felicidade, de que gosaremos durante toda a eternidade. Tratamos de evitar tormentos esternos, e ao mesmo tempo de conseguir prazeres eternos !

Maior ainda torna-se a importancia desse negocio, porque elle envolve uma suprema collisão, e não admite meio termo, como acontece com os negocios aqui do mundo. Nós podemos não conseguir uma grande fortuna ; mas não é por isso que ficaremos entregues á uma extrema pobreza. Podemos não ter uma saude robustissima ; mas podemos ter a sufficiente para tratar da nossa vida. Podemos não ser sabios ; mas podemos ter a necessaria instrucção para cumprir os nossos deveres. Mas não acontece o mesmo com o negocio da salvação. Quem não consegue a salvação eterna, ha de necessariamente incorrer na condemnação eterna. Quem não tiver de gosar eternamente com Deus no céo, ha de fatalmente soffrer eternamente com os demonios no inferno. Não ha meio termo : ou um ou outro destino eterno.

Ainda cumpre ponderar que nos negocios aqui da terra ha appellação, ha recursos, ha remedio, ha consolo ; porém nada disto encontra-se no importantissimo negocio da nossa salvação. Perdendo a alma, perdeu Deus, perdeu o céo ; e perdeu tudo isto para sempre. Perdendo a alma, ella será infallivelmente entregue a horrendos e eternos tormentos, sem ter mais nenhum recurso, nenhum allivio, nenhum consolo. Devemos portanto tratar deste negocio com toda seriedade e cuidado, de perfeito accordo com a sua summa importancia. Para os negocios do mundo ha toda cautela, prudencia e bom senso. Quem tem dois negocios a tratar, se pode ao mesmo tempo tratar de ambos, trata ; porém trata com mais dedicação do negocio mais importante. Se não pode tratar ao mesmo tempo de ambos os negocios, trata unicamente do mais importante, e abandona o menos importante. Um commerciante que fica doente, tem então dois negocios a tratar : tratar do seu estabelecimento, e tratar da sua saude. Se pode tratar de uma e outra cousa, trata de ambas ; mas trata com muito mais cuidado da sua saude, porque ella vale muito mais que o dinheiro. Se não puder ao mesmo tempo tratar do seu estabelecimento e da sua saude, porque o medico manda retirar-se para outro clima, ou ir fazer uso de aguas medicinaes ; elle deve abando-

nar tudo, e tratar exclusivamente de salvar a sua vida. Nós temos dois negocios a tratar; tratar do nosso corpo e tratar da nossa alma. Se podemos tratar de ambos, tratemos; mas com muitissimo mais cuidado devemos tratar de nossa alma, porque ella vale infinitamente mais que o nosso corpo. Se por acaso não pudermos tratar ao mesmo tempo de ambos; que perca-se o corpo, e tratemos só da alma. Sigamos a este respeito o sabio conselho do grande Santo Ambrosio, que nos recommenda dizendo: Attendei a vós, e não aos vossos bens. Attendei a vós, e não aos vossos prazeres e divertimentos. Attendei a vós: quero dizer-vos que deveis attender de preferencia á salvação da vossa alma, que vale mais que tudo quanto é do mundo, porque é destinada á uma feliz eternidade. Sigamos sobre este ponto tão importante, o conselho do sabio, que tem uma sabedoria infinita. Nosso Senhor Jesus Christo, depois de contar a parábola do rico voluptuoso, e condemnar os cuidados exagerados pelos bens e prazeres terrenos, dá-nos este sapientissimo conselho: Antes de tudo, acima de tudo, de preferencia a tudo, procurai o reino de Deus; procurai a vossa eterna salvação.

Mas, alem de ser o negocio mais importante, procurar a salvação da nossa alma, é o unico negocio necessario, de que durante a nossa vida devemos tratar. Antes de tudo, é preciso não confundir *necessario* com importante, que são cousas, não só distinctas, mas ainda differentes e diversas. Importante é tudo aquillo, que nos pode agradar, e mesmo concorrer para conseguirmos o que desejamos ou precisamos; mas de que podemos perfeitamente prescindir, sem por sua falta soffrermos grandes damnos. Necessario é aquillo, que serve de meio para conseguir se o fim, que se deve conseguir; é aquillo cuja falta nos traz uma grande perda, ou faz-nos soffrer um grande mal. E' importante que uma faca tenha cabo de prata, de ouro; seja cravejada de diamantes. Mas isso não é necessario; o que é necessario é que a faca corte, porque o seu fim é cortar. E' importante que um barco seja espaçoso, bem pintado, tenha boas accommodações. Mas isto não é necessario; o que é necessario é que elle não deixe entrar agua, porque o seu fim é fazer caminhar sobre as aguas sem ser submergido. Todos os seres creados receberam de Deus, seu creador, o devido destino. Qual foi o destino que Deus deu ao homem? A tendencia natural de um ser indica o seu destino. Ora é certissimo que todos os homens, sem excepção de um só, tendem para uma felicidade completa, perfeita, e portanto eterna; este é, pois, o nosso destino. Mas qual será o meio certo, seguro de se conseguir esse destino? O Mestre divino é quem nol-o en-

sina. Em uma occasião, quando Jesus no mundo fazia a sua pregação, um jovem d'elle approximando-se, fez-lhe esta pergunta: Mestre, que devo eu fazer para entrar na vida eterna? Jesus immediatamente lhe respondera: Se quereis entrar na vida eterna, observai os mandamentos. Eis, pois, o meio seguro, indicado por quem conhece tudo, para conseguirmos o nosso destino, que é a vida eterna; eis tambem o trabalho absolutamente necessario, de que devemos todos nos occupar durante toda a nossa vida e até o ultimo momento de nossa vida. Mas, não só é este o meio necessario para se conseguir a vida eterna, porém é ainda o unico meio, não havendo mais nenhum outro. Aqui pode-se chegar ao mesmo ponto percorrendo caminhos diversos; pode-se curar uma mesma enfermidade, empregando varios medicamentos; pode-se formar uma fortuna por differentes processos. Porém para chegar ao céo ha um unico caminho: é a observancia exacta dos mandamentos; é evitar todo peccado grave; é viver na amizade de Deus. Ainda é o mesmo Jesus, quem nos ensinou esta importantissima verdade, quando para censurar as sollicitudes de Martha sobre cousas terrenas, e para louvar o dedicado amor, que então Magdalena lhe consagrava, exclamou dizendo: Uma só cousa é necessaria. *Unum est necessarium*. Segundo esse oraculo divino, não é necessario que sejamos grandes, ricos, sabios, poderosos; mas é unicamente e absolutamente necessario que observemos a lei de Deus, vivamos em sua santa amizade, porque unicamente com isto com certeza iremos, e sem isto com certeza não iremos, gosar duma felicidade eterna no céo.

E ainda mais, sem o cumprimento desta unica condição, que nos é imposta, de nada nos aproveitará conseguir todos os bens e prazeres do mundo. De que vale ao homem, exclama o nosso divino Mestre, ganhar o *mundo inteiro*, se depois vier a perder a sua alma? Nestas duas palavras: *mundo inteiro* está contido tudo quanto o mundo tem e pode dar a todos os seus adéptos. Tudo de nada vale para o que perde a sua alma, porque de nada poderá gosar, e tudo será condemnado a soffrer. E na verdade de que teria servido a Alexandre ter sido tão grande conquistador; a Assuero ter sido tão rico; a Nabuchodonosor ter sido tão temido; a Salomão ter gosado de tantos prazeres, se elles morreram no peccado e perderam a sua alma? Todas as suas glorias, riquezas, grandezas, prazeres, dissolveram-se á beira de seu tumulo; e elles foram ser infinita e eternamente infelizes e desgraçados. Assim tambem que nos aproveitaria de passar toda a nossa vida satisfazendo a todas as tendencias, a todos os desejos sensuaes e criminosos, se depois dessa vida tão curta devessemos ir eternamente soffrer?

Isabel, rainha de Inglaterra, filha de Henrique 8.^o, de quem herdou, com a coroa, todos os degradantes vícios, levou a sua mundanidade e impiedade ao ponto de fazer a Deus o seguinte pedido: Meu Deus, dai-me quarenta annos de reinado e dum reinado pacifico, e podeis depois dar o vosso óéo para quem quizerdes. O seu pedido satânico foi mais que attendido, pois ella pacificamente reinou durante quarenta e quatro annos. Mas, se ella morreu no peccado grave, como tudo nos leva infelizmente a crer, porque ella viveu como herege e mundana até o ultimo momento de sua vida: hoje de que lhe servirá ter, no meio das grandezas, dos prazeres e das riquezas, reinado tantos annos, se a sua alma tem de ser eternamente atormentada? Mas poderão perguntar se é realmente certo que quem morre no peccado, perde a alma, e vai ser atormentado toda a eternidade. E' uma das grandes verdades, que muitas vezes Jesus Christo ensinou em toda a sua pregação; e querendo que essa verdade ficasse indelevelmente gravada na memoria de todos, elle a ensinou praticamente na narrativa que fez sobre o máu rico e o pobre Lazaro. Essa historia não é, como muitos pensam, uma simples parabola; mas, segundo affirmam São Cyrillo e Santo Eutimio, é um facto real, que se deu em Jerusalem. Santo Eutimio diz que esse máu rico chamava-se Nicencio.

Havia, diz Nosso Senhor em seu Evangelho, um homem muito rico, que se vestia de linho, sêda, purpura; que tinha um palacio muito magestoso. Este rico passava todos os dias, cercado de aduladores, comendo e bebendo de tudo quanto havia de mais caro e delicioso. Havia tambem um pobrezinho, chamado Lazaro, que tinha todo o seu corpo coberto de chagas. Em quanto o rico lautamente banqueitava com os seus numerosos amigos, o pobrezinho ahi estava á porta do palacio sentado no chão e ralado de fome. Os cães vinham lamber as suas chagas para alliviar as suas dores; porém o rico, sem compaixão, não lhe mandava para matar a sua fome, nem as migalhas de pão, que cahiam da sua abundante mesa. Passado algum tempo, morreu o pobre Lazaro, e a sua alma foi pelos anjos conduzida ao seio de Abrahão; e morreu tambem o máu rico, e a sua alma foi sepultada no inferno. Do meio das chammas o mau rico avistou Lazaro, radiante de gloria, no seio de Abrahão, e exclamou: Pai Abrahão, pai Abrahão, mandai Lazaro molhar o seu dedo na agua, e vir tocar em minha lingua, porquanto aqui acho-me atormentado no meio destas chammas. Abrahão lhe respondeu: Filho, lembrai-vos que durante a vida gosastes de tantos bens e prazeres; e Lazaro não teve senão soffrimentos. E', pois, muito justo que elle

agora esteja gozando, e vós soffrendo. Além de tudo, ha entre nós e vós um grande abysmo, de modo que os que aqui estão não podem chegar até lá; e os que lá estão, não podem tambem vir até aqui. Então replicou o máu rico dizendo: Mandai Lazaro ao mundo, em casa do meu pai, avisar os meus cinco irmãos, para que não lhes aconteça a mesma desgraça de vir parar neste lugar de tormentos. Abrahão lhe respondeu dizendo que isso era desnecessario, pois tinham Moysés e os prophetas para ensinal-os. Eis a fiel narração, feita por Aquelle que nem se engana, nem pode nos enganar, a qual demonstra á luz de toda evidencia, que todos os que no momento da morte estiverem separados de Deus pelo peccado mortal, serão eternamente atormentados no meio das chammas devoradoras; e pelo contrario os que então estiverem unidos a Deus, irão com elle gosar de uma bema-venturança eterna.

Parte segunda.

Agora cumpre notar que esse máu rico não era um ladrão, nem um assassino, nem um torpe devasso, pois Jesus o não accusa de outro crime, além da sua sensualidade, que o fazia viver esquecido de Deus e preocupado unicamente com o goso dos prazeres mundanos. Elle era perfeitamente semelhante a esses homens, que, sómente porque não commettem os grandes crimes reprovados e punidos pela sociedade, são qualificados de *homens de bem*, *homens honestos*. Elle era unicamente o que são todos esses indifferentes, que, dizendo-se honrados e religiosos, não cumprem com os preceitos divinos; não procuram, nem pela confissão, e nem pela communhão. Convem tambem advertir que esse rico foi para o inferno, não unicamente porque fosse rico; pois lá no céo ha muitos ricos, que ganharam a fortuna com honra e consciencia; que deram ao dinheiro o seu verdadeiro destino; e que enfim foram verdadeiramente religiosos: porém elle se perdeu, porque foi um rico deshumano e cruel, que não tinha compaixão dos pobres; porque foi um rico que só tratava de satisfazer aos seus sentidos, á sua vaidade, á gulodice; porque enfim foi um verdadeiro indifferente relativamente ao cumprimento dos deveres religiosos. Esse pobre, chamado Lazaro, foi para o céo, não unicamente porque fosse pobre, pois lá no inferno ha muitos pobres, que foram pobres unicamente porque foram preguiçosos, vadios; que foram pobres impacientes, sem resignação, que se maldiziam e blasphemavam contra Deus; que foram pobres viciosos, e que não se importavam de cumprir com

os seus deveres religiosos : porém esse pobre salvou-se, porque foi pobre paciente, resignado com a vontade de Deus ; porque foi um pobre religioso, que procurou sempre trazer a sua alma isenta de peccado.

Por tudo quanto fica expellido devemos nos convencer da summa importancia do trabalho, que devemos empregar para salvar a nossa alma ; e de que esse trabalho é o unico absolutamente necessario, de que nos devemos occupar durante toda a nossa vida.

Esse trabalho é pessoal ; deve ser feito por nós mesmos. Quem fica doente, encarrega a um medico de tratar da sua saude ; e o bom ou o máu resultado da cura, não é para o medico, mas para o enfermo. Quem tem uma fazenda de cultura, pode justar um administrador para cultivar-a ; e os productos ou damnos, não são para o administrador, mas para o dono. Quem tem uma causa para tratar, contrata um advogado para defender os seus direitos ; e o feliz ou infeliz successo da acção, não prejudica, nem aproveita ao advogado, mas ao dono da causa. Mas não acontece o mesmo com o trabalho pela nossa salvação : cada um fará tudo por si mesmo. Nós mesmos somos que devemos curar as enfermidades, cultivar o terreno, defender os direitos de nossa alma. Se nos salvarmos, ninguem gozará das recompensas, que nos serão dadas ; se pelo contrario nos perdermos, ninguem por nós soffrerá os castigos, que nos forem impostos. E' por isso que o grande apostolo São Paulo faz-nos este instante pedido : Irmãos, eu vos rogo que trateis do *vosso negocio* ; do negocio que vos é proprio e que particularmente vos pertence.

Podemos perfeitamente conseguir a nossa salvação, seja qual fôr o nosso estado, a nossa profissão, o nosso emprego, a nossa situação, pois as graças divinas são proporcionaes e correspondentes ás necessidades particulares de cada um. Sempre e em toda a parte, correspondendo ás graças divinas, salva-se ; rejeitando as graças divinas ou dellas abusando, perde-se. Judas, vivendo na companhia de Jesus, foi condemnado ; Lot foi salvo no meio das torpezas e infamias de Sodoma. Os pobres ignorantes, incapazes de bem comprehender a importancia da salvação, trabalham com tanta dedicação para salvar-se ; e os que têm mais intelligencia e illustração, e que portanto devem melhor saber quanto lucrarão se forem salvos, em geral vivem completamente distraídos com as suas continuas solicitudes terrenas. Como é sabido, Santo Agostinho, que era muito intelligente e illustrado, em seus primeiros annos, viveu entregue inteiramente aos prazeres mundanos. Feliciano, seu amigo, indo fazer-lhe uma visita, em conversação intima, nar-

rou-lhe as orações, as vigílias, os jejuns, as penitências, que no deserto faziam os solitários do Egypto. Depois de admirado ouvir essa tão edificante narrativa, exhalou um suspiro e exclamou: Os ignorantes trabalham tanto para conquistar o céu; e nós, com toda a nossa intelligencia, illustração e sciencia, permaneceremos sepultados na carne e no sangue? Inmediatamente deliberou tratar seriamente da sua salvação; e a tratou com tanto devotamento, que se tornou um grande santo. Eis um bellissimo exemplo que por nós todos deveria ser imitado.

Porque não faremos para ganhar o céu, pelo menos o que os mundanos fazem para ganhar os bens terrenos? O seu procedimento, embora em si criminoso por causa do objecto, deve nos confundir pela sua dedicação e coragem. Elles para os bens terrenos, trabalham com tanto zelo; e nós, para os bens celestes, trabalhamos com tanta negligencia. Elles não se desanimam diante dos revezes; e nós fugimos diante das primeiras difficuldades. Elles não recuam, nem diante dos maiores perigos; e nós, nos aterramos diante da menor contrariedade. Elles estudam os meios e o modo para serem bem succedidos; e nós, até repellimos os sabios avisos e os acertados e amorosos conselhos. Elles com tanto cuidado procuram providenciar sobre a sua subsistencia no futuro; e nós nada dispomos, nada procuramos enthesourar para a outra vida, que é eterna. Oh! Não nos esqueçamos, nem um só momento, que temos uma unica alma, e que, perdendo essa, não teremos mais outra para salvar.

Luiz 14, rei de França, pediu ao Papa Innocencio XI certas concessões injustas, que, se fossem attendidas, feririam a consciencia do chefe supremo da Igreja. O Papa depois de bem reflectir, mandou dar ao rei esta sapientissima resposta: Magestade, eu muito desejava vos agradar, mas sobre este ponto, se vos agradasse, desagradaria a Deus, e perderia a minha alma. Ficai certissimo que muito peza-me de vos contrariar; e que se tivesse duas almas, sacrificaria uma para satisfazer aos vossos desejos, e guardaria outra para salvar e ganhar o céu. Mas tenho unicamente uma alma, que devo a todo o transe salvar, sob pena de perder o céu, e ir para o inferno. Desculpai-me, pois, de eu não attender ao vosso pedido. Que grande, que profundissima verdade! Temos unicamente uma alma; e essa, para sermos eternamente felizes, e não sermos eternamente desgraçados, devemos salvar, custe o que custar. Entretanto no mundo, infelizmente, trata-se de tudo e de tudo, menos da eterna salvação! Os sabios profanos estudam tanto, e muitissimo se empenham em saber de que e de quantos elementos com-

põem-se o pé de um pato, a pelle de uma rã, a folha de uma arvore; porém não se preocupam em saber como a alma mancha-se e como ella purifica-se; como se pode salvar e como se pode perder a alma. Todos procuram com todo o afan e denodo adquirir riquezas, conquistar honras, conseguir prazeres; mas bem poucos são os que procuram ganhar a felicidade do céu. Passam toda a sua vida a correr atraz dos bens illusorios e transitorios do mundo, e vivem inteiramente esquecidos de adquirir os bens verdadeiros e eternos; e esse trabalho, que não passa de um mero brinquedo de crianças, elles denominan de grandes e importantes negocios. São Bernardo dizia que os brinquedos dos meninos eram sempre chamados brinquedos; e os brinquedos dos grandes eram qualificados de grandes e importantes negocios. *Nugæ puerorum, nugæ vocantur; nugæ majorum, negotia vocantur.*

Havia um casal que tinha um filho, menino muito activo e intelligente, mas muito travesso e desobediente. Um dia a mãe deste menino deu-lhe uma certa quantia de dinheiro, e mandou que elle á toda pressa fosse á pharmacia comprar um remedio, de que ella tinha urgente necessidade. O menino tomou o dinheiro, e sahiu; mas logo que não podia ser mais avistado por sua mãe, começou a brincar. Encontrando-se com um bando de borbolêtas, começou a correr atraz dellas para ver se podia apanhar-as. Nesta correria elle, sem perceber, derrubou o dinheiro. As borboletas esvoaçaram; foram-se embora, sem elle poder apanhar nem uma. Continuando o seu caminho, logo adiante encontrou-se com alguns meninos, que abi estavam brincando em fazer castellos de cartas de baralho. Dobravam as cartas ao cumprido; collocavam-as em pé, uma atraz da outra; e depois de formar uma grande fila, sopravam a primeira, fazendo uma cahir sobre outra, e assim cahirem todas. Depois de algum tempo, os outros meninos dispersando-se, elle proseguiu o seu caminho. Chegando mais adiante, encontrou-se com outros meninos, que estavam brincando em fazer casinhas de barro. Cobriam o pé de barro; e retirando o pé, abriam porta e janellas. Depois de feita, derrubavam a casa para começar a fazer outra. Quando, já á tarde, os meninos se tinham todos retirado, o menino travesso tratou de voltar para a sua casa. A sua mãe estava muito sobresaltada sem saber que fim tinha levado seu filho. Quando o menino foi chegando, sua mãe, vindo enconral-o, immediatamente lhe perguntou: Meu filho trouxestes o remedio, que vos mandei comprar? O menino respondera: Minha mãe está enganada; a senhora não me mandou comprar remedio algum. Menino, eu não vos dei dinheiro para ir á pharmacia comprar um

remedio ? Ah ! respondeu então o menino, quem sabe se eu perdi o dinheiro quando andei correndo atraz das borboletas, ou quando estive fazendo castellos de cartas, ou quando estive brincando em fazer casinhas de barro ! Menino desobediente, exclamou sua mãe, que não toma ao serio as ordens de sua mãe ! menino insensato, que só merece ser severamente castigado !

Esse pai é nosso Deus, nosso tão bom e carinhoso pai. Essa mãe é a santa Igreja, nossa mãe, a quem em tudo devemos obedecer. Esse dinheiro é a graça divina, que tem um valor infinito. Essa pharmacia é a nossa santa religião, que tem medicamentos efficazes e preciosos para curar todos os males de nossa alma. Esse remedio é a salvação, que dá á nossa alma uma vida eterna. Essas borboletas são as honras e grandezas mundanas, que são inteiramente fatuas, nada tendo de realidade. Esses castellos de cartas são as sollicitas e agitadas preoccupações sobre o emprego dos meios para accumular riquezas, que aqui mesmo no mundo são tão facil e frequentemente dissipadas. Essas casinhas de barro são os palacetes, as fazendas, as propriedades e todos os bens mundanos, que, ganhos com tanto trabalho, possuidos com tanto gosto, ficam todos abandonados á beira de um tumulto. Esse menino insensato representa todos os mundanos, que andam correndo atraz das grandezas e honras illusorias, verdadeiras borboletas, que esvoaçam e fogem ; que vivem numa constante agitação, pensando só em fortuna e riquezas, e assim passam toda a sua vida a formar e destruir castellos de cartas ; que vivem dominados pelo ardente desejo de sempre augmentar os seus haveres, os seus terrenos, os seus predios, verdadeiras casinhas de barro, que são inesperadamente reduzidas a nada pelas mãos da morte. Não sejamos insensatos como esse menino, que dava immensa importancia a ninharias, a bagatelas ; e que deixava de cumprir a vontade de sua mãe, que lhe mandava procurar um objecto tão necessario, como para esta vida é um remedio. Obedecendo á nossa tão terna e carinhosa mãe, a santa Igreja Catholica, procuremos com todo cuidado a salvação da nossa alma, remedio divino, que nos preservando duma morte eterna, nos consegue a posse venturosa de uma vida eterna.

Quadragesima setima Instrução.

A demora da conversão — Parte primeira.

Não ha nem um homem sensato, que com seriedade seja capaz de asseverar que quér morrer no peccado, perder a sua alma, e ser eternamente por Deus condemnado; mas ao contrario todos declaram que querem morrer na amizade de Deus e ir para o céo. Entretanto, mesmo entre os que se dizem catholicos, ha muitos que vivem ha tanto tempo afastados do caminho do céo, que, como vimos, é a observancia exacta dos mandamentos. Elles estão convencidos que devem começar uma nova vida, porém vão sempre adiando para mais tarde; e esse mais tarde nunca chega. Os moços consideram a vida como a aurora de um brilhante futuro; os homens maduros cuidam unicamente de empregar a vida para conseguir riquezas, prazeres e grandezas; os velhos só se preoccupam em ver se podem cada vez mais prolongar a vida. Entretanto a vida vai sempre correndo e fugindo, e quando menos esperam estão á borda da sepultura, sem ter tido tempo de reformar a sua vida.

Adiando sempre a sua volta ao cumprimento de seus deveres religiosos, adiam um passo absolutamente necessario, aconselhado pelo proprio bom senso. Todos os homens sensatos, logo que percebem que erraram, procuram corrigir o seu erro. O agricultor, logo que verifica que, por má direcção, a sua cultura não dá o desejado resultado, procura dirigil-a de um outro modo mais conveniente e acertado. O commerciante, logo que descobre que o seu commercio lhe está dando prejuizos, procura verificar a causa, e a remove immediatamente. O viandante, depois de já ter avançado uma distancia, certificando-se que errou o caminho, deve, sem dar mais nem um só passo, retroceder e procurar entrar no verdadeiro caminho. Proceder de um outro modo, é ser inteiramente louco. Ha um proverbio de uma profunda e muito proveitosa sabedoria, que diz o seguinte: Errar, é dos homens; corrigir o erro, é dos anjos; perseverar no erro, é do demonio.

Os catholicos, que vão sempre deixando para mais tarde a sua volta ao serviço de Deus, constituem tres cathogorias: a dos encorrentados, a dos distrahidos e a dos medrosos. A primeira cathogoria é composta de todos os que estão presos, ou á uma sociedade condemnada, como o espiritismo, a maçonaria; ou a um vicio, como o jogo, a em-

briaguez e, na maioria dos casos, a impureza. A segunda cathogoria é composta dos que vivem a delirar com as suas continuas e ferventes preocupações de riquezas ou de grandezas. A terceira cathogoria é composta dos homens honrados que cumprem exactissimamente com seus deveres sociaes, domesticos, particulares; e que até cumprem com todos os seus deveres religiosos, menos a cofissão, da qual, por se ter afastado durante muito tempo, conceberam um grande medo, um tremendo pavor. Elles sabem que devem confessar-se; nutrem mesmo ardentes desejos de confessar-se; promettem confessar-se; porém nunca se animam a dar esse passo tão acertado, obrigatorio, e absolutamente necessario para viver na amizade de Deus, e ir para o céu.

Os encurrentados devem lembrar-se que são livres, e que a liberdade é o nobre e santo distinctivo do ente racional; e portanto devem: quebrar, quanto antes, essas cadeias, que indignamente os escravizam. Os distrahidos devem lembrar-se que de repente pode vir a morte e dissipar todos os seus planos, que não passam de verdadeiros sonhos. Os medrosos devem lembrar-se que estão perdendo todos os merecimentos, que poderiam ter os seus actos, mas que não têm, só porque, pela falta da confissão, estão separados de Deus; e enchendo-se de coragem, devem, sem perda de tempo, ir realizar essa unica condição, que lhes falta, para serem verdadeiros e dedicados filhos de Deus. Para que todos os que estão de boa fé, não vão protelando sempre a sua reconciliação com Deus, demonstraremos que, em regra generalissima, todos os que vão adiando para mais tarde, não se convertem: morrem no peccado grave, perdem a sua alma, e vão ser eternamente infelizes.

Para praticar um acto de virtude é preciso ter vontade energica, pois virtude quer dizer violencia feita a si mesmo; muito mais energia ainda precisa ter a vontade para romper com um vicio. O vicio é como a arvore, que com o percorrer do tempo vai engrossando o seu tronco e aprofundando as suas raizes. Em começo uma pequena arvore poderá ser arrancada, até por um homem fraco; porém, depois de alguns annos, essa mesma arvore não poderá mais ser arrancada, nem mesmo por cem homens robustissimos. O que vai deixando para mais tarde, é semelhante ao que sendo ainda forte, deixasse de arrancar um arbusto, comprometendo-se a arrancar-o mais tarde, quando elle já se achar enfraquecido, e quando o arbusto já tiver formado uma grande arvore.

Para converter-se mais tarde, é preciso contar que mais tarde terá as graças indispensaveis para operar a sua conversão. Nada absolutamente podemos fazer, relativamen-

te á nossa santificação, sem os auxilios da graça divina. Sem esses auxilios o apóstolo S. Paulo assevera que nós nem se quer podemos ter um bom pensamento, que tenha merecimento perante Deus. E' certissimo que Deus, sendo immensamente bom, dá a todos a graça sufficiente para romper com o peccado, e entrar em sua santa amizade; mas se o peccador vai continuamente desprezando essa graça, torna-se indigno de continuar a receber esse precioso e divino beneficio. Pode-se continuar sempre beneficiar ao que continua sempre rejeitando os beneficios? Assim como o fogo necessita do combustivel, a graça divina precisa da nossa cooperação. Desde que o peccador nega a sua cooperação, e despreza a graça, é muito natural que Deus tambem não continue mais a ministrar-lhe os seus poderosos e divinos auxilios. Santo Agostinho e muitos outros Padres da Igreja, fundando-se em asseverações feitas e em factos narrados pela Escripura Santa, sustentam que Deus por algum tempo continúa a dar a sua graça sufficiente ao peccador impenitente; mas que, chegando a um certo ponto de perversidade ou completando um certo numero de peccados, suspende a sua protecção, e deixa o peccador entregue a si mesmo; e então, embora querendo converter-se, o peccador morre no peccado. E' muito justo que aquelle que não quiz converter-se quando podia, não possa quando quizer.

Deus procede para com o peccador, que teima em recusar a sua graça, como o medico procede para com o enfermo, que não quer tomar o remedio, que lhe foi prescripto. O medico, depois de bem examinar o enfermo, formula a sua receita, e faz as devidas recommendações. Se verifica que o doente insiste em não tomar o remedio e em não observar a dieta, o abandona; e o doente, que podia perfeitamente sarar, se fosse regularmente medicado, morre unicamente pela falta de cura. Assim tambem Deus faz tudo quanto é necessario para que o peccador volte á sua amizade; mas se o peccador recusa-se a receber os auxilios, que lhe são offerecidos, e que lhe são indispensaveis, Deus deixa o peccador entregue a si mesmo; e, mesmo que depois queira, não poderá converter-se, e morrerá no seu peccado. Mas supponhamos que por um supremo extremo de bondade Deus continuasse sempre a dar ao peccador impenitente a sua graça. Nem mesmo neste caso, que não se ha de dar, o peccador se converteria; porque, tendo-se augmentado o numero de seus peccados, a violencia de seus vicios e o furor de suas paixões, não bastaria mas uma graça ordinaria, mas seria absolutamente necessaria uma graça extraordinaria. Ora uma graça extraordinaria constitue um grande milagre,

que Deus por certo não ha de operar em favor de um ingrato, que por tanto tempo persistiu em desprezar os seus convites e os seus conselhos.

Para o peccador converter-se mais tarde, alem de uma vontade energica e de uma graça extraordinaria, que, como demonstramos, elle não terá, é preciso que com toda certeza elle chegue até esse tempo mais tarde. Ora não ha nada que seja mais incerto que o tempo. Talvez vivamos ainda mais vinte annos; porém tambem talvez não vivamos vinte dias, nem vinte horas, nem vinte minutos, nem mesmo vinte segundos. Todas estas probabilidades são perfeitamente iguaes, pois com certeza ninguem pode contar nem com mais um minuto de vida. Como, pois, fazer depender de um acontecimento tão incerto uma felicidade eterna e uma desgraça eterna, tendo meio seguro de antes obter uma garantia de evitar a desgraça, e conseguir a felicidade? Na duvida ninguem continua habitar em uma casa, que ameaça ruina; nem dorme em um quarto, em que se julga estar uma serpente venenosa; nem passa só e desprevenido por um lugar, em que consta estar um assassino o esperando para matar; nem bébe um licôr, que parece estar envenenado. Então tanto cuidado, tanta segurança para evitar a morte do corpo, e tanta ousadia e temeridade quando se trata de evitar a morte eterna da alma! Mas dizem: Eu sou moço, sadio, robusto; posso ainda viver muitos annos. Que grande illusão! Ha certas enfermidades, que de preferencia procuram roubar a vida aos moços e aos mais fortes. Tambem os moços e fortes estão mais expostos e sujeitos aos perigos e desastres, porque são mais animosos, imprudentes e audaciosos. Quantos mais moços e mais fortes, do que nós, não temos conhecido e que já foram arrebatados pela morte? Os que dão dinheiro emprestado, mesmo a moços robustos, não deixam de exigir delles um titulo, allegando que todos são mortaes. Como, pois, ter toda segurança da continuação da vida dos moços e robustos, quando é necessario garantir a posse de uma riqueza eterna? O que é avisado de ter o ladrão arrombado a gaveta e levado todo seu dinheiro, seria um touco, se dissesse: No anno seguinte irei procural-o para tomar o meu dinheiro. Aquelle, a quem se vem contar que pegou fogo em sua casa, seria um louco se dissesse: Nestes dois annos eu tratarei de extinguir o incendio. Aquelle a quem um bom medico, depois de acurado exame, declarasse que é absolutamente necessario já e já tomar remedio, para poder evitar a morte, seria louco, se dissesse: Daqui a um anno com toda a certeza começarei a medicar-me. Pois bem. O peccado é um ladrão que rouba todos os merecimentos das nossas acções; como deixar pa-

ra mais tarde a confissão, que é unico meio de reconquistar esses preciosos merecimentos? O peccado é um fogo, que procura incendiar a nossa alma; como deixar para mais tarde a confissão, cuja graça é a unica agua, que pode extinguir esse incendio? O peccado é uma enfermidade, que tira a vida á nossa alma; como deixar para mais tarde a confissão, que é o unico remedio, que pode sanar perfeitamente essa damnosa e mortal enfermidade?

Deixando para mais tarde, é porque com certeza contam com o tempo; porém o tempo não nos pertence. O passado já se foi; o presente é este instante, que separa o passado do futuro; e o futuro pertence exclusivamente a Deus. Se estão convencidos, que podem continuar no peccado, porque Deus dará o tempo conveniente para arrepende-se, enganam-se redondamente. Isaias (cap. 30, ver. 18) diz que Deus espera o peccador para que elle se converta; mas vindo que o tempo que lhe deu para arrepende-se, torna-se por sua culpa uma occasião para elle augmentar as offensas, então não mais o espera, e pelo contrario o castiga como elle merece. No livro dos Proverbios no cap. 29, ver. 1 nós vemos que para o homem que despreza os avisos de Deus, virá uma morte inesperada, que não lhe dará tempo necessario para remediar á sua ruina eterna. São João Chrysostomo diz que os que por muito tempo foram tolerados, muitas vezes, por castigo, são arrebatados por uma morte repentina, para que não tenham tempo de arrepende-se antes de morrer. O grande Santo Agostinho exhorta deste modo os peccadores que vão sempre para mais tarde adiando a sua conversão: O' homens, porque differis de dia em dia a vossa conversão? Talvez hoje mesmo tereis o vosso ultimo dia. Aquelle que prometteu o perdão ao arrependido, não lhe prometteu o dia de amanhã para arrepende-se. O proprio Jesus Christo, que é a verdade eterna, avisa os peccadores, que loucamente vão sempre protelando a realisação de sua conversão. Estai preparados, nos diz elle, porque no dia e na hora, em que menos pensardes, eu vos chamarei para prestar vossas contas.

Os que vão sempre adiando, com certeza irão até o momento da morte no peccado, e até ha alguns, que francamente declaram que, quando chegar o ultimo momento, farão uma boa confissão; e serão salvos, porque uma boa confissão perdoa tudo. Não resta a menor duvida que uma boa confissão perdoa milhões de milhões de peccados, por mais graves que sejam; porém tambem é certo que os que deixam para confessar-se nos seus ultimos momentos, não farão nenhuma confissão, e ainda muito menos farão boa confissão. Ah! estão ós factos de todos os dias e lugares

para cabalmente demonstrar esta tristíssima verdade. Os que não se confessam durante a vida, por ocasião de grave enfermidade não fallam em confissão, nem mesmo gostam que se lhes falle sobre esse respeito; elles se preocupam unicamente com os meios de recuperar a saúde, e quasi sempre morrem com esperanças de sarar. Os parentes, além de não fallarem, não consentem que outros lembrem ao enfermo a necessidade da confissão; e o maldito pretexto é que a lembrança da confissão assusta o doente, e pode agravar os seus encommodos. A junta medica não espanta, nem o apparatus de ferros para fazer uma operação; só espanta a presença do sacerdote, que vem curar a alma. Pelo que ou o doente morre sem ouvir nem fallar de confissão; ou a familia manda nos ultimos momentos chamar o sacerdote, que ainda ficará na sala de visita, se o doente não estiver sem sentidos e sem uso de razão. No estado comatoso é que entra o sacerdote unicamente para absolver conditionalmente e ungir ás pressas, não mais um enfermo, mas um simples ou quasi simples cadaver! Mandam noticiar pelos jornaes que morreu, tendo *recebido os ultimos sacramentos*. Todas as vezes que lerem que o fallecido recebeu os ultimos sacramentos, fiquem sabendo que elle foi absolvido e ungi-do quando já tinha morrido, ou pelo menos quando já estava acabando de morrer.

Logo depois da morte com os prantos começam os preparativos para o funeral: Coroas de saudades, caixão riquíssimo, grande tumulo no cemiterio, immenso acompanhamento de carros e automoveis. Depois de tanto e tão satanico despreso á alma, tantas zumbaias a titulo de homenagens ao corpo, que vai á sepultura apodrecer e reduzir-se a cinzas. Os parentes todos cobrem-se de pesado luto. Vão á missa do setimo dia; e ahí representam a scena comica de choros, gritarias, vertigens, para demonstrar o *immenso e devotado amor*, que consagravam ao morto. Prantos e lamentos de crocodilos! Não tiveram compaixão da pobre alma deixando-a morrer sem o preparo necessario, para comparecer pura diante de Deus e assim poder ser eternamente feliz; e ainda atrevem-se apresentar como quem lhe tinha uma pura e santa amizade! Pobre alma! Lá no meio de seus cruciantes tormentos ha de amaldiçoar os amigos e parentes que tanto concorreram para a sua eterna perdição; que choram e cobrem-se de luto, só para fingirem que lhe tinham amizade.

Agora vamos suppor que fallam em confissão ao doente, e elle acceita; que vem o sacerdote e o encontra com vida, e no pleno uso de suas faculdades e de seus sentidos, e faz a sua confissão. A sua confissão será boa? Será elle salvo?

Primeiramente façamos uma distincção entre morte boa e morte bella. Um catholico pratico, que frequentemente confessava, e portanto vivia na amizade de Deus, morre repentinamente, sem ter recebido os sacramentos: não teve uma morte bella, mas teve uma boa morte, porque, morrendo com a consciencia isenta de peccado, salvou-se e foi ser eternamente feliz. Um desses catholicos de rotulo, que durante toda a sua vida não procuram pela confissão e pela communhão, ficando doente, á ultima hora recebe os sacramentos, mas sem as devidas disposições, e assim expira com a consciencia manchada de faltas graves: fêz uma morte bella, porem não fêz uma boa morte, porque perdeu-se e foi ser eternamente infeliz. Vejamos o que pensam os competentes sobre essas reconciliações com Deus, reservadas para os ultimos momentos da vida. O grande Santo Agostinho, fallando sobre os que apparatusamente recebem os sacramentos nos ultimos momentos, depois de ter passado toda a vida no peccado, diz: Essa reconciliação é tão moribunda como o proprio moribundo, que se reconcilia. Esse arrependimento é forçado, pois o arrependido só resolveu-se a deixar o peccado, quando convenceu-se que não poderia mais peccar. E' todo natural e humano, porque lamenta o peccado, não porque elle desagrada a Deus, mas unicamente pelo temor que tem de soffrer no inferno. *Ardere metuunt, peccare non metuunt*. A prova, que nessas confissões não ha verdadeiro arrependimento é que, se por acaso o doente sara, volta immediatamente á sua antiga vida peccaminosa. A prova que o enfermo não reconciliou-se com Deus, é que, depois de receber os sacramentos com signaes exteriores de contrição, dias depois, ou morre mudo, opprimido pelos remorsos sem uma só vêz pronunciar o doce e santo nome de Jesus e o de Maria; ou morre, desesperado, esbravejando, imprecando, blasphemando contra si e ás vezes contra o proprio Deus. E' com muita razão que Santo Agostinho diz que se pudessemos penetrar no intimo da alma do moribundo, essa morte que nos parece boa, é na realidade pessima. *Oh! Si intus videres, quæ mors tibi bona videtur, pessima est*. São Jeronimo, quando já achava-se em seu leito de dores e preparado para bem morrer, sendo consultado sobre essas conversões improvisadas na hora da morte, deu a seguinte resposta: Tenho cincoenta annos de sacerdocio; e porisso tenho sobre esse ponto uma longa experiencia. Estou prestes a comparecer diante de Deus; e por isso devo com franqueza dizer a verdade. No meu pensar de mil que no momento da morte parecem ter-se verdadeiramente convertido, apenas um será salvo. São Vicente Ferrer chegava a asseverar que era menor milagre um mor-

to resuscilar, que passar toda a vida no peccado, e na hora da morte sinceramente arrepender-se e ser salvo.

Parte segunda.

Mas em que fundam-se os que continuam no peccado e esperam salvar-se? Pensam talvez que Deus ha de sempre esperal-os. Mas se assim fosse, não haveria nenhum condemnado; e a crença no dogma do inferno seria uma verdadeira burla. Confiam com certeza na misericordia divina; mas essa esperança unida á continuação no peccado é, segundo o Patriarcha Job, uma verdadeira abominação aos olhos de Deus. No livro do Ecclesiastes nós encontramos este sapientissimo aviso: Não digais que a misericordia de Deus é grande, e elle ha de compadecer-se da multidão dos meus peccados; porque a misericordia e a ira estão na sua essencia muito perto uma da outra; e elle olha para os peccadores em sua ira. Santo Agostinho tambem nos lembra que a misericordia de Deus é muito grande, mas que se abusarmos de sua paciencia, ella será para nós um motivo de perdição. Na verdade a misericordia de Deus é infinita, mas para com os peccadores arrependidos; e ella tem e nem pôde deixar de ter um termo, um limite para os que desprezam todos os meios empregados por Deus para chamal-os á sua santa amizade. Para que a esse respeito sejam completamente dissipadas todas as duvidas, ouçamos o que nos diz o proprio Deus no Livro dos Proverbios.

Eu vos chamei, e vós não me quizestes ouvir. Eu me approximei de vós, e vós fugistes para bem longe de mim. Eu vos extendi os meus braços, e vós me virastes as costas. Pois bem. No momento de vossa morte, vós me chamareis, e eu não vos hei de ouvir. Vós vos approximareis de mim e eu fugirei para bem longe de vós. Vós me extendereis os braços, e eu vos virarei as minhas costas. Durante a vida desprezastes os meus conselhos; zombastes das minhas ameaças; tambem no momento de vossa morte eu zombar-me-ei de vós, e vós morrereis no vosso peccado. *In peccato vestro, moriemini.*

Aos que, para continuar no peccado, allegam como pretexto que a confissão é um acto muito serio, e deve ser feita com calma, offerecemos a narrativa do seguinte factó: Archias commandante de Thebas, um dia, á noite recebeu uma carta urgente e reservada, na qual se lhe communicava que Pelopidas estava formando uma conspiração contra elle; e, não obstante o portador da carta lhe ter dito que

tratava-se de um negocio muito serio, elle atirou a carta sobre a mesa, e differiu a sua leitura para o dia seguinte. dizendo: Para amanhã os negocios serios. Imediatamente sahiu, e foi assistir um divertimento. A' meia noite Pelopidas entrou com o seu grande exercito, e tomou de assalto a cidade, e entre os cadaveres dos muitos que morreram, foi encontrado o de Archias. Uma semelhante surpresa podem soffrer os que vão adiando para mais tarde a sua conversão. Se a confissão é negocio serio, deve ser realizada sem perda de tempo; porque a menor demora pode acarretar uma perda eterna. Lembrem-se do que dizia Santo Agostinho: «Se amanhã, porque não hoje? Deus que vos dá o dia de hoje, não vos prometeu de dar o dia de amanhã. Hoje ainda é tempo; amanhã já poderá ser muito tarde».

Aos que, por causa da lembrança dos seus numerosos e enormes crimes, não se animam a voltar a Deus, offerecemos a narrativa do seguinte factó: David, não o rei Propheta, mas o chefe de uma grande quadrilha de ladrões e assassinos, residente na Thebaida, muito arrependido de sua vida peccaminosa e perfeitamente disposto a fazer penitencia, foi pedir ao abbade de um convento para fazer a sua profissão; e este não querendo recebê-lo por causa de sua avançada idade, elle prometeu sujeitar-se a tudo. Como o abbade insistisse em recusar o seu pedido, elle lhe declarou que se o seu pedido não fosse attendido, viria com todos os seus companheiros, mataria todos os frades e poria fogo no convento. Em vista dessa sua tremenda ameaça, foi admittido; e desde os primeiros dias já entregou-se ás mais austeras penitencias. Depois de bem pouco tempo o velho David era o perfeito modelo de todos os religiosos. Passados alguns annos, um anjo veio segredar aos seus ouvidos. dizendo-lhe: David, tudo já esta perdoado. Elle respondeu: Não creio, porque muito pequei. Então o anjo lhe disse: Para que acrediteis em minha asseveração, feita a mandado de Deus, permaneceris mudo até o momento da morte; e só podereis fallar, para no choro cantardes os louvores de Deus. Assim aconteceu. David, que desde então tornou-se completamente mudo, quando entrava no choro para cantar o officio, recuperava a falla. Morreu como um grande santo, depois de ter sido um grande perverso. Para os que docilmente attendem aos amorosos convites de Deus, a sua misericordia não tem limites; é infinita.

Aos que acreditam nas falsas e seductoras promessas do mundo, e por isso não procuram reconciliar-se com Deus. offerecemos a narrativa do seguinte factó. Quando Santo Ignacio de Loyola, depois de convertido, foi a Pariz tratar dos

interesses da grande ordem, que tinha fundado, elle em uma praça publica encontrou um moço, bem parecido, bem trajado, que chamou a sua attenção, captivou a sua sympathia. Approximando-se desse moço, entrou com elle em amistosa conversação. Perguntando-lhe o seu nome, elle disse-lhe que chamava-se Francisco. Qual é a sua occupação? O moço respondeu-lhe: Estou estudando para ser advogado. E depois que tiver a sua carta? Abro o meu escriptorio de advocacia. E depois de aberto o seu escriptorio? Procuvo conseguir uma numerosa e boa clientéla. E depois dessa desejada clientéla? Formo uma grande fortuna. E depois dessa grande fortuna? Caso-me com uma moça muito prendada. E depois da fortuna e do casamento? Levarei uma vida deleitosa. E depois dessa vida deleitosa? O moço, que mostrou ser um grande vaidoso, calou-se, e não proferiu mais nem uma palavra. Então Santo Ignacio tomou um aspecto muito serio e exclamou: Francisco, tomai cuidado, porque senão o mundo vos illude e vos perde. Francisco, o mundo é traidor. Elle promette, e não dá a ninguem o que promette. Quando mesmo elle desse, o que elle dá, não satisfaz aos desejos do nosso coração. Quando elle desse, e satisfizesse, o que elle pode dar é transitorio e só acompanha os seus adeptos até a beira do tumulo. Francisco, o maior rico do mundo, quando morre, não leva comsigo, nem uma moéda de cobre; e o mais magestoso monarcha, quando morre, não leva comsigo, nem um fio de sêda e de purpura. Tomai portanto todo cuidado e logo; porque diversamente o mundo vos atraiçoa e vos perde. O moço vaidoso entrou em si, reflectiu bem; e resolveu acompanhar Santo Ignacio, abandonando os seus estudos. Logo depois esse moço professou nessa ordem, chamada dos Jesuitas, que é pelos mundanos a mais perseguida, de todas pelo muito bem que tem feito e procura sempre fazer á nossa santa religião.

Querem saber quem é esse moço vaidoso? E' o grande São Francisco Xavier, o conquistador das Indias, que ganhou para Jesus cincoenta e tantos reinos; e que pelas suas proprias mãos baptisou um milhão e cem mil idolatras. Não nos deixemos enganar pelo mundo. Elle não quer e nem pode fazer a nossa felicidade. Voltemos a Deus; vivamos em sua amizade, e seremos eternamente felizes.

Quadragesima oitava Instrucção.

As incertezas e as certezas da morte.

O Espirito Santo nos aconselha que procuremos sempre lembrar-nos da morte, e nos assegura que essa lembrança nos preservará de cahir no peccado. Platão, embora pagão, tambem reconhecia a grande vantagem que podemos ter, lembrando nos sempre da morte. Esse grande sabio da antiguidade dizia: A verdadeira philosophia é a meditação sobre a morte. Nós, quando peccamos, procuramos satisfazer aos nossos criminosos desejos de grandezas, de riquezas e de prazeres. A lembrança da morte, nos convencendo que as grandezas, as riquezas e os prazeres terrenos, são vãos, transitorios e illusorios, dissipa esses desejos, que são a causa do peccado. Os factos eloquentemente demonstram quanto a lembrança da morte concorre para se evitar o peccado. Os verdadeiros catholicos, as pessoas piedosas, porque meditam sobre a morte e até mesmo vivem sempre preparados e dispostos para morrer, aborrecem o peccado, fazem-lhe guerra de morte: pelo contrario os mundanos, porque vivem completamente esquecidos que hão de morrer, e nem querem que se lhes falle da morte, passam toda a sua vida tranquillamente no peccado. Para que os mundanos comecem, e os verdadeiros catholicos continuem a detestar o peccado, façamos proveitosas considerações sobre a morte.

A morte tem suas incertezas e suas certezas. É inteiramente incerto o lugar, em que havemos de morrer. Podemos morrer em nossa casa, em casa estranha, no povoado, no matto, em viagem, num passeio, num divertimento. A circumstancia do lugar de nossa morte é uma verdadeira incerteza. São tambem incertas as condições, em que temos de morrer. Morreremos de uma longa enfermidade, ou repentinamente? Morreremos de uma enfermidade natural ou de um desastre? Morreremos rodeados dos nossos parentes e amigos, ou completamente abandonados? A nossa agonia será lenta ou rapida? Morreremos ou não em nosso juizo? Receberemos ou não os sacramentos? *São para nós outros tantos mysterios...* Porém o que ainda é mais incerto, é o tempo, em que havemos de morrer. Não podemos saber o anno, muito menos o dia, e ainda menos a hora e o momento, em que teremos de perder a vida. Muitos que pensam ainda ter muitos annos de vida, estão na vespera da morte. Quantos não são surprehendidos no lugar e no instante, em que nem

de leve poderiam pensar? Muitos estão formando os seus planos, edificando os seus castellos, quando a morte vai aproximando-se para arrebatá-los para outra vida. O fazendeiro, o agricultor já está calculando quanto ha de colher, e quanto ha de produzir em dinheiro a sua colheita, e muito antes da colheita vão comparecer diante de Deus. O commerciante está dispondo se para no fim do anno dar o seu balanço, e verificar os seus grandes lucros; mas antes do fim do anno vem o fim de sua vida. O moço, que frequenta uma escola, uma academia, está ansioso para na terminação desse anno lectivo receber o seu diploma, e já está ideando uma brilhante carreira no desempenho de sua profissão; antes de chegar o dia ardentemente desejado, a morte vem dissipar todas as suas fagueiras illusões. Aquelle jovem contratou o seu casamento, e jubiloso prepara-se para o dia do seu venturoso enlace; porém vem a morte embargar a realização do seu contracto, e morre noivo, sem chegar a ser esposo.

A historia faz menção de muitos personagens importantissimos, que morreram ao começar uma nova phase em sua vida. Ladislau, rei da Hungria, tinha contratado o seu casamento. Estava marcado o dia; e já estavam preparando o palacio para a grande festa. A capital estava em grande movimento festivo, e repleta dos personagens, que tinham vindo assistir o grande festejo. Na vespera do casamento, quando tudo já estava riquissimamente preparado, o rei tem uma syncope, que lhe roubou a vida. Pio III foi eleito Papa. Estava organisando o seu plano de governo, e escolhendo os seus auxiliares, quando apenas 26 dias depois da eleição foi surprehendido pela morte. Estevão II foi eleito Papa. Estavam preparando a imponente cerimonia da exaltação, e Roma estava em plena alegria, quando no terceiro dia, depois da sua eleição, o novo Papa tem uma congestão cerebral, que o fez cahir morto. As galas trocaram-se immediatamente pelo luto: as alegrias pelos prantos. Sendo assim, como de facto é, como poderemos viver esquecidos da morte? Como aquelle que tem fé, e tem razão, poderá dormir socegradamente no peccado? E' para todos os verdadeiros catholicos viver preparados para a qualquer momento ir prestar suas contas a Deus. E' para o que tem de que dispor, fazer com a devida antecedencia tudo quanto deseja e deve fazer antes de morrer.

Vejamos agora o que a morte tem de certo. E' certissimo que todos nós havemos de morrer. Os incredulos animam-se a negar todos os dogmas da nossa santa religião, mesmo aquelles que são evidentissimamente comprovados; porém, ainda não tiveram a coragem de negar a certeza da morte, porque, se o fizessem, seriam por todos considerados como verdadeiros loucos. O homem foi creado para nunca

morrer; e só pela sua desobediencia a Deus, é que tornou-se mortal. A morte é, pois, um castigo, imposto ao peccado. A sentença de morte foi lavrada no paraizo terrestre contra o primeiro culpado e contra todos os seus descendentes; e depois de seis mil annos ella tem sido cumprida com a mais inexhoravel exactidão. Depois dum tão longo espaço de tempo até hoje ainda ninguem foi dispensado de soffrer essa pena. Não ha sabedoria, não ha força, não ha recursos, que possam evitar ou neutralisar os golpes tremendos da morte.

E o que é ainda certo, é que nós vamos constantemente morrendo. São Paulo dizia: Eu morro todos os dias. *Quotidie morior*. Estamos trabalhando? Estamos caminhando para a morte. Estamos passeando e nos divertindo? Estamos caminhando para a morte. Estamos dormindo? Estamos caminhando para a morte. Santo Ambrosio dizia: Vós dormis, mas o vosso somno não dorme; e emquanto vós dormis, elle vós impelle para o tumulo. De modo que todos os dias, quando nos levantamos, estamos muito mais perto de nossa sepultura, do que no dia anterior á noite, quando nos deitamos. Uma occasião Xerxes, rei da Persia, achando-se sobre o cimo de uma elevada montanha, avistou em baixo, numa grande planicie, um numerosissimo exercito, que ahi estava acampado; e então lembrando-se de que, depois de alguns annos, de todo esse grande exercito não haveria mais nem um só soldado com vida, disparou a chorar. Se pudessemos collocar-nos em um ponto tão elevado, do qual pudessemos avistar todos os homens que presentemente existem no-mundo, deveriamos tambem chorar, lembrando-nos que depois cento e trinta annos com toda a certeza mais nem um delles pertencerá ao numero dos vivos. Outros virão residir nas cidades, em que os actuaes residem; habitar nas casas, em que os actuaes habitam; passear pelas ruas, pelas quaes os actuaes passeiam; assistir os divertimentos, que os actuaes assistem; exercer os cargos, as profissões os empregos, que os actuaes exercem; assistir as ceremonias religiosas, que os actuaes assistem; e todos os que presentemente existem já terão desaparecido da face da terra. Dos corpos de todos apenas restarão cinzas; e todas as almas onde estarão? Estarão no lugar merecido pelas suas acções. Como, pois, viver inteiramente entretido com o que diz respeito unicamente á esta vida, que bem depressa e com toda certeza havemos de deixar? Porque não havemos de nos preparar para essa mudança para uma morada, onde definitivamente e para sempre ficaremos residindo?

O que ainda é certo, é que deixaremos tudo, e nada, de tudo quanto aqui nos tem tanto preoccupado, levaremos connosco. Seremos completamente despojados de tudo. O

imperador Severo, de soldado num momento foi elevado ao throno de Cezar, e no momento da morte exclamou: Eu tenho sido tudo e tenho visto que tudo de nada vale. O Marechal de Luxemburgo, depois de ter tão brilhantemente representado no scenario do mundo, enfermo quando achou-se em leito de agonia, reconheceu a vaidade de todos os seus triumphos e de todos os seus trophéos, e tristemente exclamou: Agora eu preferiria mil vezes a todas as brilhantes victorias, que tenho alcançado, o merecimento de um copo d'agua, dado ao pobre, em nome de Jesus. Saladino, sultão do Egypto, achava-se gravemente enfermo em Damasco. Quando elle convenceu-se que ia mesmo logo morrer, mandou que um porta-estandarte puzesse na ponta de uma lança uma mortalha, e percorresse todas as ruas da cidade bradando: Eis unicamente o que Saladino, o grande heróe, vencedor de todo o Oriente, leva comsigo de todas as suas brilhantes victorias! Alexandre, o grande conquistador, depois de ter feito muitas conquistas, e de ter immensamente extendido os limites de seus vastissimos dominios, declarou que muito sentia não poder ter, como seu imperio, o mundo inteiro para assim governar todos os homens e ser o unico soberano na terra. Conta-se que, quando iam collocar o seu corpo na sepultura, um pobre campones, que estava presente, disse alto e rindo-se: Muito bem. Até hoje o mundo inteiro não lhe bastava; agora bastam-lhe sete palmos de terra.

Deixaremos no momento da morte, não sómente todos os nossos haveres, mas ainda deixaremos o nosso corpo, por nós tão acariciado, e que se irá decompor num tumulo. Se com toda attenção contemplessemos o horrendo estado, em que se acha um corpo em decomposição, e seriamente pensassemos que, depois alguns annos, essa é a triste sorte que aguarda o nosso corpo, desprender-nos-iamos de tudo quanto é decantado pelo mundo, que tanto esforça-se para nos seduzir. São Silvestre, abbade, contemplando attentamente um cadaver, que se collocava no tumulo, exclamou: Elle foi o que eu sou; e daqui mais algum tempo, eu serei o que elle é agora. Tomou então a resolução de entregar-se inteiramente ao serviço de Deus, e tornou-se um grande santo. Um moço libertino; porque tinha morrido a sua amante, chorava e blasphemava, em vêz de servir-se dessa morte como um motivo para voltar á amizade de Deus. São Gregorio, o grande, conduziu esse moço ao cemiterio; e ahi mandando abrir a sepultura de sua amante, mostrou-lhe o fétido e horrendo cadaver, e exclamou: Eis a face, os labios, o nariz, os olhos que tanto vos encantavam! Eis tambem o triste estado, a que depois de bem pouco tempo tambem ficará o

vosso corpo reduzido. O moço libertino ficou muito impressionado, e converteu-se, e tornou-se verdadeiro devoto. Francisco de Borgia era duque de Gandia e grande na Hespanha; tinha diante de si um brilhantissimo futuro, segundo o mundo. Elle foi encarregado de acompanhar o cadaver da formosa Izabel, esposa do rei Carlos 5.^o, de Toledo, onde tinha fallecido, até Granada, onde ia ser sepultado; e devia attestar o fallecimento da rainha. Quando, antes de sepultar, abriram o caixão para elle verificar o fallecimento, horrorisado exclamou: Este é o corpo da grande soberana! Esta é a face, e estes são os labios e os olhos daquella formosissima Izabel! Desde então deixou todas as pompas e grandezas mundanas, e entregou-se inteiramente á uma vida piedosa e penitente; e mais tarde, fallecendo a sua mulher, elle entrou na ordem dos Jesuitas, e tornou-se um grande santo.

Ainda é certo que como se vive, assim se morre. A vida é um drama; a morte é o seu desfecho. Santo Agostinho dizia: Tal vida, tal morte. A continuação dos mesmos actos forma um habito; e este, depois de algum tempo, torna-se inveterado, e constitue uma segunda natureza. De modo que, em regra generalissima, quem vive no peccado, morre no peccado; e quem vive na amizade de Deus, morre na amizade de Deus. A este respeito a sagrada Escripura nos offerece uma imagem muito expressiva. Ella compara a nossa alma com uma arvore e a morte com um machado. Diz que quando corta-se uma arvore, ella cai ao lado, para que está pendente. Se está pendente para a direita, cai ao lado direito; e se está pendente para a esquerda, cai para o lado esquerdo. Assim se no momento da morte a alma está na amizade de Deus, morre na amizade de Deus; e se está no peccado, morre no peccado. Como, pois, um catholico, que acredita que, depois desta vida transitoria, ha uma vida eternamente feliz e uma vida eternamente desgraçada; e que tem certeza que como se vive, assim se morre, pode sem remorsos passar dias e dias no peccado? Como pode elle dormir tranquillamente nesse tristissimo estado de separação de Deus, podendo elle acordar numa eternidade desgraçada!

O que é emfim certissimo é que a morte fixa a situação de nossa alma em relação a Deus; torna o seu estado imutavel. Se no momento da morte ella estiver na graça, na amizade de Deus, ficará sempre na graça e na amizade de Deus; mas se no momento da morte ella estiver no peccado e porisso separada de Deus, ficará sempre no peccado e sempre separada de Deus. Verdade inconcussa e tremenda, que deveria ficar perfeitamente gravada na lembrança de todos!

Em quanto estamos na vida, estamos no tempo, onde, havendo successão, pode haver mudança; temos o uso da liberdade, e por isso podemos modificar a nossa conducta. Porém, terminando-se a vida, para nós não haverá mais tempo, e portanto não haverá também mais mudança; e terminando-se com a vida o tempo de prova, para nós não haverá mais liberdade. E assim o justo, não podendo mais peccar, não poderá também mais apartar-se de Deus; e o peccador, não podendo mais arrepender-se, não poderá também mais unir-se a Deus. Esta importantissima verdade se acha exarada em muitos lugares da Escriptura Santa. Ella faz a respeito a comparação da alma com a arvore. A arvore, diz ella, permanece sempre, sem fazer mudança, no mesmo lugar, em que cae. Se cae á esquerda, fica sempre á esquerda; se cae á direita, fica sempre á direita. Assim acontece á nossa alma. Se morre na graça divina, cae á direita, e ahi permanece sempre; se morre no peccado, cae á esquerda, e ahi também permanece sempre. São Paulo nos aconselha a aproveitar bem o tempo da nossa vida, dizendo: Em quanto temos tempo, procuremos fazer o bem. Jesus Christo, comparando o momento da morte com o começo da noite, diz que quando vem a noite, ninguem mais pode trabalhar. O propheta Jeremias diz que no momento da morte os peccadores hão de lamentar a sua sorte exclamando: Passou-se o tempo da ceifa; findou-se o estio da vida; e nós não nos salvamos! *Transiit messis; finita est aestas; et nós salvati non sumus.* Oh! Quantos já não tem feito esta tristissima lamentação.

Volnej, ministro do rei Henrique 8.^o, passou toda a sua vida occupado unicamente com os grandes e numerosos affazeres do seu ministerio profano, e completamente esquecido do importantissimo trabalho necessario para a salvação de sua alma. No momento da morte, lembrando-se de que não tinha mais tempo para reparar o seu grande erro, triste e continuamente exclamava: Escrevi resmas e resmas de papel para defender e promover os interesses do rei da terra, e não escrevi nem uma linha, nem uma letra, para defender e promover os interesses sagrados do rei do céu! Se eu tivesse feito para o rei do céu, o que fiz para o rei da terra, aquelle por certo não ter-me-ia ingratamente abandonado, como este me tem feito.

Um ministro de Felipe 2.^o rei da Hespanha, também durante toda a sua longa vida só trabalhou para bem desempenhar os innumerados e penosos deveres de secretario do rei, e para beneficiar a sua familia. No momento da morte, lembrando-se de que nada tinha feito e nada mais poderia fazer para outra vida, exclamava chorando: Consumi toda a minha longa existencia em promover os interesses do rei

da terra, as prosperidades de minha patria, o bem-estar de toda a minha familia, os meus gostos, prazeres e caprichos pessoases; e nada absolutamente fiz para procurar os interesses do rei do céo, as prosperidades da patria celeste, o bem-estar de minha alma! O' meu Deus, dai-me ainda alguns annos, ou, pelo menos alguns dias de vida, só para eu reparar essa minha criminosa e louca negligencia.

Se assim lamentam a perda do tempo, que deviam empregar para salvar-se os que ainda estão na vida, o que devemos pensar da propria alma, que separou-se do seu corpo estando separada de seu Deus? Qual não deve ser a tristeza, a contrariedade, a perturbação, o desespero dessa alma, que acha-se separada de Deus, e sabe que nunca mais poderá unir-se a Deus? Não ha, nem pode haver maior tormento, do que querer ser aquillo, que nunca ha de ser; e de não querer ser aquillo, que sempre ha de ser. E' justamente o tormento da alma, que depois da morte, se acha separada de seu Deus. Ella quer estar sempre unida a Deus, e sabe que nunca ha de estar; ella por nada quer estar separada de Deus, e sabe que sempre ha de estar. Ella lembra-se a todo o instante que perdeu a Deus, e que, perdendo a Deus, perdeu uma felicidade eterna.

Conta-se que um moço jogador perdeu em uma noite de jogo duzentos e cincoenta mil francos. Sua mãe, com o fim de lhe incutir o horror ao jogo, collocou essa quantia sobre uma mesa, que estava num lugar, por onde elle variava vezes linha que passar; e então sempre que o moço passava e avistava aquella grande quantia de dinheiro, suspirando exclamava: Infeliz! Oh! quanto por minha culpa perdi! O que não dirá a pobre alma condemnada, quando pensar nas riquezas infinitas e eternas, que perdeu, perdendo seu Deus? O que ainda muito mais ha de tortural-a, será lembrar-se como, e porque perdeu essa felicidade. Para viver no peccado, ella passou por tantas humilhações, amarguras, decepções: quando podia ter uma vida calma, cheia de verdadeiras alegrias e consolações. Passou, pois, por caminhos tão difficeis, tão penosos, para chegar a um termo tão triste e desastroso. Ella ha de lembrar-se que foi por bens transitorios, por grandezas ephemeras, por prazeres illusorios, que trocou uma perfeita e eterna bemaventurança. Ha de ainda lembrar-se que tinha á sua inteira disposição todos os meios, todos os recursos necessarios para salvar-se; mas desprezou tudo e por sua culpa unicamente é que se perdeu, e ha de exclamar: E' por minha propria vontade, que me tornei eternamente desgraçada!

Agora imaginemos que uma dessas almas condemnadas a viver sempre separadas de Deus, podesse vir ao mundo

passar apenas uma hora ou mesmo alguns minutos. Durante esse tão curto espaço de tempo, que arrependimento de seus peccados não formaria? que rigorosissimas penitencias não faria? Graças a Deus, nós ainda estamos na vida; temos o uso de nossa liberdade, e á nossa inteira disposição todas as graças e meios de salvação. São Camillo de Lellis, indo um dia visitar um cemiterio, diante de tantos tumulos teve este sabio e santo pensamento: Se todos estes mortos possessem voltar á vida, o que não fariam para tornarem-se santos? E o que faço eu que ainda tenho o tempo e todas as graças á minha disposição? Eis o que cada um de nós devia pensar a todo momento.

Dionysio, rei de Syracusa, era cognominado o Tyrano, porque perseguia o povo. Sendo muito odiado por todos, vivia muito sobresaltado, porque temia ser a qualquer momento assassinado. Entretanto Damócles, seu adulator, frequentemente decantava a sua grande felicidade. Dionysio, para dar-lhe uma verdadeira idéa do que era essa tão decantada felicidade, convidou-o para um banquete; e tendo-o feito vestir ricamente como rei, suspendeu-lhe durante o jantar por cima da cabeça uma espada desembainhada, presa unicamente por um fio de crina de cavallo. No meio de todos os palacianos, com as vestimentas e insignias de um soberano, comendo e bebendo, Damócles estava ufano, soberbo, alegre, contente; mas quando casualmente elle olhou para cima, e viu a espada nua, presa por um cabello e bem pendente á sua cabeça, começou a tremer; e, sendo obrigado pelo rei a permanecer no seu lugar, não poudé mais comer, nem fallar, até que, terminado o jantar, deixasse o grande perigo de morrer, em que se achou. Se o simples perigo imminente de morrer causou a Damócles tanto panico e pavor; como pode toda a sua vida, alegre, tranquillo, permanecer no peccado aquelle, que com toda certeza sabe que pode derepente morrer nesse triste estado, e ser condemnado á uma morte eterna? E porque o peccador temerariamente expõe-se á essa tão grande e tremenda desgraça? Por causa unicamente de dar summa importancia á dores e males, a gostos e prazeres, que passam todos, e que passam com immensa rapidêz. Tudo quanto é deste mundo de nada vale, porque tudo finda-se, tudo fenece, tudo dissipa-se, tudo se acaba, enfim tudo passa.

Havia um rei, que era muito impressionavel. Quando davam-lhe uma má noticia, elle ficava triste, abatido, não comia, não dormia; e, quando davam-lhe uma boa noticia, elle ficava excessivamente alegre, ria-se, saltava. Quando alguém lhe dizia: Magestade, estiveram dizendo que em vosso governo tudo vai bem, tudo prospera; elle batia palmas, dava

gargalhadas ; mas quando alguém lhe dizia : Magestade, estiveram dizendo que no vosso governo impera uma grande desordem, e tudo ameaça grandes ruínas ; elle batia na face, agitava-se e bradava como um louco furioso. O rei vendo que, se continuasse a ser o joguete dessas constantes e violentas emoções, succumbiria, reuniu em seu palacio os mais notaveis medicos, e lhes pediu que descobrissem um medicamento efficaz, que sanasse esse seu gravissimo e torturante encommo. Depois de muito estudo cada um dos grandes profissionaes ia por sua vez apresentando a sua indicação ; mas nem uma das indicações poude produzir o minimo effeito. Quando o rei já estava desenganado, appareceu no palacio um ourives, que pediu para fallar um pouco com sua magestade ; e, sendo levado á presença do rei, disse-lhe : Soube que vossa magestade está soffrendo muito ; pois eu sou capaz de preparar um remedio, que curará perfeitamente, e em muito pouco tempo a sua enfermidade. O rei sorrindo-se lhe respondera : Então o senhor, simples ourives, julga-se capaz de curar-me de um encommo, que os mais distinctos medicos não puderam curar ? O ourives respondeu : Pois eu vou procurar o remedio e nestes oito dias voltarei para fazer a applicação. Se o remedio não produzir o desejado effeito, vossa magestade imponha-me um castigo ; e se elle produzir effeito, mandará dar-me uma recompensa. O rei accitou a proposta ; e o ourives retirou-se para a sua casa. Durante oito dias elle preparou um annél, que tinha uma grande pedra, na qual elle gravou estas palavras : *Aqui no mundo tudo passa*. No dia combinado elle foi ao palacio ; e, sendo conduzido á presença do rei, elle lhe apresentou o annél declarando que era o remedio efficaz para curar a enfermidade. O rei lhe respondera dizendo : Pois o senhor está louco para offerecer-me um annél, como remedio, para curar uma grave enfermidade ? O ourives disse ao rei : Vossa Magestade ponha este annél em seu dedo ; e quando derem-lhe uma noticia desagradavel, leia estas palavras : *Aqui no mundo tudo passa* ; e não faça conta : da mesma sorte quando lhe derem uma noticia lisongeira, faça a mesma cousa. O rei resolveu, embora descrente, fazer uso do remedio indicado, e pôz o annél no dedo. Logo depois appareceu um palaciano, e disse ao rei : Magestade ahi, em toda a cidade, estão todos censurando muito o vosso governo ; e o rei olhou para a pedra do seu annél, e respondeu : *Aqui no mundo tudo passa* : desprezo essas censuras ; ellas hão de passar, como aqui no mundo tudo passa. No dia seguinte veio um outro dizer ao rei que por toda parte elle era louvado e elogiado por todos ; porém o rei, longe de regosijar-se, com toda calma olhou para a pedra do seu annél, e respondeu : Esses

louvores e esses elogios não tem o minimo valor, porque aqui no mundo tudo passa, e elles tambem hão de passar. Continuou o rei a dirigir-se sempre pela sabia inscripção do seu annél; e conservou de então em diante uma completa indifferença e impassibilidade diante de todas as noticias que lhe vinham dar, quer fossem extremamente lisongeiras, quer fossem extremamente desagradaveis e sinistras. E sarando completamente do seu grave incommodo, mandou dar um grande premio ao seu sapientissimo medico, o pobre ourives.

Usemos tambem todos desse santo medicamento, mas em proveito da nossa salvação. Aqui no mundo tudo passa. Por isso não temamos aqui soffrer as intrigas, as calumnias, as perseguições, porque ellas passarão; mas temamos unicamente offender a Deus, para não incorrer nos tormentos da outra vida, que nunca passam, porque são eternos. Aqui no mundo tudo passa. Por isso, renunciemos a todos os bens, a todos os prazeres, a todos os deleites, quando isso for necessario para agradar a Deus, que promete e ha de dar a todos os seus servos fieis, no céu, bens, prazeres, que nunca passam, porque são eternos. Deixemos passar tudo quanto pertence ao mundo; e nunca deixemos passar os nossos sagrados direitos de um dia reinarmos eternamente com Deus no céu.

Quadragesima nona Instrucção.

A morte do peccador e a do justo.—Parte primeira.

O grande apostolo São Paulo nos assevera que está decretado por Deus que todos os homens hão de morrer; morrer uma só vez, e logo depois da morte serão julgados. Como se fosse um crime nascer, pois basta nascer, para já estar condemnado a morrer. O nosso berço representa a nossa sepultura. Os pannos, que nos envolvem ao nascer, representam a mortalha que ha de nos envolver ao morrer. Não podemos um só dia nos esquecer que temos de morrer, porque todos os dias temos occasião, motivos para nos lembrar da morte. Todos os jornaes diariamente annunciam mortes de pessoas desconhecidas e conhecidas, com as quaes tivemos relações de convivencia ou de negocios. Constantemente estão nos fallando de pessoas que já mórreram ou que estão prestes a morrer. Somos frequentemente convida-

dos para acompanhar enterros, assistir funeraes, ouvir missas por almas de parentes ou amigos nossos. Em toda parte nos encontramos com pessoas, vestidas de luto, annunciando o fallecimento de alguém de sua familia. Todo o cuidado que temos com o nosso corpo, é uma prova de que estamos convencidos que havemos de morrer. Nos vestimos, nos abrigamos, nos alimentamos, nos medicamos, fugimos dos desastres e epidemias: só para evitar a morte. Morrem por dia noventa mil pessoas, por hora tres mil setecentos e cincoenta, por minuto sessenta e tres pessoas. E' certo que um dia e quem sabe se bem proximo, nós estaremos incluídos nesse numero de mortos.

Porém devemos temer a morte? Esse temor seria inteiramente inutil, porque a morte, sendo inevitavel, não nos é pernicioso. São João Chrysostomo dizia que tinhamos unicamente uma cousa a temer, e era o peccado. E São Francisco Xavier dizia que, em relação á esta vida, o unico mal era o peccado, e o unico bem era a virtude; e, em relação á outra vida, o unico mal era perder a alma, e o unico bem era salvar-a. Nesta vida o unico mal é o peccado, porque nos traz perturbações, deshouras, doenças, e, sobre tudo, porque desagrada e offende a um Deus tão bom; e o unico bem é a virtude, porque nos traz a paz, o contentamento, a boa reputação, a saude, e, acima de tudo, porque agrada a Deus, nosso amigo e nosso pai. Na outra vida o unico mal é perder a alma, porque perdendo-a, seremos eternamente desgraçados; e o unico bem é salvar a alma, porque salvando-a, seremos eternamente felizes. Ora perder a alma é morrer no peccado; salvar-a, é morrer na virtude. Portanto o que nós devemos, acima de tudo, temer, é morrer no peccado; e o que nós acima de tudo, devemos desejar, é morrer na virtude. Tem muitissima razão o propheta rei quando nos avisa que a morte do peccador é pessima, e horrenda; e que a morte do justo é preciosa aos olhos do proprio Deus. Vamos bem, pois, examinar estes dois pontos importantissimos, dos quaes para nós depende ou uma desgraça ou uma ventura eterna: a morte do peccador e a morte do justo.

A morte do peccador é horrorosa pela triste lembrança do passado. Lembrando-se dos seus annos que já se foram, elle avista um tempo preciosissimo, que elle devia empregar em se aperfeiçoar, em santificar-se para salvar a sua alma e que elle empregou unicamente em correr atraz das grandezas, das honras, das riquezas, dos divertimentos e prazeres mundanos: avista uma vida que elle devia consagrar unicamente a Deus, seu creador e generoso protector, e que elle consagrou inteiramente aos sentidos, ao mundo e

ao demonio, o seu maior inimigo. Elle então contempla em todo o seu passado só peccados sobre peccados, e peccados gravissimos e de todo o genero e especie. Elle recorda-se que peccou por acção, por omissão, por vistas, por palavras, por géstos, por pensamentos, desejos, por lembranças e por affectos criminosos. Elle lembra-se que offendeu a Deus em todas as circumstancias, em todas as occupações, em todos os encargos e em todas as situações de sua vida. Quando filho foi desobediente a seus pais; como casado, manchou a santidade do leito conjugal; como pai, negou a seus filhos o precioso beneficio da educação religiosa; como subdito foi desrespeitoso aos seus legitimos superiores; como superior, foi deshumano para com os seus subordinados; nas contrariedades, nos soffrimentos, foi impaciente e revoltoso contra Deus; nas prosperidades, foi soberbo e vaidoso. Filho da santa Igreja elle violou quasi todos os seus preceitos, profanou os seus sacramentos, desrespeitou as suas ceremonias, zombou dos seus sacrosantos mysterios, ridicularisou os seus ministros, vilipendiou os seus filhos mais queridos, dedicados, que são as pessoas devotas e piedosas. Como christão, elle conspurcou o seu character divino e sagrado; e como homem, elle aviltou a sua sublime dignidade de ser intelligente, racional e livre. Mas elle lembra-se que não só pessoalmente peccou, porem ainda foi causa para outros commetterem muitos peccados, pelos quaes elle tambem é responsavel diante de Deus. Elle recorda-se de tantas e tão necessarias e preciosas graças, que Deus por sua immensa bondade tantas vezes lhe offereceu, e que elle insensatamente desprezou.

Todos esses numerosos e gravissimos peccados, até então, lhe pareciam ser pequenas imperfeições, faltas levissimas, que não tinham importancia; mas agora elle comprehende bem toda a sua grande malicia, toda a sua enorme perversidade. São João Chrysostomo diz que no peccado ha peso e peso, medida e medida, querendo com isso dizer que durante a vida o peccado parece ter uma gravidade e no momento da morte parece ter outra; durante a vida parece ter uma importancia e no momento da morte parece ter outra. *Pondus et pondus; mensura et mensura.* E' que durante a vida os peccados todos como que escondem-se na consciencia, para, no triste momento da morte, quando já não ha mais tempo de serem perdoados e expiados, apresentarem-se em todo o seu numero e hediondez para aterrar ao pobre peccador. Durante a vida tudo lhe pareceu licito e innocente; no momento da morte, ao contrario, tudo lhe parece prohibido e criminoso.

O que então ainda muito mais acabrunha o peccador é lembrar-se que podia, e tinha á sua disposição todos os

meios de apagar completamente todas as suas grandes e numerosíssimas culpas; mas não quiz, e desprezou todos os auxilios divinos, que presentemente faltam-lhe. Acontece no momento da morte a todos os peccadores justamente o que aconteceu a Antiocho: todas as suas alegrias repentinamente converteram-se em profundas e amarissimas tristezas. Em quanta tribulação fui abysmado, eu que era tão alegre e tão amado em minha soberania, exclamou elle quando convenceu-se que ia immediatamente morrer! Agora é que recordo-me de todos os crimes, que eu commetti em Jerusalem! Conheço que é por isso que agora todos estes infortunios vem assaltar-me. *Nunc reminiscor malorum quæ feci in Jerusalem! Cognovi ergo propterea invenerunt me mala ista!* Como Antiocho todo o peccador vive adormecido no meio de tantos e tão horrendos peccados, sem lhes ligar a minima importancia; mas no momento da morte as paixões se acalmam, cessam os interesses, dissipam-se os caprichos; então elle vê tudo em sua perfeita realidade. E' então que elle reconhece a fatuidade das honras, a puerilidade das grandezas, a nihilidade das riquezas, a nauseabilidade dos prazeres mundanos. E' então que elle sabe avaliar o numero e a perversidade de todos os seus delictos. E' agora, exclama elle como Antiocho, que eu me lembro de todos os peccados que eu commetti na casa paterna, no seio de minha familia, nas reuniões sociaes, nas relações de negocios e de amizade, no cumprimento dos deveres de meu cargo; e até mesmo no templo sagrado durante as ceremonias religiosas! E' agora que eu reconheço quanto tenho offendido ao meu Deus, ao meu proximo e á minha alma! E' agora que lembro-me de todos os innumeraveis, enormes e torpissimos crimes que tenho commettido! E' agora que recordo-me de todos os grandes males que fiz, quando já não é mais tempo, nem tenho mais meios, nem coragem para reparal-os! Tinha, pois, muita razão Santo Agostinho quando dizia: Invejais a sorte do peccador emquanto elle vive; pensai bem no que lhe ha de acontecer quando elle morrer. *Vides viventem; cogita morientem.* De modo que a recordação de todo o seu passado é uma completa desolação para o pobre peccador no momento de sua morte.

Tudo quanto elle observa no presente o contrista. Elle viveu sempre preso ás cousas do mundo, agora sabe que vai deixar inteiramente tudo, e não deixa-se sem grande pesar aquillo, que se possuiu com grande prazer. Para ganhar os bens e para gosar dos prazeres terrenos, elle desagrudou e offendeu tanto a Deus; agora vai perder os bens e prazeres terrenos e perder o proprio Deus, e com Deus perderá tambem uma felicidade infinita e eterna. O fazen-

deiro, o agricultor não podia deixar por alguns dias a sua lavoura, para ir assistir as festas religiosas; agora vai deixal-a para sempre. O empregado publico não podia deixar por algumas horas os affazeres do seu emprego; agora vai deixal-os para sempre. O negociante não podia deixar por meia hora o seu negocio para ouvir a santa missa aos domingos e dias santos; agora vai deixal-o para sempre. Eu deixo, eu deixo: eis o triste estribilho que repete o peccador no momento da morte. Elle vai deixar o seu palacete, a sua vivenda com todos os seus adornos, com todos os seus moveis, com todas as suas commodidades e confortos. Elle vai deixar a sua fortuna, que tanto lhe custou a ganhar, e que conservava com tanto cuidado e possuia com tanto gosto. Elle vai deixar os seus passeios, os seus divertimentos, que tanto o distrahiam e deleitavam. Elle vai deixar os seus amigos, que o perverteram ou que por elle foram pervertidos. Elle vai deixar a sua familia, á qual, em vez de bons exemplos, elle offereceu perversores escandalos. Elle vai deixar os seus filhos, aos quaes negou uma educação religiosa, e deu uma educação toda mundana. Elle vai deixar esse corpo, que tanto acariciou, e que lhe serviu de instrumento para commetter tantos peccados. Elle vai deixar essa vida, que tão ardentemente desejava, e tão cuidadosamente procurava prolongar. Elle vai deixar o que elle mais desprezava, e de que então elle mais precisava, que é a capacidade de merecer, para poder arrepender-se, e expiar os seus numerosos e graves peccados. No momento da morte acaba-se o tempo, cessa o uso da liberdade, e o peccador não poderá mais detestar os seus crimes, reparar os damnos por elles causados a Deus, ao proximo e á sua alma. A lembrança desta enorme perda tem profundamente contristado e abatido até aquelles, que não levaram uma vida peccaminosa, e que apenas pensaram não ter tratado com o devido devotamento do importantissimo negocio da salvação de sua alma.

Filippe 2.^o, rei da Hespanha, no momento da morte chamou todos os seus filhos, e no seu leito de dores, exclamou: Meus filhos, eis como terminam-se as grandezas, os bens e os prazeres do mundo! Porque, em vez de ter sido um rei, não fui antes ser num convento um religioso leigo, ou num ermo ser um solitario! Se assim fizesse, agora estaria mais tranquillo relativamente ao meu futuro eterno. O Papa Honorio 3.^o no momento da morte exclamou dizendo: Porque consenti em ser eleito papa? Porque antes não fiquei na coziuha do meu convento, occupado em preparar a comida para os meus irmãos? O Papa Julio 3.^o no momento da morte exclamou dizendo: Oxalá eu nunca tivesse

sido papal Infeliz de mim que não conheço toda extensão e importancia de meus deveres, senão quando já não é mais tempo de cumpril-os. O Papa Eugenio 4.^o no momento da morte disse chorando aos cardeaes, que então achavam-se em seu aposento: Deus queira perdoar-me as faltas que tenha porventura commettido no desempenho desta formidavel dignidade. Tive gosto e prazer em ver-me elevado á uma honra, que ora escapa-me como uma sombra; mas neste momento Nosso Senhor dignou-se fazer-me conhecer toda volubilidade das cousas humanas. E usando do nome, que elle antes tinha quando era simples religioso, muito commovido exclamou: Gabriel, Gabriel, antes nunca tivessesido nem papa, nem cardeal, nem bispo! Porque não continuastes a viver no vosso convento, para assim terminar a vossa vida, como a tinheis tão bem começado, seguindo tranquillamente as praticas piedosas da vossa regra?

Qual, pois, não deverá ser a consternação do peccador, que tiver passado toda a sua vida no peccado, quando na hora da morte ponderar que não poderá mais reparar as suas faltas, conseguir o seu perdão e reconciliar-se com o seu Deus? Deixando com o tempo e com a vida a capacidade de merecer, o peccador sabe que leva comsigo a responsabilidade de seus graves e torpissimos delictos. Elle deixa todos os seus bens, todos os seus divertimentos, todos os seus prazeres; mas leva comsigo a grande e pesada bagagem de suas acções criminosas, que de Deus vão reclamar o devido castigo. E' porisso que Santo Agostinho, quando via admirarem os grandes e preciosos haveres dum mundano, ponderava dizendo: Prestais attenção ao que elle tem aqui no mundo; attendei tambem ao que elle daqui tem de levar comsigo. *Quid hic habet attendis; quid secum tollat attende.*

Alem da morte do peccador ser horrenda pela lembrança do passado e pela observação do presente, ella ainda é horrenda pela vista do futuro, que o desespera. Até então elle só preocupava-se com o presente, e procurava esquecer-se completamente do futuro de sua alma; porem agora, pelo contrario, elle procura esquecer-se do passado e do presente para olhar attentamente para o medonho futuro, que tem diante de si. Tremendo elle avista o tribunal, perante o qual elle tem logo de comparecer para ser severamente julgado. Elle durante a vida não quiz comparecer perante o tribunal de misericordia e de compaixão, que é o sacramento da confissão, agora será forçado a comparecer perante o tribunal de justiça e de severidade, onde não se admite nem excusa, nem defesa; onde tudo é perfeitissimamente conhecido. Elle ahi avista uma balança para pesar a

gravidade, uma medida para medir toda a extensão de suas iniquidades. Elle sabe que vai ser julgado por um juiz recto, implacavel, de quem durante toda a sua vida elle violou as leis, desprezou os conselhos e os avisos, e zombou de todas as suas censuras e ameaças.

Elle antecipadamente ouviu soar aos seus ouvidos a tremenda sentença, que o condemna á uma prisão eterna. Logo adiante desse tribunal elle avista o demonio, acompanhado de seus ministros, que vem ao encontro de sua alma, que lhe pertence. Logo adiante elle avista a prisão, em que tem de ser encerrada a sua alma, e o lugar, em que durante uma eternidade ella tem de ser horrivelmente atormentada.

Desolado pela recordação do seu passado, aterrado pela observação do seu presente, horrorisado e desesperado diante do temeroso aspecto do seu proximo futuro, eis o peccador debatendo-se pezaroso, impaciente, amargurado em seu leito de dores, cercado dos seus amigos e parentes, que inutilmente esforçam-se para animal-o e consolal-o. Em regra elle não pede, nem mesmo acceita os soccorros espirituaes da Egreja, que elle sempre desprezou durante a vida. Se os acceita, é só para attender ás supplicas de um parente, de um amigo ou do sacerdote, que o vem visitar; os recebe porrem com extrema frieza e sem as devidas disposições, e portanto sem minimo proveito. Se lhe fallam em Deus, esse nome lembra-lhe as suas negras ingratidões para com o melhor dos amigos, e para com o mais amoroso e terno de todos os pais. Se lhe dão o crucifixo para beijar, a imagem de um Deus que soffreu e morreu inutilmente para salvall-o, é para elle como uma sétta, que vem ferir a sua alma criminosa e impenitente. Augustiado, agitado, horrorisado, e muitas vezes imprecando e blasphemando, exhala de seu corpo moribundo a sua alma manchada e criminosa, que lá vai ter o triste e funesto destino, justamente merecido por sua rebeldia e ingratidão para com um Deus tão bom, que tudo fez para conseguir a sua eterna salvação. Depois de uma vida tão agitada, penosa e ingloria, uma morte tão triste, tão humilhante e horrorosa: eis a desoladora sorte de todos os insensatos e infelizes, que apartam-se da amizade de Deus, para viver inteiramente abysmados no peccado.

Parte segunda.

E' inteiramente inverso o quadro representado pela morte do justo. Tudo o alegre, o animado, o consolado no momento da morte, que nunca o surprehende, porque elle pro-

cura estar sempre preparado para a Deus prestar as suas contas. Olhando para o seu passado, elle avista uma vida consagrada ao serviço de Deus e á salvação de sua alma. Elle lembra-se então de tudo quanto soffreu e tudo quanto fez com o unico fim de agradar a Deus. Lembra-se de suas orações, de suas mortificações, de suas confissões e communhões. Lembra-se dos proveitosos conselhos, dos edificantes exemplos, que a todos sempre offereceu com a pura e santa intenção de conquistá-los para Deus. Lembra-se que com toda paciencia e resignação soffreu as enfermidades, as tristezas, as contrariedades da vida, bem como as maledicencias, as injurias e calumnias por parte dos mundanos, soffrendo tudo por amor de Deus. Lembra-se que em toda parte e mesmo diante dos mais odientos e encarniçados adversarios, com toda franqueza e altivêz, confessou as suas crenças, recebeu os sacramentos, recitou e cantou os louvores de Deus; cumpriu emfim com todos os seus deveres religiosos. Oh! como essas santas recordações inuundam a sua alma da mais pura alegria e da mais santa consolação! E' verdade que elle tambem lembra-se que commetteu suas faltas, que offenderam a Deus; e quem ha que as não tenha commettido? Mas ao mesmo tempo elle lembra-se que essas faltas foram todas já perfeitamente purificadas pelas lagrimas de uma sincera contrição, lagrimas derramadas aos pés do ministro de Nosso Senhor, de quem recebeu a devida absolvição. Elle lembra-se ainda que essas faltas lhe offereceram motivos para se humilhar diante de Deus, e para mais devotadamente consagrar-se ao seu santo serviço. De modo que a lembrança do passado em tudo efficazmente concorre para alegrar e contentar a alma do justo no momento de sua morte; porem o mesmo lhe acontece em relação a tudo quanto elle pode observar no presente.

Elle, como todos os que vão morrer, tem de deixar todos os bens e prazeres do mundo; mas elle só tinha dedicação a Deus e a tudo quanto podia concorrer para elle louvar e glorificar a Deus. Se tinha riquezas, era para a sua honesta subsistencia e para a de toda a sua familia; e para tambem socorrer aos pobres e promover a magestade e a pompa do culto divino. Elle vai deixar os amigos; mas consola-se, lembrando-se que fêz tudo quanto dependia de si para conduzil-os á pratica das virtudes e á observancia dos mandamentos. Elle vai deixar os seu parentes e toda a sua querida familia; mas a sua consciencia lhe assevera que déra sempre conselhos acertados, exemplos edificantes a todos os que estiveram sob a sua autoridade e governo, e que nada poupára para sempre os manter na amizade de Deus. Demais, elle sabe que essa separação dos que são

caros ao seu coração não será eterna; mas que, depois de algum tempo, juntos, alegres e felizes, hão de reinar com Deus no céu.

No momento da morte o justo extremamente alegra-se lembrando-se que vai deixar os trabalhos, as sollicitudes da vida; vai deixar as intrigas e as injustiças dos homens; vai deixar as seducções do mundo, os estímulos da carne e dos sentidos, os escandalos dos mundanos e as tentações do demonio. No momento da morte o justo extremamente alegra-se lembrando-se que vai para sempre deixar o que mais o perturbava e o incommodava durante toda a sua vida, que era o receio e o perigo de offender a Deus; pois tem toda certeza que morrendo na santa amizade de Deus, nella eternamente ha de permanecer. No momento da morte elle, longe de avistar no futuro motivos de consternação e de terrores, pelo contrario avista unicamente motivos de esperança, de jubilo e contentamento; pois leva comsigo uma abundante provisão de meritos, que de Deus, que é infinitamente bom hão reclamar a feliz posse de uma eterna bemaventurança. Elle tambem, como todos os que vão morrer, avista diante de si um tremendo tribunal, onde tudo é perfeitamente conhecido e onde não ha nem excusas, nem protecção, nem defesa; porem elle nada tem a temer, porque já foi julgado no tribunal da bondade, do amor e da misericordia, que é o da confissão; e porisso resta-lhe unicamente receber a confirmação do seu perdão. Elle sabe perfeitissimamente que vai ser julgado, não por um juiz severo e rigoroso, mas por um mestre, de quem fielmente seguiu as lições; por um amigo, a quem sempre soube ser grato e reconhecido; por um extremoso pai, a quem sempre procurou inteiramente consagrar todos os seus mais puros e santos affectos.

Lembrando-se do seu proximo julgamento já lhe parece ouvir soar aos seus ouvidos o terno e amoroso convite do seu divino Redemptor, que o chama para ao seu lado sentar-se sobre um throno de gloria e magestade. Adiante desse tribunal, que tanto o anima e conforta, o justo avista Maria Santissima, sua carinhosa mãe, que, acompanhada de uma grande multidão de anjos e santos, vem receber a sua alma, para conduzi-la em triumpho até a eterna mansão de todos os justos. Mais adiante o justo avista a patria celeste; o lugar do seu feliz repouso; o throno em que ha de sentar-se; o sceptro que ha de empunhar; a brilhante coroa, que eternamente ha de cingir a sua frente. Alegre pela lembrança de todo o seu passado; contente por tudo quanto observa em seu presente; animado e confortado por tudo quanto avista em seu futuro, o justo no momento da sua morte, embora no meio de tantas dores e tantos padecimen-

tos, exulta de jubilo e contentamento. Elle anima e encoraja todos os amigos e parentes, que rodeiam o seu leito; a todos fazendo sabias recommendações, a todos dando piedosos e santos conselhos. Elle mesmo reclama a presença de um sacerdote, e pede a administração dos sacramentos da confissão, communhão e extrema-unção, que elle recebe com immensa piedade e devoção, edificando a todos os circunstantes. Constantemente e com toda ternura pronuncia o nome de Deus, o santo nome de Jesus, o doce nome de Maria, invocando o seu auxilio, amparo e protecção; e a todo momento, com profunda reverencia, beija a santa imagem de Jesus crucificado. E' neste estado, é nestas condições, é nestas santissimas disposições, que o justo, perfeitamente calmo e santamente contente, exhala o seu ultimo suspiro de vida, e entrega ao seu creador a sua alma pura e santa. Representemos uma criança innocente, com seu bello semblante tão alegre e calmo, docemente dormindo nos amorosos braços de sua querida mãe: é imagem perfeita do justo, morrendo, sereno, contente nos braços da Santa Igreja, sua e nossa carinhosa mãe.

Os factos, muitissimo mais eloquentemente que os discursos e as palavras, nos demonstram os horrores que acompanham a morte do peccador, e as alegrias puras, as consolacões santas, que sempre acompanham a morte do justo. Voltaire, que, referindo-se a Jesus Christo, disse que era preciso se esmagar o infame, no momento da morte ficou profundamente abatido, e triste e desesperado exclamou: Morro abandonado de Deus e dos homens. Henrique 8.^o, rei de Inglaterra, que tão dolorosamente contristou a Santa Igreja, e que tanto inundou de sangue todo o seu reino, no momento da morte, ficando inteiramente desfallecido, tomou um cópo e bebeu um gole de vinho para animar-se, e tristemente exclamou: Meus amigos, para mim está tudo perdido e perdido para sempre! Estão perdidos o meu reino, as minhas riquezas, as minhas grandezas, os meus prazeres, a minha vida e a minha propria alma.

Conta-se que um grande impio, que estava gravissimamente enfermo e prestes a morrer, acordando-se de um profundo somno, perguntou aos circunstantes: Quantas horas são? Respondendo-se que eram onze horas, elle virou-se para outro lado, e continuou a dormir. Tornando-se a acordar, perguntou de novo: Quantas horas são? Responderam-lhe: Meia noite; e então exhalando elle um grande gemido, exclamou: Eis o momento em que vai começar a minha infeliz eternidade! E' assim que morrem todos os que vivem no peccado. O grande apostolo São Paulo diz que cada um morrerá segundo o seu modo de viver. As mulheres mundanas

morrerão como morreu Jesabel; os ímpios, como Antiocho; os sensuaes, como Balthasar; os assassinos como Cain; os traidores, como Absalão; os ambiciosos, como Abimelec; os invejosos, como Esaú; os rebeldes, como Saúl; os corações endurecidos, como Pharaól; os impudicos, como Herodes; os sacrilegos, como Judas; todos impenitentes e no desespero. Agora apreciemos os factos que nos contam como é que morrem os que procuram sempre viver na santa amizade de Nosso Senhor.

Quando disseram a São Jeronymo que elle logo morreria, elle respondeu ao annunciante de sua morte: Muitissimo vos agradeço da excellente nova, que acabais de dar-me. Quando São Cypriano ouviu ler a sentença, que o condemnava a ser degolado, levantando as mãos para o céu, exclamou: Graças a Deus sejam dadas, porque dignou-se fazer cahir as cadeias, que prendem a minha alma a este corpo. Soares quando já ia expirar, exclamou aos seus amigos, que o cercavam: Nunca pensei que fosse tão suave e tão doce morrer na paz de Nosso Senhor. O Padre Piccolomini, que achava-se soffrendo dores atrozes, quando viu que morria, mandou abrir a janella de seu aposento, e olhando para o firmamento estrellado disse: Oh! como a terra parece-me tão vil e desprezível, quando eu contemplo aquelle céu simplesmente apparente! Como não será o céu em sua realidade? O Padre Manoel Eusebio foi um moço, que tinha diante de si um futuro venturoso e brilhantissimo aos olhos do mundo; porem, abandonando tudo, entrou numa ordem rigorosissima, para desde moço até morrer passar uma vida de continuas e austeras penitencias. Pouco antes de morrer, entrou em um profundo somno e começou a sonhar, dizendo: Como ella é tão bella e graciosa! Os religiosos, que rodeavam o seu leito, o despertaram e lhe perguntaram: Quem é essa bella e graciosa! E' Maria Santissima, que eu estou contemplando. Entrando de novo em profundo somno, começou a exclamar: Ella vem; ella vem, e vem acompanhada de uma tão numerosa e brilhante côrte. Os religiosos tornaram a despertá-lo, e lhe perguntaram: Quem é que vem? Elle respondeu: E' Maria, minha querida mãe, que vem acompanhada dos anjos e dos santos, para receber a minha alma. Terminando estas palavras, elle foi morrendo e repetindo: Que prazer, que gloria subir ao céu, conduzido por Maria, Mãe de Deus! E' assim que morrem todos os que, custe o que custar, empenham-se em sempre viver na santa união e amizade com Deus.

Para o justo a morte não é cessar, mas é começar a viver. O tumulo é o berço do homem immortal. Para os que vivem sempre no exacto cumprimento de todos os seus de-

veres religiosos, a vida é um somno, e a morte é o seu feliz despertar numa região mais calma e serena; a vida é o começo e a morte é o termo duma feliz jornada, em que o viajôr contente entra no seio da patria querida; a vida é um combate, e a morte é o theatro, em que o heroe vencedor recebe a palma e a coroa de suas brilhantes victorias. O justo no momento da morte é a pomba, que não achando onde pousar os pés, entra na arca de salvação; é o feliz Lazaro, que deixa um corpo leproso, coberto de ulceras, e vôa radiante, e vai glorioso e eternamente descansar no seio de Abraham.

Tudo depende de nós. Se queremos evitar a morte desastrosa do peccador, que é o cumulo de todas as desgraças, e ao mesmo tempo conseguir a morte feliz e preciosa do justo, que é a aurora de uma vida infinita e eternamente feliz; evitemos o peccado, observemos fielmente a santa lei de Deus; e, com os auxilios divinos, que com toda certeza não nos hão de faltar, os nossos santos desejos serão plenamente realizados.

Quinquagesima Instrucção.

O juizo final — Parte primeira.

E' uma verdade de fé que no mesmo instante, em que a alma desprende-se de seu corpo, ella comparece diante de Deus, e é particularmente julgada, cada uma recebendo a sentença, que por seus actos durante toda a sua vida merecêo. Aquella que nesse momento achar-se manchada de falta grave, irá soffrer eternamente com os condemnados e com os demonios no inferno; aquella que nesse momento achar-se na graça e amizade de Deus, mas que não tiver ainda plenamente satisfeito á justiça divina, irá ao purgatorio soffrer durante o tempo que for necessario para apagar as suas culpas leves, ainda não perdoadas, e expiar as penas temporaes, devidas a todas as suas faltas. já perdoadas, para poder então entrar no céu; aquella que nesse momento, não só está na amizade de Deus, mas já satisfaz á justiça divina plenamente por todas as suas faltas, irá immediata e directamente para o céu. E' verdade de fé que depois de algum tempo, cujo termo só Deus conhece, descerá do céu o fogo divino, e consumirá completamente o mundo, e tudo quanto nelle se contem. E' ainda verdade de fé que, depois desse abraçamento de tudo quanto existe, Deus por seu po-

der divino reconstituirá todos os corpos humanos, que já tinham sido reduzidos a cinzas; e cada alma unir-se-á ao seu, para comparecer a um juízo solemne e universal. São todas estas verdades dogmas, ensinados pela Escripura, pelos Concilios, pelos Santos Padres, e acreditados por todos os povos. Mas se todos já foram julgados, porque proceder-se a um novo julgamento? Se o céu já possui os seus escolhidos; se o inferno já tortura as suas victimas; se o peccado já está punido e a virtude recompensada, que necessidade pode haver de rever-se uma sentença definitiva e irrevogavel? E' porque aqui accusa-se a justiça, a bondade e a providencia divina, e esses divinos attributos devem ser perante todos os homens perfeitamente justificados. E' porque presentemente Jesus é perseguido em sua Igreja, em sua doutrina, em seus sacramentos, em sua pessoa e na dos seus ministros; e essa injusta e sacrilega perseguição deve ser vingada com toda publicidade. E' porque hoje, usando de paciencia e misericordia, é despresado, que elle deve um dia usar de toda justiça e severidade. E' porque a sua soberania reclama que, ao menos uma vez, elle reine com indignação e rigor sobre todos os que rejeitaram o terno e doce reinado de sua afeição e de seu amor. Estudemos attentamente essa importante e tremenda verdade da nossa santa religião.

Depois da perturbação de todos os elementos e do abraçamento de todo o mundo, o anjo com o som lugubre de sua mysteriosa trombeta convocará todos os homens para o supremo julgamento bradando: Levantai-vos, mortos, e vinde ao juízo. Todos os corpos humanos serão immediatamente reconstituídos, e virão unir-se cada um á alma, pela qual foi aqui no mundo animado. E' justo que os que serviram á alma de instrumento para o vicio, venham com ella soffrer os devidos castigos; e que os que serviram á alma de instrumento para a virtude venham com ella gosar as merecidas recompensas. Então a terra restituirá os seus mortos; o inferno vomitará os seus condemnados; o céu fará baixar á terra os seus bemaventurados. Todos se hão de reunir e formar uma immensa multidão, para juntos caminhar para o lugar por Deus escolhido para o solemne julgamento. Os justos voarão alegres e jubilosos; ao passo que os peccadores triste e lentamente hão de ir arrastando-se. Estes ultimos não quererão avançar-se, porém uma força invisivel os ha de impellir sempre para diante. Elles desejarão parar com intenção de procurar, para levar consigo para defender, um parente, um amigo, um protector, um advogado; porém cada um deve marchar, acompanhado unicamente pelas suas obras, sem ter nenhum outro companheiro, nem nenhum outro recurso.

Todos os homens, que tiverem existido desde Adão até então, formaram um só povo, havendo um só soberano que será Deus. Aqui no mundo morrem os ricos, e ficam as riquezas; morrem os nobres, e ficam as nobrezas; morrem os grandes e ficam as grandezas; morrem os monarchas, e ficam as monarchias; morrem os soberanos, e ficam as soberanias. Nesse dia todas as distincções, todas as gradações, todos os titulos, serão completamente abolidos. Não haverá mais nem senhores, nem magistrados, nem monarchas, nem pontifices, mas todos apparecerão como simples creaturas, para render contas ao seu Creador; e Deus, e Deus só será por todos soberanamente exaltado.

Logo que todos estiverem reunidos, instantaneamente o céu abre-se, e delle lançam-se sobre a grande massa de povo glóbos de fogo, que para os justos, serão orvalhos celestes, e para os peccadores chammias devoradoras. Eis que vem descendo o juiz soberano, sentado sobre o seu throno brilhante de gloria e de magestade, trazendo á sua frente a cruz, signal da salvação para os justos, symbolo da condemnação para os peccadores; e vem rodeado de todos os seus anjos, que são noventa e nove vezes mais numerosos que todos os homens, e que prestam-lhe as suas devidas homenagens. Elle vem, não mais para obedecer, mas para reinar. Não vem como subdito, mas como soberano. Não vem como um filho, mas como um pai. Rei, que foi trahido, elle vem julgar os seus subditos rebeldes; pai, que foi ultrajado, elle vem desherdar os seus filhos ingratos. O seu semblante é bello e encantador para os justos; e é ao mesmo tempo tremendo, medonho para os peccadores. Os bons e sinceros catholicos, alegres e contentes, contemplarão esse semblante divino; porém, o contemplarão tristes e confundidos os judeus que desconhecaram o seu character de redemptor; os infieis que rejeitaram o seu evangelho; os hereges, que romperam a sua moral e a sua doutrina; os catholicos inconsequentes, que violaram as suas leis, profanaram os seus templos, desacreditaram os seus ministros, ridicularisaram os seus discipulos, desprezaram os seus sacramentos, e calcaram aos pés o seu sangue divino.

Os actos de todos por todos serão perfeitamente conhecidos, antes de serem julgados. A luz deslumbrante, que jorra da face divina do juiz soberano, illumina e esclarece tudo, dissipando completamente todas as trevas que envolvem o mundo, e obscurecem os corações. Aos raios dessa luz tudo fica patenteado, manifesto, conhecido, recordado. Cada um traz pintado em seu rosto todos os actos de toda a sua vida. Essa luz será um espelho, em que cada um contemplará retracada toda a sua conducta, e ao mesmo tempo

a conducta de todos os homens. Não haverá mais nem enganadores, nem enganados, porque tudo estará patente aos olhos de todos. A verdade de tudo quanto foi feito no mundo pelos homens, ostentar-se-á em toda a sua plenitude. Presentemente os homens, por mais sinceros que sejam, não deixam de fazer alguma dissimulação, quanto a certas faltas, que lhes parecem mais vexatorias. Os peccadores, mesmo os mais descarados, procuram encobrir certas baixezas, que reputam extremamente degradantes. Porem no tremendo dia a luz divina tornará perfeitamente patente tudo de todos e a todos. O' dia ! O' luz ! O' claridade ! Então serão de todos evidentemente conhecidas a bondade, a sabedoria, a santidade dos planos de nossa divina redempção. Então veremos clarissimamente que todos os nossos dogmas são racionais, todos os nossos preceitos são praticaveis, todos as nossas leis são suaves. Então saberemos com toda certeza que a ninguem absolutamente faltaram as luzes, as graças, os soccorros necessarios para o exacto cumprimento de todos os seus deveres religiosos. Então todos serão forçados a confessar que não foram virtuosos e santos, mas foram peccadores, criminosos, unicamente pela sua propria culpa. De tudo quanto fizeram ou deixaram de fazer os homens, relativamente ás determinações, aos conselhos e aos desejos de Deus, nada de ninguem ficará occulto ou desconhecido. Ficarão patentes aos olhos de todos todas as faltas commettidas na infancia, na mocidade, na virilidade, na velhice, em todos os estados, condições, empregos, encargos e profissões. Ficarão patentes aos olhos de todos os peccados de odio, de avareza, de orgulho, de sensualidade, de impureza. Ficarão patentes aos olhos de todos as faltas de assistencia da missa nos dias obrigatorios, do cumprimento do dever da confissão e da communhão annual, da obrigação da educação religiosa dos filhos ; as faltas de caridade para com o proximo e de paciencia nos trabalhos e soffrimentos, de conformidade com a vontade de Deus nas contrariedades e nos infortunios da vida. Ficarão patentes aos olhos de todos os desprezos dos bons conselhos, dos exemplos edificantes, dos santos pensamentos e desejos ; e emfim os abusos de todas as graças, auxilios e favores divinos Ficarão patentes aos olhos de todos as criticas, as zombarias, os motejos, os risos, os olhares, os gestos, os dicterios ; emfim tudo quanto podia apartar os fleis da observancia dos seus deveres religiosos. Ficarão patentes aos olhos de todos os actos criminosos os mais occultos, até os pensamentos, os desejos, os sentimentos, os mais reconditos da alma e do coração. Todas as vergonhas, todas as ignominias, todas as torpezas, serão completamente denudadas. Muitos que envolveram-se

nas trevas para mais a gosto offender Deus, contemplarão os seus crimes vergonhosos expostos á luz da mais plena publicidade. Muitos que deixaram de confessar-se, só pelo vexame de ao sacerdote declarar as suas faltas, passarão pelo enorme vexame de ver essas mesmas faltas conhecidas por todos os homens.

Gloria então a todos os justos. Eram desconhecidos. As suas intenções, as mais puras e santas, eram deturpadas, envenenadas pelo despeito dos invejosos. Eram constantemente calunniados, fazendo-lhes os perversos as mais injustas e infamantes imputações. Os seus actos de devoção e de piedade eram pelos ímpios ludibriados. Hoje todas as suas acções, todas as suas intenções são plenamente justificadas. Fulguram diante do mundo inteiro todas as suas grandes e edificantes virtudes, mesmo as que, praticadas sob a sombra da mais profunda humildade, eram então inteiramente occultas e desconhecidas de todos. Nesse dia, aos clarões da luz divina, a verdade e a justiça esplendidamente triumpham. Cada um apparece ás vistas de todos como na realidade foi: dissipam-se as illusões, e desmascaram-se os fingimentos. Aquella donzella, que exteriormente era tão pundonorosa, nutria affectos impuros. Aquelle pai, que parecia ser tão honrado, escandalisava a sua familia. Aquelle commerciante, que era considerado como muito probo, abusava da boa fé, da ignorancia e da simplicidade para augmentar consideravelmente os seus lucros. Aquelle advogado, que era reputado como muito serio, vendia os direitos dos seus constituintes. Aquelle magistrado, que era acatado como integro, ás escondidas, manchava a pureza de sua toga. Aquelle sacerdote, que era venerado como zeloso e piedoso, vendia os thesouros divinos, e atraçoava o seu santo ministerio. Contemplemos agora o inverso do quadro. Aquelle moço, que era tido como um impudico, era puro como um José. do Egypto. Aquella esposa, que era suspeitada de infidelidades, era tão casta como a Suzana calunniada. Aquelle rico, que era censurado de ser avaro, occultamente distribuia grandes esmolas. Aquelle personagem, que parecia levar uma vida regalada, fazia mortificações e penitencias occultas. Aquelles empregados, funcionarios, que foram tão torpemente accusados, cumpriam exactamente com os seus deveres, e eram todos justos e innocentes. Tudo, tudo ficará então perfeitissimamente rectificado, esclarecido, justificado; cada um sendo por todos conhecido e considerado, como realmente foi e merece.

Depois de peremptoriamente esclarecida a causa, começa a devida e justa accusação. A consciencia propria dirá a cada um que elle sabia e podia fazer tudo quanto devia,

e que não fez unicamente pela sua má vontade e pela sua extrema malícia e perversidade. O demonio confundirá todos os culpados, dizendo-lhes: Eu commetti um só peccado, e fui immediatamente condemnado; e vós commettestes milhares, e, tendo á vossa disposição graças tão abundantes e tempo mais que necessario para o arrependimento, persististes em vossos desmandos até o ultimo instante da vida, e aqui appareceis como criminosos para serdes condemnados. Todos os peccadores accusarão aos que directa ou indirectamente concorreram para a sua desgraça. Aos amigos elles lembrarão os máus conselhos, que lhes deram; aos mestres lembrarão as doutrinas falsas, os principios perversos, que lhes inculcaram; aos pais lembrarão os beneficios da educação religiosa, que lhes negaram, os máus exemplos, que lhes offereceram. Os seduzidos lançarão em rosto aos seus seductores as mentiras, os enganões, os fingimentos, as perfidas promessas, os falsos e impios juramentos, empregados para apartal-os do caminho da honra e da virtude, e para separal-os da amizade de Deus. Os justos exprobrarão aos impios e libertinos as censuras, as zombarias, os vituperios, que como meios empregaram para dissuadil-os de continuar na pratica de seus actos de devoção e de piedade.

Porém a mais forte, a mais vexatoria, a mais deprimemente accusação, que soffrerão todos os peccadores, será a que lhes fará o nosso divino Redemptor. Elle a todos os culpados exclamará: Eu vos criei para o céu. Eu vos destinei a serdes commigo eternamente felizes. Para que com segurança e facilidade podesseis conseguir esse fim tão glorioso e santo, fiz tudo quanto dependia de mim, chegando ao ponto de por vós soffrer, derramar o meu sangue, e até mesmo sacrificar a minha vida nos braços de uma cruz. Porém, vós rejeitastes os meus conselhos, desprezastes as minhas graças, abusastes da minha paciencia. Muitas vezes vos chamei, e não me quizestes ouvir; vos mandei, e recusastes me obedecer; vos ameacei, e zombastes das minhas ameaças. Eu fiz tudo para vos salvar; e vós, muito contra a minha vontade e contra os meus desejos, fizestes tudo para vos perder. Se quereis e podeis, apresentai as vossas escusas; desensolvei a vossa defesa. *Narra si quid habes, ut justificeris.*

Dirão: Eu não tinha tempo. Responderá Jesus: Tives tempo de sobra para os passeios, para os divertimentos contrarios ao espirito de minha santa lei; e faltou-vos o tempo unicamente para me servir e glorificar! Dirão: Eu era muito occupado. Responderá Jesus: Tratastes com tanto cuidado dos interesses do vosso corpo, e desprezastes o vosso affazer, o mais importante, desprezastes justamente o fim, para que vos criei, que é a salvação da vossa alma! Dirão:

Eu ignorava o que devia fazer para salvar-me. Responderá Jesus: A culpa é toda vossa, por que, em vêz de ir á Egreja ouvir as instrucções religiosas, ieis assistir os espectaculos, as representações profanas, em que se vos ensinava a indiferença, a descrença, a impiedade, a immoralidade; porque, em vez de ler o catechismo e os livros de devoção e de piedade, perdieis o vosso tempo em ler folhetins, jornaes, romances, contrarios á minha santa religião. Dirão: Eu era muito fraco. Responderá Jesus: Por que então não implorestes os necessarios auxilios por meio da oração? Porque não procurastes vos fortificar pelas graças abundantissimas, que púz á vossa disposição no sacramento da confissão e no da communhão, que por vós foram tão desprezados? O' máu servo, é pelas vossas proprias desculpas e escusas que vos condemno! *Ex ore tuo te judico, serve nequam.*

Parte segunda.

Antes do julgamento os anjos promovem a separação, para a qual attende-se unicamente ao merito ou demerito de cada um. Seja qual for a classe, a posição, o estado, a graduação, o peccador vai para a esquerda, o justo para a direita. Que triste e cruel separação! Os amigos são separados dos seus amigos; os parentes são separados dos seus parentes, sem ser attendido nenhum pedido, nenhuma reclamação. Debalde o amigo quer acompanhar o seu amigo, o filho quer acompanhar a sua mãe, o esposo quer acompanhar a sua esposa; o que é peccador vai para a esquerda, e o que é justo vai para a direita. Os justos que estão postados á direita, alegres bendizem os seus trabalhos, as suas contrariedades, os seus soffrimentos; e os peccadores que estão postados á esquerda, tristes maldizem os seus prazeres, os seus divertimentos, e exclamam: Por que tambem, como era-me tão facil, não cumpri com a lei de Deus, não procurei viver na sua santa amizade; e agora contente estaria collocado ao lado direito em companhia dos escolhidos? Porem a voz de sua propria consciencia lhe responderá: Agora é tarde; não ha mais recurso. Os peccadores todos, invejando a feliz sorte dos justos, lembrar-se-ão das censuras e zombarias que fizeram de suas orações, dos seus jejuns, de suas frequentes communhões, de seu afastamento dos divertimentos e prazeres criminosos do mundo; e lamentando o seu proprio erro, condemnando a sua propria loucura, tristemente exclamarão: Nós insensatos, consideramos a sua conducta como uma loucura, e julgamos que o seu

destino não seria honroso; entretanto eis que agora elles são contados entre os filhos de Deus, e terão a mesma felicidade, de que gosam os santos no céo! *Nós insensati, vitam illorum estimabamus insaniam, et finem eorum sine honore; ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.*

O juiz soberano vai proferir a sua sentença. Dirigindo-se para a esquerda aos peccadores, que estão tremendo e gelados de susto, exclama: Vós peccadores, longe, bem longe de mim. Fui vosso Deus, mas o não sou mais. Fui vosso Salvador, mas em vão, porque durante toda a vossa vida completamente me abandonastes, para vos dedicardes aos serviços dos meus inimigos. Eu devia ser o vosso fim, mas não me possuireis, porque adoptastes para o vosso fim as grandezas, os bens, os prazeres mundanos. Já que não quizestes a minha benção, tereis a minha maldição. Ide, pois, maldictos, para bem longe de minha presença. Não quizestes o meu amor, tereis a minha indignação. Não quizestes as minhas delicias, a minha gloria, tereis como vossa partilha os tormentos eternos. Ide, ide, maldictos, soffrer nas chammas de um fogo eterno. Esse fogo não foi preparado para vós, porem para o demonio. Mas já que o escolhestes para o vosso mestre, seja elle agora o vosso tyrano; já que o escolhestes para o vosso guia, seja elle agora o vosso algôz. Durante toda a vossa vida seguistes a suas maximas, vos dedicastes ao seu serviço; compartilhai agora as suas dores, as suas tristezas, as suas vergonhas, os seus soffrimentos, os seus tormentos. Ide, ide, pois, soffrer para sempre nesse fogo, destinado ao demonio e aos seus anjos. *Ite, maledicti, in ignem æternum, qui paratus est diabulo, et angelis ejus.*

Depois virando-se Jesus para os justos, que sorrindo e cheios de contentamento acham-se á direita, dirá: O' servos fieis, que sempre vos consagrastes inteiramente ao meu serviço, acabaram-se para vós os trabalhos; vinde entrar no meu descanso. O' amigos affectuosos, que em tudo fostes-me extremamente dedicados, soffrendo por minha causa tantas injustiças e atrozes perseguições, terminaram-se para vós as lutas, os combates; vinde receber a palma dos vossos esplendidos triumphos e a coroa das vossas brilhantes victorias. Sede para sempre bendictos. Sede bendictos em vossos labios, que ensinaram a todos bendizer o meu nome, e que sempre cantaram os meus louvores. Sede bendictos em vosso espirito que sempre procurou estudar e defender os meus sagrados direitos. Sede bendictos em vosso coração, que sempre procurou consagrar-me as suas mais puras, ternas e santas affeições. Sede bendictos em vosso corpo, ao qual, só para agradar-me, impuzestes tão penosas mortificações. Sede ben-

dictos em vossos ouvidos, que estiveram sempre attentos para acolher as minhas palavras santas. Sede bendictos em vossos pés, que vos conduziram sempre ás ceremonias e actos religiosos, e vos levaram aos hospitaes e ás moradas dos enfermos para em meu nome suavisar as suas dores e enxugar as suas lagrimas. Sede bendictos em vossas mãos, que aos meus queridos pobres distribuiram tantas esmolas. Vós que não vos envergonhastes de partilhar os meus opprobrios, vinde agora tambem partilhar a minha gloria. Já que tanto vos esforçastes para possuir a minha amizade, vinde tambem agora possuir o meu reino eterno, que eu vos destinei desde a eternidade.

Uma luz brilhante traça aos escolhidos a sua marcha triumphal. Elles todos, radiantes de gloria e de magestade, cada um tendo em sua mão a sua palma e em sua frente a sua corôa, todos alegres, contentes, jubilosos, balançam-se docemente nos ares; lançam sobre a terra um olhar de desdem, e voam para as moradas celestes. Para o lado esquerdo o horrendo golfo se abre; e os pobres e infelizes condemnados, levando a confusão pintada em seu rosto, rangendo de furor os seus dentes, soltando gritos de desespero, esmagados sob o peso da colera divina, precedidos de Lucifer, seu tyrano, são precipitados no grande, immenso, medouho oceano de chammas. Inmediatamente o grande abysmo fecha-se sobre as suas cabeças maldictas. Desce a cortina, que separa a terra do céu, o tempo da eternidade; e para os peccadores começam os tormentos eternos, e para os justos as venturas eternas. Ouçamos a respeito as proprias palavras proferidas pelos labios divinos d'Aquelle, que é a propria verdade. *Irão, diz Jesus, os peccadores para o supplicio eterno: e os justos para a vida eterna. Et ibunt hi in supplicium æternum; justi autem in vitam æternam.*

Felizmente ainda estamos na vida; e assim temos ao nosso dispor o tempo e os meios para nos preparar para nesse tremendo dia nos acharmos á direita e ouvir de Jesus o doce e suave convite para com elle no céu reinarmos por toda a eternidade.

Quinquagesima primeira Instrucção.

A graça divina, lugar e tempo. — Parte primeira.

Julgamos conveniente e necessario dar algumas breves e genericas noções sobre a graça, sobre lugar e tempo, antes de tratar do importantissimo e tremendo dogma sobre o inferno.

Graça é o conjuncto dos meios que Deus nos offerece para promovermos a nossa santificação e salvação. A graça divide-se em habitual e actual. A graça habitual, como já temos explicado, é a isenção de peccado grave, mortal, isenção que faz com que a nossa alma esteja unida a Deus, e permaneça em sua santa amizade. Esta graça chama-se tambem graça santificante, caridade divina; e é ella que constitue a vida de nossa alma. O que a seiva é para a vida vegetal, o sangue é para a vida animal, a graça habitual ou santificante é para a vida espiritual. Sem seiva o vegetal definha; sem sangue o animal morre; sem a graça santificante a nossa alma definha e morre, ficando separada de Deus, privada de sua santa amizade, e não podendo as suas acções ter o minimo merecimento para o céu. A pobre alma, que pela pratica do peccado mortal perde a graça santificante, é o ramo, que, desprendendo-se do tronco, não mais participa da sua vida, e porisso secca e morre. Santo Agostinho diz que assim como a alma é a vida do corpo, Deus é a vida da alma. *Sicut anima est vita corporis, sic anima, vita est Deus.* São Cypriano dizia: Pranteais sobre o corpo, de que apartou-se a alma, e não pranteais sobre a alma, de que se apartou Deus? *Luges corpus, a quo recessit anima, et non luges animam a qua recessit Deus?* São Jeronymo dizia a um seu amigo, que estava em peccado grave: Eu choro, porque não chorais, e porque não sentis que estais morto. *Hoc plango quod te ipsum non plangis, quod te non sentis mortuum.*

Sob o nome de graça actual estão comprehendidos todos os auxilios offerecidos por Deus para deixarmos e para evitarmos o peccado. Estes auxilios são interiores e exteriores. Os interiores são os pensamentos, os desejos, as inspirações, os remorsos, que Deus em nossa alma desperta, e que nos inclinam, nos animam, nos encorajam para abandonar o peccado, ou para fugir das occasiões, e vencer as tentações para não cahir no peccado. Os auxilios exteriores são os bons livros, os bons conselhos, os bons exemplos, a

santa pregação, as contrariedades e infortunios, que concorrem para procurar a amizade de Deus, ou para poder nella permanecer. Qando esses auxilios nos induzem a procurar a amizade de Deus, chamam-se *graças prevententes, excitantes*; quando nos auxiliam na realização do nosso intento, chamam-se *graças cooperantes*. Quando S. Paulo diz que completa o que falta á paixão de Jesus Christo, quiz nos ensinar que devemos pelas boas obras e pela recepção dos sacramentos nos applicar as graças e os meritos de Jesus Christo, que nos seriam inuteis sem a nossa cooperação para a sua devida applicação.

O homem nunca pode merecer a primeira graça actual, pois seria recompensa de acções puramente naturaes. Não pode merecer de *condigno* a primeira graça habitual ou santificante, pois que esta já é absolutamente necessaria para o merito de condignidade. A Igreja condemna os que dizem que a fé é a primeira graça, pois nada podemos absolutamente fazer sem uma graça de Jesus Christo, que nos previne, excita ao bem, e conosco faz o bem. 1.º A graça nos é dada gratuitamente, sem que a mereçamos. 2.º Não podemos fazer nenhuma obra meritoria para o céo, sem o soccorro de uma graça actual. 3.º Não ha homem algum, a quem Deus não conceda, ao menos, tantas graças, quantas são necessarias para obter a salvação. Deus pode, querendo, conceder mais do que é necessario. 4.º A graça não tira a liberdade, e o homem conserva sempre o poder de resistir-lhe. Os principaes effeitos da graça são a justificação e os meritos das boas obras.

A justificação é um dom sobrenatural, que faz o homem passar do estado de peccado grave ao estado de graça santificante, e assim o torna amigo e filho de Deus. E' verdade de fé que com a graça actual, dada por Deus, o justo pode verdadeiramente merecer um augmento de graça santificante, a vida eterna, e um acrescimo da gloria celeste. Esta doutrina é ensinada pelo Concilio Tridentino, e explicada pelo Cardeal Gousset.

Parte segunda.

O vacuo é uma entidade imaginaria. Espaço absoluto é a extensão possivel dos corpos; e espaço real, que é o que chamamos lugar, é a porção de extensão occupada de facto pelos corpos existentes. De modo que espaço é a capacidade, que contem ou pode conter os corpos. Extensão é a limitação de um corpo por outro menos denso, em que

acha-se contido. Todos os corpos estão de tal modo dispostos que o mais denso está contido na extensão de outro menos denso. Assim o corpo continente é a capacidade do corpo contido. Sem corpo não concebe-se nem espaço, nem lugar; e senão houvesse corpo, também não haveria nem espaço e nem lugar. A capacidade de conter corpos, que supõe-se existir fora dos limites do mundo, é um espaço imaginário, ou, como mui sabiamente diz Santo Agostinho, é um *espaçoso nada*. Aqui poder-se-ia fazer uma objecção, que seria esta: Se um corpo estivesse necessariamente contido em outro, e fosse por elle limitado e circunscripto, nunca poderíamos chegar ao ultimo corpo, e assim o mundo não teria limites. Responde-se que o ultimo corpo não está contido na extensão de um outro corpo, mas na sua propria extensão; isto é, não está limitado e circunscripto pelas dimensões de outro corpo, porem pelas suas proprias dimensões. Desde que não haja um outro corpo menos denso em que possa ser contido, todo corpo é contido em sua propria extensão.

Uma substancia pode estar em um lugar de dois modos: *circunscriptivo* ou *definitivo*. Acha-se circunscriptivamente quando uma parte da substancia está contida numa parte do lugar, e toda a substancia no lugar todo, por forma que a medida da superficie da substancia corresponda exactamente á medida da superficie do lugar. Este modo é proprio das substancias *corporeas*, que por serem dotadas de quantidade, podem ser limitadas pelo *lugar*. Acha-se *definitivamente* quando a substancia está toda em todo lugar e toda em cada uma das partes do lugar, não com a totalidade da *quantidade*, mas com a *totalidade* da *essencia*; de modo que não é contida pelo *lugar*. Este modo é proprio das substancias *espirituaes*, que não tem quantidade, e que estão em um lugar, ou para *informar* ou para nelle *operar*. E' deste modo que a alma humana está no corpo organico.

Tempo é a successão dos seres mutaveis. Tempo real é a duração successiva dos seres existentes e finitos! e tempo ideal ou absoluto é a possibilidade da duração successiva e indefinita dos seres possiveis. Assim como sem corpo não ha extensão, e sem extensão não ha espaço; assim também sem ente finito não ha successão, e sem successão não da tempo. Pelo que vê-se que para os entes que não podem mais fazer mudanças ou successões, também deixa de haver tempo.

Quinquagesima segunda Instrucção.

O Inferno — Primeira parte.

A Escriptura Santa, a Tradição, os Concilios, os Santos Padres sustentam unanimemente a existencia do inferno. Todos os povos, antigos e modernos, adiantados e atrazados universalmente acreditaram na existencia do inferno. Os grandes sabios da antiguidade, mesmo os pagãos, como Plão, Virgilio, e outros muitos, terminantemente asseveraram que existe o inferno. Desde que admitta-se a existencia de Deus e a liberdade humana, deve-se tambem admittir a existencia do inferno. Deus, ser perfeitoissimo, ha de necessariamente ser justo, e portanto ha de recompensar a virtude e castigar o vicio. Ora isso em regra elle não faz durante esta vida. Nós vemos muitissimas vezes homens viciosos, perversos, odientos, perseguidores, sanguinarios, e que entretanto são ricos, grandes, dominadores, adulados, nadando sempre em prazeres; e por outro lado vemos um homem honrado, pacifico, virtuoso, que é pobre, doente, desprezado. Se tudo terminasse aqui, onde estaria a justiça de Deus? E' portanto absolutamente necessario que haja uma outra vida, em que este homem honesto e virtuoso seja recompensado, e esses viciosos e perversos sejam castigados. Ha e não pode deixar de haver distincção entre a virtude e o vicio; e se a virtude deve ser premiada, o vicio deve ser castigado. Se, pois, ha um céu para ser a recompensa dos bons, não pode deixar de haver um inferno para ser o castigo dos maús. Assim para supprimir o inferno, seria forçoso tambem supprimir o céu; e supprimir igualmente o castigo e a recompensa, o vicio e a virtude, o mal e o bem. Ora isto seria o mais extremo dos absurdos; e portanto devemos admittir a existencia do inferno.

Todos os escriptores sagrados que sustentam o dogma sobre a existencia do inferno, ensinam que nelle os condemnados soffrem a pena dos sentidos, produzida pela actividade do fogo; e a pena de damno ou da raiva e desespero, produzida pela separação do soberano bem. Alem de todos os theologos, de todos os escriptores ecclesiasticos, de todos os apostolos e evangelistas, Jesus Christo, a verdade eterna, a sabedoria increada, nos ensina muitissimas vezes em seu evangelho que os condemnados são no inferno atormentados pelo fogo! E' elle próprio que nos assevera que os reprovados irão para o fogo, que não se extingue, serão

lançados na fornalha ardente; que o máu rico era atormentado no meio das chammas; que no juizo final elle enviará todos os peccadores para o fogo eterno. Se, pois, o evangelho não é uma fabula e Jesus Christo não é um mentiroso, devemos firmemente acreditar nos tormentos do fogo do inferno.

Mas dirão: Como é que o fogo pode queimar a alma que é um puro espirito? Deveriam tambem perguntar como é que aqui no mundo o fogo, que naturalmente queima, muitas vezes tem deixado de queimar? como é que o fogo aqui queimando o corpo, é a alma que soffre a sua actividade e violencia? O fogo do inferno queima a alma, que é um espirito, porque Deus, que pode, assim quér. O poder de Deus não mede-se pelas nossas fracas e acanhadas concepções. Disto que nós não comprehendemos uma cousa, não segue-se que ella não seja tal, como Deus a tem revelado. Se Deus só pudesse fazer o que nós comprehendemos, nada poderia fazer: pois o que é que nós verdadeiramente comprehendemos? O sabio Santo Agostinho diz que esse fogo queima por um modo miraculoso, mas verdadeiro. *Miris, sed veris modis*. E', pois, um fogo miraculoso, preparado por Deus para vingar a sua justiça ultrajada pelos peccadores; e assim atormentar a cada um de conformidade com a sua malicia e perversidade. Quanto mais tiver o peccador offendido a Deus, mais fortemente por esse fogo vingador será atormentado. Queima sem destruir, mas conservando a alma, só para poder continuar a lhe infligir os seus cruciantes tormentos. Se o fogo que foi creado só para nosso proveito e utilidade, tortura tão atrozmente as suas victimas, qual não deverá ser a violencia e o furor daquelle que foi constituido unicamente para ser o algóz vingador das offensas feitas ao Deus infinitamente justo e santo?

Porem muito mais intensa, aguda e torturante, do que a pena dos sentidos, é a pena de damno, que consiste na separação e na privação de Deus, soberano bem. A nossa alma foi creada para ser feliz, e ardentemente o deseja ser. Ella natural e irresistivelmente tende para o bem perfeito, completo, que pode fazer a sua felicidade, saciando todos os seus desejos: o qual não é, nem pode ser, senão Deus, que em si encerra todos os bens. Durante a sua vida aqui no mundo ella não tende, ou fracamente tende para Deus, porque está preocupada com os negocios e com os divertimentos terrenos; está distrahida com os bens e prazeres humanos; mas no momento da morte, separando-se de tudo quanto é terreno, não tendo diante de si outro bem, senão Deus, que é o bem verdadeiro, ella só pensa, só deseja, só quér unir-se inteiramente a Deus. En-

tretanto essa união é impossivel, porque ella está inseparavelmente ligada ao peccado, que é a perversidade, e que é repellido por Deus, que é a santidade. Pelo peccado o homem aparta-se de Deus para unir-se ás creaturas; vai de encontro á sua essencia, que é a santidade; e assim, tanto quanto depende de si, tenta, embora em vão, destruir, aniquilar Deus. Portanto Deus deve aborrecer, odiar o peccado tanto quanto ama-se a si mesmo. Elle ama-se com um amor necessario, não podendo deixar de amar-se; e por isso odeia o peccado com um odio necessario, não podendo deixar de odial-o. Elle ama-se com um amor infinito, amando-se tanto, quanto pode amar-se; e porisso odeia o peccado tanto, quanto pode odial-o. Elle ama-se com um amor eterno, nunca podendo deixar de amar-se; porisso odeia o peccado com um odio eterno, nunca podendo deixar de odial-o.

Durante a vida Deus aborrece o peccado e ama o peccador, porque elle ainda pode deixar o peccado. Mas no momento da morte, terminando-se o tempo, para o peccador não pode mais haver mudança; terminando-se o uso da liberdade, não pôde mais haver aperfeiçoamento. Então o peccado se humanisa, se identifica com a alma peccadora, de modo que Deus não pode aborrecer o peccado, sem aborrecer o peccador; não pode amar o peccador, sem ao mesmo tempo e igualmente amar o peccado. Assim ha entre Deus e o peccador um muro de separação. Elle declarou ao máu rico que entre o céu e o inferno havia um grande abysmo, que nunca e por ninguem poderia ser transposto. Ha entre Deus e o peccador uma inimizade irreconciliavel; reina entre ambos um odio eterno. Os vossos peccados, diz Isaias ao peccador, tem operado uma separação entre vós e nosso Deus. *Iniquitates vestrae dividerunt inter vos et Deum nostrum.* Essa separação, começada na vida, completa-se, e firma-se no momento da morte. Privado de Deus, o peccador porisso mesmo fica privado de todo bem, e exposto e entregue a todo mal. O mal, diz Santo Thomaz, é a privação de um bem que reclama a natureza do ser. Ao condemnado, porque está separado de Deus, falta um bem, que reclama a sua natureza, o bem soberano; e portanto soffre o mal soberano, que é a reunião de todos os males. Quem não tem a luz, soffre as trevas; quem não tem o calor, soffre o frio; quem não tem a agua, soffre a sede; quem não tem o alimento, soffre a fome. O peccador perdendo a Deus, perdeu tudo; não tendo o bem soberano, soffre ao mesmo tempo, a acção cruciante de todos os males. O grande Santo Irineu diz que o condemnado, perdendo a Deus, perdeu todos os bens, e por essa unica razão soffre a universalidade de todos os males. *Desolati ab omnibus bonis, in omni pena versantur.*

O condemnado, porque conserva a sua intelligencia, sabe apreciar a grandeza e a preciosidade do bem que perdeu; porque conserva a sua memoria, lembra-se que a Deus bem verdadeiro e perfeito, elle preferiu os bens illusorios do mundo; lembra-se que tinha todos os meios e recursos para possuir Deus, que, se o perdeu, foi por sua propria e exclusiva vontade. Oh! como esta apreciação e esta lembrança martyrisam a sua alma! Dizei ao commerciante: Naufragou o barco, que trazia todas as vossas riquezas; ao pleiteante: está perdido o processo, de que dependia a felicidade de toda a vossa familia; á uma carinhosa e devotada mãe: morreu o vosso unico filho, que devia ser o vosso unico e poderoso amparo na vossa pobreza e na vossa velhice. Oh! quantas angustias, quantos suspiros, quantas lagrimas, quantos prantos não produzirão essas infaustas noticias. Agora o que pensar-se das tristezas, dôres, tormentos, que soffrerá o condemnado, quando convencer-se que perdendo Deus, perdeu todos os bens, e será para sempre victima de todos os males? Santo Agostinho diz que ser separado de Deus, é um tormento tão grande, quanto é grande o proprio Deus. — *Separari a Deo hoc est tanta pena, quantus ipse est Deus.* O condemnado não cessa de querer e tentar unir-se a Deus, unico bem que podia fazer a sua verdadeira felicidade; mas, porque está indissoluvelmente unido ao peccado, é continua e fortemente repellido por Deus. Santo Agostinho diz que o amor desprezado converte-se em furor: *Frustrata cupiditas vertitur in furorem.* Assim o condemnado, querendo e não podendo unir-se a Deus, contra elle se enfurece. Querer a todo tranze viver unido a Deus, e gosar de Deus, e ter certeza e lembrar-se sempre que nunca poderá realizar o seu empenho: eis o maior e mais dilacerante tormento do condemnado.

Parte segunda.

E para cumulo do infortunio e da desgraça do condemnado, tanto a pena dos sentidos, como de damno, hão de durar sempre, e nunca hão de ter um termo. As provas desta tremenda verdade são innumeradas e peremptorias. O corpo, porque compõe-se de partes, dissolve-se, e deixa de existir; a alma, porem, sendo simples e espirital, não tem partes, e não pode decompor-se; e porisso ha de existir sempre. Deus a poderia destruir, mas não o fará, porque isso iria de encontro á sua sabedoria e á sua bondade. Durante a vida, havendo successão e uso da liberdade, a alma pode-

arrepender-se, e ser perdoada ; mas, com a vida acabando-se tambem o tempo e a liberdade, não pode haver mais arrependimento, e porisso nem perdão. Se no momento da morte a alma estiver unida a Deus, não podendo mais peccar, ficará sempre unida ao soberano bem, e portanto sempre feliz ; se, porem, estiver separada de Deus pelo peccado, não podendo mais arrepender-se, continuará sempre separada do bem soberano, entregue ao soberano mal ; e portanto sempre infeliz e desgraçada. Pelo que é clarissimo que no momento da morte começa para os justos uma eternidade venturosa, e para os peccadores uma eternidade desastrosa. Na eternidade não havendo mais tempo, não pode haver nem mudança, nem successão ; e assim haverá para os justos um só acto eterno de bemaventurança, e para os peccadores um só acto eterno de desgraça.

As penas eternas formam um compensação das recompensas eternas. Se Deus, porque é infinito em sua bondade, dá aos bons premios eternos ; porque tambem é infinito em sua justiça, deve impor aos máus castigos eternos. Estes justificam a sua justiça, como aquelles justificam a sua bondade

A eternidade das penas é uma consequencia logica da distincção que existe e não pode deixar de existir entre a virtude e o vicio. Existindo uma differença essencial entre o bem e o mal, a conclusão de um e a de outro nunca poderão confundir-se, porque dois principios contrarios e oppostos jamais poderão produzir a mesma consequencia. Ora se o castigo do peccado dos máus devesse se resolver num perdão geral, a conclusão do mal seria identica a do bem, porque o virtuoso e o scelerado áfinal abraçar-se-ão, chegando ambos, por caminho tão oppostos, ao mesmo termo desejado, e ambos conquistando a mesma felicidade. Porem isto, alem de ser a mais clamorosa de todas as injustiças, seria ainda o mais revoltante de todos os absurdos.

O dogma das penas eternas é absolutamente necessario para cohibir certos crimes, e Deus deve dar aos homens tudo quanto lhes é necessario para serem bons. O homem está cercado de tantas seducções, e é tão propenso ao mal, por causa da sua natureza corrompida, que para cumprir os seus deveres e respeitar os direitos dos seus semelhantes, necessita temer um castigo, que o amedronte. Contra os crimes e abusos temos na sociedade quatro sancções, porém, todas insufficientes. Temos a vóz da consciencia, que o criminoso quasi sempre abafa ; temos os damnos causados pelo peccado, de que elle não faz caso ; temos os castigos impostos pelas autoridades civis, de que elle pode se eximir de tantos modos ; temos a opinião publica, que é apaixonada e

que com facilidade escusa e desculpa tudo. E' necessario um castigo, que cause grande terror aos grandes criminosos, que implantam a deshounra nas familias, e a desordem e a anarchia na sociedade. Mas dirão que apesar das ameaças das penas eternas, os grandes crimes constantemente se reproduzem. Se essa sanção divina não garante a observancia das leis, ella é por sua natureza sufficiente para garantir, porque os motivos que apresenta para a sua observancia, são superiores aos motivos, que podem impellir os homens á sua violação. Se com a imposição desse tremendo castigo ainda ha quem commetta tão nefandos attentados, o que seria se estivessem convencidos que esse castigo nunca lhes seria imposto? Se não houvesse o dogma das penas eternas, todos os homens seriam justamente o que são os que dizem que não existe um inferno eterno, embora disso estejam intimamente convencidos. Não ha um inferno eterno, é o brado satanico de todos os perversos, de todos os scelerados, de todos os assassinos, de todos os ladrões, de todos os envenenadores, de todos os corruptores, de todos os sanguinarios, de todos os tyranos. No momento em que todos acreditassem que não havia inferno ou que seus castigos eram temporarios, o mundo tornar-se-ia um cahos, e a sociedade havia necessariamente de extinguir-se.

As penas eternas, alem de necessarias, são justas. O castigo deve estar em proporção com a malicia do crime, e não com o tempo empregado para a sua realisação. Para se commetter um assassinato não é necessario mais que um minuto, tempo em que se pode dar uma punhalada ou desfechar um tiro; entretanto esse crime é punido com dez, com vinte annos de prisão. A perversidade do crime depende da importancia da pessoa offendida. Quem esbofeteia a um estranho, não tem crime tão grande, como o que esbofeteiar ao seu irmão, como o que esbofeteiar á sua mãe, ou a seu pai. O militar que injuriar a um seu camarada, não tem tão grande crime, como o que injuriar ao seu capitão; ainda mais ao seu comandante; ainda mais ao seu soberano. Ora o peccado offende a Deus, que é infinito; e porisso tem uma malicia, uma perversidade infinita, que portanto deve ser punida com uma pena infinita. Mas como o homem, que é finito, não pode supportar um castigo infinito em rigor e intensidade; é justo que elle soffra um castigo infinito em duração, que é um castigo eterno.

A morte surprehende o peccador na vontade de peccar; e porque, não havendo mais tempo, não ha tambem mais mudança, elle continúa sempre na vontade de offender a Deus, embora não possa mais offendel-o. A morte surprehende o peccador em odio contra Deus, e não havendo mais mudan-

condemnados. Para Deus não ha futuro ; ha só presente. O homem pecca, não porque Deus tenha isto previsto, mas porque, sendo livre, quer peccar. Deus sabe que o homem tem de peccar justamente porque elle por sua propria vontade ha de peccar. De modo que o peccado não é uma consequencia do previo conhecimento de Deus, mas este é que é uma consequencia daquelle. Deus não crea o homem para ser máu, mas para ser bom, dando-lhe para isso todos os meios necessarios. Se pois o homem é máu, é por sua propria vontade, e porque contraria á vontade de Deus. Se Deus deixasse de crear por bondade, porque o homem por maldade havia de ser máu, seria consentir que a maldade suplantasse a bondade : o que, além de absurdo, seria iniquo. Querer que Deus creasse só os que tinham de ser bons, é querer restringir a liberdade de Deus, e tirar toda a liberdade ao homem. Querer roubar ao homem o poder de ser máu, é querer extinguir a virtude e o merito, que funda-se no pleno uso da liberdade.

A razão fundamental das penas eternas é que lá na outra vida não ha mudança, nem liberdade ; e portanto não ha, nem pode haver arrependimento, e sem arrependimento não ha, nem pode haver perdão. Se Deus perdoasse ao peccador não arrependido, approvaria o seu peccado ; e o peccado, que é a soberana perversidade, abraçar-se-ia com Deus, que é a soberana santidade. A' esta razão cabal ainda objectam os impios e os perversos que Deus infinitamente bom podia e devia consentir que na outra vida pudesse haver liberdade para haver arrependimento, e assim haver tambem perdão. Eis a resposta que completamente pulverisa essa objecção, que apparentemente é fortissima. Deus devia, como realmente o tem feito, prescrever um tempo determinado, durante o qual o homem por seus actos livres pudesse conseguir o seu ultimo fim ; porque diversamente elle continuaria sempre a peccar, certo de que, quando quizesse, poderia arrepender-se, e voltar á amizade de Deus e ser salvo. A ordem exige que esse tempo seja unicamente a vida presente ; porque, se assim não fosse, elle impunemente desprezaria as leis de Deus até o ultimo instante da vida presente, deixando a sua conversão para depois da morte, quando não teria mais leis a observar. Nessa hypothese absurda e desastrosa as leis naturaes e divinas ficariam sem a devida sancção, e seriam burlas ; e os homens, sem freio ás criminosas paixões, seriam féras, e a sociedade não poderia mais subsistir. Os que tanto estranham que um Deus infinitamente bom eternamente castigue os reprovados, deveriam bem ponderar que, se nesse castigo ha um infinito, como allegam, ha tambem infinito nos merecimentos da redempção que os condemnados lançaram aos pés ; nos sacramentos que profana-

ram; no céu que desprezaram. Argumentam tanto com a bondade de Deus, mas não reflectem que justa e racionalmente não podemos exigir dessa divina bondade, senão que a todos de os meios necessarios para serem felizes; de modo que ninguém seja infeliz, senão unicamente por sua propria culpa. Ora isto Deus tem feito, faz e fará sempre a todos.

Sobre esse dogma que tanto desagrada e scandalisa os que desejam passar toda a sua vida no peccado, ouçamos os competentes, cujas asseverações terminantes refutam cabalmente todas as difficuldades e objecções. O grande São Gregorio diz que os perversos querem viver sem fim, para sem fim poder peccar; e é por isso que soffrem castigos sem fim, porque tiveram a vontade de peccar sem fim. O mesmo santo ainda diz que Deus tendo revelado o dogma das penas eternas, os que, para defender a sua bondade, negam esse dogma, offendem a sua veracidade; e para sustentar que Deus é bom, d'elle fazem um mentiroso. O mesmo ainda assevera que pela mesma razão por que a felicidade dos justos no céu é eterna, eternos tambem devem ser os supplicios dos condemnados no inferno. Se Deus não fosse infinito em todos os seus attributos, não seria Deus. Assim, devendo ser infinito em sua bondade em recompensar os bons eternamente; deve tambem ser infinito em sua justiça em castigar eternamente os máus. O grande sabio Tertuliano diz que Deus, porque é santo, detesta o peccado; e detestando-o procura a todo transe destruil-o. E' por isso que, sem offender a liberdade, procura pela ameaça das penas eternas apartar os homens do peccado. O grande São Jeronymo diz que Deus, porque proclama as penas eternas, é justamente porque dellas quer livrar os peccadores. Deus nos ameaça como juiz, por que deseja nos recompensar como pai; e o demonio nos falla, fingindo ser amigo, só para poder nos atormentar como tyrano. O grande São Bernardo diz que os peccados não podendo ser na outra vida expiados, devem ser sempre castigados. O grande santo Thomaz diz que não é para deleitar-se que Deus aos condemnados impõe a pena eterna, mas para conservar e fazer respeitar a ordem, na qual baseia-se todo o bem do universo; e que lá na outra vida, não podendo a culpa ser perdoada, ella permanece eternamente, e que em quanto perdura a culpa, não deve cessar a pena.

Ouçamos emfim o mestre de todos os mestres, que não engana-se, porque é a verdade infinita; nem nos engana, porque é a santidade infinita. Nosso Senhor Jesus Christo no seu Evangelho nos falla do fogo que *não se extingue*; do verme, que *não morre*; da morte, que *não tem fim*, mas que é eterna. Elle nos assevera que dirá aos reprovados: *Ide,*

maldictos, para o fogo eterno. Depois de discrever a tremenda scena do Juizo ultimo, elle termina a sua narrativa por estas tão expressivas palavras: *E irão os bons para a vida eterna, e irão os máus para o supplicio eterno.* Portanto os que quizerem negar a existencia do inferno, os seus horrendos tormentos do fogo e a sua duração eterna, para serem logicos e consequentes, devem tambem negar a divindade de Jesus Christo, e assim proclamarem-se infieis e pagãos; negar a mais verdadeira e authentica de todas as historias, o Evangelho, e assim proclamarem-se inteiramente scepticos. Não ha por onde fugir: ou uma, ou outra cousa.

Parte quarta.

Provado á luz de toda evidencia que depois desta vida passageira ha uma vida eterna, feliz para os bons, desgraçada para os máus, convem examinar a sua duração; pensar qual das duas será a nossa; e verificar de que depende essa solução, da qual depende a nossa felicidade ou nossa desgraça eterna.

Que é a eternidade? Para Deus é uma duração que não teve principio, nem terá fim; e para os homens é uma duração, que tem principio, mas que não terá fim. A eternidade é um caminho. em que, caminhando-se sempre, nunca avança-se nem um só passo. Depois de nella passar milhões de milhões de seculos, ella acha-se toda inteira, como no primeiro momento, em que nella se tiver entrado. Por mais que se lhe tire, nada se lhe diminue; por mais que se lhe adicione, nada se lhe augmenta. A eternidade é uma extensão sem horizontes, onde a vista prolonga-se sem nunca descobrir o seu termo. Ella é um abysmo sem fundo, onde quanto mais o espirito profunda-se, mais perde-se. Não pode ser calculada, porque todos os calculos são numeros, e ella não tem numero; não pode ser medida, porque toda a medida é limitada, e ella não tem limites. Ella é eterna em tudo: na vingança de Deus, que contra o peccador sempre enfurece-se; no decreto, que o reprova; nos demonios, que o atormentam; no fogo, que o devora; no verme que o roe; na alma que não pode perecer.

Os Santos Padres imaginam as mais hyperbolicas comparações para dar-lhe uma fraca expressão de sua incomprehensivel duração: porém todas ficam muito a quem da sua realidade. Supponhamos, dizem uns, uma corrente, da qual uma extremidade prende-se aqui na terra, e outra vai prender-se no sól, e da qual cada élo representa um milhão

de seculos. Quantos milhões de milhões de seculos? A eternidade é tudo isso, e ainda mais o infinito. Supponhamos, dizem outros, que o condemnado derrama uma lagrima de arrependimento de cada mil annos. Cain ainda não teria derramado seis lagrimas, e Judas ainda não teria derramado duas. Supponhamos que esse condemnado chegue a derramar tantas lagrimas, quantas seriam necessarias para formar um grande oceano. Quantos milhões de milhões de seculos? A eternidade é tudo isso, e ainda mais o infinito. Supponhamos, dizem outros, que haja uma bóla de bronze do tamanho do mundo, e que de cada mil annos uma mosca passa roçando com suas azas, e chega a roçar tantas vezes, que destroe esse immenso colosso. Quantos milhões de milhões de seculos? A eternidade é tudo isso, e ainda mais o infinito. Supponhamos, dizem emfim outros, tantos milhões de milhões de seculos, quantas são as letras que tem todos os livros; as folhas que tem todas as arvores; as estrellas que tem o firmamento; os grãos de arêias que tem todas as praias; os pingos d'agua que tem todos os rios e todos os mares. Quantos milhões de milhões e de milhões de seculos? A nossa imaginação perde-se na representação de tantos seculos. A eternidade é tudo isso, e ainda mais o infinito.

Ha apenas duas palavras que dão uma idéa imperfeita, pallida da incomprehensivel duração da eternidade: a palavra *sempre* e a palavra *nunca*. Por quanto de tempo hão de durar as alegrias dos justos no céu e as tristezas dos condemnados no inferno? Sempre. Quando hão de cessar os prazeres dos justos no céu, e os tormentos dos condemnados no inferno? Nunca. Por quanto de tempo os justos cantarão os louvores de Deus no céu, e os condemnados hão de blasphemar contra Deus no inferno? Sempre. Quando os justos deixarão de ser felizes com Deus no céu, e quando os condemnados deixarão de ser desgraçados com os demonios no inferno? Nunca. O' sempre! O' nunca! O' eternidade! Entretanto quantos homens preocupados unicamente com esta vida tão passageira, esquecem-se completamente desses seculos sem fim, que os esperam no momento da morte!

Ha duas eternidades, qual das duas será a nossa? O genero humano todo inteiro forma dois grandes exercitos, o de Jesus, e o do demonio. O demonio procura vencer Jesus e derrocar o seu imperio; e Jesus tambem faz todo o possivel para triumphar do demonio, e demolir o seu reino. Pertencem ao exercito do demonio os impios, os incredulos, os libertinos, os hereges, os indifferentes, todos os máus catholicos, que não cumprem com os seus deveres religiosos,

nem recebem os necessários e devidos sacramentos. Pertencem ao exercito de Jesus Christo todos os verdadeiros e sinceros catholicos, que professam toda a sua doutrina, observam toda a sua santa lei, acatam os seus ministros, frequentam os sacramentos da confissão e da communhão, e enfim são seus servos fieis e amigos sinceros e dedicados. Ha uma eternidade de tormentos para castigar a rebelião e os crimes dos que pertencem ao exercito do demonio; e ha uma eternidade de prazeres para recompensar a fidelidade e as virtudes dos que pertencem ao exercito de Jesus Christo. Na primeira eternidade estão contidos todas as vergonhas, todas as tristezas, todas as dores, todos os soffrimentos; na segunda eternidade estão contidos todas honras, todas as alegrias, todos os prazeres, todas as delicias. O que é certissimo é que entre nós e uma dessas duas eternidades medeia um só passo, e que de um instante para outro nella podemos nos achar. Um incidente desastroso, um rompimento violento de uma veia, a paralyzação do sangue, a cessação da respiração, lança-nos inesperadamente numa dessas duas eternidades. O que ainda é certissimo é que nós inevitavelmente cahiremos numa dessas duas eternidades. Quem não entrar na eternidade feliz, ha de necessariamente entrar na desgraçada; e quem entrar na eternidade desgraçada, nunca mais poderá entrar na feliz. Sendo assim, como realmente é, como é que um catholico que tem fé e razão pode dormir tranquillamente, achando-se no peccado grave, e portanto sabendo que poderá de seu somno despertar-se no abysmo de uma eternidade desgraçada? O' eternidade, exclama' Santo Agostinho, quem vos medita, e não reforma a sua vida, ou não tem fé, é um incredulo; ou não tem razão, é um louco!

Vejamos enfim de que depende a nossa eternidade. São Paulo diz que o que o homem semear, isso ha de colher. Se semear as virtudes, ha de colher as recompensas das virtudes; se semear os vicios, ha de colher os castigos dos vicios. Jesus Christo, a verdade eterna, a bondade infinita, assevera que Deus, seu Pai, ha de dar a cada um de conformidade com as suas obras. Portanto, a nossa eternidade depende unicamente de nossa vida. Todas as nossas acções são para a eternidade: as boas são para a eternidade feliz; as más são para a eternidade desgraçada. Quando praticamos essas acções, ellas como que fogem, e desapparecem de nós; porém no momento da morte todas ellas vem unir-se a nós, para nos impellir para uma das duas eternidades. Esse acto de virtude, que nós praticamos num instante, se pelo peccado grave não perdermos o seu merecimento, no momento da nossa morte virá unir-se á nossa alma, para conduzi-la

para a eternidade feliz. Assim tambem, esse crime, que o peccador commette num instante, se elle antes não lavar a sua culpa nas lagrimas dum sincero arrependimento, derramadas no tribunal da confissão, no momento de sua morte virá unir-se á sua alma, para precipital-a no abysmo da eternidade desgraçada. De sorte que, com os auxilios da graça divina, que nunca nos falta, nós somos os arbitros soberanos de nosso destino eterno; e cada um de nós, com toda a certeza, terá a eternidade, que durante a sua vida tiver procurado.

A nossa eternidade depende, não só de nossa vida, mas ainda de nossa tão curta vida. Que é a nossa vida? É um vento, que se dissipa; é uma nuvem, que passa; é a flor que de manhã desabrocha-se tão bella e cheirosa, e á tarde já murcha e sécca. A nossa vida é semelhante ao relampago, que brilha, passa e apaga-se immediatamente, escondendo-se na mais espessa escuridão. Os annos antes de passarem, parecem muito longos; depois de passarem, parecem brevissimos. Estamos muito perto da vida para podermos bem calcular a sua duração; e só, quando já estivermos na eternidade, é que veremos quanto ella é breve. Depois de ter passado um milhão de seculos numa das duas eternidades, uma existencia de cem annos nos parecerá menos de um dia, menos de um minuto, menos mesmo de um instante. Se agora perguntarmos a São Paulo, a São Jeronymo, a São Franciscó Xavier, e a muitos outros, que por longos annos trabalharam para glorificar a Deus, que lhes parece agora a duração dos seus afanosos trabalhos apostolicos? Elles nos hão de responder que um momento de sacrificio lhes conquistou uma eternidade de prazeres. Se perguntamos agora aos infelizes condemnados, que lhes parece a duração dos seus passeios, dos seus divertimentos? Elles nos hão de responder que um momento de criminoso deleite os condemnou á uma eternidade de tormentos.

Pelo que fica dito sobre a existencia e a duração das duas eternidades podemos bem aquilatar a enorme insensatez dos mundanos, que só pensam na vida presente, e completamente se esquecem da vida futura. Elles por não quererem soffrer durante uma vida passageira, expõem-se a soffrer durante uma vida eterna; e por não quererem privar-se de alguns prazeres durante uma vida passageira, arriscam-se a perder os direitos de gosar durante uma eterna. E ainda são insensatos, porque temem leves e não temem horrosos soffrimentos; e tambem porque tão ardorosamente procuram prazeres sem importancia, e desprezam prazeres importantissimos. O que torna intoleraveis os soffrimentos, e o que torna apreciaveis os prazeres, é a longa duração. Um

atróz soffrimento, mas de um momento, tolera-se com a maior facilidade; ao passo que um pequeno soffrimento, mas que devesse durar sempre, seria um insupportavel tormento. Um grande prazer, mas de um momento, não tem importancia; ao passo que um pequenino prazer, mas que devesse durar toda a vida, seria de summa importancia. Com muitissima razão dizia Santo Agostinho: O que não é eterno, é nada. *Quod æternum non est, nihil est*: Os soffrimentos desta vida não tem importancia, porque são transitorios; os soffrimentos da outra vida são importantissimos, porque são eternos. Os prazeres desta vida nada valem, por quesão passageiros; os da outra vida são importantissimos, valem muitissimo, porque são eternos. Os que não querem soffrer um instante, para depois nunca mais soffrer durante toda a sua vida, são verdadeiros loucos. Os que não querem gosar de gosar um instante, para depois gosar durante toda a sua vida, são loucos. Ora uma vida, mesmo de cem annos, em relação á uma eternidade, é muito mais breve do que um instante relativamente á uma vida, mesmo de cem annos. Loucos são portanto todos os que não cumprem com a lei de Deus, nem procuram viver na sua santa amizade; porque por causa de evitar tormentos passageiros, soffrerão os eternos; e, por causa de conquistar prazeres passageiros, perderão os eternos.

Em todas as nossas deliberações, em todos os nossos emprehendimentos sigamos o exemplo de São Luiz de Gonzaga, e perguntemos a nós mesmos: Que proveito tem isto para a eternidade? *Quid hoc ad æternitatem?* Se aproveita, para a eternidade, tem immenso valor; e se não aproveita, nada inteiramente vale, porque o que não é eterno, é nada. *Quod æternum non est, nihil est*. Sigamos o sabio conselho de São Bernardo que dizia: Em vida pelo pensamento desçamos ao inferno, para na morte não descermos em realidade. Sigamos o conselho de Santo Agostinho que dizia que a lembrança do fogo eterno do inferno serve para excitar em nós o fogo do amor de Deus, e apagar o fogo da concupiscencia. Tenhamos diante dos olhos o edificante exemplo de São Martiniano, que numa violenta tentação pôz os pés sobre as brazas, e perguntou a si mesmo: Poderei supportar o fogo do inferno?

Em 1453 Mahomet 2.^o tomando Constantinopla matou quarenta mil pessoas, e reduziu sessenta mil ao captiveiro. Notaras, um dos principaes senhores da cidade, que escapou da morte, veio pedir ao vencedor a vida para si e para seus dois filhos, depondo aos pés do sultão vencedor, como preço, uma grande quantidade de ouro e pedrarias preciosas. O barbaro sorrindo-se respondeu: Tudo isso pertence

me. Insensato, não vedes que vós, corpo e bens, estais em meu poder? Immediatamente mandou prender e decapitar pai e filhos. O peccador está também, corpo e alma, sujeito ao poder do demonio; e cahindo no inferno, nunca mais poderá resgatar-se. Em quanto estamos na vida temos á nossa disposição todos os meios necessarios para evitar o inferno e ganhar o céu; portanto deixarão de ir gosar eternamente no céu, e irão soffrer eternamente no inferno, unicamente os que persistirem em querer viver sempre no peccado. A culpa será toda sua.

Quinquagesima terceira Instrucção.

O Purgatorio. — Parte primeira.

Todo peccado contem em si culpa e damno. A culpa é a injuria, feita a Deus; o damno é a negação da obediencia e submissão, devidas a Deus. A culpa grave, porque offende a uma pessoa infinita e de um modo completo, merece uma pena eterna; a culpa leve, embora offenda a uma pessoa infinita, offendendo-a de um modo incompleto, merece uma pena temporal. Perdoada a culpa, fica perdoada a pena correspondente. Assim, perdoada a culpa grave, fica perdoada a pena eterna; e perdoada a culpa leve, fica perdoada a pena temporal correspondente. Não pode ser perdoada uma culpa grave, sem que todas fiquem perdoadas, porque a culpa grave tira a amizade de Deus; e ninguem pode, ao mesmo tempo e da mesma pessoa, ser amigo e inimigo. Podem ser perdoadas as culpas graves, sem serem perdoadas as leves, porque estas não tiram a amizade de Deus. Pela mesma razão podem ser perdoadas umas culpas leves, ficando outras sem serem perdoadas; porém não pode ser perdoada nenhuma culpa leve, antes de serem perdoadas todas as culpas graves; porque quem está na inimidade de Deus, nada pode fazer, que lhe seja agradável.

A culpa grave perdoa-se unicamente pela confissão, feita ao sacerdote e unida á contrição, mesmo imperfeita, ou pela contrição perfeita, unida ao sincero desejo de fazer, logo que possa, a confissão ao sacerdote. Contrição perfeita é o pesar de ter offendido a Deus, não porque elle castiga, mas unicamente porque elle é bom; e a imperfeita é o pesar de ter offendido a Deus, temendo o castigo ou outros males, provenientes do peccado. A culpa leve é perdoada pela confissão, pela communhão, pela extrema-uncção, pela contrição

perfeita e imperfeita, independente de confissão; por actos de amor de Deus; e também pela expiação, soffrendo voluntariamente a pena correspondente, como foi determinado por Deus. Os damnos, tanto pelas culpas leves, como pelas graves, merecem penas temporaes, que não são perdoadas com as culpas; porque damnos não se perdoam, mas são satisfeitos ou expiados pelas penas correspondentes. As penas temporaes correspondentes aos damnos podem ser satisfeitas pelos meritos das boas obras; porém não podem ser satisfeitas antes de perdoada a culpa, porque antes da reconciliação não pode haver satisfação: nem podem ser satisfeitas senão por aquelles que estão na amizade de Deus, isto é, isentos de peccado grave, porque nesse estado nada pode ter merecimento. As boas obras, que podem satisfazer pelas penas temporaes são: Os actos de religião, de piedade, de devoção, de caridade; o soffrer com resignação os trabalhos, as doenças e todas as contrariedades e infortunios desta vida. Os damnos podem ser satisfeitos pelos meritos de outros, porque, se as culpas são pessoaes, os meritos são reversiveis. Isto quer dizer que um não deve soffrer pelo crime de outro; mas que um pode pagar a divida de outro.

Os damnos, que não forem devidamente satisfeitos, serão necessariamente expiados pelo soffrimento da pena correspondente. No momento da morte o homem, relativamente a Deus, pode achar-se em uma destas tres situações differentes: no peccado grave; na amizade de Deus, e já tendo satisfeito pelas penas temporaes todas; na amizade de Deus, mas tendo ainda culpas leves não perdoadas, ou penas temporaes ainda não satisfeitas. No primeiro caso, vai para o inferno; no segundo, vai directamente para o céu; e no terceiro, é forçoso que passe antes por um estado expiatorio, para purificar-se e poder entrar no céu. Este estado expiatorio é o que chama-se purgatorio, que constitue um dogma de fé, imposto á nossa crença pela nossa santa religião.

Este dogma é ensinado pela Escripura Santa, pelos santos Padres, Concilios, e pela crença universal de todos os tempos. Jesus Christo nos aconselha de nos harmonisarmos com a justiça divina durante esta vida, porque diversamente seremos entregues ao juizo, e depois ao carcere, donde não sahiremos, senão depois de ter pago até o ultimo ceutil ou vintem. Ora do inferno ninguem pode sahir; no céu nada ha a pagar-se; portanto esse carcere é o purgatorio. Jesus Christo também disse que ha peccados, que não são perdoados, nem neste, nem noutro mundo. Ora no inferno não pode haver perdão; no céu não ha mais nem sombra de peccado; e é pois no purgatorio que pelos soffri-

mentos expiatorios são perdoadas as culpas leves, e pagas as penas temporaes.

Com certeza referia-se ao purgatorio o apostolo São Paulo quando disse que aquelles, cujas obras, embora perfectas, não podessem ainda sujeitar-se ao rigor das provas, seriam salvos, porém antes passando pelas chammas. São Basilio diz que a crença sobre o purgatorio, é de tradição apostolica. O sabio Tertuliano, fallando da crença do purgatorio, diz: A tradição é a autora; o costume é a confirmadora; a fé é a observadora. No cap. 4 num. 4 de Isaias lemos o seguinte, que claramente prova o dogma do purgatorio: O Senhor apagará as manchas dos filhos de Sião pelas severidades de um justo desterro, e pelo rigor do fogo. O facto de em todo tempo e em todas as nações terem-se oferecido orações e sacrificios pelos mortos, demonstra a antiguidade e a universalidade da crença na existencia do purgatorio. Os judeus, em vez de sete dias, como entre nós se observa, tomam trinta dias de reclusão pelo sentimento pela morte de um parente; e passam esses dias desprendidos de occupaões e relações, para se occuparem unicamente em recitar orações, offerecer sacrificios pela alma do finado. Desde os primeiros seculos da Egreja os sacerdotes offereceram o santo sacrificio da missa pelas almas dos defuntos. Nas exequias do imperador Theodosio Santo Ambrosio fez esta supplica: Senhor, possam os meus gemidos, as minhas lagrimas e as minhas orações fazer a sua alma entrar na mansão dos vivos. Santo Agostinho na missa que celebrou por alma de sua mãe, santa Monica, fez a Deus esta oração: Senhor, afastai vossos olhos de suas iniquidades. Fenelon disse á Lady, senhora protestante, que dissesse ao seu ministro que elle se compromettia a tornar-se protestante, se o ministro contestasse e provasse que santo Agostinho não celebrou missa e nem orou por alma de sua mãe, santa Monica. O ministro protestante, não acceitando a proposta, a senhora Lady de protestante tornou-se catholica.

Os proprios sabios pagãos acreditavam na existencia do purgatorio. O poeta Virgilio falla dos Campos Elysios e do Tartaro, e de um estado medio, em que as almas purificam-se passando muitas vezes pelas chammas. Platão em seus escriptos falla de almas enfermas, que chegam á felicidade pelos soffrimentos na outra vida, que servem de expiação pelos crimes praticados nesta vida. O poeta italiano Dante consagra vinte e quatro cantos á exposição das penas que soffrem as almas no purgatorio. Os proprios hereges que querem ser sinceros, confessam a existencia e até a conveniencia do purgatorio. O sabio protestante Leibnitz diz: E' o mais antigo sentimento da Egreja que é preciso orar

pelos mortos, e que elles são alliviados pelas nossas preces. O sabio protestante Malersem diz: Uma alma podendo não estar bem pura quando deixa o mundo, é preciso haver um estado intermediario, em que ella possa purificar-se. O doutor protestante F. Krappen, em sua *Philosophia do Christianismo*, diz o seguinte: No momento da morte a maior parte dos homens, não merecendo nem o céu, nem o inferno, é natural que a dogmatica christã admitta um estado intermediario, onde não haja nem a felicidade do céu, nem os tormentos do inferno—o purgatorio. Lutero, o fundador do protestantismo, dizia: Creio firmemente que o purgatorio existe, e que as almas, que ali soffrem, são alliviadas pelas nossas orações e boas obras. O grande historiador Cantú, que não é suspeito, no volume 15, pagina 28, assevera que Lutero, antes da sua apostasia, publicou um escripto, no qual elle sustentou a invocação dos santos, a veneração das imagens e a doutrina catholica sobre o *purgatorio*. Em summa, para negar-se o dogma do purgatorio, é forçoso admittir ou que no céu entra peccado leve, ou que no inferno uma falta leve é punida com penas eternas.

Parte segunda.

Quanto ás penas que no purgatorio soffrem as almas, a Igreja apenas definiu, como dogma, que ellas soffrem muito, nada podem mais fazer em seu proprio beneficio, mas que Deus acceita em seu favor os nossos suffragios; nada affirmando sobre a duração, nem sobre a natureza e a severidade dos seus soffrimentos. Os santos Padres e os theologos ensinam que ellas soffrem a pena dos sentidos pelo fogo e a de damno pela privação de Deus. Santo Thomas diz que o mesmo fogo que atormenta os condemnados no inferno, atormenta tambem as santas almas no purgatorio. Santo Agostinho por outras palavras externa a mesma doutrina. Elle diz que o mesmo fogo, que consome a palha, depura o ouro: e ainda acrescenta que o nosso fogo, em comparação do do purgatorio, é apenas uma imagem, uma pintura de fogo.

Além do tormento do fogo, as almas soffrem a pena de damno, que é immensamente mais intensa e atróz. Em quanto estamos aqui na vida, estamos distrahidos, preoccupados com os affazeres terrenos, estamos entretidos com os bens e prazeres passageiros; e porisso a nossa alma tende para Deus, mas fracamente, friamente. Porém depois da morte, desprendidos absolutamente de tudo quanto é do mundo, não tendo diante de si, senão Deus, o verdadeiro bem, nós

tenderemos para Deus, como a pedra, desprendida no alto tende impetuosamente para o centro da terra. Essas santas almas conhecem Deus; o amam apaixonadamente; ardentissimamente desejam unir-se a elle; e, envolvidas no meio das chammas devoradoras, não sabem quando poderão realizar os seus santissimos desejos. Ellas são como os pobres desterrados que soffrem em terra estranha, e não sabem quando ha de findar-se o seu tristissimo degredo, e poderão entrar no seio da patria extremamente amada. São Cyrillo, para dar uma fraca idéa da grandeza e intensidade dos soffrimentos dessas almas, diz que todas as tristezas, todas as dores, todos os tormentos, que todos os homens soffrem aqui no mundo, em comparação do que ellas soffrem no purgatorio, são verdadeiras alegrias, consolações, delicias. Turlot conta o seguinte facto, que vem narrado na vida de Santo Antonino. Um enfermo estava ha muitos annos soffrendo dores atrozes; e, desanimado de tanto soffrer, pediu a Deus que lhe mandasse a morte. Deus mandou communicar por um anjo a esse enfermo que se continuasse a soffrer com paciencia mais dois annos, morrendo então iria direitinho para o céo; e que se morresse já, iria durante dois dias purificar-se no purgatorio. O doente sem hesitar, escolheu morrer immediatamente, e ir passar os dois dias no purgatorio; e assim aconteceu. Essa alma anciosa esperava passarem esses dois dias, que nunca passavam. Desesperada nos seus soffrimentos, que pareciam-lhe não ter mais fim, ella chamou o anjo, e este apparecendo-lhe, exclamou: Meu bom anjo, enganastes-me, pois dissestes-me que eu aqui passaria apenas dois dias; entretanto que já peno ha mais de vinte annos. O anjo lhe respondeu: Estais inteiramente enganada, pois ainda não passaram-se nem duas horas, e até o vosso cadaver ainda não foi sepultado. Então a alma pediu, e lhe foi concedido de voltar ao mundo para completar os dois annos de soffrimentos; e desde então não cessava de aconselhar a todos de tolerar com toda paciencia e resignação todos os trabalhos e infortunios da vida, para assim livrarem-se das penas do purgatorio.

Cumpre notar que as almas no purgatorio podem expiar as penas temporaes, impostas para satisfazer aos danos causados á soberania divina, e até mesmo podem conseguir o perdão das faltas leves, que aqui no mundo não lhes foram perdoadas, pelas seguintes razões. No purgatorio o soffrimento expia a culpa, porque é acceito, e a alma está em estado de graça, e em estado de transição, em que ha successão: pois, embora já deixasse o mundo, ainda não entrou na eternidade, sendo porisso de algum modo viadora. No inferno o soffrimento não expia justamente pelas razões

contrarias: a alma está no peccado grave, no odio a Deus, e revoltando-se contra o soffrimento; e ainda principalmente porque, já tendo entrado na eternidade, para ella não pode haver mais successão e nem mudança. Não havendo mais tempo de prova, e prorisso não tendo mais liberdade, nem os auxilios da graça, a alma não pode mais no purgatorio por si mesma satisfazer, sendo obrigada a soffrer as penas correspondentes aos danos causados á soberania divina; porém Deus, por sua immensa bondade, acceita em seu favor a satisfação pelos suffragios e indulgencias, desde que a culpa já esteja perdoada. Esta doutrina é segura e fortemente sustentada pelo grande sabio, philosopho e theologo, Santo Thomaz.

Parte terceira.

Para evitarmos essas penas tão fortes e dolorosas, devemos procurar aqui mesmo no mundo pagar a Deus as nossas grandes dividas. Antes de tudo, para que os nossos actos todos possam ter diante de Deus merecimento, procuremos conservar a nossa alma isenta, pelo menos, de peccado mortal, para estarmos na amizade de Deus. Soframos com toda a paciencia e perfeita conformidade com a santa vontade de Deus todos os trabalhos e todas as contrariedades da vida: a pobreza, as doenças, as injustiças e os desprezos dos homens. Além de cumprir com todos os divinos mandamentos e os deveres proprios do nosso estado e emprego, frequentemos com todo respeito as solemnidades religiosas; procuremos, o mais frequentemente que nos fôr possível, receber a sagrada communhão; tenhamos muita caridade para com o proximo; soffrendo os seus defeitos; perdoadando as injurias; animando-o em seus trabalhos; defendendo a sua reputação; e principalmente chamando-o ao cumprimento dos seus deveres religiosos e afastando-o do peccado.

Não nos esqueçamos dessas santas almas, que lá estão no purgatorio soffrendo tanto, e reclamando e esperando os nossos suffragios. Lembremo-nos que se agora não tivermos compaixão dellas, daqui ha bem pouco tempo tambem lá estaremos soffrendo e não acharemos quem nos socorra. Guardemos em nossa lembrança estas importantissimas palavras do grande São João Chrysostomo: Não é com luto, nem com lagrimas que devemos socorrer as almas dos nossos parentes, amigos e bemfeitores, que gemem no purgatorio; mas é com esmolos, orações, missas, communhões.

Além de ser um dever de gratidão, é um dever de caridade, cujo cumprimento muitíssimo agrada a Deus, e por elle é muito generosamente recompensado. O padre Rossignoli refere que Santa Gertrudes no momento da morte, lamentando-se de nada ter feito para si, e de ter tudo feito em favor das almas do purgatorio, Jesus lhe appareceu e disse-lhe: Gertrudes, ficai socegada: vossa caridade para com as almas tem-me tanto agradado, que, logo depois da morte, isenta do purgatorio, vos farei subir ao céo, acompanhada pelas almas, que livrastes pelos vossos suffragios. De modo que tudo quanto fazemos em beneficio das almas, re-dunda em nosso proprio beneficio.

Para vermos quanto os nossos suffragios aproveitam a essas santas almas, attendamos ao seguinte factó, que vem narrado na vida de São Vicente Ferrer. Uma sua irmã, que achava-se ausente, morreu e veio-lhe contar que estava já ha oito annos soffrendo muito no purgatorio por graves crimes de impureza; e que ahí tinha de ficar soffrendo até o fim do mundo. São Vicente, que então já operava milagres, começou a rezar, jejuar, fazer esmolas pela alma de sua irmã; e no fim de oito annos ella veio-lhe communicar que, devido aos seus suffragios, já achava-se no céo. Principalmente os que occupam alta posição na sociedade; os que exercem governo, devem muito trabalhar para que não liquem muitos annos penando no purgatorio. De modo todo particular devem-se esforçar para evitar de ficar muitissimos annos no purgatorio os que são incumbidos do governo das almas. Quando morreu um religioso, muito virtuoso, Santa Thereza declarou que, não obstante as suas grandes virtudes, receava que elle ficasse muito tempo no purgatorio, só porque tinha sido provincial durante muitos annos. Temo muito, disse então ella, pela sorte dos que tem cura d'almas. Isto não deve servir de motivo de desanimo: mas de motivo para mais trabalharmos pela nossa santificação, e de mais generosamente procurarmos soccorrer as almas, para que nos aconteça o mesmo, que aconteceu a Santa Gertrudes.

Quinquagesima quarta Instrução.

As Indulgencias.

Por mais que façamos para durante toda a nossa vida pagarmos todas as nossas dividas para com Deus, pode acontecer que no momento de nossa morte ellas ainda não estejam todas pagas; e então seremos obrigados a ir pagal-as nas chammas do fogo do purgatorio. Os que desejam sinceramente evitar as penas do purgatorio devem, além de procurar adquirir muitos meritos pelos seus actos de religião, piedade, devoção e caridade, devem procurar ganhar as santas indulgencias, que por Deus são acceitas como moédas, que saldão as nossas dividas. Que é indulgencia? E' o pagamento que com os seus merecimentos a Egreja faz a Deus pelos damnos, que pelos nossos peccados causamos á sua divina soberania. Um homem causa injustamente um prejuizo; e, sendo processado, é condemnado pelo juiz a indemnizar ao prejudicado, ou a ficar por muito tempo detido em uma prisão. Não tendo com que fazer a indemnização, um seu amigo rico por elle satisfaz tudo ao prejudicado; e, livrando-o do castigo, o seu amigo apenas d'elle exige um pequeno serviço como prova de sua gratidão. Eis uma perfeita representação do que acontece quando a Egreja nos concede o precioso beneficio das indulgencias. Ella, impondo-nos alguns actos de devoção, ou de caridade, ou de facil mortificação, com os merecimentos de seu riquissimo thesouro satisfaz por nós á justiça divina; e livra-nos de no purgatorio soffrermos as penas, devidas aos damnos causados pelos nossos peccados.

As indulgencias dividem-se em parciaes e plenarias. As parciaes pagam uma parte das nossas dividas; as plenarias pagam todas, tornando-nos inteiramente quites para com Deus. Falando sobre as indulgencias, o sapientissimo Santo Thomas diz: E' muito justo que os bens communs de uma sociedade sejam repartidos entre os seus membros, conforme o juizo de seus chefes. A Egreja, como legitima representante de Deus, aqui no mundo, tem o poder de abrir o céu: pode portanto remover todos os obstaculos, satisfazendo pelas indulgencias as penas temporaes, que servem de embaraços para se entrar no céu. Os protestantes negam á Egreja o poder de conceder indulgencias; porém não lembram-se que Lutero, seu chefe e fundador de sua primeira seita, quando sacerdote catholico, defendeu esse dogma de nossa santa religião, e que elle só o combateu, quando sentiu-se contra-

riado por sua Ordem não ter sido a escolhida para fazer a pregação da grande indulgencia, que ia ser concedida. A Igreja tem um riquissimo thesouro de merecimentos para distribuir a seus filhos; e é a distribuição desses merecimentos, que constitue a concessão das santas indulgencias. Esse thesouro é formado pela superabundancia dos meritos das virtudes dos santos, e dos da paixão e morte de Jesus Christo. Todo damno exige uma indemnisação; mas tambem todo o merito deve ter a sua devida applicação. Temos tido muitos santos, que tiveram pelas suas heroicas virtudes immensos merecimentos; e que entretanto delles não se utilisaram, porque não tinham dividas ou tinham apenas pequenas dividas para pagar a Deus. São João Baptista fez austeras penitencias, e afinal foi preso e degolado por Herodes; tinha portanto incomparaveis merecimentos. Porém elle não precisava desses merecimentos, porque tinha sempre se conservado justo e innocente. Esses merecimentos, que a outros podem ser applicados, em virtude da communhão de bens que ha entre os filhos da Igreja, vão formar o seu thesouro. Maria Santissima, nossa carinhosa mãe, praticou todas as virtudes e com extrema perfeição, e mui particularmente a virtude da penitencia e mortificação. Ella esteve junto dos pés da cruz do seu divino Filho; e quando este era martyrizado em seu corpo santissimo, ella o era em sua alma pura e innocentissima. Os seus merecimentos são incalculaveis. Entretanto ella de nenhum precisava, pois em sua alma santissima nunca teve ingresso nem sombra de peccado. Esses sublimes e preciosos merecimentos foram engrossar o thesouro da Igreja. Jesus era homem e Deus, e nelle havia com duas naturezas uma só pessoa divina. Como os actos são da pessoa, todos os seus tinham um valor infinito. Assim para salvar os homens bastava que elle derramasse um pingo de sangue, ou um pingo de suor, ou uma lagrima; bastava mesmo que elle exhalasse um gemido ou um suspiro em favor dos homens, porque um gemido ou um suspiro seu, sendo o de um Deus, teria um valor infinito. Entretanto elle trabalhou tanto; derramou tantos suores e lagrimas; derramou todo o seu sangue, e entregou a sua vida nos braços de uma cruz. Os seus merecimentos dariam para salvar milhões de milhões de mundos, e ainda não seriam esgottados. Todos esses incomprehensiveis merecimentos, que sobraram da redempção dos homens, foram augmentar extraordinariamente o riquissimo thesouro, de que a Igreja tira as riquezas, que reparte com os seus filhos, quando lhes concede as santas indulgencias.

Para ganhar se uma indulgencia é necessario cumprir o que está determinado relativamente aos actos de religião

ou caridade; ter intenção de ganhar, e estar em estado de graça, isto é, com a consciencia isenta de peccado mortal. Os que estão em peccado mortal, para ganhar uma indulgencia parcial, devem, pelo menos, fazer um acto de contrição perfeita, unido ao desejo sincero de, logo que puderem, confessar-se, não sendo necessario de facto já ter confessado. Os que pretendem ganhar uma indulgencia plenaria, além do preceituado para a indulgencia parcial, devem de facto confessar-se e commungar, e ainda ter desapego até aos peccados veniaes. Um pode ganhar indulgencia para outro, com tanto que ambos estejam em estado de graça. Pode-se tambem ganhar as indulgencias para as almas do purgatorio, desde que sejam concedidas como applicaveis, e que esteja em estado de graça o que procura ganhar as ditas indulgencias.

Que quer dizer uma indulgencia de duzentos dias? Quer dizer que por ella recebem-se tantos merecimentos, como se durante duzentos dias se fizessem as mais rigorosas penitencias de jejuns e mortificações. Que quer dizer uma indulgencia plenaria? Quer dizer que por ella podem-se receber tantos merecimentos, quantos são necessarios para pagar todas as penas, que se deveriam soffrer por todos os damnos causados á soberania divina. O que conseguir ganhar uma indulgencia plenaria, se morrer nesse estado, vai direitinho para o céu, sem passar um instante pelo purgatorio. Quando a pessoa que procura ganhar uma indulgencia plenaria não tem todas as devidas disposições, recebe só parte dos merecimentos, e a indulgencia para ella de plenaria torna-se parcial. Porque não é facil ganhar-se uma indulgencia plenaria, devemos procurar ganhá-la muitas vezes, para assim de muitas parciaes formarmos uma plenaria.

Para bem apreciarmos quanto são importantes e preciosas as indulgencias, prestemos toda attenção ao seguinte facto. Havia em um convento dois religiosos, dos quaes um fazia rigorosissimas penitencias, mas não dava muita importancia ás indulgencias; e outro que só fazia as penitencias impostas pela sua regra, mas que era avaro das indulgencias, procurando não perder uma só occasião de ganhá-las. Morreram ambos. O muito penitente foi ficar alguns annos no purgatorio; e o avaro de indulgencias, e que não era muito penitente, foi direitinho para o céu. Pelo que vê-se quam poderosamente concorrem as indulgencias para a completa purificação de nossa alma. Em outra parte indicaremos os actos, objectos e orações indulgenciadas.

Nossa vida aqui no mundo pode bem ser comparada á uma navegação. O mundo é o mar. O barco é a nossa santa religião. O piloto é o Papa; e os marinheiros são os

bispos e os sacerdotes; e os passageiros são todos os catholicos. O peccado mortal é o naufragio, e a confissão feita ao sacerdote é a taboa de salvação. Os que caem no peccado mortal e não procuram a confissão, são os que naufragam e não procuram a taboa de salvação. Esses perdem-se. Os que procuram depois do peccado pela confissão, são os que naufragando procuram a taboa de salvação. O purgatorio é o lazarêto, onde ficam detidos os que ainda não estão bem limpos e sãos. O céu é o porto desejado, em que alegres entram os que limpos e sãos chegam ao termo de sua navegação.

Quinquagesima quinta instrucção.

A verdadeira felicidade — Parte primeira.

Todos os homens ardentissimamente desejam ser felizes; e entre todos não ha um só que não procure a felicidade e felicidade completa e perfeita. A verdadeira felicidade deve contentar todos os nossos desejos, não deixando um só, sem ser perfeitamente contentado. Portanto a verdadeira felicidade deve consistir na posse e no gozo de um ente, que exclua todos os males, e contenha todos os bens, porque se contivesse um só mal, este nos encommoaria, e já não seria felicidade; e, se lhe faltasse um só bem, esse seria desejado, e já não seria felicidade. Aqui no mundo ninguem pode encontrar verdadeira felicidade, porque todos os bens e prazeres são incompletos e imperfeitos. São incompletos quanto á especie, porque ninguem pode ter os bens, e os prazeres de todas as especies. Quem é rico, não tem saude. Quem tem saude, é pobre. Quem é sabio, é pobre ou doente. Quem é considerado, não tem paz e socego. Quem tem as altas posições, tem grandes preocupações e muitos desafeiçoados. São incompletos quanto ao numero, porque ninguem pode ter todos os bens e prazeres. Tem dinheiro, mas não tem todo, e assim deseja ter o que ainda não tem. Gosa prazeres, mas não gosa todos, e assim deseja gosar os que ainda não gosa. São imperfeitos, porque não satisfazem. Parecem muito preciosos antes de se possuir; mas depois de possuidos perdem toda a sua importancia e encantos; e permanece o desejo de possuir outros bens e prazeres, que ainda não são possuidos. Acontece aos homens do mundo em relação aos bens e prazeres, justamente o que acontece aos caçadores relativamente á caça. Trabalham, esfor-

çam-se com muito empenho para apanhar uma caça; porem logo que apanham-na, entregam aos cães, e correm, e vão procurar apanhar outras, que ainda não estão em seu poder. Querem muito ter uma certa somma de dinheiro, tendo-a, não fazem mais caso, e procuram uma outra somma, que ainda não possuem. Querem muito galgar uma certa posição; conseguindo-a, não lhe dão importancia, e com todo empenho procuram attingir uma outra mais elevada. Querem gosar um determinado prazer; gosando-o delle não fazem mais conta, e ardentemente desejam gosar um outro, que ainda não gosam. Ha até mesmo certos prazeres, que pelo goso contínuo, causam aborrecimento. Uma comida muito desejada e apreciada, della usando-se todos os dias e todas as horas, torna se fastidiosa. Um canto suave, harmonioso, pelas primeiras vezes que se ouve, deleita os ouvidos; mas, se for ouvido constantemente, torna-se insupportavel.

Ainda os bens e os prazeres do mundo são imperfeitos porque podem ser perdidos. Quem tem fortuna, sabe que pode ficar pobre. Quem tem saude, sabe que pode ficar doente. Quem está collocado em alta posição, sabe que della pode cair. Quem tem sciencia, sabe que pode perdela, porque até a razão pode perder. Quem é estimado, sabe que pode ser aborrecido, e até desprezado e perseguido. De modo que quem não tem, deseja ter: e quem tem deseja não perder; e assim nunca poderá se considerar feliz. Quando mesmo os homens pudessem realizar todos os seus desejos, ha um que nunca e em caso algum poderão realizar: é o desejo de não morrer; e a simples impossibilidade de não realizar este desejo, é bastante para que aqui no mundo não possa haver verdadeira felicidade.

Tambem estamos, seja qual for o nosso estado, profissão, idade, condição, expostos a tantos males e a tantos soffrimentos. Precisamos trabalhar para ter o necessario para a subsistencia. Para adquirirmos conhecimentos, necessitamos estudar muito. Estamos sujeitos ás inclemencias do tempo: ora muito frio, ora muito calor; ora muita chuva, ora muita secca. Estamos sujeitos a tantas e a tão afflictivas enfermidades: e expostos a tantos incidentes e desastres, que podem nos roubar a saude e até a propria vida. Estamos sujeitos á malevolencia dos homens: intrigas, ciumes, invejas, despeitos, maledicencias, juizos temerarios, deturpação do nosso pensamento ou intenção, falsas imputações e até torpes calumnias. Quando nós, por nós mesmos, não soffremos, soffremos por ver soffrer os que nos são caros. Não ha absolutamente ninguem, que já não tenha tido occasião de dar o seu gemido, exhalar o seu suspiro, derramar a sua

lagrima. Tem, pois, muita razão a Igreja quando qualifica esta vida de valle de lagrimas. A nossa vida aqui no mundo sobre este respeito poderia bem ser definida por estas expressões: *Nascer, soffrer e morrer*. A prova cabal que aqui não ha felicidade, é que não houve ainda, nem ha presentemente quem esteja contente; pelo contrario todos estão á espera, desejosos, anciosos de melhorar a sua sorte. Com muita sabedoria dizia o grande São Bernardo que a aspiração indefinida para alguma cousa de maior, de mais bello, de mais puro, prova evidentemente que os objectos perciveis podem bem occupar a nossa alma, mas não podem encher-a: são capazes de enfiar-a, mas não de saciar-a. O rei Carlos 5.^o aos dezeseis annos dizia sempre: *Mais longe*; e aos trinta annos: *Mais longe ainda*. Queria dizer: Mais riquezas, prazeres, grandezas, e mais ainda sem nunca chegar a um termo. Salomão foi um rei muito rico, muito sabio, muito considerado; e depois de passar muitos annos no meio das grandezas, na posse das riquezas, e embriagado de todos os prazeres, tristemente exclamou: Vaidade das vaidades! Tudo no mundo é vaidade!

O seguinte facto prova evidentemente que aqui no mundo não ha ninguem que esteja contente com a sua sorte, mas que todos querem sempre melhora-la. O rei de Bagdad era apaixonado pela caça. Um dia, indo fazer uma caçada, e montando em um cavallo muito fogoso, este deu uma grande carreira em um vasto campo, sem que o rei pudesse mais contel-o. Um pobre pastor, que ali estava pastoreando o seu rebanho de ovelhas, vendo o rei em perigo, avançou-se e com o seu bordão ameaçando o cavallo, conseguiu fazel-o parar. O rei, muito grato ao pastor, que o tinha livrado da morte, disse-lhe que no dia seguinte fosse ao seu palacio pedir-lhe o que mais desejasse. Foi o pastor e disse ao rei: Eu ficaria muito contente, e considerar-me-ia feliz tendo uma chacara, com horta para verduras e um pastinho com uma vacca para ter o leite todos os dias. O rei satisfez plenamente o pedido. Passado porém algum tempo, o pastor veio ao palacio, e declarou ao rei que ainda não estava bem contente, porque um seu conhecido tinha uma grande fazenda, onde colhia muito mantimento, e tinha muitos rebanhos. O rei satisfez ao novo pedido. Passado algum tempo, o pastor ainda veio apresentar-se ao rei, dizendo-lhe: Magestade, um outro meu conhecido, além de como eu, ter fazenda, tem tambem aqui na cidade uma casa de sobrado, onde assiste com sua familia ás festas. Oh! se eu tambem tivesse uma casa nessas condições, então ficaria inteiramente contente, mais nada desejando! O rei lhe respondeu que faria ainda esse pedido; mas que seria o ultimo.

Passado mais algum tempo, ainda o pastor veio dizer ao rei que um seu amigo, além de ter fazenda e casa de sobrado, era senador; e que não tendo elle a mesma importancia, não podia estar perfeitamente satisfeito, e que com a satisfação de mais esse seu desejo, estaria tudo completo. O rei lhe respondeu que os seus pedidos deveriam ter um termo; e, satisfazendo este, nada mais poderia fazer. Demorou-se mais a voltar, mas ainda voltou, e ponderou ao rei que um homem que era governado, não poderia ser tão feliz, como o que governava; e que para completar-se a sua felicidade, pedia ao rei que deixasse a sua realleza, nomeando-o para ser seu successor; e que só assim é que elle ficaria verdadeiramente feliz. O rei sorrindo-se lhe respondeu: Já que tudo que vos tenho feito, em vêz de vos contentar, mais tem açulado e incendiado os vossos insaciaveis desejos, não sois mais senador, não tendes mais nem sobrado, nem fazenda, nem chacara; e voltai, eu vol-o ordeno, para a vossa antiga occupação; ide continuar a pastorear o vosso pequeno rebanho de ovelhas, para, como dantes, viverdes mais socegado e tranquillo. E assim aconteceu. Eis como nada neste mundo pode inteiramente contentar os incontentaveis desejos do homem, que quanto mais tem, mais deseja ter; quanto mais gosa, mais deseja gosar.

Parte segunda.

Deve entretanto haver para o homem uma felicidade perfeita, pois que é certissimo que todo homem, sem excepção de um só, sente uma tendencia irresistivel para uma felicidade perfeita, que consiste na posse eterna de todos os bens, e na exclusão eterna de todos os males, tendencia que sendo natural, deriva do proprio autor da natureza; e não é menos certo que a felicidade perfeita, como já demonstramos, não se encontra na vida presente. Portanto ou Deus nos deu um desejo que, nunca podendo realizar-se, só nos devia servir de tormento, ou então existe uma vida eterna, onde se pode conseguir uma felicidade perfeita.

A felicidade perfeita traz consigo a idéa da eternidade; porque a incerteza ou o mêdo de que o bem possa se acabar, faz com que elle deixe de ser felicidade perfeita. Esta tendencia natural e irresistivel que tem todo o homem para ser perfeitamente feliz, evidentemente demonstra que o seu fim ultimo é uma felicidade perfeita, que só pode ser um bem perfeito e universal, para poder saciar completamente todos os seus desejos. Ora um bem nessas condições só

pode ser Deus ; e portanto a felicidade perfeita só poderemos encontrar em Deus. Mas Deus, sendo um puro espirito, só pode ser possuído pelas faculdades immateriaes, a intelligencia e a vontade. A intelligencia pode conhecer Deus, como verdade perfeita ; e a vontade pode o amar, como bem perfeito. O conhecimento é a medida do amor. Quanto menos a intelligencia conhece um objecto, menos o ama a vontade ; e quanto mais a intelligencia o conhece, mais a vontade o ama. Aqui o conhecimento de Deus é imperfeito, porque, o conhecendo unicamente pelas creaturas, não abrauge toda a ordem creada em si, nem em todas as suas relações para com o creador ; e o amor, fundado nesse conhecimento imperfeito, é fraco, mutavel, imperfeito. Conhecendo é amando Deus imperfeitamente durante esta vida, segue se que aqui só pederemos ter uma felicidade imperfeita. Pela tendencia natural de um ente conhece-se com toda certeza e segurança o seu fim, o seu destino. Platão, o grande e antigo sabio pagão, dirigindo-se a todos os entes, dizia-lhes: Procurais as cousas mortaes? Sois mortaes. Procurais as cousas immortaes? Sois immortaes. *Quæris mortalia? Mortalis es. Quæris immortalia? Immortalis es.* A nossa alma, tende natural e necessariamente para um bem eterno ; ella é portanto immortal e eterna. Assim a vida presente e a futura formam a duração da existencia de nossa alma. Esta vida é o começo da outra. Aqui devemos começar a ser o que sempre seremos na outra vida. Esta será o meio para attingir o fim, que será a outra. Aqui conhecemos e amamos Deus imperfeitamente ; lá o conheceremos e amaremos perfeitamente. Aqui teremos uma felicidade imperfeita, lá teremos uma perfeita.

A felicidade do céu é inteiramente insenta de tudo quanto possa nos contristar, nos aborrecer, nos encommo-dar. Não teremos lá contra nós as inclemencias do tempo, porque não ha nenhuma alteração ; é uma primavera eterna. Não teremos lá as contrariedades provenientes da malicia dos homens, porque é o reino da paz, do amor e da caridade. Não teremos lá nada, que possa prejudicar á nossa saude, nem roubar a nossa vida, porque é o reino do prazer e da immortalidade. Teremos tudo quanto possa nos agradar, nos deleitar, porque gosaremos de Deus, que é o bem soberano, que em si contem tudo quanto é bem. A nossa intelligencia conhecerá a Deus perfeitamente. A nossa vontade amará a Deus perfeitamente. Conhecendo e amando a Deus perfeitamente, a nossa alma gosará um prazer perfeito, nada absolutamente faltando-lhe para ser verdadeiramente feliz.

As differentes escolas theologicas não estão de perfeito accordo sobre o que constitue a bemaventurança no

céo. Os thomistas a fazem consistir no conhecimento perfeito de Deus; os scotistas no amor; os beaventuristas no conhecimento e no amor; e a maioria dos theologos no goso, occasionado pelo conhecimento e pelo amor. Sem o conhecimento, não haveria amor; sem este, não haveria goso. Portanto, o conhecimento e o amor são condições indispensaveis para o goso, que constitue a bemaventurança. Conhecendo, ama; amando, gosa; gosando, é feliz.

Pode-se conhecer um ente de trez modos: comprehensivo, abstractivo, intuitivo. Pelo comprehensivo conhece-se comprehendendo a propria natureza do ente; pelo abstractivo conhece-se o ente por informação, ou por seus effectos ou propriedades; pelo intuitivo conhece-se o ente observando-o, contemplando-o como elle é em si mesmo. Não podemos conhecer a Deus comprehensivamente, porque esse conhecimento supera as forças humanas, pois é só o mesmo Deus, que pode comprehender a sua natureza divina. Podemos conhecer a Deus abstractivamente pelas suas creaturas; pelo que elle tem feito na ordem da graça; e pela revelação, que elle fez de si aos homens. Pelas nossas proprias forças naturaes não podemos conhecer a Deus intuitivamente, a descoberto, como elle é em si mesmo, porque esse conhecimento é um acto, que está acima das forças naturaes, e que necessita de um auxilio sobrenatural, divino. O conhecimento abstractivo está ao alcance do homem, e forma a felicidade natural, unica que lhe era devida. Mas Deus, por sua infinita bondade, quiz destinar o homem á uma felicidade sobrenatural, divina, que eminentemente contem a felicidade natural.

Para que o homem pudesse conseguir esse destino tão sublime e tão santo, Deus deu-lhe um meio para conhecê-lo intuitivamente, como elle é realmente em si mesmo, meio que em linguagem theologica chama-se *o lume de gloria, lumem gloriae*. O lume de gloria é um habito sobrenatural, pelo qual a intelligencia creada é elevada a tal gráu de força, que pode em si produzir a visão intuitiva de Deus, que lhe dá uma felicidade completa, perfeita. O goso é igual para todos, quanto á substancia; mas não, quanto ao gráu e á intensidade. Jesus Christo disse que na casa de seu Pai havia muitas mansões ou aposentos. Assim como no inferno os que foram mais perversos são mais atormentados; assim tambem no céu os que foram mais virtuosos e perfeitos gosarão mais. Todos gosarão tudo quanto é necessario para a felicidade ser perfeita; porem alguns terão gosos particulares. Os que gosam menos, não tem inveja dos que gosam mais, porque o seu goso o satisfaz plenamente. Cada um tem o que merece, e quér unicamente o

que é justo. E' como o filho menor, que tem sua vestimenta da mesma sêda, não inveja a vestimenta do filho maior, que tem maior quantidade. E' como a cabeça que não inveja o annél que está no dêdo; e nem o dêdo tambem inveja a coroa que está na cabeça.

Ainda ha no céo felicidades accidentaes, que chamam-se aureolas. Ha uma aureola de luz branca para as virgens, que consagraram a Deus a sua virgindade, tendo-o por seu unico esposo. Ha uma aureola de luz côr de rosa para os martyres, que sacrificaram a sua vida pela fé. Ha uma aureola de luz brilhante, como a das estrellas, para os que se devotaram a destruir o reino do erro e do vicio, e a estabelecer o reino da verdade e da virtude. Pela visão beatifica os bemaventurados verão a Deus: eis a recompensa de sua fé; possuirão Deus: eis a recompensa de sua esperança; amarão a Deus: eis a recompensa de sua caridade; gosarão de Deus: eis a recompensa de todos os seus sacrificios feitos para viver sempre na amizade de Deus.

Todas as aspirações, todos os desejos de sua alma serão plenissimamente satisfeitos. Ella deseja conhecer a verdade, e conhecerá Deus a verdade infinita. Ella conhecerá Deus, sua natureza, seus attributos, suas tres pessoas, todos os seus divinos designios. Não conhecerá o dia de juizo, nem os segredos do coração, nem as cousas, que lhe não interessam; mas conhecerá tudo quanto pode lhe aproveitar e agradar. Ella conhecerá tudo quanto naturalmente deseja; porque se nutrisse um só desejo, já não seria feliz. Mas ella não deseja, senão o que lhe aproveita. Ella não verá em Deus as cousas existentes *em si e separadamente*, mas em seu genero e especie. Não verá as cousas possíveis *distincta e especificamente*, mas em confuso. Todas as almas bemaventuradas ver-se-ão mutuamente; conhecerão os parentes e amigos; ouvirão as preces, que lhe forem dirigidas; conhecerão os interesses, as necessidades dos que aqui no mundo lhes estiveram confiados para dirigir, ou lhes foram unidos pelo parentesco e amizade.

A alma deseja possuir bens, riquezas. Possuindo Deus, bem soberano, principio e causa de todos os bens, ella terá ao seu dispor tudo quanto pode lhe aproveitar. Ella deseja amar. Ella então amando Deus, amará a belleza, a bondade, a perfeição infinita. Ella deseja gosar. Gosando de Deus, prazer infinito, gosará de tudo quanto pode lhe causar alegria, prazer, jublilo, contentamento. Todos os nossos sentidos serão plenamente satisfeitos. O nosso paladar experimentará gostos, sabores os mais agradaveis. O nosso olfato respirará aromas, perfumes deliciosos. Os nossos ouvidos ouvirão melodias, sons, harmonias as mais suaves e encantadoras. Os

nossos olhos contemplarão quadros, vistas, panoramas os mais bellos, encantadores, deslumbrantes. O nosso coração sentirá alegrias, experimentará delicias as mais puras e santas. Entre nossa alma e Deus correrá constantemente um fluxo e refluxo dos mais candidos e ternos dos affectos. A todo instante a nossa alma receberá os santos affectos de Deus, e enviará os seus tambem para Deus. Essa sua intimidade com Deus a inebriará dos mais preciosos e santos prazeres.

Essa felicidade, além de completa, será perfeita. Quanto mais a alma gosar, mais apreciará o goso; e quanto mais apreciar o goso, mais gosará. Será perfeita, porque ha de sempre durar. A alma tem plena certeza que eternamente contemplará Deus, possuirá Deus, amará a Deus, gosará de Deus. Ella está intimamente convencida que durante uma eternidade estará com Deus, viverá com Deus, reinará com Deus, será verdadeiramente feliz com Deus. Para conseguir essa felicidade os santos desprenderam-se de tudo: abandonaram riquezas, parentes, amigos, sociedade, para entregarem-se ás mais austeras e penosas penitencias. Mas para ir ao céu será necessario praticar essas virtudes heroicas? Não. Esse heroismo foi inspirado por Deus, e serve para ser admirado, mas não para ser imitado. Cada um em seu estado, occupação, emprego, posição pode com segurança ganhar o céu. Ha uma unica condição, que está ao perfeito alcance de todos, para se conquistar essa perfeita e eterna felicidade, que é observar a lei de Deus.

A lei de Deus é a genuina expressão de sua vontade que é justa e santa. Portanto, a observancia dessa santa lei evita tantos males, e consegue tantos proveitos, mesmo em relação á esta vida. A violação dessa lei traz ao homem damnos ao seu socego, á sua honra, á sua saude e até á sua vida. Pelo contrario a sua fiel observancia traz ao homem a paz, a boa reputação, a robustez e até a prolongação da existencia. Nós a Deus deveriamos profundamente agradecer ter nos dado uma lei tão util e proveitosa; e entretanto é elle que nos recompensa pela acceitação do seu precioso presente com uma felicidade eterna. Queremos todos ser felizes, e com muita razão, porque foi para isso que por Deus fomos creados. O nosso crime e ao mesmo tempo a nossa loucura é procurar a felicidade na terra, onde apenas podemos encontrar o caminho, que para ella nos conduz. Esse caminho, como nos tem ensinado a verdade Eterna, é a observancia exacta dos divinos mandamentos. Se quereis entrar na vida, disse Jesus, observai os mandamentos. Para nos animarmos a tomar e trilhar sempre o caminho certo da felicidade, procuremos imitar os seguintes exemplos, tão sabios e edificantes.

Parte terceira.

Theodosio, imperador de Constantinopla, foi sobre uma montanha visitar um solitario, que ahi residia; e para não ser conhecido como imperador, foi em trajes de um burguez. Queixando-se de fome, o solitario deu-lhe um pedaço de pão e um pouco d'agua, dizendo ser tudo quanto então tinha. Perguntando-lhe o imperador se estava contente, elle respondeu-lhe: Sou tão feliz, que não troco a minha posição pela do imperador. Nada tenho, mas nada desejo, e ninguem me importuna. Quando falta-me o necessario, imploro o soccorro da Providencia, que nunca me abandona. Assim fallou o solitario, sem saber com quem fallava. Edificado de ver um homem em tal condição considerar-se tão feliz, Theodosio exclamou: Quem déra-me passar o résto de minha vida nesta solidão, e assim bem preparar-me para comparecer diante de Deus, e ganhar o céu. Mucio Scevola, estando diante do tribunal de Porsena, para ostentar a sua coragem e altivez, disse: Eu sou cidadão romano. Agir e soffrer como heroe, tal é o character do Romano. Nós, com muito mais razão, devemos agir e soffrer tudo quanto for necessario, porque somos cidadãos da patria celeste. Alexandre, o grande, antes de partir para ir conquistar a Asia, repartiu todos os seus bens com os seus capitães e soldados; e estes perguntando-lhe: Que vos resta? elle respondeu-lhes: A esperança. Se aquelle que espera conquistar um reino terrestre, passageiro, despreza tudo, e contenta-se com essa vã esperança, que não devemos fazer nós, que devemos conquistar um reino celeste e eterno? André Ampère, celebre mathematico, inspector geral da Universidade de França, assistia no meio dos fieis todas as solemnidades religiosas, edificando a todos pela sua devoção e piedade. Elle constantemente exclamava: Meu Deus, que são todas as sciencias e descobertas do genio, que o mundo tanto admira? São puras vaidades. Elle dizia sempre a si mesmo: Estudai as cousas do mundo: é dever da vossa profissão; mas não as olheis senão com um olho. Que o outro vosso olho esteja constantemente fito sobre a luz eterna, que é o nosso destino. Em uma grande reunião o Bispo de Constance felicitou o grande astronomo Verrier, dizendo-lhe: Dos outros se diz: Vos elevastes até as nuvens; de vós porem é preciso dizer-se: Vos elevastes até aos astros. Verrier lhe respondeu: Não basta-me; eu quero ir muito mais alto; planejo uma empreza muito mais importante. Como pensaram que elle referia-se a outras grandes descober-

tas scientificas, elle lhes disse: Quero mais do que tudo isso: quero ir para o céu.

Thomaz M^oro, chanceller da Inglaterra, foi por Henrique 8.^o condemnado a ser decapitado, porque terminantemente recusava-se a assignar o juramento, em que o rei era por todos reconhecido como chefe supremo da Igreja em toda a Inglaterra. Na vespera da execução sua mulher e suas filhas foram á prisão e lhe pediram, de joelhos e mãos postas, que obedecesse ao rei, para assim não morrer, e não privar-as de sua companhia, protecção e amizade; e elle promptamente lhes respondera que não podia isso fazer, porque offendia a Deus e o privava de conseguir no céu uma eternidade feliz. Vendo a mulher e as filhas chorando, fêz-lhes esta pergunta: Quanto de tempo ainda posso viver? Ellas responderam-lhe: Trinta annos. Então elle exclamou: Que são trinta annos de prazeres ou trinta annos de soffrimentos, em comparação duma eternidade de prazeres ou duma eternidade de soffrimentos? Prefiro mil vezes morrer, para não sacrificar a posse duma eternidade de delicias no céu. Morreu decapitado no dia seguinte, mas não sacrificou os seus sagrados direitos á uma bemaventurança eterna. Sublime exemplo, que por todos os verdadeiros catholicos deve ser imitado.

Santa Ignez, virgem e martyr, logo depois de sua morte, appareceu, e disse aos seus parentes que choravam sobre o seu tumulo: Não prantieis, como se eu estivesse morta; mas ficai sabendo que eu goso de uma nova vida, com todas estas virgens, que aqui tenho presentes, junto do meu querido Jesus, que eu tanto amei sobre a terra. Para os que vivem na amizade de Deus, é no momento da morte que começa a verdadeira vida.

Suzana, filha do martyr São Gabino, consagrou a Deus a sua virgindade. O imperador Diocleciano queria que ella esposasse a Maximiliano Galero, que elle tinha feito Cezar. Seu pai, São Gabino, lhe fez a proposta; e ella lhe respondera que não podia, porque já tinha tomado a Jesus por seu esposo. A' São Gabino, que lhe perguntára se ella comprehendia bem a dignidade de esposa de Jesus Christo, ella respondera: Comprehendo muito, tanto que julgo ser nada todas as corôas do universo diante dessa felicidade. Seu pai então insistiu dizendo: Se o imperador vos desse por esposa a Galero, a dignidade de imperatriz não prevaleceria sobre o amor, que consagrais a Jesus Christo? Ella respondeu-lhe: Não, absolutamente. Mas se fosse preciso escolher entre a coroa imperial e a morte? Ah! meu pai, como seria eu feliz de poder dar a minha vida pelo Esposo divino, que tem dado todo seu sangue para me resgatar! Eu não me deixo deslumbrar pela purpura, nem me amedrontar pelos tor-

mentos. O que atrahê o meu amor é a belleza e a bondade. Se as creaturas devem ser amadas por sua belleza e bondade, quanto mais o creador?

Santo Adriano, quando ainda era pagão, vendo os christãos contentes entregarem-se á morte. Ihes perguntou o que elles esperavam; e elles lhe responderam que esperavam bens eternos. Pensando bem sobre essa resposta, resolveu-se fazer christão; e logo depois soffreu o martyrio, e foi receber os bens eternos.

Napoleão, imperador da França, marchava com um grande exercito para ir conquistar o Egypto. Depois de muitos dias de marcha sobre o grande areal, os soldados estavam quasi esmorecidos, e sem ter coragem de avançar. Depois de com muita difficuldade conseguir vencer mais alguma distancia, Napoleão avistou as pyramides do Egypto, e veio collocar-se á frente do exercito, e exclamou: Camaradas, eis as pyramides do Egypto! Sobre aquellas pyramides quarenta seculos de gloria nos esperam. Todos os soldados animaram-se; e, avançando, foram, e fizeram a desejada conquista. Em todas as difficuldades, que encontrarmos para continuar na amizade de Deus, lancemos os nossos olhares para o céo, e contemplemos, não pyramides, mas thronos, sobre os quaes reinaremos, não por quarenta seculos, mas durante uma eternidade.

Quinquagesima sexta Instrucção.

As ultimas objecções.

Dizem os nossos adversarios que a narração biblica é falsa, porque admite luz e vegetação antes da criação do sól e dos outros astros. A resposta é facilima e funda-se na propria narração biblica, que ou por má fé ou por ignorancia, é erroneamente entendida. Antes dos seis periodos, chamados dias, Deus já tinha creado tudo; e nesses periodos foram apenas apparecendo successivamente tudo quanto já estava creado. Para haver vida, precisa-se: calor, luz, humidade e composição da atmosphera. Tudo isso já existia antes das chuvas e do apparecimento dos astros. Havia calor latente até de mais, que foi preciso resfriar até chegar a 50 grãos, que é a temperatura adequada á vegetação; e havia tambem alguma luz e humidade da vaporização, que suppria perfectamente as chuvas. O sól só appareceu no quarto dia, porque estava envolto em trevas. Assim caem

por terra as duas objecções sobre a luz antes do sól, e a vegetação antes do sól e das chuvas.

No segundo capitulo do Genesis, versos 4, 5, 6, Moysés prova tudo isso. No verso quarto elle diz: Tal foi a origem do céo e da terra; e assim é que foram creados *no dia que o Senhor os creou*. No verso quinto elle diz: E creou todas as plantas do campo, *antes que ellas nascessem na terra*; todas as hervas, *antes que brotassem*, porque o Senhor ainda *não tinha feito chover sobre a terra*, e nem havia homem, que a cultivasse. No verso sexto elle diz: Mas da terra sahia uma fonte, que lhe regava toda a superficie (vapores humidos). Pelo que se conclue que havia calor na superficie da terra, e densos nevoeiros impediam a apparição dos astros. Havia tudo quanto era necessario para a vegetação: calor, meia luz, humidade, atmospheria apropriada. As observações scientificas demonstram que as primeiras plantas eram muito viçosas, e das que não podem supportar muita luz.

Para combater o ensino catholico sobre a unidade da especie humana, os nossos adversarios admittem e sustentam a pluralidade dos mundos habitados. É uma simples hypothese sem minima prova. A lua não é habitavel, porque, não tendo atmospheria, não tem nem ar, nem agua, condição indispensavel para a vida organica. Vista com o telescopio, as noventa e seis mil leguas de distancia, que ella tem de nós, ficam reduzidas a dezeseis mil; e verifica-se que ella não tem edificações, nem atmospheria. Se a lua não é habitada, porque o serão os outros planetas, que acham-se em peores condições? A terra está justamente na distancia, em que deve estar o sól. Os que habitassem em planetas mais proximos, não supportariam o calor; e os que habitassem em planetas mais distantes, não supportariam o frio. Mesmo que os outros planetas fossem habitados, não offenderia isso a fé, porque não seriam por homens, que tem uma unica estirpe; e os seres que nelles habitassem, para ir ao céo, deveriam acreditar na divindade de Jesus Christo, amal-o e adoral-o. Perguntarão: Porque então foram creados os planetas? Nada custa á omnipotencia divina creal-os; e, pelo menos, servem para hourar a grandeza e magestade do seu creador.

Insistindo, procuram justificar a sua falsa asseveração com a differença de cor, que nota-se entre os homens. Essa razão nada prova. A cor a principio dependeu só do clima; hoje depende só da raça. Agora as raças estão formadas e as influencias climatericas são menos violentas; e por isso a cor depende da raça, e quasi nada do clima. No desenvolvimento da humanidade, quando as raças ainda não estavam formadas, a cor dependia principalmente do clima. Está provado pelos sabios naturalistas que as raças branca,

amarella e negra pertencem ao mesmo typo, e que o sól, os alimentos e os habitos, são que trazem, depois de longo tempo, essa differença de cor e de conformação osséa. Quatrefage assevera que o cruzamento e a multiplicação das raças teria sido impossivel, se ellas não tivessem pertencido á mesma especie; pois mais as raças variam cruzando-se, mais a sua variedade fecunda serve de prova á unidade primitiva do typo primitivo.

Insistindo sobre o seu erro, os nossos adversarios allegam o povoamento da America, quando ainda não havia meios de communicação entre o novo e o velho mundo. A explicação é facilima. Havia entre a America e a Asia um isthmo, que por um violento rompimento foi convertido em um estreito que é o de Behering a leste da Asia. Antes a America era ligada á Asia nas costas de Kamtschatka; e hoje verifica-se que ha muita semelhança na feição, habitos, vida, costumes dos habitantes de um e outro lado. E' isto uma prova de que entre os dois paizes houve uma separação. Do mesmo modo a Sicilia foi separada da Italia; a Hespanha da Africa; a Gran Bretanha da França; a Ilha de Filande da Groenlandia. Em todas essas separações foi um isthmo, que converteu-se em um estreito, separando pelas aguas do mar um paiz de outro.

Para contestar a veracidade da Escriptura Santa dizem que ella assevera que Josué fez parar o sól, quando este está sempre immovel. Josué não fez parar o sól; obteve de Deus que a luz do dia se prolongasse tanto, quanto fosse necessario para repellir os inimigos do povo de Deus. Para ser entendida por todos a Escriptura diz que fez parar o sól, assim como ainda hoje se diz que o sól nasce, e que entra no horizonte.

Os nossos adversarios accusam a Igreja de guerrear a sciencia, porém essa accusação é calumniosa. O grande sabio Bacon diz que a religião é o aroma que preserva a sciencia de corromper-se. A Igreja, como a sciencia, vem de Deus; não podem ser inimigas. Ha entre uma e outra as relações que ha entre mãe e filha, graça e natureza, fé e razão. Deus creou ambas, e quér que estejam unidas, mas subordinadas ao seu ensino. A Igreja é do céo, e a sciencia é da terra; aquella tem, pois, a primazia sobre esta. O que Deus uniu, ninguem tem o direito de separar. A fé está para a razão, como a luz divina está para a humana; ambas são luzes. Dizer que a Igreja e a sciencia são inimigas, é blasphemar; é insultar a Igreja e igualmente a sciencia; é dar prova ou de ignorancia ou de má fé. A verdadeira sciencia, longe de temer, presta homenagem á fé, e prostram-se ambas diante de Jesus Christo, que a

Es Scriptura chama o Deus das sciencias. A Igreja condemna, nem pode deixar de condemnar, não a verdadeira, mas a falsa sciencia. Ella condemna os sabios impios, mas não condemna a sua sciencia, desde que ella seja verdadeira. Ella toma, quando é necessario, suas prudentes e sabias precauções para evitar que se abuse da sciencia, como se abusa da imprensa e da propria razão. A prova mais cabal que a Igreja, em vez de combater, cultiva, favorece e protege a sciencia, é que vultos notabilissimos pelas suas descobertas e pelos seus inventos scientificos, foram filhos dedicados da Igreja. Agora sobrepôr o ensino da Igreja ao da sciencia, não é um acto de hostilidade, porém de justiça e mesmo de bom senso; porque a sciencia guia-se pela luz da razão, que é fallivel, ao passo que a Igreja dirige-se pela inspiração de Deus, que é infallivel.

Tanto no Credo, como no Evangelho, lê-se que Jesus foi elevado aos céos. Strauss, nosso adversario, referindo-se a essas palavras, sustenta que a mansão de Deus não pode estar nas regiões superiores da atmosphera. A resposta é muito facil. No commum entender dos homens ha unicamente terra e céu; de modo que quem não está na terra, foi para o céu. E' assim que dizemos que Jesus foi para o céu, porque aqui deixou a terra. Dizemos que desceu do céu, quando tomou a natureza terrestre; e quando essa natureza exime-se da condição terrestre, e assume a plenitude da gloria, devida á divindade do verbo, dizemos metaphoricamente que Jesus *voltou para donde descera*. De modo que pela *ascensão* entendemos unicamente que Jesus Christo contra as leis da gravidade terrestre sahio do espaço da atmosphera terrestre, e foi para o seu reino eterno e celeste.

Objectam tambem os nossos adversarios dizendo que a sciencia não encontra os lugares de céu, inferno e purgatorio, de que falla a doutrina catholica. Respondemos que o céu, o inferno e o purgatorio, não são propriamente lugares, mas sim estados. O céu é um estado sobrenatural da alma unida a Deus. O inferno é um estado sobrenatural da alma separada de Deus. O purgatorio é um estado sobrenatural da alma em expiação. Nenhum destes estados pode ser visto. Podem tambem estes estados chamar-se lugares, mas de natureza differente dos que nós aqui vemos. O céu é lugar superior, interior, indivisivel. O inferno é lugar inferior e inferior, e indivisivel. O purgatorio é lugar medio, interior e indivisivel. Depois do juizo final os justos estarão em corpo e alma no céu, e os condemnados ficarão em corpo e alma no inferno. O corpo dos justos, como corpo glorificado, será então subtil e não occupará lugar, e existirá á maneira dos espiritos. O corpo dos condemnados pode pelo

poder divino ser despojado da sua propriedade de extensão extrínseca e assim não occupará lugar. A verdade ensinada por Jesus, que não engana-se, nem nos engana, porque é Deus, é que depois do juizo ultimo os bons, em corpo e alma, gosarão com Deus nesse estado ou lugar mysterioso, que chama-se céu; e que os máus, em corpo e alma, serão atormentados nesse estado ou lugar mysterioso, que chama-se inferno.

Os nossos adversarios, os protestantes, negam a virgindade de Maria Santissima, dizendo que ella teve outros filhos, além de Jesus; e para sustentar esse seu erro, a sua heresia blasphematoria, invocam textos do Evangelho, interpretados ao seu sabor. A primeira razão que apresentam para justificar o seu erro, é que o evangelista diz que Maria achou-se grávida antes que cohabitasse com São José; e das palavras *antes que* concluem que depois coabitou. A resposta é clarissima e satisfactoria. As locuções *antes que*, *antes de* exprimem a negação do facto no passado, sem d'elle cogitar no futuro, e até em casos, em que a sua realização posterior é evidentemente impossivel. Assim dizemos: Pedro matou Antonio, *antes que* este o matasse. Ora é certo que, depois de morto, Antonio não poderia mais matar Pedro. Não voltou o cervo até seccarem-se as aguas; e é certo que elle nunca mais voltou. A alludida phrase serve para dizer que operou-se um effeito sem a intervenção de sua causa natural. Assim dizemos muitas vezes: *Operou-se a cura antes que se applicasse o remedio*. Embranqueceram-se os cabellos *antes de* ficar velho. O grande São João Chrysostomo faz a respeito dessa torpe injuria, que os protestantes irrogam á Rainha das Virgens, as ponderações seguintes, que são muito concludentes e judiciosas: Antes da conceição miraculosa ainda era humanamente crível que São José conhecesse sua esposa, pois que podia ignorar o grande mysterio; mas, uma vêz este revelado, já não era mais crível que elle depois a conhecesse, porque seria uma especie de profanação da obra divina, profanação que com toda certeza não commetteu o varão, que o evangelista denomina justo.

A segunda razão, que apresentam para negar a virgindade de Maria, é que o evangelista qualifica Jesus de filho primogenito, disso concluindo que Maria teve outros filhos. Primogenito não significa o primeiro em numero, mas o primeiro gerado; e tanto que chama-se primogenito logo depois de nascido. A lei de Moyses mandava consagrar a Deus os primogenitos no oitavo dia, muito antes de se verificar, e quando era mesmo impossivel verificar, se elle teria ou não irmãos. São Paulo chama Jesus Christo o primogenito do Eterno Padre, quando Deus só tem um filho divino. Os pro-

testantes, para serem consequentes, deviam tambem concluir que Deus tem muitos filhos divinos, pois que Jesus é por São Paulo chamado o primogenito.

A terceira razão, que apresentam os protestantes para confirmar o seu erro, é que o evangelista chama de irmãos de Jesus a José, Judas, Simão e Thiago. Se elles não sabem, são muito ignorantes, que na lei antiga os parentes mais proximos eram tratados de irmãos. No Genesis (cap. 13, ver. 8) nós lemos que Abraham tratava a Lot de irmão, quando elles eram unicamente primos. De mais é muito sabido que esses quatro pretensos irmãos de Jesus, eram filhos de Cleophas, irmão de São José, e de Maria, irmã de Sant'Anna; e portanto primos da Santa Virgem.

Os incredulos, para combater a revelação divina, dizem que nella ha contradicções, e, entre outros motivos, allegam que São Paulo que recusou-se a circumcidar a Tito, circumcidou a Timotheo. Não ha entretanto nos dois factos nem sombra de contradicção. Elle circumcidou a Timotheo só por prudencia, porque, sendo filho de mulher israelita, se fosse incircumciso, a sua pregação não seria bem aceita entre os judeus; e recusou-se a circumcidar a Tito, porque os judeus queriam isso impor como uma condição necessaria para a salvação. As outras objecções já foram refutadas, cada uma no seu lugar apropriado.

Todos quantos combatem a religião ou são ignorantes, ou procedem de má fé. Mesmo os grandes sabios são supinamente ignorantes em religião. Elles o pouco que estudam de religião, é nos livros dos inimigos da religião. Estudam, não com o fim de conhecê-la, mas para procurar argumentos para combatê-la. São inconsequentes, porque aconselham-se e deixam-se dirigir por aquelles que, como elles, ignoram, e portanto são inteiramente incompetentes. Para conhecer uma sciencia, arte ou profissão, é preciso estudar-a. Quem nunca estudou medicina, como poderá conhecer essa sciencia? O unico meio de saber é estudar, aprender; não ha outro. Mas não basta aprender; porém ainda é necessario exercer, porque diversamente se desaprende. Um bom medico, que passa muitos annos sem clinicar, depois de algum tempo, não saberá mais, nem formular uma receita. Um bom advogado, que por muito tempo deixa de advogar, depois de alguns annos não saberá mais, nem fazer uma petição. Como aquelles que não exercem, nem mesmo estudaram a religião, poderão saber tanto, que até estejam habilitados para ensinar-a? Seria insensato o que para curar um doente procurasse um advogado: bem como o que para defender uma causa, fosse contratar um medico. Igualmente louco é o que para conhecer a religião, vai conhecer a res-

peito as opiniões de médicos, de advogados, e, ás vezes, até de artistas e operarios. O bom senso nos manda que para tudo procuremos os competentes, porque cada um é perito na sua arte, emprego, profissão.

Havia no anno trezentos e trinta e dois, antes de Jesus Christo, em Epheso, um celebre pintor chamado Apelles, um dos mais notaveis daquelle tempo. Elle tinha por costume fazer a sua pintura e collocal-a em exposição em um grande salão para ser examinada, principalmente, por outros pintores; e ficava escondido em um quarto, atraz de uma cortina, para observar o juizo, que os competentes formavam sobre o seu trabalho. Em uma occasião elle fêz a pintura de um personagem, e reputava o seu trabalho perfeito. Elle collocou a sua pintura no salão em exposição, e ficou em seu quarto de observação. Vieram muitos sabios e mesmo muitos insignes pintores, que, depois do minucioso exame, proclamavam a perfeição de seu trabalho. Ultimamente entrou no salão um sapateiro para fazer tambem o seu exame. Começou examinando os sapatos; e notou varios defeitos. O pintor, que estava escondido, conservou-se calado. Depois do exame dos sapatos o sapateiro levantou os olhos, e começou a examinar as mãos da pintura, e disse: Está errado; não devia ser assim, mas assim. Então immediatamente o pintor veio ao salão, e disse ao sapateiro: O senhor examinou o sapatos, notou defeitos; e eu, não só calei-me, como até mesmo accetto a sua opinião, tanto que vou, de conformidade com seu pensar, fazer uma correcção na pintura, porque em sapatos o senhor é competente. Mas depois o senhor, examinando as mãos, ousou criticar o meu trabalho; porem não admitto isso, pois o senhor é incompetente, porque sapateiro não pode ir acima dos sapatos. *Ne sutor ultra crepidam.* O que quer dizer: Cada um na sua arte e profissão. E' a resposta que devemos dar a esses sabios profanos, que, embora supinamente ignorantes em religião, atrevem-se a discutir, a negar, a ridicularisar os nossos dogmas, os nossos mysterios, os nossos sacramentos, e todos os pontos mais importantes de nossa santa religião; e até arvoram-se em doutores e mestres de religião. O que então acontece? O proverbio ensinado por Jesus Christo: Se um cego quizer guiar outro cego, ambos cahirão no abysmo. Se quem quer curar um doente, procura por um medico; e quem quer defender um pleito, procura por um advogado; a coherencia manda que quem quer saber o que diz respeito á religião, deve procurar pelos sacerdotes, pelos bispos, e principalmente pela Igreja, que são os verdadeiros competentes.

A maior parte dos nossos adversarios estão de má fé, tanto que quando deixam de ser apaixonados, confessam que

eram fingidos, e muitos detestam os seus erros. Collol do Herbois era, ou dizia-se, livre-pensador. Elle dizia que Deus, Jesus Christo, a Santa Virgem, o céu, o inferno, eram invenções dos padres, a raça maldita. Elle chamou de imbecil a um soldado que em sua presença fêz o signal da cruz. Logo depois elle cahiu gravemente enfermo; e quando soffria dores atrozes, gritando chamava por Deus, por Jesus, por Maria, e pedia que chamassem um padre. Então o tal soldado, de quem elle tinha zombado, lembrou-lhe tudo quanto antes elle tinha dito e asseverado; e elle immediatamente respondera: Ai! desgraçadamente então a minha bocca mentia ao meu coração.

O protestante M. Newman, celebre theologo de Oxford, muito sabio e distincto escriptor, em seus escriptos, não só combatia, mas ainda injuriava a Santa Egreja catholica, cuja doutrina não conhecia. Elle tinha escripto dizendo: E' uma egreja perdida. Roma é herectica. Ella apostasiou no Concilio de Trento; está perpetuamente ligada á causa do antechristo; e della deve-se fugir, como de uma pestilenta. Depois de longos annos de estudos e aturadas e attentiosas pesquisas, em 1845 elle retratou-se de todas essas injuriosas, falsas e calumniosas declamações; abjurou todos os seus erros; e terminou terminantemente asseverando que a communhão romana é a unica, em que se pode achar a verdadeira doutrina ensinada por Jesus Christo, e que pode salvar. Como este são todos os outros, que accusam e injuriam os dogmas, os sacramentos e as praticas catholicas.

Quinquagesima setima Instrução.

O amor de Jesus.

São Paulo era muito tolerante, muito caridoso, entretanto elle desejava que, o que não ama Nosso Senhor Jesus Christo, fosse excommungado. E' porque, quem não ama a Jesus, é um ingrato, é um perverso, visto elle nos ter extremamente amado. Jesus nos ama com um amor immensamente terno, porque compadece-se de todos os nossos males, de todas as nossas dores, miserias e infortunios. Elle se compadeceu da Jerusalem ingrata, que tinha apedrejado, perseguido e matado os seus prophetas. Quando elle avistou essa cidade e lembrou-se dos grandes desastres, que haviam de produzir a sua ruina, encheu-se de tristezas

e derramou abundantes lagrimas. Quando elle contemplou o tumulo, que encerrava o cadaver de seu amigo Lazaro, teve uma grande commoção, profundamente contristou-se, e começou a chorar. Durante toda a sua permanencia aqui no mundo elle tanto se empenhou em sanar os males, curar as enfermidades, alliviar as penas, suavisar as dores, consolar as tristezas, enxugar todos os prantos. A sua vida constitue um acto continuo na pratica da mais extrema caridade. O evangelista dá uma noticia de sua vida dizendo simplesmente: *Elle passou fazendo o bem.*

Porém o seu amor tão terno, não só tinha compaixão para com todos os males, como tambem offerencia a clemencia e o perdão a todos os culpados. Elle terminantemente declarou que o fim de sua vinda ao mundo, não é chamar, procurar os bons, os justos; mas chamar e procurar os máos, os peccadores. Fêz varias parabolos para demonstrar ao vivo, e gravar profunda e indelevelmente no animo de todos a sua immensa caridade para com todos os peccadores, sinceramente arrependidos. Elle tão benignamente acolheu a mulher adúltera, que os judeus queriam apedrejar; e lhe perdoou todos os seus peccados. A' Magdalena, a peccadora publica, o escandalo da sua cidade, elle declarou que tendo muito amado, muito tambem lhe tinha sido perdoado; e mandou que se retirasse em paz, e nunca mais quizesse peccar. Elle com um olhar tão terno concedeu o seu perdão a Pedro, o discipulo ingrato, que, delle recebendo a honra de chefe supremo de sua Igreja, covardemente o negou por tres vezes diante dos seus mais rancorosos inimigos. Elle perdoou a Saulo, quando este com tanto fúror o estava maltratando e perseguindo na pessoa dos seus discipulos. Quando estava pendente na cruz, coberto de opprobrios e embriagado de tormentos, pediu a seu Pai com tantas instancias o perdão para todos aquelles, que tão atrózmte o insultavam e maltratavam, e que até procuravam lhe tirar a vida. Nos seus ultimos momentos ainda elle quiz dar ao mundo inteiro um testemunho solemne de quanto elle ardentemente desejava perdoar a todos os grandes peccadores, sinceramente arrependidos, perdoando a Dimas, chefe de uma quadrilha de ladrões e assassinos, que com elle era então crucificado, e dizendo a esse scelerado: Hoje mesmo estareis commigo no paraiso. Oh! como o amor de Jesus foi tão terno para com todos os infelizes e para com todos os peccadores. Não é assim que amam os homens. São amigos no tempo das prosperidades, mas são indifferentes nos dias do infortunio. Quando poderiam ser proveitosos, abandonam os que soffrem e choram. E quando mesmo sabem beneficiar, não sabem perdoar. Não perdoam aos seus offensores;

e quando declaram perdoar, o seu perdão é fictício, porque perdoam guardando resentimentos e azedumes no coração. Jesus, pelo contrario, perdoa completamente esquecendo-se de tudo, e ainda acolhendo o perdoado em seu coração.

O amor de Jesus, além de terno, é extremamente generoso; é um amor que vai até o ultimo sacrificio em favor da pessoa amada. Elle é rico, duma riqueza infinita; e, para nos amar, tornou-se extremamente pobre. Elle que promette dar coroas, enquanto esteve no mundo, não teve onde repousar a sua cabeça. Elle que possui todos os thesouros escondidos nas entranhas da terra, todas as pedrarias abysmadas no fundo dos mares, não teve um vintem para pagar o tributo a Cesar. Elle, que é o rei soberano do céu e da terra, teve como palacio uma estrebaria, como berço uma mangedoura, como purpura um andrajo, como diadema uma corôa de espinhos, como carro de triumpho uma cruz. Elle torna-se nimamente pobre, só para nos tornar infinitamente ricos dos merecimentos de sua pobreza.

Além de suas riquezas, elle por nós fez ainda o sacrificio de sua liberdade. Elle, cuja vontade omnipotente opera tudo quanto quer; elle que ao seu dispôr tem mil legiões de anjos, deixa-se prender, como se fora o mais fraco de todos os homens. Elle, que é o Deus dos combates e das victorias, consente em ser arrastado pelas ruas publicas de uma cidade como um insigne prisioneiro. Elle sacrifica por nós a sua liberdade, e torna-se um captivo, só para quebrar as duras e vergonhosas cadeias, que nos prendiam ao captiverio do peccado e do demonio. Além da liberdade por nós sacrificou a sua honra e reputação. Elle tinha a gloria do poder, porque os ventos, os mares e até a morte, prestavam-lhe completa submissão; tinha a gloria do reconhecimento, porque tinha enchido de beneficios todos os povos; tinha a gloria de santidade, porque foi sempre tão puro e innocente, que desafiou a todos os seus inimigos que lhe lançassem em rosto a culpa de um só peccado. Pouco antes o povo em sua honra cantavam hosannas, lhe offerecia a coroa da realza, o acclamavam delirante como um grande propheta; logo depois é elle arrastado pelas ruas, carregado de aviltantes cadeias; é accusado e processado como um grande criminoso; é até mesmo tão aviltado ao ponto de lhe ser preferido Barrabaz, o mais insigne de todos os scelerados. Jesus assim consente em ser tão amesquinhado, tão degradado, só para nos conquistar a honra e a gloria de herdeiros de um throno eterno.

Além do sacrificio de sua reputação, elle ainda por nós sacrifica a sua vida. Quem poderá narrar tudo quanto elle soffreu por nosso amor? O seu sacrificio foi até á morte.

Por nosso amor elle com toda paciencia supportou os horrores da flagellação, da coroação de penetrantes espinhos, a penosissima jornada até o cimo do calvario, levando sobre os hombros o duro e pesado madeiro; e durante tres horas esteve agonizante com os pés e as mãos traspasados pelos cravos, com seu corpo coberto de chagas, gottejando sangue. Com o unico fim de pagar os nossos peccados, e de nos reconquistar os sagrados direitos á posse de uma bemaventurança eterna, depois de tantos ultrajes, vilipendios e tormentos, elle sobre um tão ignominioso patibulo exhalou o seu ultimo suspiro de vida.

Soffreu por nós os tremendos castigos que mereciam os nossos numerosos e gravissimos crimes. Oh! como o seu amor para conosco foi generoso! Aqui no mundo os nossos amigos são incapazes de por nós fazer o minimo sacrificio. Em os nossos dias bonançosos estão ao nosso lado protestando nos extrema dedicação: porém nos dias tormentosos fogem espavoridos, deixando-nos no mais completo abandono. Bem dizia o Poeta: Enquanto fordes felizes, tereis innumeraveis amigos; mas nos dias do infortunio estareis só, sem protecção, nem auxilio. Boecio, em quanto esteve nas boas graças occupando elevada posição, esteve cercado de milhares de aduladores; mas quando esteve preso e condemnado, viu-se no mais completo abandono, não tendo quem o viesse consolar em suas duras afflicções. Elle foi forçado a tristemente exclamar: Eram amigos do consul, mas não de Boecio; amavam a minha felicidade, que lhes era proveitosa, mas não a minha pessoa. Eis a perfeita imagem das amizades e dedicações humanas, salvo as honrosas e bem raras excepções.

Além de terno e generoso, Jesus teve para conosco um amor constante. Elle nos amou, nos ama e nos amará sempre. Nos amou desde a eternidade, destinando-nos, não só á existencia neste mundo, mas ainda á uma vida eterna com elle lá no céu. Ama-nos presentemente, accumulando-nos de suas graças e beneficios, não obstante a nossa tão negra ingratição; pois são tão poucos os que procuram corresponder á sua tão terna e generosa amizade. Elle lá está no céu constantemente supplicando a seu Pai para perdoar os nossos enormes e hediondos peccados. Apresentando-lhe as suas chagas, lembrando-lhe os seus tormentos, a sua paixão, o seu sangue e a sua morte, elle implora perdão em favor de todos os peccadores. Elle lá se interessa por nós; advoga a nossa causa; e faz tudo para nos tornar participantes de sua gloria eterna. Oh! como o amor de Jesus para conosco tem sido e é constante!

Não é desta sorte que os homens nos amam. O menor pretexto é bastante para resfriar-se uma amizade, que dizia-se ser constante. Um pequeno descontentamento rompe completamente relações amistosas, que promettiam ser eternas. Uma leve offensa basta para converter um amigo, que se confessava extremamente dedicado, em um inimigo extremamente rancoroso. E mesmo assim ha quem, para ser amigo dos homens, torne-se inimigo de Jesus; ha quem para agradar aos homens, gravemente offenda a Jesus? Oh! não continuemos mais a ser ingratos e desconhecidos para com o mais terno, generoso e constante de todos os amigos! Pelo contrario procuremos tanto, quanto depende de nós, corresponder á uma tão sincera, pura e santa amizade. Jesus nos ama; o amemos tambem, custe o que custar. Que o amor de Jesus para conosco seja o perfeito modelo de nosso amor para com elle.

Portanto amemos a Jesus com amor terno, generoso e constante, como elle nos tem amado. Se elle não precisa, nem da nossa compaixão, nem do nosso perdão, precisam os infelizes e os nossos offensores, pelos quaes elle tanto se interessa. Elle declarou que aceitará, como feito a si, tudo quanto se fizer em beneficio de todos os que soffrem. Para lhe agradar, procuremos sempre soccorrer aos pobres, alliviar as penas, mitigar as dores de todos os infelizes; procuremos consolar os tristes e afflictos; defender a honra e reputação de todos os injuriados e calumniados. Para lhe sermos agradaveis, envidemos todos os nossos esforços para chamar, reduzir todos os peccadores á sua santa amizade. Elle tão ardentemente deseja, que perdoemos aos nossos offensores, que terminantemente asseverou que senão perdoarmos, tambem não seremos perdoados. Risque-mos para sempre da nossa lembrança todas as injurias e offensas recebidas; purifiquemos o nosso coração de toda e qualquér sombra de resentimentos, de todo e qualquér vestigio de indisposição para com os que nos offenderam ou mesmo simplesmente nos melindraram. Jesus tudo isso aceitará, como uma compensação ás ternuras de seu grande amor para conosco.

Que o nossa amor para com Jesus seja generoso. A generosidade de nosso amor consiste em evitar tudo quanto é contrario e fazer tudo quanto é conforme á sua sabia lei, que é a genuina expressão da sua santa vontade; em evitar tudo quanto lhe desagrada e fazer tudo quanto lhe agrada. Os desejos de Jesus devem constituir a norma do nosso proceder sempre e em tudo. Por amor de Jesus com toda paciencia e resignação aceitemos todas as contrariedades, todos os desgostos, todos os soffrimentos desta vida.

Nunca, em caso algum, para agradar aos homens, desagrademos a Jesus. Nunca e em caso algum, para satisfazer aos nossos desejos, contrariemos aos desejos santíssimos de Jesus.

Devemos ainda amar a Jesus com amor constante, como elle nos tem amado. Em todas as circumstancias, em todas as condições, sempre e em toda parte consagremoſ-lhe o nosso amor. Que nada absolutamente possa nos apartar, nem um instante, de sua amizade. Que nenhuma força, nenhum poder seja capaz de romper as cadeias, que devem prender o nosso coração ao seu santíssimo coração. Que cada um dos filhos de Jesus possa com São Paulo exclamar: Quem poderá nos apartar do amor de Jesus Christo? Se para amar a Jesus for necessario morrer, contentes morramos por amor de quem por nosso amor sacrificou a sua vida.

Parte segunda.

Na passagem do Granico um satrapa arrancando a sua espada tentou degolar Alexandre, imperador; e então um simples soldado com sua espada preveniu o golpe, cortando o braço do inimigo. Alexandre, extremamente agradecido, nomeou o seu defensor general do seu exercito. Um dia, achando-se ebrio, Alexandre elevou as suas proezas bellicas muito acima das de Felippe, seu pai; e só porque Clito, que o tinha salvo da morte, cortando o braço do satrapa que o tentou degolar, contradisſesse ás suas exageradas e injustas asseverações, o perseguiu e o varou com uma certa lançada. Porém logo que contemplou o seu bemfeitor ensanguentado e morto, Alexandre lembrou-se do grande beneficio, e ficou tão contristado, arrependido e desesperado, que quiz suicidar-se; e o teria realmente feito, se os que estavam presentes não tivessem de suas mãos arrancado as armas. Entretanto que muitos, pelos quaes Jesus morreu para os livrar da morte eterna, gravemente o offendem, e permanecem tranquillos, alegres e contentes!

Um soldado sendo gravemente ferido em um combate, Alexandre tiron o seu diadema e com elle apertou a chaga para estancar o sangue. Esse feliz, que mereceu por parte de seu grande soberano tantas atenções e desvelos, foi Ly-simaco. Mas esse soldado nunca tinha offendido a seu soberano, nem por elle tinha entregue a sua vida; nem o seu soberano lhe tinha dado para sempre o seu diadema. Se elle por esse insignificante beneficio mostrou-se tão contente e penhorado, que deveríamos fazer uós para testemunhar o nosso extremo reconhecimento a Jesus, a quem temos tantas

vezes é tão gravemente offendido? a Jesus, que, não só foi ferido, mas ainda, unicamente por nosso amor, morreu pregado em uma cruz? a Jesus, que nos promete dar um diadema para cingir a nossa fronte durante uma eternidade?

Trigano, rei da Armenia, era amicissimo de Cyro, rei da Persia. Houve entre os dois soberanos amigos uma inesperada e grande complicação, que occasionou uma tremenda guerra. Em um renhido combate Trigano, sendo derrotado, foi preso, e elle com sua esposa Berenicia, foi conduzido para o palacio de Cyro; e ahí ficaram detidos, presos como captivos. Cyro notava que Trigano, porque extremamente amava sua mulher Berenicia, muito soffria vendo-a no captiverio. Um dia, compadecido da sorte de Trigano, disse-lhe: Que quereis dar-me em troca da liberdade de vossa querida esposa? Elle respondera: Senhor, um captivo apenas possui a sua vida. Se a minha vida pode servir de resgate para aquella, a quem tanto o meu coração ama, eu ponho-a á vossa disposição. Cyro, encantado por esse heroismo de devotamento, deu plena liberdade aos seus dois illustres prisioneiros. Depois que chegaram em casa, Trigano disse á Berenicia: Reparou quanto Cyro ficou commoçãoado quando eu lhe declarei estar prompto para entregar a minha vida pela sua liberdade? Berenicia respondera-lhe: Desde aquelle instante, em que você promptificou-se a morrer para dar-me a liberdade, não posso, nem devo preoccupar-me com mais ninguem, mas unicamente com quem deu-me um extremo testemunho de seu devotado amor. Trigano não morreu, mas apenas quiz morrer por Berenicia; e esta só por isso ficou tão penhorada ao ponto de não preoccupar-se com mais ninguem. E nós o que faremos para mostrar toda nossa dedicação a Jesus, que, não sómente quiz, mas realmente soffreu, derramou todo o seu sangue, morreu unicamente para nos livrar do captiveiro do demonio? Se Jesus sacrificou-se por nós, para lhe sermos verdadeiramente gratos, devemos tambem, quando for necessario, por elle nos sacrificarmos.

Em 21 de Janeiro de 1793 a satanica Convenção franceza condemnou á morte o rei Luis 16.º Elle soffreu com toda paciencia todas as humilhações; mas quando o carasco quiz amarrar as suas mãos, elle altivamente respondeu que morreria mas não consentiria nesse profundo aviltamento. Então o seu confessor, o Padre Firmont, fêz-lhe esta ponderação: Senhor, esta humilhação será ainda mais um traço de semelhança entre sua Magestade e o Deus, que vai ser a sua recompensa. Se isto, respondeu o rei, agrada a Jesus, estou promptissimo para ser amarrado. Nobre e santo exemplo, que deve ser imitado por todos os que ver-

dadeiramente amam a Jesus. Quando um acto lhe agrada, seja muito embora a mais profunda de todas as humilhações, não devemos trepidar um só instante em pratical-o. Que nada absolutamente possa servir de motivo para desagradarmos ao nosso tão amoroso Jesus. Que nada absolutamente possa nos embarçar de lhe consagrarmos todos os mais caros affectos de nosso coração. Se for necessario, privemo-nos de tudo quanto nos pode acariciar, e até mesmo da propria vida; mas nunca, nunca, mil vezes nunca, nos privemos do amor de Jesus.

Quinquagesima oitava Instrucção.

Deus é nosso Pai — Parte primeira.

Ha na doutrina catholica tres summarios importantissimos, que constituem tres thesouros preciosissimos: o Credo ou Symbolo dos apóstolos, o Decalogo, e o Padre Nosso. O primeiro, contendo tudo quanto devemos crer, forma a regra da nossa fé; o segundo, contendo tudo quanto devemos fazer, forma a regra dos nossos costumes; o terceiro, contendo tudo quanto devemos a Deus pedir, forma a regra de nossas relações para com o nosso creador, bemfeitor, senhor e pai. Aqui vamos tratar deste ultimo, e nos contentamos em expôr os grandes, importantes e santos ensinamentos que encerra a sua primeira phrase, que forma uma sublime e mui consolante invocação: *Nosso Pai, que estais nos céos*. E' Jesus, a sabedoria infinita e eterna, que nos ensina a invocar a Deus, seu Pai, tratando-o tambem de nosso pai. Que grande e immensa confiança não deve nos inspirar o nome de pai? Aqui mesmo no mundo o nome de pai exprime o nome do mais sincero e devotado amigo; o nome do mais generoso, esforçado e extremoso bemfeitor. O nome de pai, alem de ser tão doce aos labios, tão suave aos ouvidos, tão terno ao coração, inspira a mais forte e profunda confiança. Que, pois, pensar sobre esse nome, quando elle refere-se a um ente infinitamente sabio, infinitamente poderoso, infinitamente bom? Quem tem um tal pai, tem direito de nutrir uma esperanza robusta, uma confiança segura e inabalavel de ser perfeitamente feliz, desde que faça tudo quanto de si depender, para tornar-se digno dos direitos, que dimanam dessa paternidade divina.

Jesus diz que Deus é nosso pai; nós devemos firmemente acreditar, muito embora nos reconheçamos inteira-

mente indignos dessa honra elevadissima e sublime, que mais não pode ser. Elle é realmente nosso pai, porque nos creou. Nos creando, nos accumulou de tantos e tão preciosos beneficios. Tudo quanto possuímos, tudo quanto somos, tanto relativamente ao corpo, como relativamente á alma, pertence a Deus. Nós não passamos de méros depositarios. Se não podíamos existir por nós mesmos, porque, como entes contingentes e imperfeitos, não temos em nossa natureza a razão da nossa existencia; pela mesma razão não poderíamos por nós mesmos continuar a existir, porque da mesma força, de que um ente necessita para existir, necessita tambem para proseguir na existencia. Nos creando, conservando e beneficiando, Deus é realmente nosso pai.

Elle ainda é nosso pai, porque nos remiu dum penoso e degradante captiveiro. E' uma verdade de fé que pelo peccado de Adão, não só perdemos os nossos sagrados direitos á nossa divina filiação; mas ainda fomos infelizmente convertidos em desgraçados escravos do demonio. Deus, por sua infinita bondade e misericordia, compadecendo-se de nossa tristissima sorte, enviou o seu unico e amantissimo Filho ao mundo, com o unico fim de nos resgatar e nos restituir esses preciosissimos direitos de filhos da Divindade e herdeiros de um reino eterno. Para nos reconquistar essa filiação divina, Jesus, o Filho eterno de Deus, fêz-se homem, soffreu, e morreu nos braços do mais infame madeiro; é assim que de novo nos tornamos, de escravos do demonio, verdadeiros filhos de Deus. Admirai, nos diz o evangelista São João, o immenso amor de Deus para connosco, que quiz, não só que fossemos chamados, mas que realmente fossemos filhos de Deus. E' portanto verdade que Deus é nosso pai.

Estudemos com toda attenção, e guardemos indelevelmente gravados em nossa lembrança os importantissimos ensinamentos divinos, contidos em nossos gloriosos e divinos titulos de verdadeiros filhos de Deus. Sendo Deus nosso pai, nós todos somos irmãos, e entre nós deve reinar perfeita união e cordialidade; e devemos todos mutuamente nos auxiliar, para sempre devidamente louvar, engrandecer e glorificar a Deus. Sendo Deus nosso pai, a elle, de preferencia a todo outro ente, devemos consagrar inteiramente todas as nossas accões, todos os nossos sentimentos, todas as nossas affeições, todos os nossos pensamentos. Sendo Deus nosso pai, nelle devemos collocar toda a nossa esperanza; e é d'elle que devemos esperar todos os auxilios necessarios para conseguirmos a eterna bemaventurança, para a qual por elle fomos creados. E' principalmente nelle que devemos depositar toda a nossa confiança. Se um pai daqui do mundo é o mais generoso protector e o mais sincero e dedicado amigo, o que devemos

pensar de Deus, nosso pai celeste? O grande Tertulliano dizia: Ninguém é tão pai, como Deus. *Nemo pater, quam Deus.*

Sendo Deus que nos creou, que nos conserva, que nos accumula de seus beneficios, tudo quanto temos, tudo quanto somos, lhe pertence; delle portanto absolutamente e em tudo dependemos, e em nós tudo lhe deve estar inteiramente submettido. E', pois, insania a pretendida e criminosa independencia da razão, porque, sendo por Deus creada e conservada, deve-lhe completa submissão.

Não é menos insania a desejada e perversa liberdade de consciencia, porque em tudo, por tudo e para tudo o homem dependendo de Deus, deve receber o seu ensino, a sua lei, as suas ordens, e fielmente observar todas as suas sabias, justas, proveitosas e santas determinações.

Loucura e requintada loucura é o homem vangloriar-se de dotes, qualidades, attributos, como se fossem seus, quando elles pertencem todos exclusivamente a Deus. A verdadeira humildade é uma virtude que a todos soberanamente impõe se. Porém ella não consiste unicamente, nem em palavras, nem mesmo em acções; mas principal e radicalmente nos intimos sentimentos do coração.

Reconhecer e mesmo confessar que somos depositarios dos dons e favores de Deus, longe de ser orgulho, é um cantico de gratidão. Aquelle que gosasse saude, e que, para parecer humilde, declarasse estar enfermo, alem de mentiroso, seria ingrato. O mesmo deve-se dizer do que, sendo intelligente, com o mesmo designio, se confessasse estúpido. Com os grandes sabios da Egreja aprendamos as sublimes noções da verdadeira humildade, virtude importantissima, que por alguns é inconscientemente disvirtuada, e por outros maliciosamente sophismada e deturpada. Eis o que sobre essa virtude diz o sapientissimo Santo Thomaz. «A humildade, pondera sabiamente o grande Santo, não confunde-se com a pusillanimidade e baixaza. Ha quem entenda que para ser humilde, não deve reconhecer em si nenhum bem, nenhuma aptidão; porém isso é um grande engano. O reconhecimento dos bens recebidos gera o reconhecimento para com o benefeitor. O burros carregados de ouro e aromas, nem por isso deixam de ser vis animaes. Pode ser louvavel, e ás vezes até mesmo necessario, manifestar os dons de Deus e o bem que por sua graça operamos; isto pode dar-se, quando assim exigem a gloria de Deus e a utilidade das almas. O maior orgulhoso é o que quér passar por humilde. A humildade está unicamente no interior da alma».

O Padre Bernardes abunda no mesmo sentido e diz: Não é contra a humildade conhecer cada um os dons, que tem recebido de Deus, porque, segundo ensina o apostolo

São Paulo, isso é para nós um dever. *Sciamus quæ á Deo data sunt nobis*, (1.º Cor. cap. 2, ver. 12).

O grande Santo Agostinho assim se expressa sobre a verdadeira humildade: A maior humildade é esconder a humildade; e a maior soberba é querer parecer humilde.

A humildade não está nas palavras, nem nas acções, mas no intimo do coração.

Agora provemos com factos o que por suas sabias palavras nos ensinam esses grandes Santos relativamente á essa importantissima virtude. Um solitario foi visitar o abbade Serapião, e se mostrou muito humilde, dizendo-lhe ter commettido muitos crimes, ser indigno de louvar a Deus, e até mesmo de respirar o seu ar. Este solitario por humildade não consentiu que o abbade lhe lavasse os pés, nem mesmo quiz comer com elle na mesma mesa. O abbade ficou edificado diante de tantas demonstrações de humildade, e com toda doçura disse-lhe que era melhor que não andasse passeando, e ficasse sempre em seu convento vivendo do fructo de seu trabalho. O solitario, que se tinha mostrado tão humilde, mostrou-se muito contrariado com esse simples e brando conselho; e então o abbade Serapião fez-lhe esta justa exclamação: Meu filho, dissestes-me ter commettido tantos crimes; vos confessastes indigno até de respirar o ar de Deus; e não podeis tolerar um simples aviso, que vos deveria provar quanto interesse-me pela vossa salvação? Ah! a verdadeira humildade, meu filho, não consiste em géstos, em palavras, em se attribuir falsos crimes, que ninguém acredita; mas em receber com paciencia todas as injurias, que queiram nos fazer.

Em certa occasião elogiaram muito o humilissimo São Francisco de Assis, e o elogiaram ao ponto de tratá-lo de santo; e elle, não obstante a sua profundissima humildade, deixou transparecer signaes de alegria e contentamento. A alguns irmãos da ordem, que extranharam esse seu procedimento, elle promptamente respondera: Alegro-me, e devo alegrar-me. O que eu sinto é que ainda não fosse muito mais, porque muito mais eu teria já entregue ao dono, que é Deus.

O que constitue o orgulho é attribuir a si o que só pertence a Deus; mas reconhecer e agradecer os dons recebidos gratuitamente, reconhecendo não os ter merecido, é até uma virtude. São Paulo publicou as suas revelações e outros beneficios recebidos de Deus; relatou os seus trabalhos, perseguições e soffrimentos; porem attribuia tudo a Deus, tanto que dizia: Tudo quanto sou é producto da graça de Deus. *Gratia Dei sum, id quod sum*. Maria Santissima, em cuja alma nunca tocou, nem uma sombra de vaidade,

agradecida e admirada dos prodígios, que Deus em seu favor tinha operado, exclamou: Fêz-me grandes maravilhas Aquelle, que é poderoso e de que santo é o seu nome. *Fecit mihi magna, qui Potens est, et sanctum nomen ejus.*

A Deus, nosso pai, refiramos todos os meritos das nossas acções: a elle, e unicamente a elle, sejam tributados todos os louvores e encomios, pois que, sem os auxilios de sua graça, nada ninguem pode fazer, que tenha verdadeiro valor e real merecimento.

Parte segunda.

Deus é realmente nosso pai! Parece incrível, mas é pura verdade. Qual não é, pois, a nossa honra, a nossa gloria? Ser filho de um homem ou grande, ou rico ou sabio, é uma grande honra. Que honra não é ser filho de um homem ao mesmo tempo grande, rico e sabio? Que honra ser filho de um grande, rico, sabio, e de uma grandeza suprema, de uma riqueza immensa e de uma sabedoria infinita? Ser filho de um soberano, é uma grande gloria. Que gloria ser filho do rei de todos os reis, do monarcha de todos os monarchas, do soberano de todos os soberanos? Que gloria ser filho do rei, monarcha e soberano eterno do céu e da terra? Essa é a nossa honra! Essa é a nossa gloria! Somos filhos do Senhor de todos os senhores, do dominador de todos os dominadores! Somos filhos de um Deus!

Pensemos bem sobre a nossa elevação, sobre a nossa dignidade, sobre a nossa nobreza. E, necessario que sempre e em tudo procedamos de um modo condigno, para não marearmos o brilho da magestade de nossa sublime condição de filhos de um tão grande Rei.

Baleslau 4.^o era filho de Baleslau 3.^o, rei da Polonia. Elle amava extraordinariamente a seu pai; e por isso tinha muito medo de praticar algum acto, que desdourasse a honra e a gloria do seu tão illustre progenitor. Para nem um momento esquecer-se que era filho dum grande rei, e assim não praticar acto algum indecoroso, indigno de sua alta dignidade, trazia preso em um cordão e pendente sobre o seu peito o retrato de seu pai. Quando faziam-lhe um máu convite, quando davam-lhe um máu conselho, ou mesmo quando lhe vinha um máu desejo ou um máu pensamento, immediatamente elle lançava os olhos sobre o retrato de seu pai e dizia a si mesmo: Não posso praticar este acto. Não posso proferir esta palavra. Não posso consentir neste pensamento. Não posso realisar este desejo. E terminava sempre dizendo:

Não posso, porque eu sou filho dum grande rei. De modo que a simples lembrança de que era filho de um grande rei, o cohibia de praticar actos, que pudessem trazer algum dezar á honra e á gloria de seu pai.

Que faremos nós que somos filhos, não de um grande rei da terra, mas filhos do soberano e excelso Monarcha do céu? E para disso nos lembrarmos, não precisamos trazer sobre o nosso peito o retrato de nosso pai celeste, porque dentro de nós temos a nossa alma, que é a fiel imagem e semelhança de Deus, nosso pai. A nossa alma nos lembra a nossa divina filiação; ella constantemente nos recorda que somos filhos do grande rei do céu. Sempre lembrados dessa insigne e divina dignidade, devemos proceder com maxima attenção, com extremo cuidado, para em caso algum des-hourel-a por actos, palavras, ou mesmo simples desejos indecorosos, impuros, criminosos. Pelo contrario, sempre e em tudo devemos procurar tanto, quanto depender de nós, fazer exaltar, engrandecer e glorificar o nosso divino privilegio de verdadeiros filhos de Deus. Quando, tentados pelo demonio, pelo mundo, pela carne, para proceder de encontro á santissima lei de Deus, nosso amantissimo pai, digamos a nós mesmos: Não posso, porque eu sou filho do Rei dos reis. Seja este o nosso lemma divino ao determinar a pratica de todos os nossos actos. Nada omittamos, nem nada façamos, que possa de leve offender a nossa soberana e divina dignidade de filhos do Rei do céu.

Quinquagesima nona Instrucção.

Os máus e os bons filhos de Deus.

A diversidade de procedimento para com seus pais formam seis differentes cathogorias de filhos. Ha filhos máus, pessimos, perversos; e ha tambem filhos bons, optimos, devotados. Os máus não cumprem todos os preceitos dados por seu pai; o offendem em um ou outro caso, e não procuram immediatamente pedir-lhe perdão, permanecendo privados de sua amizade. Os pessimos violam todos os preceitos, impostos por seu pai; não ligam importancia alguma ás suas determinações; pouco se importam de agradar ou desagradar a seu pai. Os perversos desprezam seu pai, delle se envergonham; e zombam dos seus irmãos, que a seu pai são devotados. Os bons cumprem todos os preceitos graves,

impostos por seu pai; e quando, por inadvertencia ou fraqueza, o offendem, procuram promptamente lhe pedir perdão. Fazem tudo quanto de si depende para viver sempre na amizade de seu pai; porém não empenham-se em evitar pequenas faltas, que, embora não offendam, desagradam a seu pai, e arrefecem a amizade, que deve sempre reinar entre pais e filhos. Os optimos esforçam-se para cuidadosamente evitar, não só tudo quanto pode offender, mas mesmo tudo quanto de leve pode discontentar a seu pai; e procuram manter sempre com elle fervorosas affeições. Os devotados, alem de cuidadosamente procurar sempre e em tudo agradar a seu pai, deleitam-se em sempre estar juntos, conversar, entreter-se com elle. Amando-o extremosamente, não consentem que ninguem, nem de leve, offenda-o; pelo contrario empregam todos os meios, envidam todos os seus esforços, para que elle seja considerado, respeitado, amado por todos.

Os máus filhos merecem grandes e rigorosos castigos, porque offendem a pessoa, a quem causaram tantos cuidados e incommodos, de quem receberam tantos afagos, caricias, favores, beneficios; e que mais que ninguem tanto e tão ardentemente interessa-se pelo seu bem-estar e pela sua venturosa sorte. Os que offendem a seu pai, offendem ao seu mais leal e sincero amigo; ao seu mais dedicado e generoso bemfeitor. São, pois, grandes criminosos, que devem ser rigorosissimamente castigados. Maiores e muito mais rigorosos castigos devem soffrer os filhos pessimos, que sempre e em tudo offendem, amarguram, martyrisam a um ente, de quem receberam tantas e tão assignaladas provas de sincero e devotado amor; e a quem a propria natureza manda que se consagre os mais puros, ternos e caros affectos do coração. E que dizer se então dos filhos, que desprezam seu pai, e envergonham-se daquelle justamente a quem diante do mundo inteiro deviam ardentemente desejar prestar suas solemnes e profundas homenagens de submissão, amor, respeito, veneração? Os filhos, que commettem esse enorme, horrendo e degradante crime, deveriam ser publicamente açoitados e condemnados a terminar os seus dias nas mattas, em convivencia com os brutos. Esses filhos todos que não sabem cumprir com o mais rigoroso, doce e santo dever de amar a seu pai, segundo a sentença por Deus proferida nos livros santos, terão o começo de sua infelicidade nesta vida, para depois completal-a na outra, que é eterna.

Pelo contrario os bons filhos são dignos de louvores e recompensas. Maiores e mais preciosas recompensas merecem os filhos optimos, que tão puros e santos prazeres dam a seu pai, procurando sempre fazer a sua vontade e

realisar os seus desejos. E que pensar dos premios que devem receber esses filhos que devotam-se a seu pai, fazendo nesta vida a sua mais pura alegria, a sua maior honra e a sua mais brilhante gloria? Todos os bons filhos que sabem amar a seu pai, alem de merecer a estima e a consideração publica, mesmo neste mundo serão generosamente recompensados. Deus tanto aprecia o amor prestado pelos filhos a seu pai, que promete recompensal-os neste mundo com uma longa vida, para depois no outro recompensal-os com uma vida eterna.

Nós christãos, alem e acima de nosso pai natural, temos no céo o nosso divino Pai, que é Deus. O Evangelista São João diz: Somos filhos de Deus. *Filii Dei sumus*. Nós todos formamos uma immensa irmandade, da qual Deus é o chefe e pai soberano. Ha tambem entre nós as seis diferentes cathogorias de filhos. Os máus filhos são os catholicos, que não observam todos os preceitos divinos; e que, tendo cahido em falta grave, não procuram reconciliar-se com Deus, seu pai, pelo unico meio de reconciliação por elle estabelecido, que é a confissão. Esses filhos atrevem se a passar dias, mezes e annos separados de seu divino pai, privados das suas graças e tambem da sua santa amizade.

Os filhos pessimos são os catholicos que de religiosos só conservam o nome: são os que violam todos os divinos mandamentos, e vivem alegres, contentes, e preocupados unicamente com os bens passageiros e illusorios prazeres do mundo. Ao passo que ligam tanta e tão grande importancia aos potentados da terra, votam completa indifferença a Deus, seu pai e rei soberano do céo.

Os filhos perversos são os catholicos, que envergonham-se de confessar em publico as suas crenças, de cumprir com os seus deveres religiosos, de receber as graças e favores divinos por meio dos sacramentos: são os catholicos que por um requinte de perversidade satanica ousam zombar dos que tem a divina ventura de amar e servir a Deus, seu pai, com santa altivez, com nobre sinceridade, com profundo devotamento. Elles fazem causa commum com satanaz, e empenham-se fortemente em embaraçar por suas zombarias e motejos diabolicos que os filhos affectuosos e agradecidos prestem ao seu querido Pai suas santas homenagens de submissão, amor e gratidão.

Os máus filhos, os catholicos negligentes, se continuarem a viver no peccado grave, e assim privados da graça e amizade de Deus, no momento da morte começarão uma vida de horrosos tormentos, que hão de durar tanto, quanto dura uma eternidade, que é uma duração sem fim. O castigo deve ser proporcionado ao crime; e portanto,

quanto mais criminoso tiver sido, mais fortemente será castigado. Quaes não serão, pois, os tormentos, que estão reservados aos filhos pessimos, esses catholicos de rotulos que durante toda a sua vida foram completamente indifferentes a tudo quanto dizia respeito ao seu futuro destino, ao seu Deus e á sua alma? Quem poderá bem avaliar a atrocidade e vehemencia dos tormentos, que esperam os filhos perversos, que levaram o seu odio e rancor contra Deus, seu terno e carinhoso pai, ao ponto de querer vexar, abater, amesquinhar os filhos benemeritos, que timbravam em cumprir com plena exactidão os seus sagrados deveres de filhos extremamente gratos e reconhecidos? A enormidade de sua extrema malicia e perversidade será a justa medida da intensidade e immensidade de seus tormentos.

Os bons filhos, os catholicos que procuraram sempre permanecer na amizade de Deus, seu pai, no momento da morte irão receber a sua herança divina e eterna recompensa de sua obediencia e fidelidade. Procuraram viver sempre unidos a Deus, eternamente continuarão nessa santa união, que fará a sua eterna ventura. Depois dos trabalhos as recompensas; depois das luctas gloriosas a palma do triumpho e a coroa da victoria. A contemplação, a posse e goso de Deus, seu divino pai, constituirão a sua completa, perfeita e eterna felicidade. Assim como os castigos são proporcionados aos crimes, as recompensas tambem devem ser ás virtudes. Se, pois, tão grandes são as recompensas dos bons filhos, que pensar das que serão dadas aos filhos optimos, que tão cuidadosamente trabalharam para tanto, quanto lhes fosse possivel, agradar ao seu querido Pai? E as que estão especialmente reservadas aos filhos devotados, que não só consagraram-se inteiramente á honra e á gloria de seu Pai, mais ainda extrenua e continuamente esforçaram-se para fazer com que todos o honrassem, e o glorificassem? Jesus disse que na casa de seu Pai ha muitos aposentos, querendo assim significar que cada bemaventurado terá uma felicidade correspondente aos seus merecimentos. Imagine-mos qual será a ventura daquelles filhos que mais souberam amar a Deus, seu amantissimo pai. Sentados sobre um throno mais brilhante, mais proximos do trono magestoso de Deus, mais claramente fitando a face divina, maiores e mais doces e suaves delicias fruirão os filhos mais dedicados durante toda a eternidade.

Antecipadamente podemos saber quaes serão os mais cruelmente atormentados no inferno, e tambem quaes serão os mais generosamente premiados no céo. Os primeiros, que serão os mais infelizes e desgraçados, são os que zombam das pessoas devotas e piedosas, que com mais fre-

quencia recebem o Pão divino na santa communhão; os segundos, que serão mais felizes e venturosos, serão aquelles, que pelos perversos são presentemente qualificados de *carólas*, *beatos*, *hypocritas* pelo unico motivo de serem os mais devotados a Deus.

Oh! Felizes e mil vezes felizes aquelles que merecem aqui ser zombados, escarnecidos, ludibriados pelos rancorosos inimigos de Deus, nosso queridissimo e divino pai, porque é uma segura garantia de depois da morte ir no céu sentar-se sobre um throno mais elevado e brilhante. Infelizes e mil vezes infelizes aquelles que tem o satânico atrevimento de zombar desses filhos dedicados de Deus, que procuram amal-o com extremo devotamento, porque irão no inferno habitar o mais negro e profundo dos abysmos, e soffrer o mais cruciante e atróz de todos os tormentos.

De tudo quanto fica exposto devemos concluir quanto é do nosso interesse procurar fazer tudo quanto depende de nós, para, com os auxilios da graça divina, tornarmos-nos filhos optimos, e até mesmo filhos devotados de Deus. E' certo que para cumprirmos exactamente com os nossos sagrados deveres de filhos de Deus, temos que lutar contra os assaltos do demonio, contra as seducções do mundo, contra os impulsos da carne, contra as fascinações do orgulho; mas com os auxilios divinos, que nunca faltam aos que tem desejos puros e sinceros, seremos sempre victoriosos.

A insensatez dos mundanos, em vez de nos seduzir, deve nos encorajar. Se elles se esforçam para agradar aos potentados da terra, mais devemos nós nos esforçar para agradar ao Rei soberano do céu. Se elles tanto trabalham para conseguir as riquezas transitorias do mundo, mais devemos nós trabalhar para conseguir as riquezas eternas do céu. Se elles ardentemente desejam gosar os prazeres illusorios do mundo, muito mais ardentemente devemos nós desejar gosar os reaes e divinos prazeres do céu. Se elles fazem tanto empenho em conquistar as honras, as glorias ephemerias do mundo, muito maior empenho devemos fazer nós para conquistar as honras e as glorias que Deus reserva aos seus escolhidos no céu. Se elles lutam com todo denodo para conservar e tornar mais agradável uma vida tão passageira, com muito maior denodo devemos nós lutar para depois desta vida tão penosa entrar na posse de uma vida verdadeiramente feliz e eterna.

Uma occasião um militar, approximando-se dum humilde Frade capuchinho, começou a lamentar a sua vida dizendo: Meu padre, tenho pena do senhor, que tanto soffre levando uma vida tão humilde, pobre, mortificada. O capuchinho lhe

respondera que a vida de militar tambem era de soffrimentos, de sacrificios; e que elle militar estava arriscado, a cada momento, até a perder a sua vida num combate. Então o militar lhe ponderou dizendo que tudo isso era verdade, mas que elle se expunha a tudo para conquistar a gloria. Ouvindo esta ultima phrase, o capuchinho exhalou um profundo suspiro e exclamou: Ah! Se para conquistar uma gloria illusoria e tão ephemera, sacrificia-se até a propria vida, quanto não devo trabalhar, quanto não devo soffrer, para conquistar a verdadeira gloria eterna? Sejamos verdadeiros e dedicados filhos de Deus, e com toda certeza teremos como nossa herança uma gloria eterna.

Sexagesima Instrucção.

As associações religiosas.

As associações religiosas são de summa importancia, porque tem por objectivo com mais facilidade melhor promover a gloria de Deus e a santificação da sua propria alma e das dos seus semelhantes. Para conseguir esse fim tão importante, proveitoso e santo, ellas empregam dois meios. a reunião e uma particular devoção. Pela reunião os membros edificam-se mutuamente, dando um a outro o incentivo do bom exemplo, que é um eloquente convite á devoção e á piedade. De mais, as orações feitas em commum são muito mais agradaveis a Deus, e delle conseguem graças muito mais abundantes. Jesus Christo, referindo-se ás orações feitas ao mesmo tempo por muitos, disse: onde estiverem dois ou tres reunidos em meu nome, ahí estarei eu no meio delles. Tem tambem as associações o poderoso recurso de uma particular devoção, que é ou devoção ao Santissimo Sacramento ou ao Coração de Jesus, ou á Maria Santissima, ou a um Santo, ou ás santas almas do Purgatorio. A mais importante é a devoção a Jesus Sacramentado; depois a do Santissimo Coração, e depois a da virgem, Mãe de Deus; sendo as outras duas iguaes em importancia.

Estas associações tem seus deveres a cumprir, dos quaes uns são particulares a cada uma; outros são communs a todas. Os deveres particulares acham-se inscriptos no regulamento respectivo. Elles não obrigam sob peccado; mas são condições necessarias para perceber as graças e os favores proprios de cada uma dellas. Assim os que não cumprem com os deveres de sua associação, não peccam; porém ficam

privados de todos os proveitos espirituaes. Depois, não é airoso, nem mesmo serio, entrar voluntariamente em uma associação, e sem um motivo justificativo abandonar inteiramente os piedosos compromissos que assumiu. Devem os associados todos, sempre que lhes for possível, assistir as reuniões, os actos de devoção, e recitar as orações prescriptas pelo regulamento.

O primeiro dos deveres communs é cada associado procurar o engrandecimento, promover os interesses da sua associação, angariando novos socios e novos auxilios. O segundo dever é a união e harmonia, que deve reinar entre todos os associados, que devem se considerar como irmãos. Sem esta condição a associação não poderá prosperar, por que a união é que faz a força; e, quando duas forças iguaes agem em sentido contrario, ellas completamente se nullificam. Devem ainda manter toda concordia com os membros de outras associações, e auxiliarem-se mutuamente, pois que todas miram o mesmo fim. Assim os membros de uma associação devem tomar parte e interesse nas solemnidades religiosas de outra. Devem principalmente os membros de todas as associações de uma parochia marchar em tudo de perfeita harmonia com o seu respectivo vigario; pois elle é o pai espiritual de todos; é o mais interessado pela gloria de Deus e santificação das almas; e por direito é presidente e chefe nato de todas as associações religiosas de sua parochia. Tudo, pois, deve ser projectado, resolvido e realizado de commum e perfeito accordo com elle. Uma geral experiencia demonstra que desde o momento, em que uma associação religiosa entra em discordia ou desavença com o seu parochio, começa a enfraquecer-se; e pela continuação debanda-se completamente.

O terceiro dever das associações religiosas é o bom exemplo, que a todos devem offerecer, relativamente ao cumprimento dos seus deveres religiosos. Os associados não devem tomar parte em reuniões, divertimentos, em que se costuma offender a religião, as cerimoniaes religiosas, os sacerdotes, as pessoas devotas, ou a pureza dos costumes. Elles todos devem cumprir com toda regularidade com todos os seus deveres religiosos: a missa nos domingos e dias santos; a confissão e a communhão annual; o respeito nos actos religiosos, silencio na igreja; decencia no vestuario; modestia nos actos e mesmo nas palavras. Porque se violarem um só destes deveres, alem de offender a Deus, darão escandalo.

O quarto dever dos associados é tanto, quanto depender de si, procurar em tudo glorificar a Deus. Desde que dedicam se de um modo particular a Deus, devem fazer tudo para que elle por ninguem seja offendido e por todos seja

amado: é o que deve fazer todo bom amigo para com seu amigo; todo bom filho para com seu pai. E que amigo, e que pai pode haver, como Deus? Todos os associados devem com prudência e caridade procurar embaraçar as conversações e ainda muito mais os desrespeitos na Igreja, principalmente durante os actos religiosos. Devem convidar os que tem deixado a confissão e a comunhão, para que venham receber esses divinos sacramentos, começando pelos amigos, parentes e pelos da propria casa. Mas quando uma mulher tiver de fazer este pedido ao seu marido, uma filha ao seu pai, o devem fazer em momento opportuno e com muita delicadeza e respeito, para não produzir effeito contrario. Devem visitar os enfermos, mesmo os estranhos e indifferentes, para os consolar, e principalmente para os convencer da necessidade de receber os divinos sacramentos; e quando não consigam convencel-os, devem immediatamente comunicar o facto ao vigario. Devem empregar todos os esforços para fazer com que os que só fizeram o contracto civil e os amasiados, venham á igreja santificar pelo sacramento do matrimonio a sua união criminosa, que tanto offende a Deus, escandalisa os fieis, deshonra a familia, e desmoralisa e corrompe a sociedade.

E' este um acto que tem immenso merecimento diante de Deus, e que por elle é extremamente recompensado. Para avaliar-se o valor deste acto, é necessario reflectir bem quanto vale a amizade e a graça de Deus, que por esse acto procura se ao peccador. Quando São João Chrysostomo viu uma mulher que chorava derramando lagrimas por ter perdido toda a sua fortuna, lhe perguntou: Perdestes a amizade de Deus? e ella respondendo-lhe que não, elle lhe fêz esta sabia ponderação: Não lamenteis mais a vossa sorte, porque possuis tudo, possuindo a amizade de Deus. E' nosso dever procurar beneficiar o nosso proximo; e não ha, nem pode haver, beneficio tão grande, como procurar salvar a sua alma. A regra de caridade estabelecida por Jesus é que devemos amar o proximo como a nós mesmos; ora antes de tudo devemos salvar a nossa alma; portanto a maior caridade, que podemos e devemos fazer-lhe, é procurar a sua salvação. O grande São João Chrysostomo dizia: Nada ha que se possa comparar com uma alma, nem mesmo o mundo inteiro. Por isso quem dêr aos pobres immensas riquezas, faz muito menos, que aquelle que converter uma unica alma. Santa Thereza dizia que para salvar uma alma soffreria a mais cruel de todas as mortes; e até mesmo, se fosse necessario, soffreria todas as penas do purgatorio até o fim do mundo. Procurando salvar a alma de nosso proximo, salvamos tambem a nossa. Santo Agostinho dizia:

Salvastes uma alma? predestinastes a vossa para a salvação. Procurando salvar a alma do proximo, pagamos por esse acto sublime de caridade as penas devidas aos nossos peccados. O apostolo São Thiago diz: Quem converter um peccador, o salvará, e apagará a multidão dos seus peccados.

Alem dos santos interesses do proximo e nossos, devemos chamar todos os peccadores para a amizade de Deus, para lhe pouparmos tantas offensas, tão graves injurias. Não devemos consentir que o nosso bom Deus seja tão desprezado pelos homens, pelos quaes elle tanto e atrozmente padeceu ao ponto de expirar pregado sobre um tão infame patibulo. Imitemos os tocantes exemplos dados por São Francisco de Assis, que constantemente exclamava derramando copiosas lagrimas. «Eu choro os soffrimentos do meu Salvador; e ainda o que mais afflige-me, é ver que os homens pelos quaes elle tanto soffreu, não o amam, nem mesmo nelle pensam. O amor não é amado!»

Se todos devem amar a Deus, de um modo todo particular o devem amar os que pertencem a essas associações religiosas, de que o principal fim é o mais perfeito amor de Deus. Ellas para agradar a Deus, devem, não só evitar tudo quanto de leve o possa offender, mas ainda fazer tudo para que elle não seja offendido por niuguem; devem empregar todos os meios ao seu alcance, para chamar todos os peccadores á sua santa amizade. Se assim fizerem, cumprirão os seus sagrados deveres de amigos dedicados de Deus; e terão direito de um dia eternamente gosar com elle no céu.

Sexagesima primeira Instrução.

Devoção á Nossa Senhora. — Parte primeira.

A Santa Igreja catholica nos ensina a invocar Maria com estas palavras: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós peccadores, agora e na hora de nossa morte. Conserando as mesmas palavras, poderíamos fazer uma inversão e dizer: Rogai por nós, peccadores, agora, isto é, na vida presente, e na hora de nossa morte, ó Maria, vós que sois santa e ainda Mãe de Deus. Pelo que vê-se que a Igreja indica dois titulos para fundamentar a nossa confiança na protecção de Maria, que são a sua santidade e a sua divina maternidade. Quiz nos ensinar que Maria pode nos conseguir,

tudo quanto ella quizer, de Deus, porque ella é santa, e porque é mãe de Jesus, que é Deus.

A historia tanto sagrada, como ecclesiastica, nos ensina que os santos são amigos de Deus, e que Deus se apraz em attender aos seus pedidos. Mas quem no mundo inteiro foi tão santo como Maria? Ella foi santissima, relativamente á virtude da pureza. Ella amou essa divina virtude como ainda ninguem soube ama-la. Ella viveu em um tempo, em que a esterilidade era um opprobrio; e quiz permanecer sempre como virgem. Na occasião, em que todas as donzelas ardentemente desejavam se tornarem esposas, para assim ter uma probabilidade de ter parte no nascimento do divino Messias, promettido ao mundo e ardentemente desejado por todas as nações, ella é a unica, entre todas as filhas de Israel, que promette a Deus guardar na terra uma pureza, uma candura, uma virgindade, cujo modelo ella só poderia contemplar no céu. Um anjo desce do céu e vem-lhe annunciar que ella conceberá e dará á luz um Filho, que vem salvar o mundo; porém ella hesita em acceitar essa prerogativa divina, unicamente por temer violar o seu voto, e perder o thesouro divino de sua pureza virginal; e é só depois que o enviado ceeste garante-lhe que ella será mãe, sem deixar de ser virgem, que ella consente em ser mãe do divino Redemptor dos homens.

A sua humildade não ficou a quem da sua extrema pureza. Descendente de familia tão elevada e nobre, nunca em sua alma poude ter ingresso nem um sopro de orgulho e de vaidade. Ella fez sempre o maior empenho em viver e permanecer no mais completo esquecimento e na mais profunda obscuridade. Um espirito ceeste, enviado por Deus do céu entra em sua habitação tão pobre; e a saúda como cheia de todas as graças, e como a mais distincta de todas as mulheres; e ao mesmo tempo annuncia-lhe, que ella dará á luz um filho, que será igualmente Filho do Altissimo, e Deus Omnipotente. Quanta honra! Quanta gloria! Quanta distincção! A sua humildade mantem-se firme e inabalavel. Ella, longe de vangloriar-se, vendo-se elevada á uma alta, sublime e santa dignidade, concentra-se, abysma-se em seu proprio nada; e diante de todos confessa ser apenas uma simples escrava do Senhor.

Pura, humilde ao extremo, Maria não foi menos paciente e resignada, nem mesmo quando submergida no fundo das mais cruciantes dores e das mais amargas e acerbas tribulações. Depois de saber tudo quanto o seu querido e divino Filho já tinha soffrido no jardim das oliveiras; perante os tribunaes iniquos; durante a acerbissima flagellação; Maria o contempla subindo a escabrosa montanha do Calvario,

opprimido pelo enorme peso do grande madeiro, que levava sobre os hombros. Imaginemos a immensidade e agudeza de suas dores e de suas penas. Entretanto dores e penas maiores e muito mais intensas e crueis ainda lhe estão reservadas. Ella contempla o seu amantissimo Filho pregado na cruz entre dois facinorosos ladrões; coroado de espinhos; com o seu sagrado corpo retalhado de chagas, gottejando sangue; e feito o tristissimo objecto das zombarias, dos improperios, das blasphemias e maldições de um povo ingrato e feróz, que em seu furor satânico jurou a sua perda. Quem poderá calcular o quanto de angustias, tristezas e tormentos soffreu o ternissimo, amoroso e compassivo coração de Maria! Jesus foi martyrisado em seu corpo; ella o foi ainda muito mais acerbamente em sua alma de mãe, e de mãe extremamente devotada ao seu queridissimo e muito amado filho. Entretanto que ella soffreu tudo com a mais plena e completa resignação. Durante esses transes afflictissimos, que dilaceravam o sensível e devotado coração de mãe, de seu peito não se exhalou nem um gemido, nem um suspiro: de seus labios não se desprendeu nem uma palavra de queixa: em seu semblante não se percebeu nem um signal, nem mesmo um tenue indicio de contrariedade. Ella offereceu ao mundo inteiro um sublime exemplo de uma heroica paciencia e resignação com a santa vontade de Deus. Só isto bastava para nos provar quanto Maria foi santa.

Ella em toda a sua vida offereceu a todos o modelo perfeito de todas as virtudes e perfeições. A Igreja, que por Deus é devidamente inspirada, depois de invocar a Maria como rainha dos anjos, rainha dos patriarchas, dos prophetas, dos apostolos, dos martyres, dos confessores, das virgens, a invoca como a rainha de todos os santos. *Regina sanctorum omnium. ora pro nobis.* Declara portanto que Maria reúne, concentra em si, em gráu soberano, as virtudes de todos os santos. Pelo que já podemos avaliar quanto ella é querida de Deus, quanto ha de sempre em suas supplicas ser attendida por Deus.

E' uma verdade historica que Deus, attendendo aos meritos das virtudes, que em sua honra praticaram os santos, a seu pedido opera estupendos milagres. A pedido dos christãos elle livrou miraculosamente a São Pedro da prisão, e até fez as cadeias por si mesmas cahirem de suas mãos. A pedido de Josué elle fez milagrosamente o dia prolongar-se, para dar-lhe o tempo preciso para desbaratar os seus inimigos. A pedido de Elias elle restituiu á vida á filha da viuva de Sarépta, que já estava completamente morta. Se Deus assim liga tanta importancia aos pedidos de seus santos, que não fará elle para satisfazer as supplicas de Maria, que incontestavel-

mente foi a mais pura, a mais innocente, a mais justa, a mais piedosa, a mais santa de todas as creaturas, que tem existido que existem e que hão de existir até o fim do mundo? A sua bocca não pronuncia uma só prece, que não seja immediatamente attendida por Deus, que tanto se compraz em fazer a sua vontade.

Mas, alem de seus incomparaveis merecimentos, como rainha de todos os santos, Maria ainda tem perante Deus merecimentos muitissimo mais excellentes e extraordinarios, na qualidade de Mãi do seu divino Filho. E' uma verdade de fé que Maria é a verdadeira mãe de Jesus, que é tambem verdadeiro e eterno Filho de Deus. O evangelista nos assevera clara e terminantemente que de Maria nasceu Jesus, que foi chamado Christo. *Maria, de qua natus est Jesus qui vocatur Christus*. Esta importantissima verdade foi pelo Concilio de Nicéa definida e proclamada como dogma de fé. De modo que não paira, nem sombra de duvida, que Maria é verdadeira Mãi de Deus. Que titulo, que honra, que gloria para Maria ser Mãi do proprio filho divino, infinito e eterno de Deus! Todas as grandezas, todas as glorias, todas as riquezas estão contidas nessa tão sublime e santa prerogativa de Mãi de Deus. Não precisamos de mais nenhum motivo para perfeitamente avaliarmos quanto ella é amada, querida, apreciada por Deus. Bastaria unicamente este titulo para acreditarmos que as suas supplicas são todas prompta e benignamente acolhidas por Deus. Aqui mesmo no mundo, onde infelizmente quasi sempre nos corações predominam as paixões e os caprichos, não ha um só filho sensato e honesto, que não procure conhecer e até mesmo advinhar os desejos de sua carinhosa mãe, para immediatamente realisal-os.

Salomão declarava á sua mãe que lhe pedisse o que quizesse, que seria promptamente satisfeita. Que, pois, devemos pensar daquelle Filho, em cujo coração ateiam-se as chammas do amor divino? Durante a sua vida mortal Jesus sempre attendeu ás supplicas de Maria, sua extremosa mãe. O evangelista nos diz que Jesus era submisso á Maria, sua santa mãe. Nas bôdas de Canáan uma simples lembrança, que ella fez a seu filho, de que não havia mais vinho para dar aos convivas, foi bastante para que elle operasse um portentoso milagre de converter a simples agua em delicioso vinho. Se na terra elle foi tão sollicito em attende ás preces de sua mãe, não o será tambem hoje no céo, no reino do amor infinito e eterno? Ah! tudo quanto Maria lhe pede, é por elle perfeitamente realisado. As suas supplicas tem um poderosissimo ascendente sobre o amorosissimo coração de seu Filho. Os santos Padres para nos fazer comprehender quanto pode Maria perante o throno de seu divino Filho,

chegam a dizer que ella gosa duma omnipotencia de intercessão.

Pois bem, ella que tudo pode, ardentemente deseja para nós de seu amado Filho tudo conseguir. Quér nos beneficiar, porque tem um coração cheio de bondade e de ternura ; quer principalmente nos encher de graças, porque é tambem nossa mãe. Mas será certo que a mãe de um Deus é tambem mãe dos peccadores? E' uma consoladora verdade, ensinada por Jesus, a eterna sabedoria.

Pouco antes de Jesus espirar, elle fez o seu testamento, e nos legou Maria, sua querida Mãe, como nossa verdadeira e querida mãe. Junto á sua cruz, além das piedosas mulheres, achavam-se Maria e São João, o discipulo amado, que na noite da cêia tinha se recostado sobre o seu peito divino. Do alto de seu patibulo Jesus dirigindo suas vistas para o seu discipulo disse á Maria: Eis o vosso filho; e olhando para Maria, disse ao discipulo: Eis vossa mãe. Jesus é verdadeiro Deus. Portanto a sua vontade faz tudo quanto quér; os seus desejos convertem-se em realidades; a sua palavra produz tudo quanto enuncia; em sua bocca as simples palavras são verdadeiras produções. Assim as suas palavras, proferidas do alto de sua cruz, no momento mais solemne de sua vida, operaram no coração de Maria e no do discipulo amado uma verdadeira criação. Ella sentiu nascer em si um coração de mãe para com a Igreja, que o discipulo representava; e a Igreja, representada pelo discipulo, sentiu nascer em si um coração cheio de piedade filial para com Maria. E' justamente isto que o Evangelho quiz exprimir quando, após as palavras de Jesus, diz: Desde então o discipulo recebeu a Maria como um ente, que realmente lhe pertencia. *Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua.* São João então representava a Igreja, não como representante do governo, mas de toda a collectividade, pois era o unico apostolo, que então estava presente.

Parte segunda.

A Igreja sempre considerou, respeitou e amou a Maria como sua querida mãe. Que não tem ella feito para propagar, engrandecer, abrilhantar o seu culto? Quanto não tem ella se empenhado em tornar bem conhecidos de todos as suas honras, os seus titulos, os seus privilegios, as suas prerogativas? Como não tem ella se esforçado para fazer com que todos e em toda parte cantem os seus louvores, invoquem a sua protecção, bendigam o seu nome, e decan-

tem a sua gloria? Templos, altares foram erigidos em seu nome; pomposas festas, brilhantes solemnidades foram instituidas em sua honra; associações, confrarias numerosas foram estabelecidas para cantar os seus louvores.

Por sua parte tambem Maria tem para com a Igreja e para com todos os seus membros, admiravelmente desempenhado os amorosos deveres de uma carinhosa e extreme-cida mãe. Ella tem sido a sua protecção e o seu amparo, desde o cenaculo até hoje lá no céu. Uma boa mãe só pensa, só deseja, só trabalha para a verdadeira felicidade de seus queridos filhos. E' justamente o que tem feito Maria para a Igreja, e para todos os que lhe pertencem. Ella tanto auxiliou os apóstolos na fundação da Igreja, animando e confortando sempre a todos em seus trabalhos, em suas lutas, em suas sanguinolentas, perseguições. Com suas inspirações, com seus conselhos, principalmente com suas fervorosas e santas orações, ella tão poderosamente concorreu para vencer o judaismo, o paganismo; para confundir os schismas, e extirpar as heresias, os erros, as superstições e os vícios. E hoje lá no céu ella continúa a advogar a nossa causa, a promover os nossos santos interesses, intercedendo continuamente em nosso favor perante o throno do seu divino Filho. Ella de lá contempla os perigos, que nos cercam; os inimigos, que nos rodeiam; os males, as desgraças, os infortunios, que nos ameaçam; e, movida de compaixão, ao seu amado Filho em nosso favor implora amparo, defesa, protecção. Abysmada em um oceano de delicias, ella esquece-se de sua felicidade, para unicamente preoccupar-se como mais poderosamente poderá promover a nossa ventura. Quando Deus prepara o raio da sua indignação para castigar tantos e tão audaciosos peccadores, ella, para os defender, se interpõe e brada: Ainda mais um pouco de paciencia, antes de executar a vossa justiça. Elles são bem culpados e ingratos; mas são meus filhos, e não os posso ver perecer. Illuminai-os mais claramente; movei-os mais poderosamente; e elles arrependidos voltarão á vossa santa amizade. Deus, seu divino Filho, attendendo ás suas supplicas, redobra os encantos, multiplica os attractivos de sua bondade; e os peccadores rendem-se vencidos, convertem-se, e são salvos pela poderosa e bondosa intercessão de Maria, advogada e mãe de todos os peccadores.

E' porisso que os Santos Padres, que tão profundamente estudaram a doutrina catholica, não se cançam, nem contentam-se em louvar, exaltar, decantar a grandeza do poder e a immensidade do amor de Maria em favor de todos os que foram remidos pelo sangue do seu divino Filho. Eis

como elles se exprimem em relação a Santa Mãe de Deus, que é também a nossa carinhosa mãe.

São Basílio diz que, depois de Deus, Maria é a nossa única esperança. Santo Ephrem, depois de dizer que Maria é o porto seguro dos que estão ao ponto de fazer naufragio, dirigindo-se á Virgem Santissima, exclama: E' por vós que nós esperamos conquistar o reino ceeste, porque sois vós a auxiliadora de nossa salvação; e, dirigindo-se aos peccadores, lhes diz: Não desanimeis, ó peccadores: porem invocai em todos os males a Maria, que Deus quiz que nos soccorresse em todos os nossos infortunios. Santo Epiphanyo diz que Maria é a confiança de todos os christãos. Santo Irineu assevera que Deus quer que Maria seja a fonte de todos os bens. São Pedro Damião diz que nas mãos de Maria estão depositados todos os thesouros das misericordias de Nosso Senhor. São Lourenço Justiniano diz que Maria é o canal, por onde devem passar todas as graças de Jesus Christo. São Germano diz que Maria é o pharól, que nos esclarece nas trevas; o orvalho que extingue a nossa concupiscencia; o conselho que dissipa as nossas duvidas; o remedio que cura as nossas chagas; a consolação que mitiga as nossas dores; o thesouro que enriquece a nossa pobreza. Invocando Maria, o mesmo Santo exclama: O' bemaventurada Virgem, ninguem é salvo, senão por vós; ninguem livra-se dos males, sem ser por vós; a ninguem Deus faz misericordia, se não por vós. São Bernardo pede a todos que não apartem de seus labios, nem de seu coração, o nome de Maria; e dirigindo-se á virgem Santissima exclama: Eu consinto, ó bemaventurada virgem, que jamais falle-se de vós, se houver uma só pessoa que, devidamente recorrendo a vós, não tenha achado allivio ás suas tribulações e remedio para todos os seus infortunios. São Boaventura assevera que todos os que dignamente honrarem a Maria, serão justificados: e os que a desprezarem, morrerão nos seus peccados. O veneravel Beda recommendava a devoção á Maria, dizendo: Sirvamos sempre áquella rainha Maria, que nunca desampara os que nella esperam. Santo Agostinho, fallando á Maria, dizia-lhe: Vós sois a unica esperança dos peccadores, ó Maria: é em Vós que funda-se a expectativa das nossas recompensas. O grande e sabio Santo Thomaz dizia que em todo perigo podemos da virgem gloriosa obter a salvação: e no momento de sua morte asseverou que jamais pediu cousa alguma a Deus, por intercessão de Maria, que não tivesse alcançado.

Pelo que dizem todos esses grandes, sabios, santos Padres da Igreja, devemos nos convencer que Maria pode tudo perante o throno de Jesus, seu divino Filho; e que ella muito se compraz em ouvir as nossas supplicas, e em

attender a todos os nossos justos pedidos, vivamente se interessando pela nossa verdadeira ventura. E' portanto nosso dever de em todas as nossas necessidades, em todas as nossas dores e angustias, em todas as nossas desgraças e em todos os nossos infortunios, recorrer á sua valiosa protecção, reclamar o seu poderoso soccorro.

Mas é necessario que a nossa devoção á Maria seja justa, racional, sensata. Se lhe temos verdadeiro amor, devemos tudo fazer para nunca offendermos a Jesus, seu querido Filho; mas pelo contrario devemos nos esforçar para sempre agradar a Jesus, porque, agradando a um filho, ganhamos o coração de sua querida mãe.

Não nos esqueçamos tambem que, para a nossa devoção ser sincera, é preciso que procuremos imitar as suas eminentes virtudes, pois quem verdadeiramente ama, imita a conducta da pessoa amada. Imitemos a sua pureza; virtude, que nos distinguindo dos brutos, torna-nos semelhantes aos anjos, e até ao proprio Deus. Imitemos a sua humildade; virtude que tanto agrada a Deus. Os santos Padres consideram o orgulho como a origem de todos os peccados; e a humildade como o principio de todas as virtudes. A Escriptura Santa nos ensina que Deus resiste aos soberbos, e concede as suas graças aos humildes; abate os soberbos, e exalta os humildes. O raio fere de preferencia os pontos mais altos e elevados; e o orvalho cai sobre as planicies e sobre os valles. Assim o raio da justiça divina fulmina os orgulhosos; ao passo que o orvalho celeste das graças divinas desce sobre o coração dos humildes. Se o orgulho é uma loucura, a humildade é uma sabedoria; pois tudo quanto temos, bem como tudo quanto somos, pertence exclusivamente a Deus. O homem é apenas o depositario dos favores divinos. O bem que fazemos, não é, nem verdadeiramente bem, nem verdadeiramente nosso. Não é verdadeiramente bem, porque sempre contem algum defeito; nem é verdadeiramente nosso, porque não poderia ser feito sem o auxilio da graça divina. Quanto mais dotado de boas qualidades e excellentes predicados, mais razão e dever tem o homem de humilhar-se diante de Deus e lhe agradecer os seus favores e beneficios. As arvores quanto mais carregadas de fructos, mais inclinam-se para a terra, expressando assim o seu reconhecimento para com o seu bemeifeitor.

Maria melhor de que nenhuma outra creatura humana soube comprehender o sagrado dever da humildade, pois, sendo a mais privilegiada, foi tambem a mais humilde. Seja portanto ella o nosso modelo. Imitemos tambem a sua immensa paciencia, a sua santa conformidade com a vontade

de Deus. Soffrer com paciencia e por amor de Deus, tem mais merecimento que fazer penitencia; porque a penitencia é procurada por nós, e os trabalhos e soffrimentos nos são enviados por Deus. Quem soffre com paciencia, estando na amizade de Deus, expia as penas devidas aos seus peccados, e prepara um thesouro para o céu. Sejamos assim verdadeiros devotos de Maria; e poderemos contar com todos os auxilios necessarios para um dia reinarmos com ella no céu.

Sexagesima segunda Instrucção.

A oração. — Parte primeira.

A oração é a elevação de nosso espirito a Deus para louval-o, supplicar-o, ou lhe agradecer. Temos, pois, oração de louvor, de supplica, de agradecimento. E' certo que Deus conhece perfeitamente todas as nossas precisões e necessidades; porém elle quér que lhe peçamos o que precisamos ou desejamos, para que lhe confessemos o nosso nada, e reconheçamos a sua soberana grandeza e immensa riqueza. Precisamos dos auxilios de Deus, porque, alem de pobres e fracos, temos tantos e tão fortes inimigos para combater e vencer. De um lado temos as trevas da intelligencia, uma forte propensão para o mal, e uma grande depravação do coração, que tanto deseja o que é prohibido e reprovado: de outro temos diante de nós, para nos combater, tres ferros e encarniçados inimigos: o mundo, o demonio e a carne. São Paulo dizia que sem os auxilios divinos não se podia ter, nem um bom pensamento. E Jesus a esse respeito é ainda muito mais expressivo e terminante. Sem mim, isto é, sem os meus favores, diz elle, nada absolutamente podereis fazer.

Mas a oração consegue com certeza os favores de Deus? Não resta a minina duvida. Ella de sua propria natureza tem uma grande força para tocar e commover os corações, mesmo os mais endurecidos. Se o nosso coração, que é, mais ou menos, dominado por interesses, paixões, caprichos, não pode resistir ás humildes supplicas de um verdadeiro necessitado, que insistente implora o nosso socorro ou protecção, quanto mais o coração tão bondoso, puro e santo de Jesus? Alem da bondade e ternura, temos a sua promessa terminante, pois elle nos diz em seu Evangelho: Pedi e recebereis; procurai, e achareis; batei, e abri-

se-vos-á. Tão bom e caridoso, como é, ha de dar-nos o necessario; e, segundo os Padres da Igreja, é pela oração que nós poderemos operar a nossa salvação. Santo Agostinho diz que a oração é a chave que abre a porta do céu. São João Chrysostomo assevera que sem a oração é impossível viver como bom christão. São Boaventura assegura que a negligencia da oração é o abandono da alma. Tudo isto nos prova que é pela oração que Deus nos concede os recursos, que nos são necessarios para a nossa santificação.

Mas dirão que muitas vezes pedem, sem ser attendidos por Deus. E' verdade que muitas vezes Deus não attende promptamente ás nossas supplicas; porem ou é porque quer experimentar a nossa constancia, ou porque quer que os seus dons sejam por nós mais apreciados. Elle ás vezes não faz o que lhe pedimos, quando fazemos o pedido distraídos e sem a devida attenção e respeito. Assim os que conversam na igreja, não são attendidos, e até desagradam a Deus. Elle não nos attende quando sabe que o que lhe pedimos, embora seja bom, tem de pelo nosso abuso nos ser pernicioso. Assim elle recusa a fortuna, a saude e até a continuação da vida, quando prevê que nos serviremos desses seus beneficios para nosso damno ou mesmo para o offendermos. Muitas vezes elle nega-nos o que lhe pedimos, mas para nos dar um bem melhor, mais necessario.

São João Esmoler conta que um rico mandou uma boa esmola a um hospital, pedindo a Deus para seu filho ter uma longa vida. O moço logo depois morrendo, o pai ficou muito contrariado, e queixava-se de Deus; e então Deus lhe mandou dizer por um anjo que tinha feito muito mais do que lhe tinha sido pedido, pois, em lugar d'uma longa vida, tinha dado a seu filho uma vida eterna. Queria Deus com isto dizer que tinha feito o moço morrer em sua amizade, e ir gosar eternamente no céu.

Quanto são injustos os que por occasião da morte de um parente ou amigo blasphemam contra Deus, por não ter attendido ás suas supplicas, pelas quaes lhe pediram o restabelecimento dessas pessoas que lhes eram caras! Deus nunca nos attende quando o que lhe pedimos é contrario ao bem commum ou quando vai de encontro aos seus sabios e santos designios. Assim elle não attende ao que pede para cessar a chuva, quando esta convem a todos; ou para fazer sól, quando este pode prejudicar á maioria, porque elle é o provisor, não particular, mas geral; e o interesse particular deve ceder ao commum. Assim tambem em regra Deus não pode attender ao pedido para não ter filhos, pois esse é o fim do matrimonio e que é indispensavel ao bem da sociedade.

Como querer impedir o que é um tão grande bem ? Os que á sua realização p̄dem um embaraço qualquér, directo ou indirecto, próximo ou remoto, commettem um grande crime, que é por Deus severamente punido. Depois, é um grande engano pensar que ter muitos filhos, é um mal; pois os pais podem ter muitos desgostos com um só, e podem ter muitos prazeres tendo muitos. O que a Deus devem pedir é que os filhos sejam bons, e tambem para ter os meios necessarios para bem educal-os. Devem tambem os pais lembrar-se que pode acontecer, como já tem acontecido, de o ultimo filho ser o que tem de fazer a felicidade de toda familia. Conhecemos um facto, que prova perfeitamente a nossa asseveração.

Um homem, formado e rico, ia tendo muitas filhas, e, tanto elle como sua mulher, muito incommodavam-se com isso; e até lamentavam a sua sorte. A mulher pediu a Deus para não ter mais filhos. Logo depois de seu pedido, sentindo-se grávida, ficou muito contrariada; e quando teve o seu bom successo, e verificou que tinha dado á luz uma menina, ficou ainda muitissimo mais contrariada, e até queixava-se de Deus não ter feito o seu pedido. O marido ficou pobre, e logo depois morreu, deixando a sua numerosa familia sem recursos. A ultima filha, sendo muito formosa e ajuizada, achou para seu esposo um homem honrado, bondoso e rico. Logo depois do casamento, este homem trouxe para a sua companhia a sua sogra, todas as suas cunhadas, e tratou de todas como se fossem suas filhas, amparando-as, e fazendo-as casar. De modo que a ultima filha, a que serviu de motivos para tantas queixas contra Deus, foi uma protecção, uma verdadeira providencia em favor da injusta queixosa e de toda a sua pobre familia.

Devemos sempre ter muita confiança em Deus, lembrando-nos sempre de que elle é poderoso, é sabio, é bom, é nosso pai; e porisso só faz aquillo que mais nos convem. Platão, que era um pagão, fazia assim as suas supplicas a Deus: Dai-me o que me convem, sem mesmo que eu vol-o peça; negai-me o que não me convem, embora eu vol-o peça. Eis um exemplo que devemos imitar. Devemos pedir o que Deus sabe que nos convem; e seja qual for o resultado de nosso pedido, devemos inteiramente nos conformar com a santa vontade de Deus, que em tudo, unicamente procura o nosso verdadeiro bem. Devemos acreditar que todos os males, mesmo os que procedem da malicia dos homens, são permittidos por Deus para nosso bem; e por isso devemos recebê-los com toda resignação e até com certo contentamento, louvando por isso a Nosso Senhor. A mais sublime santidade, diz o sabio Padre Quadrupani, consiste

nessa intima persuasão e perfeita resignação, pois deste modo nos unimos intimamente com Deus, que é o summo Bem, não tendo com elle, senão uma só e mesma vontade.

Os que soffrem com paciencia, soffrem menos, e soffrem com muito merecimento perante Deus; pelo contrario os que se impacientam com os soffrimentos, soffrem mais e sem nenhum merecimento, e até offendendo a Deus. Os que não sabem conformar-se com a santa vontade de Deus, expõem-se a commetter desatinos desastrosos, e ás vezes chegam até o horrendo crime do suicidio, que é a deshonra da familia do suicida e a sua propria perdição. O suicidio é um delicto condemnado, mesmo entre os judeus. Flavio José diz que o suicidio é um crime contra a natureza animada, uma impiedade contra Deus, uma enorme lesão do direito divino, e um indico de character pusillanime e baixo; e assevera que o mais tenebroso dos infernos receberá as almas dos que tem a temeridade de attentar contra a sua propria vida.

Parte segunda.

A oração, feita com pureza de intenção, prodúz fructos preciosissimos. Ella nos une a Deus; nos inspira bons sentimentos; nos anima e fortifica em nossos desanimos; nos consola em nossas tribulações; nos consegue todas as graças, que nos são necessarias para a pratica de todas as virtudes e exacto cumprimento dos nossos deveres; emfim é pela oração bem feita, que poderemos conseguir o dom preciosissimo da perseverança até o ultimo momento da vida.

A oração é uma pratica tão importante que em si encerra o exercicio de todas as virtudes. E' um acto de fé, porque, orando e pedindo a Deus as suas graças, acreditamos que elle está em toda parte; podê nos favorecer; e deseja nos amparar e proteger. Se fazemos a oração em publico, ella então constitue uma exterior profissão de fé. Santo Agostinho diz que quando a oração desfallece, é prova que a fé vai tambem definhando. Os factos demonstram que os que abandonam a pratica da oração, vão pouco a pouco perdendo a vivacidade de sua fé. E' um acto de esperanza, porque senão confiássemos em sua bondade, não lhe pediríamos os seus favores. E' um acto de caridade, porque por seu intermedio estreitamos a nossa união com Deus, e com elle procuramos conviver. Se somos peccadores, por ella procuramos nos reconciliar com Deus; se somos justos, com elle procuramos estreitar as nossas affectuosas relações. E'

certo que a amizade conserva-se e augmenta-se pelos concheiros e entretenimentos; e é isto justamente o que fazemos pela pratica da oração. E' um acto de caridade para com o proximo, porque particularmente oramos pelos nossos semelhantes; e pela communhão de bens, que ha na Igreja, todos os christãos são participantes dos meritos de nossas orações. E' um acto de humildade, porque por ella reconhecemos a grandeza de Deus, e o nosso nada; e pedindo os seus socorros, nos confessamos pobres, que mendigam a esmola. E' um acto de penitencia, porque por ella nos contrariamos tomando uma posição incommoda; e porque para estarmos attentos, temos de mortificar os nossos olhos, os nossos ouvidos e todo o nosso corpo. E' enfim um acto de religião, porque por ella reconhecemos a soberania de Deus; prestamos-lhe as devidas homenagens; agradecemos os favores recebidos. Quando é que o pobre mais honra ao rico, senão quando invoca a sua protecção?

Alem de conter todas as virtudes, a oração é por si mesma grande e excellente. São Bernardo diz que o nosso anjo da guarda assiste ás nossas orações; recebe as nossas supplicas; e vai apresental-as a Deus. São João Chrysostomo diz que certas orações são incensos, aromas, que os anjos acolhem, e espalham diante do throno de Deus, para assim lhe render honra e gloria. Santo Agostinho diz que não ha nada de mais bello e precioso na religião, que a oração. São Gregorio diz que tudo que ha de grande no mundo, é nada diante da oração.

Para comprehendermos toda a sua excellencia e preciosidade, basta lembrarmo-nos que por ella nós fallamos, nos entretemos com Deus na maior e mais affectuosa intimidade. Se é honroso privar com um grande da terra, qual não é a honra dos que privam com o monarcha soberano do céo e da terra? Se é glorioso ser familiar de um potentado do mundo, que gloria ter intima, amistosa familiaridade com o excelso e supremo senhor de todas as creaturas? E ha quem se envergonhe de dirigir a Deus suas orações? Ha mesmo quem seja capaz de zombar dos que conversam com Deus na oração? Ha alguns, mas são justamente os que não se pejam de adular os grandes, de mendigar, até com aviltamento, os favores dos ricos; grandes e ricos, muitas vezes, carregados de crimes e de vicios. Ajoelham-se por bajulação e interesse aos pés de um criminoso, de um vicioso; e julgam ser baixeza ajoelhar-se diante do Deus de suprema magestade, de soberana grandeza e infinita Santidade!

Comparemos os que zombam da oração com os que deram-nos edificantes exemplos dessa pratica divina, tão

instantemente recommendada pelo proprio Deus. Jesus, que sendo Filho de Deus, de nada absolutamente necessita, só para nos dar exemplo, passava noites inteiras prostrado de joelhos em profunda oração. Os apóstolos e todos os grandes Santos amavam extremamente os santos exercicios da oração. Soares, esse grande sabio, dizia que preferia perder todos os seus conhecimentos theologicos, antes que perder um quarto de hora de oração. Até os sabios profanos reconhecem a necessidade, a excellencia, a preciosidade da oração. Montesquieu diz que a oração é um dever religioso. Lamennais perguntava aos que faziam oração: "Quando orais, não sentis o vosso coração mais alegre, e a vossa alma mais contente? Continuando, dizia elle, a oração torna a afflicção menos dolorosa e a alegria mais pura; mistura á afflicção um não sei que de fortificante e de doce, e á alegria um perfume celeste. Ella é luz para o espirito, repouso para o corpo e força para a vontade." Carlos de Santa Fé, referindo-se á oração, dizia que a fé é sua raiz; a esperanza é sua haste; e a caridade é sua flor. Damiron dizia que orar bem, é dispôr-se a bem viver. Numa Pompilio assegura que a antiguidade sempre acreditou que se devia invocar a Deus, dirigindo-lhe preces. Scipião Africano não emprehendia cousa alguma difficil, sem antes pedir a Deus conselho e soccorro, para poder assim ter bom exito.

Pelo que fica patente que os que envergonham-se de orar, envergonham-se de ser amigos, de ser intimos de Deus; são portanto ingratos e perversos; e se o não são, não resta a minima duvida que são verdadeiros insensatos, que encontram vexame no que devia constituir o seu brilhante padrão de honra e de gloria. Os que tem fé e razão devem honrar-se, gloriar-se de poder ser admittidos a confabular com o seu proprio Deus. Sejamos desse numero; e sejamos portanto homens de oração. Somos filhos de Deus; tenhamos honra e gloria em conversar com elle, em lhe expor as nossas necessidades, e pedir-lhe o seu amparo e protecção. Deus é nosso Pai, recorramos com toda confiança á sua bondade e ternura, certo de que elle ha de compadecer-se das nossas dores e infortunios. Em vêz de confiar nos homens, que ou não querem ou não podem attender a todos os nossos pedidos, e nos soccorrer em todas as nossas precisões; confiemos em Deus, que sendo verdadeiro amigo e verdadeiro pai, tudo conhece, tudo pode; é portanto o unico que deve merecer toda a nossa confiança.

Sexagesima terceira Instrucção.

Confronto da vida dos mundanos com a vida das pessoas piedosas.

Os mundanos envergonham-se, e até mesmo zombam do proceder das pessoas piedosas; e estas por seu turno também envergonham-se, e zombam do proceder dos mundanos. Os mundanos condemnam a conducta das pessoas piedosas; e estas por seu turno também condemnam a conducta dos mundanos. Apparentemente entre um proceder e outro, entre uma conducta e outra, ha uma grande disparidade, e até mesmo contrariedade e contradição; mas na realidade ha, não só semelhança, porém até mesmo perfeita igualdade. O que os mundanos fazem para o corpo, as pessoas piedosas fazem para a alma; o que aquelles fazem para esta vida, estas fazem para a vida futura; o que aquelles fazem para o mundo, estas fazem para Deus; o que aquelles fazem para a sua perdição, estas fazem para a sua salvação. Para se verificar quem é que é sensato, prudente e cauteloso, e quem é insensato, imprudente e temerario; façamos um fiel e perfeito confronto da conducta dos mundanos com a conducta das pessoas piedosas.

Elles fazem suas orações aos homens; imploram favores, protecção aos homens, que ou não querem ou não podem satisfazer aos seus pedidos. Nós oramos, supplicamos a Deus, que pode tudo, que é riquissimo, que é infinitamente bom e excessivamente deseja nos fazer felizes. Elles agradam, elogiam, adulam os ministros, os politicos, os ricos, que na maior parte dos casos, são homens sem character, sem dignidade; e até quasi sempre são homens carregados de vícios, que não merecem os seus louvores, que em nada se interessam pela sua sorte. Nós louvamos, exaltamos os sacerdotes, que são ministros de Nosso Senhor; os homens piedosos, que grandes merecimentos tem diante de Deus; louvamos, exaltamos os santos, que são amigos de Deus, Maria Santissima, mãe de Jesus Christo. Os nossos louvores são tributados aos que merecem, e podem e querem interceder por nós perante Aquelle, que nos ha de julgar.

Elles formam as suas associações para ganhar dinheiro e para divertimentos profanos, que não tem importancia, e em nada lhes aproveitam. Nós temos as nossas associações de devoção e de piedade, que tem por fim agradar a Deus.

conseguir as suas graças, que são verdadeiras riquezas. Os actos celebrados nessas sociedades, além de nos fornecer meios poderosos para a pratica de todas as virtudes, nos offerecem alegrias tão puras, consolações tão ternas. Elles vão aos bailes, aos espectaculos e a todos os divertimentos profanos, onde com o tempo perdem a saude, a moralidade de costumes; e donde não tiram o minimo proveito, nem mesmo em relação á esta vida. Nós vamos ás solemnidades religiosas, onde cantamos os louvores de Deus; encontramos conforto, animação para o bem e concebemos pensamentos nobres, elevados, santos.

Elles confiam os seus segredos aos seus companheiros de orgias, ás proprias messalinas, pessoas viciosas, que não lhes podem dar um conselho recto, e que vão relatar o que ouviram a outros para mais infamar a sua reputação. Nós confiamos os nossos segredos aos representantes de Deus, homens instruidos na religião, virtuosos, interessados pela nossa verdadeira felicidade; que se compadecem das nossas fraquezas; guardam absoluta reserva sobre a nossa confidencia; dam-nos sabios e santos conselhos; e, acima de tudo, purificam a nossa alma de todas as suas maculas. Elles amam os banquetes, onde comem e bebem com excesso, e ao ponto de embotar o espirito, perturbar a razão, danificar á propria saude e abreviar a sua existencia. Desses banquetes não lhes vem nenhum bem; pelo contrario delles lhes resultam tantos males. Nós amamos o banquete divino, em que alimentamos a nossa alma com a carne e com o sangue do Cordeiro immaculado. Além dos immensos, preciosos e divinos beneficios, que ahí recebemos, saboreamos alegrias puras, espirituaes e santas delicias.

Elles tanto trabalham, humilham-se, tragam amarguras, passam por tantas e tão duras decepções, soffrem tantas contrariedades; e sem ter nenhum resultado, e até para a sua propria perdição. Por todos os seus soffrimentos, em vez de premios, devem esperar rigorosos castigos. Nós accitamos com verdadeiro prazer as contrariedades, os soffrimentos, que encontramos no fiel desempenho dos nossos deveres, porque temos certeza de que por tudo quanto soffremos, havemos de receber um dia generosas recompensas. Elles acariciam os seus vicios, as suas paixões, que são os seus maiores inimigos, que lhes roubam a paz, a honra, a reputação e a saude. São loucos, que alimentam viboras, que preparam-se para corroer as suas entranhas. Combatem as virtudes, verdadeiras e sinceras afeiçoadas, que só desejam dar a paz, o socego, o bom nome, a robustez, a vida, a felicidade. Nós declaramos guerra de exterminio aos vicios e ás paixões, considerando-os como os nossos perversos e encarniçados

inimigos; e procuramos alimentar, engrandecer, afagar as virtudes, porque sabemos, que, além de verdadeiro e santo contentamento, ellas depois de nos fazer relativamente venturosos durante esta vida, podem-nos fazer verdadeira e perfeitamente felizes no céo. Elles cuidam com tanto afan, com ardente zelo dos transitorios interesses do corpo, que depois de bem pouco tempo, será fatalmente lançado no tumulto, para apodrecer, e reduzir-se a cinza e pó. Nós tratamos cuidadosamente dos interesses sagrados da alma, creada á imagem e semelhança de Deus, e destinada á uma feliz eternidade.

Elles com tão penosos sacrificios procuram as riquezas terrenas, que, segundo São Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com perturbação, perdem-se com muito pezar. De todas as suas riquezas no momento da morte terão apenas os pungentes remorsos dos crimes, que commetteram na sua posse e no seu goso; e o terror dos castigos, que por esses delictos irão soffrer. Nós nos contentamos com o necessario dos bens terrenos, para a nossa honesta subsistencia; e de preferencia nos esforçamos para conseguir as graças divinas, que são meios seguros para conquistar as riquezas do céo, que não são consumidas nem pela traça, nem pela ferrugem, mas que permanecem eternamente. Elles fazem todo empenho em prolongar e tornar esta vida suave e agradável, sem nunca poder isso conseguir: porque o vicio, sendo a desordem, ha de necessariamente trazer desassocego para o espirito e damno para a saude. Nós procuramos conservar a vida com o unico fim de continuar a amar, servir e glorificar a Deus; porém todos os nossos desejos, todas as nossas aspirações são para a posse da verdadeira ventura na outra vida, que é eterna. Nós consideramos como viandantes, que só preoccupam-se de seguir o caminho recto, que conduz á querida e ditosa patria.

Elles que só procuram gloria, vivem humilhados; que só procuram riquezas, vivem necessitados; que só procuram prazeres, vivem atormentados. Nós que desejamos, por amor de Jesus, ser humilhados, pobres, mortificados; somos exaltados, ricos e felizes, quanto se pode ser nesta vida transitoria, que não passa duma jornada para a vida verdadeiramente feliz e eterna. São João Chrysostomo dizia: Desprezai as riquezas, e sereis ricos; desprezai a gloria, e sereis gloriosos. E' pobre, diz o grande Santo Agostinho, todo aquelle que deseja tornar-se rico; e quem procura as falsas riquezas, não consegue as verdadeiras. Servir a Deus, diz o grande São Leão, é reinar. E' um tremendo engano acreditar que neste mundo possa haver felicidade, mesmo imper-

feita, sem a pratica da verdadeira virtude. Crantor, philosopho platonico, fez a seguinte ficção, que demonstra essa verdade. As divindades, que presidem ás riquezas, aos prazeres, á saude e á virtude, apresentaram-se aos gregos nos jogos olympicos, pedindo-lhes a sua classificação. Veio em primeiro lugar a riqueza, que apresentou toda a sua magnificencia. Veio em segundo lugar o prazer e ponderou, que o unico merito da riqueza, era dar o prazer. Veio em terceiro lugar a saude, e lembrou que sem ella todos os prazeres tornam-se amarguras. Veio em quarto lugar a virtude e demonstrou que sem ella as riquezas, os prazeres e a saude duram muito pouco tempo. Então os gregos, servindo de juizes nessa contenda, deram o primeiro lugar á virtude, o segundo á saude, o terceiro ao prazer, o quarto á riqueza. E' esse juizo dum philosopho profano; mas Jesus Christo, que é a sabedoria divina, nos ensina que o unico e verdadeiro bem, que devemos procurar neste mundo, é a virtude; e que tudo o mais é mera vaidade e illusão. Pelo que fica exposto já se pode perfeitamente concluir onde está a prudencia o bom senso, a verdade, o bem; e quem é que escolhe o caminho mais acertado, o partido mais seguro; e quem é que merece zombarias, e quem é que merece elogios?

E agora o que pensar-se relativamente á outra vida? Os pobres e infelizes mundanos, depois de levar uma vida ingloria, cheia de decepções, de vexames, de preoccupações, de amarguras, tristezas e soffrimentos, entrarão numa eternidade de horrorosos tormentos. Pelo contrario as pessoas piedosas, depois de passar uma vida calma, cheia de verdadeiras alegrias, de santas consolações e divinos prazeres, entrarão na posse plena duma perfeita e eterna felicidade. Os mundanos depois de serem infelizes nesta vida, onde inutil e insensatamente procuraram a felicidade, irão ser eternamente infelizes; e as pessoas piedosas, que aqui procuraram, para agradar a Deus, os soffrimentos, depois de serem tão felizes, quanto se pode ser neste desterro, irão ainda ser verdadeira e perfeitamente felizes na patria celeste, em companhia de seu querido Jesus, a quem durante toda a sua vida consagraram todos os affectos de seu coração.

Sexagesima quarta Instrução.

Conselhos a todos os seculares. — Parte primeira.

O homem da casa é diante de Deus responsável pelo procedimento de todos os que estão debaixo de seu governo, se não fizer tudo quanto depende de si para que sejam todos bons. Elle em caso algum pode prohibir que sua mulher, suas filhas cumpram os seus deveres religiosos, principalmente o dever da confissão e da communhão. Elle governa a mulher e os filhos pelo poder, que recebeu de Deus. Não pode portanto usar desse poder para fazer com que offendam a Deus; e, se tiver a temeridade de commetter esse abuso satânico, será muito severamente castigado, e talvez mesmo nesta vida. Além de não embaraçar, elle deve mandar que todos os que estão sob o seu governo cumpram exactamente com a santa lei de Deus; e, para que possa mandar com efficacia e proveito, elle deve dar a todos de sua familia o exemplo da observancia de todos os deveres religiosos, e principalmente o exemplo da digna recepção dos sacramentos da confissão e da communhão. Deve trabalhar e ser economico para ter o necessario para honesta subsistencia de toda a sua familia. Deve cumprir com todos os deveres proprios do seu estado. Deve tratar a sua mulher com muito amor e ternura, lembrando-se sempre que a mulher não é uma escrava, nem mesino uma criada; mas é a sua consorte, companheira dos seus trabalhos, dos seus desgostos, bem como das suas alegrias e contentamentos. Deve zelar muito pelo bem-estar de seus filhos, dando-lhes meios de subsistencia, protegendo-os, mesmo depois que elles já estiverem sobre si, e tiverem economia propria. Um pai é sempre pai. Não deve induzir seus filhos a serem padres, nem suas filhas a serem freiras; mas desde que sintam-se chamados por Deus para esse estado mais perfeito, não pode, nem deve pôr o minimo embaraço; e se o puzér, commetterá um enorme crime, e será por isso rigorosamente castigado. Deve ter muito criterio e prudencia relativamente ao casamento dos filhos, e ainda muito mais relativamente ao casamento das filhas. Não deve induzir sua filha para que case-se com aquelle homem a quem ella não tem affeição, porque um casamento em tal condição, não pode dar bom resultado. Tambem não deve embaraçar que sua filha case-se com aquelle a quem tem affeição, e que tem as devidas qualidades para ser um bom marido. Ha infelizmente pais que

forçam sua filha a casar-se com um homem, só porque este é seu amigo ou seu protector; e ha outros que, porque tem antipathia a um homem, não querem que sua filha case-se com elle, não obstante ser elle verdadeiramente digno. Os pais devem lembrar-se que o marido não é para si, mas para sua filha; e nunca devem concorrer para que sua filha case-se com quem não poderá ser feliz; nem para que deixe de casar-se com quem poderá ser feliz. Em vez de interesse proprio ou de capricho, os pais devem, relativamente ao casamento de seus filhos, ter como unico objectivo a verdadeira felicidade desses entes, que por Deus lhes foram confiados; e se procederem de outra sorte, a Deus darão rigorosas contas.

A mulher da casa, depois de seu marido, é a responsavel perante Deus pelo procedimento de todos os da familia, se não se empenhar seriamente para que todos sejam bons. Ella deve amar sincera e devotadamente a seu marido. Deve fazer tudo quanto depende de si para que elle seja bom, e cumpra com os deveres religiosos. Deve, para conseguir esse fim tão santo, rogar constantemente a Deus, e deve ainda pedir a seu marido para que procure viver na amizade de Deus; mas deve isso fazer com respeito, agrados; e nunca com reprehensão, injurias, para não desagradal-o, e para a sua santa tentativa não produzir effeito contrario. Deve em tudo obedecer a seu marido, salvo unicamente quando elle mandar que offenda a Deus, ou prohibir de obedecer a Deus; mas, mesmo nesse caso, deve proceder com toda prudencia, para não perturbar a paz. Se não puder conseguir com agrados, carinhos, o supplique com toda humildade; recorra á intervenção de um amigo. Com o emprego desses meios e com a graça divina vencerá todas as resistencias, e conseguirá agradar a Deus, sem romper a harmonia que deve reinar entre os casados. Deve ser tolerante, e soffrer pacientemente as pequenas faltas e imperfeições. As exigencias, as queixas, quasi sempre e sobre este respeito, irritam e produzem effeitos contrarios. Não deve nutrir suspeitas infundadas, mas pelo contrario formar bom conceito de seu marido. Nunca e em caso algum deve consentir que se lhe venha dizer mal de seu marido, mesmo que tenha certeza de ser verdadeira a imputação; e quando algum tiver o atrevimento de vir trazer-lhe novidades sobre a conducta de seu marido, deve mostrar-lhe a porta da rua, e nunca mais consentir a sua entrada na casa. Deve auxiliar o seu marido no trabalho; ser economica para facilitar os meios de honesta subsistencia para toda a familia. Deve fazer tudo quanto depender de si para que na familia ninguém offenda a Deus; mas pelo contrario todos cumpram com

os seus deveres religiosos. Deve velar sobre todos os filhos, e particularmente sobre as filhas, e especialmente depois que ellas chegam á certa idade. Não lhes deve dar certa liberdade exagerada e muito perigosa, a qual ás vezes faz perder a honra, e quasi sempre sacrifica a boa reputação particular e publica, de que toda donzella deve gosar. Deve vigiar para que ellas portem-se com todo recato nas reuniões profanas, e com todo respeito e reverencia nas solemnidades e actos religiosos. Não deve consentir que ellas usem de vestidos indecentes, que as tornem irrisorias, que offendam ao seu pudor, e causem desagrado a Deus. Deve conjunctamente com seu marido tomar toda cautella para que seus filhos e principalmente suas filhas não sejam pervertidos pelos máus professores, pelos máus livros e jornaes, pelos divertimentos criminosos, e pelas companhias perversoras e escandalosas. Deve concorrer tambem para evitar casamentos desastrosos, e procurar os que mais convenham á consciencia e tambem ao verdadeiro bem-estar nesta vida. Deve fazer questão do casamento religioso e jamais consentir que seus filhos façam unicamente o contracto civil, porque diversamente será participante de todos os crimes e escandalos, produzidos por essa união criminosa. O preceito de amar os filhos é imposto por Deus e pela propria natureza. Os proprios animaes irracionaes amam extremadamente seus filhos e até por elles estão promptos a sacrificar-se. Deve tomar todo cuidado com o corpo, mas ainda muito mais com a alma que é immensamente mais nobre e excellente; deve zelar dos filhos relativamente á esta vida; mas muito mais ainda relativamente á vida futura, que é eterna. Empreguem as mãis toda cautella para que o coração de seus filhos não seja pervertido pelas maximas, costumes e escandalos do mundo.

Leonidas, pai de Origines, quando este em menino dormia, descobria o seu peito, e o beijava como um templo, em que repousava o Espirito Santo. Todos os pais guardem esta sabia e sancta advertencia do grande Santo Agostinho: Não deve-se aconselhar os pais que amem seus filhos; porque isso ensina a propria natureza, e até aos brutos; mas que os amem racionalmente, amando menos o corpo, que a alma, apartando-os do mal, e conduzindo-os ao bem. Que todos os pais guardem na lembrança e repitam sempre aos seus filhos o que Blanca de Castella, a piedosa rainha de França, repetia constantemente a seu filho Luiz que sobre o throno tornou-se um grande santo. Meu filho, lhe dizia ella, bem sabeis quanto vos amo; entretanto eu menos me affligiria de *vos ver morto, que manchado de um peccado mortal.*

Um costume muito louvavel e proveitoso, e que hoje acha-se completamente esquecido, é o dos antigos que antes de morrer chamavam junto ao seu leito todos os seus filhos, para, com sua ultima benção, dar-lhes os seus ultimos avisos, pedidos e conselhos ; que, dados em momento tão commovente, ficam eternamente gravados na lembrança, e conservam sempre toda a sua força. Que todos os pais, antes de ir comparecer diante de Deus, imitem o proceder de São Luiz, rei de França. Esse piedoso rei, quando sentiu que se approximava a hora extrema, chamou o seu filho Felipe, e deu-lhe os seguintes conselhos :

Meu filho, a primeira cousa, que vos recommendo, é de amar a Deus de todo o vosso coração, e desejar soffrer toda sorte de tormentos, antes que o offender mortalmente. Ide muitas vezes á confissão ; assisti devotamente aos officios divinos, e ouvi voluntariamente a santa pregação. Amai todo bem, aborrecei todo mal, esteja o bem ou o mal em quem estiver. Sêde compassivo para com os pobres. Protegei, amai, honrai todos os representantes da Igreja. Eu vos supplico de não vos esquecer de minha alma, e de procurar todos os soccorros de missas, orações, esmolas. Eu vos dou todas as benções, que um bom pai pode dar a seu querido filho. Que a santissima Trindade e todos os santos vos guardem e vos defendam de todo mal ; e que Deus vos faça a graça de cumprir sempre a sua santa vontade, afim de que elle seja honrado por vós, e que possamos, depois desta vida mortal, estar conjunctamente com elle, e o louvar eternamente.» Que os filhos tenham a felicidade de ter pais piedosos, porque a piedade ha de ser sempre hereditaria nas familias.

Parte segunda.

Os filhos não devem esquecer um só momento que seus pais, alem de ser os legitimos representantes de Deus, são os seus mais sinceros amigos e os seus mais generosos e dedicados protectores. Devem, pois, extremamente amar, respeitar, honrar, obedecer a seus pais, sempre, em todas as circumstancias, mesmo quando já estiverem sobre si ; porque, perante Deus, um pai nunca perde os sagrados direitos que tem sobre todos os seus filhos. Que todos os filhos, guardem na memoria as duas importantissimas sentenças, lavradas por Deus, relativas aos deveres dos filhos para

com os seus pais. Eis as palavras proferidas pelo proprio Deus na Escripura Santa : Amaldiçoado seja aquelle que não honrar seu pai e sua mãe. Honrai vosso pai e vossa mãe, e tereis uma longa vida. Os filhos devem honrar seus pais em todas as occasiões, em particular, em publico, mesmo que elles sejam os mais humildes, os mais pobres, os mais ignorantes, os mais viciosos de todos os homens : pois sejam o que forem, nunca deixam de ser seus pais. O filho que, por qualquer motivo, seja elle o qual for, se envergonhar de seus pais, alem de excessivamente criminoso, torna-se o mais indigno, vil, abjecto de todos os seres humanos. Os filhos devem obedecer a seus pais em tudo, salvo quando estes, abusando de seu poder, lhes ordenarem actos contrarios á lei de Deus ; porem, mesmo neste triste caso, devem proceder com toda prudencia e com todo respeito, como já ponderamos em relação á mulher casada, para com o seu marido. Quando os pais são pobres, e não podem por velhos ou por doentes trabalhar, os filhos devem lhes ministrar os meios de subsistencia. Devem fazer tudo quanto depender de si para que seus pais vivam na amizade de Deus ; pois se devem zelar do corpo, muito mais devem zelar da alma de seus pais. Devem sempre pedir a Deus para que faça com que elles voltem ao bom caminho, se d'elle se tiverem transviado. Devem mesmo fazer-lhes suas ponderações, lhes dirigir seus pedidos ; porem com muito respeito, e sempre procurando a occasião para isso mais opportuna. Esse dever é mais importante e imperioso por occasião de uma grave enfermidade. Então os filhos, até de *joelhos e com mãos postas*, devem com todas as instancias supplicar a seus pais que recebam pela confissão e communhão as graças de Nosso Senhor. Aquelles que negligenciarem, por qualquer motivo, o cumprimento desse sacrosanto dever, hão de dar rigorosissimas contas a Deus. O pedido de um filho para com sua mãe, o de uma filha para com seu pai, quando feito com humildade e reverencia, tem uma preponderancia extraordinaria, e quasi sempre esse pedido, abençoado por Deus, consegue o que tão santamente implora. Lemos em um livro o seguinte facto : Um menino na vespera de fazer a sua primeira communhão mostrou-se triste a seu pai ; e este perguntando-lhe qual o motivo de sua tristeza, elle respondera : Estou triste, porque os outros meninos vão communhar conjunctamente com seus pais ; e eu serei o unico que não posso ter esse santo prazer. Esse pai, que havia tantos annos que não commungava, tocado pelos santos desejos de seu filho, preparou-se, e no dia seguinte com seu filho approximou-se da Sagrada Mesa, e recebeu nosso Senhor. Conhecemos pes-

soalmente um facto, que prova quanto vale um pedido serio da uma filha, feito ao seu querido pai. Uma moça já tinha completado os seus estudos em um collegio; e só porque seu pai então achava-se sem recursos e inhabilitado para trabalhar, ella resolveu ficar como professora leccionando no mesmo collegio, para assim poder dar-lhe o necessario para a sua honesta subsistencia. Este pai extremamente penhorado perguntou á sua tão boa filha como havia de pagar tanta dedicação; e ella immediatamente lhe respondera: Ficaria muito satisfeita e contente, se meu querido papai todos os annos commungasse na quinta-feira santa. Elle lhe respondera: Minha filha, farei o vosso santo desejo. E esse homem, que em toda sua vida tinha sido um completo indifferente, desde então tornou-se um catholico pratico, e muito sincero e edificante.

Parte terceira.

Os moços devem ter uma occupação, porque o ocioso é sempre um vicioso. Devem ter character, dignidade, portando-se sempre com toda correcção em todas as circumstancias e reuniões. Devem se portar principalmente com todo respeito e acatamento nos actos religiosos, porque os que desacatam as ceremonias do culto divino, alem de serem considerados como grosseiros e mal educados, serão severamente castigados por Deus, mesmo nesta vida. Devem profundamente respeitar as donzellas, mesmo as mais humildes e pobres, porque todas são dignas de muito respeito. Zombar de uma senhora, seja ella quem for, é sempre indicio de máu character e de muita perversidade. Nunca devem testemunhar agrados á uma moça, sem ser com intenção de casamento. Os que mostram agrados e que não tencionam casar, ou zombam dessa moça, ou pretendem perdela. Em qualquér das duas hypotheses, são torpemente criminosos, e merecem ser severamente castigados. Devem escolher para sua esposa uma moça, que saiba trabalhar, e que não seja dessas que só cuidam em enfeitar-se; moça que tenha compostura, recato, porque as indiscretas, leviannas mesmo que como esposas saibam ser honestas, por suas indiscreções e leviandades podem trazer perturbações funestas na vida conjugal. Muitos factos já tem infelizmente demonstrado essa verdade. Para serem bons, devem ser religiosos; e para serem bons religiosos, devem a todo transe

evitar os máus companheiros, e procurar os bons. Está escripto nos livros santos: Com os bons, sereis bom; e com os perversos, haveis de vos perverter.

As moças devem ser muito criteriosas, recatadas, modestas, pundonorosas. Não basta ser, mas devem sempre parecer castas, puras, honestas. Ha muitas que de facto conservam a sua pudicicia, mas que por suas imprudencias perdem na opinião publica a sua reputação. Ellas devem pesar as suas palavras, as suas expressões, os seus gracejos; medir os seus olhares, os seus géstos. Devem ter toda cautela nas reuniões, nos divertimentos, e muito principalmente nas solemnidades religiosas; pois dellas depende haver ou não haver desacato ao lugar santo, por parte dos moços perversos e libertinos. Não devem acceitar manifestações de agrados, antes de saber se esses agrados tem por fim o casamento; porque infelizmente ha moços que delectam-se em zombar das moças. Quando por acaso verifiquem esse abuso por parte de algum moço, alem de desprezal-o, devem levar o facto ao conhecimento de seus pais, para que estes procurem corrigir esse perverso. Alem de ter intenção de casar-se, é indispensavel que seja apto para casar-se. E' preciso haver, mais ou menos, igualdade em idade e em côr. As grandes desigualdades trazem sempre muitos inconvenientes na vida dos casados. Pequenas desigualdades por parte do homem, são toleraveis; mas por parte da mulher, são nocivas. Assim o homem pode ser algum tanto mais velho ou mais moreno, que a mulher; mas a mulher nunca deverá ser nem mais velha, nem mais morena, que o homem. Quando um velho casa-se com uma mocinha, ou quando um muito moreno casa-se com uma perfeitamente branca; vem logo as suspeitas de falta de affectos por parte da esposa; vem as rixas, a prisão, a escravidão. E quando um mocinho casa-se com uma mulher de idade, ou um bem branco casa-se com uma bem morena, não tem amizade em sua mulher; envergonha-se da sua companhia; e quasi sempre termina pelo desprezo, e até pela separação. Alem de igualdade, é preciso que o moço tenha amor ao trabalho, porque com boniteza e pelintrice não ganha-se o necessario para a honesta subsistencia. Mesmo que o moço seja formado, ou seja rico, ainda é necessario ter amor ao trabalho, porque a ociosidade traz os vicios; estes tornam os formados malandros, vagabundos, e tornam os ricos pobres, infelizes, necessitados. Conhecemos uma moça pobre, mas muito prendada e distincta, que causou-se com um formado que possuia mais de dois mil contos; mas que, por não gostar do trabalho, entregou-se ao jogo e á bebedeira, e em menos de quatro annos consu-

miu toda a sua grande fortuna ; e desde então foi a mulher que pelo trabalho tem tratado de si, dos filhos e do seu proprio marido. Alem de trabalhador, é necessario que o moço tenha saude, porque o enfermo, em vez de tratar de uma familia, precisa ser tratado por alguém. De preferencia a todos os outros requisitos, é indispensavel que o moço seja religioso, porque quem não ama a Deus, não pode seriamente amar a mais ninguem. Um homem sem religião, é um extremo ingrato, que a ninguem poderá ter verdadeira e sincera dedicação. Moço herege deve casar-se com moça herege; incredulo com incredula; impio com impia; e a moça catholica só deve casar-se com moço catholico. Uma moça judiciosa e sinceramente catholica nunca deverá casar-se com um moço indifferente, anticatholico, tenha elle muito embora em supremo gráu todos os outros predicados; porque as perturbações e damnos, que hão de provir desse hybrido enlace, serão certissimos e muito desastrosos. Ou a mulher catholica ha de viver em desavenças, em lutas com seu marido por causa de religião; ou então, para poder com elle viver em paz, ha de necessariamente sacrificar os seus deveres, as suas crenças, os seus habitos religiosos. O dilemma é fornidavel: Ou ha de tornar-se inimiga de seu marido, ou de seu bom Deus. As moças catholicas, nunca em caso algum, devem acceitar pedido de casamento de quem recusa-se a fazer, seja pelo motivo que for, o casamento religioso, que para o catholico é o unico meio de santificar-se a união do homem com a mulher; e quando illudida na promessa do fazer immediatamente o casamento religioso depois do contracto, não acceite por nada o noivo por seu marido antes de cumprir o promettido, e celebrar o acto religioso.

Parte quarta.

As autoridades publicas devem a todos fazer justiça, tratar todos de accordo com os seus direitos e com os seus meritos, dando imparcialmente a cada um o que justamente lhe pertence. Como autoridades não podem ter amigos e inimigos, affeiçãoodos e desaffeiçãoodos, simpaticos e anti-pathicos; mas devem ter diante dos olhos unicamente a lei e o direito. Devem procurar não o bem particular, mas o bem publico, que deve ser o objectivo de toda a lei, para que ella possa ser justa. Não devem esquecer-se que não ha, nem pode haver bem nenhum verdadeiro, que vá de

encontro aos designios, ás determinações de Deus, que é o unico principio e a razão unica de todo o verdadeiro bem. Pelo que, é clarissimo que os magistrados nunca e em caso algum poderão julgar causa alguma offendendo a lei de Deus e as santas determinações da Egreja, que é a sua legitima rapresentante aqui no mundo; e os legisladores, como são os vereadores, os deputados e os senadores, nunca poderão concorrer com o seu voto para a decretação de uma lei ou de uma resolução contraria ao ensino, ás praticas, aos preceitos da nossa santa religião. Pelo mesmo motivo os juizes e escrivães de Paz não podem, não devem, se forem catholicos, celebrar contractos civis de pessoas casadas religiosamente com ótros, ou de pessoas que estão resolvidas a não fazer o casamento religioso. A Pastoral Collectiva declara que peccam gravemente as testemunhas e até os méros assistentes de taes contractos civis, *porque cooperam para um acto positivamente máu*. Se os simples assistentes cooperam para esse acto criminoso, ainda muitissimo mais poderosamente cooperam aquelles que celebram esse acto. Todas as vezes em que o acto que devem praticar fere os sagrados direitos de Deus e os santos interesses da Egreja, é rigorosissimo dever do catholico, revestido da autoridade civil, dar-se de suspeito, mesmo que por isso tenha de perder o seu cargo ou o seu emprego; porque antes perder tudo, do que perder a alma, do que perder o seu Deus. Devem lembrar-se que antes de ser autoridades publicas, foram filhos de Deus; e que podem muito bem deixar de ser autoridades publicas, mas não podem, nem devem, em caso algum, deixar de ser filhos de Deus.

Os subditos, os empregados, os operarios devem cumprir exactamente com os deveres de seu cargo, de sua profissão. Devem honrar, respeitar todos os seus legitimos superiores, considerando-os como representantes de Deus; pois não ha poder algum que não venha d'Aquelle que creou, conserva, dirige e governa tudo. Porem nunca deverão, para obedecer aos seus superiores, desobedecer a Deus; para agradecer aos superiores, desagradar a Deus, que é o soberano Senhor de todas as creaturas. Devem lembrar-se que toda determinação humana, que é claramente contraria, opposta ás determinações divinas, é uma determinação nulla e até criminosa.

Parte quinta.

As pessoas devotas devem cumprir com toda exactidão com todos os seus deveres religiosos, e ainda empenhar-se para que todos cumpram com esses deveres; pois devoto quer dizer dedicado, devotado. Devem ter todo cuidado para que em sua conducta nada absolutamente possa observar-se que offereça motivo ou mesmo pretexto para escandalo. Devem portar-se na igreja, mesmo fora dos actos religiosos, com o mais profundo respeito. Devem tambem advertir prudentemente os que por qualquér modo faltam com a devida reverencia ao lugar santo, á casa de Deus. Não devem consentir que os ignorantes que commungam, retirem-se, ou mesmo fiquem distrahidos, sem dar as devidas graças a Jesus Sacramentado. Devem evitar as reuniões, os divertimentos profanos, em que haja perigo de offender-se a Deus. Devem tratar a todos com extrema caridade, evitando as criticas, as zombarias, as maledicencias, os juizos temerarios, as murmurações. Devem guardar muita modestia nos vestidos, detestando as modas em tudo quanto podem ellas offender o pudor. Devem cumprir exactamente com os seus deveres domesticos, preterindo, quando for necessario, alguma pratica de devoção, para não sacrificar os seus deveres, e não introduzir no lar alguma desordem; porque sem ordem não ha virtude. O dever religioso é superior ao dever social e ao domestico; mas o dever social e o domestico são superiores aos actos de mera devoção. Devem respeitar, honrar os sacerdotes; mas sempre considerando-os, não como particulares, porém como ministros de Nosso Senhor. As suas relações com os sacerdotes devem restringir-se ao absolutamente necessario para a sua boa direcção espiritual; devem ellas sempre ser muitissimo respeitadas. As pessoas devotas devem lembrar-se que os nossos rancorosos inimigos espreitam attentamente todos os actos praticados por ellas, para ver se encontram um simples pretexto para accusar, para vilipendiar a nossa santa religião. Devem prestar os seus serviços ao culto divino, serviços tão agradaveis a Deus; mas com toda pureza de intenção, e não por ostentação ou para agradar ao parochio, dando-lhe provas de sympathia. Em fim as pessoas devotas devem ter em todos os seus actos de devoção a pura e santa intenção de agradar só a Deus, procurando santificar a sua alma, e tambem as dos seus irmãos, que foram remidas com o precioso sangue de Jesus, seu divino Filho; e nada mais absolutamente. Assim procedendo, terão durante esta vida, com as benções abundantissimas de Deus, ineffaveis e santas consolações; e

na outra receberão de Deus particulares e extraordinarias recompensas, de que gosarão por toda eternidade.

Parte sexta.

Todos os homens foram creados, são conservados e favorecidos por Deus; e portanto todos devem honral-o, servir-o, amal-o. E' no exacto cumprimento destes deveres do homem para com Deus, que consiste a religião; logo todos os homens devem ser religiosos. Deus sendo infinitamente bom, justo e santo, a sua lei é necessariamente boa, justa, santa. A moral christã, diz De la Lucerne, é uma serie de leis santas, postas ao alcance do coração humano, como guardas inflexiveis, que repellem até a idéa do peccado. A religião, diz Burke, é o fundamento da sociedade civil, e sem ella nada prospera entre os homens. O respeito á religião é a melhor garantia da estabilidade dos Estados e da segurança dos particulares. Eis o que dizia Rousseaux sobre a summa importantia da religião: Eu não entendo que se possa ser virtuoso sem a pratica da religião. De modo que os irreligiosos não são virtuosos; e, na maioria dos casos, são apaixonados, caprichosos. D' Alembert, em seu Escripto-Abuso da critica, sustenta essa verdade: «Eu attribuo, diz esse escriptor, a irreligião ao desejo de não impor mais freio ás suas paixões, e á vaidade de não pensar como a multidão, muito mais do que á illusão dos sophismas. Tanto que, quando as paixões e a vaidade calam-se, a fé revive-se.» Desde que amamos a Deus com sinceridade, devemos, quanto depender de nós, chamar todos para entrar em sua santa amizade. O zelo pela santificação das almas, alem de muito glorificar a Deus, concorre poderosamente para a nossa propria santificação. O apostolo São Thiago diz: Aquelle que fizer com que um peccador se converta, o salvará, e tambem apagará uma multidão dos seus proprios peccados. Mas para que o nosso zelo pela salvação dos nossos irmãos seja proveitoso, deve ter a verdade por base, a compaixão por companheira, a doçura por guia, a prudencia por senhora e directora.

Desde que amamos a Deus com sinceridade, devemos defender os dogmas, os sacramentos, as ceremonias e as praticas religiosas. Os homens nobres e convictos não consentem que as suas idéas, os seus principios sejam impunemente atacados; porem os defendem com toda energia e vehemencia. Soffrer com paciencia as injurias pessoas, diz São João Chrysostomo, é louvavel; soffrer sem proferir

palavras as que atacam a Deus, é impiedade. Devem todos os catholicos amar e defender todos os ministros da religião, e até todos os que são devotados á religião, como são as pessoas devotas e piedosas. Os membros de uma familia defendem-se mutuamente. Quando um é insultado ou offendido, todos os outros tomam corajosamente a sua defesa. Como, pois, um catholico pode consentir que um membro e até mesmo um representante de sua religião seja em sua presença zombado, ludibriado por um gratuito e injusto adversario, e não tomar, immediatamente e com toda energia, a sua defesa? Não devem ter medo dos que insultam os sacerdotes, porque todos elles são medrosos e covardes. Elles não ousam insultar os medicos, os advogados, porque temem levar bengaladas; não insultam os militares, porque temem tomar pranchada. Elles são valentes unicamente com os sacerdotes, porque sabem que, por sua humildade e mansidão, soffrem tudo pacientemente, sem oppor a minima reacção. São tão vis, como os que batem num aleijado de pés e mãos, porque tem certeza que elle não pode reagir.

Todos os seculares catholicos devem considerar o Papa, os bispos e todos os sacerdotes como verdadeiros e legitimos representantes de Deus, e assim respeitosa e prestarem-lhes suas profundas homenagens de submissão, acatamento e veneração. Sirva-lhes de modelo o procedimento dum excelso Soberano para com um Sacerdote da antiga lei, que era apenas a figura da santa lei evangelica. Quando Alexandre, cognominado o grande, ia, acompanhado dum valente e numeroso exercito, entrar em Jerusalem, resolvido a passar todos os seus habitantes a fio de espada, Jaddo, Summo Sacerdote, revestido de seus magestosos ornamentos pontificaes, sahio intrepido ao seu encontro para detel-o, como de facto o deteve, em sua marcha devastadora. Logo que o grande conquistador avistou o summo sacerdote ricamente paramentado, foi soberanamente dominado por um profundo sentimento de respeito; e, descendo immediatamente do seu cavallo, foi humilde e reverente prestar-lhe suas homenagens de consideração, acatamento e veneração; e ainda declarou que dar-lhe-ia todo o necessario para a magestade e brilhantismo do templo. Como, porém, Parmerio, seu valido, muito estranhasse esse tão humilde e respeitoso procedimento por parte do homem, que então dominava o mundo inteiro, para com o sacerdote hebreu, Alexandre lhe respondera: Não reverencieis a um homem, mas a Deus, de quem elle é legitimo representante e ministro.

Devem concorrer para tudo quanto diz respeito á magestade e á pompa do culto divino; quem deve alcançar o fim, deve empregar os meios. Devem tambem contribuir para

a honesta subsistencia de seu parochio, pagando-lhe, os que podem, os devidos emolumentos. Os que são realmente pobres tem direito de receber tudo gratis; mas os que tem recursos sufficientes, deixando de pagar o determinado pelo Regulamento, commettem uma injustiça, e ficam obrigados á restituição. Devem lembrar-se que o Parochio não tem outro recurso para obter os meios de honesta subsistencia, porque é obrigado a consagrar-se exclusivamente ao cumprimento dos seus deveres parochiaes. Elle só trabalha para o povo; este deve dar-lhe o necessario para a sua condigna manutenção. São Paulo diz que aquelle que serve ao altar, do altar deve viver. Felizmente que a este respeito os injustos e ingratos são poucos; e na maioria todos os catholicos são exactos no cumprimento desse sagrado dever. Por occasião da hedionda revolução francesa as pessoas piedosas com os seus caridosos auxilios sustentavam os ecclesiasticos perseguidos e encarcerados. Em Versaille uma moça pobre cortou os seus longos cabellos, os vendeu; só para poder tambem dar a sua piedosa contribuição. Tudo quanto se dá para os verdadeiros pobres, e tambem para o culto divino, não empobrece a ninguem; pelo contrario de Deus se receberá, mesmo neste mundo, o augmento de cem por um.

Devem tambem obedecer e respeitar ás autoridades civis, porque são representantes de Deus no governo da sociedade, na manutenção da ordem, na defesa dos direitos, na distribuição da justiça. Quando ellas exorbitam, podemos nos queixar aos seus superiores; mas nunca é licito desacatal-as. Do mesmo modo devem os parochianos proceder em relação ao seu parochio. Tolerar a sua imperfeição, porque além de Deus, ninguem mais é perfeito; mas se elle falta com os deveres mais importantes, deixando perecer as almas e principalmente se escandalisa, não só podem, como devem, sem odio e despeito, levar, com toda exactidão e sinceridade, os feitos criminosos ao conhecimento da autoridade competente. Nunca deve se defender um verdadeiro criminoso com o sacrificio dos sagrados interesses duma população. A este respeito devem evitar duas clamorossimas injustiças, que hão de ser por Deus rigorosissimamente castigadas: a primeira é representar em favor de um padre verdadeira e publicamente criminoso, só porque elle por calculo trata a todos particularmente com afagos e carinhos, ás vezes até sacrificando os interesses de Deus; a segunda é representar contra um padre honesto, exactissimo cumpridor dos seus deveres, só porque particularmente desagradou, ás vezes para manter os seus direitos ou para resalvar a sua dignidade ou o seu character. Os que tão criminosamente procedem, leiam com toda a attenção esta sabia sentença do

grande Padre Quadrupani: O homem honesto e probo não sabe louvar, nem approvar, nem mesmo no mais poderoso monarcha, o que é digno de censura; e todo o que sacrifica ao vicio os direitos da verdade e da razão, não merece mais o titulo de homem.

E' permittido desejar a estima dos nossos semelhantes, pois o Espirito Santo no Livro do Ecclesiastico nos aconselha a ter cuidado de nossa boa reputação, e a procurar ter um bom nome. Essa estima nos é necessaria para sermos uteis, proveitosos aos nossos irmãos, e para desempenharmos as obrigações e deveres, que a divina Providencia nos impõe. Entretanto não devemos nos abater quando formos injuriados, calunniados, desprezados pela malicia dos homens; mas nos contentar com o testemunho da nossa consciencia, que exprime o juizo que Deus forma a nosso respeito. E' proprio duma grande alma desprezar os desprezos, e oppor a paciencia aos ultrajes. Quando fazem-me uma injuria, dizia Descartes, procuro elevar a minha alma tão alto, de modo a offensa não poder attingir-me. O imperador Theodosio escreveu a Rufino, prefeito do Pretorio, fazendo-lhe a seguinte recommendação: Se alguem falla mal de nossa pessoa ou de nosso governo, não procuremos punil-o. Se falla por leviandade, devemos desprezal-o; se por loucura, lamental-o, delle ter compaixão; se é uma injuria, perdoal-a. Devemos sempre perdoar as offensas recebidas. Cumpramos a recommendação que a esse respeito nos faz Jesus, o Mestre da verdadeira caridade: Se teu irmão peccar contra ti, reprehende o; e se elle arrepender-se, perdoa-lhe. Se elle contra ti peccar sete vezes, no dia, e sete vezes no dia voltar a ti dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe. Quer dizer que sempre que o offensor se confessar arrependido, deverá por nós ser perdoado.

Devemos, não só perdoar aos nossos offensores, mas até mesmo amal-os, porque, como nós, são filhos de Deus. Se, porém, forem máus, com elles não devemos ter convivencia, intimidade. Escutemos com toda attenção o que sobre esse ponto nos recommenda o apostolo São Paulo em sua segunda Epistola aos Thessalonicenses: Irmãos, não vos canceis nunca de fazer o bem. Se alguem porém não obedece ao que ordenamos pela nossa carta, delle tomai nota, e com elle não tenhais communicação, afim de que se envergonhe; não o considereis todavia como um inimigo, mas adverti-o como irmão. Pelos máus nós devemos procurar só para soccorrel-os em suas precisões, e devemos por nossas advertencias e conselhos chamal-os para deixar a vida peccaminosa e entrar na amizade de Nosso Senhor. Devemos admoestal-os, mas considerando-os como nossos

irmãos, e tendo unicamente por fim procurar a sua santificação. As nossas advertencias devem ser-lhes feitas de perfeito accordo com as condições do verdadeiro zelo, como acima notamos. Embora, em regra, devamos ensinar com palavras e exemplos a exacta observancia da lei de Deus, com toda franqueza e activêz, algumas vezes e em casos particulares a prudencia e a caridade mandam-nos calar e omittir aquillo, que pode exasperar os peccadores; porque a sua conversão torna-se mais difficil, quando elles julgam-se humilhados e repellidos. Os máus todos, mesmo os nossos mais encarniçados inimigos, são dignos da nossa caridade, porque são nossos irmãos; mas não são dignos da nossa amizade, porque, alem de inimigos de Deus, podem-nos perverter pelos seus discursos e principalmente pelos seus escandalos. Nós só devemos ter como amigos os que podem nos edificar pelas suas virtudes. A verdadeira amizade exige tres condições indispensaveis: Costumes irreprehensiveis; intenções honestas; relações inteiramente circunspectas. Com estas tres condições a amizade pode ser virtuosa, mesmo entre homem e mulher.

Com intenções puras e santas podemos desejar as riquezas, porque ellas podem ser muito proveitosas, desde que sejam justas e honestas em sua procura, em sua posse e em sua applicação. Ellas são criminosas, reprovadas e damnosas: Quando são procuradas com sofreguidão, como se fossem bens supremos, aos quaes tudo está subordinado; quando são conseguidas com meios illicitos; quando são sonegadas á caridade; quando são empregadas para satisfazer á vaidade ou á sensualidade. E' unicamente dos infelizes que possuem fortunas nessas criminosas condições, que Jesus disse: Ai dos ricos! A um grande rico, que lhe pediu um conselho para salvar-se, o Bemaventurado Pedro Lefevre recommendou que seriamente e todos os dias meditasse sobre estes tres pontos: Jesus viveu na pobreza, e eu vivo na abundancia; elle soffreu fome e sêde, e eu alimento-me de comidas saborosas e delicadas; elle levou uma vida de recolhimento e de soffrimento, e eu levo uma vida de prazeres e divertimentos. Meditai, meditai muitas vezes e mui seriamente estas breves palavras, lhe disse o Bemaventurado. Devemos invejar as adversidades dos bons, e lamentar as prosperidades dos máus; pois estas são prenuncios de tremendos castigos, e aquellas são prenuncios de plenas recompensas na vida futura, que é eterna. Deus, sendo essencial e infinitamente justo, não deixa nenhum crime sem castigo, nenhuma virtude sem recompensa. O homem, por muito virtuoso que seja, não deixa de ter suas faltas leves, algumas pequenas imperfeições, que devem soffrer algum cas-

tigo; Deus os castiga aqui por essas adversidades passageiras, para lá no céu plenamente recompensar as virtudes. Por outro lado, o homem, por mais perverso que seja, não deixa de fazer algum bem, de praticar algum acto proveitoso. Porém esse bem, esse acto, tendo sido praticados sem pureza de intenção e em estado de peccado grave, não podem ter nenhuma recompensa no céu; e então Deus os recompensa aqui por essas prosperidades passageiras, para na outra vida com todo rigor castigar os crimes. A historia do máu rico e do pobre Lazaro confirma evidente e completamente essa doutrina. Lazaro, que era muito virtuoso, depois de ter pago aqui pela pobreza e pelas dores as suas imperfeições, foi, segundo affirma Jesus, conduzido pelos anjos ao céu para receber as grandes recompensas de suas virtudes. Pelo contrario, o máu rico, que era vicioso, depois de receber aqui essas prosperidades passageiras, como recompensas do bem, que naturalmente fez, foi, segundo affirma Jesus, sepultado no inferno, para soffrer os horrosos castigos, que mereceram os seus grandes crimes.

E' absolutamente necessario que não nos esqueçamos um só instante de que não basta deixar de fazer o mal; porém é necessario que procuremos fazer todo o bem, que estiver ao nosso alcance. A bondade dos que unicamente abstêm-se de fazer o mal, é a bondade da pedra, que não se move; é a bondade negativa, criminosa. Jesus em seu Evangelho nos diz que o servo, que não consumiu o talento recebido, mas que apenas o conservou improductivo, foi pelo seu senhor qualificado de máu e ainda lançado nas trevas exteriores. Elle ainda nos ensina que a figueira que foi amaldiçoada e condemnada a ser cortada e lançada ás chammas, não tinha produzido veneno, nem mesmo espinhos; e o seu unico e grande crime foi não ter produzido nenhum fructo, e ter permanecido no estado de completa esterilidade. Somos obrigados, não só a não fazer mal, mas ainda a fazer todo bem possível; não só a não violar, mas ainda a observar todos os preceitos divinos. Pela nossa propria vontade somos christãos, e christão quer dizer que segue a lei, a doutrina de Christo. Sejamos consequentes: ou observemos os preceitos de Jesus, ou deixemos de nos chamar christãos. Aos soldados que tinham o nome de Alexandre, e que temiam entrar corajosos nos combates, Alexandre fazia esta solemne intimação: ou mudai o vosso nome ou praticai actos dignos de Alexandre. *Aut nomen hoc depone, aut digna Alexandro gere.* Assim tambem ou renunciemos ao santo nome de christão, que quér dizer discipulo, amigo, filho de Jesus Christo; ou então procuremos cumprir exactamente com os deveres christãos, observando os sacro-

santos preceitos, que essa santissima profissão nos impõe, e que tem por fim a nossa santificação e a nossa eterna ventura.

Sexagesima quinta Instrução.

Conselhos aos sacerdotes — Parte primeira.

Sem ter direito de invocar nenhum outro titulo, senão o de uma avançada idade e o de uma longa vida de parochio e de missionario, peço humildemente venia aos meus carissimos irmãos sacerdotes para dar-lhes os meus amistosos conselhos sobre os seus deveres na sua vida social, intima e parochial. Não somos do mundo, mas nelle vivemos. Devemos, pois, tomar todas as precauções necessarias, para que, no meio de tantas seducções, perigos e escandalos, não seja deshonrado, nem mesmo esterilizado, o nosso santo ministerio; mas pelo contrario seja sempre util e proveitoso para nós e para todos. Devemos evitar os extremos: nem ficar reclusos em casa, isolados completamente da sociedade; nem consumir todo o nosso tempo em passeios e visitas. Depois de cumprir com os nossos deveres, devemos tomar algum tempo para nos pormos em contacto com o mundo, e assim procurar a santificação dos mundanos. Devemos tratar perfeitamente bem a todos, para ganhar todos para Jesus Christo: este deve ser o unico objectivo de todos os nossos agrados e carinhos. Devemos tratar bem os pobres, para aui-mal-os a soffrer com paciencia e com merecimentos os seus trabalhos e privações. Devemos tratar bem os ricos, os poderosos, mas sem lisonja, sem bajulação; e com o unico fim de chamal-os ao cumprimento dos seus deveres religiosos, e de obter delles os auxilios necessarios para as obras de religião e de caridade. Devemos tratar bem os bons, para que tornem-se melhores; e os máus, para que tornem-se bons. Devemos ter sempre na lembrança este sabio e proveitoso proverbio: Honrai os bons, para que elles vos honrem: honrai os máus, para que elles não vos deshonrem. Sem convivencia, para não escandalisar os bons, devemos tratar bem os máus em todas as circumstancias, para dispol-os a receber benignos os nossos proveitosos conselhos. Imitemos a este respeito os exemplos do nosso Divino Mestre. Devemos tratar bem os moços, os meninos; mas sempre respeitosamente, porque a familiaridade diminue autoridade. Devemos tratar bem as meninas, as moças; mas com immensa

cautela, com profundo recato, para roubar aos mundanos, até os pretextos, que tanto desejam ter, para amesquinhar o nosso character sagrado, para vituperar o nosso santo ministerio. Devemos tratar bem as pessoas devotas e piedosas; mas evitando certas familiaridades, que despertam despeitos entre ellas, e que offerecem motivos para as censuras, criticas, falsas interpetrações por parte dos nossos adversarios, que tanto empenham-se em ridicularisar e desmoralisar a devoção e a piedade, e em deprimir e desconceituar os sacerdotes.

Devemos visitar as familias; mas não visitar unicamente uma, ou só algumas, porque traria descontentamento ás outras, e daria motivos para interpetrações malignas.

Devemos procurar um motivo justificativo da visita, para mais penhorar os visitados. Fazer a visita por occasião de enfermidade ou de contrariedade de algum dos seus membros, ou para fazer felicitações por algum bem alcançado, ou beneficio recebido. Evitar nas visitas toda critica, murmuração contra os ausentes; deixar de conversar sobre as banalidades mundanas; e procurar aproveitar-se da oportunidade, para geitosamente dar a todos da casa bons e proveitosos conselhos: eis o fim que devem ter as nossas visitas ás familias. Muitas vezes nessas conversações particulares lucra-se mais do que nas predicas, feitas na igreja; e quasi sempre ensina-se e aconselha-se aos que não vão ouvir na igreja as instrucções religiosas. Devemos imitar a Jesus que não perdia occasião de ensinar a sua doutrina.

Se a todos devemos fazer bem, muito mais ainda aos nossos parentes. Seria um crime, e até mesmo causaria escandalo um sacerdote não fazer caso dos seus parentes, principalmente se elles são pobres. A piedade filial é uma grande virtude, da qual nós devemos a todos dar exemplo; mas não podemos, nem devemos ter apego aos parentes, que possa, nem de leve, prejudicar aos deveres de nosso santo ministerio. São João Chrysostomo diz que o sacerdote não vive para si, mas para Jesus Christo. *Non sibi, sed Christo vivit*. Se não vivemos para nós, muito menos devemos viver para os nossos. Devemos dar aos nossos parentes pobres o necessario para livral-os de necessidades, privações; mas nunca procurar enriquecel-os com os proveitos ecclesiasticos, nem eximil-os do trabalho, tornando-os ociosos. Isto, além de injusto, seria um grande crime. Deixar de tratar da magestade do culto divino; deixar de socorrer aos verdadeiros necessitados, para constituir-se um simples jornaleiro da familia, alem de ser crime, é tambem um aviltamento. O sacerdote não deve residir em hotel, nem em casa de particulares; porque, alem de não ser isso airoso, no primeiro

caso, terá quasi sempre máus companheiros, que por palavras, gracejos procurarão amesquinhar a sublimidade do seu estado; no segundo, alem de outros inconvenientes, que todos podem prever, offerecerá motivos para suspeitas malevolas. Deve ter a sua casa para hospedar a um seu collega; para receber visitas dos que quizerem utilizar-se dos seus piedosos conselhos; e para poder, com mais liberdade, socego, cumprir com os seus deveres de estudo, devoção, meditação. No arranjo da sua vivenda deve evitar o luxo; mas conservar tudo em ordem, com decencia e asseio. Não deve consentir reuniões constantes em sua casa, salvo para tratar de assumptos referentes aos actos, ás solemnidades religiosas. Esses ajuntamentos, mesmo de homens, não condizem com a seriedade da conducta, que deve ter o sacerdote; e trazem-lhe muitos inconvenientes. Muito menos ainda deve consentir em reuniões de senhoras, que são ainda muitissimo mais inconvenientes e perniciosas. E' claro que as simples visitas não são reuniões; e com o devido respeito, não só são permittidas, mas podem mesmo ser muito proveitosas. O sacerdote, podendo, deve morar com sua mãe, ou com uma sua irmã, que lhe servirá de um anjo da guarda, livrando-o das preoccupações da direcção da casa, e servindo de testemunha garantidora da moralidade de sua conducta. Se não tiver essa fortuna, que tenho ha trinta e sete annos, deve ter todo cuidado na escolha de sua criada, que deve estar de perfeito accordo com as prescripções canonicas; e ainda mais, com o santo temor de Deus. Sobre este ponto eu penso que o mais conveniente é, em vez de empregada, ter um bom criado. Se por isso passar alguma privação, ella será perfeitamente compensada pelo socego do espirito e pela paz da consciencia.

Deve o sacerdote ser economico para ter o necessario para a sua honesta subsistencia; deve ser tambem exactissimo em solver os seus compromissos pecuniarios. E' uma deshonra ser elle cobrado, não ter credito, ser considerado como um caloteiro. Não deve ter amor desordenado, nem apego ao dinheiro, porque isso o desprestigia e inutilisa a sua divina missão. Um sacerdote interesseiro, avaro, é um sacerdote nullo, que perde toda consideração, de que deve gosar para pregar e aconselhar com proveito. Porem muito conveniente é que o sacerdote dirija a sua vida, de modo a ser independente, quanto aos meios de subsistencia, para fallar e proceder com santa liberdade e franqueza. Não deve frequentar os pontos de reunião dos seculares, para ser por elles mais respeitados; e para não observar, nem ouvir cousas, que elle deve energicamente reprovare. Não deve passear pelas ruas depois de certa hora da noite.

salvo a serviço de seu ministerio; e, mesmo neste caso, deverá ser acompanhado por uma pessoa proba, para remover de si todo motivo de suspeitas, que podem escandalizar. Deve evitar os divertimentos profanos, como são as dansas, espectaculos, cinemas. Alem de nos ser prohibidos sob pena de peccado mortal esses divertimentos, os sacerdotes, que tem a leviandade e temeridade de assistil-os, ficam desconceituados, e escandalizam aos bons, e encorajam os máus. Quanto fôr possível o sacerdote deve eximir-se de assistir jantares e outras reuniões publicas, em que muitas vezes terá alguma cousa a perder, e nunca cousa alguma poderá ganhar. O Sabio Ventura de Raulica dizia que, se das reuniões religiosas voltava-se sempre mais homem, mais christão, mais catholico; das reuniões profanas voltava-se sempre menos catholico, menos christão, menos homem. Quando porem motivos justos, ponderosos obriguem o sacerdote a comparecer a essas reuniões, elle deve ter todo cuidado para, em vez de escandalizar, edificar a todos pela sua seriedade e compostura, digna de um ministro sagrado.

Em publico não deve pretender ser jocoso, nem procurar entreter todos, despertando risos, representando o papél de um comediante; porque um tal procedimento destoa da seriedade e do criterio, que deve sempre guardar quem occupa uma dignidade tão elevada e santa; e ainda porque esse proceder diminue muito o ascendente que deve ter sobre os seculares, para que a sua missão seja sempre proveitosa. Nunca em suas conversações com os seculares deve o sacerdote mostrar que dá importancia ás mundanidades, discutindo, discorrendo com interesse sobre grandezas, riquezas, prazeres, divertimentos, comidas, bebidas. A terra é a partilha dos mundanos; o céo é a partilha dos filhos e principalmente dos ministros de Deus. Nessas occasiões devemos dizer a nós mesmos: *Major sum, et ad majora nitus*. Quando se forinar partidos sobre assumptos que não pertencem, nem interessam á religião, deve o sacerdote manter completa neutralidade; para, sem proveito para o seu santo ministerio, não desagradar nem a uns, e nem a outros; e mesmo para, quando for necessario, poder servir de pacificador, e evitar assim os damnos, que sempre produzem essas lutas odiosas e ás vezes sangrentas. Muito particularmente o sacerdote tem o dever de não tomar parte alguma nos partidos politicos, para não comprometter os sagrados interesses do seu santo ministerio. O sacerdote politico tem tudo a perder, e nada absolutamente a ganhar; principalmente quando na politica não ha principios, e o voto não tem minimo valor. Em Scavini t. 4, pag. 251 o Cardeal Cheverus faz a seguinte recommendação: «O padre

deve conservar-se apartado, insento de toda paixão politica, se quér ser apto para cumprir o seu ministerio de paz e de caridade. Não deve olhar como inimigo nenhum partido, nem presente, nem futuro, porque é chamado a salvar os homens de todos os partidos.» Eis o que a respeito determinou ao seu clero o piedoso e zeloso Bispo Paulista, D. Antonio Joaquim de Mello, o regenerador do clero paulista: «E' vóz geral, que se apartem os sacerdotes de cabalas eleitoraes. Nós temos sido testemunhas do odioso, que sobre elles tem recaído por sua malvada influencia. Desde que o sacerdote é influente, uma maldição se entranha até seus ossos; sua vóz é a de um metal; sua missão fica sem effeito saudavel. Mandamos portanto que, dado o seu voto, para onde os levar a sua sympathia ou consciencia, nenhum outro passo dêem deixando aos mortos enterrar seus mortos.» Este mandamento é datado de 22 de Agosto de 1852. O que era a politica naquelle tempo, e o que é ella hoje? Se então cahia uma maldição sobre o sacerdote politico, ora qual deverá ser o seu castigo? A Pastoral Collectiva, que é uma lei, que obriga em consciencia, prohibe os parochos de envolver-se na politica local, dizendo que está provado que o procedimento contrario muito prejudica ao seu ministerio, afastando de si uma parte dos seus parochianos. Deu-se em nosso Estado um factio publico, notorio que evidentemente prova quanto a politica é damnosa, nefasta ao sacerdote. Um sacerdote num lugar pobre conseguiu levantar cento e muitos contos para continuar, como continuou efficazmente, as obras da matriz. Pois bem, esse sacerdote, que assim gosava de tanta estima e consideração por parte dos seus parochianos, e que tão relevantes serviços tinha prestado á uma parochia catholica, tendo mais tarde a imprudencia e insensatez de metter-se na malvada politica, foi injuriado, desacatado publicamente, de dia, no largo da matriz; e áfinal foi com todo apparatus de indignação expulso de sua parochia! O vigario que intromette-se na politica, encontra nos seus correligionarios defensores, para todos os crimes e torpezas; e nos seus adversarios inimigos rancorosos, para deturpar, envenenar, até as suas intenções as mais puras e santas. Um sacerdote, que não for parochio, quando os discursos tiverem a devida importancia, e o voto for uma verdade, poderá fazer algum bem como vereador, deputado, senador; porem quando seis mezes antes da eleição já são conhecidos com toda certeza os vereadores, deputados, senadores, presidente do Estado e da Republica; quando em tres dias votam-se todos os orçamentos da nação, elle nenhum bem poderá fazer, porque tudo depende exclusivamente dos absolutos dominadores da situação. Os

padres politicos podem conseguir da camarilha dominante alguns favores para a religião; mas o mesmo podem fazer todos os sacerdotes, que no clero gosam de grande importancia, embora não sejam politicos.

O bom sacerdote, não sendo politico, consegue mais dos homens politicos, do que o sacerdote politico; pois este conta só com os da sua parcialidade, e aquelle, não tendo ninguem contra si, conta com todos para satisfazer os seus justos pedidos. Havendo um partido catholico, approved pelo Bispo, todos os sacerdotes devem nelle militar com toda dedicação. Antes disso o sacerdote pode, querendo, dar o seu voto; mas escolhendo entre os candidatos bons, o melhor, e entre os maus o menos nocivo, sem propender nem para um, nem para outro grupo militante. Fóra destas circumstancias o sacerdote, que não quizer prejudicar ao seu santo ministerio, deve completamente abster-se das questões politicas.

O sacerdote não deve ser negociante, nem fazendeiro, porque são profissões estranhas ao seu ministerio, e que o distrahem do serviço de Deus. Pode ser e muito aproveitada que seja jornalista catholico, redigindo jornal religioso ou escrevendo artigos religiosos para os jornaes profanos; porém não convem nem ter jornal, nem mesmo escrever, para jornaes em outras condições; porque desperta e provoca muitas disputas e lutas inconvenientes. Pode leccionar em collegios particulares, em estabelecimentos publicos, com tanto que não seja forçado a ensinar por compendios condemnados, ou a sustentar doutrinas contrarias ao ensino, ás crenças, ás praticas da nossa santa Igreja; e que, pelo contrario, possa transmittir aos seus alumnos os sacrosantos principios de nossa santissima religião. Não devemos nunca nos esquecer da sabia e santa advertencia do grande Apostolo: Aquelle que milita para Deus, não se embaraça com os negocios do seculo, para assim agradar aquelle que o alistou. *Nemo militans Deo, implicat se negotiis secularibus; ut ei placeat, qui se probavit.* Eis a norma de nossa conducta relativamente aos empregos e encargos profanos.

O sacerdote deve ser compassivo para com os pobres; mas deve dar esmolas para os verdadeiros necessitados, e não para os que podem trabalhar, porque seria favorecer á ociosidade e ao vicio; e ainda deve dar do que lhe pertence, e nunca deixar de pagar suas dividas para repartir esmolas. Favorecendo ao corpo, não deve esquecer das precisões da alma do pobre. Por isso, antes de dar o dinheiro, a comida, o vestido, deve procurar saber se o pobre vive na amizade de Deus; e caso não viva, o aconselhar e lhe ministrar os meios

para que venha confessar-se, ou para que venha santificar pelo sacramento do matrimonio a sua união criminosa, caso seja amasiado ou só tenha feito o contracto civil. Ter pena dos males do corpo, e não ter dos males da alma, é falta de fé. O sacerdote deve procurar viver em perfeita harmonia com todos os seus irmãos em Jesus Christo, sem fazer distincção entre seculares e regulares, nacionaes e estrangeiros, pois todos tem o mesmo character sagrado; desempenham a mesma missão e miram o mesmo objectivo; prestam obediencia ás mesmas autoridades; são ministros de uma religião que não tem territorio proprio, mas abrange os limites do mundo inteiro. Tendo contra nós os mesmos inimigos, devemos mutuamente nos auxiliar, e defender. Em vez de censurar na ausencia, devemos com toda a caridade e pessoalmente dar aos nossos irmãos os avisos e conselhos, que julgamos ser-lhes proveitosos. Um por todos e todos por um, deve ser a nossa divisa. Devemos ter todo respeito, manter todos os sentimentos de obediencia incondicional para com o nosso Bispo. Se tivermos motivos para não ser seus amigos, nunca contudo deixemos de ser seus subditos respeitosos, submissos e tudo quanto diz respeito ao nosso santo ministerio. Se tivermos motivos justos de queixa, seja isso mais uma razão para honrarmos a sua pessoa e autoridade sagrada, e para, quanto for possivel, defender os actos de sua administração, para não sermos taxados de suspeitos e despeitados. Custa muito mais governar com acerto, que censurar com leviandade. Quem sabe se estivessemos em seu lugar, procederiamos do mesmo modo naquelles casos, em que por nós é elle censurado. Havia um sacerdote que censurava o seu bispo, porque não removia tal padre; porque não demittia tal vigario; porque não suspendia de ordens aquelle sacerdote. Vivia sempre considerando o seu bispo como fraco, medroso. Morrendo o bispo, foi elle eleito vigario capitular. Então um dos seus amigos, que muitas vezes ouviu as suas censuras contra as franquezas de seu bispo, disse-lhe: Agora é a occasião do senhor remover aquelle padre, demittir aquelle, suspender tal sacerdote, pois tem a autoridade em suas mãos. Elle immediatamente respondera: *Meu caro amigo, naquelle tempo eu era o malho, agora eu sou a bigorna.* Procuremos cumprir com toda fidelidade todos os nossos deveres para com todos; procuremos quanto nos for possivel nos fazer tudo para todos, com o unico fim de ganhar todos para Jesus Christo. Tenhamos todo cuidado para nada dizer, nada omitir, nada fazer que directa ou indirectamente possa servir de motivo ou mesmo de simples pretexto de escandalo para com os seculares. Pelo contrario, nos esforcemos para sempre, em toda parte, em todas occasiões, edificarmos a todos com

os nossos exemplos; façamos tudo quanto depender de nós, para que todos louvem, obedeçam, amem a Jesus, de quem somos ministros.

Parte segunda.

Vou dar agora os conselhos relativos á vida particular do sacerdote. Deve levantar-se e deitar-se cedo, pois o dia é para o movimento e para o trabalho, e a noite para o repouso e para o descanso. Esta regra é necessaria para o cumprimento dos deveres e mesmo para a saude. O homem preguiçoso é que levanta-se só quando a cama o encommoda; e, salvo a exigencia do trabalho que só se faz á noite, é o vicioso que acostuma-se a trocar a noite pelo dia. Antes da celebração da santa missa nada se deve fazer, que seja estranho á religião. Deve-se celebrar com toda devoção e piedade, prestando toda a sua attenção ao sentido das orações. Não devemos na celebração ser, nem apressado, nem tambem moroso de mais. Segundo a regra estabelecida pelos melhores theologos não deve o celebrante gastar menos de 20 minutos, nem mais de 30 minutos. Deve guardar toda gravidade e devoção correspondente á santidade do acto. Deve sempre fazer os actos de preparação e de acção de graças, e os deve fazer no altar do Santissimo Sacramento, á vista dos fieis, para dar-lhes o bom exemplo, e edificar-os. Os sacerdotes que celebram sem attenção, sem piedade, sem devoção, são ingratos que não dão importancia aos beneficios, nem na hora e momento, em que os estão recebendo. Elles deveriam sempre ouvir soar aos ouvidos esta reprehensão, que lhes faz São Francisco de Salles: *Immersus amore, amorem non sentis?* Uma missa santamente celebrada é bastante para santificar um sacerdote. O sacerdote, que celebra sem compostura, sem reverencia; que deixa uma palestra para ir tomar os paramentos, sem ter feito a devida preparação; ou que apenas depõe os paramentos, sem dar graças por tão preciosos beneficios, entra em conversação ou vai para a rua; além da enorme offensa, que faz a Jesus Sacramentado, escandaliza o povo catholico, e dá motivo ao impio para zombar das nossas ceremonias sagradas. Pelo contrario, aquelle que celebra a santa missa, como exige a sua importancia e santidade, além das graças extraordinarias que recebe, tem o grande merecimento de despertar no coração dos assistentes sinceros e ardentes desejos de piedade, de devoção e de santidade. Uma missa devotamente celebrada é uma predica eloquentissima, que tem força para converter

um peccador endurecido. Um padre, que missionava em Tulle, empregou todos os seus esforços para converter um peccador, que ha muitissimos annos não se confessava, sem nada absolutamente poder conseguir. Convidou-o para lhe ajudar a missa; e elle observando encantado a devoção e a piedade do celebrante, ficou tão commovido e tocado, que, acabada a missa, pediu ao padre para immediatamente ouvir-o de confissão, e tornou-se deste então um verdadeiro e piedoso catholico. Quanto portanto não perdem os sacerdotes, que celebram sem devoção e quanto não ganham os que celebram devotamente? Embora o sacerdote não tenha applicação, nunca deve deixar de celebrar. Celebrará para supprir a falta de alguma missa, que recebeu e esqueceu-se de celebrar; ou para indemnisar ao proximo por algum damno causado; ou para expiar as sua proprias faltas, pedir a Deus para si tantas graças e auxilios, de que precisa; e enfim para glorificar a Deus, e suavisar as penas das santas almas do purgatorio. A missa tem merecimentos infinitos; e por isso o padre que deixa de celebrar, podendo, commette grandes damnos, e dá provas do seu pouco interesse pela sua santificação e pela santificação das almas, que lhe foram confiadas.

O padre deve estabelecer uma ordem para o seu trabalho; deve ter tempo determinado para tudo. Além do tempo necessario para o seu breviario e para as suas devoções, deve tomar algum tempo para o estudo. Temos obrigação de saber para poder ensinar; e o unico meio para conseguir o saber é o estudo: não ha nenhum outro. Sem estudar, além de não aprender, se desapprende. Além de ser uma falta, é humilhante um padre não saber responder ás consultas, que os seculares lhe fizerem sobre a religião; e ainda muito peor se dêr uma decisão ou explicação errada, que poderá produzir damnos, pelos quaes elle será responsavel diante de Deus. O padre tem o dever de saber, e portanto tem o dever de estudar. Deve rezar o seu officio divino com toda regularidade, antecipando, sempre que puder, as matinas. Não deve deixar o cumprimento deste santo dever para a ultima hora, para não ser obrigado a omittil-o, ou a desempenhal-o precipitadamente. Deve recitar o santo officio pronunciando distinctamente todas as palavras, e com toda attenção, porque assim requér a sua importancia, como tambem para guardar na lembrança esses exemplos edificantes, esses ensinamentos tão sabios e santos. Não devemos esquecer da recommendação que nos faz a Igreja de recitar o officio divino attenta e devotamente. *Attente ac devoté.* Deve confessar-se, pelo menos, uma vez por mez, se antes não tiver necessidade de purificar-se para poder dignamente

receber o cordeiro immaculado. Se por acaso tiver a infelicidade de commetter alguma falta, que repute grave, deve immediatamente ir se reconciliar com Deus pela confissão; e, se de tudo não lhe fôr possível na occasião, e tiver de celebrar a santa missa, deve fazer o acto de contricção perfeita, e logo que possa ir entrar na amizade de Deus pela confissão. A maior desgraça que pode acontecer ao sacerdote é celebrar com a alma manchada de culpa grave, porque, além de commetter um horrendo sacrilegio, abre a porta para uma vida peccaminosa, que poderá ter como complemento uma eterna condemnação. Sendo possível, o sacerdote deve confessar-se uma vez por semana ou ao menos duas vezes no mez, para conservar o fervor e para poder diariamente ir lucrando todas aquellas indulgencias, que exigem como condição a confissão.

Não deve o sacerdote negar-se ao confessorio, nem que não seja parochio; porque o penitente, despedido sem confissão, pode não voltar mais e perder-se; e porque a recusa afasta os fieis do confessorio, escandaliza os catholicos, e dá motivos para os mundanos falarem contra a confissão, contra os padres, e contra a propria religião. Deve no confessorio ser muito prudente, discreto, cauteloso. Nunca deve fazer perguntas que possam escandalizar o penitente. As primeiras perguntas, principalmente ás mulheres, muito mais aos meninos e ainda muito mais ás douzellas, devem ser genericas; e se a resposta fôr negativa, ou se não for comprehendido o seu sentido, deve passar adiante e não insistir. Deve dar os conselhos relativos á accusação ou estado de vida do penitente. Nunca deverá imitar, nem mesmo os que não fazem pergunta alguma, nem dão um só conselho; nem os que conversam com os penitentes, fazem discursos, sermões no confessorio. Deve tambem impôr penitencias que o penitente possa logo e facilmente cumprir; porque as penitencias difficeis, penosas, além de não serem cumpridas, afastam o penitente do confessorio. Deve tambem tomar todo cuidado para nunca nas conversações dizer palavra que se possa entender que tem referencia com a confissão. A este respeito o partido mais seguro é sempre evitar de falar sobre a confissão, que fez.

Deve o sacerdote pregar sempre, mas unicamente com o fim de glorificar a Deus e santificar as almas; e nunca com o fim exclusivo de obter remuneração. Nunca deverá previamente estipular preço pelo desempenho desse ministerio tão santo. Não deve unicamente occupar-se de pregar nas festas pomposas; mas deve pregar sempre que tiver occasião de ensinar ao povo a nossa santa religião. Tomar

unicamente a vida de andar de povoação em povoação para pregar nas festas remuneradas, seria dar motivos para, pelos nossos inimigos, ser qualificado de viajante, mascate de sermões. Deve pregar com o devido preparo, para não expôr-se a proferir erros e heresias. Em regra, improviso, é synonymo de disparate. Deve pregar doutrina e em linguagem polida, mas ao alcance de todo o seu auditorio. Não deve o sacerdote esquecer-se que o fim da pregação é instruir o povo sobre as verdades e preceitos da religião; e não fazer praça e ostentação de sabedoria humana. Deve sempre evitar os palavões, essas phrases bonitas, mas banaes, sem sentido, que não dão minimo resultado, que tanto degradam a magestade e a santidade da doutrina de Jesus Christo. Deve escolher o assumpto que mais convem aos ouvintes; e nunca deve ter a pretensão de inculcar-se erudito, procurando sempre variar de assumpto com prejuizo do ensinamento divino. Aprendamos com Jesus, que pregava só a sua religião; que pregava com toda simplicidade e ao alcance de todos; que pregava muitas vezes as mesmas verdades, sem mudar os termos, nem mesmo as figuras e comparações, porque assim mais convinha á instrucção dos ouvintes. Sobre este ponto o sabio Dehand faz a seguinte interrogação: «Que inconveniente havia em Jesus repetir em circumstancias differentes certas verdades, certos factos mais notaveis, e proprios para fazer maior impressão? Isto só prova que Jesus não participava da pueril vaidade e verdadeira loucura de certos pregadores, que querem sempre apresentar alguma cousa de novo, e deixam de repetir, para bem dos fieis, que os ouvem, as grandes verdades, que mais facilmente convertem os corações.» Os pregadores que só pregam para ganhar dinheiro ou para conquistar applausos, segundo São João Chrysostomo, vendem e prostituem a palavra divina. E segundo Jesus Christo esses sacerdotes imitam aos phariseus, que, em vez da doutrina e dos mandamentos de Deus, ensinavam a doutrina e os mandamentos dos homens. *Docentes doctrinas et mandata hominum.* Devemos ainda imitar a Jesus que pregava em toda parte, mas que de preferencia procurava pregar onde ainda não tinda pregado, allegando que tinha vindo ao mundo para ensinar a todos. Devemos ainda imitar a Jesus que não perdia occasião de evangelizar, evangelizando até uma só pessoa, como êz com a Samaritana. O bom padre prega sempre que tem oppor-tunidade de com proveito ensinar a doutrina de Jesus Christo. Nas visitas, em todas as conversões particulaes, elle procura primeiramente tornar-se agradavel, mostrar-se affavel aos que o ouvem; e leva habilmente a conversação para o terreno religioso. Falla primeiramente em geral dos benefi-

cios, das alegrias e consolações, que a todos traz a observancia dos preceitos divinos; e, depois de ter bem disposto os animos, entra no ponto principal, que é a confissão e a communhão. Estas predicas produzem quasi sempre optimos resultados; e ellas são poderosissimas, quando os ouvintes já acham-se algum tanto abalados pelas predicas, que ouviram na Igreja. Servem então de um ultimo impulso, que muitas vezes decide de uma importante conversão, que, embora iniciada, não chegaria ao seu desejado termo. E' porem absolutamente necessario que seja tudo feito com muita prudencia e suavidade, para que esse genero de predica produza o effeito desejado, e não produza o effeito de melindrar, irritar e assim ainda mais difficultar a conversão.

Convem muito que todos os sacerdotes assistam a todos os actos de devoção e piedade. Isto, além de ser um dever particular, é necessario para dar o bom exemplo aos seculares. O povo fica mal impressionado quando observa a indifferença dos sacerdotes em relação a tudo quanto pode agradar a Deus; porque elles são os primeiros obrigados a procurar fazer a sua santa vontade, e realizar os seus divinos designios. Os sacerdotes devem auxiliar, sempre que for necessario, ao parochio no serviço da parochia; pois, como ministros de nosso Senhor, devemos não viver ociosos, ou occupados unicamente dos affazeres profanos; mas trabalhar e fazer tudo quanto depender de nós, para que elle seja louvado, servido e glorificado por todos os homens.

O sacerdote deve sempre trajar com todo asseio, com toda decencia, e de perfeito accordo com o regulamento que vigora em sua diocese. Deve trazer a sua barba feita, porque não é decente apresentar-se com a barba crescida. Deve conservar os seus cabellos curtos, para não ser preciso perder tempo com pente, oleo, pomada. Não se coaduna com a seriedade, que deve ter um padre, apresentar-se com os cabellos repartidos, preparados, perfumados; porque isso é proprio dos moços seculares, que querem parecer bonitos, elegantes, para conquistar sympathias, affectos daquellas que desejam para ser suas consortes. O sacerdote tem cousas muito mais serias, de que deve preoccupar-se. Deve usar sempre de sua batina, mesmo em casa, pois é a sua vestimenta de honra. Não deve usar de sobretudo, nem de chapéo de seculares, mas dos proprios dos ecclesiasticos. Ou bem padre, ou bem secular. Não deve tambem deixar apparecer as pernas das calças, porque isso torna o seu trajar, não só indecente, mas até mesmo irrisorio; deve conservar todo o seu vestuario e traje ecclesiastico muito limpo e bem ordenado. Se todos devem se apresentar correctos perante a sociedade, muito mais ainda um padre, que como representante de Deus,

maior dever tem de impor-se á estima, á consideração e ao respeito do publico. Que não diga-se que o habito não faz o monge; porque, se o habito não faz o monge, é por elle que se conhece o monge; e é elle que dá respeito ao monge. O padre deve ser muito sobrio na comida, e ainda muito mais na bebida, para não offerecer pretexto de escandalo aos mundanos. Elle deve em todos os seus actos procurar agradar a Deus, corresponder á sua divina vocação, desempenhar o seu sublime e santissimo ministerio. Em toda parte, em todas circumstancias e occasiões o seu lema deve ser: glorificar a Deus, santificar as almas, e de preferencia a sua, que a Deus foi consagrada de um modo todo particular. Se assim não for, será infeliz, mesmo neste mundo.

Parte terceira.

Vou emfim dar os meus conselhos aos meus irmãos que levam sobre os seus hombros o grande peso do parochiato. Devem antes de tudo procurar ter uma matriz espacosa, asseada, porque isso muito concorre para o desenvolvimento e progresso do sentimento religioso na parochia. Se não ha matriz que preste, devem procurar edificar uma de conformidade com as necessidades espirituaes da população, tendo em vista o que ella poderá ser no futuro. Se a população promette e tende a augmentar-se e desenvolver-se, a matriz deverá ser feita de accordo com essa lisongeira expectativa. Se houver matriz em boas condições, devem retocal-a, asseal-a, e provel-a dos moveis necessarios. Devem ter tudo em ordem, conservando cada um dos objectos no seu respectivo lugar. Não devem consentir que fiquem guardados na igreja escadas, cavalletes, mástros, caixões e outros objectos estranhos ao culto divino, que não só occupam lugar, como ainda desdouram a magestade do lugar santo. Devem ter imagens perfectas, que possam infundir respeito, e não imperfeitas que até tornam-se ridiculas e irrisorias. Devem ter as imagens collocadas, cada uma, em seu lugar, em que deve ser pelos fieis venerada. As que não puderem, por um justo motivo estar no lugar em que devem ser veneradas, devem ficar occultas e decentemente guardadas. Todas as que não mais se prestarem ao culto por estarem estragadas ou mesmo defeituosas, devem ter o destino, que determinam as rubricas. O vigario deve prover a sua igreja de bons paramentos, porque assim requer a magestade e a santidade dos actos religiosos; e ainda porque isso muito

concorre para os actos inspirar respeito, devoção, piedade. Os paramentos velhos ou mesmo os desbotados, devem ser inutilizados, como mandam as rubricas. Deve ter um cuidado todo particular com o asseio da roupa branca, especialmente com os corporaes e sanguineos, que tocam immediatamente no Corpo e no Sangue de Nosso Senhor. A negligencia sobre este respeito pode muy facilmente constituir falta grave. Se devemos guardar toda limpeza com os nossos vestidos, muitissimo mais com as vestimentas sagradas. Se devemos ter todo asseio com a toalha, com os gardanapos, que servem na mesa de nossas refeições, que cuidado não devemos ter com todos os objectos que servem na Meza sagrada, em que nos alimentamos com o corpo e com o sangue do Cordeiro divino? O vigario pode confiar o preparo e enfeite dos altares aos cuidados das senhoras piedosas; mas deve para isso escolher as mais sensatas e criteriosas, para que nesse trabalho guardem todo respeito e reverencia. Deve muito cuidadosamente escolher a farinha para as hostias, o vinho verdadeiro de uvas; porque o descuido a este respeito pode produzir o enormissimo damno da nullidade do sacrificio. Deve reformar as sagradas formas, pelo menos, de quinze em quinze dias. Deve sempre ter hostias novas para o sacrificio. Deve tambem de quinze em quinze dias benzer nova agua para o baptismo. Deve conservar bem limpas a pia baptismal e a caldeirinha de agua benta. Os fieis ficam muito mal impressionados quando observam a fonte baptismal immunda; ou quando, indo tirar agua benta, encontram a caldeirinha secca ou contendo um pouco de lodo. E' uma tristeza ver-se uma caldeirinha ou um turibulo de metal branco ou amaréllo, que pelo azinhavre tornaram-se verdes. Esse unico facto denuncia o pouco zelo do parochio pela magestade do culto divino.

Deve ter um bom sacristão, que, além de religioso, seja aseado, delicado, para que assim possa bem desempenhar esse tão importante cargo. Deve ter coroinhas só em numero sufficiente, e bem vestidos; e deve vigial-os para que não faltem com o devido respeito, particularmente durante as ceremonias religiosas. Deve fazer com que todo o pessoal da egreja dê o bom exemplo de silencio e respeito, como tambem da confissão e da communhão. Deve não descuidar-se de fazer todos os fieis guardar silencio e respeito na egreja; advertindo, mas com toda delicadeza e prudencia, todos os que violarem esse tão sagrado dever. Para que as suas advertencias e os seus avisos a esse respeito sejam profiucuos, o exemplo deve começar por elle vigario, pelos sacerdotes, pelos empregados e pelas pessoas devotas e piedosas. Na propria sacristia deve reinar respeito. Embora nella possa

haver mais um pouco de liberdade, contudo não deve ser um ponto de palestra, de discussão, de leitura de jornaes; pois faz tambem parte da casa de Deus.

O vigario deve todos os dias ao amanhecer ter a sua igreja aberta, e ahi achar-se á disposição dos que desejam confessar-se e commungar. Não são as ovelhas, que devem esperar pelo pastor; mas é o pastor que deve esperar pelas suas ovelhas, para devidamente apascental-as. Ha muitas pessoas que deixam de confessar e de commungar, porque não podem pelos seus affazeres domesticos vir mais tarde, e a igreja não tem hora certa de abrir-se: abre-se ás sete, ás oito, ás nove horas, conforme a hora, em que o vigario deve celebrar a missa, que lhe foi encommendada. E' triste e doloroso, e não é nada edificante, ver-se o povo devoto á espera de abrir-se a porta da igreja, e da chegada do vigario, que ou ainda dorme ou está occupando-se de trabalhos e negocios terrenos. No lugar onde não abre-se a igreja, ou não vem o vidario cedo á igreja, não pode haver devoção, principalmente a importantissima devoção da communhão frequente.

O vigario deve ter os seus livros devidamente escripturados, porque as omissões podem causar grandes prejuizos e transtornos aos seus parochianos. Sobre o recebimento dos emolumentos é necessario que o vigario proceda com todo discernimento. Alguns dispensam para todos as contribuições; e não tendo com o que occorrer ás suas despesas, ficam devendo nos negocios, passam por caloteiros, e perdem completamente o seu credito. Isto não é airoso, nem a um secular, muito menos o será a um sacerdote. Outros cobram adiantadamente, disputam os seus direitos, e até fazem voltar os fieis sem as graças divinas, que procuravam, só porque não puderam pagar a taxa reclamada. Isto, alem de escandalisar, é mercadejar os dons divinos. Os que assim procedem, deveriam a todo momento ouvir soar aos seus ouvidos aquellas celebres palavras de S. Pedro a Simão Mago: *Pecunia tua sit tecum in perdilionem, quoniam existimasti donum Dei pecunia possideri.* O prudente, justo e acertado, é receber dos que podem e querem pagar tudo quanto é devido; fazer tudo gratis aos pobres; com ninguem nunca questionar sobre emolumentos. Os descarados, que podem e não pagam, são poucos; de modo que o prejuizo por esse motivo não será grande durante todo o anno. O padre que mostra-se interesseiro, pode sobre tudo mais ser um santo, perderá a estima e consideração do povo, e tornará o seu santo ministerio inteiramente esteril. Por mais que elle faça, ouvirá sempre se lhe dizer: E' um ganhador; nada faz, senão com o interesse no dinheiro.

O vigário deve pregar todos os domingos e dias santos; e pregar com a devida preparação, para não proferir erros, para accomodar a predica ao alcance e ás necessidades dos ouvintes. A predica parochial nunca deverá exceder de um quarto de hora, para ser ouvida com toda attenção e com o desejado proveito. Além da predica, deve ensinar o catechismo aos meninos e ás meninas; e preparal-os para a importantissima ceremonia da primeira communhão. São dois deveres distinctos, cada qual o mais importante. Deve o vigário estabelecer, e procurar manter em sua parochia as associações religiosas; porque ellas avivam a fé, afervoram o sentimento religioso, mantem e augmentam a devoção e a piedade. Deve promover festas religiosas, mas que tenham por fim a gloria de Deus e a santificação das almas. Deve procurar eliminar completamente essas festas profanizadas, de que não resulta nenhum proveito para a religião, e que tanto concorrem para offender a Deus, e para a dissolução dos costumes. As festas devem consistir em actos de devoção; devem ser acompanhadas da santa pregação; e devem sempre terminar por uma numerosa e edificante communhão. As melhores festas são os actos de devoção e piedade, celebrados com toda pompa e solemnidade, para animar e afervorar os bons, e para commover e edificar os máus. O vigário deve introduzir e manter a communhão frequente, que tanto agrada a Deus, e tão poderosamente concorre para a regeneração de toda a parochia. Deve estabelecer o tão louvavel e santo costume da visita ao Santissimo Sacramento. Deve aconselhar a todos que, entrando na egreja, o seu primeiro acto seja ir prestar suas homenagens de adoração a Jesus Sacramentado. Sempre que dê a sagrada communhão, deve lembrar aos commungantes o dever de ficar, pelo menos, dez minutos de joelhos adorando a Jesus e implorando suas graças. E' tristissimo observar-se immediatamente depois da distribuição do Pão divino o padre ir para a sacristia, e os que commungam ir entrar nos affazeres ou divertimentos profanos. E' muito conveniente dar-se a communhão na propria missa para evitar a irreverencia dos ignorantes; e quando a communhão não fôr na missa, convem que o padre faça com os que commungaram algumas orações appropriadas ao acto.

O vigário deve procurar visitar sempre os enfermos, não só para os animar e consolar; mas principalmente para dispor-os á necessaria recepção dos sacramentos. E' a falta do cumprimento deste dever, que faz com que não procurem o padre, senão nos ultimos momentos, de medo que sua presença assuste o doente. Se o padre visitar todos enfermos, o seu comparecimento não será um indicio da gravidade ex-

trema da enfermidade. O vigario deve com todo empenho procurar santificar pelo sacramento do matrimonio todas as uniões criminosas de concubinados e dos que só fizeram o contracto civil, não só para retirar esses infelizes do triste estado do peccado, em que se acham, como tambem para fazer cessar os grandes escandalos, produzidos por essas criminosas uniões. Deve procurar cuidadosamente esses pobres peccadores, convencel-os da necessidade de deixar immediatamente o peccado; e lhes facilitar tudo quanto for possível, removendo todos os obstaculos. Quando os concubinados não puderam por qualquér motivo realizar o casamento religioso, deve convencel-os a fazer a separação, custe o que custar. Deve sempre insistir sobre a insufficiencia do contracto civil para legitimar a união perante Deus; e tanto quanto for possível, convencer todos que o casamento religioso, salvo um caso especialissimo, deve sempre preceder ao acto civil, porque para o catholico um sacramento está infinitamente acima de um contracto, a alina acima do corpo, a vida eterna acima da vida transitoria, Deus acima de todos os soberanos do mundo. Collocar um méro contracto civil em plano superior a um divino sacramento, é falta de fé; é falta de temor de Deus; é vilipendiar o sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, que pelos sacramentos vem purificar as manchas e maculas de nossa alma.

O vigario não deve deixar a sua parochia nos domingos e dias santos, porque essa ausencia tem como tristissima consequencia os fieis deixarem para sempre o sagrado dever de nesses dias ouvir a santa missa. Não deve deixar nem mesmo nos sabbados, porque tambem nesses dias procuram o casamento religioso; e se não puderem realizal-o, fazem unicamente o contracto civil, e nunca mais voltam para casar-se religiosamente, e assim ficam eternamente no peccado e no escandalo. Quando ha nos bairros pertencentes á parochia, capellas, eu penso que, no caso de não ter um substituto para ficar na séde, deverá marcar um dia certo no meio da semana, para ir celebrar e administrar os sacramentos nessas capellas; porque os habitantes desses lugares estão dispensados do preceito da santa missa, e porque concorrem mesmo nos dias não santificados. Não deve tambem ausentar-se nos dias da Semana santa, para ouvir as confissões; para distribuir a santa communhão na quinta feira santa; para com seus parochianos celebrar algum acto commemorativo da paixão de nosso divino Redemptor. É um espectáculo que entristece e até mesmo escandaliza os fieis, e muito desdoura um parochio, contemplar-se durante esses dias de tão sanctas recordações as portas do templo fechadas. Alguns senhores bispos muito acerta-

damente prohibem que os parochos nesses dias deixem a séde de sua parochia, e até ordenam-lhes de fazer alguma cerimonia religiosa. O vigario deve, pelo menos, de dois em dois annos, chamar missionarios para pregar em sua parochia. Uma missão bem feita faz em poucos dias o que pelo vigario não poderá ser feito em muitos annos, por mais competente e zeloso que elle seja. Os factos demonstram claramente esta verdade. Se os missionarios devem procurar augmentar a auctoridade e o prestigio do vigario, este por seu turno os deve cercar de toda estima e consideração; e lhes facilitar tudo quanto puder concorrer para os santos resultados da missão. Quando os missionarios não encontram as devidas disposições por parte do vigario, os fructos da santa, missão ficam muito prejudicados.

Parte quarta.

Todos os sacerdotes, seja qual fôr a sua occupação, o seu emprego, a sua graduação, devem sempre seriamente meditar sobre a sublimidade, a soberania, a santidade do seu estado, do seu character, da sua divina missão. São Paulo diz que nós somos ministros de Nosso Senhor Jesus Christo, seus embaixadores, seus auxiliares, dispensadores dos thesouros de suas graças. São Clemente diz que o sacerdocio é a summa de todos os bens, que existem nos homens. O sacerdote é immensamente superior a todos os soberanos da terra. Estes governam o corpo, aquelle governa a alma; estes podem fazer a felicidade na terra, aquelle a pode fazer no céo. São Martinho, bispo, estava no palacio do imperador Maximo; e no jantar o imperador deu-lhe o cópo para beber, e elle, depois de beber, em vez de immediatamente dar o cópo ao imperador, deu-o ao simples sacerdote, que lhe servia de secretario. Elle quiz mostrar ao imperador que o simples sacerdote é superior aos soberanos do mundo. E' certo que Deus convida'e destina todos os homens a ser santos. No Levitico elle nos diz: Sêde santos, porque eu sou santo. Santificai-vos, porque eu sou o Senhor vosso Deus. São Paulo tambem em muitos lugares de suas Epistolas convida todos os christãos á santidade. Porque já sabeis, nos diz elle, que preceitos vos tenho dado por autoridade do Senhor Jesus. Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação; que vos abstenhais da impureza; que saiba cada um de vós possuir o seu coração em santificação. Em outro lugar nos diz o mesmo apostolo: Mas agora que estais livres do peccado,

e que haveis sido feitos servos de Deus, tendes o vosso fructo em santificação, e por fim a vida eterna. Se, pois, todos os homens devem procurar tornar-se santos, muito mais o devem os sacerdotes, que devem servir de guia, de modelo para o povo. Deus de um modo todo particular recommenda a perfeição e a santidade aos sacerdotes, que são os seus legitimos representantes. No antigo Testamento já Deus mandava que os sacerdotes procurassem santificar-se. Sereis para mim santos, diz elle, porque santo sou eu o Senhor, e porque vos separei dos outros homens para serdes meus. Em outro lugar elle diz aos sacerdotes: Purificai-vos, vós que conduzís os vasos do Senhor. O que dizer-se dos sacerdotes da nova lei, que, não só conduzem os vasos sagrados, mas conduzem e até mesmo todos os dias em seu peito recebem Nosso Senhor? São Pedro dizia aos primeiros ministros do Evangelho. Conforme é santo aquelle que vos chamou, sêde vós tambem santos em todas as vossas acções. São Paulo dizia tambem: Tendo, pois, recebido estas promessas, purifiquemo-nos de toda immundicie da carne e do espirito, aperfeiçoando a nossa santificação no temor de Deus. Jesus disse aos seus sacerdotes: Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo. Como faz o sal, o sacerdote deve por seus exemplos preservar os homens da corrupção, e dar-lhes gosto para a virtude; como luz elle deve a todos mostrar os perigos que devem evitar, indicar o caminho, que devem seguir.

Elle deve procurar santificar-se, e procurar tambem a santificação de todos os homens, pois é o continuador da missão de Jesus Christo. Quando Jesus chamou os seus apóstolos, lhes disse que os faria pescadores de homens. O grande São João Chrysostomo diz que arrebatat almas ao mundo, para entregal-as a Deus, é o officio ou emprego do sacerdote. *Rapere animas mundo et dare a Deo, est officium sacerdotis.* Tratando de santificar as almas, não deve nunca negligenciar a sua propria santificação. A este respeito devem os sacerdotes ter sempre em lembrança os sabios conselhos dados por São Bernardo ao Papa Eugenio terceiro. «Eu sei, dizia esse grande Santo a Eugenio terceiro, que a eminencia de vosso cargo prende-vos a um numero infinito de affazeres, e occupações, que hão de muito dissipar o vosso espirito, e partilhar o vosso coração; mas ponde no numero dos vossos grandes affazeres a vossa salvação; e tendo cuidado de toda a Igreja, não vós esqueçais de vós mesmos. *«Quid prodest si universos lucreris, teipsum perdens?»* Numa outra occasião o mesmo Santo assim fallou a esse mesmo Papa: «Meu pai e ao mesmo tempo meu filho (pois tinha sido seu discipulo) será possivel que não guardeis para vós um pouco desses cuidados, que empregais para o governo de todo o universo?»

Não sabeis que esses affazeres vos são estranhos, e que o affazer que pessoalmente vos diz respeito, é a santificação de vossa alma? e que se este não for bem succedido, toda a perda será para vós, e ninguem a partilhará comvosco?»

Jesus disse que o que fizer e ensinar, esse será grande no reino do céu. Portanto devemos primeiramente cumprir a sua santa lei, e depois fazer com que todos também a cumpram: devemos primeiro amal-o, e depois fazer com que todos também o amem. Ensinando e aconselhando, participaremos dos meritos das virtudes dos que por nós forem ensinados e aconselhados. Do fundo de sua prisão dois martyres, que tinham sido instruidos e encorajados por São Cypriano, seu bispo, lhe escreveram dizendo: Deus vos dará a devida recompensa pela caridade, que tivestes para conosco. Não é, pois, digno de menor coroa aquelle que exhortou, que aquelle que soffreu: não é menos digno de louvor aquelle que ensinou, que aquelle que fez; não deve ser menos honrado aquelle que instruiu, que aquelle que executou.

Sexagesima sexta Instrucção.

Noções avulsas sobre diversos pontos de doutrina.

Parte primeira.

A immutabilidade em Deus, sendo intrinseca e extrinseca, é absoluta; e a da alma humana, sendo só intrinseca, é relativa, não podendo mudar pela decomposição de partes, que não tem, mas podendo mudar por uma causa extrinseca, que é Deus, que, se quizesse, poderia destruil-a. O peccador não tira a Deus nenhuma perfeição, não lhe causa nenhum mal intrinseco; mas rouba-lhe a sua gloria externa, negando-lhe as homenagens, que lhe são devidas; despreza-o preferindo-lhe as creaturas; viola os direitos, que tem sobre elle, como sua creatura; e quanto está em si, como diz São Bernardo, quer aniquilar a sua justiça e santidade e até mesmo o seu ser, para poder peccar, sem ser castigado. Quando a Escriptura diz que Deus não irrita-se, não pune eternamente, refere-se aos castigos neste mundo. Também muitas vezes ella emprega a palavra inferno, para significar os lugares inferiores e as calamidades. Santo Agostinho exaltando a misericordia divina diz: Deus é um medico, para o qual não ha mal incuravel. Elle perdoou o homicidio a David; a idolatria a Manassés; a detenção dos bens alheios a Achab;

a perseguição dos prophetas a São Paulo; o adulterio a mulher do Evangelho; o furto a Zacheu; o perjuro a São Pedro; o escandalo á Samaritana e á Magdalena. Se ninguem é maior em poder, ninguem tambem é mais rico em bondade e misericordia.

Santo Thomaz de Villa Nova, admirando a bondade de Deus, exclamava: Oh! excesso de bondade! Dais-nos o vosso amor, e por esse amor que de vós recebemos, nos concedeis um paraizo. O vosso amor é um bem tão precioso que, para conquistal-o, deviamos soffrer todos os tormentos; e vós nol-o dais gratuitamente, e ainda nos recompensais com o céu. Santo Agostinho amava tanto a Deus, que chegou a dizer-lhe: Meu Deus, eu vos amo tanto que, se eu fosse Deus, quereria entre nós mudar a sorte, para eu ser Agostinho, e para que vós fosseis Deus. Deus não trabalha e nem está ocioso, porque está constantemente operando, mas sem experimentar cansaço. Quando a Escriptura diz que Deus descansou, quer dizer que deixou de crear novas especies de seres. A sua acção não cessa, porque é elle que sustenta o universo inteiro. Desenvolvendo toda a sua acção na conservação e no governo dos seres, não perde o seu repouso, que nunca poderá cessar. E' unicamente para elle que a acção não perturba o repouso, e este não perturba aquella. O mesmo dá-se com Jesus Christo, que é da mesma natureza e substancia. Jesus nos dá o exemplo para a pratica de todas as virtudes, e mesmo sobre a pratica da oração. O Evangelho nos conta que antes de escolher os seus doze apóstolos, elle passou toda a noite em oração; e ainda nos conta que elle levantava-se de madrugada para orar.

Na primeira edição eu disse que Jesus foi esbofetado perante Annaz; mas agora, estudando com mais attenção a passagem evangelica, intimamente me convenci, que a bofetada lhe fora dada perante Caiphaz, e as provas são convincentes. O evangelista, nem uma só vez, chama Annaz de pontifice; entretanto diz: que Caiphaz era o pontifice daquelle anno; que o pontifice interrogou a Jesus; que Jesus respondeu ao pontifice; que o ministro do pontifice deu uma bofetada em Jesus, perguntando-lhe se era assim que se respondia o pontifice. Assim tudo é feito pelo pontifice, ao pontifice, em honra do pontifece, e o unico reconhecido como pontifice era Caiphaz. Donde claramente se deduz que o facto insultuoso se dera, não perante Annaz, porem perante Caiphaz. Alem de muitos outros autores importantissimos, seguem esta opinião Bresamvido, Guileois, Bridaine, Besson, Chaignon, Didon, Ventura que escreveu uma longa conferencia unicamente sobre a bofetada, historiando e commentando o facto como realizado perante Caiphaz.

O processo de Jesus foi feito contra todas as disposições das leis romanas. O julgamento não podia ser feito á noite : a sentença não podia ser proferida em dia de festa ; devia durar mais de um dia ; e devia sempre o accusado ter defensor, e tambem haver testemunhas de defesa. Os judeus julgaram a Jesus do crime religioso ; mas, como desejavam que elle fosse condemnado á morte, o accusaram do crime politico de ser sedicioso e usurpador, e o enviaram a Pilatos, autoridade romana, que podia condemnar á morte. Jesus antes de morrer disse : Pai, em vossas mãos eu entrego a minha alma. A alma de Jesus, estando hypostaticamente unida á pessoa do Verbo, que está sempre em Deus e com Deus, não podia sahir de suas mãos. Elle, diz Santo Athanasio, recommendava então a Deus todos os fieis, que, cheios de seu espirito, formam com o seu uma só alma. Jesus tambem disse : Meu Deus, porque me abandonastes ? Deus não abandonou, nem podia abandonar seu Filho ; mas o não consolou, como fez aos martyres. Assim esse abandono quer apenas dizer privação de todo allivio e consolo.

Segundo Bedas Jesus quiz conservar em seu corpo as cicatrizes do supplicio da cruz para lembrar aos remidos os extremos de sua misericordia ; e para fazer sentir aos que desprezam os meritos de sua paixão o rigor dos castigos, a que serão um dia condemnados.

Jesus na cruz mostra quanto vale uma alma. Elle ahi está despido, para mostrar que a alma vale mais, que as honras e as riquezas ; está atormentado, para mostrar que a alma vale mais, que os prazeres ; está morto, para mostrar que a alma vale mais, que a vida. Como, pois, empregar-se vinte quatro horas para tratar do corpo, e não empregar, nem meia hora, para tratar da alma ?

Quando Napoleão esteve em Santa Helena fez estas judiciosas ponderações : Tem existido tres grandes capitães : Alexandre, Cezar e eu. Não obstante as suas grandes façanhas. Alexandre e Cezar não passam mais, que um thema para os escolares ; mas hoje quem mais ama-os ? Assim tambem acontecerá a meu respeito. A minha lembrança viverá cincoenta ou sessenta annos no coração de algum bravo ; e depois disso ninguem mais ha de me consagrar amizade. Ha um só homem que é amado sobre a terra depois de dezoito seculos : é Jesus Christo. Eu reconheço-me como homem, e assevero que Jesus não era um homem, é um Deus.

Rosseau dizia : Se a vida e a morte de Socrates são as de um sabio ; a vida e a morte de Jesus Christo são as de um Deus.

Parte segunda.

A religião natural, como entendem os profanos e pretendidos sabios, é uma burla, pois cada um segundo a educação e o meio julgará o que deve prestar a Deus. A verdadeira religião natural é a que Deus revelou ao primeiro homem e aos seus descendentes. E' unicamente Deus que deve prescrever o modo, pelo qual quér ser servido e honrado; e elle o fêz desde o começo pelos anjos, por Moyses, por Jesus, seu divino Filho, e ora o fêz pelo organ infallivel de sua Egreja. Jesus ensinou tudo quanto devemos crer e praticar; e a Egreja não faz mais do que conservar e continuar tudo quanto elle fêz. De então até o fim do seculo a religião só pode ser desenvolvida *subjectivamente*, em quanto que poderá ser mais conhecida, e melhor e mais geralmente praticada pelos homens. A regeneração social e domestica começou com o christianismo, pois até então os proprios sabios ensinavam e praticavam todas as torpezas. A prova é que onde ainda não impera o christianismo, como na Africa, na Arabia, na China, na India, na Turquia, ainda predominam os antigos erros e detestaveis vicios de outrora.

A certeza de nossa fé é absoluta, racional e scientifica. Os apóstolos testemunharam o que viram e ouviram. A nossa fé funda-se sobre factos testemunhados por um povo inteiro, e narrados por testemunhas, que deixam-se matar, para assim garantirem as suas affirmações. Os feitos de Alexandre, de Socrates e de Cezar, dos quaes ninguem ousa duvidar, estão menos provados que os de Jesus Christo. Deismo é o privilegio de crer e fazer o que se quér. Elle consiste em crer em um Deus, sem o definir: ter um culto sem o determinar; admittir uma lei natural, sem conhecê-la; rejeitar a revelação, sem examinal-a. E' um méro palliativo de incredulidade. Quem nega a revelação, pode tambem negar Deus. Os atheus, com razão, lhes objectam que desde que admittem Deus, devem tambem admittir mysterios, milagres, revelação. Assim os deistas consequentes devem tornar-se atheus. Os protestantes crearam os socinianos; estes os deistas; estes os atheus, que julgam Deus ser contrario á razão. Os incredulos só estudam as objecções contra a religião; e não querem estudar a sua refutação. Aceitam sem provas as accusações para assim justificar os seus desmandos. São na realidade mais credulos, que os crentes, pois em qualquér systema de incredulidade encontram-se mais mysterios para crer, que em toda a nossa

santa religião. O christianismo forma uma cadeia indissolúvel; rompendo-a pela admissão de um erro, é forçoso cahir em muitos. Assim para Lutero combater o uso das indulgencias, precisava negar a autoridade da Igreja; para negar esta, era preciso negar a tradição, em que ella funda-se. Negadas a autoridade e a tradição, só lhe restava admittir a Escriptura com a interpretação particular, como unica regra de fé, e dahi viria, como veio, a onda de todos os absurdos.

As primeiras heresias vieram dos judeus, que queriam sujeitar os primeiros christãos á lei mosaica, e dos gentios, mal convertidos, que queriam submeter a doutrina christã á opinião da philosophia.

O que descobre as provas da religião christã é o herdeiro, que descobre os titulos de sua propriedade. Se alguém os declara falsos, deixará elle de averiguar isso com cuidado? Quando apparece um negocio de alta importancia, ninguem deixa de cuidadosamente estudal-o; emprega-se pelo contrario todo espirito, sagacidade, experiencia para bem conhecê-lo. Ha por ventura algum negocio, cuja importancia possa-se de longe comparar com o da religião?

Em religião a maior parte dos sabios profanos são inteiramente ignorantes. Ha verdadeiros sabios, que são sinceramente incredulos; mas isto em nada modifica a autoridade scientifica da religião, nem serve de argumento contra a verdade da fé. Que autoridade tem as asserções de um chimico em historia? Raphael, o grande pintor, poderia dar leis sobre a medicina? Os sabios profanos sabem todas as sciencias profanas, porem em religião ignoram até o catechismo. E' preciso não confundir sciencia humana com divina. Admiremos a sciencia do impio; porem detestemos a sua impiedade.

Parte terceira.

A Igreja catholica é legitima representante de Jesus Christo. Da mesma maneira que no começo do mundo Deus deu ás suas diversas creaturas a sua benção para que pudessem se propagar e multiplicar, cada uma segundo a sua especie; assim tambem Jesus Christo quiz que os apóstolos, paes do novo povo espirital, que elle veio formar, tivessem o direito de transmittir o seu divino ministerio a successores que continuariam a obra de Deus até o fim dos tempos. Isto fez quando disse-lhes: Eis que eu estarei comvosco todos os dias até a consummação dos seculos.

palavras que parecem contrarias aos nossos dogmas, os mesmos em outras occasiões por suas terminantes asseverações e sempre por sua conducta comprovaram esses mesmos dogmas. E se realmente tivessem contrariado á doutrina recebida por todos, como Nestorio e outros, teriam sido eliminados do gremio da Igreja. Santo Thomaz, quando em seu leito de dores recebeu o sagrado viatico, exclamou: Espero, ó meu Deus, nada ter avançado contra a vossa palavra; e se isso aconteceu-me por ignorancia, retracto-me publicamente, e submetto todos os meus escriptos ao juizo da Santa Igreja romana.

Parte quinta.

O Primado romano foi estabelecido por Jesus Christo e é absolutamente indispensavel para conservar na Igreja a unidade de doutrina e de governo. Jesus deu á sua Igreja um chefe no tempo dos apóstolos, que eram confirmados na graça, e eram tambem infalliveis; não o deixará de dar hoje quando esse chefe é ainda muito mais necessario. A Igreja sendo para salvar todos os homens, deve durar sempre; e se as prerogativas de São Pedro não passassem aos seus successores, teriamos um corpo sem cabeça. O Primado, dado a São Pedro sobre toda a Igreja, foi um seu privilegio pessoal; deu-lhe porém Jesus Christo o poder de prendel-o a um determinado lugar. Foi primeiramente conferido sem prisão de lugar, podendo São Pedro exercel-o em differentes lugares; mas tendo a faculdade de prendel-o a um lugar certo. Por inspiração especial e mandado de Deus tendo ultimamente fixado a sua séde em Roma e ahi morrendo, todo o bispo que por legitima successão occupa essa séde, gosa de todo o poder, que São Pedro recebeu de Jesus Christo para si e para os seus successores. Em sua Epistola São Pedro diz: Sauda-vos a Igreja, que está em Babylonia, porque então Roma continha a confusão de todos os idolos e de todos os vicios. Fazendo o devido commentario á essa passagem, São Jeronimo diz que por Babylonia São Pedro referia-se á Roma, asseverando que elle para ahi veio no segundo anno do reinado de Claudio, e que conservou a sua sé por vinte cinco annos, e morreu no ultimo anno do reinado de Néro.

Se elle em parte alguma fixasse séde, o seu successor seria aquelle, que fosse escolhido pela Igreja. Até o seculo treze ninguém negou a residencia de São Pedro em Roma;

e só mais tarde é que os adversarios da Igreja lembraram-se de dizer que elle não esteve em Roma, mas em Babilonia. Porem naquelle tempo a Babilonia da Assiria não existia mais; e a do Egypto era um lugarejo, desconhecido completamente dos judeus. Demais, São Jeronimo, Santo Irineu, Santo Agostinho, Tertulliano, asseveram que foi em Roma, que São Marcos escreveu o seu Evangelho, dictado por São Pedro; e Eusebio até conta que foi quando São Pedro um dia pregava com toda vehemencia e eloquencia, que os seus ouvintes pediram a São Marcos que escrevesse a doutrina de seu mestre, e que, depois de escrito, foi o livro approvado por São Pedro. São Clemente em sua carta aos Corinthios falla do martyrio de São Paulo e de São Pedro em Roma. E, diz elle, por estes dois apóstolos, que começa em Roma a successão episcopal. Todas as listas dos bispos de Roma, dadas pelos Santos Padres, começam por São Pedro. A Igreja grega, separando-se da latina, não contestou a séde de São Pedro em Roma. Em Roma ha o lugar de sua fuga, da sua prisão, o seu altar, a sua corrente, o seu tumulo. Perrone diz que, para não se admittir a estada e a morte de São Pedro em Roma, é forçoso negar toda a historia.

Em 1150 São Bernardo, dirigindo-se ao Papa Eugenio terceiro, que tinha sido seu discipulo, assim falla, reconhecendo a sua soberania sobre toda a Igreja: «Só vós sois, não sómente o pastor das ovelhas, mas o pastor dos pastores. Os outros pastores tem sido admittidos, segundo as regras estabelecidas por vossos decretos, á uma parte da sollicitude; ao passo que vós tendes sido chamado á plenitude do poder. O poder dos outros é restricto a certos limites; o vosso estende-se até aos mesmos que receberam a autoridade sobre os fieis. Não podeis, se houver uma justa causa, fechar o céu a um bispo, depol-o de seu episcopado, e até entregal-o a satanaz? O vosso privilegio permanece sempre inabalavel, porque repousa sobre o dom das chaves e sobre o cuidado de todas as ovelhas, que vos tem sido confiadas».

Os gregos durante os dez seculos, em que estiveram unidos á Cadeira de Pedro, tiveram muitos e notabilissimos santos; e durante os nove seculos, em que estão criminosamente separados, ainda não tiveram um unico santo, embora conservem os mesmos meios de santificação. Isso prova evidentissimamente que só a Igreja de Jesus Christo produz santos; e que essa Igreja é unicamente aquella que conserva a soberania espiritual por Jesus estabelecida para guardar, ensinar, defender e fazer observar toda a sua santissima doutrina.

Por maior que seja o orgulho humano, ainda não houve um homem, que se apresentasse dizendo ser infallível. Lutero e Calvino esbravejaram contra os que contradisseram os seus erros; mas não ousaram dizer que eram infallíveis, porque sabiam que o seu ensino dobra-se sobre o peso das variações, que lhe faz soffrer a mobilidade do espirito humano. E' só o chefe da Igreja catholica que proclama-se infallível e com a calma e sobranceira de quem tem consciencia de proferir a verdade.

A Escripura santa não é, nem mesmo podia ser a unica regra de fé. A Escripura, quando trata-se de verificar o seu verdadeiro sentido, é o objecto da controversia; ora o objecto de uma controversia não pode ser o seu juiz. A Igreja deve dar ao homem, em todos os seus estados, profissão e condição, uma regra segura de conducta, para não offender a Deus. Para esse fim não basta a Escripura, porque, sendo uma lei muito generica, deve ser determinada e applicada aos casos especiaes segundo as leis positivas e por um autoridade. Na sociedade civil, alem da constituição, lei generica, ha leis particulares e magistrados para defendel-as e applical-as. Até agora não ha ainda nenhuma traducção da Escripura na lingua punica que falla-se na Africa; no antigo Hespanhol, na dos leltas, que ainda é fallada pelos Bretões; entretanto ha nesses paizes verdadeira religião.

As prophcias e os milagres, relativos á divindade da doutrina catholica, provam-se mutuamente. Os primeiros christãos, autorizados por milagres observados, acreditaram nas prophcias relativas á divindade da Igreja; e nós, observando o cumprimento exacto dessas prophcias, acreditamos na realisação dos milagres, operados na fundação da Igreja. Essas prophcias são: Estabilidade da Cadeira de Pedro, apezar dos satanicos embates dos hereges e dos impios. A pregação do Evangelho por toda parte. A dispersão dos judeus que continua até hoje. A conversão dos gentios, já realizada.

Sexagesima setima Instrukção.

Conhecimentos uteis.

Cenaculo, em seu sentido natural e generico, é todo o lugar destinado para a cêia. Deu-se particularmente esse nome de *cenaculo* á casa ou compartimento, em que os judeus reuniam-se para celebrar a Paschoa, que consistia em uma cêia, na qual elles immolavam e comiam um cordeiro nas condições e pelo modo, determinados pelas prescripções da lei mosaica. Essa solemnidade, que era a festa mais importante de toda a lei antiga, tinha por fim commemorar, como uma prova de profundo agradecimento a Deus, o livramento do captiveiro do Egypto e toda a passagem miraculosa do povo hebreu pelo vasto e longo deserto, em demanda da tão ardentemente desejada terra da promissão. Tambem tomou a denominação de *cenaculo* a grande e apparatusa sala, em que Jesus Christo, na vespera de sua paixão, depois de cêar com os seus apóstolos e lhes lavar humildemente os pés, instituiu o augustissimo Sacramento da Eucharistia, no qual Elle, o Cordeiro divino, todos os dias immola-se ao seu eterno Pai, e entrega-se á nossa alma como alimento divino, não tendo outro fim, senão nos livrar do captiveiro do demonio, nos santificando e nos encaminhando para o céu, que é a verdadeira terra da promissão.

O concilio de Jerusalem só impoz aos gentios convertidos de abster-se das carnes immoladas aos idolos; do sangue e da carne suffocada, isto é, com sangue; e do vicio impuro. Prohibiu o vicio impuro, porque os gentios o julgavam permittido pela lei natural. Prohibiu as carnes immoladas aos idolos, para não participarem da idolatria. Prohibiu o sangue e a carne ensanguentada, porque o sangue servia para expiação do peccado, e ainda para inspirar horror ao homicidio. Esta ultima prohibição era transitoria.

E' de necessidade de meio crer explicitamente que ha um Deus, soberano Senhor de todas as cousas, que recompensa os bons, que o servem, e castiga os máus, que o offendem. Crer de necessidade de meio, quer dizer que não crendo não pode salvar-se. Para um adulto não ha salvação, se não crêr explicitamente em Deus, a sua providencia, a existencia da vida futura, onde cada um receberá conforme as suas obras. A fé explicita aos mysterios da Santissima Trindade, Encarnação e Redempção, é necessaria á salvação de necessidade de preceito; mas não é certo que seja neces-

saria de necessidade de meio. E' opinião do sabio Gousset. Devem-se crer de necessidade de preceito e saber, ao menos, quanto á substancia : O Credo, o Padre Nosso, os mandamentos, os sacramentos do baptismo, da confissão, da communhão.

Segundo o concilio de Trento é pelos sacramentos que toda justiça começa ; ou já começada, augmenta-se ; ou perdida, recupera-se. O peccado é o maior mal, que pode haver. Um pai não pode deixar de interessar-se por seu filho ; porisso naturalmente alegra-se com o seu bom procedimento e entristece com os seus desmandos, embora o procedimento de seu filho em nada lhe aproveite ou prejudique. O mesmo dá-se entre Deus e o homem. Quem diz : que mal faz o meu peccado a Deus ? é um impio, que ajunta á iniquidade a blasphemia.

Tertulliano diz que o peccador é um homicida de sua alma. O peccado é a espada, de que elle serve-se para matar-a. O que commette uma falta grave, falla, anda, diverte-se ; e portanto o julgais vivo. Ah ! o que nelle vive, é unicamente o corpo ; mas a alma está completamente morta : é a casa que está em pé ; mas o seu dono, que, nella habita, está morto, é um cadaver.

Toda virtude denota uma fraqueza, uma miseria, e traz uma triste lembrança. A fé denota cegueira ; a esperança, pobreza ; a penitencia, crime ; a paciencia, afflicções ; a humildade, miseria ; a mortificação, concupiscencia ; a submissão, dependencia ; a pureza, tendencia vergonhosa. E' só a caridade que recorda grandeza, a caridade divina.

O impudico perde a noção de tudo quanto é grande, nobre e santo. Perde o conhecimento de si mesmo : não se respeita : perde o conhecimento do peccado : acha que tudo é licito para satisfazer aos máus desejos ; perde o conhecimento de Deus : zomba de tudo quanto ha de mais santo e sagrado.

Santa Thereza dizia que a humildade é a verdade ; entretanto que considerava-se como uma grande peccadora, e ao mesmo tempo commungava todos os dias. E' que ella julgava-se peccadora, porque, não obstante as grandes graças recebidas, não tinha se aperfeiçoada, como podia e devia ; e porque julgava-se menos perfeita que outros, que reputava mais virtuosos, e principalmente em relação a Deus.

A doutrina de Jesus Christo tem um fim especialmente pratico : é a justiça christã, que consiste em evitar o mal e fazer o bem ; em fugir o peccado, e praticar a virtude. Elle não se contenta com uma crença esteril. A profissão de sua doutrina, as orações nada valem aos seus olhos, se não são acompanhadas de obras de justiça. Elle

unicamente pede e unicamente recompensa as acções. Elle mesmo diz que só reconhecerá os seus discipulos pelas obras, como a arvore se reconhece pelos fructos. Toda a arvore, diz elle, que não produz bons fructos, será cortada e lançada ao fogo. Elle amaldiçoou uma figueira, que ostentava uma frondosa folhagem, mas que não produzia fructos. Nem todos que dizem-me: Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céos; porem unicamente os que fizerem a vontade de meu Pai.

A justiça christã começa por destruir o peccado, para depois sobre suas ruinas levantar o edificio das virtudes. Só no momento da morte é que poderemos devidamente avaliar a perversidade do peccado. Uma grande viga, enquanto está boiando sobre a superficie das aguas, pode ser facilmente movida, até por um menino; mas quando ella está posta na praia, desafia os esforços de muitos homens. Assim nas ondas desta tempestuosa vida o peccado é falta leve; mas na morte, na beira da eternidade, conheceremos toda a sua enormidade.

A justificação do peccador é operada pela graça divina mediante as seguintes condições: O peccador ou infiel deve crer o que Deus revelou, e que só podemos ser justificados por Jesus Christo. Deve esperar com confiança o perdão pela misericórdia divina. Deve começar por amar a Deus; detestar o peccado, propondo viver uma nova vida agradável a Deus; receber o sacramento do baptismo, ou se já for baptizado, receber o sacramento da confissão. Preparado pela fé, esperança, amor e arrependimento, o Espirito Santo infunde na alma do peccador a graça santificante, e com ella o perdão dos peccados: a santidade interior, pela qual elle torna-se justo, agradável á Deus, filho de Deus e herdeiro do céu. E' de fé que o justo não pode evitar todos os peccados, inclusive os veniaes, sem o auxilio ou favor especial de Deus.

Não podemos ter uma certeza absoluta de que seremos salvos, porque somos tão inconstantes; porem podemos ter uma certeza moral de estarmos na graça e amizade de Deus, tanto que tranquillos e contentes recebemos a sagrada communhão.

Ha differença entre o bem e o mal. O homem é livre de escolher entre o bem e o mal. Quem faz o mal, merece castigo; quem faz o bem, merece recompensa. Ha uma relação necessaria entre virtude e recompensa, e entre vicio e castigo. Quanto á virtude, a satisfação da consciencia é passageira e insufficiente para impellir o homem á sua pratica. Quanto ao vicio, a justiça humana pune unicamente o roubo, a injustiça clamorosa, o homicidio; mas deixa im-

punes o deboche, o odio, a vingança, a calumnia, a ingratiidão, os máus pensamentos e os desejos criminosos. E' portanto forçoso que haja uma outra vida, em que a virtude seja devidamente recompensada, e o vicio devidamente punido.

A vida, segundo a Escriptura, exclue os soffrimentos. Viver sempre nos tormentos, não é viver, mas é morrer eternamente. E' a segunda morte, e que é propriamente morte. Aqui, porque temos soffrimentos, não temos verdadeira vida, mas morte relativa; lá, no céu, não havendo soffrimentos, é que teremos verdadeira vida. Se amamos esta, que não é verdadeira, quanto mais não devemos amar aquella, que é a verdadeira? Segundo Origenes e Theodoreto, cobrir os peccados, na linguagem biblica, significa extirpal-os tão radicalmente, que delles nem vestigio fica.

Se Deus, perdoando a culpa e a pena á ella correspondente, perdoasse tambem toda a pena pelo damno, facilitaria a reincidencia no crime.

A beatice, contra a qual tanto bradam os mundanos, é condemnada pela religião; porem ella é muito menor crime, que a ignorancia religiosa, o abandono dos deveres, as bebedeiras, os jogos, as impudicicias, os escandalos. Não é só o abuso das praticas religiosas, que constitue crime, mas tambem o abuso de todas as outras cousas. Porem os mundanos toleram todos os abusos, e só se incommodam com a beatice.

Foi em 1675, no convento da Visitação, em Paray-le-Monial, em Charolais, que Jesus appareceu á Margarida Maria e lhe descobriu os thesouros de amor, de que seu Coração é inflammado por nós, e lhe pediu o estabelecimento de uma festa em sua honra. Esteve ella durante vinte annos em communicação frequente com Jesus, e sempre exposta a desgostos e contradicções. A final em 1720, por occasião da peste em Marselha, a devoção foi estabelecida. Ella tem por objecto o Coração embriagado de amarguras pelas ingratiidões, e abrasado de amor. E' desse Coração que nasce toda caridade, e nos vem todos os bens. O seu fim é o tributo de amor, de reconhecimento e de reparação. Os efeitos são, para todos, os socorros necessarios ao seu estado, a paz nas familias, o allivio nos trabalhos, o consolo nas miserias, as benções do céu em todas as emprezas. Acharão lugar de repouso nesse Coração durante a vida e principalmente na morte.

A devoção do santo escapulario de N. Senhora do Carmo. Ella teve por começo dois apparecimentos de N. Senhora, um ao bemaventurado Simão Stock, outro ao Papa João 22. Ao primeiro N. Senhora revelou a devoção ao santo

escapulario e prometeu livrar das penas eternas os que piedosamente morressem trazendo essa piedosa insignia ; ao segundo ella recommendou a devoção, e prometeu tirar do purgatorio, no primeiro sabbado depois da morte, as almas dos devotos do escapulario. Antes de escrever sobre esta importantissima devoção, li tres autores catholicos de grande nota, e pedi a Deus que me inspirasse, para eu não escrever, nem uma só palavra, que pudesse de leve offender a sua magestade ou a honra de sua Mãe Santissima. Eis com toda sinceridade e diante de Deus as conclusões do meu estudo e meditação sobre essa santa devoção. Embora não haja uma expressa decisão dogmatica da Igreja, acredito e julgo que todos os catholicos devem acreditar no apparecimento e nas revelações, feitas por N. Senhora aos dois illustres personagens, supra referidos, pois elles, que são tão distinctos pelas suas virtudes e ao mesmo tempo por seus conhecimentos theologicos, solemnemente asseguram e garantem a realização desses dois santos acontecimentos. Julgo porem que se deve entender o cumprimento dessas promessas de modo a não offender, nem contrariar a doutrina catholica sobre a expiação e a satisfação, devidas á justiça divina pela culpa e pelos danos occasionados pelo peccado, mesmo o venial. Assim, quanto á primeira promessa, por nada devemos acreditar ou que o devoto do escapulario que morrer em peccado mortal possa ser livre das penas eternas, ou que, só pelo facto de ser devoto dessa associação, já esteja preservado de morrer no estado de peccado mortal ; porque a primeira supposição vai de encontro á justiça divina, e a segunda destroe a liberdade humana. E, quanto a segunda promessa, julgo que nunca poderemos acreditar que o devoto que morrer sem estar purificado deixe de ir ao purgatorio, ou que desse lugar possa sahir e ir para o céu antes de ter expiado pelos tormentos ou ter satisfeito pelos suffragios da Igreja militante as penas temporarias, devidas por todos os peccados perdoados e pelos veniaes ainda não perdoados ; porque ambas essas supposições são contrarias á doutrina catholica sobre os dogmas do céu e do purgatorio, e não se conciliam com a justiça e a santidade de Deus.

Entendo que N. Senhora, para cumprir a primeira promessa, ha de conseguir de Deus todas as graças necessarias para que os devotos do escapulario possam facilmente viver e morrer na amizade de Deus, e assim serem livres das penas eternas ; e, quanto a segunda, penso e acredito que ella dará aos seus devotos todos os meios e recursos para que possam aqui no mundo satisfazer plenamente á justiça divina por todas as penas temporarias, devidas aos seus peccados ou então fará com que no purgatorio, antes do primeiro

sabbado, recebam por intermedio dum parente ou dum amigo os preciosos merecimentos duma indulgencia plenaria. Porem, quanto á realizção das duas promessas, devem ficar sempre salvos os direitos de Deus, e o poder que tem todo homem de rejeitar as graças divinas, sem as quaes nada tem merecimento algum para o céo.

Ainda podemos suppor que N. Senhora possa conseguir de Deus que proceda para com as almas dos devotos do escapulario, como elle procederá no fim do mundo com as almas que estiverem em sua amizade, sem entretanto estarem perfeitamente purificadas, fazendo em um só momento soffrer pela intensidade tudo, quanto deveriam soffrer durante annos e séculos. Nesta supposição muito realisavel a segunda promessa seria cumprida sem a minima offensa á justiça divina.

Para corroborar tudo quanto expendi sobre a realizção das duas promessas, lembro que a propria Escripura Santa promette a salvação a actos, que á ella realmente conduzem, mas que dependem de condições essenciaes, que não podem ser preteridas. Assim São Paulo promette a salvação á fé e á esperanza; São Thiago a quem converter um peccador; Tobias a quem fizer a esmola. Racionalmente entende-se que esses escriptores sagrados asseveram que, em recompensa dessas virtudes, Deus dará graças abundantes e efficazes aos que as praticarem, para que com facilidade possam viver e morrer em sua santa amizade, e assim serem salvos. Mesmo entendidas por esse modo, essas duas promessas não deixam de ser muito importantes e dum preciosissimo valor, pois dão aos felizes devotos do escapulario grandes e fundadas esperanças de por intermedio de N. Senhora receberem de Deus auxilios, meios, recursos poderosissimos para, mediante a sua correspondencia á vontade divina, serem preservados das penas eternas do inferno e mesmo das penas temporarias do purgatorio. Alem disso, é certissimo que essa devoção é de summa importancia, porque é muito recommendada pela Santa Egreja, e é ainda engrandecida e exaltada pelo proprio Deus, que em seu favor já tem operado tantos e tão estupendos prodigios. Ella é tambem enriquecida de innumeraveis e preciosissimas indulgencias. Felizes dos que, á ella pertencendo, cumprem com todos os santos deveres, que lhes são prescriptos. Eis o meu juizo a respeito dessa tão piedosa e santa confraria; juizo que submetto inteira e incondicionalmente ao juizo infallivel da Santa Egreja, cuja doutrina sempre tenho procurado fielmente professar, ensinar, defender e recommendar tanto, quanto, com a graça divina, de mim tem dependido.

Nas Instruções sobre o peccado, pag. 241; sobre o purgatorio, pag. 425; sobre indulgencias, pag. 432; os leitores en-

contrarão os principios theologicos, que clara e plenamente explicam e justificam o meu modo de entender as duas promessas, feitas por N. Senhora aos devotos do seu santo escapulario. E como prova da minha sinceridade declaro que pertença á essa religiosa confraria, e que trago sempre commigo o santo escapulario.

Deus sendo justo não deixa nenhuma boa acção sem recompensa. As boas, feitas com vistas humanas, não tendo de receber recompensa no céu, hão aqui necessariamente receber as recompensas; e as que não recebem aqui recompensas, é porque foram feitas com pureza de intenção, e hão de ser recompensadas no céu.

Os que deixam tudo por amor de Jesus e por causa do Evangelho, continuarão a ter contra si as perseguições dos máus; porém, não obstante não lhes faltarão os soccorros e as benções divinas, e até os bens que tiverem renunciado lhes serão compensados ao centuplo, aqui mesmo no mundo (pela saude, paz, consolação). São Marcos cap. 10 versos 29 e 30.

São Lourenço Justiniano dá tres provas do amor de Deus: Livremente pensar em Deus; livremente fazer tudo por Deus; livremente soffrer tudo por Deus.

No momento em que, num festim em seu palacio, em companhia de suas concubinas, Balthazar profanou os vasos sagrados, que seu pai Nabuchodonosor tinha furtado do templo de Jerusalem, a figura de uma mão escreveu na parede da sala estas palavras mysteriosas: *Manés, Thecél, Pharés*. Ninguém podendo explicar essas palavras, Daniel, inspirado por Deus, deu dellas a verdadeira explicação, que foi a seguinte: «*Manés*: Deus tem contado os dias de vosso reino e tem marcado o seu fim. *Thecél*: Tendes sido pesado na balança divina, e fostes considerado leve, sem merecimentos. *Pharés*: O vosso reino será dividido e dado aos Médas e aos Persas.» Nessa mesma noite Babylonia foi tomada de assalto e Balthazar foi assassinado. No momento da morte os grandes peccadores hão de ouvir soar essas aterradoras palavras. *Manés*: O numero de vossos dias, em que deverieis trabalhar para a salvação, está terminado. *Thecél*: Sois muito leves de boas obras, e o numero de vossos crimes vos arrasta para o inferno, que é a morte eterna. *Pharés*: O reino do céu, que vos era destinado, vos é arrebatado para ser dado á outros mais fortes e valentes.

O poder ecclesiastico, porque é a expressão do divino, está tão acima do poder civil, como o céu está acima da terra. Sobre esse ponto de doutrina o Papa Innocencio 3.º fez as seguintes ponderações ao imperador Aleixo Comenene, que queria pôr a coroa acima do sacerdocio: «Deus tem

feito dois grandes luminares no céu: um maior para presidir o dia; outro menor para presidir a noite. O céu figura a Igreja, e o dia as cousas espirituaes; a terra figura a sociedade civil; e a noite as cousas temporaes. Deus tem portanto posto no mundo duas grandes dignidades, que são a autoridade pontifical e a real. Mas a que preside o dia, isto é, as cousas espirituaes, é muito maior e mais elevada, que a que preside a noite, isto é, as cousas temporaes; e assim ha tanta differença entre o sól e a lua, quanta ha entre os pontifices e os reis.

Podemos contar os beneficios que recebemos de Deus, e até mesmo nos alegrar do bem que fizemos com o auxilio desses beneficios, com tanto que attribuamos tudo a Deus, e tenhamos em mira unicamente a sua maior gloria. Em sua Epistola segunda aos Corinthios São Paulo conta os seus trabalhos e soffrimentos; narra os esforços de seu zelo; relata as grandes graças que recebera de Deus, mesmo o seu arrebatamento em espirito até o terceiro céu. Eu conheço, diz elle, um homem em Christo, que ha quatorze annos foi arrebatado ao céu. Por esse tal homem me gloriarei; mas por mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas.» Pelo que vê-se que o Apostolo distingue em si duas pessoas: uma que, sem meritos seus, é accumulada de summos beneficios de Deus; e outra que a experiencia quotidiana lhe mostra estar sujeita a muitas fraquezas. Pela primeira elle quer e pode com toda certeza gloriar-se, porque essa gloria attinge directa e immediatamente só a Deus, porque só Deus operou com sua graça, para produzir essa visão; mas por si mesmo, isto é, pela outra pessoa, que distingue em si, não querendo gloriar-se, em quanto que com os seus trabalhos produziu algum fructo, que tambem é devido á graça divina, demonstra que, não obstante as muitas tribulações que padece, é em sua propria fraqueza um mero instrumento nas mãos de Deus. Declara o Apostolo que contou os seus trabalhos e os beneficios recebidos de Deus, só para edificar os Corinthios. Fica portanto claro que á imitação de São Paulo pode o missionario contar os prodigios operados por Deus durante as missões, sempre que isso possa attrahir o povo ao conhecimento da religião, e abrir caminho á pregação do Evangelho. Convem tambem contar os favores recebidos de Deus, quando isto pode edificar e concorrer para a santificação das almas. Quando Jesus prohibe de contar os bens que se fazem, e os favores que se recebem, é por que então por motivo particulares isso não convem.

Para confirmar o que fica exposto, recommendamos a leitura do que dissemos relativamente á verdadeira humildade.

São Paulo assevera que, para ter o necessario para a sua honesta subsistencia, trabalhava com as suas proprias mãos. Naquelle tempo não havendo ranchos nas estradas, elle fazia barracas para vender aos viajantes.

O nome de Maria contem cinco letras. M : mãe de Deus e dos homens. A : abrazada do amor de Deus e de zelo pela salvação dos homens. R : rica dos dons e dos privilegios divinos. I : illuminada pelos meritos de todas as virtudes. A : advogada de todos os peccadores.

A prophesia, que annunciou que a Egreja formaria um só rebanho sob a obediencia de um só pastor, já está realizada, pois não ha mais distincção entre judeus e gentios. E' um erro pensar que antes de acabar o mundo todos não de ter abraçado a fé christã. O texto de São Lucas, cap. 18, ver. 8, prova inteiramente o contrario, pois ahi diz Jesus: Quando vier o Filho do homem, julgais vós que achará elle alguma fé sobre a terra?

No juizo particular tudo acabrunha o peccador. O juiz será Jesus, que por elle foi desprezado. Os pontos de accusação serão os mandamentos, os sacramentos e as graças pelo peccador desprezadas; e os peccados e escandalos numerosos e enormes, por elle commettidos. Os accusadores serão a consciencia, os pervertidos, o demonio e o proprio Jesus. As escusas serão vãs, porque versarão sobre a fraqueza e sobre a ignorancia. Eram fracos, porque não recorriam á oração e aos sacramentos para fortificarem-se; eram ignorantes, porque liam os máus livros e não os bons; porque se aconselhavam com os máus e não com os bons. Depois de lavrada a sentença de condemnação, marchará o peccador para o seu desastroso e eterno destino.

Quando Jesus escreveu na areia, expressou todos os peccados dos que accusavam e queriam apredejar a mulher adúltera.

Deus pode servir-se dos máus para fazer prophecias annunciando acontecimentos futuros, como aconteceu com Caiphaz. Pode tambem servir-se dos máus para operar prodigios em beneficio dos bons, pois Jesus em seu Evangelho nos diz: Muitos me hão de dizer: Por ventura em vosso nome não prophetizamos, e não operamos cousas prodigiosas? então eu lhes responderei: Não vos conheço. Apartai-vos de mim, vós que fazeis a iniquidade. São Paulo tambem diz: Se eu prophetizar, se transpuser as montanhas, e não tiver a caridade, nada sou. O que prova que prophetizar e operar prodigios não é indicio certo de santidade; e que os santos podem não ser prophetas, nem thaumaturgos.

Maria Magdalena ungiu os pés de Jesus com perfumes por duas vezes, em diferentes occasiões. A primeira vez

ou proveito a essas associações, incorrem em pena de ex-communicação, especialmente reservada ao Papa. (Appendice do Concilio Plenario paginas 328 á 345, e resposta da Sagrada Congregação de Propaganda Fide de 15 de Julho de 1876). A Pastoral Collectiva em seu numero cinco condemna de peccado grave os que põem seus filhos em escolas ou collegios protestantes.

Sem licença de seus pais não se pode baptizar o filho de judeu ou de qualquer outro infiel, excepto nos seguintes casos: no perigo imminente de morte; quando se acha fora do dominio dos pais; quando um dos pais consente; quando o proprio menino, já tendo razão, pede. Os filhos dos christãos podem ser baptizados contra a vontade dos pais.

Segundo a determinação de Pio X, de 15 de Junho de 1909, os religiosos secularizados, quer perpetuamente, quer temporariamente, não podem ter qualquer cargo, officio ou beneficio nas egrejas cathedraes; nem cargo ou magisterio nos Seminarios, nos Institutos clericas; nem nenhum officio ou emprego nas Curias episcopaes.

O habito clerical foi lembrado pela primeira vez no Concilio de Trullo no anno de 692. Foi primeiramente branco, depois pardo, depois rôxo, e ultimamente preto.

No Oriente o dia, em qualquer estação, era dividido em doze periodos iguaes, chamados horas, começando a primeira hora ao nascer do sol. De modo que o meio dia sempre correspondia á sexta hora.

Os anjos são noventa e nove vezes mais numerosos, que todos os homens que estarão reunidos no dia do juizo universal.

A moéda, que no Evangelho é tratada de *talento*, corresponde a um conto e duzentos da nossa moéda.

A imprensa começou em 1436, tendo como seu inventor Gutemberg, nascido em Majença. O primeiro livro impresso foi a biblia.

A palavra é um pouco de ar, posto em movimento. Quando ella anima-se por grandes imagens e movimentos, é a eloquencia; quando mede os sons em um verso harmonioso, é a poesia; quando é pronunciada do alto de um tribunal, é a justiça. Esse ar apenas deslocado, remove os limites dos imperios; subleva ou aplaca os povos; e faz prevalecer, conforme o genio que a inspira, a verdade ou o erro, o vicio ou a virtude. Eis o que o homem faz da palavra; e Deus della não saberia servir-se para purificar, absolver, curar?

E' abuso querer que cada um saiba tudo.

A vida social é como a do corpo humano, resultado de tantas funcções diversas. Todas essas funcções são excellentes

em seu genero, sendo umas elevadas, outras modestas ; todas porém são necessarias, subordinadas, e completam-se mutuamente. O systema moderno quer que todos os membros sejam cabeças. Dahi vem uma sociedade de bachareis desoccupados ou empregados em cargos não scientificos. Cada um para aquillo, para que tem aptidão. Cada um procure saber o que aproveita á sua profissão. Que necessidade ha de saber chimica para ser militar? algebra para ser advogado? astronomia para ser magistrado? grego para ser engenheiro? anatomia para ser professor publico? Em regra generalissima os que querem saber tudo, de tudo nada ficam sabendo.

Os sete sabios da Grecia existiram seiscentos annos antes de Jesus Christo. O primeiro foi Thales, que escreveu no frontespicio do templo de Apollo em Delphos estas palavras: *Conhece-te a ti mesmo*. O segundo foi Solon, que tinha como lemma: *Em tudo olha para o fim*. O terceiro foi Cleobulo que tinha como lemma: *Em tudo moderação*, e que sempre dizia: Fazei bem aos amigos para ganhá-los sempre mais, e aos inimigos para convertel-os em amigos. O quarto foi Bias de Priene, que tinha como lemma: *Tudo quanto tenho trago commigo*. O quinto foi Chilon; o sexto, Pittaco; o setimo, Periandro.

Segundo Santo Agostinho, as lagrimas são para o homem o thesouro de seu coração, o sangue de sua alma. Quando despojado de tudo, resta-lhe esse recurso, esse bem, esse poder. As lagrimas são o patrimonio do infeliz e a consolação do pobre. E' derramando diante de Deus uma só gotta desse sangue de sua alma, que elle expia as faltas, e resgata o seu passado. Como é que Deus não teria preso o perdão a esse sangue da alma? Se o homem se compadece das lagrimas, quanto mais Deus?

Ha muita illusão a respeito de riqueza e de pobreza. Muitos entre os bons catholicos pensam que todos os ricos são inimigos e que todos os pobres são amigos de Deus; porém é um grande engano, pois tanto na pobreza como na riqueza, podemos ser adversarios, ou affeioados de Deus. Tudo inteiramente depende de viver-se ou não na perfeita amizade de Deus. Na amizade de Deus tudo é proveitoso; sem a amizade de Deus tudo é damnoso.

Os que amam a Deus, procuram os bens da fortuna sem offender a consciencia, nem a dignidade, nem a honra; porém unicamente pelo trabalho licito e honrado, que constitue uma grande virtude; quando conseguem a posse de uma fortuna, honrada em sua origem, conservam-na sem preocupações, sem apego desordenado, e della procuram dispor para a honesta subsistencia de sua familia, para soccorrer os necessitados, para promover as prosperidades da patria, e para

a manutenção da magestade e do brillantismo do culto divino. Abençoada riqueza, que concorre para fins tão justos, nobres e santos! Os que não amam a Deus, procuram os bens terrenos, sacrificando tudo quanto ha de mais sagrado, até a saude, até a vida, até a alma, até o seu proprio Creador. Essa fortuna é inteiramente inutil, até para o seu proprio possessor, que, para nella não tocar, soffre as mais extremas necessidades; e para augmental-a, sujeita-se aos mais vis e degradantes vexames. A sua posse serve unicamente para favorecer ao seu orgulho, acariciar a sua soberba e vaidade, tornando-os desfructaveis e até mesmo despreziveis aos olhos de todo o homem sensato e honrado. A sua posse serve para endurecer e embrutecer o seu coração, ao ponto de animal-os á pratica das mais clamorosas injustiças e das mais revoltantes atrocidades, tornando-os crueis algozes de todos os que vão de encontro aos seus criminosos designios. A sua posse serve para ter todos os meios e recursos de plenamente satisfazer aos seus desejos sensuaes e criminosos, aos seus degradantes instinctos de brutos, os mais libidinosos. A sua posse serve para roubar a sua tranquillidade, a sua reputação, a sua saude e, muitas vezes, até a sua propria vida. A sua posse serve principalmente para convertel-os em rancorosos inimigos de Deus, destinados á tristissima sorte de, depois de uma vida ingloria, desprezivel e tormentosa sobre todos os respeitos, entrar no profundo e medonho abysmo duma desgraça eterna. Amaldiçoada riqueza, que tanto prejudica a todos e especialmente ao seu infeliz e criminoso possessor!

Os que não amam a Deus soffrem a pobreza sem paciencia, sem resignação: e, portanto, soffrem muito mais e sem nenhum merecimento. Não resignando-se, maldizem-se, imprecam e blasphemam contra Deus, tornando-se dignos dos mais tremendos castigos. Não conformando-se com a santa vontade de Deus, entregam-se á bebedeira, ao furto, ao assassinato, ás vezes, até ao nefando e satanico crime do suicidio, que é a suprema desgraça para esta e principalmente para a vida futura, que é eterna. Maldicta pobreza que tão profundamente degrada a sua victima aos olhos dos homens e mui particularmente aos de Deus!

Os que amam a Deus, tanto quanto depende de si, procuram por um trabalho honroso os necessarios meios de subsistencia; e se, por motivos independentes de sua vontade, são condemnados a ser pobres, acceitam a pobreza como vinda das mãos de Deus para justamente castigar as suas faltas, ou para experimentar a sua paciencia, avivar a sua fé, aperfeiçoar as suas virtudes. Soffrendo com resignação, soffrem muitissimo menos, e com immenso merecimento perante

Deus. Os que na pobreza inteiramente conformam-se com a santa vontade de Deus, em muito pouco tempo formam um immenso e riquissimo thesouro para o céo. Os que vivem na amizade de Deus e por isso são perfeitamente resignados em suas privações, são pobres de dinheiro, de vestuario, de comida; porém são riquissimos das graças divinas, dos dons celestes, que valem immensamente mais, que todas as sêdas, purpuras, joias, diamantes do mundo inteiro. Venturosa, mil vezes venturosa, essa pobreza, que é nobre diante dos homens e preciosissima diante de Deus!

Quando Jesus Christo disse: Ai dos ricos! E' mais facil uma grossa corda passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no céo, elle se referia aos ricos que ganharam a sua fortuna com o sacrificio de sua honra e de sua consciencia; ou que usaram dos seus haveres, para perseguir os pobres e manchar a sua alma com os mais torpes e hediondos crimes. Os bons ricos, que souberam ganhar e empregar a sua riqueza, irão para o céo fazer companhia com Abraham e muitos outros que lá estão e estarão sempre reinando com o unico e verdadeiro rico, que é Deus, que tudo creou e conserva, e a quem tudo pertence. Assim, se a criminosa riqueza é enorme peso, que impelle a alma para o inferno, a riqueza honrada em sua origem e em seu fim, é a escada pela qual a alma do bom rico sobe até junto do throno de Deus.

Quando Jesus Christo disse: Bemaventurados são os pobres; elle com certeza referia-se aos que vivendo sempre na graça divina, soffrem tudo por amor de Deus e unicamente para agradar a Deus. Os máus pobres, que não souberam amar a Deus, depois de soffrer tanto nesta vida e sem honra e sem merecimento, irão fazer companhia lá no inferno com os muitos que serviam-se da pobreza para mais desagradar e offender a Deus. Os bons pobres, que, mais do que o dinheiro, ardentemente desejavam amar e servir a Deus, irão eternamente gosar no céo de todas as infinitas riquezas de Deus. Assim, se a pobreza criminosa é um feroz algoz, que depois de torturar a alma nesta vida, irá tortural-a ainda muito mais na outra vida, que não terá fim; a pobreza santa é um anjo, que depois de tanto consolar a alma neste mundo, irá ainda infinitamente mais consolar-a lá no céo pela posse venturosa duma bemaventurança eterna, no seio do Senhor de todas as verdadeiras riquezas.

Para que não haja minima illusão sobre o verdadeiro sentido desta phrase: *Viver na amizade de Deus*, ainda mais uma vez explicamos que unicamente são amigos de Deus os que em sua consciencia não conservam nenhum peccado mortal; porque o peccado mortal, nos aparta de Deus e nos torna seus inimigos. E' esta uma verdade de fé.

Sexagesima oitava Instrucção.

Proverbios e conselhos dos grandes sabios.

São Gregorio, o grande, recommendava muito cuidado com os olhos. Os olhos, dizia elle, são seductores e estão sempre promptos a nos impellir para o crime. Elles são ladrões, que despojam a nossa alma. Elle citava estas palavras de Jeremias: Os meus olhos tem arruinado a minha alma; e terminava com este conselho: Não devemos olhar tudo quanto Deus nos prohibe de desejar.

A verdade tolera ás vezes o erro, para do confronto tirar para si um novo brilho; mas o erro nunca tolera a verdade, porque é a sua falsificação. Assim tambem ás vezes o bem tolera o mal, para ter mais meritos; porém o mal nunca tolera o bem, porque este é a sua condemnação.

Santo Agostinho nos previne que todo o maravilhoso, que não se refere ao culto do verdadeiro Deus, é diabolico.

Se Deus tivesse indicado o que devemos fazer, sem propor castigos, nem recompensas, teria dado conselhos e não leis. Se nos tirasse o poder de resistil-os, teria destruido a liberdade, e com ella as virtudes e os meritos. Se preferimos lhe desobedecer, damos-lhe o direito de nos punir.

São Bernardo nos ensina que os peccados nunca deixarão o peccador, e que no momento da morte lhe dirão: Vós nos produzistes; somos vossos feitos. Estaremos sempre comvosco, e vos acompanharemos até perante o tribunal divino.

Santo Agostinho diz que a forma de viver é o modo de morrer. Temeis morrer mal, e não temeis viver mal? Deixai de viver mal, para não temerdes morrer mal.

Tudo é amargo para um paladar enfermo; e tudo é fastidioso para quem não tem boa vontade.

São João Chrysostomo diz que é traidor da verdade, não só o que falla a falsidade, como tambem o que não confessa a verdade, quando convem confessal-a.

A Imitação de Christo nos diz que muitas vezes seremos enganados, se julgarmos os homens só pelo que nos mostram no seu exterior.

O Espirito Santo nos diz que o homem considera os actos, e Deus pesa as intenções. O homem vê o rosto, e Deus o coração. São Bernardo diz que o tempo vale tanto quanto Deus, porque no tempo bem empregado, ganha-se o proprio Deus.

A eternidade é para Deus um presente sem passado e sem futuro; e é para a nossa alma sómente um presente sem futuro, e que sempre começa e nunca termina. Quando o doente não pode mais supportar o remedio, a morte é certa.

Quando o povo é rei, a populaça é rainha.

Santo Agostinho diz que as lagrimas dos que oram são mais doces, que os prazeres dos theatros; e que a nossa alma ha de necessariamente ser governada ou por Deus ou pelo demonio.

A virtude teme os louvores, mesmo os mais merecidos, porque o orgulho não tem caminho mais seguro para introduzir-se no coração.

Santa Thereza empregava os seus olhos em contemplar os seus defeitos, e em admirar as virtudes dos outros.

Um religioso, trazendo nas mãos um cilicio, pediu ao seu superior licença para applical-o; e o superior lhe respondeu: Ponde-o na lingua para vos impedir de fallar de mais.

Santo Agostinho diz que será juiz da nossa causa justamente aquelle que agora é testemunha de nossa vida; e que Deus pôz em nosso poder escolher o modo, pelo qual no dia do juizo seremos julgados. São Jeronimo diz que Deus saberá revogar a sua sentença, se nós soubermos corrigir os nossos delictos.

A pobreza é o resultado do peccado original: um é mais forte, outro é mais fraco. Deus manda que o rico socorra ao pobre, para este salvar aquelle.

David dizia: Fui moço e agora sou velho, e ainda não vi o justo ser abandonado, e os seus filhos mendigar o pão.

Santo Ambrosio dizia: Não ha maior dignidade, do que servir a Jesus Christo. Se o sól, a lua e as estrellas o servem, porque o não servimos tambem nós?

Quando o alguém annunciou a São Polycarpo que o poria no fogo, senão renunciasse a Jesus Christo, elle lhe respondera: Eu não temo, senão os tormentos eternos, e o fogo, que não se apaga. São Thiago dizia: A amizade deste mundo é inimiga de Deus. Todo o que quizer ser amigo deste seculo, se constitue inimigo de Deus.

Santo Agostinho dizia: Todo o homem deseja gosar; mas nem todos procuram o goso onde elle se pode encontrar. As paixões são como os ventos: funestas, a quem cede aos seus esforços; proveitosas, a quem sabe encadear os seus furores.

Como o viajante, que do alto de uma montanha contempla com calma a tormenta que surge a seus pés, o discipulo do Evangelho mantem-se sereno nesta parte elevada

de si mesmo, a sua consciencia, aonde não podem chegar as perturbações do vicio.

Apartai a agulha magnetica do ponto invariavel de sua attracção, e ella immediatamente agita-se, oscilla, até que retorne á sua natural direcção. O mesmo acontece á pobre alma, que ainda tem fé, e teve a infelicidade de apartar-se de seu Deus.

Muito além de tudo quanto aqui se possa possuir, o olho da alma avista sempre o bem soberano, a belleza infinita; e assim afastando sempre os limites de seus desejos, jamais aqui chegará ao verdadeiro contentamento.

Deus dá ao peccador a sua amizade em troca unicamente do arrependimento e da confissão; e a maior prova de amizade que nos pode dar, é não consentir que fora delle possamos achar felicidade.

O interesse bem comprehendido confunde-se se com o dever; e o sacrificio acha em si mesmo a sua recompensa.

Os dois elementos de felicidade são a paz e o contentamento. Ora os homens na maior parte apegam-se precisamente ao que os perturba e ao que não saberá satisfazel-os. Trata-se da paz da consciencia e da alma, que as paixões não dam, mas tiram. Esta paz, diz Santo Agostinho, é a tranquillidade na ordem.

O que domina o seu coração é igual ao que conquista as cidades. A maior victoria é vencer-se a si mesmo, sendo humilde nas prosperidades, e sabendo apresentar á adversidade um semblante calmo e sereno. O verdadeiro christão é rei; porque impera sobre si mesmo e sobre o mundo.

A provação é a iniciação das grandes vidas, quando ella não tem de ser a sua coroação. E' preciso que o grão de trigo lançado na terra morra, para poder germinar e fructificar; diversamente elle permanecerá esteril. E' tambem necessario que primeiramente sofframos, para depois sermos exaltados e glorificados, isto mesmo aqui no mundo.

Diz o Espirito Santo no livro da Sabedoria que os que governam, soffrerão um juizo rigorosissimo; e que os poderosos serão poderosamente atormentados.

São João Chrysostomo diz que os beneficios divinos não são conferidos aos que dormem, mas aos que observam os mandamentos.

Cicero diz que a felicidade, que pode perder-se, não é verdadeira felicidade.

Santo Thomaz diz que todo ser espiritual, porque conhece a verdade absoluta e permanente, deseja naturalmente existir sempre. Ora uma tendencia natural não pode ser vã; portanto o ser espiritual é destinado á immortalidade.

Quando Jacob foi ao Egypto ver seu filho José, Pharaol lhe perguntou a sua idade, e elle lhe respondeu: Os dias da minha peregrinação são cento e trinta, *poucos e trabalhosos*.

Os pobres devem ser por nós honrados, amados e soccorridos.

São José Cupertino dizia: Não quero em minha casa, nem escrupulos e nem tristezas.

São Felippe Nery dizia que nesta vida não ha purgatorio, mas ha ou paraizo ou inferno; porque aquelle que supporta as tribulações com paciencia, tem o paraizo antecipado; e aquelle que as não supporta com paciencia tem o começo do inferno aqui no mundo.

Santo Thomaz dizia: Se a pessoa é piedosa e santa, que ore a Deus por nós; e se é intelligente e douta, que nos instrua.

São Francisco de Sales dizia: A lingua conserve-se muda em quanto o espirito estiver agitado.

O mesmo Santo dizia: O que serve o Deus de paz, deve fazer tudo em paz. Não basta fazer o bem; é preciso fazel-o bem, isto é, com caridade e tranquillidade. E o autor ou escriptor de sua vida assevera que elle nunca fêz cousa alguma precipitadamente; mas sempre fez tudo com toda calma e moderação.

O mesmo Santo dizia que, depois do peccado o maior mal é a tristeza.

Jesus disse que a vida não consiste na abundancia dos bens, que se possuem; e que a alma vale mais que a comida e que os vestidos.

Cambronne, general francez, em Waterlôo disse: A guarda morre, mas não se rende. Elle quiz imitar o procedimento que sempre tem tido o verdadeiro christão diante dos seus mais atrozes perseguidores.

Os mundanos que timbram em querer ser honrados dizem: Perca-se tudo, menos a honra. Os catholicos, dignos desse santo nome, dizem: Perca-se tudo, menos a alma. A sciencia religiosa é para a profana, o que o sol é para a lua. Esta sem aquelle, fica nas trevas. O veneravel Benedicto Labre dizia: Devemos ter tres corações: De fogo, para Deus; de carne, para o proximo; de bronze, para nós. Themistocles dizia: Eu aprecio mais um *homem* sem dinheiro, do que o dinheiro *sem homem*. São Francisco Xavier dizia: No outro mundo o unico bem é salvar a alma, e o unico mal é perdela. Neste mundo o unico bem é a virtude, e o unico mal é o peccado.

Monsenhor de Segur dizia: Mais um homem é elevado em dignidade, mais a sua vida é penosa. Ha mais liberdade

na choupana do pobre, que no palacio dos potentados e dos soberanos.

Os incredulos são sempre loucos. Se acreditam e vivem como se não acreditassem, são loucos. Se não acreditam, e julgam-se superiores á quasi totalidade dos homens, ainda são loucos.

Se não houvesse pobres, não haveria, nem trabalho e nem industrias.

Jesus se fez pobre, e mandou que os ricos repartissem o seu superfluo com os pobres. Tertulliano chama os ricos sem caridade, de predestinados ao inferno; e aos caridosos, de predestinados ao céo. A paciencia é caminho do céo para o pobre; e a caridade é o mesmo caminho para o rico.

O medico, para conhecer o estado do doente, examina a lingua. E' tambem pela lingua que se conhece o coração.

Ha duas palavras, de que mais se abusa : philosopho e amigo. Presentemente philosopho é o extravagante, o incivil, o incredulo, o estouvado ; e amigo é o companheiro de meza, de passeio, de vicio, de deboche.

Santo Agostinho dizia : O nosso corpo é um pobre doente, recommendado á caridade de nossa alma.

Cada um de preferencia cumpra com os deveres do seu estado. Deus mandou a todas as arvores produzir fructos, mas cada uma segundo a sua especie.

As cousas da terra não podem ser nosso fim, porque não nos contentam ; e ainda porque cousas passageiras não podem ser fim duma alma eterna.

Quem sai fóra do seu destino, não pode ter verdadeiro gosto. O passaro preso, nem que esteja na sala deslumbrante de um palacio, estará sempre contrariado.

Dario, rei da Persia, chorava continuamente a morte de sua querida esposa. O philosopho Democrito lhe prometteu resuscital-a, se lhe satisfizesse um só pedido. O rei lhe respondeu que lhe daria até a metade de seu reino. Então Democrito lhe pediu para inscrever sobre o tumulo de sua esposa o nome de tres pessoas, que em sua vida nunca tivessem tido nem sentimentos, nem tristezas. O rei por mais que procurasse, não pode encontral-as.

O veneravel padre Avila dizia : Todo o que acredita numa eternidade, e não trabalha cuidadosamente para tornar-se santo, deve ser preso como louco.

No mundo ha um unico bem que é a virtude ; e um unico mal que é o peccado. As enfermidades, a pobreza, as ignominias, para os virtuosos não são males ; porque, soffridas com resignação, augmentarão a sua gloria no céo. A saude, as riquezas, as honras, para os peccadores, não são

bens, porque servem-lhes de occasião para mais facilmente perderem-se.

E' melhor tolerar um supplicio por amor á verdade, que receber um beneficio como preço de uma adulação. Brujere dizia: Eu desejava ouvir um homem moderado, sabio, casto, justo dizer que Deus não existe, ou que a alma não é immortal; porque esse fallaria sem interesse. Mas esse homem não se encontra.

São Ambrosio diz que é um erro chamar *de nossos bens* os bens terrenos, porque os não conduzimos connosco para a outra vida, onde permaneceremos toda a eternidade.

São unicamente as nossas obras, que são nossos bens, porque as levaremos connosco para a eternidade.

O veneravel Luiz de Pont dizia: Eu envergonho-me de dizer a Deus: Senhor, eu vos amo mais que todas as creaturas, isto é, mais que todas as riquezas, honras, prazeres da terra; porque isso apenas significa que eu vos *amo mais que a palha, a fumaça, a lama*.

Os irracionaes acham paz e felicidade nos bens terrenos, porque foram creados para os prazeres dos sentidos: mas, como a alma foi creada para amar, não nos prazeres sensiveis, porém unicamente no amor de Deus acha paz e felicidade.

Platão dizia que os que não admittem, senão o que podem ver e tocar, são ignorantes e estupidos.

Santo Athanasio dizia: Não deve-se curiosamente investigar a razão da verdadeira religião; mas, unicamente firmado na fé, deve se conhecer e adorar a Deus.

Descartes dizia: Uma verdade não pode ser contraria á outra. Seria falsidade e impiedade ensinar-se que as verdades philosophicas são contrarias ás religiosas.

Jouffroy dizia: O christianismo verá morrer todas as doutrinas, que tem a pretensão de lhe succeder. Tudo quanto a seu respeito foi predicto, ha de se cumprir. A conquista do mundo lhe está reservada, e elle será a ultima das religiões.

Cousa admiravel, exclama Montesquieu! A religião christã, que tem por fim fazer a nossa ventura na outra vida, a faz tambem nesta.

Rousseaux dizia: Por seus principios a philosophia não pode fazer nenhum bem, que a religião não o faça ainda melhor; e a religião faz muitos, que a philosophia nunca saberá fazer.

O dinheiro pode servir de passaporte universal para ir á toda parte, menos ao céu. Elle é aqui a causa de todas as cousas, menos da felicidade.

Os incredulos e os impios trabalham para derribar todas as egrejas, para assim fazer o povo perder, até a idéa

de Deus; mas quando isso conseguissem, ficariam as estrelas do céu, e, em quanto ellas brilharem, será proclamado o santissimo nome de Deus, que todos os pais devem ensinar a seus filhos.

O padre Vieira dizia: Ter inimigo, é honra. De o ter devemos dar graças a Deus. Ninguem quer mal a quem não tem bens. Todos os que tem bens, por certo terão inimigos. A maior desgraça que pode haver, é não ter o homem nenhum bem digno de inveja.

Themistocles ficava triste por ver-se amado por todos, por que era signal de ainda não ter feito nenhuma acção honrosa, que lhe grangeasse inimigos.

As honras e dignidades são fumaça, que sempre cega e que muitas vezes faz chorar. A vida é uma lampada accêsa, que consta de vidro e fogo: vidro que quebra-se; fogo que apaga-se.

Os gosos são vespuras dos pezares.

Todos os que estão lá no inferno, esperavam salvar-se mais tarde.

São João Chrysostomo diz: A terra não germina sem chuva; e esta não fructifica sem aquella. Assim nem a graça sem a vontade, nem esta sem aquella, nada *pode produzir*.

Perguntando-se ao Papa Adriano 6.^o qual o supplicio, que a um grande inimigo devia-se desejar, respondeu: O pontificado.

O Papa Pio 5.^o dizia: Quando simples religioso, eu confiava da salvação da minha alma. Feito cardeal, comecei a ter grande receio. Eleito papa, quasi que desespero.

São João Chrysostomo dizia: A vossa esmola pode ter milhares de espectadores, sem que entretanto procureis as suas vistas, e façais consistir a vossa recompensa em sua estima. Quem tem Deus, tem tudo. Quem dá ao pobre, empresta a Deus. As esmoladas feitas ao pobre, unicamente para agradar a Deus, são lettras sacadas contra a eternidade. A verdadeira caridade é como o incenso, que perfuma, até o fogo que o devora. Nós somos o que realmente somos diante de Deus, em cuja presença nem os louvores dos homens nos elevam, nem as censuras nos abatem. Quem por humildade abate-se perante os homens, muito eleva-se aos olhos de Deus.

O Papa São Gregorio, o grande, tinha tão vivo sentimento de suas miserias, que dizia: Eu estou prompto a ouvir todos quantos quizerem fortemente reprehender-me; e só considerarei como amigos os que forem assaz generosos, para indicarem-me os meios de purificar a minha alma de suas manchas. São Felippe Nery foi accusado de vaidade e orgulho, procurando nas suas predicas attrahir a attenção dos ouvintes. O vigario de Roma, convicto da accusação, o suspendeu de

pregar até nova ordem. Elle, não só obedeceu, como mesmo ainda procurava desculpar os seus perseguidores, dizendo: Foi Deus mesmo que permittiu que eu fosse assim tratado, para ensinar-me a ser humilde. São Pedro em sua Epistola nos aconselha de evitar de soffrer como homicida, como ladrão, como maledicente. Mas se soffrermos como christão, pede-nos que disso não nos envergonhemos; mas que pelo contrario por esse motivo glorifiquemos a Deus.

No livro do Ecclesiastico o Espirito Santo nos dá os seguintes conselhos: Apartai os vossos olhos da mulher enfeitada. Não deixeis o amigo antigo, porque o novo pode não lhe ser semelhante. Não invejeis a gloria, nem as riquezas do peccador, porque não sabeis qual será a sua ruina. Nunca aproveis a violencia dos injustos. Guardai em vossa mente o pensamento de Deus, e toda a vossa conversação consista nos preceitos do Altissimo. A gloria dos ricos, dos nobres e igualmente dos pobres, é o temor de Deus. Não queirais desprezar o homem justo, ainda que pobre; nem queirais engrandecer o peccador, embora seja rico. Amai o vosso Deus em toda a vossa vida, e o invocai para vossa salvação. Tres cousas são agradaveis: Concordia entre irmãos; amor do proximo; marido e mulher em perfeita união. Tres cousas são abominaveis: Pobre soberbo; rico mentiroso; velho fatuo e insensato. A tristeza do coração é uma praga. O que quer vingar-se, encontrará a vingança do Senhor; e este lhe reservará para sempre os seus peccados. Perdoai ao proximo o mal que vos fez, e ser-vos-hão perdoados os vossos peccados. Lembrai-vos dos vossos novissimos, e deixai de nutrir inimizades. E' maldito o mexeriqueiro e o homem de duas linguas. Fundi o vosso ouro e a vossa prata, e fazei uma balança para pesardes todas as vossas palavras. O que ama seu filho, castiga quando merece, para que elle se alegre com isso quando fôr grande. O jubilo do coração é a vida do homem, e é um thesouro de santidade. Tende piedade com a vossa alma, tornando-vos agradável a Deus.

A inveja e a ira abreviam os dias; e os cuidados fazem a velhice chegar antes do tempo. No fogo prova-se o ouro; e os homens, que Deus quer receber, na fornalha da humilhação. Quam infame é o que desampara o seu pai; e quam amaldiçoado é de Deus o que exaspera a sua mãe! Quanto maior sois, humilhai-vos em todas as cousas, e achareis graça diante de Deus. O coração duro será opprimido de males no fim da vida. A agua apaga o fogo, e a esmola resiste aos peccados.

No livro dos Proverbios o Espirito Santo nos dá os seguintes conselhos: A resposta branda quebra a ira; e a palavra dura suscita furor. O que esconde os seus

crimes, não será bem succedido; o que porém os confessar, e delles se apartar, alcançará misericordia. A virtude eleva as nações; o peccado porém torna infelizes os povos. Ha seis cousas que Deus aborrece, e ha uma setima que detesta: 1.º olhos altivos; 2.º lingua mentirosa; 3.º mãos que derramam sangue innocente; 4.º coração que machina malvadisimos projectos; 5.º pés velozes para correr ao mal; 6.º testemunhas falsas; 7.º o que semeia discordias entre os seus irmãos. O mal não se ha de apartar da casa de quem paga o bem com o mal. A vida e a morte estão no poder da lingua.

O propheta Malachias nos diz: Os labios dos sacerdotes serão os guardas da sciencia, e é de sua bocca que os outros buscarão a intelligencia da lei.

O propheta Isaias diz: Quam formosos são sobre os montes os pés do que annuncia a paz, annuncia o bem, do que prega a salvação. Diante do grande, do sabio, da autoridade, que não é virtuoso, eu inclino-me, mas o meu espirito não inclina-se; e diante do virtuoso eu e o meu espirito nos inclinamos.

São Paulo nos diz: Applicai-vos a fazer o bem, não só diante de Deus, mas tambem diante de todos os homens.

Palavras de um santo: 1.º O trabalho de domingo nunca enriquece. 2.º Os bens mal adquiridos jamais aproveitam. 3.º A esmola a ninguem empobrece. 4.º Encommendar-se a Deus de manhã e á noite nunca retarda os trabalhos. 5.º Um filho ingrato jamais será ditoso.

São João Chrysostomo protestava que queria mil vezes sacrificar a vida para ganhar as almas de seus irmãos.

O Abbade Pacomio chorava quando via um infiel lembrando-se que a sua alma havia de perder-se. São Bernardo diz que quando não se pode desculpar a acção, desculpa-se a intenção.

São Vicente Ferrer diz que quando alguém julga mal, e murmura injustamente, Deus, por castigo, retira as suas graças, e permite que elle caia nas mesmas faltas.

Conselhos do bom senso, fundado na experiencia: 1.º Não contradizer a ninguem. Quando for preciso tirar um engano, fazer com toda brandura, e até pedindo permissão. 2.º Não impacientar-se quando a propria opinião não for acceita. 3.º Não altercar com pessoa alguma. 4.º Não refutar, querendo convencer com as proprias razões de seu contendor. 5.º Não cortar, ou prevenir a palavra daquelle, que está se explicando. 6.º Quando vos derem algum louvor, não acceiteis, nem rejeiteis, mas deixai serenamente cahir das mãos em Deus, porque lhe pertence; e dizei de coração: Só a Deus toda honra e gloria. Porque se recusais, será provocar um outro, em que pode ferir-se a vossa humildade.

São Bento, recommendando em sua Regra a humildade, indicava os déz gráus, que tem essa importante virtude: 1.º Estudar-se bem, e reconhecer que todos os dons naturaes e sobrenaturaes vem de Deus, e que de nós mesmos nada temos de bom. 2.º Considerar-se indigno dos dons recebidos de Deus e de receber nóvos dons. 3.º Renunciar inteiramente a vontade propria e submitter-se a Deus. Ser submisso ao superior e obedecer-lhe em tudo. 4.º Evitar singularidade nas palavras e nas acções. 5.º Não desejar ser louvado e honrado, salvo quando isso concorrer para gloria de Deus; e a Deus entregar toda honra e louvor, que não puder evitar. 6.º Desconfiar de si em tudo; gostar de ser reprehendido de suas faltas; descobrir os seus defeitos, excepto quando isso puder prejudicar á gloria de Deus e á edificação do proximo. 7.º Desprezar-se e considerar-se como o ultimo dos homens. Haveria presumpção em nos preferir a quem quér que seja, porque os juizos de Deus nos são desconhecidos, e os maiores peccadores, se tivessem tido as mesmas graças, dellas teriam feito melhor uso, e não teriam, como nós, cahido em tantas faltas e peccados. 8.º Escolher o ultimo lugar nas companhias, preferir os ministerios mais humildes, usar vestidos pobres, tanto quanto depender de si, porque cada um deve accommodar-se ao seu cargo e á sua dignidade. 9.º Tolerar pacientemente os soffrimentos e as injurias. Ahi está, diz São Francisco de Sales, a pedra de toque da humildade e da verdadeira virtude. 10.º Desejar os opproprios, as humilhações, a fim de ter mais perfeita conformidade com Jesus Christo.

Sexagesima nona Instrucção.

Factos instructivos.

Eis como deu-se a conversão de Santo Agostinho. Em 386, em Milão, Ponciano, africano, vindo visital-o, lhe relatou as austeridades de São Antão no deserto. Então Agostinho disse ao seu amigo Alipio: Que fazemos nós? Os ignorantes procuram ganhar o céu; ao passo que nós, com toda a nossa sciencia, caminhamos para o inferno! Retirou-se num jardim visinho, e, sentado á sombra de uma figueira, meditava, chorava sobre os seus desvarios; e, implorando a misericordia divina, ouviu uma vóz, como a de um menino, que lhe dizia: Tomai e lêde. Olhando não viu ninguem; mas avistou um livro, e era o das Epistolas de um menino, que lhe dizia: Tomai e lede. Olhando não viu ninguem; mas avistou um livro, e era o das Epistolas de

São Paulo, e, abrindo-o, cahiu sobre estas palavras do Apóstolo: Não passeis a vossa vida nos festins e nos deboche; mas revesti-vos de Nosso Senhor Jesus Christo, e deixai de satisfazer aos desejos desregrados da carne. Então, meditando sobre estas palavras, encorajou-se; rompeu com tudo quanto o prendia ao crime; e inteiramente entregou-se a Deus. Fallando sobre a sua conversão, elle exclama: Quanto o cantico dos hymnos e dos psalmos que eu ouvia em vossa igreja, ó meu Deus, fazia-me derramar lagrimas! Quanto era eu tocado de ouvir resoar os vossos louvores nos labios dos fieis! A' medida que as divinas palavras feriam-me os ouvidos, as verdades que ellas exprimem, insinuavam-se em meu coração: e o ardor dos sentimentos de piedade, que nelle excitavam, faziam correr dos meus olhos grande abundancia de lagrimas.

Quando Fernandes, companheiro de São Francisco Xavier, pregava em uma cidade do Japão, um homem vil, d'elle approximando-se, como quem queria fallar-lhe, escarrou em sua face. O Padre, sem proferir palavra, sem mostrar contrariedade, tomou apenas o seu lenço, limpou o seu rosto, e calmo continuou a pregar. Um dos doutores da cidade disse a si mesmo: Uma lei, que inspira tal coragem e tanta grandeza de alma, não pode vir, senão do céo. Acabado o sermão, confessando-se tocado pela santidade do pregador, pediu o baptismo que lhe foi solememente administrado. Esta illustre conversão foi seguida de muitas outras.

Theodoreto, bispo de Cyro, conta que sua mãe, doente de um olho, foi á Antiochia pedir a sua cura a um anachorêta; mas foi muito enfeitada. O anachorêta, antes de seu olho, quiz curar a sua alma. Que é isto? lhe perguntou o anachorêta. Um habil pintor fez um retrato, e veio um simples aprendiz querer reformar o trabalho de seu mestre, mudando a côr da pelle, pintando a face de branco e de vermelho. O obreiro não terá razão de zangar-se desse ignorante? Essa mulher vaidosa comprehendeu quanto tinha offendido a Deus; e, depois que confessou a sua culpa, foi pelo anachorêta perfeitamente curada.

Eis quanto um livro impio é nocivo: O incredulo Diderot arrancou das mãos de sua filha um livro impio, que por elle mesmo tinha sido escripto.

O famoso incredulo Bouquet fez a seguinte confissão ao Padre Berthonio: Eu não fui incredulo, senão por que me tinha corrompido; é pois o meu coração e não o meu espirito, que antes de tudo deve ser curado.

O Papa Clemente XIV supprimiu a Companhia de Jesus, muito a seu pezar, e só para evitar um maior mal;

e depois do acto, triste exclamou confessando: *Compulsus feci. Fiz forçado*. E o Papa Pio VII, quando a restabeleceu, declarou solemnemente que foi motivado pelo consenso unanime do orbe catholico e por instantes supplicas de todos os bispos.

Na colonia do Alto Alegre, no Estado do Maranhão, a 14 de Março de 1901, foram trucidados pelos indios quatro sacerdotes e sete irmãs, pertencentes á ordem dos Capuchinhos.

Em um hotel alguns impios proferindo horriveis blasphemias, o dono do estabelecimento os reprehendeu dizendo-lhes: Respeitem o nome de Deus. Então um dos blasphemadores gritou dizendo: Se existe Deus, que me appareça: eu quero cêar com elle esta tarde. Quando acabou de proferir a ultima palavra, cahiu morto.

Elias e Henoch não morreram, e não de morrer no fim do mundo. E' certo que não estão no céu, não sabendo-se onde estão e como vivem.

São Felipe Nery, quando já era considerado santo, porque tinha extasis, revelações e até operava milagres, dizia sempre a Deus: Senhor, não confieis em mim, porque eu ainda posso vos atraioçar.

Uma prostituta ouvindo um missionario dizer que Deus perdoava tudo, depois da predica foi confessar-se com muito arrependimento; e não podendo voltar para casa, porque ficou fechada na egreja, ahí dormiu. No dia seguinte, quando abriram a egreja, encontraram-na morta, de joelhos, diante do altar de Nossa Senhora, estando o soalho todo banhado de lagrimas.

O Papa Pio VII foi monge, e na sua ordem chamava-se Chiaramonti. Por ordem de Napoleão elle esteve tres mezes preso em Savona, na França. Em 19 de Junho de 1812 elle foi d'ahi transferido para Fontainebleau, perto de Paris. Quando Napoleão quiz obrigar-o a ficar residindo na França, elle lhe respondeu: Por nada conseguireis o vosso desejo, porque, se for forçado, resignarei o pontificado; e então, em vez do Papa, tereis entre vós o monge Chiaramonti. Por morte de Napoleão, quando todos os governos recusaram-se, foi Pio VII. de quem elle tinha sido o algôz, que com carinhos recebeu sua mãe, Madame Leticia. Eis o espirito de Jesus Christo.

Foi em 496 que Clovis, rei dos Francos, foi baptizado. Os allemães, no combate da cidade de Tolbiac, iam desbaratar o exercito francez, quando o imperador pagão solemnemente prometteu de abraçar a religião do Deus de Clotilde, sua esposa, se alcançasse a victoria. Tendo sido victorioso, procurou immediatamente cumprir o seu voto, recebendo o

baptismo. Foi São Remigio, bispo de Reims, que celebrou com toda a pompa a cerimonia religiosa; e ao derramar a agua sobre a cabeça do rei pronunciou estas palavras: Curvai a cabeça, doce Sicambro, sob o jugo do omnipotente; adorai o que tendes blasphemado, e calcai aos pés o que até agora tendes adorado.

Um grande peccador confessou-se com São Vicente Ferrer; e este deu-lhe de penitencia jejuar durante sete annos. O peccador muito constricto, reclamando e pedindo-lhe maior penitencia, elle reduziu a tres jejuns. Como o peccador se mostrasse muito mais contrariado, elle reduziu toda penitencia a tres Padre Nosso. O penitente começou a recitar, no confessorario, os Padre Nosso; e ao terminar o primeiro, morreu de dor e arrependimento de ter offendido a Deus. Logo depois elle appareceu ao Santo, e lhe communicou que não tinha passado um instante no purgatorio.

Santo Estanislau, bispo da Polonia, comprou um terreno e pagou para nelle edificar uma igreja; porem o vendedor morreu antes de passar a devida escriptura. O rei Bolesláu, porque o Santo tinha reprehendido as suas torpezas, por vingança quiz apoderar-se do terreno, negando o facto da compra. O Santo em publico perguntou-lhe se o vendedor viesse em juizo declarar que tinha feito a venda e recebido a sua importancia, elle acceitava a sua declaração; e o rei declarou que sim, pois não acreditava que isso pudesse acontecer. Depois de passar tres dias em oração sobre o tumulo do morto, no dia combinado com o rei, Santo Estanislau veio com o morto em juizo, e este declarou perante muitas testemunhas que realmente tinha vendido o terreno e recebido a devida importancia; e que só a morte foi que o impediu de passar a escriptura. Por permissão divina, a pedido de um santo, e para um fim religioso, um morto, por um milagre, pode apparecer, como varias vezes já tem acontecido; nunca porem apparecerá a pedido dum profano, e para satisfazer á curiosidade.

Salomé, a bailarina que a Herodes pediu a cabeça de São João Baptista, indo atravessar um rio gelado, afundou-se, e ficou presa pelo pescoço: e o gelo cortou a sua cabeça, sendo assim por castigo tambem degolada.

O incredulo Volney, que ostentava em não acreditar, nem em Deus, viajando para a America, quando rugia a tempestade e o barco ameaçava naufragio, foi encontrado com o rosario na mão rezando.

Fellipe 2.^o, rei da Hespanha, numa occasião quando ouvia a santa missa, viu dois dos seus cortezaos, que inconvenientemente discutiam na igreja durante esse acto santissimo. Cheio de indignação veio esperal-os na porta da

egreja, e os reprehendeu dizendo-lhes: Vos tenho visto fallar e rir no lugar santo. E' assim que respeitais a magestade divina! Que! Ousais insultar Deus no seu templo? Retirai-vos, e não appareçais em minha presença. O primeiro profanador morreu de sentimento; e o segundo ficou louco.

Um astronomo, em quanto passava por uma ponte, ia observando os astros; e, errando o passo, cahiu no rio, e morreu afogado. Quando retiraram o cadaver do rio, um dos circumstantes exclamou: Morreu um grande sabio! E então um burguez, homem ignorante, mas de bom senso, respondeu: Não morreu um grande sabio, mas morreu um grande louco; porque é preciso muita loucura, para passar por uma ponte observando os astros. Loucos, como esse astronomo, são todos os que atravessam esta vida sem pensar que podem de repente morrer, e perder a outra vida, que é eterna.

Cezar tinha um veado domesticado, que todos os dias ia ás floréstas; e á tarde voltava ao palacio. Para que ninguem o tocasse, trazia no pescoço um collar, em que liam-se estas palavras: Não me toques, porque eu pertenco a Cezar. Nós fomos creados por Deus, e lhe pertencemos. Trazemos em nossa alma o sello divino; e a tudo quanto pode nos perverter, devemos dizer: Não me toques, porque eu pertenco a Deus, rei do céu.

No começo do decimo setimo seculo, no Japão, converteu-se á fé Sumitanda, rei de Omura, vassallo do imperador, Taico-Sana. Este imperador pagão ordenou a Sumitanda de abjurar a fé christã, sob pena de perder o seu reino; porem este novo, mas muito sincero christão, heroicamente lhe respondera: O imperador pode retirar-me o reino; porem a minha fé, jamais. O titulo de rei, para mim, é muito menos glorioso, que o de christão; e eu prefiro mil vezes a cruz de Jesus Christo ao meu sceptro.

Um soldado christão foi feito prisioneiro pelos turcos. Mahomet 2.º o ameaçou de morte, senão abjurasse a sua religião; e elle, para mostrar que desprezava as ameaças do imperador, mostrando-lhe as cicatrizes do peito, exclamou com santa valentia: Eu tenho affrontado mil mortes por um rei da terra, temeria morrer pelo rei do céu?

Um revolucionario francez, que tinha morto muitos padres, cahiu gravemente enfermo. Um dos padres, por elle feridos, que tinha-se escapado da morte, foi ver se o convencia a confessar-se. O enfermo declarando ao padre, que já tinha morto doze padres; elle, mostrando-lhe as cicatrizes do peito, disse que dos doze ainda restava um. Então o enfermo abraçou o padre derramando lagrimas; confessou-se com elle, e tornou-se um sincero convertido.

O Cardeal Rufino, condemnado á morte pela fé, vestiu os seus ricos habitos cardinalicios; e quando aproximou-se do cadafalso, alegre entoou o *Te-Deum*.

Santa Thereza, no momento da morte, exclamou: O' morte, eu não vejo porque vos hei de temer, pois vós deveis ser para mim a porta da verdadeira vida!

Um pai, vendo seu filho dominado pela impureza, o conduziu a um hospital; e, na sala dos venereos, mostrando-lhe os enfermos cancerosos, que já exhalavam horrendo fetido, disse-lhe: Contempla estes infelizes. Eis os effeitos do teu vicio. Se queres, sigas o mesmo caminho, e aqui tambem com certeza chegarás.

Tissot, medico protestante, vendo um enfermo desenganado sarar logo depois da confissão, exclamou: Qual não é, pois, o poder da confissão entre os catholicos!

Sedecias, rei de Juda, foi vencido por Nabuchodonosor, rei dos Assyrios, que o reduziu ao captiveiro; e o fez despojar de suas vestes e insignias reaes, e lhe furou os olhos, e o encerrou numa obscura e immunda prisão. O mesmo ou muito mais ainda fará o demonio ao peccador, seu vencido e captivo, no momento da morte.

Genserico, philosopho, leu na biblia a longa vida, que tiveram os patriarchas. Leu que Adão viveu 930, e morreu; que Mathusalem viveu 969, e morreu. Então reflectindo consigo mesmo, disse: A minha vida não será tão longa, e tambem morrerei: «Tudo passa, e passa de repente.» Mediante esta sabia ponderação, converteu-se, e entrou na ordem de São Domingos.

São Vicente, condemnado á morte pelo imperador pagão, porque não quiz renunciar a sua fé, disse aos seus algozes no momento da execussão: Rasgai as carnes, mas não conseguireis tocar no homem invisivel. Destruindo o corpo, rompeis os laços, quebrais as cadeias, e me pondeis em liberdade. Esfolado, salgado, continuou a sustentar a sua fé.

Um velho mendigo, chamado Jacques, pedia esmolas nas portas das igrejas de Paris. O Padre Paulino dava-lhe sempre esmolas, sem saber que esse homem tinha sido o perseguidor de seu pai, de sua mãe, e de toda a sua familia. O pobre tambem não sabia que o Padre Paulino pertencia á familia, por elle tão atrózzmente perseguida. O pobre desaparecendo, o Padre Paulino foi procural-o para lhe prestar soccorros, e o encontrou muito doente e em profunda miseria. O pobre maldizendo a sua triste sorte, contou-lhe que tinha denunciado os seus patrões, o conde e a condessa, que o tratavam sempre tão bem; e que fez isso nos dias do terror da Revolução franceza, só para ter direito aos seus bens. Foram executados por sua denuncia

o conde, a condessa, e duas filhas, sendo poupado Paulino, por ser muito menino. Mostrou-lhe o crucifixo do conde, a cruz de ouro da condessa e os retratos de toda a familia, na qual figurava tambem o menino Paulino. Fez toda essa narrativa sem saber que o Padre Paulino era o unico sobrevivente de toda a piedosa familia, que por sua perversa denuncia fora iniquamente executada. O Padre ouviu tudo calmo, sem mostrar minima contrariedade. Para não vexal-o, e assim não aggravar os seus grandes padecimentos, não lhe desvendou o segredo; deu-lhe a sua esmola, o dispoz á uma boa confissão; e em nome de Deus lhe perdoou todos os seus peccados. Eis os sentimentos, que animam o verdadeiro sacerdote catholico.

As sete maravilhas do mundo são: 1.^a As pyramides do Egypto. 2.^a Os muros de Babylonia. 3.^a O colosso de Rhodes. 4.^a O mausoleu de Caria. 5.^a A torre de Faro. 6.^a O templo de Diana em Epheso. 7.^a A estatua de Jupiter. As sete maravilhas da religião catholica são os sete sacramentos, canaes mysteriosos e divinos, pelos quaes Jesus communica a todos os homens os merecimentos infinitos de sua paixão e morte. Entre essas sete maravilhas do amor de um Deus, feito homem para salvar os homens, sobresahem tres, que operam tres conversões portentosas: o Baptismo, que converte o escravo do demonio em filho de Deus; a Confissão, que converte o peccador em justo, o scelerado em predestinado; a Eucharistia, que converte um pedaço de pão no Corpo de um Deus, para ser o alimento divino dos filhos do mesmo Deus.

Septuagesima Instrucção.

Comparações e apologos.

O peccador que, sabendo que pode a cada momento morrer, e vai sempre deixando para mais tarde a sua conversão, é tão louco como, o que, sendo avisado de ter pegado fogo em sua casa, fosse cavar a terra, para fazer um poço, para delle tirar a agua necessaria para extinguir o incendio.

Um rei da Persia, não tendo filho herdeiro e podendo instituir herdeiro, até para o reino, achando na rua um menino pobre e orphão, levou-o para o palacio, vestiu-o ricamente. Mais tarde, conhecendo que com certeza ia logo morrer, fez o seu testamento, dispondo que o menino seria

educado com todo o esmero; e que, chegado á idade de quinze annos, se fosse bom, seria declarado rei; e, se fosse máu, seria condemnado ás minas. Apesar de conhecer essas disposições testamentarias e, não obstante os bons conselhos que constantemente recebia, o menino foi sempre máu e muito vicioso. Chegando elle á idade de quinze annos e continuando sempre máu, foi pelo competente Conselho, que o julgou, condemnado. Supplicou, chorou; mas sem nenhum proveito: era tarde; o praso estava vencido. Esse facto é semelhante ao que acontece para todo christão, que perde-se. Jesus, rei, no baptismo o adoptou por seu filho e herdeiro de um reino eterno, se durante a vida seguisse as suas determinações; mas determinou que, se no momento da morte ainda fosse máu, em vez de reino eterno, seria condemnado a tormentos eternos. No momento da morte ha o julgamento, e a sentença proferida será definitiva, não podendo della haver recurso.

São Luiz Gonzaga tinha por lemma de todas as suas acções esta interrogação: *De que serve isto para a eternidade?*

Um pintor desenhou a sua imagem tendo diante dos olhos uma balança, de que uma concha continha um globo terrestre, coberto de flôres e rodeado de um circulo de chammas; e na outra estavam cruzadas duas lindas palmas, rodeadas essas palmas de um circulo de flôres. Em uma concha estavam os prazeres e bens do mundo com os seus castigos; na outra estavam os combates pelas virtudes com as suas recompensas.

Alguns homens, que em uma pequena canoa iam navegando em um rio, foram avisados que o mar estava muito perto; porém, desprezando o aviso, proseguiram com toda velocidade; e momentos depois a canoa entrou no meio das ondas enfurecidas do mar, e foram todos submergidos. O rio é a vida presente; o mar é a eternidade; os navegantes são os mundanos; os avisadores são os pregadores; o naufragio é a perdição eterna.

Um alumno, que tinha sido muito protegido por seu mestre, em publico o chamou de *parecido com um bruto*; e o mestre immediatamente lhe respondera: Eu não sei se vos pareceis com um bruto; mas sei perfeitamente que sois um ingrato, e que os ingratos estão muito abaixo dos brutos.

São Luiz Gonzaga em uma occasião, em que em um collegio em Sene fazia uma instrução religiosa aos moços, fez esta parabola: Um rei, visitando as suas provincias, encontrou um pobre orphãosinho, na porta de uma choupana, coberto de andrajos, brincando de fazer casinhas de barro. Levou-o ao palacio para adoptal-o por seu filho e herdeiro, com a condição de mudar de vestidos e de costumes. O rei

é Jesus Christo, que veio ao mundo; o orphão é cada um de nós; os vestidos são a graça santificante; os costumes são os preceitos christãos.

Justino conta que Alexandre, o Grande, tirou o seu diadema, e com elle estancou o sangue da cabeça do seu general Lysimaco, que tinha sido ferido em um tremendo combate; e que este ficara extremamente penhorado ao imperador. Lysimaco nunca tinha offendido a Alexandre, como nós o temos a Deus; pelo contrario recebeu o ferimento combatendo em seu favor. Alexandre não deu para sempre a Lysimaco o seu diadema. Jesus Christo despojou-se de toda a sua gloria para atar as feridas de nossa alma; curou com o seu precioso sangue os ferimentos que temos recebido combatendo contra os interesses de seu reino.

A conversão de Bogoris, rei dos Bulgaros, em 865, foi produzida pela lembrança do juizo final. Apaixonado pela caça resolveu mandar pintar nas paredes do palacio as lutas dos caçadores com os animaes ferozes; e sabendo que o monge Methodio era muito bom pintor, o encarregou desse trabalho, recommendando-lhe de pintar scenas terriveis. Methodio, em vez de pintar as scenas das luctas com as feras, pintou o quadro tremendo do juizo final. O rei, olhando para a pintura, ficou extremamente aterrorizado, e pediu ao pintor as devidas explicações. Methodio lhe explicou tudo dizendo: Este rei é Jesus Christo, que virá no fim do mundo julgar todo o genero humano. Os julgados seremos nós. Os que estão ao lado esquerdo são todos os peccadores que serão condemnados; e os que estão do lado direito são todos os justos, que serão salvos. Terminada a explicação, o rei perguntou: E onde estarei eu? Methodio respondeu: Vossa Magestade com toda certeza estará então onde merecer a sua conducta religiosa durante toda a sua vida. O rei immediatamente resolveu, e realizou a sua conversão.

Um homem rico, sabendo que ia ser condemnado a um perpetuo desterro, logo que disso foi avisado por um amigo, lá mandou fazer um palacio, e para lá mandou transportar todos os seus bens e riquezas. Desterrado, ahi viveu tranquillo. Transportemos tambem para a outra vida, onde sempre permaneceremos, todas as nossas riquezas.

Quando um vencedor subia ao capitolio, toda a cidade de Roma vinha contemplar o victorioso. Os captivos, carregados de cadeias e dos despojos arrebatados aos vencidos, abriam a grande marcha triumphal. O exercito vencedor cantava o hymno de louvores. No meio de tanta pompa, gloria e esplendor uma missão era reservada a um dos captivos. Elle sentava-se no carro do triumpho ao lado da estatua da victoria; e de quando em quando mandava parar a marcha

triumphante, e levantava a sua voz para repetir ao feliz mortal, que a fortuna tinha accumulado de tantos favores: *Tudo passa, mesmo a gloria, mesmo as honras, mesmo as riquezas, mesmo os favores, mesmo a vida.*

Todas as creaturas são representações do Creador. O homem representa a sua sabedoria; o firmamento a sua magestade; o mar a sua immensidade; a terra o seu poder e bondade; o Evangelho a sua linguagem.

Seneca contou ao seu discipulo Lucilio o seguinte facto: A sua criada, chamada Harpaste, era inteiramente cega de nascimento e louca; e porisso acreditava que enchergava perfeitamente. Quando queriam dar-lhe a mão, recusava-a dizendo que enchergava muito bem, e que a casa é que estava muito escura, e mandava que abrissem as portas e janellas. E' a perfeita imagem dos nossos sabios impios e incredulos, que julgam-se com capacidade de comprehender todos os mais profundos mysterios; e dizem que não comprehendem os nossos mysterios religiosos, só porque elles são absurdos.

Esta vida é semelhante á uma embarcação, em que uns dormem, outros passeiam, outros divertem-se, outros trabalham; mas todos igualmente vão caminhando para o termo, que é a morte. A vida presente é o caminho para a felicidade. As acções são passos; as boas para avançar, e as más para retroceder. Com a morte acaba-se o caminho. Quem chegou, não mais retrocede; quem retrocedeu, não mais se avança, e fica estacionado. A vida presente é também muito parecida com um drama, em que ricos representam, como pobres; grandes, como pequenos, e vice-versa. No momento da morte cai o panno, e cada um retoma os seus vestidos, e apparece como realmente é. O que parecia rico de dinheiro, era pobre de merecimentos; e o que parecia pobre de dinheiro, era rico de merecimentos.

Quem estivesse numa fragil barquinha, quando o mar ficasse enfurecido, não dormiria socegado. Quem, caminhando numa estrada, fosse avisado de que assassinos o estão esperando para matal-o, immediatamente retrocederia. Quem ficasse convencido de que a casa vai cair, a abandonaria. Entretanto que muitos catholicos estão convencidos de que podem morrer a cada instante, e de que quem morre no peccado, incorre numa desgraça eterna; e continuam tranquilllos, alegres, contentes em sua vida peccaminosa!

A morte apresentou-se a um velho que se achava muito enfermo, e este fez-lhe o seguinte pedido: Dai-me um pouco de tempo, para eu fazer o meu testamento, dispôr os meus negocios, e preparar a minha alma; e a morte lhe respondeu dizendo que não podia dar mais prazo, porque tantas vezes já o tinha avisado e prevenido. O enfermo lhe disse que era um puro en-

gano, porquanto nunca tinha a respeito recebido aviso algum; e então a morte exclamou dizendo: os meus avisos foram muitos e muito claros e terminantes. Roubei-vos os vossos amigos e parentes, mais moços, que vós; embranqueci os vossos cabellos; derrubei os vossos dentes; encurtei a vossa vista; cerrei os vossos ouvidos; enfraqueci todos os vossos membros. Portanto tenho muita razão para não mais esperar; venha, pois, sem demora entrar no tumulo.

Um cortejo, vendo que morria, mandou chamar o seu rei, a quem tinha servido com extrema dedicação. Chegando o rei, perguntou-lhe: Que desejais? Desejo, respondeu o enfermo, que digneis dar-me mais um anno de vida. Não posso, lhe respondeu o rei. Então, ao menos um mez. Não posso. Então, ao menos um dia. Não posso. Então ao menos uma hora. Não posso dar nem um instante, porque isso não está no poder dos homens. «Insensato, que fui, bradou chorando o enfermo! Sacrifiquei a minha vida, a minha alma, e até a eternidade por quem não pode dar-me nem um instante de vida! Era-me muito melhor ter devotadamente servido a Nosso Senhor; e o não fiz! Agora com muita razão esse grande Rei, que é justo, em vez de dar-me uma coroa immortal, vai precipitar-me num fogo eterno. Eu mereço.» E morreu no desespero.

Septuagesima Primeira Instrucção.

Devoções e orações indulgenciadas.

Parte primeira.

Recitando-se a Ladainha do Sagrado Coração ou a de Nossa Senhora, ganham-se trezentos dias de indulgencia, cada vês. Recitando com o sacerdote celebrante as trez Ave Maria depois da missa, ganham-se trezentos dias; e respondendo-se ao *Cor Jesu Sacratissimum*, ganham-se sete annos e sete quarentenas. Uma quarentena quér dizer quarenta dias de indulgencia. Pronunciando-se a jaculatoria: Doce Coração de Jesus, fazei que eu vos ame sempre cada vez mais, ganham-se trezentos dias. Pronunciando-se a jaculatoria: Jesus manso e humilde de coração, fazei que o meu coração seja conforme ao vosso, ganham-se trezentos dias. Pronunciando-se a jaculatoria: Tudo por vós, Sacratissimo Coração de Jesus, ganham-se trezentos dias. Pro-

nunciando-se a jaculatoria: Divino Coração de Jesus, convertei os peccadores, salvai os moribundos, livrai as santas almas do purgatorio, ganham-se trezentos dias. Pronunciando-se esta jaculatoria: Santissimo Coração de Jesus, vos rogamos que abundantemente derrameis vossas benções sobre a santa Egreja, sobre o summo Pontifice e sobre todo o clero. Dai aos justos a perseverança; convertei os peccadores; illuminai os infieis; abençoai aos nossos parentes, amigos e bemfeitores; assisti aos moribundos; livrai as almas do purgatorio; e sobre os corações de todos estendei o doce imperio do vosso amor, ganham-se trezentos dias. Pronunciando-se esta jaculatoria: Anjo de Deus, que sois o meu guarda, illuminai-me, guardai-me, regeli-me, governai-me, ganham-se trezentos dias. Pronunciando-se esta jaculatoria: O' São José, fazei com que levemos uma vida innocente, sempre amparados pela vossa protecção, ganham-se trezentos dias. Pronunciando-se esta supplica em favor das almas do purgatorio: Dai-lhes, Senhor, um repouso eterno, e que uma luz perpetua as alumie, ganham-se trezentos dias. Beijando-se reverente o Crucifixo, ganham-se cada vez, um anno de indulgencia. Recitando-se com devoção os Actos de fé, esperanza e caridade, ganham-se, cada vez, sete annos e sete quarentenas. Todos os que devotamente acompanham o sagrado Viatico, ou Nosso Pai, aos enfermos, ganham, cada vez, sete annos e sete quarentenas, se levam uma vela accêsa na mão; e, não levando a vela accêsa, ganham cinco annos e cinco quarentenas.

Recitando-se a seguinte oração: Eternamente e alem seja louvado o amantissimo coração e o dulcissimo nome de Jesus, e o de Maria immaculada, sua Mãe, ganham-se trezentos dias, em uma só vez; e recitando quotidianamente, ganha-se uma só vez no mez uma indulgencia plenaria. Recitando-se esta oração: Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos exercitos: A terra está cheia de vossa gloria: Gloria ao Padre, gloria ao filho, gloria ao Espirito Santo, ganham-se uma só vez no dia, cem dias; e indulgencia plenaria uma vez no mez, sem ser necessario visitar a Egreja. Todas as vezes que se recitar a oração seguinte ganham-se trezentos dias e uma plenaria no fim do mez, sem ser necessario visitar Egreja: Virgem santissima, eu vos venero de todo o meu coração e mais que todos os anjos e santos do paraizo, como a filha particularmente escolhida do eterno Pai; e eu vos consagro a minha alma com todas as suas potencias. Ave Maria. Santa Maria. Virgem santissima, eu vos venero de todo o meu coração, e mais que todos os anjos e santos do paraizo, como sendo a Mãe do Filho unigenito de Deus; e vos consagro o meu corpo com todos os seus sentidos. Ave Maria.

Santa Maria. Virgem santissima, eu vos venero de todo o meu coração, e mais que todos os anjos e santos do paraizo, como a esposa predilecta do Espirito Santo; e vos consagro o meu coração com todos os seus affectos, e igualmente vos peço para obterdes da Santissima Trindade todos os soccorros necessarios para eu conseguir a minha eterna salvação. Ave Maria. Santa Maria. Ganham-se, uma vez no dia, cem dias de indulgencia recitando-se a seguinte oração, e sendo recitada de manhã e á noite, uma indulgencia plenaria uma vez no mez: O' minha senhora e minha Mãi, eu me offereço inteiramente a vós. Para mostrar-vos a minha devoção, desde já vos consagro os meus olhos, os meus ouvidos, os meus labios, o meu coração e todo o meu ser. E já que sou todo vossa, ó boa e carinhosa Mãi, conservai-me e defendei-me como sendo vossa propriedade.

Os que de manhã recitarem a Salve Rainha com os dois versos abaixo mencionados, e á noite a oração: Sob a vossa protecção, com os mesmos dois versos, ganharão cem dias; e nos domingos ganharão sete annos e sete quarentenas; ganharão plenaria em dois domingos do mez, á escolha, e tambem nas festas de Nossa Senhora: Conceição, Natividade, Annunciação, Purificação, Assumpção, na festa de Todos os Santos, sem ser necessaria a visita á Igreja; e tambem plenaria no artigo de morte, se tiver recitado durante a vida. Recita-se de manhã a Salve Rainha com os versos: O' Virgem Sagrada, dignai-vos fazer com que eu vos louve. Dai-me força para combater os vossos inimigos. Deus seja bendito em seus Santos. Assim seja. A' noite recita esta oração com os mesmos versos da Salve Rainha: Sob a vossa protecção nos acolhemos, ó santa Mãi de Deus; não desprezeis as nossas supplicas em nossas necessidades; mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita. Os que saudam Nossa Senhora com as tres Ave-Maria de manhã, ao meio dia e ao anoitecer, ganham cem dias, cada vez; e se saudarem todos os dias, ao menos uma vez, ganham no mez uma plenaria, mesmo que não façam a visita á Igreja. Ganham-se trezentos dias cada vez que se diz a seguinte jaculatoria: Doce coração de Maria, sêde a minha salvação; e, recitando-a todos os dias, ganha-se no mez uma plenaria.

Os que recitam a seguinte jaculatoria: Anjo de Deus, que sois o meu guarda, illumina-me, guardai-me, regei-me, governai-me, a mim, que a vós foi confiado pela piedade divina, ganham, cada vez, cem dias; e, se recitarem de manhã e á noite, ganharão uma plenaria no mez; e, se recitarem frequentemente ganharão plenaria tambem no momento da morte. Ganharão cem dias, cada vez, e uma plenaria no mez

os que todos os dias recitarem a seguinte oração : Clementissimo Jesus, amante das almas, pela agonia do vosso santissimo coração e pelas dores de vossa Mãe immaculada, eu vos peço que purifiqueis em vosso sangue todos os peccadores do mundo, que ora estão agonizando e que hoje hão de morrer. Assim seja. Coração agonizante de Jesus, tende compaixão dos moribundos. Os que devotamente recitarem as seguintes preces ganharão, cada vez, um anno; e recitando-as depois da missa ou da benção do Santissimo Sacramento, dois annos, cada vez; e recitando-as diariamente uma plenaria no mez, devendo visitar a Igreja. Deus seja bendito.

Bendito seja o seu santo nome.

Bendito seja Jesus Christo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Bendito seja o santo nome de Jesus.

Bendito seja o seu Sagrado Coração.

Bendito seja Jesus no Santissimo Sacramento do altar.

Bendito seja a grande Mãe de Deus, Maria Santissima.

Bendito seja a sua santa e immaculada Conceição.

Bendito seja o santo nome de Maria virgem e mãe.

Bendito seja Deus nos seus anjos e nos seus santos.

Amen.

Os que recitarem a seguinte oração, ganharão, cada vez, trezentos dias; e recitando-a diariamente, uma plenaria no mez: Lembrai-vos ó piedosissima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daquelles que tem recorrido á vossa protecção, implorado o vosso auxilio e reclamado o vosso soccorro, fosse por vós desamparado. Animado eu, pois, com tal confiança, a vós, virgem das virgens e minha boa mãe, recorro, a vós me acolho, e gemendo sob o peso dos meus peccados, me prostro a vossos pés; não desprezeis as minhas supplicas, ó Mãe do verbo humanado, mas dignai-vos ouvir-as propicia, e alcançar de Jesus, vosso divino Filho, tudo quanto vos peço. Amen.

Os que recitarem a seguinte oração ganharão trezentos dias, cada vez; se recitarem depois da missa ou da communhão, ganharão sete annos; e, recitando-a diariamente ganharão no mez uma plenaria:

Alma de Christo, santificai-me. Corpo de Christo, salvai-me. Sangue de Christo inebriai-me. Agua do lado de Christo, purificai-me. Paixão de Christo, confortai-me. O bom Jesus, ouvi-me. Escondei-me em vossas chagas. Não permittaes que eu separe-me de vós. Do perverso inimigo, defendei-me. Chamai-me na hora da minha morte. Mandai-me vir a vós, para que com os vossos santos vos louve por todos os seculos dos seculos. Amen.

Os que, tendo se confessado e commungado, rezarem diante da imagem do Crucificado a oração seguinte e contrictos orarem por alguns minutos segundo a intenção do Soberano Pontifice, ganharão indulgencia plenaria: Eis, ó meu bom e dulcissimo Jesus, prostrado de joelhos em vossa divina presença, para vos pedir e conjurar com todo o ardor de minha alma que digneis-vos gravar em meu coração vossos sentimentos de fé, esperança e caridade, e um verdadeiro arrependimento de meus desvarios passados e o firmissimo proposito de me corrigir delles; entretanto que considero em mim mesmo, e contemplo as vossas cinco chagas com uma grande affeição e uma grande dor, tendo diante dos olhos as mesmas palavras que o Propheta David já pronunciara de vós, dizendo: Traspassaram as minhas mãos e os meus pés e contaram todos os meus óssos.

Parte segunda.

Para ganhar-se indulgencias é necessario ter intenção de ganhar-as, bastando a intenção *habitual* ou *virtual*, que é a que foi uma vez formada, e não foi mais retractada. Convem muito de manhã formar intenção de ganhar durante todo o dia as indulgencias, a que por seus actos ou orações tiver direito. E' necessario cumprir tudo que foi determinado, como condição, por quem concedeu as indulgencias. Quando indeterminadamente manda-se orar segundo a intenção do Papa, rezam-se cinco Padre Nosso e cinco Ave-Maria: O primeiro pedindo a Deus a paz e a harmonia entre os soberanos christãos; o segundo pedindo a extincção de todos os schismas, erros e heresias; o terceiro pedindo a conversão de todos os peccadores; o quarto pedindo a exaltação da Santa Igreja catholica no mundo inteiro; o quinto pedindo a conservação da preciosa existencia do soberano Pontifice, gloriosamente reinante. Convem muito notar que a indulgencia não pode perdoar, nem o menor de todos os peccados veniaes; porque, sendo uma satisfação, pode apenas perdoar os castigos temporaes, devidos aos peccados, já perdoados pela confissão ou pela contrição perfeita com desejo sincero da confissão ao sacerdote. Tambem convem notar que aquelles, que estão em peccado mortal, não podem ganhar indulgencia alguma, porque, sendo inimigos de Deus, os seus actos, mesmo os mais virtuosos em apparencia, não podem ter merecimento algum. Para ganhar-se as indulgencias plenarias, é necessario estar isento de todo e qualquer peccado,

mesmo de um só peccado venial levissimo. Os que por falta de aptidão não podem ganhar a plenaria, não deixam de ganhar muitos merecimentos ; e assim, com varias tentativas, poderão completar uma plenaria. Podem uns ceder a outros os meritos da indulgencia, com tanto que estes tambem estejam em estado de graça. Pode-se ceder os meritos das indulgencias ás almas, com tanto que sejam applicaveis.

Resumo historico de minha vida de Missionario durante onze annos.

Em Abril de 1904 achava-me em Tremembé, restabelecendo-me de uma enfermidade. Aquella povoação ainda não era parochia, e nella não residia sacerdote algum. Como alli tinha de passar todo o mez de Maio, deliberei celebrar as solemnidades do mez de Maria. Esta minha deliberação foi recebida com immenso prazer por toda a população. Depois de ensinar ao povo e particularmente ás meninas os canticos que deveriamos diariamente entoar, no dia primeiro de Maio dei começo. Resolvi, em vez de ler todos os dias o ponto, como vem nos livros, fazer uma instrucção familiar ao alcance de todos. Notei que a concorrência crescia de dia em dia, e que eu era ouvido com muita attenção e profundo respeito. No meado do mez verifiquei que a concorrência era extraordinaria, o enthusiasmo era vivissimo ; e que todos immensamente apreciavam os actos religiosos, e mui especialmente as minhas predicas tão simples e singelas.

Começavam então apparecer muitas pessoas para confessar-se. Nos ultimos dias a concorrência ao confessorio foi tanta, que me foi preciso mandar vir sacerdotes desta cidade, para auxiliar-me. Terminou a festa por uma numerosissima communhão geral, na qual tomaram parte muitissimas pessoas, homens e mulheres, que ha longos annos não se approximavam da Meza Sagrada, e até algumas que eram inteiramente infensas á nossa santa religião.

Foi o estupendo resultado dessa pregação que me fez resolver sair percorrer as parochias pregando. Communiquei essa minha resolução a D. José de Camargo Barros, de saudosa e santa recordação, que muito approvou-a, e deu-me sabios conselhos a respeito, conselhos que estavam de perfeito accordo com o que já tinha por mim mesmo deliberado. No fim desse primeiro anno D. José informou, a meu pedido, uma supplica, que fiz a Pio X para indulgenciar

as minhas predicas; e por Breve de 25 de Janeiro de 1905 o Santo Padre concedeu duzentos dias de indulgencia pela assistencia á cada uma das predicas, e uma indulgencia plenaria aos que assistissem a metade das predicas, e recebessem no ultimo dia da pregação a benção, que elle mandou-me, que desse no fim de todas as minhas pregações, tendo antes confessado e commungado.

O methodo, pelo qual tenho realizado as minhas pregações me foi ensinado só e unicamente pela reflexão, motivada pela experiencia. Não tenho pregado por occasião de festas, porque verifiquei que estas, por mais devotas que sejam, não deixam de produzir distracção, que sempre, mais ou menos, prejudica aos bons resultados das predicas. No começo da pregação, ou de uma serie de predicas, ensino canticos religiosos aos catholicos praticos, porque, alem de inspirar sentimentos religiosos, elles produzem enthusiasmo entre os bons, e despertam a curiosidade dos indifferentes e mesmo dos máus. No começo das predicas faço uma reunião apparatusa das associações religiosas e de todos os catholicos praticos, para os animar, os afervorar, e principalmente para lhes ensinar a fazer uma grande propaganda, que tem por fim trazer ás predicas e depois ao confessionario, principalmente os indifferentes e mesmo os infensos ás praticas religiosas.

Nos domingos e dias santificados, alem da predica á noite, eu faço uma predica ás duas horas da tarde. Não prego na missa parochial para não embarçar o parochio de fazer os seus avisos, ler os proclamas; e principalmente porque á tarde, em acto isolado, podem com muito mais probabilidade conseguir-se a presença dos que mais necessitam ouvir as instrucções religiosas.

A' noite eu faço os avisos, dou conselhos particulares, de accordo com as necessidades do lugar, da actualidade; conselhos que muitas vezes produzem melhores resultados, que a propria predica. Depois dos conselhos, entoa-se o primeiro cantico proprio de missão; e depois da predica, entoa-se o segundo cantico, em quanto prepara-se o altar para a benção do Santissimo Sacramento.

Estes dois canticos são respondidos pelos fieis, e muito concorrem para enternecer os corações. Procuvo resumir muito as orações, e só peço para ficarem de joelhos durante a Benção, com o fim de não enfadar aquelles que mais precisam ouvir os ensinamentos divinos. Todos os dias, ao meio dia, faço a visita ao Santissimo Sacramento em commum com as pessoas devotas, que sem perturbar os seus deveres domesticos possam vir á essa hora á Igreja.

Muito propositalmente nos tres primeiros dias tolero tudo; e, só depois que já tenho conquistado a estima do povo,

é que procuro estabelecer a ordem e o profundo respeito, que deve reinar na Casa de Deus. Nos primeiros dias não queixo-me da falta de grande concurrencia ou de devida attenção; pelo contrario procuro animar, enthusiasmar, fazendo, sem lisonja e sem mentira, os elogios possiveis ao povo ou á localidade. Esforço-me muito para adaptar os assumptos e mesmo a linguagem ao alcance do auditorio. Quando por acaso emprego um termo que não pode ser entendido por todos, immediatamente emprego um synonymo, que esteja ao entendimento de todos. Emprego frequentemente as comparações e analogias; e de preferencia procuro explicar e provar com factos, conhecidos e admittidos por todos. Não prego sobre erros e vicios, que não predominam na localidade; mostro apenas com breve explicações a falsidade de seu fundamento, as consequencias absurdas e contradictorias dos seus principios.

São para mim assumptos obrigados para todos os lugares a divindade da Igreja catholica, a confissão, a communhão, a salvação, a demora da conversão, o dogma das penas e recompensas eternas. Nas grandes cidades considero ainda como indispensaveis a educação religiosa dos filhos, o respeito humano, a verdadeira caridade. O desenvolvimento de outros assumptos, como protestantismo, espiritismo, positivismo, livre-pensamento, depende das necessidades particulares da localidade.

Procuro quanto posso agradar a todos, especialmente aos moços, para conquistar a sua estima e confiança, para dispor-os a acceitar os meus conselhos. Nos ultimos dias celebrou missa por tenção: primeiro de todas as associações religiosas; depois de todos os chefes de familia; em seguida de todas as moças e moços solteiros; depois emfim por alma dos parentes, amigos e bemfeitores. Este acto os penhora muito, e offerece-me motivos para convidal-os para assistir, cada um, a sua missa, e para pedir-lhes para commungar na missa. Este acto produz excellentes resultados.

Os conselhos e as predicas, que versam sobre abusos e vicios, cuja condemnação vexa ou irrita os culpados, eu deixo para os ultimos dias, em que já tenho conquistado as sympathias, e os animos já estão preparados. Mesmo então ainda tomo todo o cuidado para não ferir a ninguem directamente, procurando fallar em these, e declarando que refiro-me ao que se dá em toda parte. Empenho-me muito em evitar de provocar hilaridade, porque acho que isso deslustra muito a magestade da tribuna sagrada; e amesquinha a sublimidade do ensino divino. No meu entender, as risadas devem ser condemnadas, mesmo durante os discursos profanos, proferidos em reunião de pessoas serias e qualificadas.

Nas parochias, em que regularmente funcionam as aulas de catechismo, dirigidas pelo vigario, eu deixo de ensinar doutrina aos meninos, e só exijo que se confessem os que já completaram o curso e fizeram a sua primeira communhão, porque é impossivel em poucos dias preparar devidamente os meninos para a communhão; porque não devo embarçar o vigario de fazer a sua festa tão tocante da primeira communhão; e muito principalmente porque não quero desorganizar o ensino da doutrina, feito com toda regularidade pelo vigario. Quando porém não ha ensino de catechismo na parochia, procuro fazer com que devidamente se confessem e communguem as meninas e os meninos, que pelo seu natural desenvolvimento podem facilmente aprender o necessario para dignamente receber esses dois divinos sacramentos.

No ultimo dia, quando a igreja não pode accommodar o povo, tenho feito a predica no pateo, mas tomando todas as providencias e as cautelas necessarias para não haver desrespeitos; nunca porém fiz fora da igreja o acto imponente da communhão geral, porque a igreja sempre accommoda a concurrencia, e principalmente porque fóra é impossivel manter a ordem, guardar a devida reverencia á imponencia e santidade do acto. Durante os dias da pregação procuro tanto, quando é possível, fazer com que todos communguem na minha missa para dispol-os antes para receber a Jesus com toda devoção, e para depois da missa rezar com os que commungaram; pois é tão triste ver pessoas entrar e vir ajoelhar-se para commungar, sem ter feito uma oração, sem nem ter pensado um instante no que vai receber; e ainda muitissimo mais triste é ver pessoas receber a Jesus, e immediatamente sahir completamente distrahidas pela porta fora, ir para a rua levando dentro de seu peito o Hospede divino, a quem não prestaram nem um minuto de attenção! Este facto tão lamentavel da-se frequentemente por occasião das missões; e cumpre que os missionarios procurem cuidadosamente evital-o. Os sacerdotes, que disbtribuem a sagrada communhão, nunca deverão consentir que por essa forma Jesus seja desacatado no augustissimo sacramento de seu amor. Mesmo os catholicos, particularmente as pessoas piedosas, devem procurar a todo custo poupar a Jesus esse enorme desacato.

Por occasião da communhão geral, em vez de um santinho, ou dou como lembrança um impresso contendo conselhos proveitosos, que os que recebem põem em quadro, para conservar exposto em sua sala, e assim ser lido por muitos. A todos os que se convertem durante a missão aconselho de entrar em uma das associações religiosas da

parochia, para com mais facilidade poderem perseverar em suas santas resoluções.

Nos ultimos dias da missão procuro ter occasião de particularmente conversar com os que assistiram as predicas, e não resolveram-se a confessar, para com novas explicações, conselhos, agrados, convencel-os a entrar na santa amizade de Deus. Este recurso na maior parte dos casos tem produzido o desejado effeito. Nos ultimos dias quando os animos já estão bem dispostos, insisto muito sobre o respeito na egreja, fazendo ver que, os que conversam no lugar santo, não só não são attendidos em suas supplicas, como ainda muito offendem a Deus; insisto sobre a verdadeira caridade, mostrando que de preferencia devemos soccorrer ao nosso proximo em relação á sua alma, que vale immensamente mais que seu corpo; insisto sobre a grande responsabilidade dos chefes de familia, provando que elles darão a Deus conta pelos peccados de todos, que se acham sob o seu governo, se podendo os não tiverem evitado; insisto sobre os amasiados e os que só fizeram o contracto civil, que ainda são mais criminosos, demonstrando que vivem num estado condemnado, criminoso e escandaloso; e que serão rigorosamente punidos pelos seus peccados, e pelos peccados, que outros commetterem por causa dos seus escandalos.

Aconselho muito a devoção ao santissimo Sacramento, que é a primeira de todas as devoções, procurando deixar em pratica a visita diaria e em commum, e a communhão frequente. Aconselho tambem muito a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, e a devoção á Nossa Senhora, a Mãe de Deus.

Eis os conselhos impressos, que distribuo como lembrança na communhão geral: «Fazer com que o vosso proximo entre na amizade de Deus por uma boa confissão, é o acto de caridade, que no céo terá maior recompensa.

Muitissimo agrada a Deus rezar-se pedindo-lhe a conversão dos peccadores, especialmente dos que estão agonizando. O mais valioso soccorro, que podemos prestar á alma dum parente ou amigo morto, é fazer-se por ella uma fervorosa communhão. Na casa em que todos regularmente ouvem a santa missa, aos domingos e dias santos, nunca faltará o necessario para a sua modesta subsistencia. Para que as nossas acções, mesmo as mais insignificantes, tenham recompensa no céo, devem ser feitas *segundo Deus, em Deus e para Deus*, isto é, de accordo com a lei de Deus; estando a nossa alma isenta de peccado mortal; com pureza de intenção, tendo-se por fim unicamente agradar a Deus.

A confissão feita ao sacerdote é o unico meio para conseguir-se o perdão dos peccados, e portanto para viver na amizade de Deus. E' Jesus que assim o tem determinado.

No começo e no fim de todos os trabalhos bem como quando alguém ou alguma cousa nos agrada ou desagrade, devemos, no fundo da alma, exclamar: *Tudo, por vós, Sacratissimo Coração de Jesus*. E' este um acto santissimo de conformidade á vontade de Jesus, pelo qual ganham-se, cada vêz, trezentos dias de indulgencia.

Guardai cuidadosamente esta lembrança da santa missão, encerrada hoje nesta parochia, e rezai pelo humilde Missionario, que vos offerece estes tão proveitosos e santos conselhos. »

Parte segunda — Factos estupendos.

Entre outros muitos prodigios operados pela graça divina durante as minhas missões, de preferencia vou narrar os seguintes: 1.º Em uma importante cidade havia um catholico, que durante sessenta annos tinha deixado de confessar-se, e que tinha tanta aversão á confissão, que dizia á sua cara esposa: Podeis ouvir missa, assistir as festas, dar esmola para a egreja; mas se vos ajoelhardes aos pés de um homem como eu, para contar os vossos segredos, vos castigarei a chicote. Um seu parente, muito virtuoso, mediante muitos agrados, conseguiu leval-o assistir ás predicas, que por elle foram muito apreciadas, desde a primeira, que ouviu. Na ante-vespera do encerramento elle ficou tão commovido que, acabado o acto religioso, veio em distancia acompanhando-me até a casa, em que eu estava hospedado, e entrou e chorando ajoelhou-se pedindo a confissão e declarando-se grande peccador. Fez a sua confissão suspirando, gemendo, soluçando, derramando copiosas lagrimas. Foi contentissimo para a sua casa, e no dia seguinte mandou todos de sua familia que fossem confessar-se.

2.º Em uma cidade havia um homem de certa importancia, empregado publico, considerado como honesto, que não se confessava, e que não consentia que os de sua casa fossem confessar-se. Elle ia todos os dias assistir as predicas; e, depois de terminado o acto religioso, elle ficava na porta por onde eu tinha de passar, e sempre que eu passava, dizia em vóz alta para eu ouvir: Está muito bom; falla muito bem, mas não me apanha. Isto repetia-se todos os dias. Se não era uma provocação, era pelo menos uma zombaria ou uma ironia. Na vespera do encerramento, quando voltei para casa, não ouvi mais o tal dicterio ou

gracejo; e, logo que entrei, alguém bateu á porta da sala; e indo eu ver quem era encontrei-me com um homem chorando, que pediu-me para confessal-o. Procurei acalmal-o; e depois disse-lhe que fosse fazer o seu exame, e que fosse de manhã á igreja, que eu o confessaria. Respondeu-me que por caridade o confessasse já, porque tinha muito medo de morrer durante a noite, e perder a sua alma. Fêz a sua confissão toda intercalada de soluços e prantos. Sahiu imensamente contente; e no dia seguinte mandou todos de sua casa ir se confessar. E' este aquelle que por escárnio dizia: *Falla bem, mas não me apanha.*

3.^o Quando eu pregava em uma cidade, um magistrado por mera distracção ia todas as noites á predica; e quando encontrava-se commigo dizia-me sorrindo: Está muito bom, mas é dogmatico. Queria com isso dizer que eu nada provava. Continuou a ir á igreja todas as noites. Na antevespera do encerramento appareceu em casa, e declarou-me que nunca em sua vida, que já contava sessenta annos, tinha se confessado; mas que agora estava resolvido a confessar-se, e reformar a sua conducta. Dizendo-lhe eu que estava á sua disposição, e que poderia confessal-o em casa, respondeu-me que era magistrado e que tinha dado máus exemplos; e que porisso queria na igreja e com toda publicidade fazer a sua confissão, para assim edificar a todos os seus jurisdicionados. E de facto, no dia seguinte, na matriz, que então estava repleta, fez com toda humildade a sua confissão, e pela primeira vez recebeu a Jesus Sacramentado.

4.^o Em uma cidade havia um homem espirita, casado só civilmente, e com a idade de mais de quarenta annos, que ainda não se tinha confessado. Começou desde o principio a assistir todas as predicas e com muita attenção. Depois de ouvir umas cinco ou seis predicas, veio dizer-me que queria confessar-se commigo e cazar-se religiosamente. Confessou-se, cazou-se, mostrando-se muito satisfeito. Depois de tudo concluido, antes de retirar-se, veio agradecer-me, e dizer que estava immensamente penhorado; e então disse-lhe que desejava dever-lhe um grande favor, que era elle fazer tudo, que estivesse ao seu alcance, para trazer os que estavam em indenticas circumstancias para confessar-se e casar-se religiosamente. Garantiu-me que o meu pedido seria satisfeito. Este homem durante os seis ou sete ultimos dias da missão trouxe deseseis casaes de amasiados e de casados só civilmente, para santificar a sua união criminosa pelo sacramento do matrimonio; e ainda declarou que continuaria sempre a prestar esse importantissimo serviço, considerando-o como um acto de caridade e de religião.

5.º Em uma cidade havia uma senhora, já algum tanto idosa, respeitavel, pertencente á familia importante da localidade, que nunca tinha-se confessado, e que sempre se tinha mostrado contraria a todas as praticas religiosas. Induzida por algumas senhoras religiosas de sua convivencia foi ouvir as predicas, e desde logo declarou-se alegre, contente. Depois de alguns dias appareceu-me dizendo que estava disposta a confessar-se, mas que havia de ser commigo mesmo; e lhe respondi que estava inteiramente á sua disposição. No dia seguinte procurou-me na egreja, e confessou-se e commungou, voltando para casa extremamente contente. A meu conselho ella continuou a commungar todos os dias. No dia em que eu celebrei a missa por tenção dos chefes da casa, ella commungou, e voltando para casa disse a todos: Só Deus sabe avaliar a minha alegria, o meu contentamento. Oh! quem dera-me hoje mesmo morrer, para ir ao céo viver com Deus! Justamente uma hora depois teve uma syncope, e exclamando: O' meu Deus! O' meu Jesus! morreu.

6.º Havia em uma cidade um casal, que ha quatro annos permanecia em desharmonia. Residindo na mesma casa, durante todo esse tempo um não dirigiu a outro nem uma só palavra. Marido e mulher iam todas as noites ouvir as predicas. A mulher resolveu a confessar-se, mas para isso era necessario romper esse mutismo para com o seu marido e restabelecer a antiga concordia e amizade. Resolvida a cumprir com esse dever, foi confessar-se e commungar. Voltando para a casa, foi procurar o marido para communicar-lhe a sua resolução; porem antes que lhe começasse a fallar, este disse-lhe: Mulher, vamos viver de outra maneira; viver como antes viviamos, pois eu estou resolvido a confessar-me e a commungar. Então a mulher, abraçando-o muito ternamente, contou-lhe que já se tinha confessado, e que o tinha procurado justamente para restabelecer a antiga harmonia e amizade.

7.º Nessa mesma cidade havia um homem que por muitos annos tinha abandonado a confissão, e que nem consentia que os de sua casa se confessassem. Suas filhas pediram-lhe permissão para ir ouvir as predicas, pois estavam prohibidas até de entrar na egreja. Elle, depois de muitas instancias, deu a licença pedida; mas com a terminante imposição de não se confessarem, sob pena de ser physicamente castigada aquella, que violasse a sua prohibição. Todos os dias iam assistir as predicas, e mostravam-se todas desejosas de confessar-se e commungar; porém não se animavam, temendo incorrer na indignação de seu pai, e mesmo de ser por elle castigadas. A mais moça, que ha-

via de ter treze annos, vendo todas as outras moças commungarem, teve tão ardente desejo de commungar, que resolveu-se a sujeitar-se a tudo, e cumprir o seu santo desejo. No dia seguinte foi cedo á egreja; preparou-se, e confessou e commungou. Voltando para á casa contentissima, e ainda com o seu livro de oração e o seu roziario na mão, foi directamente ao escriptorio de seu pai; e, depois de tomar a benção, na forma do costume, disse-lhe: Meu querido papai, venho vos communicar que violei a vossa prohibição, pois hoje confessei-me e communguei. Meu papai, podeis bater-me quanto quizerdes, que tudo soffrerei com paciencia pela santa alegria, que tive de pela primeira vez receber a Jesus Sacramentado. O pai, muito commovido, lhe respondera: Não, minha filha, não vos castigo por isso; pelo contrario, approvo o vosso procedimento. A moça immediatamente exclamou: Meu querido papai está fallando seriamente? O pai: Pois então não fallaria com toda sinceridade á uma filha, a quem tão extremamente amo? Então a moça prostrando-se de joelhos e de mãos postas disse: Desde que meu papai com sinceridade acha que eu fiz bem, pelo divino Jesus, que hoje recebi, eu peço para o meu papai fazer o que tenho feito: confessar-se e commungar. O homem fez uma pequena pausa pensando, e respondeu: Minha filha, o vosso pedido é attendido; logo irei confessar-me. Então a filha respondeu: Mas como eu ficaria contente, se sua promessa se realisasse já amanhã! E o pai ainda mais commovido respondeu: Pois será amanhã mesmo, minha filha. A moça então, chorando de santa alegria, ajoelhou-se e beijou a mão de seu pai. No dia seguinte o chefe da casa, conduzindo todos que abrigavam-se sob o seu tecto, foram á egreja, confessaram-se, e commungaram. Este estupendo prodigio da graça divina produziu no povo catholico as mais gratas e santas alegrias.

8.^o Deu-se um facto interessante, quando eu pregava numa cidade importantissima deste Estado. Logo desde o primeiro dia a concurrencia ás predicas era extraordinaria. Um dia á tarde um mocinho pelintra foi ao barbeiro fazer a sua barba, que ainda era muito diminuta. Depois de barbeado foi o mocinho ao espelho, e preparou bem o seu bigodinho, e dirigindo-se aos presentes disse: Ora hoje não tenho nenhum passeio, nenhuma diversão, nenhum divertimento; por méra distracção irei tambem ouvir o bôbo, que aqui está fallando. Quero tambem ouvir hoje as suas bobages. A' noite lá estive o mocinho na egreja. Começou a ouvir a predica rindo-se; porém de certa parte em diante tornou-se serio, attento; e no fim mostrou-se profundamente impressionado. Voltou para casa tristonho. Passou toda a

noite sem dormir. De manhã vestiu-se e foi á egreja; pediu um cathecismo; fez o seu exame; confessou-se e commungou com muita piedade e devoção; e voltou para á casa santamente contente, e resolvido a de ora em diante ser verdadeiramente religioso. Oh! como Deus é bom, até para com aquelles, que procuram zombar dos seus ministros!

9.º Havia em uma importante cidade um desses *bons catholicos*, mas que não se confessam, e que até prohibem que os de sua familia cumpram com esse santissimo dever. Estando eu ahi pregando e com immensa apreciação do povo catholico, a mulher e as filhas desse catholico indifferente pediram-lhe permissão para ir todas as noites assistir as predicas. Elle permittiu, mas impôz a condição de não se confessarem. A mulher e as filhas ião logo cedo á egreja; porém logo depois que ellas sahiam, elle tambem ia, mas ficando fóra, junto á porta da entrada, para não ser visto. Mais ou menos, em meio das predicas, as filhas resolveram-se a confessar; e em dia combinado foram cedo á egreja para esse fim. Quando estavam perto do confissionario, chegou a sua mãe, e lhes perguntou o que estavam fazendo; e ellas responderam-lhe que esperavam o padre para confessarem-se. Eu tambem, lhes disse ella, vim fazer o mesmo; mas muito escondido de vosso pai, que, se souber, muito nos ha de reprehender. Mãe e filhas confessaram-se, commungaram; e voltaram todas para a casa muito contentes. Quando chegaram, encontraram o homem no jardim, na entrada da casa. Então por onde andaram todas, tão cedo? Nós, lhe responderam ellas, fomos passear, e portamos na egreja para ouvir por devoção uma missa. Então elle, sorrindo-se, disse-lhes: Sim, sim! Já sei onde as senhoras foram, e o que foram fazer? Pensaram que enganavam me; mas as senhoras é que foram enganadas. As senhoras commungaram ás sete e meia, e eu já tinha commungado ás seis horas. A mulher o abraçou, e as filhas lhe beijaram as mãos, e todos estavam exultando de um santo contentamento por terem todos tido a grande ventura de receber Jesus Sacramentado.

10.º Na terceira parochia, que missionei, deu-se um prodigio estupendo da graça divina, que muito animou-me para eu proseguir a carreira de missionario, que ha poucos mezes tinha encetado. Havia na cidade importantissima, em que então eu estava pregando, um moço muito intelligente e bem preparado; mas inteiramente incredulo, impio, e que tinha grande aversão á nossa santa religião. Era casado só civilmente; era maçõ; e tinha um jornal, em que combatia tudo quanto dizia respeito á religião catholica. Elle encarregava-se de espalhar pela cidade gazetas, revistas, pam-

phletos impios, que vinham de outras localidades; desacatava Jesus Sacramentado, quando elle era solemnemente conduzido como viatico aos enfermos. Este moço começou a ouvir as predicas com muita regularidade, não sei se com pura ou perversa intenção. Do meio em diante das predicas começou a manifestar interesse e mesmo certa affeição pela nossa santa religião; e na ante-vespera do encerramento mandou-me dizer que queria confessar-se e commungar. Eu lhe mandei dizer que muito approvava e immensamente apreciava a sua santa resolução, mas que era absolutamente necessario fazer uma completa reforma em toda a sua conducta; e elle respondeu que estava prompto e resolvido a fazer tudo quanto fosse necessario para confessar-se, e commungar. Este moço, com santa admiração de todo o povo catholico, confessou-se e commungou; fez o casamento religioso; e declarou no seu jornal que de ora em diante deixava de pertencer á toda e qualquer associação incompativel com a Conferencia de São Vicente de Paulo, da qual ia fazer parte. Desde então tornou-se, não um bom catholico, mas um fervoroso devoto. Comprou bons livros; tem estudado a religião a fundo; escreve, falla em defesa da religião e de todas as cerimonias e praticas religiosas com tanto zelo e devotamento, que edifica aos proprios sacerdotes. Elle fez a sua communhão a oito de Dezembro de 1904, dia da Immaculada Conceição de Maria, que tomou por sua protectora e carinhosa mãe. Depois de nove annos de perfeita dedicação á causa santa, cada vez mais augmenta-se e abraza-se o seu zelo pelos interesses de nossa santa religião.

Por todos esses estupendos prodigios de conversão e de santificação que venho de narrar, mil e mil louvores só a Deus, que é quem faz tudo por sua immensa bondade para conosco. Julguei prudente não mencionar nomes, para não vexar ou melindrar aquelles, a quem referem-se esses factos, que acabo de relatar; mas sob a minha honorabilidade garanto a sua perfeita e completa veracidade. Poderia contar outros muitos factos de summa importancia; porém não os conto, porque os supra referidos são mais que sufficientes para evidentemente demonstrar o quanto Deus tem se dignado abençoar as minhas singelas e humildes pregações.

Relação das parochias missionadas.

No Estado do Paraná, Curytiba, que é a capital.

No Estado de Santa Catharina, Florianopolis, capital.

No Estado do Rio Grande do Sul, Pelotas, Rio Grande, que são as duas principaes cidades depois da capital.

No Estado do Espirito Santo, Ytapemirim e Victoria, que é a capital.

No Estado de Goyaz, Catalão e Ypamery.

No Estado do Rio de Janeiro, Parahyba do Sul, Campos, Nictheroy, que é a capital.

No Estado de Minas, Marianna, Ouro Preto, Santa Anna do Chapéo, Queluz, Carandahy, Ressaquinha, Barbacena, Sítio, São João d'El-Rey, Canna Verde, Porto dos Mendes, Campo Bello, Bom Successo, Oliveira, Juiz de Fora, Rio Novo, Fomba, Ubá, Carangola, Piedade, Cataguazes, Mirahy, Laranjal, São João Nepomuceno, São José de Alem Parahyba, Lavras, Varginha, Tres Corações, Caxambú, Itajubá, Ouro Fino, Jacutinga, Guaxupé, Muzambinho, Guaranézia, Monte Santo, São Sebastião do Paraizo, Poços de Caldas, Sacramento, Conquista, Uberaba, Uberabinha, Araguary, Bello Horizonte, que é a capital.

No Estado de São Paulo, Barreiros, Arêias, Quêluz, Cruzeiro, Pindamonhangaba, Tremembé, Taubaté, Caçapava, São José dos Campos, Jacarehy, Mogy das Cruzes, Ubatuba, São Vicente, Santos, São Roque, Sorocaba, Piedade, Itapetininga, Faxina, Itararé, Botucatú, Tieté, São Manoel, Lençóes, Agudos, Baurú, Pederneiras, Jahú, Dois Corregos, Brotas, Jundiah, Atibaia, Bragança, Ytú, Piracicaba, Itatiba, Barra Mansa, Arraial dos Souzas, Itapira, Amparo, Pedreiras, Campinas, Villa Americana, Limeira, Rio Claro, Annapolis, São Carlos, Taquaritinga, Jaboticabal, Bebedouro, Barretos, Araras, Pirassununga, Santa Cruz da Conceição, Santa Rita do Passa Quatro, Belem do Descalvado, Leme, Itaby, São José do Rio Pardo, Mocóca, Tambahú, São Simão, Cravinhos, Sertãozinho, Franca, Batataes, Nuporanga, Orlandia, Ytuverava, Ygarapava, e, na capital, Consolação, Braz, Convento dos Capuchinhos, Santa Anna, Guarulhos.

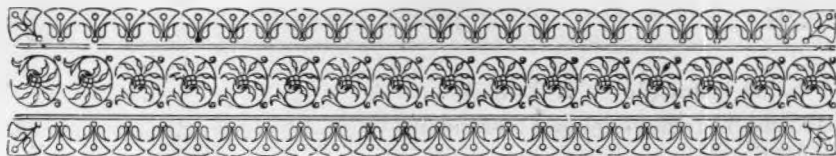
Na Capital Federal, Copacabana, São João Baptista da Lagoa, Gloria, Santa Anna, São Christovam, Engenho de Dentro.

Até agora, alem dos retiros para collegiaes, para associações religiosas e para o clero, tenho feito missões em cento e cincoenta e seis parochias.

Nessas missões eu tenho feito 2547 predicas, distribuiram-se 347429 communhões, e celebraram-se 2817 casamentos de simples amasiados e dos que só tinham feito o contracto civil; e converteram-se muitos incredulos, impios, hereges, maçons, e catholicos inteiramente indifferentes; e entre os innumerados convertidos figuram pessoas muito salientes pela sua familia, pela sua fortuna, pelo seu saber, pela sua profissão e por sua muito elevada posição social.

Só a Deus e a mais ninguém toda honra, louvor e gloria, porque absolutamente tudo é a elle exclusivamente devido. Quanto á minha insignificante individualidade, na sinceridade do meu coração e diante de Deus exclamarei: Sou um servo inutil, que não fiz tudo quanto devia e podia fazer. Outros, com as mesmas graças especialissimas e extraordinarias que eu tenho recebido, com toda certeza teriam feito muito mais que eu. Deus me queira perdoar as minhas faltas, e commigo usar de sua extrema misericordia.





INDICE

Observação preliminar e muito importante

Na indicação de cada uma das Instrucções ficam tambem indicadas as diferentes paginas que contem doutrina, ensinamentos, factos, referentes a todo o assumpto dessa mesma Instrucção. Os leitores, pois, para completarem, o conhecimento de tudo quanto refere-se a esse assumpto, devem em seguida procurar ler todas as paginas indicadas.

Prefacio	3
As approvações, recommendações de treze Snrs. Bispos	7

Noções preliminares

As diferentes especies de certeza	15
Principios directores do conhecimento	16

Primeira Instrucção — *Deus*

Provas da existencia de Deus	71
Objecções contra a existencia de Deus	18, 548
Attributos e actos de Deus	21, 525, 526
Predestinação	22
Deus é nosso pai	459

Segunda Instrucção — *Jesus Christo.*

Divindade de Jesus Christo	23
Suas virtudes, perfeições, affectos	24, 526, 527, 542
Estados diferentes de seu corpo	25
Amor de Jesus para com os homens	452

Terceira Instrucção — *Os diversos estados da natureza humana.*

Os cinco estados	26
O peccado original	29

Quarta Instrucção — *A Revelação.*

As tres sucessivas revelações	28
---	----

Quinta Instrucção — *A Religião.*

Ha uma e uma só religião verdadeira	30
A confissão dum sincero convertido	452
O numero dos crentes das diversas religiões do mundo	32
Os dons sobrenaturaes	32, 528
Dogmas revelados a Adão	32

Sexta Instrucção — *Motivos de credibilidade.*

As nossas crenças religiosas são fundamentadas	33, 539
Os que combatem a nossa religião são ou ignorantes ou de má fé	451, 528, 529
Os martyres	34

Setima Instrucção — *As prophecias*

Só Deus pode prophetizar	35
Os oraculos do paganismo são falsos	36
As prophecias realisadas.	36, 358

Oitava Instrucção — *Os Milagres*

Diversas especies de milagres.	37, 538
Os prodigios operados pelos demonios	39
Os falsos milagres dos magos de Pharaó	39
Os de São Januario e os eucharisticos	40, 301

Nona Instrucção — *A Escriptura Santa.*

A biblia	41
Os seus livros são verdadeiros e authenticos.	43
A inspiração	45, 538
Regras para interpretar a Escriptura Santa	46
Authenticidade do Novo Testamento	48

Decima Instrucção — *A Tradição.*

A tradição é uma serie de factos comprovados	48
A mais forte objecção contra a tradição.	49

Decima primeira Instrucção — *A Igreja.*

Fundação da Igreja	50
Ha uma só verdadeira	51, 68
Notas e propriedades da verdadeira Igreja.	52, 537
Só a Igreja catholica tem essas notas e propriedades	54, 529, 532
A formação de novas dioceses e a definição dos dogmas não interrompem a successão	57
Só a Igreja catholica teve e tem verdadeiros Santos	57
Beatificação e canonisação dos Santos	58, 532 a 534

Decima segunda Instrucção — *O Papa.*

A sua suprema soberania.	60
Estada e morte de S. Pedro em Roma	61, 545
Objecções contra o Primado do Papa	62, 645
O Primado tem sido sempre reconhecido	63
A questão da Paschoa	64

A infallibilidade do Papa	65
Objecções contra a infallibilidade	67
A eleição do Papa	67
Os Santos que sustentam o Primado do Papa	69
Decima terceira Instrucção— <i>Accusação contra a Egreja: Os mysterios</i>	
O que é um mysterio	70
Temos mysterios na natureza e em nós mesmos	71
Inconsequencias dos incredulos sobre os mysterios	72
A certeza da nossa fé é absoluta, racional, scientifica	73
Decima quarta Instrucção — <i>A boa conducta dos representantes da Egreja.</i>	
Injustiça dos accusadores dos ministros da Egreja	74
Decima quinta Instrucção — <i>A Egreja não combate a verdadeira sciencia.</i>	
O processo de Galileu	76
Amor da Egreja á verdadeira sciencia	80, 447
O São Bartholomeu.	82
A Inquisição	84
A benefica conducta da Egreja na Inquisição	86
Todo governo civil deve ter e tem sempre tido a sua inquisição	87
Os protestantes tem tido uma medonha inquisição	88
Os livres pensadores tiveram na Revolução francesa a mais cruel e sanguinolenta inquisição	88
Decima sexta Instrucção — <i>A Egreja não é rancorosa</i>	81
Decima setima Instrucção — <i>A Egreja não é sanguinaria</i>	84
Decima oitava Instrucção — <i>As Heresias.</i>	
O que é heresia	89, 535
Decima nona Instrucção — <i>O Nestorianismo.</i>	
Os seus erros e divisões	91
Os christãos de São Thomé	92
Vigesima Instrucção — <i>O Eutychianismo.</i>	
Os seus erros	92
A sua divisão em jacobitas, cophtas e armenios	93
Vigesima primeira Instrucção — <i>Os gregos schismaticos</i>	
A sua origem e as suas phases	96
Os seus erros, a sua liturgia e os seus usos.	98
Os maronitas catholicos	99
Vigesima segunda Instrucção — <i>O schisma russo</i>	
O seu começo, as suas phases, os seus erros	100
Vigesima terceira Instrucção — <i>O Protestantismo.</i>	
Origem e doutrina dos protestantes	102
Refutação dos fundamentos da doutrina protestante	104
A biblia não é a unica regra de fé	107, 535, 538

As inumeras seitas protestantes	114, 534, 535
Entre os catholicos ha perfeita união	116
A justificação segundo os protestantes	119, 541
O protestantismo é a unica associação que não tem chefe	121
As accusações dos protestantes contra os catholicos são falsas e injustas	124
Os emolumentos catholicos e os fabulosos lucros protestantes	124
A conveniencia da magestade e brilhantismo do culto catholico	126
A refutação das accusações	127
A verdadeira humildade.	128
O baptismo de Clovis	129
Defeza do culto catholico em relação aos Santos e ás Imagens	130
Não fomos nós, mas foram os protestantes que alteraram o Decalogo	133
Os protestantes tambem usam de imagens	136
Começo e a justificação do culto ás Imagens.	137
Os protestantes são a respeito inconsequentes	139
Não somos nós, são os protestantes que deshonram a biblia	140
Como os protestantes traduzem a biblia	141
Como Tertuliano já pintava em seu tempo os hereges.	143
Os anglicanos, seu começo e suas phases	145
<i>Vigesima quarta Instrucção — Nenhuma seita heretica tem as notas e propriedades da verdadeira Igreja.</i>	
Ellas são oppostas e contradictorias entre si.	146
Ellas não tem santos e nem milagres	147
Nós temos até hoje tido santos e milagres	149
Os milagres de São Januario e os de Lourdes	40, 149
Progresso do catholicismo em differentes nações	151
Opinião insuspeita de Roosevelt	152
<i>Vigesima quinta Instrucção — As falsas religiões.</i>	
O brahmanismo e o budhismo	152
Religião de Confucio, Zoroastro, Mahomet, pagãos e judeus.	153
O manicheismo	156
A falsa theoria dos dois principios para explicar a origem e a razão do bem e do mal.	157
As diversas religiões professadas em todas as nações	160
<i>Vigesima sexta Instrucção — O maçonismo.</i>	
O seu começo	161
O seu rancor contra os catholicos	163
Opinião do Governo Argentino sobre a maçonaria	165
Declaração do Secretario da Loja Salomão relativamente aos desígnios da seita.	165
As nações mais adiantadas vão se levantando contra a seita.	165
<i>Vigesima setima Instrucção — O espiritismo.</i>	
O começo da seita e a theoria catholica sobre os espiritos	167
A theoria espirita, suas contradicções e a sua refutação.	169
Cinco questões para os chefes espiritas resolverem	174

A doutrina catholica condemna a theoria espirita.	175
Os factos espiritas	176, 566
Tudo quanto ha de real é satanico.	177
Damnos produzidos pelo espiritismo	179
Declaração do Doutor Lapponi quanto o odio do espiritismo uni- camente á religião catholica	183
Vigesima oitava Instrucção — <i>O indifferentismo.</i>	
As contradições nas doutrinas das diversas religiões e a lei dos contrarios	185
O meio para se discernir a religião verdadeira das falsas	186
Os catholicos incoherentes e contradictorios	187
Os homens devem ser mais religiosos que as mulheres.	190
Os indifferentes privam-se de muitas consolações	191
Vigesimo nona Instrucção — <i>O respeito humano.</i>	
Elle é baixesa, loucura e perversidade	192
O estudante sinceramente piedoso	196
O filho que se envergonha de seu pai	197
Trigesima Instrucção — <i>O Materialismo.</i>	
O seu principio fundamental e os seus absurdos	199
O atheismo scientifico não é menos absurdo	200
Trigesima primeira Instrucção — <i>O Positivismo.</i>	
Juizo analytic e synthetic	201
Falsa classificação das sciencias	202
Contradições e absurdos do Positivismo	204
Trigesima segunda Instrucção — <i>O livre-pensamento.</i>	
Os livres-pensadores nem pensam, nem são livres.	208
Os verdadeiros livres-pensadores são os catholicos	211
Trigesima terceira Instrucção — <i>A liberdade de consciencia.</i>	
São os Santos que exercem a verdadeira liberdade de consciencia	212
A falsa liberdade de consciencia	213
A nação deve ter religião	214
Os absurdos do regimem da neutralidade	215
A Igreja condemna o regimem de separação.	216
Trigesima quarta Instrucção — <i>As tres vidas.</i>	
O principio de vida.	217
O desenvolvimento da vida e a variedade das especies.	218
A vida e a alma dos vegetaes.	219
A vida e a alma dos brutos	220
A vida intellectual	222
As faculdades organicas e inorganicas da alma humana	224
Como opera a alma humana para conseguir os seus conhecimentos	226
Em que e como a alma humana depende do corpo	229
Cada alma humana refere-se a um determinado corpo humano nunca podendo animar um outro corpo	230

A immortalidade da alma humana	232
As operações da alma depois de separada do corpo	233
Os absurdos da geração espontanea e do transformismo	234
Trigesima quinta Instrucção — <i>O peccado.</i>	
Definição e divisão do peccado	239
Malicia e danos do peccado	238, 541
Como se perdôa a culpa e se expia ou satisfaz a pena devida ao peccado	241
Trigesima sexta Instrucção — <i>O escandalo.</i>	
Definição do escandalo e a sua perversidade.	243
Trigesima setima Instrucção — <i>A impureza.</i>	
A hendiondêz e o aviltamento da impureza	247
A continencia não prejudica em nada á saude	249
A impureza cega o espirito e indurece o coração	250
Trigesima oitava Instrucção — <i>A educação religiosa dos filhos.</i>	
Em que consiste essa educação	251
Como hoje geralmente se cumpre esse dever	255
As maleficas consequencias da negligencia desse dever.	256
Quem são os que mais lucram com o cumprimento desse dever	256
Quem são os que mais perdem com essa falta	258
Trigesima nona Instrucção — <i>O sacramento da confissão.</i>	
Definição	263
A sua divina instituição e absoluta necessidade	263
A sua immensa utilidade.	266
Ella não foi inventada pelos padres	268
As outras objecções contra a Confissão.	269
Refutação das escusas dos que não se confessam	277
Os que podem ou que não podem se confessar	281
O milagre em prova da divindade e necessidade de se fazer a confissão ao sacerdote.	283
Preciosidade da confissão ao sacerdote	285
O rei e o orpham	286
Quadragesima Instrucção — <i>O Sacramento da Eucharistia.</i>	
A sua divina instituição	288
Explicação dos tres grandes mysterios eucharisticos	292
Refutação das objecções	295
Os factos provam que pelo poder divino um corpo pode estar ao mesmo tempo em diversos lugares	299
Regras para entender a Escriptura e os Padres da Igreja sobre os mysterios eucharisticos	302
A preciosidade dos beneficios eucharisticos	303
A communhão frequente	307
Visita ao Santissimo Sacramento	308
A communhão espiritual	309
A devoção ao Santissimo Sacramento é a mais importante de todas	309

Quadragesima primeira Instrucção — *O Santo Sacrificio.*

O sacrificio em geral	311
Instituição do divino Sacrificio	312
Razão sufficiente deste sacrificio	314
Refutação das objecções	316
Os trez preciosissimos fructos desse divino sacrificio	319
O dever de ouvir a santa Missa nos dias santificados	320

Quadragesima segunda Instrucção — *Respeito ao Templo.*

E' casa de Deus e de oração	322
Gravidade do peccado de irreverencia aos actos religiosos	324
Como são castigados os profanadores	325

Quadragesima terceira Instrucção — *A verdadeira caridade.*

Quanto vale a verdadeira caridade	327
Antes de tudo e de todos amar a Deus	329
Devemos amar a todos para agradar a Deus	330, 503
Devemos amar ao proximo em todas as suas verdadeiras precisões dando preferencia ás mais importantes.	331, 560
A caridade mais importante é a que refere-se á alma	333
A falsa caridade dos mundanos	335
A caridade para consigo mesmo	337
Quanto vale uma alma	337
As duas azas	338

Quadragesima quarta Instrucção — *O Filho Prodigio.*

Quanto Deus deseja a conversão do peccador	338
Partida e desvarios do prodigo	340
Volta á casa paterna	345
O céo está cheio de peccadores sinceramente arrependidos	349

Quadragesima quinta Instrucção — *A parábola das virgens.*

Explicação preliminar da parábola	350
São loucos os que acreditam e não praticam.	351
São sabios os que acreditam e praticam	354
O rico que mandou um seu servo edificar uma casa	356

Quadragesima sexta Instrucção — *A salvação.*

E' o trabalho mais importante	357
E' o unico trabalho necessario	360
A historia do máu rico e do pobre Lazaro	362
Os bons ricos vão para o céu, e os máus pobres para o inferno	363
Temos unicamente uma alma, que devemos salvar	365
O menino travesso e desobediente	366

Quadragesima setima Instrucção — *A demora da conversão.*

As tres cathogorias dos que sempre vão adiando	368
Mais tarde será quasi impossivel converter-se	369
Os falsos motivos do continuo adiamento	375
O moço vaidoso, que se tornou um grande Santo.	376

Quadragesima oitava Instrucção — *As incertezas e as certezas da morte.*

São incertos o lugar, o modo e o tempo	378
E' certissimo que morremos, deixaremos tudo, e no estado em que estiver a alma no momento da morte, nelle eternamente permanecerá	379
Os lamentos no momento da morte dos que durante a vida não trataram seriamente de sua salvação	383
O moço jogador	384
A espada de Damócles	385
O rei e o ourives — Aqui no mundo tudo passa	385

Quadragesima nona Instrucção — *A morte do peccador e a morte do justo.*

A do peccador é horrorosa	387, 547
A morte de alguns personagens indifferentes.	391
A morte do justo é preciosa	393
Algumas mortes de impios e de grandes peccadores	396, 545
Mortes de alguns justos	397

Quinquagesima Instrucção — *O Juizo Final.*

Resurreição dos mortos	398
Descida do soberano Juiz	400
A separação dos peccadores á esquerda, a dos justos á direita	404
O proferimento solemne da sentença	405

Quinquagesima primeira Instrucção — *A graça divina, lugar e tempo*

O que é a graça	407
Lugar e espaço	408
Os dois modos de uma substancia achar-se num lugar.	409
O que é o tempo ou duração	409

Quinquagesima segunda Instrucção — *O inferno.*

A existencia do inferno é uma verdade de fé	410
A eternidade dos tormentos	413
Refutação das objecções	417
A duração da eternidade.	420
De que depende os tormentos eternos	422
Mahomet 2. ^o e Notaras	424

Quinquagesima terceira Instrucção — *O purgatorio.*

A sua razão de ser	425
A sua existencia é uma verdade de fé	426
As penas de fogo e as de damno	428
O que aqui devemos fazer para não soffrer ou, pelo menos, não soffrer tanto no purgatorio	430
Factos edificantes	431

Quinquagesima quarta Instrucção — *As Indulgencias.*

Definição e divisão	432
As condições necessarias para se ganhar indulgencias	433, 577

Quinquagesima quinta Instrucção — <i>A verdadeira felicidade.</i>	
Ella não se encontra aqui no mundo	435
Aqui ninguem está contente: o rei e o camponês	437
Ella habita unicamente no céu	438
O lumem de gloria	440
As tres aureolas	441
Opiniões de celebres personagens sobre a felicidade no céu.	443
Quinquagesima sexta Instrucção — <i>As ultimas objecções.</i>	
A luz e a vegetação antes da creação do sól e dos astros	445
A pretendida pluralidade dos mundos	446
A razão da differença de cõr entre as raças	446
Habitantes na America antes de haver meios de transpôr os mares	447
A parada do sól a pedido de Josué	447
A egreja não combate a verdadeira sciencia	447
Noções exactas sobre os lugares do céu, inferno, purgatorio	448
A perfeita virgindade de Nossa Senhora	449
Os que combatem a nossa religião ou são ignorantes ou fazem-no de má fé	451
Ninguem deve discutir sobre o que não estudou—Apelles	451
Como um sincero convertido justifica a nossa religião	452
Quinquagesima setima Instrucção — <i>O amor de Jesus.</i>	
Elle é terno, generoso e constante	452
Como devemos amar a Jesus	456
Tigrano, Berenicia, Tyro, Luiz 16	458
E' abuso e desordem querer que cada um saiba tudo	459
Os sete sabios da Grecia e as suas sentenças e os seus lemmas	551
Os perigos e as vantagens da riqueza, e as vantagens e perigos da pobreza	551
O que quer dizer: viver na amizade de Deus	553
Quinquagesima oitava Instrucção — <i>Deus é nosso pai.</i>	
Como Deus é nosso pai	459
Podemos reconhecer e confessar os dons de Deus, não offendendo-se com isso a humildade	461, 546
Em que consiste a verdadeira humildade	462, 540, 563
Como Balestáu 4.º, rei da Polonia amava seu pai	463
Como devemos amar Deus como nosso pai	463
Quinquagesima nona Instrucção — <i>Os máus e os bons filhos de Deus</i>	
Os filhos em relação ao seu pai terreno	464
Os filhos em relação ao seu pai celeste	466
Sexagesima Instrucção — <i>As associações religiosas.</i>	
A sua grande importancia e os seus deveres	469
Sexagesima primeira Instrucção — <i>Nossa Senhora.</i>	
As suas virtudes	472
Ella é Mãe de Deus	475
Ella é nossa mãe	476, 542
Como devemos imitar as suas virtudes	474

Sexagesima segunda Instrucção — *A oração.*

O que é oração	480
Porque algumas vezes Deus não nos attende.	481
A oração encerra em si todas as virtudes	483
Ella é muito excellente	484

Sexagesima terceira Instrucção — *Confronto da vida dos mundanos com a vida das pessoas piedosas.*

Tudo quanto elles fazem para o corpo e para esta vida, as pessoas piedosas fazem para a alma e para o céo	486
---	-----

Sexagesima quarta Instrucção — *Conselho aos seculares.*

Conselhos ao dono e á dona da casa	490
Conselhos aos filhos, aos moços e ás moças	493
Conselhos aos superiores e aos subditos	497
Conselhos ás pessoas devotas	499
Conselhos a todos os catholicos	500
E' permittido, com intenções puras, desejar a estima as riquezas	503
Não basta não fazer o mal, é ainda necessario fazer o bem.	505

Sexagesima quinta Instrucção — *Conselhos aos sacerdotes.*

Deveres quanto á vida social	506
Não devem ser politicos militantes.	509
Devem viver em harmonia com os seus irmãos sacerdotes	512
Sobre a sua vida particular, intima	513
Sobre a sua vida parochial	518
A todos sobre a santidade sacerdotal	523

Sexagesima sexta Instrucção — *Noções avulsas sobre diversos e importantes pontos de doutrina.*

A immutabilidade de Deus	525
Jesus perante Caiphaz	526
Processo de Jesus	527
Pensamento de Napoleão 1. ^o sobre Jesus	527
A religião natural	528
A certeza de nossa fé é absoluta	528
A Igreja catholica representa Jesus Christo	529
A unidade, catholicidade, apostolicidade de nossa Igreja	531
O processo de beatificação e canonização dos Santos	532
Os hereges não seguem a doutrina dos seus chefes	534
Incoherencias do protestantismo	534
Lutero, quando era bom, defendia a Igreja catholica	535
A biblia condemna o protestantismo	535, 538
O pontificado romano	536
A biblia não é, nem pode ser, a unica regra de fé.	538
As prophecias e os milagres provam-se mutuamente	538

Sexagesima setima Instrucção — *Conhecimentos uteis.*

Apontarei unicamente os que julgo mais importantes: O Cenaculo e o Concilio de Jerusalem	539
--	-----

O que se deve crer de necessidade de meio e de preceito	539
Toda virtude accusa uma fraqueza.	540
A justiça christã e a justificação	540
Diferença entre o bem e o mal, e relação entre virtude e vicio	541
Começo da devoção ao Sagrado Coração de Jesus	542
O santo Escapulario de N. S. do Carmo	542
As palavras Manés, Thecél, Phares dirigidas a Balthazar	545
O poder ecclesiastico é muito superior ao civil	545
Podemos, para edificar ao proximo, contar os beneficios recebidos de Deus e nos alegramos do bem que fazemos	546
O juizo particular	547
Deus pode servir-se dos máus para operar milagres	547
O infinito mathematico e o metaphysico.	548
Determinações sobre o contracto civil	548
<i>Sexagesima oitava Instrucção — Proverbios e conselhos.</i>	
Conselhos dos grandes Padres da Igreja	554
Danis, rei da Persia e o Philosopho Democrito	558
Conselhos de bom senso.	562
Conselhos de S. Bento sobre a humildade	563
<i>Sexagesima nona Instrucção — Factos instructivos.</i>	
Apontarei apenas os mais importantes.	
A conversão de Santo Agostinho	563
O baptismo de Clovis	565
A prisão de Pio 7.º por Napoleão	565
O apparecimento dum morto a pedido de um Santo	566
O revolucionario que matou muitos padres	567
O mendigo e o Padre Paulino	568
As sete maravilhas do mundo e as da Igreja	569
<i>Septuagesima Instrucção — Comparações e apologos. Entre outros muitos estes :</i>	
O rei da Persia e o menino orpham	569
O conversão de Bogoris, rei dos Bulgaros	571
O vencedor subindo ao Capitolio	571
A vida e o barco	572
A morte e o velho	572
O corteção e o rei	573
<i>Septuagesima primeira Instrucção — Indulgencias.</i>	
Orações indulgenciadas	573
As condições para se ganhar indulgencia	577
Resumo historico de minha vida de missionario	578
Factos estupendos, dados em minhas pregações	583
Relação das parochias missionadas.	589

Nota. — As orações indulgenciadas : Bemdicto seja Deus etc. Lembrai-vos, ó piedosissima Virgem Maria etc. Alma de Christo santificai-me etc. Eis-me, ó bom e dulcissimo Jesus etc, são muito proprias para serem recitadas logo depois da communhão, como eu costumo fazer nas missões.

4500 (S)

82534112-6

